UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FFCLRP – DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

JONAS DE OLIVEIRA BONI JÚNIOR

**As estruturas clínicas na obra de Jacques Lacan:
enodamentos do Real, Simbólico e Imaginário?**

RIBEIRÃO PRETO– SP
2018

JONAS DE OLIVEIRA BONI JÚNIOR

**As estruturas clínicas na obra de Jacques Lacan:
enodamentos do Real, Simbólico e Imaginário?**

Versão corrigida

(A versão original encontra-se na unidade que aloja o Programa de Pós-graduação)

Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências
e Letras de Ribeirão Preto da USP, para a obtenção
do título de Doutor em Ciências.

Área de Concentração: Psicologia

Orientadora: Profa. Dra. Leda Verdiani Tfouni

Ribeirão Preto – SP
2018

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTES
TRABALHOS, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO,
PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo
Dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Boni Júnior, Jonas de Oliveira

As estruturas clínicas na obra de Jacques Lacan: enodamentos do Real, Simbólico e Imaginário? / Jonas de Oliveira. Boni Júnior; orientador Leda Verdiani Tfouni.

-- São Paulo, 2018.

529 f.

Tese (Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica) -- Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2018.

1. estrutura e estruturas clínicas. 2. neurose. 3. perversão. 4. psicose. 5. Real, Simbólico e Imaginário (RSI). I. Verdiani Tfouni, Leda, orient. II. Título.

Nome: BONI JÚNIOR, Jonas de Oliveira.

Título: As estruturas clínicas na obra de Jacques Lacan: enodamentos do Real, Simbólico e Imaginário?

Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP, para a obtenção do título de Doutor em Ciências. Área de concentração: Psicologia.

Aprovado em: _____

Banca examinadora:

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

A meus pais, *Jonas e Maria Inês*, amor que me fez vida...
Vida, que fiz transmissão.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é um ato de reconhecimento. E reconhecer o outro na experiência de existir é pontuar que o ser humano, apesar da unicidade de sua solidão, é um ser social e de linguagem. Há um paradoxo. E diante de todas as barreiras que a alteridade desperta no viver, abrir-se para o outro é incluir a diferença como valor para vida. Agradecer é reconhecer que na complexidade da relação, e de todos os senti-cimentos que o homem coloca entre um e outro, a inexistência de uma proporção na vida é a própria vida em questão.

Há grade e cimentos, mas também agradecimentos às pessoas que quebraram, quebram e quebrarão as barreiras e, assim, permitem encontros!

Esses agradecimentos são dirigidos a todos aqueles que criaram pontes, concretas e de apoio, a minha experiência de doutorado, e na desproporção de meu isolamento, agradeço: *Essa é, minha nossa!, uma tese.*

À *Profa. Dra. Leda Verdiani Tfouni*, orientadora desse trabalho. Agradeço imensamente a confiança depositada, desde o projeto. Agradeço pelos cafés e pelas horas de orientações dispendidas sobre o andamento da tese e para que ela acontecesse. Agradeço principalmente pelo carinho e pelo acolhimento dados nos momentos mais difíceis da experiência, que, sem dúvida, apontavam para meu estilo tortuoso de escrita. Agradeço pelas pontuações. Agradeço pelas intervenções. Agradeço por permitir que esse trabalho ganhasse o corpo que ganhou. Um agradecimento que não cabe em palavras, e inclui todas as palavras dessa tese.

À banca de qualificação, composta pelas generosas *Dra. Alessandra Fernandes Carreira* e *Dra. Michele Roman Faria*, que leram o material à época com cuidado, rigor e indicações fundamentais para que a tese alcançasse mais consistência e força nos argumentos e no método.

Ao *Prof. Dr. José Francisco Miguel Henriques Bairrão*, que me acolheu no *Programa de Aperfeiçoamento de Ensino (PAE)*, em sua disciplina de Práticas em Psicologia Social II, ao longo do segundo semestre 2017, e me autorizou a conduzir à medida do possível discussões teóricas fundamentais para minha formação e à escuta das experiências clínicas dos alunos

inscritos na disciplina. Agradeço à essa dupla oportunidade, de reflexão teórica e de escuta clínica, que me foi fundamental para a escrita da tese.

Ao *Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto*, da *Universidade de São Paulo*, pelo programa disponibilizado de *Processos de subjetivação e cultura*, que aceitou o projeto de pesquisa, e deu os suportes necessários para o andamento desse trabalho; ainda que as condições político-econômicas apresentassem limites estruturais importantes.

Às secretárias e funcionários do Departamento de Psicologia e Pós-graduação, por todo o suporte prestado com a burocracia que atravessa os bastidores da regulamentação da pesquisa, em especial pela assistência administrativa prestada por *Jacqueline Corrêa e Denise Aparecida Silveira*.

À CAPES - *Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior* –, sob a regulação do *Ministério da Educação*, que financiou esse trabalho de tese, com a bolsa de pesquisa, desde 2016 a 2018, com a regularidade e pontualidade nos depósitos, e assim, permitiu que minha dedicação fosse integral à pesquisa, para além das dimensões de tempo que o relógio pode organizar.

Assim:

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Ao grupo de pesquisa *AD-Interfaces*, coordenado pela *Profa. Dra. Leda Verdiani Tfouni*, que acolheu o projeto de pesquisa em questão, e pelas contribuições inestimáveis que os membros realizaram com as reflexões nas reuniões semanais, ao longo desses quatro anos, sobre psicanálise e análise do discurso. Ainda que esse agradecimento se estenda para todos aqueles que compuseram a história desse grupo de pesquisa, pelo legado deixado, faço menção aos colegas de trabalho *Juliana Bartijotto, Verônica Lopes dos Santos, Aline Reck Padilha Abrantes Padilha, Helena Castelo Romero, Katia Alexsandra dos Santos, Juliana Cristina Silva, Carolina Molena, Rosana Gagliardi e Andréia Attié França*.

Aos Colegas e Amigos de Consultório, *Ana Gebrin, Beatriz Waldvogel, Elaine Hara, Sueli Pinto Minatti, Tatiana Gardellini*, que me foram tão fundamentais nesses anos de prática clínica, pela experiência de troca nos prazeres de compartilhar a vida e, também, pelo apoio nos momentos difíceis que passamos juntos, com a perda de nosso querido *Pedro Gabriel Galheigo Coelho*, em outubro de 2015.

A *Pedro Gabriel Galheigo Coelho*, amigo que me fez melhor, nos anos de convivência, e que apesar da morte abrupta, continua ressoando em mim...

Aos *Amigos*, que ampliam a concepção de família, exatamente por serem aqueles que escolhemos para dividir a vida e serem o suporte no caminhar do tempo, e compreenderem os momentos de afastamento e isolamento, como os que uma experiência de doutorado demandam.

Aos amigos de longa data, *Tatiane Geraldo, Vanessa Minante, Giorgio Bottura, Vanessa Mendes, Samanta Coelho, Ingrid Armenini, Rosana Oda, Thereza Cavalcanti, Diogo Mattos*. Por uma vida compartilhada!

À *Érika Azevedo, Luis Garcia, Cristiane Nakamura*, por serem quem são na minha vida. Só Amor! Só Amor!

Em especial à *Danyella Melo*, pelas conversas regadas de amor, pela fábrica de neurose, pelo apoio nos momentos de desespero, e por segurar o fio de Ariadne e ser incondicional, nos últimos anos.

Aos amigos que, por outras vias, deram suporte nessa experiência, *Leonardo Tumonis, Diego Rezende, Diego Sampaio, Dija Maria, Tulio Zaiden, Boris Keiserman, Mari Machado e Jonas Rodrigues*.

Aos que me apoiaram pelos caminhos da psicanálise, desde a graduação e nesses anos de formação, *Lívia Maurício, Regina Watanuki, Cristiane Palmeira, Maristela Prieto, Paula Berti, Rafael Alves Lima, Paulo Beer, Pedro Ambra, Letícia Reis, Paulo Rona, João Felipe Domiciano, Marcelo Checchia, Ana Paula Ganesi, Marcella Oliveira, André Nader, Sávia*

Emrich, Matheus Machado, Lorena Lins, Caroline Mortagua, Juliana Agnes, Daniele Sanches, Diego Penha, Hugo Lana, Mayra Xavier, Tiago Lima, Maira Mamud, Karina Brancher, entre tantos outros...

Aos psicanalistas, psicólogos terapeutas ocupacionais e profissionais com quem tenho o prazer de dividir a experiência clínica e teórica em psicanálise: *Marina Sasao, Ana Beatriz Carluccio, Carla Michelin, Nathalia Vidal, Ana Simon Bastos, Melina Arakaki, Livia van Wijk, Ana Carolina Dias, Débora Ragazzo, Patrícia Beretta, Cassia Betânia, Jeferson Teodoro, Talita dos Santos, Renata*, e a todos os profissionais do CAPS-II – SÉ, com quem pude acompanhar em 2017 o trabalho realizado no serviço, de forma tão comprometida.

A todos aqueles que me aceitaram na posição de *professor* nesses últimos anos, nas instituições onde que tive o prazer e a dedicação de lecionar. *INEC, UNIVAP, ALBERT EINSTEIN*.

Raul Pacheco, pelas vírgulas.

Dominique Fingerman, pela pinça na leitura do significante.

Ao Prof. Dr. *Christian Ingo Lenz Dunker*, que me orientou no trabalho de mestrado, cuja transferência permanece nos destinos dados em minha produção, reflexão e clínica. Pela psicanálise em mim! Uma importância qualificada pela transformação e continuidade que um orientador pode ter na vida de um pesquisador, e também em minha vida.

A *Michele Roman Faria*, pela transmissão da psicanálise e pelos cuidados de supervisão com a escuta clínica que me tem sido tão fundamental desde os idos da graduação. Pela amizade e carinho com que me incluiu em sua vida!

Aos meus irmãos, *Neude, Elaine e Elder*. Pelo amor de família que irmãos podem realizar... E *Drieli, Israel e Mari*, por serem a família que a família acolheu, e assim permitir a existência de meus sobrinhos, *Gabriel, Isabela, Rafaela, João Victor, Giulia e Luisa* - Por serem a continuidade, por serem o futuro!

A meus pais, *Jonas e Maria Inês*, amor que me fizeram vida! Por todo o apoio nos caminhos. Pelo amor!

Aos felinos, *Leopoldo, Antonieta, Carmen, Stephano e Alfredo*.

Nossa tarefa conduz essa encantadora mecha anelada ao sentido topológico que teria a palavra: nó com que um trajeto se fecha, por seu redobrimento invertido – de tal maneira que recentemente o promovemos a sustentar a estrutura do sujeito. (LACAN, 1966a/1998, p. 10)

É que a experiência do clínico assim como a escuta do psicanalista não têm que estar tão seguras de seu eixo que não possam socorrer-se dos referenciais estruturais que desse eixo fazem leitura. Eles não serão demais para transmitir essa leitura, quem sabe para modificá-la, ou pelo menos para interpretá-la. (LACAN, 1970/2003, p. 274)

As estruturas clínicas não são mais nem menos rígidas que os tipos clínicos, implicam outra lógica. Partem de uma clínica em transferência que diferencia entre seus modos possíveis (do laço analista – analisante), mas não tipifica os pacientes, nem os padeceres. Não coincide com nenhuma psicopatologia. Não se refere às pessoas, mas aos laços transferenciais. (EIDELSZTEIN, 2010, p.127)

RESUMO

BONI JÚNIOR, J. O. *As estruturas clínicas na obra de Jacques Lacan: enodamentos do Real, Simbólico e Imaginário?*. 2018. 529p. Tese (Doutorado em ciências. Área: Psicologia) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2018.

O presente trabalho se ocupa das questões relativas à noção de *estrutura* no escopo teórico da psicanálise de *Jacques Lacan* (1901-1981), em específico sobre o objeto de estudo definido por *estruturas clínicas*, segundo a divisão clássica *neurose*, *perversão* e *psicose*. A questão que norteou a pesquisa foi: *Como definir a noção de estruturas clínicas na obra lacaniana?* Diante da hipótese de permanência teórica do *conjunto estrutural* na obra de Lacan, o objetivo da tese foi definir as *estruturas clínicas* por meio da correlação de tais conjuntos com os três registros *Real*, *Simbólico e Imaginário (RSI)* e suas escritas topológicas pelos enodamentos possíveis do *Nó-borromeano*. O método proposto foi estruturado em quatro capítulos: (1) Análise das bordas epistemológicas para o *conceito de estrutura* em Lacan, desde o *estruturalismo*, com a *linguística* com Ferdinand de Saussure (1857-1913) e Roman O. Jakobson (1896-1982), a *antropologia* com Claude Lévi-Strauss (1908-2009) e a *lógica* e a *matemática* com Aristóteles (384 a.c. -322 a.c.), Gottlob Frege (1848 – 1925) e indicações gerais da *topologia*; (2) Proposição da noção de *estruturas clínicas*, a partir das três principais teorias da constituição do sujeito em Lacan, *teoria do estádio do espelho* (1949 – 1964), *teoria do complexo de Édipo* (1950-1970) e *teoria da alienação* (1964 – 1970), das quais é possível extrair as indicações dos três registros *RSI*; (3) Desenvolvimento das *operações primordiais* – *Bejahung* e *Verwerfung* - de inscrição no campo da linguagem e seus efeitos de retorno em *operadores estruturais* específicos a cada conjunto, tais quais na divisão *ser*, *sujeito* e *eu* na montagem da estrutura pelo corte significante; (4) Considerações sobre os arranjos particulares definidos por *neurose* - o efeito do suporte simbólico ao significante, *perversão* - posição de recobrimento *Imaginário* do objeto e *psicose* - a função imaginária de borda para o Real. Portanto, a tese defendida está pautada numa proposição *estrutural* da subjetividade pela articulação de *operações fundamentais* de inscrição no campo da linguagem, e de *operadores específicos* pela amarração dos três registros *RSI*, escritos nos enodamentos do *Nó-Borromeu RSI*, que se atualizam sob transferência enquanto hipótese diagnóstica na particularidade de um tratamento.

Palavras chave: estrutura; estruturas clínicas; neurose; perversão; psicose, Real, Simbólico e Imaginário (*RSI*) e Nó-Borromeu (borromeano).

ABSTRACT

BONI JÚNIOR, J. O. *The clinical structures in the work of Jacques Lacan: intertwinements of the Real, Symbolic and Imaginary?*. 2018. 529p. Thesis (Doctorate in sciences. Field: (Psychology) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2018.

The present work deals with the questions related to the notion of *structure* in the theoretical scope of the psychoanalysis of *Jacques Lacan* (1901-1981), specifically on the object of study defined as clinical structures, according to the classic *neurosis*, *perversion* and *psychosis* division.

The question that guided the research was: *How to define the notion of clinical structures in the Lacanian work?* In view of the hypothesis of theoretical permanence of the *structural set* in Lacan's work, the aim of this thesis was to define the *clinical structures* by means of the correlation of such sets with the three registers *Real*, *Symbolic* and *Imaginary* (*RSI*) and their topological writings by the possible intertwinement of the Borromean *knot*. The proposed method is structured in four chapters: (1) Analysis of epistemological edges to the *concept of structure* in Lacan, from the *structuralism*, with *Linguistics* with Ferdinand de Saussure (1857-1913) and Roman O. Jakobson (1896-1982), *anthropology* with Claude Lévi-Strauss (1908-2009) and *logics* and *mathematics* with Aristotle (384 BC-322 BC), Gottlob Frege (1848-1925) as well as General *topology*; (2) Proposal of the concept of *clinical structures*, from the three main theories of the constitution of the subject in Lacan, theory of the *mirror stage* (1949 – 1964), *theory of the Oedipus complex* (1950-1970) and *theory of alienation* (1964-1970), from which it is possible to extract the indications of three registers *RSI*; (3) The development of *main operations* - *Bejahung* and *Verwerfung* - on the inscription in the field of language and their returning effects on specific *structural operators* to each set, such as in the division *being*, *subject* and *I* in the assembly of the structure by the signifier cutting; (4) Consideration of the particular arrangements defined as *neurosis* - the effect in the symbolic support to the signifier, *perversion* - position of the imaginary object covering and, *psychosis* - the imaginary function of edge for the Real.

Therefore, the thesis defended is based on a *structural* proposition of subjectivity by the articulation of *fundamental operations* of inscription in the field of language, and of *specific operators* in the tying of the three *RSI* registers, written in the intertwinements of the *Node-Borromeo RSI*, that are updated under transfer while diagnostic hypothesis in the particularity of a treatment.

Keywords: structure; clinical structures; neurosis; perversion; psychosis, Real, Symbolic and Imaginary (*RSI*) and Borromean Node (Borromean).

RESUMÉ

BONI JÚNIOR, J. de O. *Les structures cliniques dans l'œuvre de Jacques Lacan: nouement du Réel, du Symbolique et de l'Imaginaire?* 2018. 529p. Thèse (Doctorat en sciences. Domaine: Psychologie)
– Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2018.

Le présent travail aborde les questions liées à la notion de la *structure* dans le cadre théorique de la psychanalyse de *Jacques Lacan* (1901-1981), plus précisément sur l'objet d'étude défini comme *structures cliniques*, selon la division classique *névrose, perversion, et psychose*. La question qui a guidé la recherche était : *Comment définir la notion de structures cliniques dans l'œuvre lacanien ?* Face à l'hypothèse de la permanence théorique de *l'ensemble structurel* dans l'œuvre de Lacan, le but de la thèse était de définir les *structures cliniques* par la corrélation de tels ensembles avec les trois registres le *Réel, le Symbolique et l'Imaginaire (RSI)* et leurs écrits topologiques par les nouements possibles de *Nœud borroméen*. La méthode proposée a été structurée en quatre chapitres: (1) Analyse des contours épistémologiques pour la concept de structure à Lacan, du *structuralisme* avec la linguistique avec Ferdinand de Saussure (1857-1913) et Roman O. Jakobson (1896-1982), *l'anthropologie* avec Claude Lévi-Strauss (1908-2009) et la *logique et la mathématique* avec Aristote (384 a.c. - 322 a.c.), Gottlob Frege (1848 - 1925) et indications générales de *topologie*; (2) Proposition du concept de structures cliniques, à partir des trois théories principales de la constitution du sujet à Lacan, théorie de *le stade du miroir* (1949 - 1964), *théorie du complexe d'Œdipe* (1950-1970) et *théorie de l'aliénation* (1964 - 1970), à partir duquel il est possible d'extraire les indications des trois registres *RSI*; (3) Développement des *opérations primaires* - *Bejahung* et *Verwerfung* - du domaine de la langue et ses effets de retour sur opérateurs structurels spécifique à chaque ensemble, comme dans *l'être, le sujet et le Je* dans l'assemblage de la structure par la coupe signifiant; (4) Considérations sur les arrangements particuliers définis par *la névrose* - l'effet du support symbolique sur le signifiant, *la perversion* - la position du revêtement imaginaire de l'objet, et *la psychose* - la fonction de bord imaginaire du Réel.

Par conséquent, la thèse défendue est basée sur une proposition *structurelle* de subjectivité à travers l'articulation des *opérations clés* d'inscription dans le domaine de la langue, et *d'opérateurs spécifiques* en liant les trois registres *RSI*, écrits dans les nouement du *Nœud Borroméen RSI*, qui sont mis à jour sous transfert comme hypothèse diagnostique de la particularité d'un traitement.

Mots-clés: structure; structures cliniques; névrose; perversion; psychose, Réel, Symbolique et Imaginaire (RSI) et nœud borroméen (borroméen).

SUMÁRIO

<i>Preâmbulo</i>	15
<i>(Política, estrutura e corpo: atravessamentos na escrita de uma tese)</i>	
Introdução	24
I1. Considerações o termo <i>estrutura</i> em sua relação com o <i>estruturalismo</i>	35
I2. Primórdios da pesquisa	50
I3. Problemas da referência e temporalidade para o conceito de estrutura	52
I4. Problema da permanência conceitual	59
I5. Hipóteses fundamentais da tese	66
Capítulo 1. Bordas epistemológicas para o conceito de estrutura em psicanálise	82
1.1. Da linguística ao inconsciente estruturado como uma linguagem	86
1.2. Da antropologia à função simbólica na estrutura	120
1.3. Lógica e Matemática: da estrutura lógica na escrita topológica do Nó	144
Capítulo 2. Estruturas clínicas e os três registros RSI	165
2.1. Definição de estruturas clínicas em psicanálise	171
2.2. As estruturas clínicas na teoria do estágio do espelho	201
2.3. Considerações críticas sobre a teoria do complexo de Édipo	219
2.4. A teoria da alienação: espaço e holófrase dos significantes	246
Capítulo 3.	
A noção de estruturas clínicas: operações primordiais e operadores estruturais	270
3.1. Primeiro corte: operações primordiais <i>Bejahung</i> e <i>Verwerfung</i>	278
3.2. Segundo corte:	
enodamento dos três registros Real, Simbólico e Imaginário (RSI)	312

3.3. Ser, sujeito e Eu: a montagem da estrutura pelo corte significativo -----	346
Capítulo 4: <i>Neurose, perversão e psicose</i>-----	369
4.1. Neurose: o efeito do suporte simbólico ao significante-----	376
4.2. Perversão: posição de recobrimento imaginário do objeto-----	401
4.3. Psicose: a função imaginária de borda para o Real-----	441
Considerações finais-----	472
<i>POSFÁCIO</i> -----	495
REFERÊNCIAS -----	499

Preâmbulo (Política, estrutura e corpo: atravessamentos na escrita de uma tese)

Em quanto tempo se escreve uma tese?

A escrita de uma tese é delimitada pelos enquadres acadêmicos, sob as molduras de um método científico, tal qual é proposto pela Universidade. A ciência e os procedimentos de pesquisa não são estáticos, e grande parte das mudanças que atravessam esse dispositivo de gerar conhecimento se dão pelas influências políticas, econômicas, sociais e históricas, desde que o homem passou a ordenar um recorte da realidade, e a transmiti-lo, como conhecimento, de modo formal. A escrita é uma forma de transmissão, e o recurso do código linguístico acentua o aspecto sintagmático e vivo dos modelos de produção de uma tese.

A despeito de uma proposta objetiva e formalizada, há uma estrutura que implica um impossível de recobrir totalmente a realidade, a partir do qual engendra a subjetividade. Eis o recorte que entendo a dialética envolvida numa pesquisa: entre a formalização e o atravessamento subjetivo, há a proposição de uma tese.

O paradoxo está implícito na produção científica, ao que tange a dimensão da verdade, pois, de acordo com um tipo de ciência, a objetividade e a prevalência estática apontam para a consistência dos resultados de um determinado objeto de investigação, ainda que seja pelo próprio furo que surja a refutação, e a base para novas formulações e hipóteses. A gênese de uma tese está nos destinos dados aos escritos de outras teses, cuja razão desponta, em direção à própria estrutura, ao ponto do que emoldura uma pesquisa é o furo da pesquisa anterior. O paradoxo, portanto, está na base da própria tese, que ao costurar o *Real*, aponta para o enigma de sua própria causa. A estrutura está engendrada pelo furo de sua própria estrutura, como acontecimento.

Logo, uma tese é sempre uma, e nunca uma conclusão definitiva.

Outro paradoxo que atravessa a escrita de uma tese envolve o pesquisador, e em certa medida a possibilidade de autoria que o envolve em sua posição de escrita – o que resvala na extensa discussão sobre a novidade do trabalho desenvolvido e as condições de produção a que está envolvido, apontando para a própria noção de cortes epistemológicos possíveis na racionalidade humana.

A subjetividade e o corpo do Pesquisador podem ser incluídos no material de uma tese. Isso é a base para estudos nas áreas de humanidades, em que a psicologia social, a antropologia e a sociologia apresenta em sua gênese de reflexão. Mas não somente por essa via, e eis que a

Psicanálise convoca a ciência a ser questionada, no entrelace de método e terapêutica, desde sua gênese.

Há um trabalho árduo na escrita de uma tese. E dou enfoque à própria materialidade da escrita, que demanda um corpo vivo como veículo para a decantação, em eixos sintagmáticos e paradigmáticos, na costura do sentido a ser transmitido do material de uma pesquisa, tal qual o termo “*resultados*” cria a ilusão ao final de um trabalho, quando desde o início, com as primeiras letras, palavras e frases já comportam um eixo de transmissão do que se pretende formalizar como tese.

Bem... ainda assim, trata-se de um trabalho e de uma magnitude que convoca o autor da tese a dimensões que não estão estampadas em primeiro plano no material, que ganha seu suporte num volume inscrito na cultura, em seu formato de letras na ficha catalográfica. Nessas letras não há incidência do sofrimento do pesquisador, e talvez nem possa haver, tendo em vista a própria proposta desse modelo de transmissão da cultura humana, pela ciência.

Mas em que medida isso fica de fora? Não seria pela transformação do sofrimento em causa da pesquisa, um dos pontos de gênese de um trabalho? A tese nasce de uma questão, e uma questão é tratamento de um não-saber, e não-saber aponta para um acontecimento de corpo que gera incômodos. Logo, há de partida um sofrimento na causa de uma pesquisa.

Contudo, aos moldes da típica ciência objetivada, as dimensões do corpo e da subjetividade, que alcançam sua máxima no sofrimento, precisam se manter às margens do trabalho, para não recair nos limites do campo da *doxa*. O paradoxo de incluir e excluir quem escreve uma tese aponta para uma série de divisões sobre o caráter científico e os campos semânticos das áreas de investigação criados pelos homens, das exatas às humanidades.

Eu me incluo, apenas, com o pronome *nós* e suavizo a fronteira de um entre vários? Torno-me indistinto pelo sujeito oculto ou indeterminado nos parágrafos da tese? Ou assumo um *eu* na produção do trabalho?

Essas questões de certa forma atravessaram a escrita dessa tese em específico, que assino com meu nome, Jonas de Oliveira Boni Júnior, sob a tutela de uma orientação regulamentada com a Profa. Dra. Leda Verdiani Tfouni, inscrita na Universidade de São Paulo (USP), da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCL-RP), no Departamento de Psicologia.

A concepção de ciência me atravessa pelo impacto causado com a psicanálise, de Freud a Lacan, em que a “*Ciência e a Verdade*” (LACAN, 1966f/1998) são postas como dimensões topológicas que atravessam um furo, que da rejeição da subjetividade, o sujeito da psicanálise

advém pelos meandros de fala e escrita do tratamento do mal-estar. Nessa tese não seria diferente.

Mas, preciso ir além das univers(al)idades: ir além dos paradoxos da ciência e do modelos de pesquisa, e isso significa pontuar o atravessamento particular a que ficou submetida a escrita dessa tese, retornando ao contexto histórico-político do país entre 2016 e 2018, de forma breve, a partir de notícias da grande mídia indicadas nas notas de rodapé: O Golpe de 2016!

Preciso ir além e retornar, ao mesmo tempo, para alguns ocorridos ao que tange a complexa relação de estrutura e acontecimento político sobre o Brasil nos últimos anos, pois isso envolve não só a dimensão subjetiva desse pesquisador, mas principalmente o corte drástico e violento sobre as instituições de financiamento de pesquisa no país, em específico no estado de São Paulo, aonde me situo e realizo a pesquisa em questão.

Trata-se do efeito colateral do *Impeachment* da Presidenta Dilma Rousseff, no dia 31 de agosto de 2016¹, que já fora revelado como uma trama política e em curso desde 23 de maio de 2016, a partir das investigações da Operação Lava-Jato, que disponibilizou um material revelador a partir do diálogo do Senador Romero Jucá (PMDB-RR) com o ex-dirigente da *Transpetro*, Sérgio Machado².

“Tem que mudar o governo para estancar essa sangria!”

A transcrição completa do áudio entre Jucá e Machado poderia se tornar um corpus de análise, e conjecturar uma série de hipóteses dos acontecimentos posteriores a maio de 2016 até a atual situação do país. Não se trata de elaborar os pormenores dessa manobra, nesse *preâmbulo*. Meu objetivo é apenas situar o leitor *posfácio* para o contexto em que essa tese foi escrita, e ao mesmo tempo apontar para as consequências no país, e o impacto causado no campo das ciências.

Trata-se de uma posição política de quem desenvolve uma tese sob o respaldo de uma Universidade Pública, financiada por uma agência de fomento como a CAPES. Trata-se de uma marca inscrita na própria universidade que sofreu o impacto de tal manobra política. Isso não pode passar incólume.

O Golpe de 2016 causou uma crise nacional, e isso resvalou diretamente na educação, na instituição USP, na FFCHL-RP, no Departamento de Psicologia, no apoio de fomento à

¹ <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/12/28/impeachment-de-dilma-rousseff-marca-ano-de-2016-no-congresso-e-no-brasil>

² <http://g1.globo.com/politica/noticia/2016/05/leia-os-trechos-dos-dialogos-entre-romero-juca-e-sergio-machado.html>

pesquisa, no apoio à transmissão científica de resultados, quando o auxílio de custo na participação de Congressos e Simpósios simplesmente tornou-se inexistente, entre outros cortes cotidianos que são fundamentais à manutenção das Universidades e da prática de pesquisa no país.

Como um país do futuro pôde escorrer ladeira abaixo de forma tão abrupta? Como a ciência e a pesquisa passam a ser tão desvalorizadas de modo tão rápido? A economia e a teia subjacente aos podres poderes determinam o campo social?

Entre 2012 e 2015, o programa *Ciências Sem Fronteiras*³ levou milhares de estudantes brasileiros a outros países produzindo pesquisa e divulgando trabalhos importantes de cientistas e dos ainda em formação, para o mundo. *De ciências sem fronteiras, para pesquisa 100 metros com barreiras: eis o estado atual.*

Em 03 de agosto de 2018, a USP realiza um manifesto contra os cortes de orçamento do MEC e da CAPES⁴, para citar um exemplo recente do impacto na educação. Como manter um trabalho de pesquisa sem o fomento à pesquisa? Como manter a ciência desvinculada do utilitarismo mercadológico?

Uma Bolsa de Mestrado financiada pela CAPES - *Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior* – é no valor de R\$ 1.500,00. Uma bolsa de Doutorado financiada pela CAPES é no valor de R\$ 2.200,00. A condição para o recebimento dessas bolsas é de dedicação exclusiva, com raras exceções e horas estipuladas segundo a própria agência de fomento, e desde que intimamente ligada à pesquisa. Esses valores são diferentes conforme a agência de financiamento, como a FAPESP - *Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo*, por exemplo. Ainda assim, trata-se de um suporte financeiro fundamental para quem se dedica a esse tipo de ofício, que das habilidades racionais e conjecturais, a terminologia *trabalho* parece reduzir o dispêndio corporal a que todo pesquisador está submetido. Uma prática científica não deveria ser mero *trabalho*, desde os liames econômicos que reduzem a relação entre o corpo e o tempo do pesquisador a um técnico que visa a pagar suas contas; tampouco elevadas a uma prática aproximada às ascendências especiais de deuses do Olimpo.

Fazer ciência e criar condições do fazer científico é um projeto, é uma modalidade de prover um lugar na cultura para a existência humana, a que todos poderiam ter acesso e cuja a categoria de escolha e determinações particulares poderiam definir o ingresso a tal lugar social.

³ <http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/o-programa>

⁴ <https://jornal.usp.br/atualidades/usp-apoia-capes-na-defesa-do-orcamento-para-educacao-e-pesquisa/>

Não é o caso do Brasil. Fazer ciência e pesquisa está se tornando cada vez mais, desde o Golpe, um suplício e uma prática elitizada.

É claro que isso não é um acontecimento isolado e pontual do período nebuloso do Golpe arquitetado sob o respaldo e legitimidade do Poder Legislativo, segundo o argumento de certas pedaladas fiscais. É melhor estancar a sangria, nem que isso implique cortar a pulsação de campos vitais para a humanidade. Tempos sombrios!

A deterioração da Universidade Pública e Gratuita no Brasil é um projeto político que vem se realizando sistematicamente há um tempo, sob a espúria de um argumento de colapso do Estado Brasileiro. Os cortes nos orçamentos de pesquisa e desenvolvimento tecnológico acontecem há pelo menos uma década no estado de São Paulo, como se pode constatar com a publicação da *Revista Fapesp*, em fevereiro de 2009, denunciando o ocorrido sobre o Ministério de Ciência e tecnologia: um corte equivalente a 18% do proposto para 2009⁵, que com o Golpe, isso ganhou uma velocidade avassaladora.

A afirmação de que se trata de um Projeto de deterioração da Universidade Pública não acontece por mero viés de posição política, ou ideologia saudosa de áureos tempos. Trata-se de uma constatação. Trata-se de ligar os pontos: (Ponto 1) Cortes nos investimentos em Educação e Pesquisa, como os relatados acima. (Ponto 2) Reajuste de Salário para Magistrados, aprovado como proposta Orçamentária pelo Superior Tribunal Federal, para o ano de 2019, chegando ao valor de 39.000,00⁶ mensais, mais os auxílios moradia, alimentação, entre tantos outros. Ligue os pontos. Em tempos de cortes, que restringe gastos públicos em setores fundamentais, como a Proposta de Ementa à Constituição 55/2016⁷, há a aprovação de aumento salarial para magistrados.

O que esses episódios revelam de nosso país?

O pêndulo da história oscila entre direita e esquerda, alternando se no Governo, como se isso apontasse para uma Verdade do quê rege o nascimento das políticas de ordenamento social, econômico e subjetivo. A história tem um *Real* impossível de ser resolvido: a luta de classes como um nome dado para a diferença entre grupos.

Há um aspecto de nossa história, da história brasileira, que se repete, e isso se revela nesse pêndulo político de modo privilegiado. De colônia de exploração, do genocídio dos

⁵ <http://revistapesquisa.fapesp.br/2009/02/01/cortes-no-orcamento/>

⁶ <https://veja.abril.com.br/politica/stf-aprova-reajuste-de-1638-no-salario-de-magistrados/>

⁷ <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/12/13/pec-que-restringe-gastos-publicos-e-aprovada-e-vai-a-promulgacao>

Índios, da Ditadura entre 1964 a 1985: o brasileiro rejeita esses aspectos de sua história. E por não elaborar, repete. Repete. Repete.

O tratamento de nossa história só se torna possível quando acolhemos na cultura esse dejetos rejeitados.

Essa pesquisa, nossa pesquisa, minha pesquisa foi financiada pela CAPES, a partir de processo seletivo realizado pelo próprio departamento de Psicologia, da FFCLRP-USP. Seria impossível tê-la concretizado sem esse recurso financeiro, que não passa de um direito conquistado por todo pesquisador em formação. E nessa esteira reconheço e declaro publicamente a importância desse fundamento político de apoio financeiro para a sustentação dessa pesquisa, que está em formato de Tese para as ciências psicológicas no Brasil, sob o escopo teórico da psicanálise.

Como a democracia é incrível de acolher um aporte teórico como esse! E como pesquisador engajado, e pelo sofrimento que me causou, crio esse *preâmbulo* que rasga nesse papel em branco a dor dos acontecimentos que a estrutura de nossa cultura insiste em apagar.

Obrigado USP.

Obrigado FFCLRP.

Obrigado Departamento de Psicologia.

Obrigado Profa. Leda Verdiani Tfouni.

Eis que todos esses atravessamentos – Ciência, Política, Golpe, - também tocaram em mim, no meu corpo, e de certa forma, na tese sob o título “*As estruturas clínicas na obra de Jacques Lacan: enodamentos do Real, Simbólico e Imaginário?*”.

Como se manter isento a tantos eventos e continuar a escrever esse texto? Como se pode esperar isenção subjetiva na escrita diante de tantos episódios?

A proposta inicial para essa tese aventava uma dupla titulação, com parceira de uma universidade na Europa, como uma concretização de atravessamento de fronteiras, que uma pesquisa e a ciência poderiam permitir, inclusive para elaborar certos dejetos que uma teoria poderia encalacrar em conceitos, como exemplo da Universalidade de uma teoria sobre o homem, independentemente do contexto a que está atravessado, ou como produto exclusivo de um contexto Social.

Isso não foi possível. Em 05 de Abril de 2016⁸, momento que antecede ao Golpe, e pelo visto já impactado pelo andamento da Lava-Jato, a crise política gera um colapso econômico e todos os incentivos de bolsas para pós-graduação no exterior é suspenso⁹.

Essa é uma perda particular, envolvendo essa tese, em decorrência do atravessamento da situação político-econômica do Brasil. Seria impossível realizar a dupla titulação sem o financiamento da CAPES ao período de 2016 a 2017.

Foi impossível a uma série de tantas teses! Sintam-se representado nesse sofrimento.

2015, com meu ingresso no programa, a 2018, com a data limite para depósito: perdas marcaram essa experiência de doutorado, e com essas perdas, a gênese de uma ânsia ao fim. Um desejo de que as perdas pudessem concretizar esse material.

Sem dúvidas, 2017 foi marcado pelo cansaço do deslocamento e pela ânsia ao fim: é necessária uma experiência de luto para que um texto nasça. Eu desejo o fim do doutorado, e ao contrário dos que os tolos possam imaginar, é exatamente pela experiência de vida que amaciou cada volta dessa experiência, dessa pesquisa que envolveu cada parte de meu corpo, e que 2018 marcará num volume “*chamado*” tese.

Escrever, cada vez mais, parece-me um ato de se deixar perder. Para que uma palavra reencontre sua marca numa letra, é necessário arrancar um pedaço daquilo que lhe situa, e, portanto, uma operação de extração. Os afetos que são evocados numa escrita estão longe de serem planos, se é que afeto tem uma superfície dessa natureza. A ambiguidade inerente ao ato de escrever escorre rapidamente do amor ao ódio, de um cansaço à mania, e, principalmente, do prazer à dor. Escrever é perder uma parte do seu corpo nas letras, e numa articulação quase paradoxal, permite estender esse território corporal para um além que circula entre corpos.

Assim, há um sepultamento na escrita. E isso pode ser escrito pela leitura do som da palavra *escrita*, que com um adendo de uma letra *x*, perde-se o que foi escrito, e torna-se *excripta*, ganhando, assim, uma dependência externa do próprio contorno, que vela isso que um dia foi seu, e carrega o mais íntimo: um *nome*. E um nome é um lugar que também se inclui no social. Num tempo. Num momento histórico. Numa cultura.

Escrever é um ato de retornar e de se perder, ainda que seja necessário fincar um ponto de apoio no mundo das letras, para que o retorno não seja sempre ao começo, e a perda de si não leve ao vazio de um não saber nada... Aliás, não saber nada é sempre relativo, e saber contar

⁸ <http://g1.globo.com/educacao/noticia/2016/04/governo-suspende-novas-bolsas-de-pos-e-graduacao-no-exterior.html>

⁹ <https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/governo-suspende-bolsas-do-cnpq-para-pos-graduacao-no-exterior-19018106>

os compassos e o consigo de um passo que leva à escanção temporal de uma frase, de um parágrafo: de uma ideia. Ah... Como concatenar tantas ideias? Como justificar um pensamento que se mistura com tantas autorias, e às vezes, um pensamento é mera reprodução? Como escrever como ato político? Como fazer da perda um desdobramento particular e social?

Ah, o ideal de autoria... Isso pesa.

Escrever é sustentar que, dentre todos os jeitos de se marcar por uma letra, aquela foi a possível naquele momento. Escrever é incluir na cultura, e para isso, cada letra marca um tempo, nem que seja da elaboração de um duplo Golpe: do particular que reflete uma teoria psicanalítica, do social que devastou um território nacional.

Que destino dado a tudo isso! Um projeto que ganha corpo com múltiplas implicações, a ser concretizado apenas por quem lê: o leitor desse trabalho. Ou seja, ainda que haja o Golpe, com perdas momentâneas e de impacto no futuro ainda invisíveis, mas previsíveis, essa tese, golpeada, conseguiu ser finalizada.

Tecer uma tese seguindo fio condutor tão extenso (Ai fio de Ariadne, me ajude!) me causou ambiguidade dos afetos de modo intenso: quem paga? o corpo. Como todo analista...

Sustentar a dor de ter um cronograma; altera-lo, avança-lo, retornar a capítulos pela enésima vez. E assim a escrita seguiu. Em certos momentos, um tom de autoria alcança o texto, e juntamente com ele a angústia de: escrever a tese, viver, comer, dormir, ver os amigos, alimentar os gatos, ir ao supermercado, e coisas que não pareciam visíveis, até o momento em que a falta aparece, e nos piores momentos, quando a falta, falta.

Sem falar no mundo, que cai. No Brasil, que afunda. E as pontas dos dedos precisavam seguir digitando...

FORÇA! FORÇA! FORÇA!

Como escrever uma tese em tempos de Golpe?

Como escrever uma tese depois da PEC?

A despeito:

do ódio,

da intolerância,

da arbitrariedade das decisões,

dos demandas,

do exercício de poder,
da estupidez,
do cinismo,
da cegueira,
4 pontos de amor. 4 capítulos de tese.

Encontrar pontos de amor é uma tarefa possível para suportar tempos de intolerância e ódio. Apesar das dificuldades com a escrita, o amor permite se desprender em cada palavra que encarna a folha em branco, e amenizar a dor dos tempos duros e também a dor da morte (um tanto de si morre quando se escreve).

Não é sem razão que meu tema de doutorado é *a estrutura* em psicanálise. Essa tese me *estrutura*!

Introdução

Essa seção visa introduzir, ao leitor, a uma série de trilhas iniciais, percorridas por mim, posição a partir da qual me autorizo intitular *pesquisador-autor* dessas letras, palavras e sentenças que se decantarão, ao final das últimas páginas desse trabalho, numa tese para o campo das ciências psicológicas, tendo como suporte a teoria psicanalítica, em específico desde a obra de Jacques Lacan (1901-1981).

Qual a razão que me faz colocar *pesquisador-autor* e não simplesmente *pesquisador* ou *autor*? Para além das inúmeras questões que o tema da *autoria* traz para o campo psicanalítico, ainda mais quando essa se circunscreve pelos muros da universidade, lembrando que a subjetividade encontra seu lugar no discurso científico às bordas do texto, assumo que um *pesquisador* encontra a trilha dos significantes a serem investigados sempre colocando uma dimensão de si entre um e outro, no enquadre do método, e, portanto, produzindo um efeito de *autor* na significação transmitida na pesquisa, marcada pela inovação e novidade.

O *pesquisador-autor* é aquele que imprime um estilo no pesquisar e naquilo que se produz, de uma tática que lhe é própria à medida que sua política é pressuposta, tal qual Lacan adverte em “*A direção do tratamento e os princípios de seu poder*” (1961/1998, p. 595) sobre a posição do analista, o que poderia levar a um neologismo dessa posição pelo nome de um *pesquisanalisar*. Insisto com essa passagem que, essa tese aponta para uma posição que recusa o argumento de autoridade, e se embasa na autoria de um argumento sobre as articulações propostas em torno de um tema e de um objeto de estudo.

Assim pontuado, o conjunto temático dessa tese encontra-se pautado pelo conceito de *estrutura*, e em específico se ocupa do objeto de estudo determinado pela noção de *estruturas clínicas*, segundo a divisão clássica *neurose*, *perversão* e *psicose*.

E a proposta de tese defendida está pautada numa proposição *estrutural* da subjetividade através da articulação de dois passos lógicos: o primeiro demarcado por *operações fundamentais* de inscrição no campo da linguagem, que permitem extrair *operadores específicos*, pela concatenação significante e extração do *objeto a* que insiste, a cada uma das estruturas segundo os três registros *Real*, *Simbólico* e *Imaginário* (*RSI*) tal qual propostos por Lacan, e que se orientam pela formalização matemática com os enodamentos do *RSI* no *Nó-Borromeu*; o segundo implica conjugação da clínica a tal repertório, especificado como

estruturas clínicas tal qual se pode aventar como *hipótese diagnóstica*, quando há o endereçamento de ato de fala¹⁰ no dispositivo de um tratamento psicanalítico.

É nessa esteira que o título do trabalho foi definido por “*As estruturas clínicas na obra de Jacques Lacan: enodamentos do Real, Simbólico e Imaginário?*”.

A questão de investigação, para o termo *estruturas clínicas*, esteve pautada na obra do psicanalista francês, à medida de sua extensão e fôlego desse pesquisador-autor, e abrange as décadas de 1950 a 1980. É por tal razão que conjuguei no título da tese, “*As estruturas clínicas na obra de Jacques Lacan: enodamentos do Real, simbólico e Imaginário?*”, três pilares fundamentais dessa pesquisa, ou seja, a *estrutura*, os três registros *RSI* e o *Nó-Borromeu*, e que apontam para uma análise de teorias em diferentes momentos da obra de Lacan, a fim de afirmar a pertinência do termo *estruturas clínicas*, desde que seja correlacionando-o com os três registros *RSI* e com a teoria do *Nó-Borromeu*, como se verifica ao tom de uma explícita menção, no título da tese, com *Real, Simbólico e Imaginário* além de incluir o significante *enodamento*, que evoca diretamente a teoria do *Nó*. A proposta de separar o título pelos *dois pontos* incide numa provocação, ao leitor, para que esse insira uma reflexão dos suportes conceituais utilizados nesse trabalho para tratar o objeto de estudo, inclusive, mantendo uma suspensão ao colocar o título como uma questão.

O leitor, para quem escrevo, é aquele que se interessa pela teoria psicanalítica e se propõe a ocupar uma posição clínica que seja orientada pelo “*rigor da operação na qual ela se sustenta*” (FARIA, 2017, p. 11), o que implica o psicanalista num lugar privilegiado de endereçamento. No entanto, não estão excluídos todos aqueles que venham a ter algum interesse pelas contribuições acadêmicas de uma investigação na teoria de J. Lacan. As particularidades entre os lugares de *psicanalista* e de *interessado* em psicanálise podem ser diluídas, nesse genérico “*leitor*”, dada a posição ética desse *pesquisador-autor* em situar metodologicamente os passos dados na construção desse trabalho.

Para aqueles que resistem ao método teórico-clínico da psicanálise, e, ainda mais, ao tortuoso ensino de Lacan, quando se trata de alcançar a prática, advirto que esse trabalho procura refletir a pertinência com que as produções desse autor toquem profundamente a

¹⁰ O termo ato de fala é tomada pela referência com que Gerbase (2015) estabelece em seu trabalho sobre os fundamentos da topologia da fala que Freud e Lacan permitiram elaborar sobre o estatuto dos eixos que sustentam a particularidade de um dizer em relação ao campo do Outro. É uma suposição necessária que o ato de fala esteja vinculado ao empuxo de uma significação de si em relação ao campo do Outro. Essa é a referência que o leitor deve utilizar toda vez que remeter a essa formulação.

clínica, apesar do estilo complexo em transmitir a psicanálise¹¹, e dessa forma, auxiliam a suportar os impasses, angústias e mistérios do ser humano quando sofre e se dispõe a tratar o sofrimento pela fala.

Portanto, esse empreendimento de pesquisa permite uma abertura nas leituras possíveis para o termo *estruturas clínicas*, tendo em vista sua história carregada de contradições e paradoxos na literatura psicanalítica, sobre os quais me debruçarei nessa seção introdutória.

O leitor encontrará: (I1) *Considerações sobre o termo estrutura* em sua relação com o *estruturalismo*, que ao decorrer do texto demandou um retorno aos (I2) *Primórdios da pesquisa*, para em seguida anunciar dois problemas articulados ao objeto de estudo, intitulados por (I3) *Problema da referência*¹² e *da temporalidade* desse conjunto na teoria psicanalítica, desde a noção estrutural e a temporalidade implicada, alcançando a discussão sobre o (I4) *Problema da permanência conceitual* do conjunto teórico estrutural na obra de Lacan, e ao final dessa seção, (I5) *Hipóteses fundamentais da tese*.

Essa estratégia de apresentação não se propõe a uma linearidade típica de pesquisas acadêmicas, e peço licença para que tal autoria ganhe a confiança do leitor. Isso fica muito evidente quando circunscrevo conceitualmente o termo *estrutura* antes de descrever as origens dessa pesquisa, ao que intitulei de *primórdios* da pesquisa. Ainda assim, e de forma abrangente, o leitor pode se guiar por tal questão “*Como definir a noção de estruturas clínicas na obra lacaniana?*”, até o momento em que as *hipóteses fundamentais da tese* surgirem ao final dessa seção.

Trata-se de um conjunto temático bastante importante na história acadêmica, nas mais diversas áreas do conhecimento humano, desde filosófico até matemático, e, portanto, tal conceito carrega uma impossibilidade intrínseca de ser resolvida. Em outra perspectiva, o

¹¹ Sobre o estilo de Lacan, apesar de não ser em nenhuma instância algo a ser problematizado nessa tese, acredito interessante pontuar que ele possa facilitar certas interpretações muito díspares e eu diria até opostas em termos de conceito, como a que podemos antever sobre o tema das estruturas, do simbólico, do sentido, e, principalmente se o leitor recortar certas frases de seu ensino sem contextualizá-la com o período da obra em seu último ensino. Ainda mais, como Sokal e Bricmont (2014) discutem no livro “*Imposturas Intelectuais – o abuso das ciências pelos filósofos pós-modernos*”, Lacan utiliza referências epistemológicas de muitas áreas, distintas da comumente utilizada para tratar a experiência clínica, configurando numa aura intelectual e, em certa medida, desprovida de sentido imediato.

¹² A escolha pelo termo *referência* poderia ser questionada pelo leitor. Trata-se do problema da *determinação* e, de certa forma, da *causalidade psíquica* em psicanálise. No entanto, ambos são termos caros e intrincam um caminho distinto do que será discutido nesse trabalho. Gianesi (2011) aborda essa complexa relação e me serve de suporte para essa discussão. A escolha por *referência* permite suspender o leitor e apontar a medida necessária para minha argumentação, ou seja, que a depender da referência do pesquisador é possível delinear as posições bastante divergentes sobre a referência das *estruturas clínicas* na teoria.

objeto de estudo, logicamente determinado¹³, carrega em sua definição a ambiguidade de não ser propriamente uma formulação de Lacan, ainda que derivada de seu ensino, e por tal razão encontra-se amplamente difundida por comentadores e seguidores do ensino desse autor. Sendo assim, não pretendo resolver todos os problemas envolvidos ao tema, e essa é uma condição que aponta para a própria dimensão do saber, e a contingência daquele que se propõe a realizar um percurso de método na teoria psicanalítica. É nessa esteira que a posição de um *pesquisador-autor* ganha sua sustentação, à medida que se trata de *uma* posição, e não *d'A* posição definitiva de verdade sobre o tema, como uma autoridade que afirma ter todo o conhecimento de um certo conjunto. A argumentação desse trabalho visa a demonstrar, de forma lógica e racional, tal qual Eidelsztein (2008/2017, pp.15-42) enfatiza, a possibilidade de o leitor alcançar a tese a ser sustentada, sob o apoio nas indicações encontradas na obra de Lacan, como uma trilha significativa a ser seguida pelos termos *estrutura*, *neurose*, *perversão*, *psicose*, *Real*, *Simbólico* e *Imaginário*, tal qual um método a ser esclarecido ao final dessa seção.

É necessário introduzir esse trabalho com essa discussão sobre minha posição diante dessa pesquisa. A necessidade de anunciar tal ponto de partida me permite apontar que esse caminho metodológico pode não ser inovador em sua totalidade, tendo em vista a ampla literatura sobre o tema, e que desde que anunciado, garante certo álibi caso surja um argumento específico desenvolvido em algum outro trabalho. Ao mesmo tempo, não é sem sobreaviso que grande parte das discussões estabelecidas no campo estão contempladas, principalmente porque existe uma certa repetição das definições, quando se aborda as *noções estruturais* em psicanálise, principalmente ao que se refere sobre os termos *neurose*, *perversão* e *psicose*. Dessa forma, qual a novidade dessa pesquisa? Seria apenas a posição do *pesquisador-autor*?

Não. E a discussão dos problemas citados anteriormente permite esclarecer a necessidade, o que se costuma qualificar por *justificativas* de um trabalho, e em seguida abrir trilhas para a discussão propriamente de *método* que sustenta essa investigação, anunciadas claramente ao final dessa introdução, mas que retorna formatada no enquadre de um capítulo de argumentação, desenvolvidas em extensão no capítulo **“Bordas epistemológicas para o conceito de estrutura em psicanálise”**.

¹³ Devo enfatizar que tal objeto de estudo foi logicamente determinado. Discutirei a seguir a importância de enfatizar que há um trabalho argumentativo em evidenciar a lógica subjacente ao termo, tanto na própria teoria de Lacan que articula estrutura a conceitos fundamentais em psicanálise, quanto na própria recorrência da transmissão em evocar “estruturas clínicas” para tratar de casos clínicos. Contudo, Eidelsztein (2008/2017) elaborou longamente o argumento sobre a pertinência para o termo *estruturas clínicas*, ainda que Lacan não o tivesse utilizado em nenhum momento de sua obra. Retornaremos a esse ponto.

A ressalva da posição também resvala ao leitor que poderá encontrar pontos de distanciamento com os quais está acostumado a ler tal conjunto temático. Leitor, mantenha certo distanciamento a tal ponto que possa acompanhar o fio condutor do trabalho, pois nem sempre as argumentações acompanharão a leitura tradicional para os temas trazidos nesse percurso. Contrapor-se a esse trabalho com posições do tipo “*Lacan abandona as estruturas clínicas*”, “*o último ensino de Lacan trata da teoria dos nós*”, “*as estruturas clínicas reduzem a subjetividade humana*”, dentre alguns outros que costumam circular nos locais de transmissão e acadêmicos, sob a astúcia do poder da autoridade em afirmar uma totalidade da obra, podem ser desmontados lateralmente à medida que a tese ganha sua força nos capítulos. O curioso é pontuar que Eidelsztein (2003/2016; 2008/2017) já efetuou percurso semelhante¹⁴ sobre o termo *estruturas clínicas*, em meados dos anos 2000, inclusive o único trabalho em formato de livro propriamente debruçado e publicado sobre o termo em dois volumes, “*Las estructuras clinicas a partir de Lacan: I Intervalo y holófrase, loucura, psicoses, psicossomática y debilidad mental*” (2003/2016) e “*Las estructuras clínicas a partir de Lacan: II. neuroses, histeria, obseión, fobia, fetichismo y perversiones*” (2008/2017). No entanto, tal contra argumentação insiste em retornar na comunidade psicanalítica, por exemplo com o livro “*Psicanálise: a clínica do Real*” (RIOLFI, 2014). Qual a razão de tamanha recusa?

Obviamente, tais temas tão discutidos em psicanálise estão carregados da paixão própria dos efeitos conflituosos da importância dada a eles, e em certa medida na audácia em anunciá-los, novamente, como objetos de investigação. Tanto a definição quanto a prevalência são compreendidas como resolvidas na literatura psicanalítica.

Por um lado, o conceito de *estrutura* se fez mote em inúmeros trabalhos, inclusive pelos efeitos de corte epistêmico nas mais diversas áreas com a corrente *estruturalista*, gerando a consequência de um impossível de aludir a tudo que foi escrito sobre isso. A verdade escorreria como os efeitos de sentido sobre o termo *estrutura* na literatura especializada, já que foi tratado em exaustão. Por outro, propor uma investigação para a noção de *estruturas clínicas* como objeto de estudo, em sua definição clássica *neurose*, *perversão* e *psicose*, estaria fadada à repetição, pois isso foi extensamente elaborada na obra freudiana, mesmo que para esse autor

¹⁴ Eidelsztein (2008/2017) demonstrou, primeiramente, pela via de recursos estatísticos a recorrência de termos associados a noção de estruturas clínicas na introdução e nas diversas seções do capítulo 1, “*Una polémica vigente*”, e ao longo do segundo volume “*Las estructuras clínicas a partir de Lacan. II. Neurosis, histeria, obsesión, fobia, fetichismo y perversiones*”. A diferença com nosso percurso é relativamente significativa, desde a proposição do autor em se sustentar no texto de Sigmund Freud (1856-1939) propriamente dito como referência, além da fórmula do fantasma (proposta por Lacan) como recurso de sustentação. Retornaremos a isso à medida do necessário, ao longo dos capítulos dessa tese.

a palavra *estrutura* não esteja envolvida diretamente, e na obra lacaniana, principalmente quando referida à sua famosa fase *estruturalista*. A definição para os termos *estrutura da neurose*, *estrutura perversão* e *estrutura da psicose* estão desenvolvidos no terceiro “*Estruturas clínicas e os três registros RSI*”.

Além desse aspecto específico dos termos, há uma crítica bastante reproduzida sobre a relação das *estruturas clínicas* e da *prática psicanalítica* em suas consequências éticas e clínicas, a saber, uma espécie de redução do ser humano em categorias diagnósticas, que poderia levar ao efeito colateral de insistir que o psicanalista pratica o diagnóstico como mera função de nomeação do analisante. Essa não é minha posição.

Antes de se tratar de uma redução diagnóstica do analisante, o diagnóstico estrutural está calcado em uma análise sobre os eixos fundamentais da técnica psicanalítica em sua dimensão teórica, na intenção de que esse estudo coadune com a advertência de Lacan no texto “*A direção do tratamento e os princípios de seu poder*” (LACAN, 1961/1998, p. 592); “*O psicanalista certamente dirige o tratamento. O primeiro princípio desse tratamento [...] é o de que não deve de modo algum dirigir o paciente*”. Logo, aponto para a dimensão teórica da hipótese diagnóstica a serviço do tratamento, aos moldes do que Lacan compreende “*as condições de artifício da experiência analítica*” (LACAN, 1965a/2006, p. 60) sinalizadas por S. Freud com a “*neurose de transferência*” (FREUD, 1914/1996, p. 170), e distanciando-se da ingerência intuitiva de que esse repertório possa referir-se à pessoa¹⁵ do analisante.

O termo *neurose de transferência* poderia levar o leitor a problematizar esse artefato clínico, em psicanálise, tendo em vista a referência direta ao termo *neurose*, além de lembrar, as enunciações de Freud sobre a complexa relação que esse autor delimita entre a eficácia do tratamento e as estruturas clínicas, no que tange o termo psicose, ou mesmo, perversão. Se a *neurose de transferência* é a referência para o artifício da experiência clínica, a psicose estaria fora do conjunto possível de tratamento pela psicanálise? Caro leitor, é em virtude de uma não segregação ou valorização das *estruturas* que esse trabalho encontra alguns pontos de apoio, que justificam a pertinência dessa pesquisa. Compreendendo os limites de uma proposta de doutorado, a prática clínica é um território profícuo sobre o qual as considerações finais desse pode aventar critérios para o artifício clínico em cada uma das *estruturas clínicas*, embora sustentar uma teoria distinta para elas possa levar o leitor a considerar as implicações sobre a

¹⁵ Não entrarei nos detalhamentos dessa discussão nesse momento de apresentação, mas antecipo ao leitor que essa discussão retornará, em sua posição lateral ao longo da tese, pois não se trata de se ocupar do termo pessoa ou indivíduo de carne e osso, nesse repertório de tese, e sim da própria concepção de sujeito e as suposições articuladas pela estrutura ao campo psicanalítico.

qualidade da posição do analista e suas táticas de intervenção. Eis uma borda de tensão para essa tese, que pode se formalizar em pesquisas futuras: sobre a *posição do analista* e as *estruturas clínicas*.

A leitura estrutural permite uma lógica de análise sobre a direção do tratamento, tendo em vista os elementos fundamentais que dão suporte a tal leitura, como a concepção de *sujeito*, *linguagem*, *significante*, *gozo*, *objeto a*, e os efeitos desses elementos nas *estruturas clínicas*.

Nessa concatenação, que encontro a possibilidade de averiguar a extensão do conceito de estruturas clínicas em Lacan, que em certa medida coadune com a repetição, na literatura psicanalítica, principalmente no Brasil, em reduzir tal conjunto a uma série, a fim de evitar certos problemas epistemológicos, como o da (1) *referência Kantiana e transcendental para a estrutura*, (2) *a dimensão clínica envolvida no termo estrutura* e (3) *problemas de método* que se propõem a segmentar cronologicamente a obra, e simultaneamente produzem consequências no enquadre teórico para a constituição do sujeito em Lacan, tal qual Dunker (2006a) argumenta em sobre as relações estagnadas e reducionistas que o campo psicanalítico tende a estabelecer entre *estruturas clínicas* e *constituição do sujeito*.

Dunker (2006a) defende uma *noção de estrutura* que carregue em sua própria definição elementos heterogêneos, que numa proposição lógica “*se define aqui justamente por esta reunião de um universal com um existencial que o nega*” (DUNKER, 2006a, p. 130), ou que não fique reduzida à, já complexa e cheia de contradições, teoria da constituição do sujeito em Lacan, como o livro de Bernardino (2006) se propõe a questionar e levantar hipóteses sobre tal campo temático.

A fim de contemplar essa crítica pertinente de Dunker (2006a) é que a experiência clínica, em sua dimensão de artefato de transferência aparece em suporte para a definição de estruturas nesse trabalho, ainda que não seja pela via da exposição de casos, mas, na perspectiva clínica, com a noção de *operadores* derivados de operações, tais como o *sintoma*, o *delírio* e o *fetice*.

São três maneiras distintas de conceber a estrutura. Passa-se assim, indiferentemente, da teoria da constituição do sujeito para a teoria das estruturas clínicas (enodamentos) e desta para a teoria da construção do fantasma (ou da suplência). A confusão se multiplica quando diferentes versões da teoria desta constituição são opostas entre si ou combinadas de modo a articular, inadvertidamente, a lógica da constituição do sujeito, a lógica da formação do eu e a lógica da construção do fantasma. Aqui a distinção não equivale a uma ordenação simples; simbólico, imaginário e real. São três pontos de partida onde, partindo de qualquer um deles deverá se absorver as duas perspectivas seguintes. (DUNKER, 2006a, p. 137)

Se por um lado mais pungente tal audácia já me induziria a percorrer caminhos delicados, sobre a função da hipótese diagnóstica da prática clínica, ela se torna mais incisiva quando tal objeto de estudo se encontra em propor tal investigação para um termo que, primeiro, nunca fora usado pelo autor de referência J. Lacan (EIDELSZTEIN, 2008/2017, p. 16), e segundo, importantes comentadores da obra desse psicanalista insistem em afirmar que tal conjunto temático está ultrapassado, desmentido, relegado aos escombros dos idos de 1950. Essa tendência contemporânea advém da compreensão de que os últimos ensaios de Lacan alcançam uma verdade na teoria psicanalítica, e redigida sob o termo *Nó-Borromeu*. Essa posição merece ser anunciada conjuntamente ao delineamento dos aspectos de apresentação, ainda que ela seja desenvolvida como *problema de permanência conceitual*, ainda nessa seção.

Retornando ao intuito introdutório, a fim de apresentar essa pesquisa e esse material escrito, requisito para aquisição do título de doutor em psicologia, retorno à trilha introdutória com uma breve afirmação: *a experiência clínica em psicanálise é o horizonte para o qual me direciono com cada palavra escrita nesse trabalho essencialmente teórico*. Portanto, um *pesquisador-autor* que realiza um *pesquisanalisar*, propriamente tecido pela pesquisa, pela análise do encontrado na obra de Lacan e pela proposição de método que orienta essa tese.

A experiência clínica do psicanalista será o horizonte, contudo não será trazida como principal elemento no decorrer do texto. É a partir do mistério que ocorre na experiência de escuta que finco a gênese para todo esse percurso. O mistério incluído nessa sentença precisa ser brevemente elucidado: dado o paradoxo do aspecto solitário do trabalho do psicanalista na clínica, criando um certo ar de mistério sobre a práxis exercida no setting clássico, e a possibilidade de se levantar a questão “*O que faz de uma prática de escuta, uma escuta psicanalítica?*”, e segundo, pelo hiato existente entre “*o que se diz*” e “*o que se escuta*”, próprio da dimensão da linguagem e do equívoco, no entre dois, de um ato de fala. O mistério da experiência clínica aponta para a dimensão de causa para a transmissão da psicanálise, em específico, a transmissão da prática clínica em psicanálise. Não é sem razão que a gênese desse trabalho permeia bordas para o problema da diagnóstica em psicanálise e para a discussão sobre os *termos* que possam transmitir sobre a clínica.

No trabalho em questão, julgo necessário, enquanto ponto de apresentação, situar que não se trata simplesmente de organizar rigorosamente um certo compêndio de referências acadêmicas para o tema aqui proposto, ainda que essa preocupação seja borda delimitadora. Pois, como já dito, o quê está engendrado, enquanto causa dessa pesquisa, é a transmissão da clínica. Trata-se da tentativa de delimitar, pelo escopo teórico em psicanálise, uma série de

apontamentos sobre as amarrações subjetivas realizadas diante da própria existência, e, desse ruído que se instala por sermos seres de linguagem e marcados por uma lógica de satisfação invisível, mas com função psíquica inequívoca, tal qual se vislumbra no encontro entre psicanalista e psicanalizando a cada sessão. Há problemas fundamentais e controversos que rondam a clínica, desde o diagnóstico e sua função, quanto os derivados no manejo, sob transferência, ao longo de um tratamento.

A pesquisa e a formalização conceitual desse conjunto não visam ao engessamento da experiência de escuta, mas estão orientadas a oferecer pistas de compreensão e delimitar os vazios teóricos sobre *o que se faz*, quando se oferta a escuta a *um outro que sofre*. Se por um lado a teoria psicanalítica não abarca o todo da experiência clínica, essa não é puro objeto desconhecido; a relação entre teoria e clínica já está sinalizada desde os escritos de S. Freud quando este define a psicanálise enquanto método de pesquisa e tratamento.

Quais as relações possíveis entre teoria e prática clínica no campo psicanalítico? Se por um lado a aposta pode ser parcialmente resolvida pelo método, é possível apontar que há uma relação de grande tensão entre teoria e prática. A tensão pode ser explicitada por dois grandes polos. O primeiro se refere ao aspecto de *apreensão* pelo psicanalista sobre o analisante, como se fosse possível apreender, em totalidade, as dimensões daquele que fala sob transferência, gerando confusões de natureza *essencialista*, por exemplo “*o paciente é XYZ*” ou ainda, na esteira de nosso campo de estudo, “*ele é neurótico*”, “*ele é psicótico*” e assim por diante. O segundo polo se refere ao aspecto puramente ficcional, cuja narrativa estabelecida entre analista e analisante alcança o aspecto de construção ou ficção, em oposição à essência vislumbrada no anterior.

A título de ressalva, e não sem razão, tendo em vista alguns apontamentos sobre o risco da posição *essencialista* sobre o objeto dessa pesquisa, gostaria de reafirmar que a proposta contida nessa tese não visa a materializar o conjunto das estruturas clínicas, enquanto um arcabouço teórico que desvincule tal conjunto de uma materialidade corporal, de um sujeito falante em transferência a um analista. Pois, o sujeito em psicanálise não é desgarrado de um corpo, conceito caro à psicanálise, mas pode ser entendido pelo efeito produzido, no ato de fala, a partir dos modelos de arranjos dos elementos significantes numa consistência que goza, por falar, tendo em vista a aposta pelo inconsciente e pela primazia significante. Contudo, não se trata, em hipótese alguma, tornar esse conjunto teórico um manual para a prática clínica, tampouco um simulacro da *essência* subjetiva.

Aliás, minha expectativa, apenas, é fornecer elementos que possam orientar numa lógica

temporal distinta do encadeamento cronológico para o tratamento psicanalítico e, talvez, também para a formalização da transmissão da psicanálise; ou seja, que este material sirva de elemento norteador *a posteriori*, não venha, sob o argumento que seja, servir de manual antecipadamente para o analista enquadrar o discurso do analisante nesse repertório teórico.

Sobre esse ponto da articulação teórica com a clínica, Lacan menciona em uma passagem tal problema que coloco como ressalva de minha tese, quando trabalha o tema das *Psicoses*, no seminário entre os anos de 1955-56:

A experiência freudiana não é de forma alguma pré-conceitual. Não é uma experiência pura. É uma experiência estruturada por algo de artificial que é a relação analítica, tal como é constituída pela confissão que o sujeito vem fazer ao médico, e pelo que o médico dela faz. É a partir desse modo operatório primeiro que tudo se elabora. Através desse lembrete, vocês já devem ter reconhecido as três ordens sobre as quais repito para vocês o quanto elas são necessárias a fim de compreender o que quer que seja da experiência analítica – a saber, o simbólico, o imaginário e o real. (LACAN, 1955a/2002, p. 17)

Então, entre a essência e a ficção, é fundamental conceber outra modalidade de articular teoria e clínica. O termo *torção* me parece bastante apropriado para qualificar a tensão entre eles, pois aproxima-se com os aspectos de formalização que derivam da matemática, absorvida por Lacan segundo a topologia, produzindo uma espécie de aproximação entre as figuras topológicas com a dimensão teórico-clínica, cujas superfícies não são radicalmente a mesma, tampouco puramente ficcional. Rona (2010) sustenta a fundamentação matemática de conceitos-chaves em psicanálise, e frisa a interpretação desse campo semântico pelo crivo topológico, e não o contrário, como os de significante, subjetividade (e de certa forma, o de sujeito) entre outros. Ainda que seja necessário, em breve, apontar a fundamentação da noção de *estrutura*, para essa tese, segundo os eixos lógicos e matemáticos a fim de alcançar os três registros *Real*, *Simbólico* e *Imaginário* e os enodamentos *RSI* pelo *Nó-borromeano*, antecipo, que o uso do termo *torção* para a relação teoria e prática em psicanálise, permite, como efeito de uma posição, tecer considerações para além dos aspectos de continuidade ou mesmo de separação, enquanto qualidades extremas do que se pode considerar sobre a relação teoria e clínica.

Aproximo esse aspecto topológico ao problema teórico-clínico, numa estratégia de analogia com o realizado por Lacan, sobre o empuxo à ilusão de que a realidade seja o *Real*, advindo do registro *Imaginário* como suporte no enlaçamento significativo. A extração de um *saber* sobre a clínica não estabelece equivalência identitária com a *verdade* da clínica, a não ser no aspecto particularizado da escrita de um caso clínico e na suposição de uma lógica de conjunto para a teoria em psicanálise, remetendo ao mesmo problema que se poderia supor

sobre a sobreposição dos registros *Imaginário* e *Real*, quando o *Simbólico* fica reduzido à narrativo do mito do complexo de Édipo. Lacan se estendeu nesse problema ao longo de seu seminário “*O objeto da psicanálise*” (1965-1966)¹⁶.

Ela [questão sobre a divisão do sujeito e a dupla inscrição entre verdade e saber derivada da divisão] está simplesmente no fato de que *a inscrição* não morde no mesmo lado do pergaminho, vindo da tábua que imprime a verdade, ou o saber. Que essas inscrições se misturem, seria simplesmente a se resolver na topologia: uma superfície onde frente e verso estão se encontram em todos os lugares, ao que a mão carrega. Porém, é bem mais longe do que seria um *esquema intuitivo*, seria, se posso dizer, cercar a análise em seu ser, que esta topologia possa abarcar (LACAN, S13/STAFERLA, p.10 – minha tradução e inserção explicativa)¹⁷

Proponho uma correlação aproximativa entre *teoria* e *clínica* com a noção de divisão explorada por Lacan na citação acima, que aponta para uma qualidade de divisão que não fique demarcada por uma diferença radical entre duas instâncias, mas delineada por uma superfície tal qual a topologia se ocupa. A relação entre teoria e clínica seria um frente e verso de uma superfície. Portanto, a ideia de torção me parece mais interessante, e que poderia envolver uma nova configuração de tese, que não é o caso iminente desse trabalho, mas ainda assim, a torção, permite incidir na posição do analista que escuta o contingente da clínica, produzindo uma relação topológica tal qual seu enquadre e referência organiza o possível de se transmitir enquanto “*caso clínico*”, apontando uma superfície que toca duas dimensões do objeto, sobre a impressão de verdade ou do saber, como Lacan sinaliza na citação acima.

Em síntese, recuperando o anúncio inicial, esse trabalho almeja tratar a questão do diagnóstico na clínica psicanalítica, segundo o conjunto temático da *noção de estrutura*, delimitando a lógica do diagnóstico estrutural, como um modelo para a singularidade dos arranjos significantes na estrutura. Em específico, a tese a ser sustentada é de que a *leitura estrutural* é um modelo de teorização da prática clínica, logicamente determinado pelo termo de *estruturas clínicas*, classicamente definidos por *neurose*, *perversão* e *psicose*, e que é possível reformula-lo a partir de dois passos lógicos, o primeiro aproximando as estruturas clínicas enquanto arranjos dos três registros *Real*, *Simbólico* e *Imaginário*, desde operações

¹⁶ O seminário intitulado “*O objeto da psicanálise*” refere-se ao produzido entre 1965-1966, por Lacan, sob o termo *L’objet*, e pode ser encontrado no site <http://staferla.free.fr>. Esse site se propõe a publicar versões não oficiais, a partir de coletânea de anotações dos presentes nos seminários de Lacan.

¹⁷ “*Elle est tout simplement dans le fait que l’inscription ne mord pas du même côté du parchemin, venant de la planche à imprimer de la vérité, ou du savoir. Que ces inscriptions se mêlent, était simplement à résoudre dans la topologie : une surface où l’endroit et l’envers sont en état de se rejoindre partout, était à portée de main. C’est bien plus loin pourtant, qu’en un schème intuitif, c’est, si je puis dire, d’enserrer l’analyse dans son être, que cette topologie peut le saisir*” (LACAN, S13/STAFERLA, p.10).

primordiais e operadores específicos a cada uma das estruturas, e em seguida pela formalização, a partir dos *enodamentos RSI*, com o *Nó-Borromeu* propostos a partir do ensino de J. Lacan.

II. Considerações sobre o termo *estrutura* em sua relação com o *estruturalismo*

A referência ao termo *estrutura* tem sua origem na obra de J. Lacan em meados da década de 1950, propriamente quando há uma convergência histórica importante no cenário epistêmico da França com a corrente denominada *estruturalismo*. Deste encontro entre estruturalismo e psicanálise, a literatura demonstra inúmeros trabalhos que cercaram as possíveis relações e divergências entre estes dois campos teóricos (ROUDINESCO, 1988; ROUDINESCO, 1994; DOSSE, 2007; EIDELSZTEIN, (2003/2016, 2008/2017 & 2010).

Expressão da contestação, o estruturalismo corresponde sem dúvida a um momento da história ocidental enquanto expressão de uma certa dose de auto-aversão, de rejeição da cultura ocidental tradicional, de apetite de modernismo em busca de novos modelos. À glorificação de valores antigos, o estruturalismo terá oposto uma extrema sensibilidade para tudo o que foi recalcado nessa história ocidental, e não é um acaso se as duas ciências-faróis do momento – a antropologia e a psicanálise – privilegiam o inconsciente, o avesso no sentido manifesto, o reprimido, inacessível da história ocidental. (DOSSE, 1993, p. 13)

François Dosse (1950 -) é um importante filósofo francês e intelectual da história, que no início de 1990 escreveu dois volumes sobre o estruturalismo e seu impacto no cenário intelectual da França, intitulados “*A história do estruturalismo – vol. 1 – o campo do signo (1945/1966)*” e “*A história do estruturalismo – vol. 2 – o canto do cisne de 1967 aos nossos dias atuais*”. Ele nos abre esse tópico, pontuando nessa citação, a importância de tal movimento intelectual para as ciências humanas, em especial aos campos da antropologia e da psicanálise, que encontram nesse modelo de pensamento, um método para tratar os aspectos da história ocidental considerando o inconsciente em seus postulados científicos. Com o estruturalismo, o aspecto de ciência para o campo das humanidades ganha novo contorno no cenário epistêmico. Lacan, uma das figuras centrais desse movimento, apropria-se da teoria freudiana recortando-a diretamente e indiretamente a partir de tal recorte.

O campo das ciências humanas encontra, em suas bases de articulação, o atrito clássico com o estatuto de cientificidade em suas afirmações, proposições e articulações sobre o indivíduo e também em suas relações complexas com as modalidades de agrupamento, quando em comparação com as qualidades das ciências naturais ou exatas. A suspensão e a suspeita no valor atribuído ao produzido pelo conjunto das ciências humanas são radicalmente transformadas com o advento de uma certa corrente de pensamento que se propunha a

questionar a própria concepção de ciências e o objeto propriamente intrínseco aos estudos da materialidade humana, principalmente sobre a ordenação dos estudos em seu aspecto de método.

O método estruturalista lança a possibilidade de questionar a própria linguagem, enquanto campo passível de formalização. Essa possibilidade de lançar uma questão sobre a linguagem, a partir do filósofo suíço *Ferdinand de Saussure* (1857-1913) que, ao definir a língua enquanto sistema dotado de uma ordem própria (SAUSSURE, 1916/2006, p. 43), introduz a possibilidade de estudo científico sobre os arranjos linguísticos em seu estatuto de forma, e não conteúdo; possibilitando, portanto, uma nova modalidade de ordenação científica.

A inovação de Saussure abre espaço no campo das ciências, para uma torção epistêmica, e realiza um corte na história dos modelos de conhecimento, realizando uma dupla operação; a possibilidade da *linguagem*, *língua* e *fala* se tornarem objetos de estudos para além do fascínio demonstrado desde os gregos sobre a função da palavra em relação às coisas ou da diferença, suspensão desde então, entre objetividade e subjetividade. Quer dizer, há uma proposição de método que inclua a crítica sobre o objeto de estudo próprio das ciências humanas. Essa torção epistêmica é base para o que passa a ser denominado de *estruturalismo*, entre os anos de 1945 até a década de 1980, na qual grande parte dos teóricos influentes da corrente morreram, entre eles Lacan em 9 de setembro de 1981 (DOSSE, 1993, p. 14).

Apesar de não se tratar um corte seco na história, o “*estruturalismo correspondia a determinadas exigências efetivas e difusas*” (PRADO COELHO, 1967, p. V), e demarcava um novo campo de múltiplas forças com bases filosóficas e ideológicas variadas, sobre o antigo problema da apreensão do fenômeno material da realidade, pela via da empiria e em seguida da teorização explicativa do fenômeno, considerando duas dimensões, até então marginalizadas, do sujeito que pesquisa e do objeto pesquisado que num descompasso acompanhava os *ismos* das ciências, por exemplo o sociologismo cético.

Do impasse decantado entre *sujeito* e *objeto* e os modelos de apreensão da realidade, o *estruturalismo* permitiu uma formulação na qual essas duas instâncias passam pelo enquadre definido pela lógica de uma *estrutura* que as regula. Freud ao postular o inconsciente e o conceito de realidade psíquica, em certa medida, já havia introduzido a questão, e aberto o campo para o advento dessa modalidade científica. Freud recupera o “*Esquema psicológico da representação-de-palavra*” da “*monografia sobre as afasias (1891b)*” (FREUD, 1915/2006, p. 55) no “*Anexo C*” (FREUD, 1915/2006, p. 55) do texto *O inconsciente* de 1915, portanto, contemporâneo ao curso inaugural de Linguística de F. de Saussure. O esquema introduzido

propõe uma distinção entre imagem sonora e imagem motora, como Saussure virá a teorizar como *imagem acústica* de *imagem muscular do ato fonatório* (SAUSSURE, 1916/2006, p. 80). Logo, há uma possibilidade de sustentar as afirmações de Lacan sobre a necessidade da formulação freudiana do inconsciente enquanto premissa para a linguística, “*o analista, desde Freud, está muito à frente do linguística nessa matéria* [a relação da linguagem com estrutura e a inclusão do sentido para além do senso comum], *à frente de Saussure, por exemplo...*” (LACAN, 1973/2003, p. 491) ou ainda do inconsciente implicado por meio da linguagem, porque é a estrutura (LACAN, 1974/2003, p. 512).

Safatle (2007, p. 41) afirma que esta corrente de pensamento constituiu “*um movimento intelectual hegemônico na França nas décadas de 1950 e 1960*”, e, portanto, influente; por exemplo, na antropologia com *Claude Lévi-Strauss* (1908-2009) e *Georges Dumézil* (1898-1986), na linguística de *Emile Benveniste* (1902-1976), na crítica literária com *Roland Barthes* (1915-1980), na filosofia com *Louis Althusser* (1918-1990) e *Michel Foucault* (1926-1984) e na psicanálise com *Lacan*. O furor do estruturalismo enfrenta a segunda Guerra Mundial, entre 1939 e 1945, bem como a ocupação Nazista na França.

Apesar das nuances, o cenário epistêmico da França é profundamente atravessado pelo ideário estruturalista, ao grupo de Lévi-Strauss e Lacan, unem-se intelectuais das mais diversas áreas, como o multifacetado sociológico, filósofo, semiólogo e crítico literário *R. Barthes*, os filósofos *L. Althusser*, *M. Foucault* e *Jacques Derrida* (1930 - 2004), e isso nos aponta para uma certa variabilidade de grupos de orientação a depender dos objetos recortados permitidos pelo *estruturalismo*.

Podemos considerar três tipos de estruturalismos: um estruturalismo fenomenológico (Merleau-Ponty, Sartre etc), um estruturalismo genético (com Goldmann, Piaget, e, com vários matizes, Gurvitch, Lefebvre Sartre) e um estruturalismo dos modelos (Lévi-Strauss, e ainda Lacan, Barthes, Foucault, Althusser, etc). Cada uma dessas correntes dá um relevo especial a um dos elementos do processo: teremos, assim, respectivamente, a predominância da significação, a predominância da dialética e a predominância do modelo. (PRADO COELHO, 1967, pp. 22-23)

Nessa delimitação conceitual, de modo suficientemente amplo sobre o estruturalismo, encontramos a principal problemática sobre a qual Lacan se debruça em seu empreendimento psicanalítico, a saber, a questão da subjetividade humana que não ficasse reduzida a um idealismo transcendental como o vislumbrado na proposta do filósofo *Immanuel Kant* (1724 – 1804), de um sujeito ideal em sua forma e conceito independente da experiência, como ficou conhecido a metafísica desde *René Descartes* (1596 - 1650) tampouco ao existencialismo da

liberdade de *não-ser* a priori, a não ser no sendo da experiência de *Jean-Paul Sartre* (1905 - 1980) com as influências inauguradas por *Martin Heidegger* (1889 - 1976).

Quer dizer, em quê medida o estruturalismo permite a Lacan supor uma teoria da subjetividade humana que não coincidissem com uma lógica apartada da experiência e simultaneamente não fosse exclusivamente efeito das experiências vivenciadas?

A resposta aponta para a própria gênese do estruturalismo com a linguística estrutural e a operação de um método que “operava a extração de uma realidade outra, inteligível, a partir de elementos sensíveis” (DOMICIANO, 2014, p.113), em que a linguagem tomada pelo centro de análise, pela via da língua, permite a Lacan, pela separação distintiva entre código e mensagem, uma posição dialética entre as duas outras posições representadas por Kant e Sartre. Disso, retomaremos a questão da problemática ontológica que deriva desse conjunto, ainda mais considerando a premissa clínica para a teoria psicanalítica, a ser discutido no capítulo três, **“A noção de estruturas clínicas: operações primordiais e operadores estruturais”**, na seção 3.3. “Ser, sujeito e Eu: a montagem da estrutura pelo corte significante”.

Logo, a demarcação temporal, que aponta para um corte epistêmico na história das ciências, implica algumas décadas, desde a proposição de *Saussure* com o “Curso Geral de Linguística” em 1916 até a década de 1940, na qual diversos autores se debruçaram sobre essa modalidade de leitura dos fenômenos sociais, em especial *C. Lévi-Strauss* que une as ideias subjacentes ao termo *estruturalismo*, com lançamento de “*As estruturas elementares de parentesco*”¹⁸ em 1949. “O esboço de periodização tampouco é simples. Ele evidencia uma clara e irresistível progressão nos anos 50 da referência aos fenômenos de estrutura para transformar-se nos anos 60 em verdadeiro modo estruturalista que se assenhore do essencial do campo intelectual” (DOSSE, 1993, p. 17).

Entre 1949 a 1959, pode-se afirmar a década inicial para a formalização da corrente com o lançamento de trabalhos fundamentais, de *C. Lévi-Strauss*, como “*Antropologia Estrutural*” em 1959, de Lacan com “*O mito individual do neurótico*”, “*O Estádio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica*” ambos de 1949 e “*Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise*” de 1956, incluídos na obra “*Escritos*” de 1966, momento auge da corrente, que Dosse (1994) denomina de “*O canto dos Cisne*”.

¹⁸ É interessante notar o uso do termo estruturalismo no título do trabalho em antropologia, enquanto uma paráfrase ao célebre livro de *Émile Durkheim* (1858 - 1917) *As formas elementares da vida religiosa*, de 1912.

No entanto, como afirma Prado Coelho (1967), a linguagem passa a ocupar o lugar privilegiado de estudos para as ciências humanas, e se define como o campo a partir do qual a subjetividade se constitui e ordena a realidade, para além de seu aspecto natural ou neutro.

Dissemos que o estruturalismo é sobretudo uma nova linguagem. Esse ponto pode parecer um pouco estranho a quem pensar que a linguagem é apenas um instrumento de que cada um de nós se serve para exprimir suas ideias. Ora não é nada disto. A linguagem é o lugar onde essas ideias emergem sem que alguma vez deixem de ficar ligadas a esse ponto de origem. Nenhuma linguagem é inocente ou natural. Toda a linguagem contém implícita a sua própria teoria (ou ideologia). (PRADO COELHO, 1967, p. X)

Logo, o *estruturalismo* se finca no interesse de uma matematização rigorosa sobre o enquadre segundo o qual se extraem os elementos mínimos do sistema que o forma e as possíveis relações entre os elementos do conjunto. Isto é, um método de redução das qualidades sensíveis e dos elementos que ordenem um conjunto, ao tom de um universal do que é propriamente humano (MILNER, 1996, p. 75). Aspectos de universalidade, particularidade e culturalismo sempre foram nuances críticas para os teóricos que se dispõem a analisar a condição do homem, numa problematização filosófica sobre a ontologia.

Na medida em que no estruturalismo se procura distinguir com nitidez ciência e ideologia, torna-se evidente que só no plano científico é que o estruturalismo pretende fundamentar a sua legitimidade. Sempre que o pensamento estrutural, cedendo a uma certa tentação ontológica, se procura apresentar como filosofia (Duffrene vê aqui a sombra de Heidegger), é obrigado a preencher os espaços em branco que a ciência ainda não ocupou para realizar essa unidade sem falhas que define todo o projeto filosófico (ideológico). (PRADO COELHO, 1967, p. X)

Em síntese, trata-se de um movimento de pensamento que instala uma nova forma de recortar a relação do homem com o mundo, que permitiria a extração mínima dos elementos que ordenam diferentes eixos da vida humana, em especial das formações culturais e políticas, mas também subjetivas do homem. O estruturalismo permite formalizar as diversas estruturas, e seus elementos operacionais constituintes, a que o homem está inserido. Com as portas abertas para o campo das ciências, há uma proliferação tanto de novos campos de saber a partir do delineamento preciso dos objetos de estudos, como a influência sobre os já existentes, produzindo inflexões teóricas fundamentais. “*O estruturalismo como reflexão sobre a linguagem e como nova linguagem insere-se assim num projeto múltiplo de desnaturalização dos signos como forma de combater, no plano das superestruturas, a ideologia burguesa*” (PRADO COELHO, 1967, p. 13).

Sobre as influências do panorama histórico do estruturalismo com a proposta de Lacan para a psicanálise, encontramos a força para o termo *linguagem*, que até então na história das ciências não encontrava seus fundamentos lógicos como aqueles introduzidos por Saussure, e que Lévi-Strauss elencou em suas *estruturas mínimas* na orientação da lógica social, a partir dos enunciados proibitivos. O recurso do método estrutural redimensiona as ciências humanas, para além do biologicismo e naturalismo preponderantes até então.

Tfouni e Laureano (2005) sintetizam os efeitos colaterais das práticas científicas na área das ciências humanas até o momento em que o estruturalismo alcança seu estatuto propriamente dito. Os efeitos podem, inclusive, ser localizados em toda as matérias relacionadas ao homem, da antropologia à análise do discurso.

O surgimento das Ciências Humanas e Biológicas, no século XVII, representou uma tentativa de padronizar estes dados que sempre reclamaram por interpretação, e o modelo adotado inicialmente (que se origina em Aristóteles [...] para interpretá-los, foi aquele baseado no paradigma positivista/galileano, cuja tentativa é padronizar o homem e seu discurso através de categorias fixas e rígidas de classificação e estatísticas. Tal postura sempre trouxe problemas para as ciências humanas, pois de acordo com o positivismo, os dados sempre vêm para provar algo que já está posto, e, portanto, não se presta a lidar com o inesperado, nem com a deriva, fatos indiscutivelmente importantes nos estudos do discurso. (TFOUNI e LAUREANO, 2005, p. 133)

Se Lévi-Strauss produz oficialmente o casamento entre os preceitos com a palavra estruturalismo, o conceito de *estrutura* demanda um delineamento em suas bordas de definição, tendo em vista tanto a história do termo em seu uso nas teorias desde Durkheim quanto pelo uso que Lacan faz ao longo de toda sua obra. Eis nosso ponto temático circunscrito enquanto campo de estudos para essa tese.

No campo das ciências humanas, o termo *estrutura* é cunhado primeiramente por Émile Durkheim (1858-1917), na obra “*Las reglas de la méthode sociologique*” de 1895 (ALTOÉ & MARTINHO, 2012). Entretanto, este autor não faz uso do termo como cerne de sua obra.

É somente a partir do século XIX, que a ideia de *estrutura* é pautada nas teorias, enquanto orientação de método nas articulações textuais, por exemplo, com autores: (1) como *Lewis Henry Morgan* (1818-1881), antropólogo e etnólogo norte-americano interessado nas relações entre cultura e sociedade, desde o recorte das relações de parentesco de maneira global num grupo nativo norte americano denominado *Haudenosaunee*, com o qual abre campo para o estudo sistemático da antropologia; (2) com *Karl Heinrich Marx* (1818-1883), importante pensador alemão do campo da política, história e economia, que, a partir do texto “*O capital*”

(1867), torna-se um dos pilares da sociologia moderna na crítica ao capitalismo, e; (3) *Herbert Spencer* (1820-1903), filósofo inglês e conhecido como o teórico do darwinismo social.

Ainda que Morgan, Marx e Spencer tenham utilizado o termo estrutura e orientados sobre objetos propriamente humanos, é com o filósofo suíço *F. de Saussure*, e na exposição, enquanto professor da *Universidade de Genebra*, de uma nova ciência sobre a língua, denominada *linguística*, que o termo estruturalismo encontra suas bases.

Todos estão de acordo em considerar que este movimento tem sua origem nos cursos de Ferdinand de Saussure, ministrados em Genebra, tal como foram coletados por seus alunos e publicados com o título de *Cours de linguistique générale*. Ele foi chamado, com razão, o precursor do estruturalismo moderno. Por certo, ele o é, mas não do termo. É importante ressaltar, para uma descrição exata deste movimento de ideias que não devemos simplificar, que Saussure jamais empregou, em nenhum sentido, o termo estrutura. Ao seu ver, a noção essencial é de sistema. (BENVENISTE, 1971, p.24).

Segundo Altoé & Martinho (2012), o termo estrutura é derivado do latim *structura*, cujas definições derivam dois grupos: a primeira vinculada à abstração dos sentidos atribuídos à palavra enquanto conjunto de relações entre os elementos de um sistema ou disposição das partes de um todo consideradas nas suas relações recíprocas; a segunda vinculada à materialidade de sua função, por exemplo disposição arquitetônica de um edifício ou conjunto sistêmico de um ser vivo, de uma obra literária etc.

Eco (2013) estabelece um rigoroso desenvolvimento sobre a noção estrutural e o impacto na formulação da semiologia, tal qual aos estudos da linguagem realizaram no decorrer das décadas de 1960 a 1980, adotando a estrutura como um modelo teórico. “*Uma estrutura é um modelo construído segundo certas operações simplificadoras que me permitem uniformar fenômenos diferentes com base num único ponto de vista*” (ECO, 2013, p. 36). O autor ainda desenvolve um delineamento diferencial entre a proposição de um *estruturalismo ontológico* e um *estruturalismo metodológico*, que, respectivamente, o primeiro denota a apreensão das unidades mínimas do objeto pela formalização das características que depreendem do próprio elemento de análise, e o segundo que ordena um modelo apreensão para a realidade, por meio de uma racionalidade que ordena um crivo para as relações estabelecidas segundo leis e operações que permitem a extração dos elementos numa lógica relacional, como a antropologia estrutural realizou.

Admitamos, contudo, por uma espécie de *consensus genetium*, que a estrutura seja um conjunto, as partes desse conjunto e as relações dessas partes entre si; que seja um sistema em que tudo está conexo, o todo conexo e o sistema das conexões; e eis que logo surgem dois aspectos da noção de “estrutura”: a estrutura é um objeto estruturado

ou é o conjunto de relações que estruturam o objeto mas podem ser deles abstraídas? (ECO, 2013, p. 255)

Ainda assim, o termo *estrutura* encontra-se apropriado nas mais diversas áreas, incluindo matemática, sociologia, psicologia, linguística e literatura, inclusive efeito do próprio estruturalismo, cujo impacto pode ser localizado nas definições a seguir, como Prado Coelho (1967) apresenta em seu trabalho.

Uma estrutura algébrica é um conjunto formado por quaisquer elementos, mas entre os quais existem a defini-los uma ou várias leis de composição (ou operações) [*Marc Barbut*];

Uma estrutura oferece um caráter de sistema: consiste em elementos combinados de tal forma que qualquer modificação num deles implica uma modificação de todos os outros [*Claude Lévi-Strauss*]

Falaremos de estrutura (no seu aspecto mais geral) quando existem elementos reunidos numa totalidade apresentando algumas qualidades específicas de totalidade, e quando as propriedades dos elementos dependem, inteira ou parcialmente, dessas características da totalidade [*Jean Piaget*]

Estrutura é uma entidade autônoma de dependências internas [*Hjelmslev*]

Estrutura é uma união formal do sentido e da forma [*Jacques Derrida*]

Em oposição ao atomismo que isola os termos de um conjunto onde eles aparecem apenas justapostos, o estruturalismo consiste em procurar as relações que dão aos termos que elas unem um valor de posição num conjunto organizado [...] portanto, o estruturalismo implica duas ideias: a de totalidade e de interdependência [*Jean Pouillon*] (PRADO COELHO, 1967, p. 21)

É interessante notar que, apesar dos diferentes campos de atuação dos autores elencados por Prado Coelho (1967), o termo estrutura comporta uma certa uniformidade conceitual, em que determinadas partes respondem a um tipo de relação interdependente segundo leis que regulam um todo. Em outras palavras, estrutura remete a uma configuração sistêmica que orienta um conjunto de elementos com funcionamento determinado por relações possíveis entre eles.

As designações desses autores nos permitem apontar para eixos fundamentais da designação conceitual, como (1) *conjunto* ou *sistema*, (2) *elementos*, (3) *relações* ou *propriedades* e (4) *leis de regulação* em que podemos sintetizar na seguinte definição:

Podemos concluir que uma estrutura é:

- a) conjunto de elementos com leis próprias independentes das leis que regem cada um desses elementos;
- b) a existência de tais leis relativas ao conjunto implica que a alteração de um dos elementos provoque a alteração de todos os outros;

c) dado que o valor de cada elemento não depende apenas do que é por si mesmo, mas depende também, e sobretudo, da posição que ele ocupa em relação a todos os outros do conjunto. (PRADO COELHO, 1967, pp. 21 -22)

Imerso nesse campo de discussão, e praticamente próximo a todos os autores elencados na citação anterior sobre o termo *estrutura*, é bem provável que Lacan tenha sido impactado por tais definições e as tenha utilizado para compor sua construção no período sobre a relação entre *linguagem* e *estrutura*, e afirmar que o inconsciente é estruturado como uma linguagem. O aspecto preponderante da linguagem e do significante como suporte material para a estrutura inconsciente permite a Lacan ocupar-se da formalização do conceito de sujeito, quando esse passa a ser efeito de um ato de inscrição ao campo da linguagem, tendo em vista que o significante comporta um espaço, um furo em sua própria estrutura, que engendra a subjetividade. Assim, o inconsciente *estrutura* a estrutura da linguagem para a subjetividade, a partir do significante e da letra que o sedia. A inscrição no campo da linguagem e a lógica estrutural subjacente ao inconsciente passam a ser o campo privilegiado para o grande repertório da teoria da constituição do sujeito em psicanálise.

“É Lacan estruturalista?”, indaga-se Jacques-Alain Miller. A resposta que ele dá é contrastada. Por um lado, Lacan participa efetivamente do fenômeno estruturalista, visto que extrai sua noção de estrutura de Jakobson por intermédio de Lévi-Strauss, mas se dissocia dele porque a estrutura dos estruturalistas é coerente e completa, ao passo que a estrutura lacaniana é antinômica e des-completada”. (DOSSE, 1993, p. 146)

Dosse (1993) nos permite questionar o caráter estruturalista de Lacan, demarcando a necessidade do conceito de estrutura em suas bordas trazidas pelo estruturalismo em geral, e ao mesmo tempo demarcando algumas nuances na teoria lacaniana.

[...] a primeira situação cuja noção ainda somos devedores à iniciativa freudiana por tê-la introduzido em psicologia para que ela ali obtivesse, no correr do tempo, o mais prodigioso sucesso – primeira situação, dizemos, não como confronto abstrato esboçando uma relação, mas como crise dramática que se resolve como estrutura – é justamente a do crime em suas duas formas mais abominadas, o incesto e o parricídio, cuja sombra engendra a patogênese do Édipo. (LACAN, 1951/1998, p. 131)

Para Lacan, no período circunscrito por Dosse (1993) como primeira fase do estruturalismo, a noção de *estrutura* advém como uma solução diante de uma encruzilhada, que por não ser abstrata, implica uma experiência fundante por excelência sobre o sujeito humano. A estrutura visa a responder uma modalidade de enquadre diante de uma certa inscrição, que

na teoria freudiana alcançava seu cume nas experiências articuladas do complexo de Édipo e complexo de castração, logo após a fase fálica em seu desenvolvimento psicosssexual.

Ou seja, o drama mencionado por Lacan em “*Introdução teórica às funções da psicanálise em criminologia*” (1951/1998), já estava presente dois anos antes quando ele anuncia que “*o estádio do espelho é um drama cujo impulso interno precipita-se da insuficiência para a antecipação – e que fabrica para o sujeito, apanhado no engodo da identificação espacial, as fantasias que se sucedem desde uma imagem despedaçada do corpo até uma forma de sua totalidade [...]*” (LACAN, 1949/1998, p. 100).

Em Lacan, o drama parece ser um índice, e poderíamos dizer um índice paradoxal, para o momento fundante no qual estrutura se apresenta como solução para a inscrição no campo da linguagem. Ou seja, Lacan articula que a experiência fundante em relação à linguagem implica um corte irredutível para o homem, a partir do qual a linguagem estrutura as possibilidades da fala, e portanto as significações que emolduram a realidade pela via da fantasia, e simultaneamente conjuga um resto inassimilável, apontado por Dosse (1993) como estrutura descompletada ou que nos anos de 1960 passa a ser delineado pelo *objeto a* na estrutura, como efeito do próprio corte significante.

Na esteira das definições formuladas pelos autores e campos circunscritos ao estruturalismo; em psicanálise, e na teoria de Lacan, o termo *estrutura* deveria conter cinco eixos sobre a subjetividade, considerando o inconsciente:

- (1) Campo no qual se dispõem elementos, aos moldes de um sistema;
- (2) Elementos que pertençam a tal campo, que nos aponta para o significante;
- (3) Operadores que expliquem o funcionamento dos elementos entre si;
- (4) Operações que expliquem no campo, o modo os elementos são inscritos;
- (5) Dimensão a partir da qual se pode extrair as relações de interdependência dos quatro eixos anteriores: qual seja, o próprio ato de fala.

No entanto, acreditamos que o modo como este conjunto foi apropriado por Lacan, em seu ensino, seja bastante particular e não implica uso literal dos conceitos estabelecidos por tal corrente de pensamento. Lacan compõe seu próprio domínio sobre o conceito de *estrutura*, desde os elementos que a compõe e as leis que as regulam, considerando as problemáticas da ontologia em sua relação a função da linguagem na constituição do sujeito e da primazia da experiência clínica em psicanálise.

(...) a linguística e a antropologia estruturais são operadores privilegiados para estabelecer, com rigor conceitual, o vasto terreno de apresentação dos fenômenos inconscientes, elas, no entanto, não interessam por si mesmas, e, por conseguinte, não

ficam em posição de legislar sobre os caminhos assumidos pela psicanálise, uma vez que esta possui um domínio de validade que lhe é próprio. (COUTO & SOUZA, 2013, p. 186)

Esse diálogo entre psicanálise e estruturalismo permite abrir um tópico epistemológico para o trabalho em questão, a partir do qual organizo as principais referências estabelecidas da gênese do estruturalismo e as bordas conceituais para o termo estrutura nesse grande campo das ciências humanas, que inclui a linguística e antropologia, quanto estabelecer as apropriações psicanalíticas realizadas por Lacan em sua teoria. Trata-se do primeiro capítulo, “**Bordas epistemológicas para o conceito de estrutura em psicanálise**”, referidos anteriormente.

Essa interseção também contempla outro aspecto fundamental de investigação, pois a apropriação desse conjunto, por Lacan, implica um recorte particular de tais absorções conceituais para a experiência clínica. A *teoria da constituição do sujeito* passa a ser um empreendimento de uma obra, e culmina numa tentativa de formalizar os principais conceitos metapsicológicos segundo o suporte nos três registros *Real*, *Simbólico* e *Imaginário* (RSI), como se pode averiguar no projeto de seminário intitulado “*O simbólico, o imaginário e o real*” de 8 de julho de 1953 (LACAN, 1953/2005, pp. 9-54), concomitante ao texto “*Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise*”, escrito para o relatório do “*Congresso dos Psicanalistas de Língua Românica*” em setembro de 1953, publicado em 1956 na “*Revue Française de Psychanalyse*” vol. XVI e incluído na obra “*Escritos*” de 1966. (LACAN, 1956a/1998, pp. 238-324).

O texto “*Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise*” é conhecido como *Discurso de Roma* e marca a primeira formalização das influências estritamente estruturalistas, a partir do campo da linguística, com o filósofo suíço F. de Saussure, e do campo da antropologia, com C. Lévi-Strauss, enquanto aportes teóricos para as definições inauguradas por S. Freud, sobre o ato de fala, a estrutura discursiva e o inconsciente estruturado como uma linguagem. Além desses, outros autores foram mencionados por Lacan, como M. Heidegger, e que pode auxiliar a formalizar a leitura do autor nesse conjunto teórico, ainda que Heidegger não seja conhecido por essa epistemologia estruturalista.

Isso denota que a corrente de pensamento *estruturalista* tenha influenciado o discurso teórico de Lacan, no horizonte de correlacionar o termo *estrutura* a conceitos caros e fundamentais para o campo psicanalítico, como *estrutura do inconsciente*, *estrutura da fala*, *estrutura do discurso*, *estrutura do sintoma*, *estrutura da fantasia*, *estrutura do delírio*, e, inclusive, aos referentes do diagnóstico na clínica clássica, comumente denominados por *estrutura da neurose*, *estrutura da perversão* e *estrutura da psicose*.

Porém, como afirma Eidelsztein (2010, p. 128), Lacan nunca utilizou o termo *estruturas clínicas* em sua obra, ainda que estudiosos e psicanalistas contemporâneos façam referência ao termo, atribuindo-o como derivado propriamente da obra lacaniana, e qualificadas em três categorias, a saber, *neurose*, *psicose* e *perversão*, como se pode averiguar em algumas compilações de Dor (1989), Julien (1993), Fink (1998), Quinet (2003), Porge (2006).

No entanto, também é importante situar que o verbete *estrutura* não é incluído, de forma unânime, nos principais dicionários de psicanálise, cuja proposta é de situar os conceitos desenvolvidos no campo semântico da psicanálise. Diferentemente de conceitos clássicos, como o de pulsão, por exemplo, que se encontra em todos os dicionários publicados, o termo *estrutura* nem sempre é apresentado como um conceito chave.

Pierre Kaufmann (1993; 1996) inclui o verbete *estrutura* em seus dois principais dicionários e aponta aproximações entre aparelho psíquico, inconsciente e a noção de funcionamento como análogas ao conceito de *estrutura*, em Freud desde “*A interpretação dos Sonhos*” (1900), e com Lacan nas formalizações realizadas em seu retorno a Freud nos anos de 1950.

Em Roudinesco e Plon (1998), Chemama (1998), Laplanche (2001) os autores não incluíram os verbetes “*estrutura*” ou “*estruturas clínicas*” no compêndio.

Zimerman (2001) apresenta um elemento bastante curioso sobre o campo temático dessa tese, tendo vista que o autor não inclui propriamente o termo *estrutura*, no entanto pode-se encontrar “*Escola Freudiana de Psicanálise (ou Escola Estruturalista) [Lacan]*” (ZIMERMAN, 2001, p. 124), no qual desenvolve os movimentos realizados por Lacan nas instituições que visava a transmitir a psicanálise até 1980, e “*Estrutural, teoria [Freud]*” (ZIMERMAN, 2001, p. 131), correlacionando a segunda tópica freudiana a uma formalização estrutural do aparelho psíquico, ainda que na teoria freudiana a segunda tópica anteceda em duas décadas o movimento estruturalista. Ou seja, por qual razão o autor incluiria o subtítulo “*Escola Estruturalista*” para um verbete sobre as escolas de psicanálise e o item “*estrutural*”, mas não desenvolve o próprio termo *estrutura*?

Se por um lado, o conceito de estrutura não é unanimidade nos dicionários, por outro, em nenhum deles há a inclusão ou discussão sobre o termo “*estruturas clínicas*”.

É necessário supor que o termo *estrutura* seja bastante controverso, e a análise dos dicionários revela a arbitrariedade do uso conceitual do termo em psicanálise. A inclusão, definição e discussão ocorreu apenas em Kaufmann (1993; 1996). E em Zimerman (2001), estrutura fica elidido em estruturalista e estrutural, porém sem defini-lo em qualidade de

conceito. Roudinesco e Plon (1998), Chemama (1998), Laplanche (2001) não o incluem em seus volumes.

Sobre o termo estruturas clínicas, a hipótese, que explicaria a ausência nos dicionários, pode ser sustentada na própria escrita de Lacan, que não utilizou o sintagma em seu ensino. Logo, não haveria uma formalização conceitual, ao ponto de os dicionários inclui-lo em suas publicações. Porém os comentadores insistem numa repetição teórica ao tratarem o termo enquanto conceito na teoria psicanalítica de Lacan; Dor (1989), Julien (1993), Fink (1998), Quinet (2003), Porge (2006). Há uma lacuna importante a ser esclarecida sobre a experiência teórico-clínica que emerge nessa presença suposta na ausência dos termos na obra de Lacan.

Tendo em vista esta abertura, entre a afirmação de Eidelsztein (2010) e o uso corrente do termo *estruturas clínicas* em sua divisão em *neurose*, *perversão* e *psicose* na literatura, há um primeiro aspecto introdutório a ser formulado enquanto primeira questão: *Se Lacan nunca fez referência ao termo é possível formalizar a noção de estruturas clínicas em sua obra?*

Essencialmente, nos primeiros momentos de seu ensino, entre os anos de 1940 a 1960, Lacan se propõe ao empreendimento de retornar a Freud e rever seus conceitos numa lógica discursiva distinta da usada pelo autor inaugural da psicanálise, a fim de que uma nova proposta epistemológica esclareça os equívocos dos autores pós-freudianos, principalmente sobre a teoria do aparelho psíquico e as consequências sobre a posição do *eu* e das pulsões no tratamento psicanalítico, pós 1920.

Os efeitos dessa posição em psicanálise levam Lacan a introduzir, na teoria, os conceitos explorados a partir de outros campos das ciências, a saber a linguística e a antropologia, que haviam se destacado no cenário acadêmico francês nas mesmas décadas que Lacan transitava da medicina psiquiátrica para a psicanálise. É por tal razão que os conceitos de *linguagem*, *simbólico*, *imaginário*, *significante* e *estrutura* passam a ser referenciados em uma teoria do sujeito, como se pode verificar em Bairrão (1996), Olgivie (1998) e Simanke (2002), para citar alguns dentre muitos que se interessam pela interface psicanálise e estudos epistemológicos. Ou seja, Lacan extrai, a partir da lente de diversos campos semânticos, concepções aludidas, mas não explícitas do texto freudiano.

Nos anos de 1953 e 1954, Lacan inicia propriamente seu projeto de retorno aos textos freudianos, com o seminário realizado sobre “*Os escritos técnicos de Freud*” (1953-54), do qual a citação abaixo foi extraída:

O que é que eu quero? – senão sair desse verdadeiro impasse, mental e prático, ao qual chega atualmente a análise. Vocês veem que vou longe na formulação do que digo – importa submeter a própria análise ao esquema operacional que ela nos

ensinou, e que consiste em ler, nas diferentes fases da sua elaboração teórico-técnica, o modo de ir mais adiante na reconquista da realidade autêntica do inconsciente pelo sujeito.

Esse método nos fará ultrapassar de muito o simples catálogo formal de procedimento ou categoriais conceituais. A retomada da análise num exame analítico é um procedimento que revelará a sua fecundidade a propósito da técnica, como já o revelou a propósito dos textos clínicos de Freud. (LACAN, 1953b/1986, p. 34)

Nela, Lacan afirma sua orientação em submeter uma análise do material estabelecido por Freud, tendo em vista o impasse teórico que implicava uma prática, que na ótica do psicanalista francês se distanciava dos ensinamentos sobre, e inclusive do próprio, *inconsciente*. A proposta de esclarecimento teórico sobre a prática analítica, naquilo que envolve a posição do inconsciente, e de certa forma sua definição para além das defesas apresentadas pelo *eu*, como se defendia pela *Psicologia do Ego* à época, sobre o sujeito da psicanálise fez nascer um novo modelo, a partir da constituição da subjetividade, levando-se em conta a divisão do aparelho psíquico nas qualidades do *sujeito* e do *eu* em psicanálise; sendo o primeiro a causa de interesse do analista na clínica.

Quer dizer, o empreendimento lacaniano de esclarecimento passa a defender uma teoria do *sujeito*, até então implícito no discurso freudiano, pela via da *linguagem*, do *significante* em seus suportes de registros distintos entre si, *Simbólico* e *Imaginário*, e dos efeitos que tal conjunto infringiriam à uma concepção de *inconsciente* e de *sujeito* no domínio do ato de fala dirigido a um analista em transferência, como afirma Cabas (2009). O termo *estrutura* passa a ser o conceito chave para compor uma proposta para essa série de problemas, cujo ápice, da aposta lacaniana em supor um inconsciente estruturado, é a máxima “*o inconsciente é estruturado como uma linguagem*”, que desenvolvo a gênese linguística e a apropriação de Lacan na seção 1.1. “Da linguística ao inconsciente estruturado como uma linguagem”, do capítulo “**Bordas epistemológicas para o conceito de estrutura em psicanálise**”.

Vejamos, em duas citações, de momentos distintos em sua obra, considerando antecipadamente o *problema da permanência conceitual*.

Afirmamos quanto a nós, que a técnica não pode ser compreendida nem corretamente aplicada, portanto, quando se desconhecem os conceitos que a fundamentam. Nossa tarefa será demonstrar que esses conceitos só adquirem pleno sentido ao se orientarem num campo de linguagem, ao se ordenarem na função da fala. (LACAN, 1956a/1998, p. 247)

Se recorri este ano [...] à teoria dos conjuntos, foi para nela situar a maravilha eflorescência que – por isolar na lógica o incompleto do inconsistente, o indemonstrável do refutável, ou até acrescentar-lhe o indecível, por não conseguir excluir-se da demonstrabilidade – imprensou-nos tanto na parede do impossível, que

se emite o “não é isso”, que é o vagido do apelo ao real. Eu disse discurso da matemática. Não a linguagem dela. Que se preste atenção a isso, para o momento em que eu voltar ao inconsciente estruturado como uma linguagem, como sempre disse. Porque é na análise que ele se ordena como discurso. (LACAN, 1973/2003, pp.451-52)

E a dimensão *Real* dessas proposições sobre o termo *estrutura*, dada a relação fundante com a linguagem? Não estaria ela imbuída, na mesma relação ausente por uma suposta presença, desde os primórdios do discurso lacaniano?

E orientando os pilares para a sustentação da hipótese de permanência de tal conjunto conceitual na obra, podemos localizar com Lacan o arsenal da teoria do *sujeito*, *linguagem*, *significante*, no texto “*O aturrito*” de 1973, no qual ele reafirma, inclusive o inconsciente estruturado como linguagem, que só se ordena como discurso, numa experiência de análise. Ou seja, mesmo após inflexões teóricas importantes, com o avanço de teorização sobre o registro *Real* e a inclusão do *objeto a*, incluindo outras fontes epistemológicas que devem ser consideradas, como a matemática (na teoria dos conjuntos e topologia, por exemplo), a partir de nessas a lógica *significante* adquira seu estatuto teoricamente delimitado, como Lacan insiste em retomar toda uma série de conjugações teóricas do início de seu empreendimento sobre a prática analítica e do que nos interessa, como analistas, a ser escutado numa análise.

Apesar da recorrência com que o tema da *estrutura* em psicanálise é abordado pela comunidade científica, inclusive sendo trabalhado por autores reconhecidos no cenário acadêmico mundial, principalmente depois da publicação da obra “*Escritos*” de Lacan em 1966 na França, (DOR, 1989; JULIEN, 1993; MILNER, 1996; FINK, 1998; MILLER, 1998; PORGE, 2006;), há uma certa tendência de correlacionar metodologicamente tal noção às influências conceituais da corrente epistêmica denominada de *estruturalismo*, propondo aproximações e demarcando as forças vetoriais com que determinados autores influenciaram Lacan a afirmar certas máximas, como “*o inconsciente é estruturado como uma linguagem*”, “*o significante representa o sujeito para outro significante*”, entre outros, e muitas vezes atrelando o termo *estruturas clínicas* a um conjunto teórico definido pelo próprio Lacan, apesar dele nunca ter utilizado tal termo para se referir ao exercício diagnóstico, ainda que ele o faça referência à exaustão do termo *estrutura*, conjugando a ele categorias clássica da clínica: “*estrutura da neurose*”, “*estrutura da psicose*”, “*estrutura da perversão*”.

12. Primórdios da pesquisa

O interesse pela prática clínica sempre me causou desejo por saber, e localizo os primeiros passos quando no curso de psicologia, no *Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo* (IP-USP) até o encontro com a psicanálise, especificamente com um livro, intitulado Seminário 4, “*A relação de objeto*” (1956/1957) de J. Lacan, ainda na graduação. A experiência clínica passa a ser também um mote, na perspectiva de transmissão, para às formulações indagativas que eu circunscrevo, num horizonte de significação para meu percurso acadêmico, atual e em pesquisas futuras.

A gênese das primeiras ideias que se amarram nessa proposta, como já dito, portanto, encontra-se na clínica e isso me remonta aos primórdios da graduação em psicologia, quando recebo meu primeiro paciente no ano de 2004¹⁹, no IP-USP. Tratava-se de uma criança com quatro anos recém completados, cuja demanda advém da escola, descrevendo um quadro sobre as dificuldades de aquisição formal da linguagem, no recorte da pedagogia, principalmente, e com preocupação declarada no âmbito psicológico a partir de comportamentos agressivos e disparatados com as crianças em idade cronológica semelhante a dele. A complexidade da clínica se apresentava pela via da própria *demanda* para um tratamento psicológico, pois ela partia da escola, tocava o discurso dos familiares a ponto de procurar a clínica-escola do IP-USP, o que me fez interrogar as sutilezas dos discursos que envolviam um tratamento com crianças. Sobre esse aspecto, Faria (2016) discute os mais diversos âmbitos e funções do lugar dos pais no trabalho analítico com crianças, ao ponto de suspender a ilusão de que o discurso dos pais retrata fielmente a criança que inicia o tratamento. Problema parcialmente semelhante ao relatado entre teoria e clínica na prática do psicanalista.

Desse atendimento, a questão que fez abertura indagativa centrava-se nas formulações diagnósticas sobre o caso. Minha referência sobre a condução do tratamento foi radicalmente alterada quando passei a conceber a possibilidade do diagnóstico de *psicose* na infância. Seria possível conceber a hipótese diagnóstica de *psicose* na infância? Como conceber a psicose para além dos fenômenos tipicamente relacionados a esse quadro clínico?²⁰

¹⁹ O ano de 2004 correspondeu ao terceiro ano de graduação, momento no qual o curso passa a permitir que os alunos se exponham às práticas clínicas ou institucionais no campo da psicologia.

²⁰ Trata-se de uma discussão ampla na literatura psicanalítica, e as diferentes abordagens sobre essa discussão estão apresentadas ao longo da tese; dos problemas da *referência* e da *temporalidade* ao campo das *psicoses*, da função imaginária e sua relação com os três registros RSI, a partir da *Verwerfung*.

Sem entrar em detalhes sobre o que apreendi da escuta clínica naquele momento, pois não acredito que isso deva contribuir para o intuito aqui apresentado, encontro nessa experiência os primeiros indícios para um percurso acadêmico, que na ilusão da época, faziam-me crer necessário o aprimoramento teórico sobre a experiência clínica. O problema de articulação entre a experiência clínica e a necessidade de aprofundamento teórico me faz colocar uma questão, sem a pretensão de responde-la necessariamente: *O que me permitiria escutar uma posição subjetiva na clínica: uma abundância de experiência ou um aprofundamento teórico mais consistente?*

A solução alcançada para o impasse entre teoria e clínica, à época, foi em direção ao *Programa de Aprimoramento*, oferecido pelo Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (PAP/HC-FMUSP), e, em 2008, lancei-me no curso de *Psicologia Clínica Hospitalar em aids*, da *Divisão de Moléstias Infecciosas e Parasitárias do Hospital das Clínicas- SEAP-HIV/aids*. Nessa instituição, acompanhava 20 pacientes semanalmente em formato de acompanhamento psicológico, além de outras funções pertencentes ao programa, por exemplo, o acompanhamento das devolutivas médicas dos resultados para os testes de virologias, reunião de orientação a grupos de pessoas que realizassem os testes entre outras. O horizonte da clínica se contemplava, no entanto, novas questões teóricas dessa experiência me levaram a formular um trabalho de monografia chamado *Uma aproximação psicanalítica da lipodistrofia* (BONI JUNIOR, 2008), no qual o tema do corpo despontava enquanto objeto de pesquisa, na orientação de tecer algumas formulações a partir da teoria de S. Freud, J. Lacan e Françoise Dolto (1908-1988). O ponto de partida era a lipodistrofia, que se “*refere à descrição pela clínica médica de modificações da forma do corpo e alterações do metabolismo lipídico e glicídico dos indivíduos vivendo com HIV/aids, e pode ser apontado como um dos efeitos adversos do uso prolongado de medicações Antirretroviral (ARV)*” (BONI JUNIOR, 2008, p.17). A questão tratava do impasse subjetivo diante da necessidade dos medicamentos, para a manutenção do sistema imunológico em virtude da ação do vírus HIV, e das consequências, subjetiva e socialmente impactantes, de quando o organismo do sujeito humano se altera na forma e em seu metabolismo pelos efeitos subsequentes do esquema ARV.

Esse percurso apontou para uma proposta de pesquisa no formato de mestrado, sob a posição do corpo na teoria psicanalítica, a fim de produzir uma compilação sobre essa materialidade clínica; ou seja, a possibilidade de organizar um material que posicionasse o corpo enquanto categoria teórica para a prática. O recurso metodológico, sob orientação do

Prof. Dr. Christian Ingo Lenz Dunker, no IP-USP, entre 2008 e 2010, foi organizado na perspectiva de um estudo sobre a amplitude conceitual do termo “*estádio de espelho*” na obra de Lacan. Partimos da questão simplista e redundante sobre o termo na literatura em psicanálise e produzimos um material de referência, a partir dos textos do autor entre os anos de 1936 e 1964.

O *estádio do espelho* foi a expressão teórica a partir da qual partimos, e estabelecemos dois cortes nessa teoria, orientando-se pelas propostas lacanianas para o termo, seguindo o eixo do esquema óptico. O primeiro foi o de diferenciar *teoria*, *temas* e *conceitos* relacionados ao *estádio do espelho*, apontando para a diferença entre teoria e texto de 1949, e o segundo o de propor uma análise para a teoria que contemplasse a noção de imagem, pela imagem especular, o conceito de significante, pelo traço unário, e a posição do *Real* enquanto o resto não especularizável.

Disto, concluímos que Lacan rodeava as bordas de uma teoria sobre o sujeito em psicanálise, suas operações de constituição e operadores fundamentais, como os tão conhecidos pela teoria da constituição do sujeito.

13. Problemas da *referência* e da *temporalidade* para o conceito de *estrutura*

Dentre muitas contribuições e conclusões sobre o *estádio do espelho*, uma, em particular, continuava a ressoar em mim: a questão da referência e do tempo em relação à constituição. Lacan insistiu nessa teoria sobre uma relação com a temporalidade que não se reduzia exclusivamente à cronologia do desenvolvimento, mas articulava-se ao produzido, de uma relação lógica, pelo efeito de uma operação de identificação. Trata-se de um momento que permitia extrair o índice-efeito daquilo abordado por tal teoria, a saber, entre os seis e dezoito meses havia a possibilidade de uma inscrição determinante na subjetividade humana que orientaria *enquanto irredutível e estrutura de insistência* todas as relações posteriores do sujeito no campo social, enquanto modelo de laço com o outro semelhante e posição no campo da linguagem e ato de fala pelo ato de reconhecimento de si numa imagem e forma de referência, essa denominada *i(a)* ou *imagem especular*.

No texto de 1949, Lacan é explícito em afirmar que o efeito produzido pela identificação diante de uma imagem, pelos avatares do reconhecimento, implica uma “*linha de ficção, para sempre irredutível para o sujeito isolado*” (LACAN, 1949/1998, p. 98). Isto é, há algo marcado

tão precocemente e de forma decisiva para o sujeito humano que, quando inserido no laço social, e independente “*das sínteses dialéticas*”, esta estrutura permanece.

Essa forma, aliás, deveria ser designada por [eu]-ideal, se quiséssemos reintroduzi-la num registro conhecido, no sentido em que ela será também a origem das identificações secundárias, cujas funções reconhecemos pela expressão de normalização libidinal. Mas o ponto importante é que essa forma situa a instância do eu, desde antes de sua determinação social, numa linha de ficção, para sempre irreduzível para o indivíduo isolado – ou melhor, que só se unirá assintoticamente ao devir do sujeito, qualquer que seja o sucesso das sínteses dialéticas pelas quais ele tenha que resolver na condição de [eu], sua discordância de sua própria realidade (LACAN, 1949/1998, pp. 97-98)

Tratava-se de uma referência estrutural para a subjetividade humana, aos termos de uma determinação inconsciente? Qual o espectro do termo “*determinação*”? A quê Lacan se referia? Eu já havia circulado o suficiente pela teoria psicanalítica para automaticamente fazer a relação com a tão famosa fase estruturalista de Lacan, e a formulação sobre a encruzilhada estrutural de arranjo inconsciente para o sujeito humano, enquanto instante decisivo para as possíveis estruturas, no aspecto diferencial entre *neurose*, *perversão* e *psicose*.

Ainda mais, nas supervisões clínicas quando diante dos impasses clínicos, não raro, a referência direta do trabalho se concentrava em estabelecer as diferenças discursivas dos pacientes sob os termos *neurose*, *perversão* ou *psicose*, para analisar os efeitos produzidos, por estratégias e táticas possíveis, com determinadas intervenções. Ou seja, da questão estrutural tão decisiva ser marcada por um momento tão precoce para a experiência diagnóstica em supervisão, eu sempre me questionava da consistência conceitual que permitia uma distinção criteriosa no diagnóstico *estrutural*. “*Pois, como recuaríamos em ver que o que exigimos da estrutura, quanto ao ser do sujeito, não pode ser deixado de fora de fora de questão naquele que o representa eminentemente (por representa-lo no ser, e não no pensamento, como faz o cogito), ou seja, o psicanalista?*” (LACAN, 1966a/2003, p. 208).

Lacan organiza uma teoria da constituição do sujeito, na qual afirma que a subjetividade não é efeito puro da materialidade orgânica tampouco desenvolvida de forma inata ou genética, mas que é possível formalizar uma teoria da constituição do sujeito, contemplando tanto um conjunto de leis que regem o modo de funcionamento geral da subjetividade quanto na particularidade do sujeito em relação ao campo da linguagem. Trata-se da noção de estrutura em sua acepção psicanalítica, correlacionando *linguagem*, *sujeito*, *significante*, *ser* e *resto*.

Essa insistência em convocar o sujeito demanda esclarecimentos sobre o quê significa esse conjunto.

O campo da teoria da constituição do sujeito, em Lacan, significa explicitar um modo de compreender a aquisição da linguagem pelo sujeito humano como que vinculada diretamente à possibilidade de inscrição no campo do Outro²¹, de cujo efeito se extrai uma função, a de sujeito, a partir do encadeamento entre dois dos elementos desse campo, a saber, o significante.

O campo material dos significantes é campo do Outro, e isso implica um conceito que remeta ao lugar no qual os significantes fiquem dispostos para que o indivíduo humano alcance seu estatuto de sujeito, em psicanálise. O inconsciente como lugar privilegiado em que a linguagem evidencia seu estatuto de campo implica a possibilidade de articulação significativa, ao modo como se faz uso dos signos e significantes dispostos no código linguístico a que se está inserido, e, portanto, definindo um conjunto de relações entre os elementos da subjetividade. Ou seja, a constituição do sujeito enquanto operação de inscrição do ser no campo é o principal referente para a formalização do funcionamento dos elementos; logo, da estrutura subjetiva.

Segundo Eidelsztein (2003/2016), a definição entrelaçada de significante e sujeito, na máxima, “*o significante representa o sujeito para outro significante*” (LACAN, 1960c/1998, p. 833; 1976e/2007, p. 150) permite uma dupla interpretação para a ideia subjacente ao texto lacaniano, sobre a divisão subjetiva, na estrutura de linguagem, quando se dobra a referência ao termo “*outro*”, caso venha a utilizá-lo como “*Outro*”. Com esse trocadilho, o autor aponta para a perspectiva dos registros *Imaginário* e *Simbólico* na formulação de Lacan sobre a constituição do sujeito e a inclusão da própria dimensão corpórea nessa teoria, evitando dessa forma uma interpretação totalizante e transcendental para este conceito psicanalítico.

A fórmula de Lacan, em especial a segunda modalidade, estabelece um grau de limitação na concepção de sujeito, que erradica o perigo de cair numa cosmovisão. Dizer que um sujeito é o que um significante representa ante outro/Outro, é afirmar que para o sujeito, como é considerado na perspectiva da psicanálise, as relações entre os significantes e os sujeitos são determinantes essenciais. (EIDELSZTEIN, 2003/2016, p. 40 – minha tradução)²²

As bases do texto lacaniano que permitem a Eidelsztein afirmar essa sutiliza conceitual pode ser encontrada em afirmações sobre a causalidade da constituição subjetiva, e a

²¹ A suposição de inscrição no campo do Outro, ou campo da linguagem demanda o esclarecimento sobre: *quem se inscreve no campo do Outro?* Há três instâncias correntes no discurso de Lacan: *ser, sujeito* e *Eu* (Moi), e estão conjugados na ampla teoria da constituição do sujeito. Discuto os derivados da pergunta sobre a inscrição e a necessidade de supor essas três categorias distintas na seção 3.3. *Ser, sujeito e Eu: a montagem da estrutura pelo corte significante*.

²² “*Decir que un sujeto es lo que un significante representa ante otro/Outro, es plantear que para el sujeto, tal como se lo considera desde la perspectiva del psicoanálisis, las relacionaes entre los significantes y los sujetos serán determinantes esenciales*”. (EIDELSZTEIN, 2003/2016, p. 40)

importância da função do Outro em seu suporte de outro, tendo em vista que a subjetividade não é um produto natural ou proveniente de uma operação exclusivamente do “*si mesmo*”: “*portanto, não é o fato de essa operação se iniciar no Outro que a faz qualificar de alienação. Que o Outro seja para o sujeito o lugar de sua causa significativa só faz explicar, aqui, a razão por que nenhum sujeito pode ser causa de si mesmo*” (LACAN, 1960c/1998, p. 855).

É desta articulação que Lacan organiza uma teoria das estruturas, e, como se costuma ser convocada pela literatura psicanalítica, está diretamente vinculada à elaboração de sua reinterpretação do Édipo freudiano; ou seja, aparentemente a teoria do Édipo incide diretamente no esclarecimento da constituição da estrutura subjetiva. Mas de todas as três estruturas, *neurose, psicose e perversão*? Retorno extensamente a esse ponto no segundo capítulo da tese, “***Estruturas clínicas e os três registros RSI***”, na seção 2.3. “Considerações críticas sobre a teoria do complexo de Édipo”.

É justamente nesse sentido que o complexo de Édipo, na medida em que continuamos a reconhecê-lo como abarcando por sua significação o campo inteiro de nossa experiência, será declarado em nossa postulação como marcando os limites que nossa disciplina atribui à subjetividade: ou seja, aquilo que o sujeito pode conhecer de sua participação inconsciente no momento das estruturas complexas da aliança, verificando os efeitos simbólicos, em sua existência particular, do movimento tangencial para o incesto que se manifesta desde o advento de uma comunidade universal. (LACAN, 1956a/1998, p. 278)

Faria (2010) discute o ponto:

Nessas diversas maneiras [*a autora discute as diferentes formas de resolução do Édipo freudiano, e da questão da castração*] de posicionar-se em relação a castração, é necessário distinguir o que é absolutamente particular (e depende, assim da forma singular da relação de cada sujeito com os significantes que o marcam) daquilo que aparece como estrutural (e que pode ser relacionado à estrutura clínica como forma generalizável de resposta ao Real...). Essa distinção, devemos a Lacan, cuja teoria permitiu organizar a psicopatologia freudiana em torno de três grandes estruturas clínicas: neurose, perversão e psicose. (FARIA, 2010, p. 88 – grifo incluído)

No texto incluído na obra *Escritos* (1966/1998), “*Resposta ao comentário de Jean Hyppolite sobre a ‘Verneinung’ de Freud*” (1956b/1998), Lacan discute a questão da noção estrutural e afirma a importância deste tema no esclarecimento do funcionamento subjetivo correlativo às suas diferenças estruturais e suas formações psicopatológicas, na precisão da teoria sobre o sujeito em psicanálise, mas também sobre a teoria da técnica na experiência clínica.

Para tanto, extrairei de dois campos diferentes dois exemplos como premissas; o primeiro, do que essas fórmulas podem esclarecer sobre as estruturas psicopatológicas e, ao mesmo tempo, fazer compreender na nosografia; o segundo, do que elas fazem

compreender da clínica psicoterápica e, ao mesmo tempo, esclarecem quanto à teoria da técnica. (LACAN, 1956b/1998, p. 385)

Essa questão demanda uma arquitetura de análise sobre o quê os comentadores tendem a situar o pensamento de Lacan, desde a década de 1950 até os anos de 1960, em o período *clássico de Lacan* (MILNER, 1996) ou *primeira clínica* (MILLER, HENRY & JOLIBOIS, 1997/1998). Pois, se houver um período essencialmente estruturalista, ele estaria demarcado até o momento em que o autor lança seu conceito inovador e propriamente autoral, o *objeto a*. Embora já tenhamos sinalizado, nas entrelinhas, que essa questão possa ser uma falsa questão, talvez ela seja uma maneira resolutiva de eliminar certas dificuldades na elaboração da teoria do *sujeito*, e principalmente sobre a definição do *Simbólico* e do *símbolo*, que tocarão decisivamente a teoria do *significante* em psicanálise, desde certas inserções de Lacan. Não me furtarei de apresentar ainda mais essa problemática ao longo da tese.

Ainda assim, pode-se colocar em voga algumas outras questões sobre esse momento decisivo e, de certa forma mítico, na relação do *ser* em sua inscrição no campo da linguagem, principalmente em relação ao estatuto do *significante*: a incidência dos significantes primordiais e a inscrição da metáfora paterna são os determinantes para a definição da estrutura? Mas de qual? Ou diante de uma causa outra, estes seriam elementos disponíveis específicos da estrutura? E de qual? Lacan ao se referir a uma simbolização primordial, aponta para a noção da *estrutura* em psicanálise. Ao mesmo tempo afirma que há diferentes formas de arranjos estruturais, e que demandam um mapeamento teórico sobre elas.

O aspecto mítico desse momento fundante encontra-se na necessidade teórica de se supor que a subjetividade é um efeito de constituição, tendo em vista as hipóteses genéticas e inatas sobre as aquisições de fala e linguagem. Ainda mais, há uma dimensão ética envolvida, tendo em vista que a particularidade estrutural deve ser considerada em seu índice de resolução diante de um “*drama*” como Lacan mencionou, e não numa proposta de manejo que auxiliaria a escolha de uma resolução em detrimento de outra. Ou seja, o aspecto mítico deve ser enfatizado para que essa teoria estrutural não permita aos psicanalistas a ilusão de que seria possível manejar a fim de uma transição entre uma estrutura ou outra. No horizonte, essa é uma questão teórica de fundamental importância, pois a depender de como se concebe teoricamente isso implica uma prática, como se pode apreender no *problema da referencia*, a ser elaborado a seguir.

A definição das estruturas - *psicose*, *neurose*, *perversão* - e os arranjos típicos encontrados na clínica pelos efeitos de retorno, próprios e específicos de cada estrutura na

subjetividade, a que estaria vinculado diretamente com operação de significação do símbolo podem implicar importante problema a ser debatido sobre a noção de *símbolo*, e consequentemente do *Simbólico*, quando estes podem ser considerados sob a influência do contexto ou dos códigos da língua. Isto é, se o código muda, e, portanto, o contexto e o *Simbólico* também, haveria uma necessidade de rever a cada época o conceito de estrutura, ainda que Lacan o tenha pretendido como uma fórmula geral e independente do referente contextual, aos moldes do *estruturalismo*.

Quando se trata do simbólico como aquilo em que o sujeito se engaja em uma relação propriamente humana, quando se trata de um engajamento do sujeito exprimido no registro do eu, por um eu quero ou eu te amo, há sempre algo de problemático. O elemento temporal é muito importante de se considerar, estabelecendo todo um registro de problemas que devem ser tratados paralelamente à questão da relação do simbólico e do imaginário. A questão da constituição temporal da ação humana é inseparável da primeira. [...]. Aí também, para compreendê-la, é preciso partir de uma noção estrutural e, se podemos dizer, existencial da significação do símbolo. (LACAN, 1953/2005, p. 35)

A questão da decisão estrutural também tem sido alvo de grande debate na literatura psicanalítica, que normalmente vem como resposta à questão de “*quando se decide pela estrutura?*” ou melhor, “*quando se define que tal subjetividade opera segundo tais mecanismos, como recalçamento, desmentido ou forclusão?*”? Isto, obviamente, não se revela só um problema pela questão ontológica, mas também nas consequências do entendimento do que significa uma *estrutura*, ao mesmo tempo a compreensão do modo que cada *estrutura* funciona e, principalmente, sobre o momento em que isso se configura. Trata-se de um dos pontos de apoio para o terceiro capítulo “**A noção de estruturas clínicas: operações primordiais e operadores estruturais**”.

Leganani e Almeida (2009), ao discutirem o tema da hiperatividade, lançam mão da hipótese de que a *estrutura* é não-decida no tempo da infância, e que por tal razão, no momento da decisão da *estrutura*, ou da constituição do sujeito, seria possível intervir e colher efeitos importantes (e menos patológicos). Há uma concepção tanto de estrutura quanto de constituição que envolve a possibilidade de manejar o *modo* como o sujeito se inscreveria no campo da linguagem, ou pelo menos uma suspensão da operação de validação ou invalidação da inscrição do símbolo. As autoras seguem uma importante forma de leitura do texto lacaniano, com representantes como o psicanalista francês Jean-Jacques Rassial, a psicanalista brasileira Leda Bernardino e o psicanalista brasileiro Alfredo Jerusalinsky.

Outra perspectiva bastante difundida é a da *forclusão generalizada* (*Verwerfung generalizada*). Antes de introduzir exatamente esta forma de compreender a estrutura, é possível

relacionar o termo com a operação descrita por Lacan no campo das psicoses, que como é sabido, está vinculada com a recusa radical de constatação do símbolo (ou nome-do-pai, como citado anteriormente). A tese da *foraclusão* generalizada é diferente da tese da *foraclusão* do nome-do-pai, e é vinculada diretamente com os conceitos introduzidos após os anos de 1960, quais sejam o *objeto a* e a topologia do *nó-borromeano* e *sinthome*²³. Essa hipótese monta uma leitura sobre as *estruturas* em que haveriam núcleos, caso possamos traduzir dessa forma a interpretação desse grupo de comentadores, nos quais a lógica fálica estaria destituída de sua função, e núcleos que funcionariam como os típicos casos clássicos, na direção fálica ou simbólica do Édipo. O efeito dessa leitura é que as operações não se referiam exatamente às estruturas, mas ao modo de como elas poderiam operar nas tópicas do aparelho, independentemente da divisão estrutural.

Pois se, num primeiro momento, a suplência é pensada em relação à *Verwerfung* inaugural e referida à estrutura psicótica, com a generalização da *foraclusão* como função do inconsciente, como falha estrutural no Outro, núcleo real do sintoma, podemos pensar numa clínica de suplências que se estende à neurose e à perversão. (LACET, 2004, pp. 243-44)

Tendo em vista esta discussão sobre o *problema da referência e da temporalidade* no conjunto das *estruturas*, na literatura psicanalítica sobre a obra de Lacan no período pós inserção do *objeto a*, e da formalização dos três registros *RSI* no *nó-borromeano* em 1970, encaminhamos a discussão introdutória do trabalho apontando para outra perspectiva derivada do tratamento dado para a obra do Lacan ao que poderíamos chamar do problema da *permanência conceitual*.

Este problema está sustentado diretamente sobre a hipótese de que a noção de *estrutura* não se mantém na obra lacaniana, e principalmente após as reformulações dos anos de 1960, como podemos encontrar, principalmente, nas formulações de *Jacques-Alain Miller*²⁴ discutidas a seguir.

²³ Este termo complexo é apresentado por Lacan, nos anos de 1970, e exigiria um trabalho inteiro para discuti-lo, pois ele estaria diretamente reposicionado sobre o que, nos anos de 1950, seria o *nome-do-pai* na neurose. A diferença consistiria, segundo esta linha de pensamento da *foraclusão* generalizada, uma possibilidade conceitual para todas as três estruturas; o que levaria a uma ideia de abandono das estruturas, dado que a compreensão recairia sobre o modo de enlaçamento do *nó-borromeano* pelo *sinthome*.

²⁴ J.A. Miller é um importante psicanalista francês, além de ser genro, comentador e guardião do material produzido e ainda inédito de Lacan.

14. *Problema da permanência conceitual*

A afirmação de que o termo *estrutura* esteja diretamente relacionado com a possibilidade de esclarecer o “*para sempre*” irredutível sobre o sujeito humano em um momento tão precoce, a partir do mencionado na teoria do estágio do espelho, implica uma noção de *estrutura* em psicanálise que forneça a possibilidade de elencar os elementos de operação sobre um ou vários modelos sistêmicos de funcionamentos da subjetividade, e esta abre a possibilidade para esclarecimentos sobre os fenômenos clínicos.

No entanto, essa possibilidade de leitura estrutural é descrita numa dimensão ultrapassada no repertório da obra de Lacan, ao passo de uma consequência do modo de abordar a teoria empreendida. O problema de permanência da noção estabelecida sobre o termo *estrutura* advém sob o argumento da formalização do conceito de *objeto a*, especificamente, na década de 1960, da teoria dos quatro discursos e da tríplice *Real*, *Simbólico* e *Imaginário* nos anos de 1970, pois tais reformulações posteriores aos anos de 1950 talvez elucidem problemas encontrados em tal momento, e, portanto, agregando valor conceitual a uma elaboração *estrutural* que entraria em desuso no fim de sua obra.

As consequências da hipótese de abandono são bastante significativas sobre conceitos fundantes da psicanálise, por exemplo que uma *teoria do sujeito* não estaria condizente com a qualidade do *falasser*, ou *ser-falante*, que o autor procura articular antes de sua morte, a partir dos anos 70, de uma concepção de *linguagem* e também do *inconsciente*: sendo esses termos eixos fundamentais para a *noção de estruturas clínicas*.

Essa denominação *falasser*, ou *ser-falante*, deriva do neologismo cunhado por Lacan como *parlêtre*, e passa a ser bastante discutido na literatura dos comentadores, a partir dos anos de 1980, como um substituto da concepção de sujeito na teoria psicanalítica lacaniana. Eidelsztein (2008/2017) discute essa dicotomia no capítulo “*A concepção clínica da neurose*” (minha tradução), e afirma existir uma diferença significativa entre *sujeito*, *falasser* e *indivíduo*, mas não que alcança uma linha argumentativa de exclusão mútua entre os termos, mas surgem para responder a problemas distintos do arcabouço teórico, a saber, a fundamentação sobre a *linguagem*, *corpo* e *discurso sociológico*. É interessante pontuar que essa discussão realizada por Eidelsztein apareça vinculada a um dos termos-chaves de nossa investigação: a neurose.

Em outra perspectiva, que me debruçarei com mais cautela, e visa a representar a ideia da interpretação da tese do abandono da concepção, pode ser sintetizada em Barroso (2012).

É no seminário, livro 20: Mais ainda (1972/1992) que tem lugar a questão do corpo enquanto corpo de gozo, aspecto até então relegado a segundo plano e que se mostra paulatinamente, fundamental para se pensar a questão do inconsciente. Abre-se aí o terceiro e último momento do ensino lacaniano, marcado pela noção de inconsciente real, que enfraquece a proposta do inconsciente estruturado como uma linguagem e permite fazê-lo emergir enquanto puro campo do gozo não-fálico, ainda que seja o simbólico que o contenham e o faça existir. Prepara-se terreno para o surgimento, poucos anos mais tarde, do conceito de *fallasse*, explicitado no seminário 23 (Lacan, 1975-76/2007). A questão do gozo, então, atinge seu ápice na psicanálise lacaniana, sendo incorporada ao que até então se compreendia como sujeito. O que se procura na fala não é mais a resposta do Outro, mas a satisfação, o gozo fora de qualquer mediação. (BARROSO, 2012, p. 156).

Diante desse problema, encontramos a possibilidade de uma investigação criteriosa sobre a *permanência da leitura estrutural*, considerando que, talvez, haja uma nova forma de abordar tais considerações sobre o *sujeito* e sua relação com a inscrição no campo da linguagem e as leituras hipotéticas sobre a tradução encontrada na clínica. Toda a sorte de consequências que se vislumbra sobre as novas formas de subjetividade, sintomas contemporâneos e a hibridez do diagnóstico nos parecem soluções paliativas diante do hiato que se encontra entre os escritos de Lacan e a interpretação de seus comentadores.

Por exemplo, J.A. Miller, ao forjar o constructo teórico “*psicose ordinária*” nas seções clínicas do Campo Freudiano em Paris, entre os anos de 1996 e 1999, afirma que as consequências desta nova maneira de conceber o diagnóstico em psicanálise apagam as diferenças conceituais para a noção de *estrutura* e relativizam as fronteiras entre a divisão clássica para a *neurose* e *psicose*, endereçando tal semântica teórica ao que Lacan procurava transmitir em seu ultimíssimo ensino.

Diante das afirmações de Miller que culminam na produção “*A psicose ordinária – a convenção de Antibes. Efeitos de retorno sobre a psicose ordinária (Jacques-Alain Miller)*” reeditada e publicada no ano de 2012 no Brasil (BATISTA & LAIA, 2012), há uma corrente de pensamento importante que sustenta uma modalidade de clínica na qual o diagnóstico é menos importante que o modo como o *ser-falante* produz uma amarração do *RSI*. O raciocínio implícito na lógica discursiva alcança o ponto de descarte de todo um conjunto da obra de Lacan, a fim de que a psicanálise se torne a *clínica do Real* (RIOLFI, 2014).

O diálogo com essa leitura da teoria lacaniana demanda esclarecimento sobre a permanência conceitual das estruturas, do diagnóstico diferencial e da série *linguagem*, *significante*, *Simbólico* e *sujeito* na teoria psicanalítica de Lacan, quando este passa a tratar o registro *Real* em sua obra, se é que ele já não estivesse fazendo desde o início de seu percurso.

Um derivado desta primeira hipótese é a permanência da *concepção de linguagem*, enquanto campo no qual há a prevalência do *significante* sobre o *significado* na significação,

estabelecida desde o início da década de 50 com a linguística - ainda que hajam diferentes linguistas com concepções sobre a linguagem particulares e com nuances distintivas entre si, por exemplo *F. Saussure*, *R. Jakobson*, *L. Hejmslev* (1899 – 1965) e *N. Chomsky* (1927 -).

A necessidade de retomar, como num retorno à teoria de Lacan, parte de um comentário, que representa a orientação de pensamento de um grande conjunto, realizado por *Lilia Mahjoub*, psicanalista francesa, no encontro de 1994, promovido por *Miller* sobre o seminário que inaugura a noção de psicose ordinária, primeira de uma série que culmina na clínica do *Real* ou clínica do *Sinthome*.

Este grupo promove uma interpretação do texto de Lacan que afirma uma espécie de corte na teoria, comungando uma espécie de uma última teoria lacaniana, referida ao *Real*, ao gozo e ao *Sinthome*, em detrimento de um primeiro Lacan, *Simbólico*, da teoria do *falo*, do significante *Nome-do-Pai* e do conjunto para o termo sentido atrelado aos efeitos do inscrito pelo complexo de Édipo.

Há, primeiramente, a concepção de linguagem como campo: é o Outro prévio, o simbólico. E isso vai até a época de “O aturdito” (1973), no qual Lacan fala do fato de habitar a linguagem. [...]. Mas há outra concepção de linguagem, que surge perto do fim do ensino do Lacan, que é a linguagem como parasita. É o que ele diz a propósito de Joyce. Ali, com efeito, o gozo está concernido e a linguagem é parasitária para todos. Há uma decisão do ser, ser ou não ser parasitado pela linguagem. Aí, não se trata mais, de forma alguma, de um Outro simbólico; trata-se de uma concepção em que um outro efeito da linguagem está concernido; a saber, a letra. Tomar a linguagem como parasita permite-nos, de fato a ver, como são os ligamentos, os desligamentos e os rearranjos [...]. Isso nos dá uma clínica da psicose ordinária. (BATISTA & LAIA, 2012, p. 283)

No entanto, ainda assim, Lacan insiste em 1976, ao falar de Joyce no “*O sinthoma*” (1975-76) não só uma consideração sobre o inconsciente estruturado como linguagem, como afirma a radicalidade da materialidade inconsciente estruturado como uma linguagem.

Eu disse que o inconsciente é estruturado como uma linguagem. É estranho que se possa também chamar desabonado do inconsciente alguém que joga estritamente apenas com a linguagem, ainda que se sirva de uma língua entre outras e que é, não a sua – pois a sua é justamente uma língua apagada do mapa, a saber, o gaélico, da qual ele sabia alguns pedacinhos, o bastante para se orientar, mas não muito mais - , portanto, não a sua, mas aquela dos invasores, dos opressores. (LACAN, 1976e/2007, p. 162)

Talvez pelo estilo de Lacan na transmissão da psicanálise, há a possibilidade de uma aproximação teórica, ou pelo menos é possível um exercício epistemológico de aproximação entre duas definições: entre (1) a proposta de linguagem parasita de *Mahjoub* (endossada por *Miller*) com (2) a língua invasora; língua opressora referida por Lacan. A dicotomia, inaugurada

por Saussure entre língua e fala, e que Lacan a rearticula, pode nos lançar luz sobre esse problema, considerando que as definições de linguagem, língua e fala são distintas entre si. Considerem que Lacan aponta para uma opressão em relação à língua, e não em relação à linguagem, como afirmam comentadores.

A semelhança estaria na vetorização entre sujeito e uso da língua no campo da linguagem, isto é, algo de uma estrutura de borda (e este termo²⁵ é utilizado por Lacan com insistência, no Seminário 16 “*de um Outro ao outro*” (1968-69) na relação possível entre sujeito, corpo e linguagem) que calcada numa erosão que posiciona o sujeito atravessado e invadido pela língua, ou, parasitado pela linguagem. Esta implicação sobre a noção de linguagem – do campo do Outro para parasitária, insiste quando o *Real* e o aparelho do *Gozo* passam a tomar o primeiro plano na teoria de orientação lacaniana, como referido acima, na perspectiva de que o *Real* assume uma prevalência irrevogável, afirmando que o inconsciente estruturado como uma linguagem (transferencial ou interpretativo, ou das estruturas clínicas, como afirma) encobrisse o verdadeiro objeto da psicanálise; o inconsciente *Real* (a ser tocado pelo próprio *Real*). A consequência clínica desta política incide sobre a razão diagnóstica em psicanálise de orientação lacaniana, na qual afirma-se um apagamento da *noção estrutural* no diagnóstico diferencial, ou como afirma Miller (2011b, p. 10):

Evoca-se uma nova clínica psicanalítica – certamente tenho algo a ver com isso – que se desenvolveria a partir do finalíssimo ensino de Lacan e superaria a antiga. Seria, dizem às vezes, a clínica borromeana, em oposição à clínica estrutural (que insiste na distinção neurose e psicose, ou para ser completo, neurose, psicose e perversão). (Miller, 2011b, p. 10)

Ainda que hajam consequências diretas para a experiência clínica, problemas teóricos derivados desta hipótese *milleriana*: pergunto: “*Na clínica do Real, o que é tocar o Real pelo Real?*” Respondo: Deve estar no material ainda não publicado, ou como afirma Miller: “*O derradeiro ensino de Lacan constitui-se exatamente de dois seminários: o 24, que segue sobre o sinthome, e o 25. Eu os publicarei em um único volume, 25 seminários em 24 volumes*” (MILLER, 2011a, p.187).

²⁵ “Aqui, ele [o objeto a como resíduo em sua função do Outro em seu conjunto] está num lugar que podemos designar pelo termo *êxtimo*, conjugando o íntimo com a exterioridade radical. Ou seja, isso de dá na medida em que o *objeto a* é *êxtimo*, e puramente na relação insaturada pela instituição do sujeito como efeito da relação significante, e como determinando por si só, no campo do Outro, uma estrutura de borda”. (LACAN, 1969b/2008, p. 241 – meu colchete incluindo a referência ao pronome *ele*).

Insisto: Se a nomenclatura estrutural está invalidada no derradeiro Lacan, por qual razão usar o termo psicose, no constructo psicose ordinária? Não haveria uma confusão entre a noção de *estrutura* e os fenômenos que derivam dela?

Vale ressaltar que há outra posição política e ética diante da obra do Lacan, sobre os quais nos dedicaremos em outro momento desta tese, mas que no entanto estão divididos em dois subgrupos: (1) Aqueles que não descartam a teoria inicial de Lacan e procuram criar tessituras da produção final com a teorização estrutural, num modo elíptico, e outro, (2) Não descartam a teoria inicial, mas procuram relativizar as fenomenologias contemporâneas para além da noção estrutural, numa espécie de variabilidade sintomática – como se o determinante fosse o fenômeno. Esses dois conjuntos se relacionam com aqueles trazidos anteriormente, nesse trabalho, sobre o manejo na estrutura ou aquele da *Verwerfung* generalizada. É com esses grupos que debateremos ao longo de todo o desenvolvimento dessa tese.

A segunda hipótese a ser apresentada é referida pela permanência da teoria do *Simbólico* em seus aspectos relacionados ao *símbolo*, comumente citado por *Nome-do-pai*, e as duas principais operações no enlace entre *Simbólico* e *Real*, *Bejahung* e *Verwerfung*, e o operador *Falo*, implicando a definição entrelaçando significante e sujeito “*o significante representa o sujeito para outro significante*” (LACAN, 1960c/1998, p. 833). Se há a queda do nome-do-pai, não haveria mais *Simbólico*?

Miller faz duas afirmações importantes sobre a concepção de *Simbólico* e campo do Outro. A primeira retoma o *matema* $S(\mathbb{A})$ e a consequência sobre a linguagem em incluir um furo em sua estrutura. No entanto, o salto lógico que Miller realiza produz uma interpretação de que não há Outro²⁶, e portanto, o conjunto dessa definição implica o abandono de concepções como a de *sujeito*. “[...] *o discurso analítico é articulado em torno de um corte, articulado em torno de uma desconexão da relação do significante. [...] Lacan disse precisamente que essa falha entre S_1 e S_2* ²⁷ *é o que traduz seu matema $S(\mathbb{A})$, traduzido como: não há Outro*” (MILLER, 2011b, p. 160).

No avesso de Lacan, em que o Outro é destituído, o sujeito é pensado a partir do real, do simbólico e do imaginário, como sendo estas três consistências. Aliás, eu me

²⁶ A referência não parece remeter à não há Outro do Outro.

²⁷ A despeito de utilizar nessa tese a redução S_1 e S_2 – isso é, S maiúsculo e 1 ou 2 em caixa baixa – para remeter à expressão significante um ou significante dois, mantenho o modo de escrita que a edição do trabalho de Miller sustenta para essa expressão. Minha posição em manter a caixa baixa para os números que indicam os significantes primordiais consiste em apontar que: o aspecto distintivo entre os significantes mestres consiste no tratamento *Simbólico* que é possível quando o espaço entre os significantes revela a própria impossibilidade de um significante se auto significar, ou seja, do impossível ao *Simbólico* de posicionar uma ordenação aos significantes advém de uma operação subjacente, em caixa baixa, invisível aos olhos, mas não por isso menos fundamental.

engano ao dizer sujeito, pois não se trata mais do sujeito, do sujeito do significante, do sujeito da identificação, e sim do ser humano qualificado de falasser. (MILLER, 2011b, p. 110)

Miller afirma o primeiro momento da teoria Lacan na qualidade de clínica do sentido, tendo em vista sua preocupação em teorizar os registros *Simbólico*, e seu operador fundamental *Nome-do-Pai*, e *Imaginário*, com a Imagem especular *i(a)*. Nessa esteira de segmentação cronológica da teoria, como afirma Miller (BATISTA & LAIA, 2012, p. 282) em “*A psicose ordinária*”, Lacan substitui nas décadas posteriores a 50, o conceito que orienta a noção estrutural, isto é, o *nome-do-Pai*, por um conceito híbrido de *fora-do-discurso*.

Um constructo diferente implicaria diferentes clínicas psicanalíticas?

Aliado a isto, outra tese comumente sustentada baseia-se no esvaecimento da teoria estrutural conforme Lacan utiliza outras referências teóricas, principalmente as citadas após o a década de 60, momento princeps da formulação conceitual do *objeto a*, índice do *Real*. Ou seja, a noção estrutural cairia à mesma medida que o autor avança sobre o *Real*. Se Lacan avançou teoricamente sobre tal conceito, poderíamos afirmar uma clínica do real? Tal como houve com a teorização em Freud, diante da segunda tópica, com a psicologia do *Eu*?

Nesse ponto, localizo a importância da inicial desse trabalho, em relação ao problema da articulação teoria e clínica, e as determinações sobre a transmissão da psicanálise.

Em outra perspectiva, tal discussão pode ser verificada com outro importante comentador da obra do autor de referência, como Erik Porge (2006). Na citação a seguir, a qual pode contribuir para a justificativa da investigação presente projeto de doutorado, Porge retoma a questão da noção estrutural, e ao contrário de Miller no livro citado acima, afirma a pertinência e persistência das contribuições dos anos de 1950 até as últimas produções de Lacan.

A classificação neurose, perversão e psicose persiste em suas grandes linhas, mas se afina em função das elaborações novas de Lacan, principalmente com a invenção do objeto a, e pode talvez constituir o objeto de mudança de ponto de vista, ou permitir definir o que escapa a essa classificação. A classificação sofre remanejamentos mais importantes depois dos anos 1970, sob a influência de dois fatores principais: a escrita dos quatro discursos e a topologia do nó borromeano. (PORGE, 2006, p. 61)

Logo, a própria controvérsia teórica envolvida na perspectiva da classificação diagnóstica na clínica psicanalítica, pela via da noção estrutural, demanda uma investigação rigorosa, tanto no esclarecimento dos elementos operacionais presentes em cada uma das três orientações estruturais quanto nas reformulações possíveis dessa perspectiva, conforme Lacan utiliza novas elaborações de conceitos, por exemplo o *objeto a* na década de 1960 e da topologia dos três registros *RSI* pela via do *nó-borromeano* em 1970.

Há uma série de decorrências teórico-clínicas do questionamento destas definições sobre a noção de *estrutura*, como apresentamos principalmente na perspectiva com que Miller as concebe, por exemplo no abandono dessa concepção, reformulação na definição de sujeito e de linguagem, que demandaria uma análise cuidadosa do texto de Lacan sobre esses termos e suas correlações lógicas em proposições conceituais.

Sanches (2015) realiza um mapeamento bastante extenso sobre os discursos diagnósticos de comentadores do texto de Lacan, e aponta nesse trabalho, três grandes conjuntos de chave leitura sobre as consequências possíveis advindas das aberturas deixadas com a morte dele. O interessante é que a autora coaduna em certa medida com as discussões trazidas nessa introdução, e aponta que as dissonâncias encontradas no pós-lacanismo permitem diferentes concepções clínicas.

Apoiando-se lateralmente nessa pesquisa de Sanches (2015), somando-se ao intuito nessa tese, afirmo que as decorrências sobre o presente objeto de estudo são de tentativas de respostas construídas à exaustão desde os anos de 1980, e pode-se dizer que há uma divisão clássica entre (1) grupo que nega este conjunto estrutural porque conjuga a teoria do Complexo de Édipo à teoria de estrutura como uníssonos e homólogos, temporalmente demarcados como um dos elementos da *Primeira Clínica* de Lacan; e o (2) grupo que o considera de modo parcial, isto é, consideram tais elementos do conjunto, mas os reformulam com as flexões propostas por Lacan com o avanço de seu ensino.

Eidelsztein (2003/2016, pp. 45-81) aborda essa problemática da leitura da obra de Lacan, ao ponto de questionar se isso teria uma conotação de ensino, que versa sobre uma temporalidade linear e cronológica, sob o termo de um crivo interpretativo “evolucionista” da teoria lacaniana. As nomenclaturas de *clínica* dadas sobre a obra de Lacan, pelos comentadores, como por exemplo, das *estruturas freudianas*, que fundamenta a *clínica estrutural* em oposição à *clínica do objeto a*, *clínica do falasser*, ou por fim, a *clínica do Real*, segundo o autor, levanta um equívoco da dimensão do tempo nesses crivos interpretativos.

Porque implica um erro grave na concepção do tempo que é usado e, além disso, porque se baseia na noção de evolução. A noção de tempo na psicanálise requer as noções de antecipação e retroação, é o tempo do futuro anterior, sem o qual nenhum dos fenômenos subjetivos pode ser interpretado corretamente. Não se avança do passado para o futuro. (EIDELSZTEIN, 2003/2016, p. 59 – minha tradução)

Os conceitos que entram na discussão, em tom de oposição para os dois grupos descritos acima, referem-se à reconsideração sobre a teoria do *Simbólico* em seus aspectos relacionados ao *símbolo*, comumente referido como *Nome-do-pai*, e as duas principais operações no enlace

entre *Simbólico* e *Real*, *Bejahung* e *Verwerfung*, permitindo uma hipótese temporal – dividida pelas discussões entre cronológica desenvolvimentista ou lógica constitutiva.

15. Hipóteses fundamentais da tese

Seria possível, então, organizar uma definição de estruturas clínicas que contemple as diferentes organizações estruturais, vista a divisão clássica *neurose*, *perversão* e *psicose*? Se esta divisão se sustenta na obra lacaniana; como definir cada uma delas? Quais conceitos poderiam ser elencados enquanto operadores ou elementos operacionais em cada uma das três estruturas, que as façam conjuntos particulares e distintos entre si? Quais as operações que estariam envolvidas nas estruturas, tanto no sentido da gênese explicativa quanto nas formações fenomenológicas e nos efeitos discursivos, típicos de cada uma delas?

O termo *operadores* será definido cuidadosamente no terceiro “**A noção de estruturas clínicas: operações primordiais e operadores estruturais**”, na seção 3.2. “Segundo corte: operadores no enodamento dos três registros *Real*, *Simbólico* e *Imaginário* (RSI)”. No entanto, em termos de antecipação, acredito que determinados elementos da estrutura possam ser concebidos em sua função de unidades passíveis de serem manejados, como numa analogia do número para as fórmulas matemáticas, que em relação à estrutura poderia ser demarcado pela noção de *letra* e em sua suposição lógica de condição para o significante afirmar uma fórmula estrutural que a conjugação das letras opera a significação pelo significante, segundo leis e relações de articulação. Lacan aponta para uma possível sustentação dessa hipótese em “*A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud*” (1957c/1998), quando afirma que “*chamamos letra, ou seja, a estrutura essencialmente localizada do significante*” (LACAN, 1957c/1998, p. 505) ou na aproximação da linguagem como suplência diante do *Real* que não se inscreve, mas se escreve, desde a fração de ser o “*suporte que podemos encontrar ao não lermos senão letras?*” (LACAN, 1973c/2008, p. 54) Os elementos escritos no grafo do desejo podem ser concebidos como operadores, em sua condição de modalidades distintas de ordenação significante no ato de fala, para a *estrutura da neurose*, por exemplo

Novas questões se produzem e com elas, entendi que meu interesse pela pesquisa deveria contemplar dois campos: o primeiro relacionado com as disciplinas da linguística e da antropologia, a fim de cercar a posição do estruturalismo na temática, e o segundo com a psicanálise de orientação nos estudos de Lacan. Como escolher um orientador que dominasse

e se interessasse tal abordagem? O primeiro significativo que orientou tal procura foi “*linguística*”, o segundo “*psicanálise*” e a concatenação “*aquisição de linguagem*”, o terceiro.

Nessa trilha significativa, alcancei um nome: *Dra. Leda Verdiani Tfouni*, que na qualidade de professora titular da FFCL-RP/USP, desenvolve importante trabalho na área de análise do discurso de orientação francesa em sua relação com a teoria psicanalítica de Lacan. Suas propostas inovadoras na teoria do letramento apontam para uma modalidade de uso da linguagem e aquisição da lógica significativa que nos auxiliam a compreender a aquisição de linguagem para além das formalizações clássicas da pedagogia, além das contribuições realizadas sobre as operações de significação e uso da língua que ela propõe em suas análises, por exemplo, com a proposição dos genéricos discursivos, por exemplo como aplicado em Tfouni & Tfouni (2007).

Após o anúncio de seu interesse por tal projeto, então, iniciamos um refinamento no projeto e no material já decantado, aos moldes de uma transferência de trabalho suficientemente produtiva, e apontando que o domínio na área da linguística e da psicanálise de fato se comprovavam com as reuniões do grupo de pesquisa *Ad-Interfaces*, que, além de tudo que eu esperava, ainda me apresentou para a corrente de pensamento da Análise do Discurso de orientação francesa.

Recuperando o anúncio inicial, esse trabalho almeja tratar a questão do diagnóstico na clínica psicanalítica, segundo o conjunto temático da *noção de estrutura*, delimitando a lógica do diagnóstico estrutural, como um modelo para a singularidade dos arranjos significantes na estrutura. Em específico, a tese a ser sustentada é de que a *leitura estrutural* é um modelo de teorização da prática clínica, logicamente determinado pelo termo de *estruturas clínicas*, classicamente definidos por *neurose*, *perversão* e *psicose*, e que é possível reformula-lo a partir de dois passos lógicos, o primeiro aproximando as estruturas clínicas enquanto arranjos dos três registros *Real*, *Simbólico* e *Imaginário*, desde operações primordiais e operadores específicos a cada uma das estruturas, e em seguida pela formalização, a partir dos *enodamentos RSI*, com o *Nó-Borromeu* propostos a partir do ensino de J. Lacan.

A leitura estrutural é um modelo de teorização da prática clínica, e é possível reformulá-la a partir de arranjos dos três registros *Real*, *Simbólico* e *Imaginário*. Tendo em vista este mapeamento, as questões que norteiam este trabalho são: É necessário diagnosticar para exercer a psicanálise? A que serve tal exercício clínico? O que significa diagnosticar estruturalmente e “*quem*” se diagnostica? Qual o impacto do momento histórico para as categorizações da clínica psicanalítica?

Há um paradoxo fundamental para a questão do diagnóstico e, principalmente, para o tema das *estruturas clínicas*, a saber, não se pratica a clínica sem teoria e não se teoriza sem a clínica. O modo como se compreende e valida tal noção estrutural determina tanto a construção da teoria, vide os conceitos de *psicose ordinária* e dos *estados limítrofes*, quanto a prática clínica. Trata-se de um campo teórico muito vasto para a reflexão da clínica ou clínicas proposta por Lacan.

A fim de emoldurar os significantes aos moldes de um método de investigação, a questão principal e norteadora desde trabalho pode ser anunciada em “*Como definir a noção de estruturas clínicas na teoria psicanalítica de Jacques Lacan?*”. É deste entalhe interrogativo que sistematizamos três pontos nodais para a tese:

1. As *estruturas clínicas* em psicanálise: do conceito de *estrutura* para uma definição em psicanálise, que conjugue a noção de transferência.
2. A noção de estruturas clínicas: operações primordiais e os três registros *RSI*.
3. Estruturas clínicas e o *Nó-Borromeu*: a escrita de transmissão.

Em síntese, é a partir dessa concatenação que a proposta passa a ser delineada na tese sobre o termo *estruturas clínicas* dividindo-se em dois momentos privilegiados:

I. Momento *princeps* para a subjetividade humana em relação à linguagem, no qual há, enquanto decorrentes dos efeitos de identificação, como proposição para uma inscrição do ser no campo da linguagem ou em relação ao modo como os significantes são posicionados enquanto lugar no Outro, que acredito ser possível organizar teoricamente tais modalidades de inscrição a partir das definições de *Bejahung* e *Verwerfung* essencialmente, como Freud apresentou e Lacan se ocupou ao longo de toda sua obra;

II. Efeitos de enodamentos dos três registros *Real*, *Simbólico* e *Imaginário (RSI)*, pelo suporte de elementos operacionais, ou operadores lógicos, em relação à materialidade da linguagem denominada *significante*, que derivam e se encadeiam, organizando conjuntos distintos entre si e de funcionamentos particulares segundo leis que orientam o funcionamento da estrutura significante e, portanto, da posição subjetiva conforme a operação primordial de base, levando a operações e elementos operacionais particulares para as instâncias essenciais da subjetividade denominadas por *Ser*, *Sujeito* e *Eu* em cada uma delas.

O enlace desses dois momentos privilegiados organizará a extensão conceitual para “o inconsciente é estruturado como uma linguagem”, incluindo as possíveis inflexões, “*tesouro dos significantes*” e “*bateria de significantes*” desde o impacto da inserção das dimensões do *Real*, pela via do *objeto a* e do *gozo*, logo, apontando sua permanência no escopo teórico ao

longo da obra de Lacan. Eidelsztein (2017) realiza desdobramento semelhante, em relação ao grafo do desejo, e os pressupostos sobre a estrutura do sujeito, com os três registros *RSI*.

Se nosso ponto de partida é a estrutura do real, do simbólico e do imaginário para dar conta do sujeito com o qual opera a psicanálise, é necessário, em toda consideração teórica, partir da perspectiva dessa mesma estrutura. Então, se a estrutura é tal como a concebemos (real, simbólico e imaginário), para darmos conta do sujeito da psicanálise precisamos nos valer de uma estrutura real, simbólica e imaginária. (EIDELSZTEIN, 2017, pp. 15-6).

Esse enunciado proposto na tese procurará alcançar uma elucidação das consequências para cada uma das modalidades de inscrição, a partir da *Bejahung* e da *Verwerfung*, e dos possíveis modos de uso da materialidade significativa a partir desses dois conjuntos, e dos efeitos que derivam nos enodamentos subsequentes entre *Real*, *Simbólico* e *Imaginário* (*RSI*) que, de fato, sustentam e tornam-se a base dos elementos e operadores dos fenômenos particulares nas modalidades de inscrição, e que quiçá tocam a clínica, desde os desarranjos que o sistema pode promover para o *Ser*, para o *Sujeito* e para o *Eu* em psicanálise.

A síntese desses passos e um certo aprofundamento dos aspectos introdutórios da tese podem ser colocados, portanto, numa perspectiva epistemológica na qual a leitura da interface estruturalismo e psicanálise é apresentada, para em seguida ser realizada a montagem das construções essencialmente psicanalíticas sobre as estruturas clínicas, que se dividem em dois grandes momentos: o (1) da inscrição no campo da linguagem a partir das operações primordiais denominadas de *Bejahung* e *Verwerfung* e (2) dos efeitos subsequentes das operações que determinam operadores específicos e elementos operacionais em cada uma das estruturas derivadas do primeiro momento, pela via de suporte nos três registros *RSI*.

Assim, sustento os principais norteadores para a noção de *estrutura* nessa tese, e que nos levará à construção lógica das *estruturas clínicas* a depender da conjugação dos quatro primeiros, quando o quinto se coloca em transferência:

1. O campo da linguagem ou campo do Outro;
2. O significante e o vazio;
3. Operadores que expliquem o funcionamento do significante podem ser vislumbrados como aqueles que Lacan operacionalizou no grafo do desejo, por exemplo;
4. Operações fundamentais: *Bejahung* e *Verwerfung*;
5. O campo da fala, na dimensão do ato de fala.

Esse grande conjunto consiste em retomar e esclarecer as distinções sobre a teoria da constituição do sujeito em sua especificidade de operações primordiais que instituem, pela via

da *Bejahung* e da *Verwerfung*, os funcionamentos subjetivos distintos a depender de qual operação sustenta a inscrição do ser no campo da linguagem.

Primeiro pela razão do diagnóstico diferencial, expressão utilizada em relação a diferença entre *neurose* e *psicose*, ser comumente utilizado enquanto referência para a direção do tratamento na prática clínica, e, conseqüentemente por agregar o termo estrutura ao ato de diagnóstica na clínica, implicando conseqüências tanto teóricas quanto práticas. Isto demanda um conjunto argumentativo que vislumbre um estatuto para o encaminhamento da tese que seja desvinculado da materialização diagnóstica enquanto qualidade humana, mas em um recurso teórico-clínico atribuído em transferência por um analista na condução do tratamento, cujo intuito seja circunscrito exclusivamente nessa ótica. Tal ressalva epistemológica se faz necessária, a fim de evitar certos efeitos colaterais da prática diagnóstica comumente circulante nos discursos médicos, pedagógicos, psicológicos, incluindo o discurso psicanalítico.

Nessa perspectiva, discutir as bordas epistemológicas para o tema é necessário, e poderíamos sintetizar o passo inicial formulando outra questão, qual seja: “*É possível definir categorias diagnósticas sobre a particularidade subjetiva em transferência de modo a uma lógica?*”

É da própria rotina de nosso ensino fazer a distinção entre o que a função do Eu impõe ao mundo em fazer suas projeções imaginárias e os efeitos de defesa que elas retiram de mobilizar o lugar onde se produz o juízo.

E, afinal, não é tudo isso sabido e debatido desde sempre? E por que precisa Freud acrescentar à sua indicação que um juízo deve vir no lugar do recalque, senão porque o recalque já está no lugar do juízo? E quando contestam a função, que definimos, segundo Freud, como a da *Verwerfung* (*forclusão*), acaso creem refutar-nos ao observar que o verbo do qual esta é a forma nominal é aplicado por mais de um texto ao juízo? Somente o lugar estrutural em que se produz a exclusão significante varia entre os processos de uma judicatura unificadora pela experiência analítica. Aqui, é na própria sínfise do código com o lugar do Outro que jaz a falta de existência que nem a totalidade dos juízos de realidade em que se desenvolve a psicose conseguirá preencher. (LACAN, 1961/1998, p.677)

Na via de interrogar o que leva um sujeito a se posicionar aos moldes de uma estrutura ou outra, a conseqüência teórica imediata de tal posição é evitar qualquer categoria de valoração entre as estruturas; mas de esclarecer o sistema operacional de uma estrutura, ou das estruturas, bem como os elementos operacionais de cada uma delas nas produções discursivas e de fala. O primeiro passo para esta análise, então, seguindo a pista de Lacan sobre a simbolização primordial ou da função do símbolo na subjetividade, implica elucidar as operações de *Bejahung* (negação subjacente a uma afirmação que implica constatação e aceitação do símbolo) e *Verwerfung* (recusa da constatação da negação, cujo efeito é de ejetar a diferença),

pelas quais Freud, no texto de 1925, “*A negativa*”²⁸, afirma serem decisivas na relação do sujeito com o símbolo, e consequentemente determinantes na possibilidade de formação do *eu* e dos juízos atribuição e existência.

A lógica da teoria da constituição do sujeito em Lacan demarca um momento no qual, a partir de operações primordiais, aqui apresentadas como *Bejahung* e *Verwerfung*, estruturar-se-iam, pelos efeitos dessas operações, elementos que estariam em operação e permitiram efeitos de sustentação significativa com leis e produtos específicos. Esse é o primeiro ponto de aporte que acreditamos situar uma articulação para a inscrição no campo da linguagem, e consequentemente conjuntos distintos em lógicas subjetivas, denominadas por estruturas em psicanálise. É necessário supor um primeiro momento de inscrição a partir dessas duas operações que Lacan desenvolve no texto “*Resposta a Jean Hyppolite*” (1956b/1998), recuperadas do texto de Freud “*A negativa*”, de 1925.

Essa discussão foi levada à cabo por mim num artigo publicado, em uma revista eletrônica de psicanálise, *Lacuna*²⁹, na qual se tem uma seção de debate, desde temas espinhosos e abertos em conclusões, com posições que defendem teses diferentes sobre o abordado. Em 2016, participei desse debate sobre o tema dos *Estados-Limite* em contraponto com a noção *diagnóstica estrutural* (MADEIRA e BONI JUNIOR, 2016). Ali, apresentei um breve panorama das consequências de inscrição no campo da linguagem, quando orientado pelas operações primordiais citadas acima, em que a questão do símbolo, do simbólico, do significativo, e em especial a metáfora e o nome-do-Pai são circunscritas a um tipo de arranjo específico, a saber, a neurose.

É a própria operação primordial de *Bejahung* e *Verwerfung* que orienta o modelo de funcionamento do significativo, e, portanto, de dois grandes grupos estruturais: um referido pela articulação simbólica possível entre significantes, e outro no qual a articulação opera pela organização do significativo com outro significativo pelo estreitamento imaginário — ou de signo. É a partir dessas afirmações que se torna possível argumentar a hipótese de que há diferentes mecanismos e elementos operacionais específicos em cada uma das estruturas, quando diante da simbolização primordial ou da relação sujeito com o campo da linguagem. (MADEIRA e BONI JUNIOR, 2016)

²⁸ A tradução do texto “*Die Verneinung*” de Freud que foi utilizada nessa tese foi a de Luiz Alberto Hanns (1925/2007, p. 151), e o autor discute a fundamentação linguística de referir-se ao trabalho de Freud como “*negativa*” em detrimento de “*negação*”. A versão da *Standard Edition* (1996) também utiliza “*negativa*” no título do texto. Porém, é comum que comentadores utilizem uma variação muito ampla, na tradução do termo em alemão no Brasil, como *negação* ou *denegação*, coaduno com as explicitações de Hanns, e retomo essa discussão no capítulo 3 “**Estrutura e sujeito: operações e operadores para as estruturas clínicas**”, na seção, 3.2. “Segundo corte: operadores no enodamento dos três registros *Real*, *Simbólico* e *Imaginário* (RSI)”.

²⁹A revista pode ser visitada no site: <https://revistalacuna.com>

Retomando, a argumentação precedente sobre a constituição do sujeito e a inscrição no campo da linguagem, retomo uma questão apresentado no mesmo trabalho citado: “*Mas, existiriam possibilidades distintas de se inscrever nesse campo da linguagem, que não seja pela via destes significantes primordiais, e, portanto, efeito que não contemple a metáfora?*” (MADEIRA e BONI JUNIOR, 2016). Ao que tudo indica, sim, e esta é uma das primeiras hipóteses a ser analisada neste projeto. Pois, considerando que haja, haveria a possibilidade de se pensar em estruturas que tenham elementos operacionais diferentes, logo, formas de se posicionar no campo da linguagem distintas, com fenômenos discursivos e efeitos de fala também específicos que não precisassem ser enquadrados como quadro patológicos por não se enquadrar no modelo descritos pelos efeitos simbólicos de tratamento do *Real*.

É desse modo que Lacan retoma Freud, em sua teoria do Édipo, relacionando em Freud a constatação da castração com as diferentes possibilidades de significação do símbolo — comumente citado por *Nome-do-pai*, enquanto índice genérico que sustenta que “*o significante representa o sujeito para outro significante*”³¹. Trata-se de um sujeito em articulação com o significante em seu ato de fala, e não com o fenômeno que se endereça deste conjunto pela significação (não do sentido, mas do próprio *nonsense* fundante do referente ao significante), ou mesmo do fenômeno que explode pela impossibilidade radical da articulação entre S. e S., característico da *holófrase*³² — causas estruturais distintas entre si. (MADEIRA e BONI JUNIOR, 2016)

Lacan nos aponta para o texto de Freud “*A negativa*” de 1925, no qual explora os juízos de atribuição e existência aos meandros da formação do *eu*, pelo efeito da simbolização diante da castração, pela *Bejahung*. As operações primordiais da *Bejahung* e da *Verwerfung* produzem efeitos distintos na lógica subjetiva, e do modo como o sujeito se apoia no significante para produzir efeitos de significação, que na neurose, a significação fálica orienta a cadeia e que na psicose, o que não é simbolizado retorna no *Real*. “*A gramática decerto serve aí de entrave para a escrita e, para tanto, atesta um real, mas um real, como se sabe, que permanece como enigma, enquanto não se salienta na análise sua mola pseudo-sexual: ou seja, o real que, por só poder mentir ao parceiro, inscreve-se como neurose, perversão ou psicose*” LACAN, 1974/2003, p.515).

Essa citação de Lacan nos levará ao título desta tese, a saber “*As Estruturas clínicas na obra de Jacques Lacan: enodamentos dos três registros Real, Simbólico e Imaginário*”, e aparentemente, não poderia ser extraído de qualquer momento do ensino de Lacan.

³¹ Concepção desenvolvida no livro 11, “*Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*” (1964). Lacan ressalta que se trata de um efeito entre dois significantes, cuja função fica radicalmente desprovida daquilo que lhe é sua própria definição “*ser o que os outros não são*” (LACAN, J. (1961a/2011, p. 26).

A escolha por tal citação está baseada numa afirmação bastante categórica a respeito da posição *Real* em relação às três definições discutidas até então. Lacan afirma que o *Real* é tratado como registro causa da subjetividade, pois inscreve-se como *neurose*, *perversão* ou *psicose*. Mas, o que seria isto? O que significa “o *Real* que, por só poder mentir ao parceiro, inscreve-se como *neurose*, *perversão* ou *psicose*”? De partida temos: a conceituação sobre o registro do *Real* não exclui os termos da diagnóstica clássica, que pretendemos intitular por “*estruturas clínicas*”.

O termo *gramática* remete a todo o conjunto amplamente discutido sobre o código e a língua, posto que toda gramática é total e aleatória, no que tange os ordenadores culturalmente determinados, ou seja, a gramática trata da sintaxe de uma língua e, portanto, um organizador da linguagem no intuito do laço entre semelhantes e da transmissão. No entanto, Lacan estabelece que tal tratamento sobre a linguagem serve de entrave para a *escrita*, dimensão esta da *linguagem* que carrega uma divergência já apontada como questão do trabalho sobre a linguagem, a partir das diferenças agora anunciadas com os termos de “*tesouro dos significantes*” e “*bateria dos significantes*” naquilo que esbarra no próprio *Real* pela via do *objeto a* em sua relação com o significante, inscrito como significante da falta no Outro ou a falta de significante no Outro.

No *entrave* entre a gramática e a escrita atesta-se o registro do *Real*, como afirma Lacan (LACAN, 1974/2003, p.515). Trata-se de um registro controverso e muitas vezes tido como decisivo nos andamentos da teoria psicanalítica lacaniana tanto para o conceito de sujeito quanto para a definição de inconsciente, quando cercamos o modo como os psicanalistas pós-lacanianos e os comentadores da obra de Lacan o utilizam. Ainda assim, segundo a citação, este *Real*, na análise, aponta para a máxima lacaniana de “*Não há relação sexual*”, pois inscreve-se em cada ato de fala como “*mola pseudo-sexual*” tanto por só poder mentir ao parceiro – marca radical do desencontro entre os sexos, quanto pelo caráter radical de contingência dado que “o *Real* é o que é” e pelo impossível lógico de poder dizê-lo. Portanto, o *Real* pode ser lido como causa da inscrição no campo da linguagem sob os nomes clássicos da diagnóstica clínica “*neurose*, *perversão* e *psicose*”.

Na esteira da afirmação de Lacan, há diferentes formas de escrever sobre esta inscrição, *neurose*, *perversão* ou *psicose*. Porém, trata-se da inscrição do *Real* ou de uma inscrição diante do *Real*?

Podemos considerar que o *Real* inscreve-se por um índice em alguma coisa; pois não é sem razão que Lacan insistiu em toda sua obra que “o *inconsciente é estruturado como uma linguagem*”, trazendo para a discussão o termo estruturado como correlato

da noção estrutural quando subjetivado através da linguagem; ou do sujeito em relação ao campo do Outro – tesouro dos significantes. (MADEIRA e BONI JUNIOR, 2016)

Podemos dizer, portanto, que a inscrição do *Real* no campo do Outro revela três modelos possíveis de conjuntos distintos de arranjos da linguagem do *Real* inscrito. Em outras palavras, podemos dizer que o *Real* na subjetividade se inscreve enquanto três categorias, denominadas sob o conjunto clássico da diagnóstica diferencial, *neurose*, *perversão* ou *psicose*. Costuma-se conjugar essa tríade sob a nomenclatura “*estruturas clínicas*”.

Se Lacan afirma estas três diferenças possíveis de inscrição do *Real*, é necessário, então, concluir que cada estrutura possua características, funcionamentos e operadores distintos, e a tal ponto que seria possível conjecturar elementos diferenciais entre elas. É sem dúvida que isto repercute na clínica, na perspectiva da direção do tratamento, orientado por uma política e ética não sustentados em bases morais (A neurose funciona representa a boa forma, a perversão a forma da boa forma e a psicose a ausência da forma). Portanto, parte-se da necessidade que nem todos estão orientados pelas mesmas leis de funcionamentos, dada a particularidade de três formas de inscrição de modo de uma alteridade que não implique valorações. (MADEIRA e BONI JUNIOR, 2016)

Ainda assim, para que seja possível extrair quais elementos que operam na singularidade de um sujeito na clínica, somente e exclusivamente sob transferência, é fundamental um método que permita a investigação e formule que determinado fenômeno tenha sua implicação, não somente em sua organização, mas das causas que permitam tal estrutura fenomênica e seus traços distintivos de não ser pertencentes de outros conjuntos na dinâmica do sujeito em relação ao campo do Outro. Este método é o diagnóstico.

Um modelo do método diagnóstico em psicanálise seria o estrutural; diferentes dos aportes da lógica da medicina, principalmente sobre as referências à patologia que o campo das psicoses remete às ciências médicas. Em psicanálise, uma leitura estrutural delimita funcionamentos diferentes, a partir de operadores no conjunto atravessado pela lógica signifiante de emoldurar o *Real*, de permitir o tratamento signifiante do *Real* segundo funções particulares.

Disto decorre, em psicanálise, especialmente sobre a teoria lacaniana, uma tendência em afirmar que o recurso diagnóstico na perspectiva da estrutura, ou diagnóstico estrutural ou diagnóstico diferencial, é determinado como primeiro ensino de Lacan.

As referências teóricas utilizadas para justificar tal modelo diagnóstico são comumente tratadas como homólogas ao conjunto do *Complexo de Édipo* e seus derivados propostos por Lacan, por exemplo falo e castração, nome-do-pai e *eu*-ideal e ideal-de-*eu*, entre outros,

levantando o debate sobre a oposição entre a história imaginariamente demarcada e a universalidade subjacente ao símbolo e ao *Simbólico*.

Seria a noção estrutural cercada exclusivamente pela teoria do Édipo na obra de Lacan? Em que extensão os três registros *RSI* auxiliam a compor a noção de estrutura? Estrutura de quê?

“A estrutura é o real que vem à luz da linguagem. Obviamente, não tem nenhuma relação com a boa forma” (LACAN, 1973/2003, p.477). Partindo desta afirmação de Lacan, na qual ele correlaciona estrutura, Real e linguagem, temos alguns indícios para nossa hipótese fundamental de tese, a saber; a estrutura deriva de uma dupla operação, (1) a primeira relacionada com a inscrição do ser no campo da linguagem, a partir de duas operações *Bejahung* e *Verwerfung*, que implicariam, (2) operadores e elementos operacionais distintos para os conjuntos derivados, a partir do modo como o significante passa a ser operado na interpretação do *Real* em modalidades distintas de negação.

Há uma correlação entre o efeito da inscrição primordial da *Bejahung* com a neurose e com a perversão, e uma correlação entre *Verwerfung* e psicose; ordenando dois grandes conjuntos distintos entre si, pelas operações e operadores do conjunto, a partir do suporte *RSI* ao significante.

Pretende-se organizar um mapeamento das definições encontradas na obra do autor que envolvam a noção teórica de estruturas clínicas, em sua divisão *neurose, perversão e psicose*. Este mapeamento consiste na análise dos elementos que Lacan utiliza para definir cada uma das três estruturas, e formalizar tanto as operações possíveis de inscrição da subjetividade no campo da linguagem quanto os elementos operacionais e dos efeitos discursivos vislumbrados que servem de suporte para uma possível distinção entre elas.

Essa proposta permite sistematizar os objetivos em três afirmações:

1. Definir as estruturas clínicas em sua divisão clássica, segundo operadores derivados das operações primordiais *Bejahung* e *Verwerfung*, enquanto enodamentos distintos entre si dos três registros *RSI* e escritos pelos *nó-borromeano*.

2. Argumentar a permanência do arcabouço conceitual das estruturas ao longo de toda a obra de Lacan, entre 1950 e 1980.

3. Apresentar as correlações da noção de *estrutura* com os conceitos elaborados extensamente pós 1960, como dirigidos à compreensão do Registro *Real* na estrutura; *objeto a* e *gozo*.

Portanto, algumas estratégias de método devem ser apresentadas:

I. Acompanhar as conceituações de modo a situa-las pela cronologia, nos textos e nos seminários disponíveis para análise, apesar de que esse rigor possa ser atravessado por algumas voltas elipsadas nas seções e nos capítulos. O principal intuito dessa estratégia é percorrer os temas nas diferentes décadas do ensino de Lacan.

II. Contextualizar as citações, apontando os textos e o seminários a partir das quais foram extraídas, bem como tecer comentários do impacto nas argumentações do corpo do texto.

III. Correlacionar momentos distintos da cronologia da obra para verificar a permanência conceitual e ao mesmo tempo a manutenção do sentido atribuído ao conceito, por exemplo, citar um trecho da década de 1950 e analisar semelhanças e diferenças com um trecho produzido na década de 1970.

Na intenção de cercar teoricamente o presente *objeto de estudo*, e evitar certos ruídos interpretativos, oriento-me por uma estratégia de método, a saber, que as demarcações cronológicas dos textos do autor serão trazidas ao corpo do texto, para se evitar a citação de frases sem contextualiza-las. Desse modo, certas precipitações conclusivas são evitadas. Por exemplo, podem ocorrer diferentes interpretações das seguintes frases de Lacan:

(1) “*Mas um grande número de efeitos psicológicos parece-nos decorrer de um declínio social da imago paterna*”. (LACAN, 1938/2003, pp. 66-67)

Essa primeira citação é extraída do texto “*Os complexos familiares na formação do indivíduo*” de 1938, e incluído na obra “*Outros Escritos*” (2003). Essa afirmação é muitas vezes recuperada quando se trata de argumentar as novas formas de subjetivação social, como se Lacan tivesse afirmando que “*o declínio social da imago paterna*” fosse correlato da “*queda do nome-do-Pai*” e, portanto, na cultura pós-moderna não estaria mais jogo todo esse conjunto que aponta para a noção da metáfora paterna, pois o autor teria afirmado o tal declínio do *nome-do-Pai*. As consequências são bastante significativas na teoria do sujeito, do *Simbólico* e da significação fálica. Seriam afirmações aproximadas de sentido “*declínio social da imago paterna*” com “*queda do nome-do-Pai*”³²?

Em princípio não, pois *imago paterna* não tem a mesma concepção que *significante nome-do-Pai*. O termo *imago paterna* é utilizado por Lacan desde 1938 até meados da década de 1940, na intenção de sustentar a hipótese causal da subjetividade pelo laço social, em detrimento da concepção de instinto, como o próprio autor anuncia em 1938, ao propor a noção

³²Caso o leitor se interesse pela temática e desenvolvimento mais aprofundado da discussão, consultar as seguintes indicações: Folberg & Maggi, 2002; Castilho 2008; Lustoza, Cardoso & Calazans, 2014; Sanches, 2015.

de complexo e imago. *Imago paterna*, portanto, é a ordenação na subjetividade para a interdição realizada pelo pai, como uma unidade imaginária, e introjetada, da figura real do pai.

O conceito *significante nome-do-Pai* é introduzido, após Lacan se apropriar de todo o conjunto ordenado pela linguística e antropologia, que o estruturalismo proporcionou. Ao longo do seminário “*As Formações do Inconsciente*” (1957-58), o *significante nome-do-Pai* ganha seu contorno conceitual pela íntima relação com os efeitos do *Simbólico* no tratamento do *Real* pela via da *Castração*, quando a *Privação* permite o tratamento *Simbólico* do objeto, como efeito da operação de identificação ao significante, que inclui o aspecto assemântico de sua estrutura. Ou seja, trata-se de um conceito que, na perspectiva do sujeito da psicanálise, produz um efeito de corte, na perspectiva da interdição do discurso materno, e ao mesmo tempo orienta a significação da cadeia significante. Logo, tal significante não é dotado de uma consistência imaginária, mas de um índice na estrutura dos efeitos *Simbólico* da estruturação do desejo.

Quando Lacan afirmou, em seu texto de 1938, sobre *a queda da imago paterna*, ele se referia dos efeitos sociais de reformulação na família, desde a lógica de novas configurações, produzindo um impacto no suporte imaginário para a imago paterna, que não se configuraria aos mesmos moldes que em tempos anteriores ao discutido pelo autor no corpo do texto, pois há uma mudança cultural significativa. Ou seja, Lacan aponta para a possibilidade de mudança do suporte *Imaginário* para determinadas funções psíquicas, estabelecendo uma diferença entre *Imaginário* e *Simbólico* de modo bastante complexo, e que se tornará uma preocupação teórica para ele ao longo de, talvez, todo seu ensino.

Disso, afirmar que a propriedade simbólica relativa ao significante nome-do-Pai está marcada por uma queda, implica um equívoco de compreensão dos registros da teoria lacaniana, e também um certo tropeço no método, que pretendemos evitar.

A segunda frase evidencia essa primeira exploração de modo ainda mais acentuado:

(2) “*podemos prescindir do nome-do-pai. Podemos prescindir com a condição de nos servirmos dele*”. (LACAN, 1976d/2007, p. 132)

Essa citação foi extraída da aula “*Do inconsciente ao Real*”, de 1976, do livro 23, intitulado, seminário “*O Sinthoma*” de 1975-76. Essa marcação cronológica já nos traz um problema lógico bastante complicado, como se esse momento da teoria estivesse apontando para um avanço conceitual que implicasse passos de premissa, tese e síntese, e, portanto, apontasse para uma conclusão indiscutível sobre a proposta de Lacan; como se em 1976 morasse a verdade que em 1950 estivesse em gênese. Apesar da possibilidade de que hajam mudanças em uma teoria, quando o autor passa a se debruçar sobre um problema, acreditamos

que essa hipótese cronológica da interpretação da teoria lacaniana deva ser colocada em suspenso, para que possamos averiguar a pertinência da aposta na permanência conceitual do termo *estrutura* no escopo lacaniano.

Ainda mais, essa afirmação de Lacan é seguida de uma questão realizada ao longo do dia de 13 de abril de 1976, cujo ponto se tratava da função da análise em sua proposta de queda do lugar de Deus, ou da função do Um na lógica inconsciente, para o sujeito. A ideia da questão remonta a própria função da análise nas tentativas de o sujeito manter intocado o lugar do Um, o lugar do ideal de salvação. Vejamos a frase completa de Lacan:

A hipótese do inconsciente, sublinha Freud, só pode se manter na suposição do Nome-do-Pai. É certo que o Nome-do-Pai é Deus. Por isso a psicanálise, ao ser bem-sucedida, prova que podemos prescindir do Nome-do-Pai. Podemos sobretudo prescindir com a condição de nos servirmos dele.” (LACAN, 1976d/2007, p. 132)

Quer dizer, acompanhar o contexto em que Lacan faz suas afirmações e apontar as datas e nas quais foram realizadas, contribuem para diminuir os ruídos de significação em sua teoria. É óbvio que haverá sempre um dizer no dito ou mesmo uma interdição no dito, enquanto lógica própria da linguagem, na qual o equívoco é condição de tropeços e significações, como Lacan explora no seminário “*Os quatro conceitos fundamentais*” de 1964, e a análise do discurso explora em sua extensão, porém, a ordenação conceitual, além dos agrupamentos fenomenológicos, demanda articulações semânticas precisas e necessárias para a compreensão de uma teoria.

Além dessa preocupação metodológica, temos que estar atentos aos efeitos das palavras usadas, pois como o próprio Lacan adverte da qualidade atributiva do significante utilizado em relação a outro significante para se atribuir um sentido. Há uma preocupação no uso rigoroso dos termos utilizados por Lacan. Esse recurso metodológico nos auxiliará no esclarecimento da complexa relação entre os três registros *RSI* e as *estruturas clínicas*.

Essas estratégias estão pautadas pela intenção de esclarecimento, e calcadas na hipótese de permanência conceitual do termo *estrutura* e das proposições relacionadas aos termo, que sustentam a *definição de estruturas clínicas*, principalmente quando estamos avisados dos cortes que Lacan realizou após a inserção do *objeto a*, ao longo dos seminários “*A identificação*” (1961-62) e “*A angústia*” (1962-63), e assim produziu reformulações significativas, que podem propiciar diferentes interpretações para a teoria de Lacan e aventar práticas clínicas sob o desígnio de *lacanianas*.

O efeito dessa estratégia é de averiguar a problematização sobre a análise dos momentos de reformulações conceituais na obra lacaniana, principalmente quando outros termos

utilizados, por comentadores, qualificam o texto de Lacan, por exemplo, como, “*segunda clínica*”, “*terceira clínica*” ou mesmo “*clínica do Real*”, entre outros, que, no entanto, indicariam uma espécie de ruptura na teoria ou “*abandono*” das contribuições iniciais na obra do autor, como apontado sobre o termo da “*psicose ordinária*”.

Em síntese, duas premissas podem ser colocadas, pois reafirmam a necessidade dessa pesquisa, a partir das estratégias do método:

1. Premissa negativa sobre a tese aqui pretendida, a saber, do “*abandono das contribuições teóricas dos anos 50, ou especificamente da noção de estruturas clínicas*” após 1960;

2. Premissa defendida nessa tese de que “*tais reformulações posteriores aos anos de 1960 elucidem problemas não elucidados na teoria sobre a prática psicanalítica, e, portanto, agregando valor conceitual a uma elaboração estrutural que permanece do início ao fim da obra de Lacan*”.

Nessa esteira, há um negativo implícito nessa decisão de trabalhar teoricamente os conceitos trazidos por Lacan, qual seja, a não explicitação de tais articulações teóricas a partir de casos, trechos ou vinhetas clínicas, a fim de evitar, na utilização de casos, esses como ilustradores da teoria. O horizonte é evitar que a clínica ganhe seu estatuto de exemplificação e, inclusive, petrificação das nuances encontradas em transferência.

Trata-se de um projeto teórico, apesar das afirmações iniciais sobre o horizonte na clínica psicanalítica. Trata-se de discutir a decisão, sobre essa pesquisa, ter seu enquadre estritamente teórico? Há riscos em todas estratégias de método, no campo da pesquisa em psicanálise, como discute Nogueira (2004), ainda que a novidade na interface teórico-clínica produza um tipo de separação que não seja exclusivamente teórica, tampouco exclusivamente clínica. Esse autor adverte:

Na psicanálise, na associação livre, não vai haver essa separação entre sujeito e objeto porque, nós sabemos, vai haver transferência. O fenômeno da transferência, que é um fenômeno humano, não é psicanalítico, é um fenômeno que ocorre, justamente, nas relações entre os falantes. Assim a psicanálise possibilita uma investigação que nunca havia sido feita até então antes de Freud. E é por isso que a psicanálise se confunde com o tratamento, quer dizer, quando se pensa em psicanálise, se pensa em tratamento. (NOGUEIRA, 2004, pp. 86-87)

Os *capítulos da tese* foram estruturados para que o leitor acompanhe o fio principal da tese, a saber, a conjugação das *estruturas clínicas* aos três registros *RSI* e a escrita pelo *Nó-Borromeu*. As passagens, que tecem esse fio, são sinalizadas pelos pontos nodais da delimitação do conceito de *estrutura* em psicanálise, e marcam a suposição do salto lógico

proposto com a noção das *estruturas clínicas*, quando relacionadas aos *três registros Real, Simbólico e Imaginário* e pelas indicações de suas escritas pelos *esquemas e nó-borromeano*. Os dois cortes propostos como nodais, lembrando, a inscrição no campo da linguagem pelas operações primordiais - *Bejahung* e *Verwerfung* - e seus efeitos de retorno nos operadores na estrutura permitem situar as estruturas clínicas para-além da teoria do complexo de Édipo e da inscrição da metáfora paterna, como se costuma tratar esse repertório na literatura psicanalítica, sob a divisão de *neurose, perversão e psicose*.

As *divisões dos capítulos* seguiram a orientação dos significantes mais importantes para a proposta em cada um deles, apontando nos títulos a materialização a ser dada pelo leitor. Trato as divisões pelo termo *seções* – a fim de um certo apreço pela homofonia com o substantivo *sessão*, que define cada encontro entre analisante e analista, numa análise, e nessa volta, delimita um ponto de *corte* para o tratamento, menos por sua extensão textual e volume conceitual, e mais pela significação a ser transmitida. Assim, numa *pesquisanálise* como essa tese, as seções podem ser tratadas como *sessões*, para cada desenvolvimento ou cada volta, dadas aos capítulos.

Assim, o corpo geral do trabalho fica marcado por *quatro capítulos e três* ou *quatro seções* em cada um, como se pode verificar a seguir, nas sínteses desenvolvidas.

No primeiro capítulo, **“Bordas epistemológicas para o conceito de estrutura em psicanálise”**, há a análise das bordas epistemológicas para o *conceito de estrutura* em Lacan, desde o *estruturalismo*, através dos campos da *linguística* com Ferdinand de Saussure (1857-1913) e Roman O. Jakobson (1896-1982), da *antropologia* com Claude Lévi-Strauss (1908-2009) e da *lógica e matemática* com Aristóteles (384 a.c. -322 a.c.), Gottlob Frege (1848 – 1925) e indicações gerais da *topologia*. A proposta geral do capítulo orienta o leitor para uma delimitação da *estrutura* que ordena a fundamentação da linguagem como um campo, sobre o qual é possível extrair um sentido e delimitar o furo ao próprio campo, abrindo fenda para a apropriação de Lacan com as teorias da constituição do sujeito. A *estrutura* em psicanálise é um modelo sistêmico de funcionamento que se apoia no campo signifiante e no aspecto asemântico de sua definição, pelos eixos possíveis de significação que a *linguística* propõe para a linguagem. As leis e regulações da estrutura implicam uma proposição de inscrição particular e regra articulada entre semelhantes, como a *antropologia* discute com as repostas do enigma de estruturação das relações sociais. E por fim, a abstração de tais modelos alcançam a matematização e lógica desde a teoria dos conjuntos e o vazio constitutivo que o ordena nas funções e grafos da matemática utilizados por Lacan.

No capítulo 2, “*Estruturas clínicas e os três registros RSI*”, realizo uma série de aberturas conceituais sobre noção de *estruturas clínicas* e as teorias da constituição do sujeito, *teoria do estádio do espelho* (1949 – 1964), *teoria do complexo de Édipo* (1950-1970) e *teoria da alienação* (1964 – 1970), que servem de apoio para extrair uma definição de tais conjuntos em psicanálise. Trato esse capítulo como um ponto de abertura para as leituras possíveis sobre o objeto de estudo delimitado nessa tese, bem como uma revisitação crítica das teorias mencionadas acima. Valorizo nas teorias os aspectos de *particularidade subjetiva* numa proposta *universal*, incluindo a dimensão do *corpo* e da linguagem em sua dimensão significante, por meio da valorização das incidências dos *três registros RSI* em cada uma delas, como Lacan as desenvolveu em sua obra.

No terceiro capítulo, “**A noção de estruturas clínicas: operações primordiais e operadores estruturais**”, há o ponto nodal da tese. Discuto as bases para a articulação dos dois cortes implicados na inscrição do campo da linguagem, a partir da noção das *operações primordiais* – *Bejahung e Verwerfung* – como primeiro corte fundamental e seus efeitos de retorno em *operadores estruturais* específicos a cada conjunto, como a amarração dos três registros *RSI* nos operados como o efeito de retorno – ou segundo corte, tais quais na divisão *ser, sujeito e eu* na montagem da estrutura pelo corte significante;

No capítulo 4, “*Neurose, perversão e psicose*”, realizo as principais considerações sobre os arranjos particulares definidos por *neurose* - o efeito do suporte *Simbólico* ao significante, *perversão* - posição de recobrimento *Imaginário* do objeto e *psicose* - a função imaginária de borda para o *Real*, que além de situar o leitor na proposta de concepção para os conjuntos estruturais, defendendo uma reposição das estruturas clínicas em dois conjuntos distintos entre si, a depender do suporte nos três registros *RSI* para a concatenação da significação no encontro com o outro, como a neurose e a psicose explicitam em sua diferença quanto à inscrição do símbolo na estrutura. Para a *perversão*, há a defesa de ser conjugada a um *estado*, que independe da *estrutura* em que emerge, exatamente por se tratar do recobrimento do objeto em sua dimensão imaginária – registro que se apresenta por seu índice em ambos os conjuntos delimitados.

Portanto, a tese defendida está pautada numa proposição *estrutural* da subjetividade através da articulação de *operações fundamentais* de inscrição no campo da linguagem, e de *operadores específicos* pela amarração dos três registros *RSI*, escritos nos enodamentos do *Nó-Borromeu RSI*, que se atualizam sob transferência enquanto hipótese diagnóstica na particularidade de um tratamento.

CAPÍTULO 1. Bordas epistemológicas para o *conceito de estrutura* em psicanálise

Os primeiros escritos de um texto, para uma tese de doutorado, demandam uma discussão sobre o *objeto de estudo* a ser circunscrito numa perspectiva epistemológica, a fim de que tal formalização argumentativa adquira seu estatuto de proposição suficientemente sustentado para um determinado aporte teórico, no caso desse trabalho, a psicanálise lacaniana.

Trata-se de discutir as bordas epistemológicas do conceito de *estrutura* e os derivados do corpo teórico, por meio de uma estratégia de método desse *pesquisador-autor* em relação à leitura realizada sobre a obra de Lacan, na perspectiva de apresentar as principais teorias dos autores mencionados, para em seguida, compor a proposta propriamente psicanalítica sobre os conceitos utilizados no campo das *estruturas*.

A escolha pelo termo *borda* incide numa interpretação, e, portanto, numa proposta de leitura, sob a hipótese de que Lacan apropriou-se de modo particular das diversas influências teóricas para compor sua proposta psicanalítica. A superfície textual realizada por Lacan, mencionando direta e indiretamente autores da *linguística*, *antropologia*, *lógica* e *matemática*, demanda revisitar as principais influências a esse autor, sendo então uma discussão de método necessária, cujo horizonte não aponta para uma absorção direta de conceitos. Essa análise de influência de diversos campos semânticos auxilia em esclarecer as *apropriações*, *absorções*, *diferenças* e *semelhanças* realizadas por Lacan, dos conceitos de *estrutura*, *linguagem*, *significante*, *inconsciente*, *sujeito*, *objeto Simbólico*, *Imaginário*, *Real*, entre outros.

A influência do estruturalismo na obra lacaniana é inegável, como discutimos brevemente na seção introdutória desse trabalho. A *sistematização* sobre o funcionamento dos objetos privilegiados por esse recorte epistemológico é uma estratégia de método a que Lacan se debruçou. No entanto, “*tomando o estruturalismo de uma maneira mais geral, não perderíamos em citar outras três dimensões básicas: totalidade, transformação e, sobretudo, formalização*” (MADEIRA & BONI JÚNIOR, 2016). Enfatizando os quatro aspectos do estruturalismo que foram desenvolvidos em seus anos de auge (DOSSE, 2007), acredito que Lacan procurava responder à problemas psicanalíticos, orientado por esses aspectos, conforme quatro disciplinas, a saber, a *linguística*, a *antropologia*, a *lógica* e a *matemática*.

A estratégia centra-se numa discussão sobre a superfície que demarca o litoral entre a psicanálise e as absorções desde outros campos semânticos realizadas por Lacan, na composição do conjunto conceitual que cumprisse com os rigorosos critérios de *sistematização*, *totalidade*, *transformação* e *formalização*. É nessa esteira que se torna possível sinalizar ao

leitor as propostas realizadas nessa tese, ou seja, para que se possa acompanhar a proposta das *estruturas clínicas* em sua conjugação aos três registros *RSI* e a topologia do *Nó-borromeu*.

O fio condutor do capítulo se orienta segundo os autores que foram fundamentais para Lacan em suas apropriações dos conceitos de *linguagem*, *significante*, *Simbólico*, *sujeito* e *objeto*, que formam os pilares para conjunto do conceito de *estrutura* em sua obra e nos aponta para a *teoria da constituição do sujeito* em psicanálise.

A sequência retoma as contribuições da *Linguística*, com *F. Saussure*, *R. Jakobson*, a fim de alcançar a máxima do “*inconsciente estruturado como uma linguagem*”, na seção 1.1. “Da linguística ao inconsciente estruturado como uma linguagem”; e os derivados conceituais: *inconsciente*, *sujeito* e *significante*. As construções da *antropologia* de *C. Lévi-Strauss* são fundamentais para a apropriação do conjunto delimitado na teoria lacaniana, especialmente para o termo *simbólico* e *estrutura*, na seção 1.2. “Da antropologia à função simbólica na estrutura”.

A inclusão das influências da lógica e da matemática, como vislumbradas na seção 1.3. “Lógica e Matemática: da estrutura lógica na escrita topológica do Nó”, permite sinalizar ao leitor que os problemas levantados por Lacan, desde a linguística e a antropologia, insistiam e precisavam ser reposicionados segundo matizes que esvaziassem certos equívocos para a teoria da prática do psicanalista. Dessa maneira, a discussão sobre a *lógica* e a *matemática* servirão de suporte para o segundo passo dessa tese, qual seja, o de refinar tanto as aproximações das *estruturas* com os registros *Real*, *Simbólico* e *Imaginário (RSI)*, quanto a noção de *enodamento* implicada na teoria do *Nó-Borromeu*, pela via de uma proposição teórica logicamente orientada e matematicamente formalizada, a fim de esvaziar os atravessamentos imaginários a que a noção estrutural ficou submetida pelas narrativas dos mitos e historietas particulares dos complexos familiares.

A partir das contribuições desses campos semânticos, que influenciaram Lacan e que esse se apropriou ao tom de um estilo propriamente autoral para sua teoria sobre a noção estrutural, torna-se possível afirmar que: a *estrutura* em psicanálise é um campo que dispõe os *significantes* e inclui o *furo* de sua própria estrutura, a partir de um ato de inscrição engendra a subjetividade, que se atualiza na transferência da práxis clínica, aos moldes de uma *estrutura clínica*, que deriva de *operações* e *operadores específicos*, e se formaliza na teoria da constituição do sujeito.

O *estruturalismo* é base para se compreender a antecipação de Lacan para a inscrição fundante para a subjetividade em relação ao campo da linguagem, a partir da qual se extrai sua concepção de *sujeito* e de *objeto*. As ciências que retomo nesse capítulo - *linguística*,

antropologia, lógica e matemática - fornecem as premissas para a hipótese lacaniana de *estrutura*.

A *estrutura* encontra seu apoio formal na *teoria da linguagem*, como campo e em sua função de *significante*, que é propriamente *estruturada* por meio de operações fundamentais, sob a hipótese do inconsciente ser estruturado, ordenando princípios de regulação e operadores particulares em cada arranjo do campo dos significantes, desde a linguagem como “*estrutura e limite para o campo psicanalítico*” (LACAN, 1956a/1998, p. 267), que se atualizam sob transferência no ato de fala de um analisante a um analista. Trata-se da hipótese da inscrição subjetiva no campo da linguagem, em sua particularidade de inscrição. Nesse ponto, podemos vislumbrar as possíveis distinções da diagnóstica clássica em *neurose, perversão e psicose*, que servirá de suporte para o quarto capítulo dessa tese. Portanto, a *estrutura* é um modelo teórico sobre o mistério da aquisição da linguagem em sua insondável decisão do ser humano, e dos efeitos estruturantes da linguagem para o *sujeito*³³, pois a despeito dos esforços da biologia em explicar o funcionamento da espécie pela dinâmica sistêmica dos órgãos e do cérebro, a psicanálise nos ensina a condição *princeps* para um sujeito falante de encontrar seu suporte de existência na exterioridade que é o campo da linguagem, ou campo do grande Outro como teoriza Lacan.

³³ Opto por manter a denominação *sujeito*, ainda que possa sugerir uma certa confusão entre o sentido comum da palavra e propriamente o conceito psicanalítico. Essa decisão está pautada exatamente na ambiguidade que isso sugere, mas que se recortarmos a sentença em aspectos rigorosamente conceituais, não há qualquer equívoco, pois, a fundamentação da concepção de *sujeito* está pautada no suporte da estrutura da linguagem, como insiste na Lacan, desde o inconsciente ser estruturado como uma linguagem.

Sobre a concepção de linguagem.

Entretanto, isso ainda é apenas um véu lançado sobre o que constitui a eficácia da linguagem, isto é, sobre o fato de que a linguagem não é, ela mesma, uma mensagem, mas que se sustenta apenas pela função do que chamei de furo no real. (LACAN, 1975b/2007, p. 32)

1.1. Da linguística ao *inconsciente estruturado como uma linguagem*.

As influências da linguística para a composição da teoria lacaniana são inegáveis³⁴. Os inúmeros trabalhos que tratam dessa interface são fecundos a partir do momento, em meados dos anos de 1950, quando Lacan passa a se dirigir aos psicanalistas segundo os termos oriundos da disciplina inaugurada por F. Saussure na primeira década do século XX.

Desde F. de Saussure e principalmente com a publicação de *Curso de linguística geral* em 1916³⁵, a linguística se formou enquanto campo de investigações com bifurcações e denominações específicas para cada uma das dualidades que o autor realizou sobre os estudos da língua, como sintetiza Orlandi (2013) em seu trabalho de apresentação da área, “*O que é a linguística*”. A autora afirma que o “*o desenvolvimento da linguística deve muito à existência dos chamados círculos linguísticos. Esses se constituíram de grupos de estudiosos que se reuniam para discutir a linguagem sob certas perspectivas*” (ORLANDI, 2013, p. 33).

R. Jakobson estava interessado nos estudos científicos da língua, na toada em desmistificar as leis que ordenam a poética³⁶, para-além do caráter obscuro que tal modalidade de escrita costumava ser enquadrada. Inicialmente, ele funda o *Círculo Linguístico de Moscou* (CLM), em 1915, e tendo em vista o cenário político da Rússia, em 1923, decide se mudar e fundar o *Círculo Linguístico de Praga* (CLP), que passa a ser propriamente os responsáveis pelo *estruturalismo* da linguística.

Mais precisamente, Prado Coelho (1967), afirma que é a partir do *Círculo Linguístico de Praga* (CLP) com Nicolai S. Trubtzkoy (1890-1938) e R. Jakobson e Sergei O. Karcevsky (1884 - 1955), ambos linguistas e estudiosos da produção de Saussure, que os termos *estrutura* e *estruturalismo* ganham peso no cenário epistemológico. Por exemplo, é em 1928, no “*I Congresso Internacional de Linguística*” que Jakobson faz uso do termo *estruturalismo*, e que Lévi-Strauss se apropria. Ainda mais, Jakobson, inclui na dimensão dos estudos da língua as falhas, os tropeços, os equívocos e fenômenos como o da afasia em seu escopo de interesse,

³⁴ Ainda que possamos inferir uma certa exaustão dessa afirmação, e em certa medida uma redundância desse diálogo pela academia, é importante mencionar que tal discussão não cessou, e alguns trabalhos foram produzidos a partir desse tema e lançados nos últimos anos, como Borges (2010) e Braga (2016), ou outros indiretamente relacionados como Tfouni & Martha (2014).

³⁵ O curso proferido por Saussure fora publicado quase dez anos depois de ser ministrado, e reunido por dois alunos Charles Bally e A. Sechehaye. Françoise Gadet (1987) comenta o trabalho de Saussure e levanta algumas problemáticas envolvidas na compilação das aulas realizado por tais alunos. O livro de Gadet, *Saussure – une science de la langue* (1987) é considerado um trabalho precioso sobre Saussure.

³⁶ As contribuições de Jakobson sobre a função poética são exploradas por Tfouni, Martha e Carreira (2014) em suas relações possíveis com as proposições de Saussure em seus *Anamagras*. Além das contribuições conceituais das autoras, o capítulo desenvolve questões sobre a deriva do sentido, e as dimensões contemporâneas que os Jakobson e Saussure permitem ler sobre a cultura.

distanciando-se em certa medida do sistema fechado da língua proposto por Saussure, contudo tal inclusão “*enfim não afetaria a linguística como ciência*” (LEMOS, 2014, p. 957).

No cerne do estruturalismo, a oposição entre radicalização abstrata e certa aplicabilidade dos conceitos também incide no campo da linguística, e é nessa entoadada que o dinamarquês L. Hjelmslev inicia suas produções sobre a “*oposição entre denotação (sentido primeiro) e conotação (sentido segundo), produzindo uma separação estanque entre plano lógico da comunicação e o plano afetivo do efeito poético. Razão e emoção estão separadas categoricamente nessa reflexão linguística*” (ORLANDI, 2013, p. 35).

A descoberta de Saussure implica o tratamento da linguagem, elencando a língua como objeto de estudo a partir de dicotomias. Propõe a língua enquanto sistema articulado, baseado no signo linguístico, cuja estrutura de união entre dois termos (conceito – significado e imagem acústica – significante) tem, em sua propriedade intrínseca, a *diferença*. O signo linguístico é estruturado por uma unidade mínima denominado fonema, e a diferença sonora particular a cada unidade compõe um sistema articulado em estatutos mínimos de diferenças, do signo ao fonema.

O signo linguístico une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica. Esta não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão [...] psíquico desse som, a representação dele nos dá o testemunho de nossos sentidos; tal imagem é sensorial e, se chegarmos a chama-lo material, é somente neste sentido, e por oposição ao outro termo da associação, conceito, geralmente mais abstrato. (SAUSSURE, 1916/2006, p. 79)

Fig. 1. Signo linguístico de Saussure. (SAUSSURE, 1916/2006, p. 80)

Portanto, o signo linguístico é o produto da associação de dois termos; entre imagem acústica e conceito. Saussure (1916/2006, p. 79) afirma que ambos, em seu aspecto fundamental de serem psíquicos, estão unidos num vínculo de associação, por um atributo do ato de fala. O princípio da arbitrariedade é condição fundamental para sua teorização.

Fig. 2. Explicitação do Signo linguístico de Saussure. (SAUSSURE, 1916/2006, p. 81)

Essa definição suscita uma importante questão de terminologia. Chamamos signo uma combinação do conceito e da imagem acústica: mas, no uso corrente, esse termo designa geralmente a imagem acústica apenas, por exemplo, uma palavra (*arbor* etc). Esquece-se que se chamamos a *arbor* signo, é somente porque exprime o conceito “árvore”, de tal maneira que a ideia da parte sensorial implica a do total. (SAUSSURE, 1916/2006, p. 81).

Saussure parte da definição de dois termos, “*fala*” e “*língua*”, que dividiria os estudos da linguagem em duas categorias distintas, ou dualidades. A língua é definida como “*social em sua essência e independente do indivíduo*” (SAUSSURE, 1916/2006, p. 27), ainda que cada indivíduo faça uso da língua, ela nunca estaria completa em nenhum falante. A língua seria registrada por cada indivíduo de modo passivo, pois ele não saberia como adquiriu a língua, tampouco como ela se estrutura. O indivíduo apenas se serve da língua, e desta forma ela só poderia ser concebida a partir do campo criado por um conjunto de indivíduos. Logo, na perspectiva da definição de língua, Saussure atribui à fala a possibilidade de averiguar o estatuto concreto da língua e é produzida pelo indivíduo que faz uso da língua. De uma língua incompleta no falante e do ato de fala que atualiza e corporifica a língua, a linguística se ocupa da possibilidade de sistematizar e extrair a estrutura da língua em sua condição para o ser falante. “*Dito de outro modo, a ‘fala’ é a ‘língua’ concretizada pelo falante. Neste sentido, o indivíduo quando fala se utiliza de ‘partes’ da estrutura maior que é a ‘língua’*” (VICENZI, 2009, p. 29). Saliento a importância dada por Saussure ao conceito de *língua*, elegendo-a como o objeto de sistematização da linguística. Por isso, há a utilização do termo *indivíduo*.

Para Saussure, o efeito de significação, a partir do qual a fala de um indivíduo utilizaria do campo da língua, é subordinado à estrutura do signo linguístico, que arbitrariamente associa um conceito a uma imagem acústica. O signo linguístico tem seu caráter essencial de diferença a qualquer outro signo do sistema da linguagem, e que o conjunto de uma série de signos, segundo o princípio da linearidade, compõe a língua.

A arbitrariedade ganha sua força de argumentação quando Saussure procura desvincular o pensamento intuitivo das atribuições entre significante e significado, argumentando que a associação não acontece pela via do natural, pré-concebido tampouco pela livre escolha do indivíduo que utiliza a língua, no ato de fala. A convenção de um signo linguístico é baseada

na própria regulação do sistema da língua e não se deve intuir que ele seja resultado da atribuição realizada entre uma palavra e uma coisa aos moldes da *nomenclatura*.

O termo de imagem acústica parecerá, talvez muito estreito, pois, ao lado da representação dos sons de uma palavra, existe também a de sua articulação, a imagem muscular do ato fonatório. Para F. de Saussure, porém, a língua é essencialmente um depósito, uma coisa recebida de fora. (SAUSSURE, 1916/2006, p. 80)

Essa citação acima é uma nota inserida pelos organizadores do texto publicado como *CGL*, e a ênfase dada sobre a radicalidade da imagem acústica em relação a imagem motora do som da palavra, nos permite intuir o motivo que leva o próprio Saussure a renomear tais elementos do signo para significante e significado. Pelo fato da língua ser um depósito dos signos linguísticos, e, portanto, externa ao falante, a necessidade em distinguir *imagem acústica* de *imagem muscular do ato fonatório* nos aponta para uma diferença e numa relação de subordinação da imagem muscular à imagem acústica, para que a dualidade *língua e fala* alcance os devidos contornos estruturais em sua teoria. Para que haja realização da língua no ato de fala, a imagem acústica não poderia ser radicalmente independente de uma imagem motora do ato fonatório. Mas onde residiria a particularidade do *falante* nessa concepção? Eis um dos problemas que Lacan aponta em sua teoria, permitindo a passagem do termo sociológico *indivíduo* para a particularidade do conceito de *sujeito*.

A imagem acústica é, por excelência, a representação natural da palavra enquanto fato de língua virtual, fora de toda realização da fala. O aspecto motor pode, então, ficar subentendido ou, em todo caso, não ocupar mais que um lugar subordinado em relação a imagem acústica. (SAUSSURE, 1916/2006, p. 80)

O motivo está engendrado na diferença radical que o significante opera nos atos fonéticos aos produzir um significado, pois, ainda que seja a imagem acústica que apareça no ato de fala e permita o conceito deslizar, é desde o próprio intuito em transmitir um conceito que o significante se serve. É possível intuir, a partir da função significante na transmissão, o motivo de Lacan subverter o signo linguístico de Saussure, no texto “*A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud*” (1957c/1998).

A ambiguidade aqui desapareceria se designássemos as três noções aqui presentes por nomes que se relacionem entre si, ao mesmo tempo que se opõem. Propomo-nos a conservar o termo signo para designar o total, e a substituir conceito e imagem acústica respectivamente por significado e significante; estes dois termos tem a vantagem de assinalar a oposição que os separa, quer entre si, quer do total de que fazem parte. Quanto a signo, se nos contentamos com ele, é porque não sabemos por que substituí-lo, visto não sugerir a língua usual nenhum outro. (SAUSSURE, 1916/2006, p. 81).

Segundo Saussure, a mudança para os termos *significante* e *significado* incide na tentativa de marcar o estatuto radical da diferença em cada signo linguístico. A materialidade sonora permite a diferença, em seu aspecto fundamental, de não ser o que outro signo seja, a fim de que o sentido, ao utilizar determinado signo, permita, na linearidade da cadeia, a assunção da construção da significação de sua diferença quando em relação ao um outro signo linguístico, que demanda outro e outro etc. É a partir dessas operações, inauguradas por *Saussure*, que permitem a significação e o sentido, a partir das *Jakobson* e *Hjelmslev* desenvolveram seus estudos e influenciaram Lacan nos eixos *metonímico* e *metafórico*, bem como em relação ao *referente* e *significado*, como sinaliza Arrivé (2001).

A separação entre significado e significante, como apresentado por Lacan na citação a seguir, bem como a barra que separa essas duas instâncias do signo linguístico, permitem a análise das relações próprias do significante, em seu aspecto intrínseco de diferença em relação a outro significante significado, na articulação de significado que um signo une a um significante específico e de modo arbitrário. E se o aspecto singular do signo está baseado na diferença em relação a outro signo, qual seria, portanto, o aspecto identitário do signo?

Eis por que é legítimo lhe rendermos homenagem pela formalização S/s, em que se caracteriza, na diversidade das escolas, a etapa moderna da linguística.

A temática dessa ciência, por conseguinte, está efetivamente presa à oposição primordial do significante e do significado, como ordens distintas e inicialmente separadas por uma barra resistente à significação.

Eis o que tornará possível um estudo exato das ligações próprias do significante e da amplitude da função destas na gênese do significado. (LACAN, 1957c/1998, p. 500)

A identidade estaria vinculada em duas dimensões, a identidade material e a identidade relacional. A identidade material está conferida na sequência de signos utilizada para compor uma nomeação; trocando um signo, troca-se essa *identidade*.

Gadet (1987, p. 61) recupera do texto de Saussure um exemplo dessa dimensão, e que Lacan também o utiliza, para tratar da “*primazia que outorga à função significante em toda realização, digamos, do sujeito*” (LACAN, 1961/2011, p. 24), temática na aula de 22 de novembro de 1961, do seminário “*A identificação*” (1961-62), indicando uma diferença significativa sobre os registros que servem de suporte para a concatenação significativa, *Imaginário* ou *Simbólico*. Vejamos primeiro em Gadet (1987) e depois em Lacan (1961/2011):

A identidade relacional é esta de “dois expressos Genebra-Paris 08:45 à noite”. A um dia de distância, nada nestes dois trens não é materialmente idêntico (ou vagões, nem o pessoal, nem os passageiros ...). No entanto, é na verdade os mesmos trens. Por quê? Porque o seu lugar no sistema é o mesmo, ao contrário de outros lugares: este trem

não é o Paris-Genebra, não as 10:15 da manhã, não é o local de Genebra-Dijon” (GADET, 1987, p. 61 – minha tradução).

Segundo Gadet, a operação de identidade material dos signos linguísticos centra-se na posição deles em relação ao conjunto dos signos dispostos numa certa sequência. A identidade está em relação a posição e similaridade material da palavra, ainda que isso não seja a base exclusiva para a natureza da identidade linguística, pois trata-se da função relacional dos signos dispostos tendo em vista seu aspecto de diferença radical, pressuposto por Saussure ao elencar tal unidade mínima disposta na língua. Identidade e diferença são características intrínsecas ao signo. Logo, a questão se desloca para o *conceito de valor*, em Saussure.

Não só os dois domínios ligados pelo fato linguístico são confusos e amorfos como a escolha que se decide por tal porção acústica para tal ideia é perfeitamente arbitrária. Se esse não fosse o caso, a noção de valor perderia algo de seu caráter, pois conteria um elemento imposto de fora. Mas, de fato, os valores continuam a ser inteiramente relativos, e eis porque o vínculo entre ideia e o som é radicalmente arbitrário. (SAUSSURE, 1916/2006, p. 132).

Para Lacan, a questão identitária incide segundo as modalidades do *RSI*, enquanto suportes de encadeamento dos significantes, averiguados nos termos “*imagem*” e “*real*” na citação, a fim de esclarecer a função *simbólica* do significante, na operação de *identificação* ou dos efeitos de corte do significante.

A passagem de De Saussure à qual fazia alusão há pouco, só a privilegio aqui por seu valor de imagem, é aquela em que ele procura mostrar uma espécie de identificação próprio significante, tomando o exemplo das 10:15h. O expresso das 10:15h, diz ele, é algo perfeitamente definido em sua identidade, é o expresso das 10:15hs, apesar de que, manifestamente, os diferentes expressos das 10:15hs que se sucedem sempre idênticos a cada dia, não terem absolutamente, nem em seu matéria, e até mesmo na composição de sua cadeia, senão elementos, e mesmo uma estrutural real diferentes. É claro, o que há de verdade em uma tal afirmação supõe, precisamente, na constituição de um ser como aquele do expresso das 10:15hs, um fabulo encadeamento de organização significante que deve entrar no real por intermédio de seres falados. [...] que são as leis da identificação enquanto identificação de significantes. (LACAN, 1961a/2011, p. 24)

Lacan parece se apoiar na *noção de valor* de Saussure, mas aponta para a importância da identificação e dos efeitos de identificação de significantes na ordenação de uma significação

³⁷ “L’identité relationnelle est celle de “deux express Genève-Paris 8h45 du soir”. A un jour de distance, rien dans ces deux trains n’est matériellement identique (ni les wagons ni le personnel, ni les passagers...). Et pourtant il s’agit bien du même train. Pourquoi? Parce que sa place dans le système est identique, par opposition aux autres places: ce trains n’est pas le Paris-Genève, n’est pas le 10h15 du matin, n’est pas le local Genève-Dijon...” (GADET, 1987, p 61).

que decanta uma posição referente e análoga à divisão subjetiva, e, portanto, à “*constituição de um ser como aquele do expresso...*”.

A operação de *identidade* implica o *valor* de imagem da concatenação significativa, tendo em vista a similaridade material e a inserção no código de tais signos, mas, para Lacan, é principalmente da questão da identidade significativa ser sempre dirigida ao *Real*, que apesar do retorno ao mesmo ponto, implica uma diferença radical na formulação, por advir de um sujeito que fala, e dos efeitos significantes de uma estrutura de constituição. A dimensão do referente que, apontada para o objeto em Saussure, sofre uma mudança bem importante em Lacan, como podemos supor na citação acima, ou seja, o *Real* em sua dimensão de *objeto a* passa a ser o referente do falante e relação ao significante. Logo, o *ato de fala* é o horizonte da análise de Lacan, dimensão essa, em certa medida, deslocada do interesse de Saussure, a fim de correlacionar a fundamentação do sujeito como efeito da concatenação significativa, tal qual a significação reencontra um traço da posição que identifica o sujeito a um lugar entre dois significantes.

A linguagem, enquanto sistema articulado, permite a produção de significação, enquanto campo possível ao infinito de significados através da Língua. Ao mesmo tempo, pelo caráter diferencial inerente ao signo linguístico implica um vazio de auto significação, demandando outro signo distinto de si mesmo, apontando para um furo impossível de ser significado. Aqui, encontramos duas passagens fundamentais da teoria de Lacan, que entendo estar na própria formulação saussuriana de que o campo da linguagem permite a produção de todos os sentidos, ao mesmo tempo que o sentido esteja remetido a dimensão de um vazio intrínseco ao próprio significante. Ou seja, a língua é um sistema completo de signos, mas incompleta na fala. (GADET & PÊCHEUX, 2004).

Esses dois aspectos – sentido e incompletude - decorrentes da estrutura da linguagem aponta para dois pontos do grafo do desejo, a saber, o campo do Outro (A) e a referência ao *matema S($\mathcal{A}$)*. Isso produz consequências para o conceito de inconsciente estruturado como uma linguagem, que Faria (2015) discute sobre a diferença em afirmar a falta do significante no Outro e o significante da falta no Outro.

Tfouni (2014) sintetiza esse passo complexo, correlacionando-o com a incidência do sujeito em sua constituição pelo campo da linguagem, enquanto efeito do ato de inscrição no campo significativo. Ademais, em relação à estrutura da linguagem a autora afirma:

Esse ato, no entanto, não pode ser realizado de maneira aleatória, nem segundo a vontade do sujeito, visto que o fornecedor de significantes é o Outro, ou seja, a própria estrutura da linguagem. No entanto, esta é também faltosa, fraturada e incompleta; em

consequência, é preciso buscar o sentido naquilo que falha: na língua, ou seja, no equívoco, no duplo sentido, nos lugares onde o sujeito tropeça e falha, lugares esses que atestam a presença de um real que não pode ser dito nem recoberto em sua totalidade. (TFOUNI, 2014, pp. 28-9).

Nesse momento, há a necessidade de retomar, um certo percurso que Gadet (1987) realiza sobre a questão da *identidade, diferença e valor* do signo linguístico nos efeitos de significação, em que o *conceito de valor* demanda pontos fundamentais a serem esclarecidos, para que se alcance a apropriação que Lacan realiza com a máxima do *inconsciente estruturado como uma linguagem*.

O conceito de *valor* em Saussure articula a dependência dos signos em uma relação atribuída entre signos, cujo princípio de arbitrariedade permanece enquanto condição *sine qua non*, para que a noção de *valor* se distinga da *significação*.

Quando se fala do valor de uma palavra, pensa-se geralmente, e antes de tudo, na propriedade que tem de representar uma ideia, e nisso está, com efeito, um dos aspectos do valor linguístico. Mas se é assim, em que difere o valor do que se chama significação? Essas duas palavras são sinônimas? Não o acreditamos, se bem que a confusão seja fácil, visto ser provocada menos pela analogia dos termos do que pela delicadeza da distinção que eles assinalam.

O valor, tomado em seu aspecto conceitual, constitui, sem dúvida, um elemento de significação, e é difícil saber com esta se distingue dele, apesar estar sob sua dependência. (SAUSSURE, 1916/2006, pp. 132-33).

A diferença entre (1) *valor do signo* e o (2) *efeito de significação* incide na sutileza de relações vetoriais de substituição entre os signos quando se encadeiam numa série.

O valor de signo é definido por meio no paradoxo constituinte de “*uma coisa dessemelhante, suscetível de ser trocada por outra cujo valor resta determinar*” e ao mesmo tempo “*por coisas semelhantes que se podem comparar com aquela cujo valor está em causa*” (SAUSSURE, 1916/2006, p. 134). O valor do signo sempre está em causa por aquilo que o rodeia por relações e diferenças com outros termos da língua, em seu aspecto diferencial e sem termos positivos. “*O que importa na palavra não é o som em si, mas as diferenças fônicas que permitem distinguir essa palavra de todas as outras, pois são elas que levam a significação*” (SAUSSURE, 1916/2006, p. 137).

A *significação* opera segundo uma matematização dos valores dos signos linguísticos quando vetorizados na cadeia. A mudança de um signo implica uma necessidade de revisão dos valores atribuídos, e isso aponta para efeitos de significação. A questão, em certa medida, remete a esse efeito que reside entre os signos, tanto na questão do *valor* em sua conjugação quanto na *significação* a ser decantada numa concatenação, *a posteriori*.

Dessa maneira, *significação* e *valor* estão num eixo não evidente da categoria do signo, assim como aproximo com a definição de Lacan para sujeito em “*um significante representa o sujeito para outro significante*”.

Sobre a questão dos eixos *simultaneidade* e *sucessividades* estabelecidos por Saussure, ponto sobre o qual é imprescindível se ater, principalmente pela dimensão do tempo, que incide na linguística proposta por ele. Aliás, ele passa a considerar essa dimensão enquanto um fato linguístico a ser vislumbrado nos eixos propositivos. O tempo passa de uma dimensão naturalizada para algo a ser tratado pela linguagem, ao ponto de propor duas modalidades distintas de linguística: linguística diacrônica, que aponta para uma fase de evolução e linguística sincrônica, para o estado da língua. Tais eixos funcionam de modo autônomo e independente.

Fig. 3. Eixos propostos por Saussure. (SAUSSURE, 1916/2006, p. 95).

Ao argumentar as diferenças desses dois eixos, Saussure afirma: “*A língua é um sistema do qual todas as partes podem e devem ser consideradas em sua solidariedade sincrônica*” (SAUSSURE, 1916/2006, p. 102), cujo sistema é marcado pela oposição absoluta entre os dois eixos, ao ponto de não haver compromissos, ou de uma relação de estranhamento no funcionamento linguístico entre eles.

O eixo das simultaneidades permite a articulação de valor entre os signos, enquanto o eixo das sucessividades, a substituição sem alterar os efeitos de valor das simultaneidades; por isso, que são eixos orientados de modo independentes. Isso traz uma consequência fundamental, segundo Saussure, para o funcionamento da língua: “*Encontramos aqui um princípio já anunciado; o sistema nunca se modifica diretamente, em si mesmo é imutável; apenas alguns elementos são alterados sem atenção à solidariedade que os liga ao todo*” (SAUSSURE, 1916/2006, p. 100).

Apoiando-se nos estudos saussurianos, nas descrições de Freud desde “*Monografia sobre as Afasias*” (1891/1996), “*Interpretação dos Sonhos*” (1900/1996) e nos ensaios

propriamente psicanalíticos, pela interpretação lacaniana e pela semiótica de *Charles Sanders Pierce* (1839-1914), Jakobson teoriza *metáfora* e *metonímia*, a fim de compreender os efeitos de sentido nas mensagens, em seus aspectos de signos ou de natureza poética, e em certa medida nos processos do inconsciente definidos por Freud como condensação e descolamento.

A *metáfora* é equivalente à operação que ocorre no eixo da similaridade, seleção e substituição, e, portanto, no eixo saussuriano das *sucessividades*, ou *diacronia*, em termos freudianos, condensação. A metonímia estaria análoga ao efeito da contiguidade e combinação, característico do eixo da simultaneidade, ou *diacronia*, ou deslocamento. (LACAN, 1960c/1998, p. 814)

Os eixos estabelecidos por Saussure são renomeados por Jakobson e dessa reformulação que se encontra declaradamente as influências de Lacan, que se apoia nessa distinção e sistematização de Saussure, mas com as inserções de Jakobson, sobre os dois eixos perpendiculares entre si, referentes a dualidade interna da língua, para tratar da *cronologia do tempo* e do efeito de uma *lógica de corte entre dois tempos*, tendo em vista os efeitos de significação *a posteriori*, nas significações e na causalidade psíquica, como aborda Freud com o termo *Nachtraglich*.

Dahl (2011) realiza extensa análise sobre o termo *Nachtraglichkeit*, sob a hipótese de dois eixos temporais na simbolização do trauma e nominação, comparando a absorção do impacto nas teorizações dos pós-freudianos, inclusive com o francês “*après-coup*” utilizado por Laplanche (2006), e fortalece a hipótese da absorção lacaniana dos eixos da dualidade sincronia-diacronia de Saussure, não só para os derivados da significação e sentido, mas também para lógica da temporalidade na simbolização³⁸.

O eixo das simultaneidades esquematiza a linearidade dos signos linguísticos em sua relação com o tempo de modo sequencial e unitário num lugar na cadeia significante, no qual é impossível que dois signos ocupem a mesma posição da cadeia, isso é, é impossível emitir a imagem motora de dois sons ao mesmo tempo. Segundo o eixo das sucessividades, a possibilidade substitutiva compõe toda uma classe dos signos que poderiam ocupar a mesma posição, ainda que não sejam evocados propriamente no ato fonatório, mas pela semelhança com o abstrato do conceito.

³⁸ A discussão das operações primordiais, com os termos *Bejahung* e *Verwerfung*, permitem o tratamento teórico-conceitual sobre a simbolização em psicanálise, que retomo ao longo dessa tese, mas, principalmente, como explorado no capítulo 3 “**A noção de estruturas clínicas: operações primordiais e operadores estruturais**”. Nesse, as operações serão definidas e comentadas em suas implicações.

A inferência da primazia da imagem acústica em relação ao conceito do signo, como propõe Lacan, reorienta a leitura freudiana das formações do inconsciente a partir da estrutura do significante nos equívocos, nos lapsos, nos atos falhos ou no sintoma na neurose; “isto é, de uma teoria estrutural do significante como tal, que Freud se coloca, e o resultado não deixa dúvidas, é mesmo perfeitamente convincente” (LACAN, 1957a/1999, p. 24).

Em “A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud” de 1957, e na esteira de uma argumentação da primazia da função significante nos efeitos de significação, e que, em psicanálise, apesar das contribuições inegáveis da linguística, a lógica opera de modo radicalmente orientado pela incompletude do significante em inscrever, no inconsciente, a sexualidade. A crítica aos pós-freudianos, inclusive na consistência do objeto da sexualidade, encontra seu respaldo nas contribuições saussurianas numa perspectiva bem lacaniana, atribuindo àquele a gênese de sua subversão sobre a primazia significante.

O signo [Lacan insere no corpo do texto, o signo separado por uma barra S/s] assim redigido merece ser atribuído a Ferdinand de Saussure, embora não se reduza estritamente a essa forma em nenhum dos numerosos esquemas em que aparece na impressão das diversas aulas dos três cursos, dos anos de 1906-7, 1908-9 e 1910-11, que a devoção de um grupo de discípulos reuniu sob o título de *Curso de linguística geral*: publicação primordial para transmitir um ensino digno desse nome, isto é, que só pode ser detido em seu próprio movimento. (LACAN, 1957c/1998, p. 500 – explicação entre colchete incluída)

Notemos que Lacan realiza uma matematização importante sobre a definição de signo linguístico em Saussure, extraíndo-o a partir de duas letras separadas por uma barra, S (significante) – barra – s (significado): S/s.

Eidelsztein (2003/2016, p. 55) retoma tal passagem sobre a extração das letras nas definições de Saussure, da apropriação realizada por Lacan, em três momentos. O primeiro vinculando a subversão da escrita *significante* sobre *significado*, separado por uma *barra*, e a correlação estabelecida pela qual cada significante se associa a um significado, tal qual na *fig. 4*. O segundo momento implica substituição necessária, tendo em vista a barra que resiste a uma significação unívoca na relação entre significante e significado, pela escrita na *fig. 5*. E, no terceiro momento, a possibilidade de ordenar a ligação significante e sua representação de lugar na cadeia, como exposto na *fig. 6*³⁹.

³⁹ Além do rigor de análise sobre a produção de Lacan, Eidelsztein (2003/2016) permite, com a *fig. 6*, sustentar a importância das relações que serão estabelecidas nessa tese sobre o *espaço* entre S, e S., bem como da possibilidade de *holófrase* com S.S., como derivados da hipótese de Eidelsztein.

Fig. 4.

$$\frac{S}{s}$$

Fig. 5

$$s_1 s_2$$

Fig. 6

(EIDELSZTEIN, 2003/2016, p. 55)⁴⁰

A posição subvertida do significante em relação ao significado, da proposta saussuriana, declara a diferença lacaniana em relação à linguística, e isso não está pautado apenas numa questão epistemológica, mas aponta diretamente a proposta de Lacan em afirmar que a função significante está para-além de suporte do significado ou de que venha a responder por uma significação *a posteriori*. A radicalidade do significante encontra-se na própria ordenação da realidade (LACAN, 1957c/1998, p. 503), seu efeito de concatenação aponta para duas dimensões: a do *sujeito*, enquanto efeito de representação entre S_1 e S_2 , e a do *objeto*, na proporção de um resto impossível de suturar o furo que origina o próprio significante. O “*inconsciente estruturado como uma linguagem*” aponta para esse campo no qual a operação ocorre, pela linguagem como condição do inconsciente, e do *inconsciente* como lugar possível do homem se significar, a depender de operações que sirvam de suporte da cadeia significante, que na linearidade do deslizamento permite num vetor, de retroação, um efeito de sujeito, e simultaneamente expelir um resto que demanda um outro significante em linearidade.

Jakobson procura recortar os objetos da linguística inaugurada por Saussure, na intenção de legitimar a função poética, além de incluir as disfunções e tropeços dos atos de fala, nos estudos da linguagem. Dessa forma, há uma inclusão no próprio objeto de investigação que inclua, em sua definição, uma dimensão da língua que não seja um sistema fechado, total, harmônico em sua definição.

Tfouni, Martha e Carreira (2014), quando analisam a função poética, afirmam:

Jakobson, seguindo as ideias piercianas, repropõe o modo de abordagem da arbitrariedade dos signos enunciadas por Saussure, à medida que mostra que não é, necessariamente, a presença ou a ausência de similitude que constituem a divisão dos signos, mas a predominância de um aspecto sobre os outros. (TFOUNI, MARTHA & CARREIRA, 2014, pp. 78-9)

⁴⁰ “Esse esquema permite a Eidelsztein criar uma sequência, na qual a passagem da escrita para o uso de letras, que aponta para duas dimensões distintas sobre o lugar significante: o corpo e a cadeia significante. “Dado que el significante, como letra, siempre va a estar localizado tanto em el cuerpo como em la cadena significante, se hacen necesarias nociones que articulen fundamentalmente el cuerpo y la cadena significante. entre las más importantes de estas últimas se halla la castración”. (EIDELSZTEIN, 2003/2016, p. 55).

As operações de metáfora e metonímia, que sustentam as relações significantes, e permitem matrizes de significação, também são recortadas pela interpretação de Jakobson, e no horizonte da função poética, ele afirma que as relações metafóricas e metonímicas podem estabelecer relações de tensões dialéticas a depender das proximidades entre o significante e o significado de signos linguísticos, no eixo da contiguidade. Assim, apesar da insistência de Saussure na proposição dos eixos no *Curso Geral de Linguística*, Jakobson afirma que “*toda metáfora tem um matriz metonímico*” (JAKOBSON, 1960/1990, p 150). As ligações poderiam ser por conexão temática em forma metafórica ou metonímica em relação de contiguidade. A questão gira em torno da produção de sentido, ponto sobre o qual o signo linguístico demanda outro signo linguístico, e consequentemente da primazia do significante em relação ao significado.

Jakobson (1960[1990a]), retomando o conceito de valor, aliado ao estudo do funcionamento da linguagem dentro do campo da poesia, vai mostrar que, se o signo tem seu valor por oposição àquilo que ele não é, se ele se define pela negatividade, então existe nele uma dialética de presença e de ausência, sendo que as duas propriedades são *evocadas ao mesmo tempo*. (TFOUNI, MARTHA & CARREIRA, 2014, p. 85 – grifo das autoras).

As autoras sintetizam diversos elementos da construção de Jakobson, e fundamentais da linguística, que são demasiadamente importantes para o desenvolvimento dessa seção, e da aposta lacaniana sobre a relação de *estrutura* entre *linguagem* e *inconsciente*. A importância do conceito de *valor* e a definição de signo linguístico – pela diferença e pelo aspecto assemântico – apontam para a impossibilidade do signo ser autorreferente, e portanto, alinhando dois vetores fundamentais, a saber, o primeiro vinculado ao modo como o significante se relaciona com outro significante, decantando a noção de *valor*, e a referência do signo linguístico ser deslocada de si mesmo, apontando para o referente em sua dimensão de *objeto*.

A razão está em que aquilo a que concerne o discurso analítico é o sujeito, o qual, como efeito de significação, é resposta do real. Isso eu articulei desde 11 e abril de 1956, havendo compilado o texto de uma citação do significante assemântico para as pessoas que pudessem interessar-se, ao se sentirem convocadas por isso a uma função de dejetor. (LACAN, 1973/2003, p. 458)

Por fim, a afirmação do signo comportar dialeticamente a presença e a ausência em sua estrutura, nos auxilia a compreender a possível entrada da dimensão subjetiva nessa ausência intrínseca ao próprio *signo*, ou da prevalência do significante na teoria da constituição do sujeito.

É nesse *espaço* concernente ao signo que Lacan encontra a possibilidade de sistematizar, e formalizar, a estrutura do inconsciente como uma linguagem, pois nessa também há a articulação entre *sujeito* e *objeto* em uma causalidade material, o significante em sua função de diferença radical, desde uma inscrição no campo dos significantes, ou campo do Outro.

Vale lembrar que para Lacan, a relação entre signo e significante expressa uma distinção a partir dos registros que o suportam, pelo *Simbólico* e *Imaginário* em sua referência ao *Real*, que a depender da conexão entre os significantes aponta para *a presença de uma ausência*, pois “*Um signo não se caracteriza unicamente por sua relação com a imagem [...] Ele se situa numa certa relação com outros significantes, por exemplo, com o significante que lhe é diretamente oposto, e que expressa sua ausência*” (LACAN, 1958d/1999, p. 228). Ou ainda, “*A definição que dou do significante ao qual confio o suporte S índice 1 é representar um sujeito como tal, e representa-lo verdadeiramente. Verdadeiramente quer dizer, nesse caso, conforme a realidade*” (LACAN, 1976d/2007, pp. 127-28). Ou como afirma (VIVIANI, 2014, p. 60) “*o significante é a presença de uma ausência; onde o significante está, o objeto falta*”.

As operações de metáfora e metonímia, ainda em Lacan, se aproximam da definição de Jakobson, pois “*não há metáfora sem metonímia e vice-versa*” (FERREIRA, 2002, p. 119). No entanto, isso levanta uma questão sobre o registro *Simbólico*, em sua estreita relação com a operação de metáfora, tal qual desenvolvida por Lacan ao longo do seminário “*As formações do inconsciente*” (1957/58), e nos textos “*A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud*” (1957c/1998) e “*Subversão do sujeito e a dialética do desejo no inconsciente freudiano*” (1960c/1998). Por outro lado, sobre a hipótese das *psicoses* e em sua articulação da *Verwerfung*, o problema aponta a necessidade de um tipo de desdobramento teórico que sustente a relação do *Simbólico* na estrutura quando a operação exclui radicalmente o índice de tal registro, pela *forclusão* do significante *nome-do-pai*.

Ou seriam as duas operações metáfora e metonímia, em seus eixos perpendiculares, uma primeira exploração de uma lógica não intuitiva, mas com o aplanamento de uma matemática bidimensional, euclidiana? O ponto pode ser centrado na questão do *Simbólico* e sua definição, tendo em vista a insistência de Lacan na citação abaixo sobre a relação da metáfora com o sentido numa cadeia simbólica. Mas haveria possibilidade de uma cadeia que não seja simbólica?

Eu quis mostrar-lhes que não existe objeto a não ser metonímico, sendo o objeto do desejo, objeto do desejo do Outro, e sendo o desejo sempre um desejo de Outra coisa - muito precisamente, daquilo que falta, *a*, o objeto perdido primordialmente, na medida em que Freud mostra-o sempre por ser reencontrado. Da mesma forma, não

existe sentido senão metafórico, só surgindo o sentido da substituição de um significante por outro significante na cadeia simbólica.

[...]. Os símbolos que se seguem são, respectivamente, os da metáfora e da metonímia

$$f\left(\frac{S'}{S}\right) S \equiv S (+) s$$

$$f(S...S') S \equiv S (-) s$$

Fig.7. Fórmulas da metáfora paterna. (LACAN, 1957a/1999, p. 16).

As formalizações da metáfora e da metonímia, em estrutura de letras e conjugações de símbolos matemáticos, tal qual numa aritmética equação, escrevem as definições das operações e evidenciam os eixos de simultaneidade (diacronia) e sucessividades (sincronia) no “*entre parênteses*”, respectivamente, em que a barra remete a conexão entre um significante separado por uma barra de significação a outro significante, conforme Lacan aponta. Logo, há a operação de substituição, bem como a simultaneidade dos significantes no deslocamento metonímico da linearidade da cadeia. Isso me permite aproximar a definição de significante num plano privilegiado na estrutura de linguagem, inaugurada por Saussure, aos modos de Lacan ainda criar hipóteses conjugadas sobre a aquisição da função significante, como desenvolvido até o momento. O *inconsciente ser estruturado como uma linguagem* advém como esse campo fundamental, no qual o ser falante se inscreve, e a causalidade psíquica implicada na definição de sujeito que advém “*de uma estrutura que é preciso apreender na sincronia e num encontro que não seja acidental*” (LACAN, 1966a/2003, p. 207). A formalização de metáfora e metonímia apontam para um derivado da extração realizada do signo linguístico de Saussure, matematizado por Lacan, e desde as contribuições de Jakobson.

Essas pesquisas baseiam-se no princípio de partir de estruturas complexas, apresentando-se as estruturas simples unicamente como casos particulares. Não lhes lembrarei como são geradas as letrinhas, mas com certeza, depois das manipulações que permitem defini-las, chegamos a algo muito simples. Cada uma delas, com efeito, é definida pelas relações mútuas entre os dois termos de dois pares, o par do simétrico e do dissimétrico, do dissimétrico e do simétrico, e, em seguida, o par do semelhante com o dessemelhante, e do dessemelhante com o semelhante. Temos aí, portanto, um grupo de quatro significantes que tem a propriedade de cada um deles ser analisável em função de suas relações com os outros três. Para confirmar [...] segundo Roman Jakobson [...] o grupo mínimo de significantes que se faz necessário para que sejam dadas as condições primárias elementares da análise linguística. (LACAN, 1957a/1999, p.14)

Dessa maneira, definir o *inconsciente* como campo do significante e desprovido de qualquer sentido a priori, é afirmar sua *estrutura* como análoga à da linguagem. A produção de sentido e o impossível de um sentido final, tanto na linguagem quanto no inconsciente como

estrutura, são duas fundamentações, ou condição *sine qua non*, para a teoria da constituição do sujeito, em relação ao campo do Outro. O ato de inscrição no campo da linguagem é imputar para o ser humano a dimensão de sua própria gênese a partir da linguagem, que encontra seu suporte tanto na cadeia significante, pela de metáfora e de metonímia, quanto no *suporte* do *sentido* e da *significação* – que os registros *Imaginário e Simbólico* denotam na teoria da constituição do sujeito, respectivamente. Isso permite que eu amarre, a partir da linguística, uma noção de estrutura que inclua a necessidade de supor um salto lógico para as estruturas clínicas no próximo capítulo.

Como os fundamentos (por exemplo, sincronia e diacronia) da língua permitem compreender dois modelos distintos de inscrição de sujeitos falantes em relação às regras dispostas no código?

A questão ganha sua importância quando relembramos que para Saussure, o signo linguístico é um signo psíquico, e que, portanto, reside (segundo ele no cérebro) em algum lugar no aparelho psíquico do sujeito. Logo, é necessário supor que esse uso da língua, em cada manifestação de ato de fala, implique o sujeito ao campo de linguagem; a tal campo dos signos linguísticos, aos elementos significantes desse conjunto, denominado por Lacan de grande Outro, ou campo da linguagem.

É bem interessante notar como há uma certa transposição da definição de signo linguístico de Saussure para a definição de significante quando Lacan afirma que o significante tem a propriedade de “ser o que os outros *não são*” (LACAN, 1961a/2011, p. 26), e que tal significante só alcance seu conceito, ou significado, numa sequência significante e que depende diretamente do que ele chama de “*ponto de basta*” (LACAN, 1956g/2002, 303), alcançando uma significação que é distinta do significado, mas enquanto estrutura para qual o sujeito está orientado, pela marca original do encontro com o campo da linguagem, pelo termo traço unário – que situa todo o campo do *Simbólico* na estrutura.

A linguística pode servir-nos de guia neste ponto, já que é esse o papel que ela desempenha na vanguarda da antropologia contemporânea, e não poderíamos ficar-lhe indiferentes.

A forma de matematização em que se inscreve a descoberta do fonema, como função dos pares de oposição compostos pelos menores elementos discriminativos captáveis da semântica, leva-nos aos próprios fundamentos nos quais a doutrina final de Freud aponta, numa conotação vocálica da presença e da ausência, as origens subjetivas da função simbólica. (LACAN, 1956a/1998, p. 286)

Nessa elucidação de Lacan, encontramos o termo *simbólico*, como o índice que se origina do modo como os fundamentos da doutrina freudiana anteciparam as afirmações de

Saussure. Contudo, há diferenças entre esses autores, conforme sinalizamos no decorrer dessa seção, e é bem provável na concepção de *Simbólico* e de *símbolo*. A questão da inscrição do *símbolo* parece-me uma das mais importantes, e isso remeterá diretamente à fundamentação de uma operação que explicita a gênese dessa propriedade na estrutura, tendo em vista que isso não é uma função que se extrai diretamente da linguagem, tampouco um produto de processos pedagógicos, como a simbolização das funções de linguagem que a gramática defende. Trata-se da operação primordial da *Bejahung*⁴¹ e seus efeitos em relação à concatenação significativa que o *nome-do-pai*⁴² e a *função do falo* produzem no ganho de valor e significação na cadeia significativa, bem como a exclusão desse conjunto conceitual pela via da operação primordial - *Verwerfung*.

Ainda que haja o princípio da linearidade dos signos linguísticos na cadeia de signos, o que nos levaria a afirmar, levianamente, que só se fala pra frente no aspecto linear do eixo das sucessividades, há uma operação de significação que retroage sobre a cadeia de signos já falada, produzindo a *significação*, tendo em vista a realocação dos valores de cada signo, remetendo ao eixo das simultaneidades (LONGO, 2011, pp. 30-37). No estudo da língua, a *significação* e o *sentido* podem se exprimir numa regularidade e causalidade orientados pelas leis do código, numa lógica clássica de proposição.

Porém, no ato de fala, e na língua inatingível para o ser falante, a significação e o sentido estão compostos segundo regulações atravessadas para além da universalidade dos sentidos organizados no dicionário. A psicanálise, desde Freud, revela esse campo da relação particular do sujeito com as palavras, a depender da inscrição no código e o uso no ato de fala: eis o cerne da teoria da constituição do sujeito. Aqui emerge a importância do *símbolo* e da inscrição do símbolo, bem como a concepção de sujeito dividido ou sujeito barrado (\$), desenvolvido por Lacan, sob a hipótese do inconsciente ser estruturado como uma linguagem. O conceito de *estrutura* reencontra seu destino de importância.

⁴¹ A denominação da operação primordial, no corpo da tese, tende a ser denominada como *Bejahung*, termo em alemão para a proposição que Freud realiza no texto de 1925, “*A negativa*” (FREUD, 1925/2007). O leitor encontrará uma discussão aprofundada sobre a concepção subjacente ao termo, bem como as implicações de correlação entre *Bejahung*, *Verneinung* e *Ausstossung*, no capítulo 3 “**Estrutura e sujeito: operações e operadores para as estruturas clínicas**”. A proposição de apresentação para *Verwerfung* ocorrerá no mesmo capítulo. Trata-se de um problema teórico importante na literatura psicanalítica, ainda que pouco discutido, e com uma série de dissonâncias entre os autores, como o leitor poderá se situar no capítulo referido.

⁴² O conceito *Nome-do-pai* é um dos mais importantes para a leitura do modelo estrutural, e o modo como concebê-lo é determinante para acompanhar o texto de Lacan. Há obviamente uma implicação de método envolvida, como apresentada na seção introdutória.

O estruturalismo durará tanto quanto tempo duram as rosas, os simbolismos e os Parnasos: uma temporada literária, o que não significa que esta não seja mais fecunda. Já a estrutura não está nem perto de passar porque se inscreve no real, ou melhor, porque nos dá uma oportunidade de dar sentido a essa palavra, real, para além do realismo que, socialista ou não, nunca é senão efeito de discurso. (LACAN, 1966b/2003, pp. 230-31).

O texto “*Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise*” (1956a/1998)⁴³ é conhecido por marcar a influência *estruturalista* no discurso psicanalítico de Lacan, ou mesmo a gênese propriamente formalizada das influências do campo da linguística, a partir *Saussure*, e do campo da antropologia, com *Lévi Strauss*, desde os aportes teóricos para as definições propostas por Freud. Há um impasse implícito nessa reformulação epistemológica para a teoria e técnica psicanalítica, a partir da qual Lacan discute a causa da cisão nas instituições psicanalíticas da França, nesse período, como descrito na passagem a seguir.

Entrementes, graves dissensões introduziram no grupo francês uma secessão. Elas se haviam revelado por ocasião da fundação de um “instituto de psicanálise”. Pudemos então ouvir a equipe que lograra impor seus estatutos e seu programa proclamar que impediria de falar em Roma aquele que, juntamente com outros, havia tentado introduzir ali uma concepção diferente, e para esse fim ela empregou todos os meios a seu alcance. (LACAN, 1956a/1998, p. 238)

Por qual razão o discurso de Roma, como ficou conhecido esse texto, causou tanto desconforto no cenário psicanalítico da França? Obviamente não se trata apenas de uma nova sustentação epistemológica para a teoria inaugurada por Freud, mas, principalmente, sobre os efeitos decorrentes das construções lacanianas sobre a noção de *sujeito* e de *objeto*, que até então estavam relegados ao plano das materialidades representativas. Para o conceito de *sujeito*, a tendência estava (e ainda está) dirigida pelos efeitos da teoria do complexo de Édipo e do complexo de castração, e para o estatuto do *objeto*, pelo desenvolvimento psicosssexual das fases cronológicas, imaginariamente condensados no horizonte do objeto genital como destino para o sujeito humano.

Em síntese, há três aspectos discutidos por Lacan, a saber; (1) a “*função do imaginário [...] nas diferentes etapas do desenvolvimento psíquico*” (p. 243), (2) “*a noção das relações libidinais de objeto, que, renovando a ideia de progresso da análise, reformula em surdina sua*

⁴³ O material do texto foi previamente lido no *Congresso de Roma*, realizado no *Instituto di Psicologia della Università di Roma*, em 26 e 27 de setembro de 1953. Muitos comentadores do texto laciano, como Dor (1989), Julien (1993), Fink (1998), entre muitos outros, apontam este momento como ápice do *Retorno a Freud* em seu exercício de esclarecimento sobre a função do simbólico distinto da função do *Imaginário* em psicanálise, levando ao ponto máximo a divisão subjetiva entre sujeito e *Eu*. As consequências para a clínica são incisivas, principalmente para o lugar do analista, que deixa de ser a referência para o analisando enquanto suporte de identificação, como horizonte de cura, ao ideal do eu do analista.

condução” (p. 244) e (3) a “*importância da contratransferência e, correlativamente, da formação do psicanalista*” (p. 244). A incorporação dos conceitos estruturalistas numa perspectiva psicanalítica demandou uma reorientação para a teoria freudiana e consequentemente para a técnica analítica.

A tese principal desenvolvida no texto, e que reorienta alguns pilares, até então consagrados pelos pós freudianos, aponta para a articulação, insistente em sua obra, do aspecto primordial da linguagem, enquanto campo dos significantes, na constituição do sujeito em psicanálise, e que se desdobra nas modalidades do ato de fala em transferência, a depender de seus suportes, *Imaginário* e *Simbólico*, nas tentativas de elaboração da significação e os sentidos que se decantam dessas amarrações.

Os primeiros indícios da apropriação da *noção de estrutura* estão diluídos ao longo do texto, e isso desmonta diretamente alguns conceitos fundantes para a teoria psicanalítica da época sobre a noção de desenvolvimento psicosssexual e da consistência para o objeto genital, enquanto horizonte para a prática analítica, em sua articulação com o pressuposto da linguagem, enquanto campo sobre o qual o sujeito da psicanálise se inscreve e, pelo efeito de significante emerge enquanto função na cadeia significante.

Com Lacan, o estatuto do inconsciente é radicalmente transformado nas teorias psicanalíticas, e as dificuldades de compreender a extensão da delimitação do inconsciente lacaniano, enquanto efeito das influências epistemológicas, principalmente com o estruturalismo, demandam do autor um movimento elíptico em esclarecer não somente sua concepção, como, inclusive, demarcar a distinção com a noção freudiana.

Uma década após o discurso de Roma, em 1964, com a aula de 22 de janeiro de 1964, incluída no seminário sobre “*Os quatro conceitos fundamentais*”, Lacan discute o conceito de inconsciente em sua diferença com o proposto de Freud. O ponto para o qual Lacan retorna é sobre a *noção estrutural* de sua proposta, cuja marca do inconsciente estruturado como uma linguagem remete ao estabelecido por Lévi-Strauss, como na citação a seguir.

A maioria desta assembleia tem noção de que já adiantei isto - *o inconsciente é estruturado como uma linguagem* - o que se relaciona com um campo que hoje nos é muito mais acessível do que no tempo de Freud. Ilustrarei com algo que é materializado num plano seguramente científico, *com* esse campo que explora, estrutura, elabora Claude Lévi-Strauss, e que ele rotulou com o nome de *Pensamento selvagem*. (LACAN, 1964a/2008 pp. 27-8)

Os pontos de cortes sobre o inconsciente incidem numa concepção em que o inconsciente é um campo de significantes, cuja marca não está nos sentidos imaginários pressupostos no recalçamento, tampouco na exclusividade dos efeitos simbólicos para os quais

o sujeito tenderia a se evidenciar enquanto efeito da significação fálica. Para Lacan, e ele insiste claramente nessa aula, é de uma dimensão do inconsciente em que o *Real* se faz como causa de uma amarração a partir dos registros e de uma posição de sujeito, desde os significantes em sua aceção de materialidade impossível de ser reduzida a si mesma, o que nos convidaria a conceber um espaço⁴⁴ inerente ao significante, logo, ao inconsciente e à própria linguagem, tendo em vista que o *inconsciente é estruturado como uma linguagem*.

Esse espaço é a causa da estrutura e a possibilidade de uma estruturação, pela via da teoria do sujeito em psicanálise, pois “*só existe causa naquilo que manca*” (LACAN, 1964a/2008, p. 29). Eis uma apropriação psicanalítica, e lacaniana, da inserção de Jakobson nos estudos da língua, quando o que manca está incluído na própria *estrutura*.

As tendências dos teóricos pós-freudianos, nos anos de 1950, estavam sustentadas em um inconsciente marcado pelo caldeirão de conteúdos recalçados, enquanto conjunto de significados ou ideias incompatíveis ao plano do consciente. Portanto, em virtude de uma distribuição tópica, o inconsciente seria o reduto para o qual se dirigiam o representante da representação, que ameaçava a homeostase do aparelho, e segundo as pressões dos mecanismos de defesa que orientaria o trânsito de uma região para outra. O inconsciente era definido enquanto um conjunto marcado pelo conteúdo recalçado, desde as operações de deslocamento e condensação, e menos pela forma que o organiza.

As propostas de Lacan torcem a noção de inconsciente para, inicialmente, um polo oposto, no qual a marca estaria reduzida a um espaço estrutural, por espaços determinantes e vazios, aos moldes de uma fórmula matemática que determinaria as contas expressas pela lógica de uma subjetividade. O inconsciente passa a ser considerado como um conjunto lógico orientado por leis mínimas que determinam o funcionamento do elemento essencial, a saber, o significante – que na esteira lacaniana carrega a causa do significado quando demanda outro significante para o efeito de significação, a partir da conjugação possível da metáfora e da metonímia. “*O espaço do significante, o espaço do inconsciente, é realmente um espaço tipográfico, que é preciso tratar de definir como se constituindo de acordo com linhas e pequenos quadrados, e correspondente a leis topológicas*” (LACAN, 1958a/1999, p. 153).

⁴⁴ Optamos utilizar o termo *espaço*, ao invés de *hiância* como tradução para o português do original *béance*, utilizado por Lacan. Essa escolha está pautada pela articulação vislumbrada, que será realizada nessa tese na próxima seção, com a teoria da holófrase, também abordada por Lacan nesse seminário sobre os fundamentos da psicanálise, na qual não há espaço entre dois significantes, levantando uma grande e importante discussão sobre a pertinência de afirma-los significantes ou configurando-os como um signo.

De um lado, denota-se um inconsciente qualificado pelo conteúdo recalcado, por outro, um inconsciente definido por uma lógica de funcionamento que determina na cadeia significante a posição do sujeito do inconsciente, a partir de certas condições de enunciação.

Tfouni, Pereira e Monte-Serrat (2009) analisam a estrutura do inconsciente, a partir do conto “*A carta roubada*” (1844) de Edgar Allan Poe (1809-1849), seguindo a esteira de Lacan no texto “*Seminário sobre ‘A carta roubada’*” (1957/1998) e propondo relações com as noções da análise do discurso, de acontecimento e político. Esses autores, ainda que de modo implícito, nos auxiliam a compreender a proposta lacaniana, e afirmam a prevalência da função significante na lógica inconsciente e, ao mesmo tempo, apontam para o paradoxo inaugurado por Lacan sobre o estatuto esvaziado de significado do inconsciente estruturado como uma linguagem.

Lacan afirma que o elo que une significante/significado seria uma barra radical e o que se encontra no inconsciente é o significante. pensamos o significante como um campo híbrido em que atua o político e o acontecimento. Ele se move em uma zona em que a distinção entre ambos não tem literalmente sentido algum, como a carta, cujo conteúdo não importa e, sim, quem a detém. O político oferece ao sujeito uma “troca por equivalente” [...] uma medida comum. (TFOUNI, PEREIRA, MONTE-SERRAT, 2009, p. 42)

No seminário “*Problemas cruciais para a psicanálise*” (1964-65), na aula inaugural de 2 de dezembro de 1964, Lacan aponta para o destino dado para sua concepção de *inconsciente*, quando retoma a famosa frase “*Colorless green ideas sleep furiously*” (LACAN, 1964a/2006, p.11) de Noam Chomsky (1928 -) publicada no livro “*Syntactic Structures*” (1957) contemporâneo ao seminário “*As formações do inconsciente*” (1957-58).

O autor pensa, tendo construído esta frase, ter dado uma frase que é sem significação, sob o pretexto de que *colorless* contradiz *green*, que ideias não podem dormir, e que parece, sobretudo problemático que se durma furiosamente. O que o surpreende é que ele possa, ao contrário, obter de um sujeito, sujeito que ele interroga – ou que ele imagina interrogar, mas seguramente que é seu expediente – que essa frase sem significação seja uma frase gramatical. (LACAN, 1964a/2006, pp. 12-3)

A frase de Chomsky é gramaticalmente estruturada conforme leis coerentes com as regulações propostas no código. Porém, o sentido imaginário a ser deduzido da concatenação significante é desprovido de significação, ainda que gramaticalmente correta. Por fim, Lacan extrai das considerações de Chomsky a formalização distintiva entre significado e significação das propriedades sintáticas de uma frase.

As relações entre sintaxe e significação são diferentes das relações entre sintaxe e sentido. Essa última, sob a generalização a que o sentido pode ser atribuído para o signo

linguístico e os efeitos de sentido na sequência de sucessões dos signos – parecia denotar que “*toda frase sintática*” comporta um “*sentido*”, e que se não há sentido, há algum equívoco na sintaxe. Essa frase de Chomsky revela a possibilidade de uma sentença estruturada na sintaxe, mas cujo sentido é esvaziado de apreensão imediata. “*A relação do sentido com o significante, eis o que acredito desde sempre essencial a manter no coração de nossa experiência, para que todo nosso discurso não se degrade. No centro desse esforço, que é o meu, orientado por uma práxis, coloquei a noção de significante*” (LACAN, 1964a/2006, p.18).

O ponto é que Lacan afirma a possibilidade de a significação ser extraída de uma frase sem sentido, e desde que sintaticamente estruturada. A significação e o ato de significar remete diretamente à própria estrutura do inconsciente e a demanda de uma suposição subjetiva que interpreta a disposição significante na estrutura gramatical ordenada no eixo das sucessividades. O ponto central é o próprio significante, em seu aspecto de assemântico.

O inconsciente não tem nada a ver com essas significações metafóricas, por mais que as empurremos, e procurar numa cadeia significante, gramatical, a significação, é uma empreitada de uma futilidade extraordinária. Pois sim, (...) é que uma cadeia significante engendra sempre – qualquer que ela seja, contanto que seja gramatical – uma significação e, direi mais, qualquer uma. (LACAN, 1964a/2006, p. 15)

Ainda assim, Lacan nos orienta em duas qualidades sobre o inconsciente em sua relação com o significante, pela via de tesouro dos significantes e por bateria de significantes, enquanto espaço cuja unidade de composição é o significante, e não o significado, orientado por leis de funcionamento, e pelo efeito de uma inscrição primordial nesse campo.

No sentido das premissas inauguradas pelo psicanalista na década de 1950 e que permanecem no escopo do autor até o fim de sua obra, é por meio da linguagem que o indivíduo humano se constitui enquanto sujeito e isto implica diretamente a divisão subjetiva, marcada pelo inconsciente, pelas operações primordiais - *Bejahung* e *Verwerfung* - que sistematizam a inscrição do símbolo para as possíveis conexões entre significantes. A primazia do conceito de significante e a articulação de pelo menos dois em uma cadeia são a base para concepção psicanalítica de sujeito e do modo como este efeito produz significação, a partir do registro *Simbólico*; tornando estes dois dependentes radicalmente da linguagem ainda que particularizando na subjetividade, que o código linguístico organiza, e que fica instituído pelo registro *Imaginário* na teoria lacaniana. É a inclusão dessa lógica inconsciente que tal conceito permanece em seu estatuto de estruturação, ainda que o autor avance sobre os conceitos de *Real*, obviamente, considerando que haja inflexões teóricas, e não abandono de concepção.

Essencialmente, Lacan organiza uma teoria da constituição do sujeito, na qual afirma que a subjetividade não é efeito puro da materialidade orgânica tampouco desenvolvida de forma inata ou genética, mas que é possível formalizar uma teoria da constituição do sujeito, contemplando tanto um conjunto de leis que regem o modo de funcionamento geral da subjetividade quanto na particularidade do sujeito em relação ao campo dos significantes, qual seja a linguagem. Ou seja, a constituição do sujeito enquanto operação de inscrição no campo é o principal referente para a formalização do funcionamento dos elementos; logo, da estrutura subjetiva⁴⁵.

Em 1970, no texto “*Radiofonia*”, Lacan retoma as mesmas afirmações sobre a primazia do significante em relação ao significado, a fim de esclarecer, pois a “audiência-colchão” insistia em não compreendê-lo, e ao ponto de “*era preciso gritar um pouco para ser ouvido [...]*” (LACAN, 1970/2003, p. 414) que o inconsciente estruturado como uma linguagem encontra suas leis primordiais para o dinamismo da significação na metáfora e metonímia, e aponta para a desproporção, na perspectiva da estrutura, entre os sexos na inscrição inconsciente.

A condição disso é o que Lacan disse sobre a barra saussuriana, que não pode representar nenhuma intuição de proporção, nem se traduzir como barra de fração, senão por um abuso delirante, mas sim, como o que é para Saussure, constituir uma borda real, isto é, a saltar do significante que flutua para o significado que flui. (LACAN, 1970/2003, p. 414)

Se essas contribuições permanecem sendo citadas por Lacan em praticamente todos os seminários que realiza, ainda que, simultaneamente, aponte suas diferenças conceituais, ou mesmo para a absorção de outros campos na construção de sua teoria, como o da lógica anunciado em 1969, na aula “*Por uma prática lógica na psicanálise*”, do seminário livro 16, “*de um Outro ao outro*” (1968/1969); esse campo pode nos ser útil, tanto para compreender as influências da linguística para a psicanálise, mas também em delimitar uma melhor compreensão dos ensinamentos posteriores, como o de *objeto a*, *gozo* e o *Real* em relação a essas primeiras contribuições, pois a despeito dos avanços a posição de que se trata, como Lacan diz é que “*desde a origem, coloca o sujeito na dependência do significante*” (LACAN, 1969a/2008, p. 91). Apesar do estruturalismo ser o ponto fulgurante, é sobre a noção de

⁴⁵ É importante retomar que a formalização do funcionamento dos elementos em lógicas estruturais distintas, ao que implica numa teoria da constituição do sujeito, está pautada tanto pela dimensão corpórea quanto das diferentes instâncias que Lacan procura sistematizar, a saber, *sujeito*, *eu* e *objeto*. Esse passo, apresentado brevemente na introdução, será retomado no capítulo seguinte, com as três principais teorias sobre esse tema: *estádio do espelho*, *complexo de Édipo* e *Alienação*.

estrutura e da relação entre linguagem e inconsciente que Lacan se apoia em diferentes disciplinas para se fazer ouvir pela audiência colchão.

Em torno dessa condição fundamental ordena-se tudo o que se afirmou de aceitável na primeira prática da análise, na qual certamente foram levados em conta os trocadilhos e os jogos de linguagem, por bons motivos. Esse nível, eu simplesmente retomei e o legalizei, eu diria, apoderando-me do que a linguística forneceu, sobretudo nessa base que ela destaca e que se chama fonologia, o funcionamento do fonema como tal. Impunha-se realmente perceber que o que Freud havia desbravado encontrava ali, pura e simplesmente, o seu estatuto, sem dúvida com certo atraso, mas, evidentemente, com menos atraso do que podiam ter o público em geral e, do mesmo modo, os psicanalistas.

No nível linguístico, dá-se uma coincidência, porque é verdadeiramente do próprio material fonêmico que se trata nos jogos do inconsciente. (LACAN, 1969a/2008, p. 91)

O sintagma “*o inconsciente é estruturado como uma linguagem*” é o índice de referência para a proposta lacaniana sobre o inconsciente, sem repeti-la ao longo de todo seu ensino (KRUTZEN, 2003). É na análise desse sintagma que encontramos a passagem da linguística para a psicanálise. A afirmação de Lacan, sobre o inconsciente, produz uma definição bastante complexa atrelando inconsciente e linguagem aos moldes de uma similaridade, cujo termo que os aproxima é estrutura. A atribuição do estatuto do inconsciente ser aproximado ao da linguagem, pela via do termo estruturado, nos convoca a associar a estrutura da linguagem como sendo análoga à estrutura do inconsciente, e, portanto, demandando esclarecimentos sobre essa estrutura que funciona para esses dois conceitos em psicanálise.

As consequências dessa afirmação lacaniana são suficientemente ramificadas, por exemplo quando se estabelece o eixo do sentido, ou mesmo de um conteúdo, para analisá-la sobre o inconsciente e sobre linguagem, estabelece-se dois grandes grupos de definições, em que o primeiro, portanto, entenderia os dois termos como estruturados pela via do conteúdo, produzindo uma concepção de inconsciente análoga ao do “*caldeirão de sentidos recalçados*” e da linguagem como aquela proeminente antes das produções de Saussure; em outra perspectiva, e portanto um segundo grupo para o qual inconsciente e linguagem estariam esvaziados completamente desse recheio por conteúdos e que, então, seriam estruturas orientadas apenas pelas funções lógicas que permitiram certos produtos, como numa fórmula matemática. Esses dois grupos evidenciam a complexidade que tal afirmação lacaniana conota, inclusive permitindo afirmar sua exclusão do repertório final da obra do autor, como o que se pode inferir quando se é partidário do primeiro grupo, ou sua permanência ao longo de toda obra, considerando que ela deva ser avaliada conforme novas articulações aparecem no texto do autor.

Arrivé (2000) realiza importante mapeamento das noções gramaticais na obra de Lacan, a fim de elaborar as possíveis relações entre linguagem e estrutura do inconsciente. A proposta consiste em acompanhar sistematicamente as elaborações psicanalíticas de Lacan sobre os conceitos da linguística, principalmente no que tange as aproximações e distanciamentos entre essas duas ciências. Na primeira seção do artigo, Arrivé (2000) se debruça sobre as diversas nuances da afirmação “*o inconsciente é estruturado como uma linguagem*”, desde os primeiros seminários até as últimas produções de Lacan.

As disciplinas da linguística mais utilizadas por Lacan são a fonologia e a etimologia, ainda que a gramática sirva de suporte em algumas elaborações (ARRIVÉ, 2000, p. 11), pela via das escanções entre os significantes e a pontuação. A fonologia se ocupa dos estudos do sistema de fonemas de uma língua ou das línguas em geral, bem como as funções nas unidades de signo e suas articulações de posição, como os pares opositivos, variantes posicionais, neutralização, arquifonema, possibilidades de combinações entre outras. Os estudos de Jakobson são de forte influência para Lacan, principalmente em suas publicações sobre a função poética e a relação entre o sentido e a sonoridade das letras e suas conjugações. A etimologia se ocupa da origem das palavras, e das atribuições de significados através dos elementos que as constituem, considerando suas transformações ao longo da história dos falantes. “*Lacan se interessa muito pontuação, a tal ponto que ele imagina “uma pontuação sem texto” (Écrits, p. 388): metáfora para significar a castração quando submetida à Verwerfung, reaparece erratically no real*” (ARRIVÉ, 2000, p. 12). No entanto, as relações de Lacan com essas disciplinas da linguística são bastante complexas, tal qual sua relação com Saussure.

Mas é preciso assinalar que Lacan efetua um alargamento considerável da noção de fonema, a ponto de fazê-la designar tanto as unidades estritamente distintivas quanto as unidades significativas, quaisquer que sejam suas dimensões: o sentido dessa extensão é evidentemente marcar a unidade dos funcionamentos linguísticos, fundados sobre o regime de oposição recíproca. Assim, as duas famosas “oralizações” *fort* e *da* (“lá” e “aqui”) do garotinho de *Além do princípio de prazer* (1921) são fonemas, no entender de Lacan. (ARRIVÉ, 2000, p. 11)

Apesar de Lacan insistir na relação de analogia entre o inconsciente e a linguagem, pela via de uma estrutura, Arrivé (2000) conclui que o conceito de língua é o modelo privilegiado de Lacan para o inconsciente, mas em seu aspecto de radicalidade de não, “*não ser ultrapassada pelo seu outro*” (ARRIVÉ, 2000, p. 13). Há um certo paradoxo nessa constatação de Arrivé, dado caráter compartilhado do termo língua, em Saussure, ou ainda da definição de código no seminário “*As formações do inconsciente*” (1957-58) de Lacan, em suas funções de emissor, receptor, mensagem e suporte material. No entanto, Lacan não facilita quando afirma que a

intersubjetividade se dissolve, pois está calcada no eixo das relações simbólicas, ou inconsciente (LACAN, 1955d/1985, p. 225) portanto, apontando para uma dimensão ilusória implícita ao código, ou nas dimensões de emissor e receptor de mensagem, quando na dimensão inconsciente. É nessa distinção entre eixo *Imaginário*, possível de uma distinção entre *eu* e *outro*, e eixo *Simbólico*, possível distinção entre *sujeito* e *objeto*, que há uma transposição da divisão subjetiva, e do inconsciente como estrutura que ordena a concatenação significativa, e portanto, a realidade psíquica.

O esquema L aponta para a divisão subjetiva, e o suporte em registros S e I distintos, como uma espécie de torção nos eixos propostos por Saussure, em que as superfícies não estão radicalmente perpendiculares, ou numa gênese de relação topológica.

Fig. 8. Esquema L (LACAN, 1957a/1998, p. 58; LACAN, 1956e/1998, p. 555)

No final da década de 1980 e começo de 1990, nos mais diversos países que foram impactados pelas publicações do psicanalista francês, encontramos um momento privilegiado de autores, que se enveredaram em elucidar ou comentar as afirmações de Lacan; pouco mais de duas décadas após a publicação dos *Escritos* (1966/1998) e depois do primeiro trabalho essencialmente lacaniano em psicanálise com “*Psicanalisar*” de Serge Leclair (1967). Nesses anos, há um predomínio em segmentar e nomear períodos, no conjunto da obra de Lacan, para o qual se atribui a primazia do *Simbólico* ao *inconsciente estruturado como uma linguagem*. É interessante recuperar um breve percurso desse conjunto, a fim de que constatem a recepção dada a tal formulação, bem como explicitemos a necessidade de esclarecer a distinção entre função significativa que está em jogo na afirmação lacaniana e a posição do estatuto *Simbólico*, enquanto registro para as formações do inconsciente.

Joel Dor (1989), importante psicanalista e comentador da teoria de Lacan, insere esse sintagma no título de seu livro *Introdução à leitura de Lacan – o inconsciente estruturado como linguagem*, e afirmar que seguir essa indicação na obra do autor comentado permitiria reunir os elementos mais constitutivos do arcabouço definido como “lacaniano”. Quer dizer, esse produto

do percurso de Lacan, pelo estruturalismo e dos efeitos do diálogo com áreas distintas da psicanálise, seria um primeiro conjunto propriamente autoral de Lacan, desde as apropriações realizadas entre 1940 e 1960.

Introduzir à obra psicanalítica de Lacan exige, pois, que seja convenientemente estabelecido o que funda as causas e circunstâncias dessa proposição: o inconsciente é estruturado como uma linguagem; sob condição de previamente explorar o que, na própria obra de Freud, justifica seu princípio e sua pertinência. (DOR, 1989, p. 15)

Phillipe Julien também organiza toda uma seção em seu livro “*O retorno a Freud de Jacques Lacan – a aplicação ao espelho*”, sobre esse sintagma, e ao nomeá-la já nos indica um problema sobre as diferenças entre linguagem e *Simbólico*. A seção na qual o autor o reconstrói é “*A exaustão no simbólico*” e nessa ele afirma: [...] “*concebesse que o inconsciente, estruturado como uma linguagem, é de ordem simbólica e, portanto, o que determina o processo de análise*” (JULIEN, 1993, p.46).

Bruce Fink (1998) é outro que se concatena nessa série de comentadores. De modo mais cauteloso, e menos classificatório, ele nos convida a atrelar o sintagma título a um campo denominado de *Estrutura: Alienação e o Outro*. “*Como Lacan repete diversas vezes, o inconsciente é estruturado como uma linguagem; em outras, palavras ocorrem os mesmos tipos de relação entre os elementos inconscientes que existem entre os elementos constituintes de qualquer linguagem*” (FINK, 1998, p. 25).

Jacques Allain-Miller (2011), já apresentado na seção introdutória, representa a posição mais curiosa sobre esse grande conjunto, pois acredita que Lacan o tenha abandonado em seu ultimíssimo ensino. É inegável a habilidade desse autor em transmitir sua interpretação do texto lacaniano, e dela conseguimos sintetizar a justificativa para retomar essa afirmação conceitual tão repetida. Ele afirma as segmentações que costumamos encontrar em outros trabalhos, em seu famoso livro “*Perspectivas dos Escritos e Outros Escritos de Lacan - entre desejo e gozo*”:

Lacan, assim como todos os estruturalistas, foi um bourbakista, e seu ensino começou como vocês sabem, pelo primado do simbólico. Ou seja, primeiro por uma rejeição do real, no sentido em que a questão do real não era formulada. Num segundo momento, o imaginário parecia superado pelo simbólico, no sentido de *Aufhebung* hegeliana, valendo-se de um termo já enfatizado por mim. Isso supõe que a representação, imaginária, seja barrada, anulada e mesmo mortificado para ser elevada ao nível de significante. (MILLER, 2011b, p. 23)

É praticamente unânime que esse sintagma apareça em trabalhos de orientação psicanalítica em Lacan, o que nos leva, portanto, a novamente a uma tarefa de explicitação sobre tal apropriação quase redundante ou mesmo impossível. Afirmar genericamente que esse

sintagma seja um produto de uma série de trânsitos conceituais, sobre a orientação de método do estruturalismo para o inconsciente freudiano, é tese comprovada e quase de domínio público. Assim como afirmar que o inconsciente é o campo do Outro ou discurso do Outro.

Esse breve percurso permite trazer ao primeiro plano uma noção do “*inconsciente estruturado como uma linguagem*” em relação à primazia do significante no campo da linguagem e, portanto na lógica subjetiva pela via da estrutura, e que isso demanda uma modelo teórico de inscrição em tal campo em dois momentos; um primeiro orientado por uma inscrição primordial a tal campo e um segundo que permite articulações desde os registros *RSI* nos desenrolares das identificações com o campo do Outro às relações com o outro.

Os primeiros símbolos, os símbolos naturais, são oriundos de um certo número de imagens prevalentes – a imagem do corpo humano, a imagem de um certo número de objetos evidentes como o sol, a lua e alguns outros. E é isto que dá o peso, a mola e a vibração emocional, à linguagem humana. Será que este imaginário é homogêneo ao simbólico? Não. (LACAN, 1955g/1985, p. 382)

Como já anunciado, as ramificações que introduzi sobre *o inconsciente estruturado como uma linguagem* estarão circunscritas à lógica de três orientações: (1) Qualificar o inconsciente enquanto campo privilegiado no qual a estrutura se enoda, pela via de tesouro e bateria de significantes; e (2) Ordenar a propriedade significante enquanto elemento mínimo do campo; e; (3) Elencar as operações que determinam as relações entre os elementos mínimos e em relação ao campo.

Em síntese, os pontos pertinentes sobre o inconsciente ser estruturado como uma linguagem são emoldurados pelas definições de inconsciente pela via de campo, articulando-as a duas atribuições que Lacan realizou (1) da definição do inconsciente ser o tesouro de significantes e (2) bateria de significantes, a ponto de incluir o vazio na dimensão inconsciente, matematizado pelo $S(A)$. Em outras palavras, o horizonte, que aposto, incide na concepção de que o *inconsciente* e a *linguagem* estão estruturados em torno do significante em sua acepção de diferença radical a outro significante de um conjunto, e que portanto, ambos devem ser compreendidos a partir da função significante e do como um sujeito articula essa unidade mínima a outra unidade pela via dos registros que dariam suporte para a significação: a oposição entre função *simbólica* e *holófrase*. A *holófrase* remete a um bloco linguístico, cujas as unidades não estão demarcadas pelas diferenças nas escanções. Há uma oposição entre propriedade *simbólica* e *holófrase*, denotando dois conjuntos distintos de funcionamento na significação⁴⁶.

⁴⁶ A diferença entre os aspectos simbólicos da concatenação significante em oposição ao termo *holófrase* é ponto importante nessa tese, e remete diretamente à teoria da *Bejahung* e *Verwerfung*, que será desenvolvida no capítulo

Uma condição inicial se impõe, contudo: levar em consideração a maneira pela qual Lacan concebe a estrutura do inconsciente. Por um lado, é extremamente simples e, por outro, lado extremamente complexa. Extremamente simples por causa da insistência da fórmula, na maioria das vezes idêntica a si própria. E extremamente complexa porque cada um dos termos que a constitui cria problemas. O inconsciente, por exemplo, é tão *in-consciente* – *un-bewust* – quanto seu nome diz? Lacan denuncia em diversas ocasiões (por exemplo em *Télévision* [1973a, p.15] o caráter negativo da palavra, “que permite que se suponha qualquer coisa do mundo, sem contar o resto”. O particípio estruturado seria mais transparente? De modo algum, já que a noção pressuposta por ele – a estrutura – é intimamente vinculada à linguagem, tão intimamente que os dois objetos chegam a se confundir. (ARRIVÉ, 2000, p.14)

No entanto, as diferenças entre *linguagem* e *Simbólico* ficam indistintas na afirmação de Lacan, se considerarmos as definições linguísticas para esses termos, como se averigua em Julien (1993). A proposta de Lacan para linguagem pode ser aproximada com própria definição de inconsciente, em sua dimensão de estrutura, e portanto em duas vias de campo do significante – *tesouro de significantes* e *bateria de significantes* - considerando os eixos sincrônico e diacrônico da cadeira significante, e por tal razão a possibilidade de que haja uma significação advinda do campo do Outro, mas dialeticamente, com *inclusão do vazio como elemento constituinte*, ou do aspecto asemântico do significante, um vazio que impossibilita a significação total, logo, o $S(A)$. É com a elucidação desse *matema* que a questão da permanência conceitual do conjunto estrutural pode ser compreendida, principalmente após 1960 com a inserção do *objeto a*, e a eliminar o equívoco de compreender as estruturas clínicas como estanques ou fechadas, como discutido na seção introdutória.

A definição de tesouro de significantes aparece à exaustão ao longo dos seminários “*A relação de objeto*” (1956-57) e “*As formações do inconsciente*” (1957-58). Nesses dois, Lacan está procurando fundamentar a noção de *objeto* e de *sujeito* em psicanálise, pela via da articulação do estatuto da falta de objeto em seus estatutos a partir dos três registros *RSI*, enquanto produto na subjetividade das operações de *frustração*, *privação* e *castração*, no primeiro, enquanto no segundo, a proposta incide no esclarecimento da função do *Simbólico* e da inscrição do índice do símbolo, na lógica da estrutura simbólica que articula falo e castração, pela via do significante nome-do-Pai, a partir da teoria do complexo de Édipo. Discuto os desenvolvimentos dessa concepção no capítulo 2 “*Estruturas clínicas e os três registros RSI*”, na seção 2.3. “Considerações críticas sobre a teoria do complexo de Édipo”.

2 “*Estruturas clínicas e os três registros RSI*”, na seção 2.4. “A teoria da alienação: espaço e holófrase dos significantes”. Na seção referida, exploro as consequências da teoria da alienação (LACAN, 1964c/2008), para o termo estruturas clínicas.

A questão é rica em consequências, não somente para tudo o que concerne à nossa terapêutica, mas também para nossa concepção dos modos do inconsciente. Que haja uma certa estrutura, que essa estrutura seja a estrutura significante, que ela imponha sua grade a tudo o que acontece com a necessidade humana, isso é absolutamente decisivo. (LACAN, 1957b/1999, p. 77)

No horizonte, Lacan permite uma compreensão do inconsciente em que os três registros *RSI* tornam-se peça metodológica fundamental. O inconsciente enquanto campo de significantes, por ser estruturado como uma linguagem, só adquire seu estatuto quando se supõe um sujeito que fala, e dessa maneira permite a articulação da palavra em duas dimensões, imaginária (pela via da unidade do *eu*) e simbólica (pelo traço que indicará um rastro de uma posição), quando na tentativa de encontrar um significante que situe o sujeito em uma definição, ainda que isso implique num impossível, pois haverá um espaço logicamente determinado pela própria característica identitária do significante em apontar para um furo que o define em relação a todos os outros do conjunto, como já afirmava Saussure, e escrito no esquema L, a partir do eixo inconsciente.

O inconsciente proposto por Lacan encontra seu lugar num campo caracterizado pela torção em que há tanto a possibilidade da significação pela via do significante, quando esse demanda outro significante, produzindo todas as possibilidades de sentido que uma estrutura de significação permite, e, ao mesmo tempo, um espaço de vazio, a partir do qual está posta a própria causa da subjetividade em psicanálise, como na referência à significação que remete a uma estrutura gramatical desprovida de sentido, e implica a subjetividade na concatenação significante. O primeiro está diretamente vinculado com o campo de significantes qualificado pela via de tesouro, como apontado uma década antes, e o segundo, denominado de bateria de significante, que inclui esse vazio inerente à cadeia significante.

Creio lhes haver indicado suficientemente que a dimensão do Outro como lugar do depósito, do tesouro do significante, comporta, para que ele possa exercer plenamente sua função de Outro, que ele tenha também o significante do Outro como Outro. Também o Outro tem, além dele, esse Outro capaz de dar fundamento à lei. Essa é uma dimensão que, é claro, é igualmente da ordem do significante, e que se encarna em pessoas que sustentam essa autoridade. Que essas pessoas falem, vez por outra, ou que haja carência paterna, por exemplo, no sentido de o pai ser imbecil demais, não é o essencial. O essencial é que o sujeito, seja por que lado for, tenha adquirido a dimensão do Nome-do-Pai. (LACAN, 1958a/1999, p. 164)

O inconsciente lacaniano está numa pautado por uma dupla dimensão, a da significação e do vazio da significação, a depender de como esse vazio é inscrito na subjetividade, tal qual foi discutido de um *Real* que se inscreve como neurose, perversão ou psicose. “*Estou certamente, agora, na minha data, na minha época, em posição de introduzir no domínio da*

causa a lei do significante, no lugar onde essa hiância⁴⁷ se produz” (LACAN, 1964a/2008, p. 31).

Ou seja, a partir do momento que o corte significante opera, e o sujeito passa ser efeito do encadeamento significante, pela própria propriedade do código ser distinto da mensagem, que o inconsciente alcança seu estatuto de tesouro de significantes, e marca sua característica de ser estruturado como uma linguagem. O inconsciente é estruturado como uma linguagem, pois é da função significante que seu campo é constituído, e por tal razão que ele é sede da possibilidade de todas as significações, enquanto estrutura de linguagem que pode situar o sujeito entre significantes. Ou como afirma Lacan, *“Essa medida comum entre o inconsciente e a estrutura da fala, enquanto comandada pelas leis do significante, é precisamente aquilo de que nos tentamos aproximar cada vez mais”* (LACAN, 1957c/1999, p. 89).

A releitura lacaniana do conceito de inconsciente de Freud encontra seu suporte de sistematização e formalização na estrutura da linguagem inaugurada por Saussure e Jakobson, essencialmente, ainda que outros linguistas também sirvam de referência, como N. Chomsky, por exemplo na menção a *“Problemas cruciais para a psicanálise”* (1964/65) ou ainda na crítica realizada no seminário *“O sinthoma”* (1975-76), desde as reformulações que o linguista estabeleceu para a linguagem como órgão, genética e localizada no corpo: *“É assim que a linguagem, entre outras coisas, é considerada por Chomsky como determinada por um fator genético. Em suma, a linguagem é, ela mesma, um órgão. Foi nesses termos mesmo que ele se expressou para mim”* (LACAN, 1975b/2007, p. 31)

As particularidades ou diferenças encontradas nos textos de Lacan, sobre a linguagem, não invalidam a ciência da linguística, tampouco deixam de ser referências em seu ensino, como se encontra ao longo de *“O sinthoma”* (1975-76) com os termos *língua, linguagem e significante*, porém cuja a marca é de um uso, de uma apropriação, dos conceitos linguísticos que sirvam de suporte para transmitir uma lógica teórica sobre o *sujeito* e o *objeto* em psicanálise, e ao mesmo tempo orientador pela leitura da escuta significante na clínica sobre transferência.

Para o leitor atento, que não encontrou com consistência o suficiente, até o presente momento desse trabalho, o desenvolvimento sobre o termo *Simbólico*, será um dos conceitos explorados na seção seguinte com a antropologia, aos moldes de um novo ponto de estofa, pois acredito que Lacan radicaliza esse registro para além das contribuições da linguística.

⁴⁷ A tradução para o termo *hiância* foi discutida em nota de rodapé anteriormente, para o qual optei por utilizar *espaço*. No entanto, mantive a tradução realizada por M.D. Magno na versão referida nas referências bibliográficas.

Esta ressalva se deve ao fato de uma certa confusão conceitual entre os termos *linguagem* e *Simbólico*, oriunda da interface linguística e psicanálise, que num primeiro momento poderia nos levar a conclusão de que seriam conceitos de mesma acepção, em áreas com fundamentos distintos entre si. Inclusive, podemos antecipar tal problema no próprio ensino de Lacan, em que nos dois primeiros seminários “*Os escritos técnicos de Freud*” (1953/1954) e “*O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*” (1954/1955) podemos localizar a construção dessa diferença conceitual, principalmente quando ele formaliza o pequeno outro distinto do grande Outro. Essa discussão passa a ter um estatuto mais consistente a partir do trabalho “*Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise*” (1956), e que coincide com os estudos desenvolvidos no seminário “*As psicoses*” (1955/1956), a fim de que linguagem, enquanto campo de significantes, e *Simbólico*, enquanto registro suporte para a subjetividade, adquiram seus contornos até o fim de sua obra.

[...] é um ser humano, de que nasceu num estado de impotência, e que, muito precocemente, as palavras, a linguagem, lhe serviram de apelo, e de apelo dos mais miseráveis, quando era dos seus gritos que dependia sua comida. Já se colocou essa maternagem primitiva em relação com os estados de dependência. Mas, enfim, não é uma razão para dissimular que, também, muito precocemente, essa relação ao outro é, pelo sujeito, nomeada.

Que um nome, por mais confuso que seja, designe uma pessoa determinada, é exatamente nisso que consiste a passagem ao estado humano. Se se deve definir em que momento o homem se torna humano, digamos que é no momento em que, por menos que seja, entra na relação simbólica. (LACAN, 1954d/1986, p. 182 – grifos meus)

No entanto, podemos afirmar que *Simbólico* e *linguagem* são tidos prioritariamente como conceitos da linguística como se pode supor, mas, obviamente Lacan os subverteu conforme os problemas clínicos da prática psicanalítica demandavam uma reorientação teórica sobre o registro *Simbólico* e a constituição do sujeito, desde a constatação de possibilidades distintas, entre neurose e psicose primordialmente, de usar tal registro enquanto suporte nos efeitos de significação, tendo em vista o desamparo e os estados de dependência a que o ser humano é submetido em seu nascimento. Ou seja, o indivíduo nasce, mas o conceito de sujeito em psicanálise é decorrente de uma teoria da constituição desde um modelo de estruturação pela inscrição no campo da linguagem.

O fio condutor que permite esclarecer a relação entre *constituição do sujeito* e a entrada na *relação simbólica* está nas contribuições de C. Lèvi-Strauss e a antropologia estrutural, e seus esclarecimentos sobre o termo *simbólico* e a apropriação de Lacan em sua teoria psicanalítica para o conceito de *estrutura*.

Sobre o simbólico.

Um buraco delimitado por uma consistência, porque lhe daria eu esse privilégio de pôr em valor pela primeira vez não ser ao dois que isso se limita para que o buraco faça nó? É que o par é sempre desatável, sozinho, a menos que esteja atado pelo simbólico. Eu tinha adiantado isso como podia num outro tempo- foi o que me lembraram recentemente – no meu discurso dito de Roma, aquele em que falei – arrasto-me um pouco para fazer um ensaio -da palavra plena. (LACAN, 1975g, p. 63)

1.2. Da antropologia à função simbólica na estrutura

Qual a originalidade do pensamento que Lévi-Strauss introduz com a estrutura elementar?

Ele salienta de ponta a ponta o seguinte – não se entende nada dos fenômenos referentes ao parentesco e à família, coletados há bastante tempo, se se tenta deduzi-los de uma dinâmica qualquer, natural ou naturalizante. O incesto como tal não provoca nenhum sentimento natural de horror. [...]. Não há nenhuma razão biológica, e em particular genética, que motive a exogamia, e ele mostra isto depois de haver discutido de maneira extremamente precisa os dados científicos. (LACAN, 1954a/1985, p. 44)

Nessa citação de abertura da seção, extraída de “*O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*” (1954-55), Lacan aponta a novidade trazida por Lévi-Strauss com o desenvolvimento da lógica implicada na conjugação *estrutura elementar de parentesco*, a partir da qual o antropólogo sistematiza os fundamentos gerais dos agrupamentos humanos, em torno da função simbólica que o parentesco permite nas formações familiares. A estrutura elementar que rege o parentesco não está pautada nas consequências intrínsecas aos laços consanguíneos, e sim orientada por ordenações proibitivas, que delimitam as novas possibilidades de configurações de grupos humanos, ou novas famílias, pela interdição do incesto. Portanto, há uma função atribuída e sobreposta aos laços que determinam a exogamia, pela via de uma interdição inconsciente e materializada nos signos de um código social. A lógica inconsciente e a fórmula matemática que regula os agrupamentos humanos alcançam seu corpo teórico no termo *estrutura*; numa *estrutura elementar de parentesco*, essencialmente simbólica, e posta em narrativa pelo conhecido mito do *Complexo de Édipo*⁴⁸. A interdição do incesto é extraída de uma leitura do complexo de Édipo freudiano para além do texto composto no mito, a partir do qual Lévi-Strauss extrai a estrutura mínima de regulação.

Em “*O avesso da psicanálise*” (1969-1970), Lacan reafirma a importância de Strauss e explicita a proposta de uma leitura lógica do mito, em que o ponto central não é exatamente as figuras do pai e da mãe, mas as funções desses lugares, tal qual a psicanálise deveria absorvê-lo.

Por que tal privilégio dado na análise a esse mito? O primeiro estudo sério que sobre ele se pôde fazer mostra aliás que é muito mais complicado. Como que por acaso,

⁴⁸ O complexo de Édipo é um artefato teórico, do escopo freudiano, baseado em *Édipo Rei*, que é uma tragédia grega escrita por volta de 427 *antes de Cristo* (a.C.) por Sófocles (497 a.C. – 406 a.C.), e, a partir dessa narrativa, na qual Édipo, a fim de evitar a profecia revelada pelo oráculo, de matar seu pai e se casar com sua mãe, acaba por realizar o próprio destino, materializando a profecia tempos depois. A influência desse constructo na teoria freudiana pode ser vislumbrada em conceitos como o de inconsciente, a partir da determinação que Édipo realiza ao reencontrar aquilo que procura negar, e também em formulações sobre a fundação da regra social com o Pai totêmico em *Totem e Tabu* (1913), (MEZAN, 1985).

Claude Lévi-Strauss, que não se nega à prova, enuncia no mesmo artigo⁴⁹ o mito de Édipo completo. Pode-se ver que se trata de coisa completamente diferente de saber se vai ou não trepar com a mamãe. (LACAN, 1970b/1992), p. 117)

Lévi-Strauss é apontado como a grande referência estruturalista para Lacan nos anos de 1950, e em particular com as produções “*A eficácia simbólica*”, “*O feiticeiro e sua magia*” e “*As estruturas elementares de parentesco*”, ambos de 1949, nas quais Lévi-Strauss tece, nos dois primeiros, a importância do símbolo e dos efeitos produzidos sobre o corpo do sujeito humano a partir do relato de curas xamânicas pela via da palavra falada e cantada, e no terceiro, extrai formulações mínimas que estruturam as relações de parentesco pela via da transmissão de uma lei proibitiva entre os sujeitos na ordenação cultural e social.

É no artigo de 1949, sobre o estádio do espelho, que a palavra *simbólico* faz sua aparição em referência, como vimos, ao artigo de Lévi-Strauss, “*A eficácia simbólica*”. Nele, o antropólogo descreve as práticas encantatórias de um xamã que, em um caso de parto difícil, fornece à parturiente uma linguagem. [...] A eficácia simbólica consiste na indução a viver um mito. Prosseguindo com a analogia com a psicanálise, Lévi-Strauss afirma que o inconsciente se reduz à ‘função simbólica’, fórmula que antecipa a Lacan, segundo a qual o inconsciente é estruturado como uma linguagem. (PORGE, 2006, p. 81)

Segundo Boni Junior (2010, p. 95), Lacan se refere a Lévi-Strauss textualmente, e em particular a obra “*A eficácia simbólica*”, no texto de 1949 “*O estádio do espelho*”. A posição dessa referência se faz necessária para que a posição do *símbolo* tocando o corpo ganhe seu estatuto de incidência na lógica da natureza, demonstrando que o *Simbólico* é um registro que serve de suporte para a *ordenação* da realidade, do corpo e das relações entre os sujeitos. Isso não significa que o *Simbólico* seja a própria linguagem, mas um suporte de articulação entre dois elementos mínimos, aquele próprio do objeto da antropologia.

Lévi-Strauss se apoia nos fenômenos encontrados em suas experiências, e Lacan os utiliza para discutir que tal uso simbólico demanda um tipo de método de redução que explique o modo como tais fenômenos se inscrevem na subjetividade. A partir do relato da função da palavra sobre o corpo do outro, Lévi-Strauss extrai uma teoria do simbolismo, ou do *Simbólico*, e justifica que “*todos os sistemas culturais são linguagens, à medida que regulam não somente a constituição das mensagens, mas também a sua circulação*” (FELIZOLA, 2000, p. 13).

⁴⁹ O artigo referido por Lacan é “*A estrutura dos mitos*” de 1955, que está incluído na obra “*Antropologia estrutural*” de 1973. Vale também se atentar que entre 1950 e 1970, Lacan continua a mencionar Lévi-Strauss em seu ensino, e a aula seguinte da citação extraída, intitula-se do “*Mito à estrutura*” (LACAN, 1970b/1992).

A vertente simbólica – como metaforização que produz narrativas desdobradas em duas ou mais cenas inicialmente disjuntas, sempre renovada posto que é da ordem da fala – e a vertente imaginária do mito – como narrativa absoluta, cuja crença na versão atual, sempre atual, a faz de ordem quase sgnica – encontram-se no texto da eficcia simblica, praticamente inseparveis. No interior de todo o aparato ritual da cura, composta de danas, msicas, entonaes meldicas de canto, etc. O recitar xamnico visto por Lvi-Strauss como o servio do contedo simblico do mito, de vez que ao receber uma verso ordenada de seus conflitos, originalmente caticos, a parturiente pode “tornar pensvel uma situao dada inicialmente em termos afetivos [...] e, por esta via, ter uma experincia transformadora em seu prprio corpo. (DOMICIANO, 2014, p. 127)

O campo da antropologia profundamente afetado pela teoria de Lvi-Strauss, e a lgica das formaes familiares e de grupos atravessados pela linguagem, at ento caracterizadas essencialmente pelos aspectos naturais ou genticos, alcana um escopo terico baseado na lgica *estrutural* pela via da anlise da *dos mitos* e a proposio matemtica dos smbolos que regulam as trocas de mulheres entre as famlias. Eis que o *estruturalismo* ganha um dos maiores representantes, em que a linguagem passa a ser o principal norteador, como discutimos na seo introdutria, ao ponto de, quando Saussure elege a lngua como objeto de estudo e cria os princpios de seu funcionamento, possibilita uma srie de campos semnticos, como o da antropologia estrutural, cujo cone Claude Lvi-Strauss.

A corrente filosfica *estruturalismo* carrega em seu nome, pelo radical do qual deriva, a palavra *estrutura*, e no seria abusivo em afirmar que tambm o faz numa delimitao *conceitual*. Estrutura e estruturalismo so indissociveis, ainda que o primeiro no se reduza exclusivamente aos parmetros delineados pelo segundo. A concepo de estrutura que deriva do estruturalismo radicalmente influenciada pela lgica de extrair os elementos mnimos de um determinado objeto, suas leis de regulao e os operadores que orientam um determinado funcionamento sistmico, explicitando passagens entre o universal e o particular.

O campo da antropologia se ocupa do fato social, ou das interaes sociais do homem em determinados grupos, a fim de construir teorias de suas ordenaes. A novidade trazida por Lvi-Strauss encontra-se numa leitura da cincia social que no se reduza a partir da realidade manifesta. As influncias de autores, como S. Freud e k. Marx, permitem que o campo social seja formulado por um tipo de regulao que considere a ordem inconsciente numa propriedade passvel de ser revelada pelo exerccio racional segundo modelos lingusticos, considerando a “fonologia um modelo exemplar para pr em prtica sua intuio” (DESCOLA, 2009, p. 149), fsico, matemtico e lgico, em que “a teoria dos grupos — uma estrutura que expressa matematicamente a noo de invarincia numa famlia de objetos, quando eles so

transformados por meio de operações — é a ferramenta básica dessa perspectiva” (ALMEIDA, 1999, p. 165).

A noção de mito ocupa um lugar muito importante no campo da antropologia, como a narrativa que evoca uma gramática que ordena a lógica social de um grupo. A análise da estrutura do mito permite ao antropólogo articular racionalidades sobre as conexões e agrupamentos, ao modo de “*evocar um passado acabado, aplicando-o como uma grade à dimensão do presente, de modo a nele decifrar um sentido em que coincidem as duas fases — a história e a estrutural*” (LÉVI-STRAUSS, (1971/2013, p. 11).

Entre as décadas de 1940 e 1950, os estudos dos mitos e a extração de leis e reguladores que permitam apreender uma lógica universal sobre os agrupamentos é o principal foco de estudos de Lévi-Strauss. Nesse ponto, situo que o empreendimento da leitura da narrativa dos mitos e a proposição de uma lógica que oriente as leis de funcionamento de um determinado grupo são a própria orientação de uma antropologia estrutural, universal e para além da experiência sensível numa demarcação temporal dos agrupamentos, ainda que essa dimensão manifesta tenha seu lugar como um desdobramento de uma lógica, ou seja, numa proposição distinta da qual E. Durkheim realizou. (LÉVI-STRAUSS, 1971/2013, p.14).

O que é, afinal, a antropologia social?

Parece-me que ninguém chegou mais perto de defini-la — ainda que por preterição — do que Ferdinand de Saussure, quando, ao apresentar a linguística como parte de uma ciência ainda por vir, reserva-lhe o nome de *semiologia*, e lhe atribui como objeto o estudo da vida dos signos da vida social. Ele próprio, aliás, não antecipava nossa adesão quando, naquela ocasião, comparava a linguagem “à escrita, ao alfabeto dos surdos-mudos, aos ritos simbólicos, às formas de cortesia, aos sinais militares? Todos hão de concordar que a antropologia engloba em seu campo particular pelo menos alguns desses sistemas de signos, aos quais devem ser acrescentados outros: linguagem mítica, signos verbais e gestuais que compõem o ritual, regras de casamento, sistema de parentesco, regras costumeiras, certas modalidades de trocas econômicas”. (LÉVI-STRAUSS, 1971/2013, pp. 17-18)

Lévi-Strauss anuncia nessa citação o apreço aos postulados de Saussure, e declara a possibilidade, e de uma certa forma — a antecipação, de uma leitura estrutural das lógicas de agrupamento pelo ensinamento introduzido por Saussure; a *semiologia*. A proposta realizada sobre os estudos da linguagem, no sistema articulado da língua, Lévi-Strauss passa a adotar estratégias semelhantes para estudar e analisar a lógica dos agrupamentos; “*para descrever a estrutura dos fenômenos de parentesco análogo ao desenvolvido pela linguística*” (DOMICIANO, 2014, p. 114), aos moldes de uma antropologia estrutural pela aproximação entre linguagem e os sistemas articulados das sociedades já constituídas. No entanto, ao final de seu texto, a antropologia tende a incluir em seu repertório de análise, elementos de operação

do que se poderia delimitar pela semiologia ou dos signos específicos de um objeto de estudo social, para além do sistema de Saussure, e, portanto, em certa medida, considerando-o nos atos narrativos dos grupos.

A proposta de Lévi-Strauss consiste numa passagem da leitura dos signos para a eleição de objetos de estudos, que “*procuramos traduzir em nossa linguagem regras que são propriamente dadas numa linguagem diferente*” (LÉVI-STRAUSS, 1971/2013, p.19). Esse trânsito da leitura de *signos* para uma *tradução por uma linguagem* de apreensão como objeto de estudo reside exatamente na originalidade em relação a antropologia cultural, e no impacto da teoria de *Charles Sanders Pierce* (1839 – 1914) sobre o signo e sua relação de referência do signo representando algo para alguém. Vale pontuar que a dupla referencia de *signo* para Lévi-Strauss, tanto linguístico quanto de Pierce, desloca o aspecto da realidade ou do referente e ocupa-se da materialidade que recobre um objeto passível de análise, e, dessa maneira, a substituição de uma coisa por outra, em que a linguagem ocupa um plano central. Tal substituição seria, por excelência, o aspecto *Simbólico* da materialidade humana, e aquilo que se sedimenta na linguagem e ordena um sistema grupal por uma lei de regulação.

Ao postular a natureza simbólica de seu objeto, a antropologia social não tem a intenção de se desligar das *realia*. E como poderia, uma vez que a arte, em que tudo é signo, utiliza meios materiais? Não se pode estudar deuses ignorando suas imagens, ou ritos sem analisar as substâncias fabricadas ou manipuladas pelo oficiante, ou regras sociais independentemente das coisas que lhe correspondam. A antropologia social não se limita a uma parte do domínio da etnologia, não separa cultura material e cultura espiritual. Na perspectiva que lhe é própria [...] tem por ambas igual interesse. Para a antropologia, que é uma conversa do homem com o homem, tudo o que se coloca como intermediário entre dois sujeitos é símbolo e signo. (LÉVI-STRAUSS, 1971/2013, p. 20)

Lévi-Strauss delimita o objeto de estudo da antropologia social numa complexa articulação entre realidade e interpretação, ou ainda *lógica apartada da experiência e simultaneamente não fosse exclusivamente efeito das experiências vivenciadas* como discuti na seção introdutória, problema este a que o estruturalismo responde na história da filosofia, e ponto sobre o qual a própria definição de signo e símbolo já trazem em suas marcas na história da humanidade no uso da palavra e na arte da escrita o enigma da emergência da cultura. A cultura e simbolização seria o próprio mistério que cerca o homem e permite a essa espécie realizações de uma magnitude que a, despeito dos esforços da religião e da biologia, a natureza não explica.

Os problemas que a antropologia estrutural procura abarcar tocam as diversas consequências epistemológicas que a dualidade entre natureza e cultura evoca sobre os

mistérios da espécie humana e as lógicas de agrupamento, que o conceito de instinto resolve para uma série de espécies de animais – desde os rituais de acasalamento até as formações de conjuntos, como a etologia tende a descrever pelas heranças filogenéticas e a teoria da evolução de *Charles Darwin* (1809 – 1882). Contudo, para o ser humano isso é de uma ordem diferente, apesar “*de que as sociedades existentes resultam de grandes transformações advindas da espécie humana em determinados momentos da pré-história e em certos pontos da Terra, e que uma cadeia ininterrupta de eventos reais liga tais fatos àqueles que podemos observar*” (LÉVI-STRAUSS, 1971/2013, p.23).

A posição do signo e do *Simbólico* na teoria de Strauss é fundamental, pois em suas definições eles são intermediários entre dois sujeitos, e assim o próprio objeto da antropologia. O problema colocado por Lévi-Strauss, e sua proposta para uma sociologia que contemple a oposição estado de natureza e estado de sociedade, é redimensionado quando apresenta um valor lógico para analisar tal objeto de estudo a partir do método estrutural. “*Onde acaba a natureza? Onde começa a cultura? É possível conceber vários meios de responder a esta dupla questão. Mas todos mostraram-se até agora singularmente decepcionantes*” (LÉVI-STRAUSS, 1949/2009, p. 42).

Os estudos da regulação social são marcados por orientações distintas, e muitas vezes opostas quando comparadas entre si na história do campo das ciências humanas. Na introdução da versão atualizada do livro “*Antropologia estrutural*” de 1973, Lévi-Strauss narra as flexões epistemológicas dentro do campo das explicações sobre os fenômenos descritos nas experiências sociológicas que determinavam os agrupamentos em sociedade. O principal dilema que atravessa tal campo está marcado pela dualidade entre uma lei universal e uma regra particular que orientaria a lógica dos agrupamentos. Isso pode ser colocado enquanto uma questão que dividia as modalidades sociológicas: Os grupos sociais são regulados de modo universal, por um estado intrínseco ao da Natureza e dos destinos marcados pelo biologicismo do corpo, e, portanto, extemporâneo aos indivíduos, ou a partir das determinações culturais, particulares e determinadas historicamente?

Por conseguinte, nenhuma análise real permite apreender o ponto de passagem entre os fatos da natureza e os fatos da cultura, além do mecanismo da articulação deles. Mas, a discussão precedente não nos ofereceu apenas este resultado negativo. Forneceu, com a presença ou a ausência da regra nos comportamentos não sujeitos às determinações instintivas, os critérios mais válidos das atitudes sociais. Em toda parte, onde se manifesta uma regra podemos ter certeza de estar numa etapa da cultura. (LÉVI-STRAUSS, 1949/2009, P. 47)

Esse dilema pode ser transposto para a própria passagem da relação do homem para a vida em sociedade, na questão sobre a determinação explicativa dessa condição irrevogável pela qual a espécie humana mantenha sua condição de perpetuação. Diferente de alguns animais que não dependem dos agrupamentos para se reproduzir ou para a própria manutenção da vida, ainda que se vislumbre em outros grupos de animais essa modalidade de reunião como a própria etologia se pauta, o fenômeno de agrupamento no homem apresenta-se de modo complexo em virtude das operações simbólicas que realiza com os objetos, pessoas e o meio.

Essa alternância de ritmo entre dois métodos – o dedutivo e o empírico – e a intransigência com que os praticamos ambos, de forma extrema e como purificada, distinguem a antropologia social dentre os ramos do conhecimento. De todas as ciências, ela é certamente a única que faz da subjetividade mais íntima um meio de demonstração objetiva. (LÉVI-STRAUSS, 1971/2013, p.24)

Para Lévi-Strauss, a ordenação entre indivíduo e grupo social não se dá por uma noção de estrutura que revela a natureza dos fatos de agrupamento, numa ordenação de revelação, como um crivo extraído do fato, e, portanto, duas dimensões que seriam radicalmente separadas. E nesse ponto enfatizo a possibilidade de compreender a noção de *estrutura* em diferentes vieses.

A proposta de Strauss procura contemplar uma vetorização dialética entre *experiência* e *condição de determinação da experiência* pela noção de *estrutura*, e ainda mais, há uma relação estreita entre *estrutura* e os *fluxos* ou *transformações* da estrutura para designar o laço social, a tal ponto que a *noção de laço estruturado* deva satisfazer duas condições: (1) Sistema com coesão interna, e (2) Coesão com propriedades similares em sistemas aparentemente diferentes.

A lei da *proibição do incesto* é um exemplo privilegiado de regulação da estruturação que satisfaça essas duas condições, e, portanto, passa a ser a um conjunto de regulações que serve de pilar para a sociedade humana, ou ainda mais: “A *proibição do incesto funda, assim, a sociedade humana e, em certo sentido, ela é a sociedade*” (LÉVI-STRAUSS, 1971/2013 p. 28).

A passagem dos aspectos subjetivos para uma lógica social, tendo em vista um vácuo intrínseco ao organismo do ser humano que regule tal inserção, é uma questão que Lévi-Strauss orienta seus estudos antropológicos, pelos estudos dos mitos ou narrativas de um grupo, a partir do qual torna-se possível extrair a estrutura de uma ordenação, fluxo sistêmico entre grupos, leis de funcionamento, leis de parentesco, ou seja, uma estrutura elementar do parentesco como o cerne das formações grupais, entre aqueles que formam um subconjunto de pertinência a um

conjunto e são distintos de outros conjunto com subconjuntos. “*As estruturas elementares de parentesco*” é um texto fundamental de desenvolvimento dessa lógica, e publicado em 1949, contemporâneo a um período privilegiado em Lacan, pelo texto do mito individual neurótico ou do desdobramento para a teoria do estágio do espelho.

Lacan recupera esse percurso entre Freud e Lévi-Strauss, no texto “*Função e campo da fala e da linguagem*” (1956/1998) como sinalizado na citação a seguir:

É justamente nesse sentido que o complexo de Édipo, na medida em que continuamos a reconhecê-lo como abarcando por sua significação o campo inteiro de nossa experiência, será declarado em nossa postulação como marcando os limites que nossa disciplina atribui a subjetividade: ou seja, aquilo que o sujeito pode conhecer de sua participação inconsciente no movimento das estruturas complexas da aliança, verificando os efeitos simbólicos, em sua existência particular, do movimento tangencial para o incesto que se manifesta desde o advento da comunidade universal. A lei primordial, portanto, é aquela que, ao reger a aliança, superpõe o reino da cultura ao reino da natureza, entregue à lei do acasalamento. (LACAN, 1956a/1998, p. 278)

O interessante é notar que Lacan aponta para essa questão no texto que marca, tanto o retorno a Freud quanto as influências propriamente estruturalistas em seu discurso da psicanálise. Ressalto essa referência, porque é bem provável que, a partir das contribuições de Saussure e de Lévi-Strauss, Lacan antecipe os dois eixos trazidos por Freud a uma temporalidade muito precoce na vida subjetiva; a saber, toda a questão de como o sujeito se inscreve no campo da linguagem determina, enquanto momento privilegiado de ordenação de uma estrutura que regulará a vida subjetiva e a posição social, como efeito da inscrição significante e o impossível de encontrar uma única definição que situe o ser na estrutura subjetiva, e assim regule a lógica social.

A palavra é por essência ambígua.
Simetricamente, cava-se no real o buraco, a hiância do ser enquanto tal, a noção de ser, desde que tentamos apreendê-la, mostra-se tão imprevisível quanto a palavra. Porque o ser, o verbo mesmo, só existe no registro da palavra. A palavra introduz o oco do ser na textura do real, um e outro se mantém e oscilam, são exatamente correlativos. (LACAN, 1954h/1986, p. 261)

A fundamentação sobre a lei do incesto, como um ordenador universal dos agrupamentos, implica uma matriz de interdição ou lógica de negativa, e influenciará a leitura de Lacan sobre o complexo de Édipo freudiano pela via dos tempos lógicos do Édipo, ou dos efeitos de dois cortes na assunção do sujeito barrado (\$), da psicanálise, em relação aos registros *Simbólico, Imaginário e Real* desde o campo da linguagem, em “*As formações do inconsciente*” em 1957-58.

Nos anos de 1954-55, em “*O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*”, Lacan procura distinguir a posição do *eu* na teoria psicanalítica, e seu aspecto na subjetividade pela via de um objeto privilegiado, em sua referência ao registro imaginário, que desde 1949 estava se ocupando com a complexa teoria do estágio do espelho (BONI JUNIOR, 2010). O *eu* adquire seu estatuto como “*objeto particular dentro da experiência do sujeito. Literalmente o eu é um objeto – um objeto que preenche uma certa função que chamamos aqui de função imaginária*” (LACAN, 1954b/1985, p. 63). Essa concepção passa ser fundamental para poder distinguir tal instância da concepção de *sujeito* e seu suporte no registro *Simbólico*, cuja suposição desponta-se de uma função na cadeia significante, a partir da própria impossibilidade final de sentido do significante com o qual se identifica em sua marca inaugural, ou do referente que se perde na própria inscrição – ou seja, o *Real* como causa.

A questão que se coloca para Lacan, em distinguir *sujeito* e *eu*, é encontrar uma definição de *Simbólico* que não seja atrelada como uma condição natural e intrínseca ao ser humano, mas sobre a qual ele pode inscrever-se, como um efeito de operação de constituição, considerando-a como um aspecto universal e sobre a qual o particular pode se referir pela via do *símbolo*. Lévi-Strauss é um dos autores que Lacan encontra para sustentar sua hipótese sobre as implicações entre o *Simbólico* e a concepção de *sujeito* entre 1949 e 1960.

No livro “*Os escritos técnicos de Freud*” (1953-54), há uma aula intitulada “*A ordem simbólica*” (1954c/1986), na qual Lacan procura delinear a experiência analítica em relação ao plano *Simbólico*, e que “*esse domínio do simbólico não está numa simples sucessão com o domínio imaginário, cujo pivô é a relação intersubjetiva mortal*” (LACAN, 1954f/1986, p. 225). O domínio do *Simbólico* é explorado em sua relação com o símbolo e sua inscrição. O contraponto argumentativo é a experiência da *holófrase*, que deve ser tomada como um bloco de concatenação de signos que não são decomponíveis em unidades significantes, “[...] *que toda holófrase se liga a situações-limite, em que o sujeito está suspenso numa relação especular ao outro*” (LACAN, 1954h/1986, p.258). Além de situar uma posição específica do sujeito ao articulado pela teoria da relação especular, Lacan situa que tal fundamento serve de ordenação da linguagem em certos povos.

[...] a holófrase não é intermediária entre uma assunção primitiva da situação como total, que seria do registro da ação animal, e a simbolização. Ela não é não sei que primeiro envolvimento da situação num modo verbal. Trata-se ao contrário de algo em que o registro da composição simbólica é definido no limite, na periferia (LACAN, 1954h/1986, p.257.)

Lacan correlaciona *Simbólico* com a função do símbolo e os aspectos de substituição. A questão é clínica e a referência ao *Simbólico* é colocada em oposição a Michael Balint (1896-1970), médico e psicanalista húngaro. A crítica de Lacan aponta para a proposta tal qual: “*Não há dúvida de que o símbolo desempenha uma função em todo deslocamento. Mas a questão é saber se, como tal, se define nesse registro vertical, a título de deslocamento*” (LACAN, 1954h/1986, p. 259). A questão se mantém: o *Simbólico* seria correlato à linguagem? Contudo, o termo *holófrase* situa outra possibilidade de ordenamento da linguagem.

Na compilação “*O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*” (1954-55), novamente o tema do *Simbólico* retorna, em aula “*O universo simbólico*” (1954a/1985). Por qual razão concatena as palavras *ordem* e *universo* ao termo *Simbólico*? Mantenho essa questão em suspenso, mas antecipo que ambas as aulas realizadas em 1954 estavam circunscritas a problemas clínicos, e as consequências da prática do psicanalista. Contudo, o diálogo sobre o *universo Simbólico* é travado com psicanalistas e as referências de como o complexo de Édipo pode ser concebido. Lacan recupera as contribuições de Lévi-Strauss, para esclarecer, pela lógica estrutural e a matemática implicada na teoria do antropólogo, a dialética entre o particular e o universal a que o símbolo responde em relação ao universo *Simbólico*, no que tange a transferência e o complexo de Édipo pois é “*ao mesmo tempo, universal e contingente, porque é única e puramente simbólico*” (LACAN, 1954a/1985, p. 49).

Trata-se do ponto que leva o autor a enquadrar, segundo seu problema inicial dividido entre natureza e cultura, a proibição do incesto como a mola teórica que explicita todo o conjunto ordenado pelos efeitos do conjunto de costumes, crenças, estipulações e modelos que regulam a vida social. “*Estabeleçamos, pois, que tudo quanto é universal no homem depende da natureza e se caracteriza pela espontaneidade, e que tudo quanto está ligado a uma norma pertence à cultura e apresenta os atributos do relativo e do particular*” (LÉVI-STRAUSS, 1949/2009, P. 47).

A questão da subjetividade desponta como interesse para a disciplina da antropologia que sob as contribuições da linguística, pela via do conceito de estrutura e das relações dos eixos sincrônicos e diacrônicos da língua, se alicerça concomitantemente aos aspectos consciente e inconsciente, agora profundamente influenciados pelos estudos freudianos, vide a importância dada à *proibição do incesto*. Quer dizer, já se pode inferir uma diferença fundamental de Lévi-Strauss com Saussure na própria eleição do objeto de estudos de seus campos semânticos, quando a questão da subjetividade e das relações subjetivas passam a

ocupar o lugar privilegiado, em aspectos epistemológicos. Veja que o complexo de Édipo é ao mesmo tempo *universal* e *contingente*. Ou como afirma Lévi-Strauss:

Se existe um sistema consciente, este só pode resultar de uma espécie de ‘média dialética’ entre uma multiplicidade de sistemas inconscientes, cada um deles relativo a um aspecto ou nível da realidade social. Oras, tais sistemas não coincidem nem em suas estruturas lógicas, nem quanto a suas aderências históricas. São como que difratados numa dimensão temporal cuja espessura fornece à sincronia sua consistência, e na ausência da qual ela se dissolveria numa essência tênue e impalpável, um fantasma de realidade. (LÉVI-STRAUSS, 1971/2003, p. 26)

Um aspecto muito importante que Lévi-Strauss associa em sua teoria é a noção de *enigma* que está associada e correlacionada ao *incesto* como *interdição*, pela via da formulação de uma *pergunta* como índice do *enigma* e a *resposta* a ser realizada pelo agrupamento, que não a coloca em questão. Ressalto aqui o termo *enigma*, que em Lacan, também está associada diretamente com a pergunta *Che Voi?* principalmente a partir do Seminário “*As formações do inconsciente*” (1957-58) será fundamental para a concepção de *Simbólico* e da falta como inscrição do símbolo da castração, e para tanto, a própria estrutura do desejo como essencialmente uma articulação simbólica. Vejamos em Lévi-Strauss:

Parece existir, portanto, entre povos separados pela história, pela geografia, pela língua e pela cultura, a mesma correlação entre o enigma e o incesto. Para permitir a comparação, elaboraremos um modelo de enigma, o que melhor expresse suas propriedades constantes nas diversas mitologias, para defini-lo, desse ponto de vista, como *uma pergunta que, postula-se, não será respondida*. Não vamos considerar aqui todas as transformações possíveis de enunciado e, a título de experiência, contentemo-nos com inverter-lhe os termos, o que dá: *uma resposta para a qual a pergunta não foi feita*.

Eis, em aparência, uma fórmula completamente desprovida de sentido. Porém, salta aos olhos que existem mitos, ou fragmentos de mitos, cujo eixo dramático é essa estrutura, simétrica e inversa da outra. (LÉVI-STRAUSS, 1971/2013, P. 32)

As noções de *signo*, *Simbólico*, *enigma*, *pergunta* e *resposta* formam uma concatenação que estruturam uma fórmula desprovida de sentido, e portanto, não se tratando do enredo da estruturação, mas a própria assunção lógica de lugares que determinam afirmações e proibições, o próprio de uma lei, como sendo o enquadre da *estrutura* social. Os enunciados *resposta sem pergunta* ou *a pergunta sem resposta* denunciam uma forma gramatical homóloga à lei do incesto, desde uma interpretação lógica do *Mito de Édipo* tal qual realizada por Strauss e Lacan.

A estrutura de Lévi-Strauss associadas aos conceitos de *significante*, *linguagem* e *campo*, advindos da linguística, são pilares fundamentais para a teoria da constituição do sujeito em Lacan, comumente também correlacionada à teoria estrutural do mito de Édipo, como se

localiza nas aulas “*Os três tempos do Édipo* “(I e II) de 22 e 29 de janeiro de 1958, incluídas no seminário “*As formações do inconsciente*” (1957-58).

S. Freud se ocupou dessa problemática, e teorizou na perspectiva da subjetividade o mecanismo necessário para se inscrever num grupo social, aos moldes de uma estrutura de mito ordenada pelo Complexo de Édipo articulado ao da Castração. A vivência em grupo implica uma renúncia de satisfação para que o objeto passe a ser buscado em um campo com o outro, como se constata nas passagens do narcisismo primário para o secundário, em que o objeto de satisfação, porque perdido, visa ser reencontrado no laço com o outro. O senso de comunidade, que permitiria as trocas, está baseado numa lei social. A lei de proibição do incesto é a principal norteadora dos agrupamentos, bem como o princípio da exogamia. A influência freudiana em Lévi-Strauss é declarada por esse.

Se *Totem e Tabu* conjuga tanto uma perspectiva histórica, quanto uma análise do presente que espera alçar o reconhecimento do futuro e do passado, o modelo linguístico permite um princípio de universalização que o afasta da dimensão imediata do fenômeno. Em outras palavras, se a psicanálise formulara um mito histórico para aprofundar a estrutura dos conflitos de que o doente é palco, a linguística construiria um método que permitira à análise antropológica redimensionar a construção de seus fatos, e assim, aproximar, pela relação lógica entre Universal e particular, a natureza dos objetos tão distantes como a linguagem e as estruturas de parentesco. (DOMICIANO, 2014, p. 115)

Há um ponto de giro nas explicações propostas por Freud, e segundo a psicanálise, a complexidade da vida grupal é orientada não somente pelos fenômenos emergentes num determinado grupo, como a família, mas também pela posição do sujeito e sua apropriação das leis que as regulam. Ou seja, a lógica social é dialeticamente sobredeterminada por uma lei e também pelo modo como o sujeito se inscreve, a partir dela, nesse pacto, vislumbrado privilegiadamente pelas dissoluções particulares da estrutura social mínima esquematizada no Complexo de Édipo. Portanto, fica articulada duas lógicas nessa concatenação freudiana, a saber, a lógica da universalidade de uma estrutura de uma ordenação pelo mito e outra da particularidade do sujeito em relação a ela.

Pois ainda que os fenômenos sociais devam ser provisoriamente isolados do resto e tratados como se pertencessem a um nível específico, bem sabemos que, de fato e até de direito, a emergência da cultura permanecerá para o homem um mistério enquanto ele não conseguir determinar, no nível biológico, as modificações na estrutura e no funcionamento do cérebro de que a cultura foi simultaneamente o resultado natural e o modo social de apreensão, enquanto criava o meio intersubjetivo indispensável para o prosseguimento de transformações, anatômicas e fisiológicas, claro, mas que não podem ser nem definidas e nem estudadas referindo-se apenas ao indivíduo. (LÉVI-STRAUSS, 2013, p. 23).

E há, nessa intersecção *linguística, antropologia e psicanálise*, um fator complicador circunscrito ao próprio texto de Lacan: as apropriações realizadas por ele são marcadas por um modo particular de apresenta-las em seus escritos, ou mesmo de uma estratégia particular de utilizar tais conceitos em sua teoria, portanto, apontando para diferenças conceituais fundamentais. Ou seja, as nuances e as inúmeras ramificações dessa seção poderiam servir de mote para uma tese em si, e, portanto, seria uma tarefa, digamos quase impossível, trazer ao corpo desse trabalho as principais referências que tratam dessa temática. No entanto, adentramos em todo esse panorama, a fim de que o termo *estrutura* adquira seu estatuto em psicanálise. Cercamos alguns conceitos que nos servirão de suporte para a construção lógica do termo estruturas clínicas, orientados pelas definições de *linguagem, língua, fala, significante, valor*, eixos da cadeia orientados por *metonímia e metáfora e significação*; e procuraremos, orientados por Lévi-Strauss, ampliar ainda mais a discussão desde o conceito de *Simbólico*, a partir do que Lacan desenvolve sobre o *enigma, a pergunta, a inscrição primordial* dos significantes S_1 e S_2 , no que virá a formalizar a teoria da constituição do sujeito sobre a encruzilhada estrutural de inscrição no campo da linguagem: a *estrutura* como a extração dessa inscrição.

Para os redatores do Curso de linguística, há uma oposição absoluta entre duas categorias de fatos: de um lado a gramática, o sincrônico, o consciente, e, do outro, a fonética, o diacrônico, o inconsciente. Apenas o sistema consciente é coerente, o infrassistema inconsciente é dinâmico e desequilibrado, feito ao mesmo tempo de legados do passado e de tendências de futuro ainda não realizadas. (LÉVI-STRAUSS, 2013, p. 25).

A proibição do incesto traz para o baile da discussão a questão da ordenação das relações sexuais entre os indivíduos, e novamente, o problema da oposição entre natureza e cultura adquire seu estatuto mais radical, pois o que regula a vida sexual: os instintos biológicos ou os predicados significantes e seus suportes de registos nas relações sociais?

Dos ditames inconscientes da proibição do incesto, como negatividade que fundaria o próprio inconsciente e o aparelho psíquico em Freud, mas também a lei social, Lévi-Strauss cria uma simultaneidade, quase numa proposta diacrônica de signos encadeados, que ordenam as relações sociais, as trocas de mulheres na lógica matrimonial e também a própria sexualidade.

Lévi-Strauss afirma:

A proibição do incesto é o processo pelo qual a natureza se ultrapassa a si mesma. Acende a faísca sob a ação da qual forma-se uma estrutura de novo tipo, mais complexa, e se superpõe, integrando-as, às estruturas mais simples da vida psíquica,

assim como estas se superpõem, integrando-as, às estruturas, mais simples que elas próprias, da vida animal. Realiza, e constitui por si mesma, o advento de uma nova ordem. (LÉVI-STRAUSS, 1949/2009, P. 63)

A nova ordem mencionada pelo autor remete a ideia do signo e do símbolo enquanto mediadores das relações sociais, inscritos no próprio código, na própria língua. As funções desses símbolos ordenam a realizada, e por tal razão que se encadeia a afirmação de que a linguagem é um sistema de signos linguísticos, simbolicamente orientados.

Apoiando-se nos preceitos estruturalistas, na tentativa de extrair um método de investigação rigoroso, nos textos de Lévi-Strauss, a respeito da função do *Simbólico* no sujeito humano e do *Simbólico* nas leis de estruturação social e na linguística de Saussure, especialmente sob os termos de fala, língua e signo linguístico; Lacan procura elucidar, no campo da psicanálise, os fenômenos estruturais e clínicos do ser humano pela relação do sujeito com a linguagem e suas diferentes formas de utilizá-la; ou seja, Lacan organiza uma teoria da subjetividade pela via da relação do sujeito com o campo da linguagem, e os recursos linguísticos verificados na função da fala.

[...] o Édipo não é um mito em que se desnudam suas linhas de força, e menos ainda o drama que determina na vivência de cada um, mas sim que é uma estrutura segundo a qual se ordena o desejo na medida em que constituía um efeito de relação do ser humano, não com o social, mas com a linguagem. (SAFOUAN, 1970, p. 11)

A linguagem passa a ser concebida enquanto um sistema, articulado tal como propõe Saussure, mas orientado por uma lei de estruturação semelhante ao evocado por Lévi-Strauss em seus estudos no “*As estruturas elementares de parentesco*”. Em outras palavras, a linguagem adquire seu estatuto enquanto campo, no qual se dispõe elementos mínimos denominados significantes, cujos arranjos são orientados por uma lei de concatenação a depender das possibilidades simbólicas de significação, amarração imaginária sobre um referente no *Real*, endereçado no próprio significante pela impossibilidade de auto referência e do princípio de arbitrariedade.

A aliança rege uma ordem preferencial cuja lei, implicando os nomes de parentesco, é para o grupo, como a linguagem, imperativa em suas formas, mas inconsciente em sua estrutura. [...] assim, as leis do número, isto é, do símbolo mais purificado, revelam-se imanentes ao simbolismo original. pelo menos é essa riqueza das formas em que se desenvolvem as estruturas elementares de parentesco que as torna legíveis. E isso leva a pensar que talvez seja apenas nossa inconsciência de sua permanência que nos permita crer na liberdade das escolhas nas camadas estruturas complexas da aliança sob cuja lei vivemos. (LACAN, 1956a/1998, p. 278)

O estatuto do signo, do símbolo e da linguagem em Lévi-Strauss nos auxilia a compreender que a estrutura não existe na realidade concreta, mas que se define enquanto sistema de relações e transformações possíveis dessa realidade, portanto, recortando uma diferença entre realidade e *Real*, à medida que este se perde pelo enquadre que a estrutura realiza enquanto realidade particular. “*Para Lévi-Strauss, a estrutura também faz parte do real, mas não é a realidade empírica. [...] Ela não existe apenas no espírito e pelo espírito humano, isto é, ajuda-nos a recusar todo o estruturalismo idealista e formalista que se reclama de Lévi-Strauss*” (PRADO COELHO, 1967, pp. 27-8).

As ordenações dos signos pela lógica simbólica propostas por Lévi-Strauss nos revelam a linguagem pode ser o suporte material para que tal concatenação significante transforme radicalmente a vida do homem. A linguagem enquanto campo de significantes permite que o *Simbólico* sirva de suporte para a produção de significação, que transita pelo laço com o outro, a partir do próprio campo. A estrutura viria a ser a solução de ordenação particular da tríade, a saber, o *Imaginário*, o *Simbólico* e o *Real*, sobre o universal da linguagem a que o homem está submetido. Logo, linguagem e *Simbólico* não seriam exatamente sinônimos. Isso nos permite, neste momento, afirmar também que essa premissa se faz necessária para a compreensão da diferença entre os eixos (diacronia e sincronia) teorizados por Saussure, e que Lacan os define enquanto metonímia e metáfora – numa acepção que não se refere imediatamente às figuras de linguagem encontradas na linguística, mas enquanto leis que ordenam a cadeia significante na particularidade possível de uma estrutura tal qual a linguagem ordena a realidade, quando o significante assume sua prevalência na materialidade humana.

O homem literalmente dedica seu tempo a desdobrar a alternativa estrutural em que a presença e a ausência retiram uma da outra sua convocação. É no momento de sua conjunção essencial e, por assim dizer, no ponto zero do desejo, que o objeto humano sucumbe à captura que, anulando sua propriedade natural, passa desde então a sujeitá-lo às condições do símbolo. (LACAN, 1957a/1998, p. 51)

Esse pressuposto teórico não só deve ser considerando como permite articular uma diferença radical às modalidades de arranjos estruturais, e confere à psicose uma lógica estrutural para além do patológico a que ela é enquadrada, e à perversão como uma posição lógica e articulada do sujeito dividido relação ao objeto. Retorno aos desenvolvimentos específicos das noções estruturais em relação às categorias clínicas no capítulo seguinte.

A linguagem como campo e a possibilidade de inscrição pela via de um símbolo que inscreve um aspecto de *Real* na estrutura é uma modalidade comumente referida como a teoria da constituição do sujeito, como uma operação que instaura uma divisão Ao definir que o

inconsciente, enquanto tesouro de significantes, é o próprio campo pelo qual estão situados todos os significantes que permitam um estrato de sentido, o inconsciente passa a situar-se como a estrutura privilegiada da linguagem. A operação de identificação ao significante produz um corte, no qual o sujeito advém de uma dialética implicada na passagem de um apagamento da marca no encontro com o traço único que o site no campo: o *traço unário*.

Trata-se da inscrição no campo da linguagem, e em que cujo traço desponta o aspecto paradoxal da cadeia significante, em que há a prevalência do significante como suporte material. Lacan correlaciona o traço unário com a aquisição da linguagem, em seu aspecto de concatenação significante sob o suporte de substituição simbólica de um significante por outro significante qualquer, e também com a relação de *parentesco*, como explícita na citação a seguir. Enfatizo o significante parentesco na citação, pela aproximação com a aposta de Strauss, e pela absorção que Lacan realiza, antecipando aquisição da linguagem e relações de parentesco às origens do traço.

[...] graças ao fato de que existem, com relação à linguagem, dois mundos diferentes, na (linguagem) da criança e na do adulto. Não podemos deixar de levar em conta, nem podemos negligenciar que é nesta referencia que podemos encontrar a origem de certos traços (*traits*) bastante paradoxais da constituição das baterias significantes, quero dizer, a prevalência muito particular de certos fonemas na designação de certas relações que chamamos de parentesco, a não universalidade, mas esmagadora maioria dos fonemas *pa* e *ma* para designar, para fornecer ao menos um dos modos de designação do pai e da mãe, essa irrupção de alguma coisa que só se justifica por elementos de gênese da aquisição da linguagem, isto é, por fatos de pura fala, só se explica precisamente a partir da perspectiva de uma relação entre duas esfera de linguagem distintas. (LACAN, 1961b/2011, p. 43 – grifos originais)

Esse aspecto paradoxal e dialético, tal qual Lacan explora em “*A identificação*” (1961 – 62), decorre da “*privação real [...], ou seja, na fundação do simbólico, assim como estamos aqui para ver como esta imagem fundadora, reveladora do desejo, vai situar-se no simbólico*” (LACAN, 1962c/2011, p.202), cujo efeito – o próprio nascimento do *Simbólico* na *estrutura* – é de um *marcapaga* de um significante que situa e ao situar está apagado pela razão mesma de ser um corte e não consistência no campo do Outro.

Eu lhes disse que o significante começa não no rastro, mas nisto: que apaga o rastro. No entanto, não é o rastro apagado que constitui o significante. O que inaugura o significante é o fato de que o rastro se coloca como passível de ser apagado. [...] O significante específico se apresenta ao mesmo tempo como suscetível de ser apagado, e na própria operação do apagamento, de subsistir como tal. Quero dizer que o significante já se apresenta dotado das propriedades características do não-dito. Com a barra, anulo esse significante, mas também perpetuo indefinidamente, inauguro a dimensão significante como tal. (LACAN, 1958b/2016, p. 95)

A expressão *marcapaga* é um neologismo cunhado por mim, que engloba a duplicidade da identificação simbólica ao significante, em que há uma marca de um efeito, análoga ao rastro, e seu apagamento, que só é rastro por ser referência ao objeto que não está mais no lugar da marca, e pelo apagamento advém um efeito de lugar. Ou seja, as relações do sujeito com o significante operam pelo *marcapaga* próprio do efeito *Simbólico* do aspecto do significante, que é uma referência, mas assemântico. Ou ainda, como cria ressonâncias para a gênese dessa expressão em “há o rastro de um passo [*la trace d’un pas*] e o nenhum rastro [*le pas de trace*]” (LACAN, 1961c/2011, p. 52).

Claro, o sujeito, ele próprio, no último termo é destinado à Coisa, mas sua lei, mais exatamente seu destino, é esse caminho que ele só pode descrever através da passagem pelo Outro, enquanto o Outro é marcado pelo significante. E é no aquém dessa passagem necessária para o significante que se constituem como tais o desejo e seu objeto. O aparecimento dessa dimensão do Outro e a emergência do sujeito, [...] deve e apenas pode constituir-se dentro da tensão criada por essa relação com o Outro, a qual se origina no advento do traço unário – na medida em que, primeiramente e para começar, ele apaga tudo da coisa [...]. (LACAN, 1962e/2011, p. 224)

Eis aqui a função da presença de uma ausência de um significante, que aponta para a falta de um único significante que situe o sujeito no campo do Outro, à medida do apagamento da coisa, em que objeto faltante alcança seu estatuto. Portanto, o inconsciente ganha seu estatuto de tesouro de significantes quando essa operação de identificação permite ao sujeito um passo lógico de significação, como efeito de um corte que o significante produz, situando dois tempos, um anterior de pouco-sentido a um passo de sentido, como o desenvolvido na aula de 4 de dezembro de 1957, no seminário “*As formações do inconsciente*”.

A marcação desse corte significante aponta para a gênese da aquisição da linguagem e a inscrição na lógica do parentesco pela via do desejo, especificamente para a função do desejo materno encarnando a figura privilegiada do grande Outro para o *infans*.

Trata-se do duplo efeito do banho de linguagem que o outro semelhante, necessário para a sobrevivência do *infans*, realiza sobre o corpo pulsante e marcado pelo desamparo, em que por um lado há um outro que diz e um ser que se reconhece nos efeitos do significante. Alguém diz *você é*, e o produto sobre alguém que possa se reconhecer no *eu sou*; como se articula na teoria do estádio do espelho pela via da função da imagem em seu suporte significante. Ainda assim, é desse contingente da presença de um outro semelhante que o necessário do significante se mostra efetivo na lógica do inconsciente enquanto tesouro de significantes, ou campo do grande Outro, como teoriza Lacan, pela articulação significante demanda e desejo, quando a necessidade se inscreve enquanto pressão pulsional.

Como afirma Lacan, “*Ou seja, seu desejo será tomado e remanejado não apenas no sistema significante, mas no sistema do significante tal como instaurado e instituído no Outro*” (LACAN, 1957c/1999, p. 99)

O Outro é, justamente, o lugar do tesouro, digamos, das frases ou até das ideias feitas sem as quais a tirada espirituosa não pode adquirir valor e alcance. Mas, observe-se que, ao mesmo tempo, não é nele que se visa seja lá o que for que e precisamente acentuado como significação. Ao contrário, esse tesouro comum de categorias apresenta um caráter que podemos chamar de abstrato. Aludo aqui, muito precisamente, aquele elemento de transmissão que faz com que haja nisso alguma coisa que, de certa maneira, e supra-individual, e que se liga por uma comunhão absolutamente inegável a tudo o que foi preparado desde a origem da cultura. Aquilo a que nos dirigimos. ao visar o sujeito no plano dos equívocos do significante, tem, por assim dizer, um caráter singularmente imortal. É esse, na verdade, o outro termo da questão. (LACAN, 1957d/1999, pp. 122-23)

Vale a ressalva, sobre essa articulação universal da relação do sujeito com a linguagem, cujo produto decanta na lógica do desejo em sua função simbólica do significante, de que essa é uma das modalidades possíveis de inscrição no campo da linguagem, enquanto produto da operação primordial da *Bejahung* em paralelo com a da *Verwerfung*. Ainda assim, uma forma de esquematizar isso encontra-se no grafo a seguir, e será recuperado para nos situar na lógica distintiva, mas articulada, entre *ser*, *sujeito* e *eu*.

Essa é a extração lógica da formulação estrutural do complexo de Édipo em Lacan realizada em “*As formações do Inconsciente*” (1957-58) e retomada em *O avesso da psicanálise* (1969-1970), em que as contribuições da linguística e da antropologia estrutural remontam uma absorção lacaniana da relação fundamental da subjetividade com o campo da linguagem, em que a matriz significante e as relações de filiação contemplam as principais formulações freudianas, de uma causalidade psíquica centrada nos efeitos de linguagem e seu suporte nas primeiras experiências da infância, na passagem dos aspectos reais da necessidade para o desejo em sua fórmula estrutural.

A gente poderia se divertir refazendo uma história natural; o que é que acontece com aqueles animais que possuem o par de tesouras em estado natural? Não é para isto que os conduzo, e por isso mesmo; aquilo a quê nos leva a fórmula, *o homem corta*, é bem mais nesses ecos semânticos que *ele se corta*, como se diz, que ele tenta cortar caminho. Tudo isto deve, aliás, juntar-se, em torno da fórmula fundamental *vão te corta-lo!* Efeito de significante, o corte foi primeiro para nós, na análise fonemática da linguagem, essa linha temporal, mais precisamente sucessiva dos significantes que os habituei a chama até agora de *cadeia significante*. Mas o que vai acontecer, se agora lhes incito a considerar a própria linha como corte original? (LACAN, 1962j/2011, pp. 346-47 – grifos originais)

O grafo abaixo escreve esse momento de inscrição no campo da linguagem, e aponta para a cadeia significante $S - S'$, enquanto campo sobre o qual reside todos os significantes disponíveis para a significação. O efeito da inscrição do ser no campo da linguagem não somente posiciona o inconsciente como esse campo, como também a passagem de um corpo pulsional ou assujeito (denotado pelo delta no grafo, como Lacan o descreve) para uma função significante que o situa no campo do Outro, pela via do sujeito barrado ($\$$).

Fig. 9. Grafo incluído na aula de 6 de novembro de 1957, mas aqui modificado, pois há a inclusão dos termos sinalizados por delta, $\$$, e marcação da cadeia significante $S - S'$. (LACAN, 1957a/1999, p. 17)

Nesse momento, consigo extrair alguns elementos fundamentais para a lógica do inconsciente estruturado como uma linguagem nessa dimensão de tesouro de significantes, a saber, a (1) presença de um outro que oferta uma série de (3) recursos de linguagem sobre um (2) corpo vivo e marcado pelo desamparo do nascimento, ou seja, a gênese do lugar lógico para as aquisições das relações de parentesco em sua função de linguagem, tal qual Strauss estruturou. Para tanto, há uma passagem importante em que os recursos de linguagem ofertados possam ser, e não simplesmente disponibilizados, inscritos na subjetividade pelo passo dos recursos significantes serem alçados ao estatuto de mensagem dirigida a um outro e simultaneamente ao campo do Outro, a partir do grafo, claramente derivado do anterior, a seguir e esclarecido por Lacan na citação seguinte.

Sua demanda, assim, começará a se formular a partir do Outro. Ela se reflete primeiramente naquilo que há muito tempo passou para o estado ativo do discurso, ou seja, o [Eu]. Este profere a demanda para refleti-la no Outro, e através do circuito $A - M$, ela se consuma como mensagem. Este é o apelo, a intenção, este é o circuito secundário da necessidade. Não é indispensável dar-lhe muito a ênfase da razão, mas a do controle – controle pelo sistema do Outro. (LACAN, 1957c/1999, p. 99)

Fig. 10. Grafo incluído na aula de 4 de dezembro de 1957. (LACAN, 1957c/1999, p. 99)

Portanto, trata-se propriamente dito da importância da teoria da constituição do sujeito em psicanálise, e da possibilidade de estruturação distintas entre si, sobre a inscrição do ser no campo da linguagem, e o efeito de sua própria inscrição num ato dialético que marca, inscreve, apaga e produz um aparelho de significação que fica vinculado à estrutura de *linguagem* que o causa e determina, a depender da operação que subjaz à inscrição em tal campo.

O estruturalismo trouxe uma teoria da sociedade que transformava a linguagem no fato social central. Processos como trocas matrimoniais, modos de determinação de valor de mercadorias, organização do núcleo familiar, articulação de mitos socialmente partilhados seriam todos estruturados como uma linguagem, até porque a linguagem é, antes de mais nada, um modo de organização de construção de relações, de identidades e de diferenças. Neste sentido, ela fornece a condição de possibilidade para a estruturação de toda e qualquer experiência social. Esse sistema linguístico que estrutura o campo da experiência é exatamente o que Lacan chama de simbólico. (SAFATLE, 2007, p. 43)

Este talvez seja o passo mais complexo e espinhoso dessa tese, pois implica em sustentar a argumentação de que a linguagem tenha uma estrutura externa ao sujeito, enquanto campo disponível e necessário para que o ser alcance seu estatuto de sujeito, e portanto, não necessariamente articulado simbolicamente, pois é necessário supor uma operação de inscrição nesse campo que determina os possíveis efeitos nas articulações significantes, sustentadas pelos registros *RSI* na estrutura de amarração ao significante, ainda que a língua seja organizada por uma lei da gramática e a frase orientada pela sintaxe.

É nesta perspectiva em Lévi-Strauss que o campo da linguagem, em sua intrínseca relação com o símbolo, influencia a obra de Lacan nos anos de 1950, e da qual poderia emergir a tese do inconsciente freudiano ser reinterpretado pelo viés da linguagem e da importância do *Simbólico*, qual seja, a máxima estruturalista do texto lacaniano que é formalizado com o “*o inconsciente é estruturado como uma linguagem*”.

Em direção à uma síntese, a absorção realizada por Lacan, a partir das considerações de Lévi-Strauss aponta para uma elucidação dos termos, *estrutura*, *símbolo*, *Simbólico* e *sujeito*, e, portanto, apontando a máxima de “*o inconsciente é estruturado como uma linguagem*” pela via de recursos teóricos que permitam, em psicanálise, conceber uma operação tal qual se intitula na teoria da constituição do sujeito. Essa teoria é uma resposta que engloba uma proposta de explicação para a noção de estrutura e as modalidades particulares que as estruturas clínicas podem sistematizar na experiência de transferência na prática clínica. A inscrição no campo da linguagem e o efeito de solução, tal qual a resposta ao drama do ser humano diante do desamparo inicial e a marca significativa que opera como uma identificação particular ao universal de um campo da linguagem. O campo da linguagem ou campo das sede dos significantes também implica um vazio intrínseco ao ele próprio, a partir do qual o conceito de sujeito atravessa é marcado por uma “*duplicidade da posição subjetiva*” (LACAN, 1962d/2011, p. 210) em relação ao próprio campo, que no grafo do desejo por ser localizado pelos *matemas* A e S(*A*).

[...] podemos nos perguntar se todos os fenômenos sociais pelos quais a antropologia social se interessa possuem de fato o caráter de signos. Isso está suficientemente claro no que diz respeito às questões que estudamos frequentemente. Quando consideramos um sistema de crença – o totemismo, digamos – ou uma forma de organização social – clãs unilineares, casamento bilateral – a pergunta que nos fazemos é exatamente “o que isso significa?” (LÉVI-STRAUSS, 2013, p. 18)

A relação *simbólica* de ordenação dos fenômenos sociais é a estrutura que permite uma série de signos, tal qual se materializa no código social, nas crenças e nos mitos, e que ordenam uma lógica. Na esteira da pergunta de Lévi-Strauss, *o que isso significa?*

É que S, na medida em que veio substituir S', torna-se o fator de um S (1/s), que é o que eu denomino o efeito metafórico de significação. Os senhores sabem, eu dou uma grande importância a essa estrutura na medida em que ela é fundamental para explicar a estrutura do inconsciente. A saber, é que no momento considerado como primeiro, original, daquilo que é o recalçamento, trata-se, eu digo – visto que é o modo como me é próprio de apresenta-lo – trata-se, eu digo, de um efeito de substituição significativa, na origem. Quando eu digo na origem, trata-se de uma origem *lógica* e não de outra coisa. (LACAN, 1966b/2008, pp. 91-2 – grifos originais.)

Encontro a porta de entrada para o quê Lacan intitula como teoria da constituição do sujeito, e própria *estrutura* que se extrai dessa relação entre o *signo* e o *símbolo* de uma operação de inscrição no campo da linguagem, não como meramente um *produto* de uma experiência, ou o “*drama que determina na vivência de cada um*”, como afirma Safouan (1970, p. 11), como

uma operação, e não determinada igualmente para todos⁵⁰ – e aqui o para todos já nos impele a demandar um diálogo com a lógica – que pode ser realizada desde a própria inscrição no campo da linguagem, que por ser estruturado, estrutura.

O desejo é fundamentalmente, radicalmente estruturado por esse nó que se chama de Édipo, e de onde é impossível eliminar esse nós interno que é o que tenho sustentar diante de vocês por estas figuras, esse nó interno que se chama de Édipo, uma vez que ele é essencialmente o quê? Ele é essencialmente o seguinte: uma relação entre uma demanda que toma um valor tão privilegiado que se torna o comando absoluto, a lei, e um desejo que é o desejo do Outro, do Outro de que se trata, no Édipo. Essa demanda articula-se assim: tu não desejarás aquela que foi meu desejo. Ora é isso que funda em sua estrutura o essencial, o ponto de partida da verdade freudiana. (LACAN, 1962d/2011, p. 204)

O *desejo* é a estrutura que ordena o aspecto *Simbólico* da linguagem, pela via de uma questão, e o mito do complexo de Édipo é o repertório privilegiado para formular tal teoria, em Lacan, apontando para uma absorção da teoria de Strauss, antecipada aos primórdios da vida humana. O mito é um nó, e o jogo de palavras entre Édipo e “*nó interno*” é um ponto privilegiado para essa tese, tendo em vista a suposição da estrutura em seu suporte nos registros *RSI* e a escrita relação com a teoria do *Nó-Borromeu*. A fundamentação matemática do Édipo para além da narrativa do mito, em sua como um nó interno permite a ligação com a estrutura simbólica que pode ser inscrita na subjetividade pelo *marcapaga* de um símbolo.

A concatenação da lógica paradoxal do símbolo pela estrutura do mito em sua posição na teoria psicanalítica demanda um passo de análise para a concepção e para o uso da lógica realizada por Lacan, bem como da matemática, tendo em vista que essas disciplinas estão amarradas com conceitos fundamentais até então apresentados: do *significante* ao *inconsciente estruturado como uma linguagem*, no qual o aspecto assemântico e o vazio do campo, respectivamente, estão associados à lógica e à matemática (RONA, 2012), assim como o *Simbólico* em sua direta menção ao *nó interno* da subjetividade humana.

Nos últimos anos do ensino de Lacan, quando estabelece o seminário “*RSI*” (1974-75), há um retorno a essa série argumentativa sobre a *interdição do incesto* em sua relação com o *complexo de Édipo* em sua dimensão *lógica e estrutural*.

Não consideramos o fato da interdição incesto como histórico. Ele é, claro, histórico, mas é preciso procurar tanto na história que, veem, acabei encontrando isso apenas entre os hindus e, pode-se dizer que se tem aí uma das pontas. Não é histórico, é estrutural. Estrutural, por quê? Porque há o simbólico. O que se deve bem perceber é

⁵⁰ A experiência com a psicose me permite afirmar a legitimidade que a inscrição no campo da linguagem não ocorre de modo aos descritos pelas teorias do desenvolvimento, e sim pela lógica da constituição. Aqui insisto em justificar a relevância dessa tese, e a necessidade de conceber operações distintas no ato de identificação ao significante, e, portanto, ao campo de sua sede: o grande Outro, pela via da *Bejahung* e *Verwerfung*.

que é no buraco do Simbólico que consiste esse interdito. É preciso o Simbólico para que apareça, individualizado no nó, essa coisa que, eu, não chamo tanto de complexo de Édipo, não é tão complexo assim, chamo isso de o Nome do Pai. (LACAN, 1975g, p. 64)⁵¹

A relação entre *nome do Pai*, *Simbólico* e a razão estrutural do inconsciente retorna, como se averigua na citação a seguir, de modo bastante explícito, quando é no furo do *Simbólico* que o significante nome do Pai pode emergir como o representante da falta em sua dimensão individualizada, ou *particular*, como do efeito de uma inscrição subjetiva no campo do Outro pela via do termo *Nó*, que passa a ser um modelo de transmissão de sua teoria estrutural, em certa medida. Além da *permanência conceitual* se tornar evidente, e enfraquecer a hipótese de abandono da noção estrutural, essa citação permite criar estatutos de semelhança, com o desenvolvido nessa seção, quando recupero outros trechos da obra de Lacan, apontando a prevalência da relação estrutural com o inconsciente, com o complexo de Édipo e o significante, *nome do Pai*.

O *conceito estrutura* desloca-se estritamente das derivações de sentido que o radical da palavra aponta para o *estruturalismo*, e pode ser diretamente correlacionada a partir das contribuições da lógica e da matemática, expandindo-se para um tipo de formulação nas absorções de Lacan que permitem inferi-la do início ao fim de sua obra.

Como nós mesmos fazemos do termo estrutura um emprego que cremos poder pautar no de Claude Lévi-Strauss, é para nós uma razão pessoal, cabe dizê-lo aqui, não tomar esse emprego como genericamente confuso. [...]

A categoria do conjunto, para introduzi-la, obtém nossa concordância, uma vez que evita as implicações da totalidade ou as depura. Mas isso não quer dizer que seus elementos não sejam isolados nem somáveis, pelo menos se buscarmos na noção de conjunto alguma garantia do rigor que ela tem na teoria da matemática. (LACAN, 1960a/1998, p. 645)

⁵¹ “C’est pas historique, c’est structural. C’est structural, pourquoi ? Parce qu’il y a le Symbolique. Ce qu’il faut arriver à bien concevoir c’est que c’est le trou du Symbolique en quoi consiste cet interdit. Il faut du Symbolique pour qu’apparaisse, individualisé dans le nœud, ce quelque chose, que moi je n’appelle pas tellement le complexe d’Œdipe, c’est pas si complexe que ça. J’appelle ça le Nom-du-Père, ce qui ne veut rien dire que le Père comme Nom - ce qui veut rien dire au départ - non seulement le Père comme Nom, mais le Père comme Nommant”. (LACAN, S22/STAFERLA, p.78).

Sobre a lógica e a matemática.

Para permitir explicar as funções desse discurso adiante o uso de um certo número de letras. Primeiro, o *a*, que chamo de *objeto*, mas que de qualquer modo não é nada mais que uma letra. Depois o *A*, que faço funcionar no *que*, pela proposição, não tomou fórmula senão escrita, e que produziu a lógica-matemática. Designo com ele, o *que*, de começo, é um lugar. Eu disse – *o lugar do Outro*. (LACAN, 1973b/ 2008, p.34)

1.3. Lógica e Matemática: da estrutura lógica na escrita topológica do Nó

O objetivo dessa seção é recuperar os principais apontamentos que Lacan realiza a respeito das relações entre psicanálise, lógica e matemática em suas formulações conceituais da *noção estrutural*, e ao que pode auxiliar na elucidação das formalizações das *estruturas clínicas*, de uma teoria da inscrição no campo da linguagem ao *Nó-borromeano*, tal qual indico no último capítulo da tese.

Portanto, o caminho que delineio para os passos demonstrativos são:

(1) Breve⁵² percurso na razão da lógica clássica e moderna, por meio de *Aristóteles* (384 a.c. -322 a.c.) e a divisão entre metafísica e práxis, a fim de alcançar as voltas dadas ao conceito de *estruturas* (LACAN, 1969c/2008, p. 283) e ao termo *estruturas clínicas*, *Gottlob Frege* (1848 – 1925), a fim de alcançar as denominações da lógica *paraconsistente* e *paracompleta*, sob os paradoxos implicados em problemas do *Simbólico*, do *Falo* (LACAN, 1960c/1998, p. 855) e da *constituição subjetiva*, pela aproximação do traço unário com o *Um* (LACAN, 1962b/2011).

(2) Breves indicações da matemática e das teorias, por exemplo *dos conjuntos*, que auxiliaram Lacan com a concepção de *sujeito* (LACAN, 1967a/2008), as figuras *topológicas*, e as escritas de operações e operadores estruturais, com “*banda de Moebius*” (LACAN, 1962h/2011, p. 326) no “*toro e enlaçamento de dois toros*” (LACAN, J. (1962f/2011, p. 257), no “*cross-cap*” (LACAN, 1962h/2011, p. 318), e na “*garrafa de Klein*” (LACAN, 1967a/2008, pp. 200-01).

A inclusão das influências da lógica e da matemática, permite sinalizar ao leitor alguns dos problemas levantados por Lacan, desde a linguística e a antropologia, que insistiam e precisavam ser reposicionados segundo matizes que esvaziassem certos equívocos para a teoria da prática do psicanalista. Dessa maneira, a discussão sobre a *lógica* e a *matemática* servirão de suporte para o passo dessa tese, qual seja, o de refinar tanto as aproximações das *estruturas* com os registros *Real*, *Simbólico* e *Imaginário* (*RSI*), quanto para a noção de *enodamento* implicada na teoria do *Nó-Borromeu*, pela via de uma proposição teórica logicamente orientada e matematicamente formalizada, a fim de esvaziar os atravessamentos

⁵² O significante *Breve*, com o qual explicito os passos da seção, indica, de certa forma, um sobreaviso com as dificuldades que tais disciplinas imputaram ao *pesquisador-autor*, e, pelas dúvidas que me suscitaram até o presente momento, da pesquisa e da escrita da tese. Porém, entendo, que oras de forma lateral, oras de forma explícita, esses conjuntos temáticos retornarão no corpo do trabalho. Ou seja, a despeito do anúncio, serão apresentadas algumas relações, mas sem aprofundamento tal qual realizados nas seções anteriores desse capítulo.

imaginários a que a noção estrutural ficou submetida pelas narrativas dos mitos e historietas particulares dos complexos familiares.

É próprio da álgebra poder ter diversas interpretações. $S(\mathcal{A})$ pode querer dizer toda sorte de coisas, inclusive a função da morte do pai. Mas, num nível mais radical, o da logicização de nossa experiência, $S(\mathcal{A})$ é, exatamente, se ela está em algum lugar e é plenamente articulável, o que se chama estrutura. (LACAN, 1969c/2008, p. 283).

A citação acima, extraída do seminário “*De um Outro ao outro*” (1968-69), demonstra a passagem de possíveis interpretações que psicanalistas poderiam empreender sobre as formulações matemáticas que Lacan visava com os *matemas*, como com o $S(\mathcal{A})$, que inicialmente desprovidos de sentido, poderiam remeter a diferentes correlações com a teoria psicanalítica, por exemplo, a construção mítica do Édipo e o índice totêmico laicizado pela álgebra, que por ser articulável, indica a própria *estrutura*.

Ainda que a separação de apenas quatro anos, entre a data cronológica da citação acima com a epígrafe indicada no preâmbulo da seção, cuja unidade de semelhança entre elas aponta para a incidência da dimensão *Real* no que tange às formalizações e conexões com o fundamento da linguagem, ponto crucial nas passagens entre os seminários “*De um Outro ao outro*” (1968-69) e “*Mais, ainda*” (1972-73) (TORRES, 2010).

O problema das formalizações em psicanálise atravessam essa seção, tendo em vista o uso que Lacan realizou a partir da *lógica* e da *matemática*, a fundamentação de conceitos e relações de articulação entre os propostos por Freud, ou ainda para aqueles que se fizeram fundamental em sua interpretação da teoria psicanalítica, como o de *objeto* e o de *campo da linguagem*.

Na epígrafe de abertura da seção, extraída do seminário “*Mais, ainda*” (1973-74), Lacan aponta para uma perspectiva de sua fundamentação teórica que passa a ser cada vez mais frequente e proeminente em seu modelo de transmissão, o uso de *letras*, *esquemas*, *grafos* e proposições de ordens de relação estabelecidas por símbolos, como setas, retas vetorizadas, losangos articulados, como “*punção*” (LACAN, 1964e/2008, p. 205), e que pela via da *escrita* de tais correlações, orientam formulações, rapidamente correlacionadas, com as fórmulas matemáticas e uma racionalidade lógica puramente abstrata; desprovida de sentido apreensível de imediato, mas orientadas por uma estrutura de leis e racionalidade de funcionamento.

Trata-se das relações entre lógica e matemática, atribuídas a conceitos que também estavam delimitados por narrativas; como na menção do “*a*” para o objeto, e “*A*” para lugar do

Outro. E o objetivo de Lacan, ao que é possível seguir nos trilhos significantes, é poder incluir a dimensão *Real* tanto em suas formulações quanto a transmissão da psicanálise.

Na aula “*O escrito e a verdade*” (LACAN, J. (1971c/2009) do seminário “*De um discurso que não fosse semblante*” (1971), há uma passagem que se faz importante ao tom da abertura que pretendo para dar os encaminhamentos da sessão, que, de antemão, situo o leitor nas diferenças com que a materialidade escrita vai ser utilizada nessa seção: as relações estruturais na dimensão *Real* da linguagem serão priorizadas, em detrimento de longas explicações narrativas, como até então estavam sendo realizadas, e por tal razão, *esquemas*, *modelos* e *topologia* serão evocados.

Interrogar a dimensão da verdade em sua morada é algo – aí está a novidade do que introduzo hoje – que só se faz pelo escrito, e pelo escrito na medida em que, é somente a partir do escrito que se constitui a lógica.

Eis que introduzo neste ponto de meu discurso deste ano – só existe questão lógica a partir do escrito, na medida em que o escrito, justamente, não é a linguagem. Foi nesse sentido que enunciei que não existe metalinguagem. O próprio escrito, na medida em que se distingue da linguagem, é justamente porque o escrito não é linguagem, mas só se constrói, só se fabrica por sua referência à linguagem. (LACAN, J. (1971c/2009, p. 60)

O leitor pode supor que tal proposição de Lacan, na citação acima, venha a cumprir o propósito de coadunar com as concepções de cortes radicais e secos que comentadores de sua obra tendem a fazer, a partir dos anos de 1970, principalmente em relação à noção *estrutural* e o conjunto das *estruturas clínicas*. Porém, a despeito dessa rápida conclusão, há de se inferir, por meio da própria citação, que os interesses pela lógica e pela matemática visam a não só distinguir as dimensões do escrito em relação à linguagem, mas o quê da linguagem tem por referência a dimensão *Real*, pois “*o escrito não é a linguagem, mas só se constrói, só se fabrica por sua referência à linguagem*”.

Ainda mais, produzindo um retorno gradativo na obra de Lacan, é possível situar passagens que explicitam as influências da lógica e da matemática, desde a temporalidade como indicado com o termo “*punção*” no seminário “*Os quatro conceitos fundamentais*” (1964), com os primeiros usos (EIDELSZTEIN, 1992; 2017) por meio do grafo do desejo e das conexões possíveis entre elementos situados num esquema complexo de articulações em “*As formações do inconsciente*” (1957-68) e na década de 1940, com “*O número treze a forma lógica da suspeita*” (1945/2003) e “*O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada*” (1945/1998).

Logo, com as indicações acima, torna irrefutável que entre 1940 e 1970, Lacan interessava-se por razões da lógica e da matemática, conferindo a ele um lugar de epistemólogo, pelas influências da filosofia com Aristóteles, com o termo *epistémé*, mas também das lógicas

modernas, denominadas *paraconsistente* e *paracompleta* (FORBES & COSTA, 1987; CHECCHIA, 2004; CESAROTTO, LEITE, & COSTA, 2014).

O cerne da questão é a possibilidade de equacionar problemas de verdadeiro e falso, a partir de premissas e suas conclusões, tendo em vista a impossibilidade de certas relações estabelecidas entre os elementos das premissas. A lógica clássica não comporta a racionalidade *dialética, paradoxal e contradição* como modalidades distintas de racionalidades lógicas, que concatenam hipóteses, operações e resoluções. Uma longa história da tradição filosófica da explicação causal da realidade, entre o que é da ordem da objetividade e subjetividade, que desde *Platão, Sócrates, Aristóteles* e *Kant* encontra-se às voltas como modelos distintos de explicitação do pensamento sobre a verdade final.

O problema da *causa* está implicado diretamente ao problema da *lógica*, e as passagens que sinalizo acima. Aristóteles retorna como um ponto de apoio importante tanto para as indicações com as quatro causas – *final, formal, material* e *eficiente*, quanto 10 modalidades de substâncias – que discorre em “*Categorias*” (ARISTÓTELES, 2011, p. 9), como “*o que chamamos na modernidade de categorias gramaticais (substantivo, adjetivos, pronomes, verbos, proposições, advérbios de modo, de lugar, de tempo, etc) é extraído das categorias aristotélicas*”.

O aspecto que me interessa acentuar nesses movimentos de acepção lógica, para além do problema de formalização, aparece na oposição entre objetividade e subjetividade, que a lógica clássica insiste em manter radicalmente como tradições *metafísicas* e de *práxis*, que podem ser intituladas, nas “*Categorias*” de Aristóteles, como as origens dessa dicotomia: “[...] *ciências teóricas ou especulativas, fundamentalmente a física e a filosofia primeira [...] e ciências práticas ou da práxis [...] a economia e a ética, culminando com a política*” (ARISTÓTELES, 2011, p. 7). As questões, que o estruturalismo procura responder pela racionalidade sistêmica de operações e leis que regem as unidades de uma estrutura, produzem uma torção nesse teor binário aristotélico.

Quisera deus que assim fosse, mas a história da própria ciência, quer dizer, da nossa, e desde que ela nasceu, se situarmos seu nascimento original nas matemáticas gregas, apresenta-se antes, em desvios que satisfazem muito pouco a esse imanentismo, e as teorias, com efeito – não nos deixemos enganar quanto a isso pela reabsorção da teoria restrita na teoria generalizada – , de modo algum principiam segundo a dialética: tese, antítese e síntese. (LACAN, 1960b/1998, p. 812)

A modernidade se propõe a uma forma universal de saber, que passam a ser implicados no conceito de sujeito, como uma problemática do conhecimento. Há uma passagem da

racionalidade epistêmica, que no corte realizado desde Kant, com Descartes, temas filosóficos passam a ser interpretados segundo um ternário de *verdade, dizer e ser do objeto* que os estudos da linguagem, evidentes na lógica e na passagem indicada com os estudos linguísticos e a sintaxe, ou das razões do pensamento, passam a ser reinterpretados, também, segundo as orientações da matemática com G. Frege e B. Husserl.

Sem dúvida, Claude Lévi-Strauss, comentando Mauss, quis reconhecer nisso o efeito de um símbolo zero. Mas é do significante da falta desse símbolo zero, antes que nos pareça tratar-se em nosso caso. E foi isso que indicamos, mesmo com o risco de cair em desagrado, até onde pudermos levar o desvio do algoritmo matemático para nosso uso: o símbolo raiz quadrada -1, ainda grafado *i* na teoria dos números complexos, evidentemente só se justifica por não aspirar a nenhum automatismo em que emprego subsequente. (LACAN, 1960b/1998, p. 836)

A posição de Lacan remete menos aos fundamentos ontológicos para se poder apreender a essência das proposições, validade de *verdade* ou *falseamento*, desde o princípio de identidade ($I = I$), e mais das relações com a articulação de verdade com suas propriedades de negação, como a negação dupla sendo a área da verdade, e da inclusão dos *princípios da contradição*, *terceiro excluído* e de *identidade* que possa contemplar o ($A = \text{Não } B$) ou ($\text{Não } A = B$).

A forma lógica que essa segunda operação vem modificar dialeticamente chama-se, na lógica simbólica, intersecção, ou o produto que se formula por um pertencimento *a-* e *à-*. Essa função modifica-se, aqui, por um aparte retirada da falta pela falta, através da qual o sujeito reencontra no desejo do Outro sua equivalência ao que ele é como sujeito do inconsciente. (LACAN, 1960c/1998, pp. 856-57)

Com a invenção da escrita ideográfica ou da escrita formal, conhecida por “*conceitografia*” (IANNINI, 2009), Frege influenciou o modo de Lacan utilizar aspectos de formalização, pela matemática, cuja dedução se sobressai à intuição, para além das racionalidades da imanência, e sim por constructos, ainda que inexistentes, passam a produzir efeitos, como um ponto de apoio fundamental para as teorizações sobre o registro *Simbólico* em distinção com o *Real*. “*O surpreendente desde este primeiro momento é que Lacan recorre a este realismo lógico para fundamentar seu modo de incorporar a ordem simbólica lévi-straussiana, e de distingui-la do real*” (IANINNI, 2009, p. 100).

O que se evidencia é que essa estrutura – desde que possamos dar a ela esse suporte imaginário, e é justamente nisso que devemos ser particularmente sóbrios — não é outra coisa senão o objeto *a*, uma vez que o objeto *a* é o furo que se designa no nível do Outro como tal, quando ele é questionado em sua relação com o sujeito. (LACAN, 1968b/2008, p. 59)

A crítica à intuição como fundamento da aritmética e a distinção entre argumento e função realizados por Frege eram análogos à crítica do fundamento psicológico que a teoria psicanalítica estava afundada nas décadas de 1950, pela psicologia do ego ou do psicologismo interpretativo que Lacan sinalizava aos pós-freudianos. Com Frege, Lacan encontra seu substrato de escrita lógica para explicitar a causalidade psíquica, ou a inscrição que a subjetividade engendra em relação ao campo da linguagem, afastando-o da cisão entre metafísica e experiência como fundamento causal para a teoria do sujeito em psicanálise, pela correlação com a teoria da gênese do 0 (zero) e do *Um*, em Frege, e o traço inaugural da subjetividade em psicanálise com Lacan, que numa retórica aproximativa, já pode ser vislumbrada em “*Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise*” (1956/1998).

o caráter primeiro dos símbolos aproxima-os, com efeito, dos números dos quais todos os outros se compõem, e portanto, se eles são subjacentes a todos os semantemas da língua, poderemos, por uma discreta pesquisa de suas interferências, ao longo de uma metáfora cujo deslocamento simbólico neutralize os sentidos segundos dos termos que ela associa, restituir à fala seu pleno de evocação. (LACAN, 1956a/1998, p. 296)

Na aula, “*Topologia da fala*” (LACAN, 1972a/2012) do seminário “...ou pior” (1971-72), quase duas décadas após o “*Discurso de Roma*”, Lacan perpassa todos os problemas trazidos até o momento dessa seção, inclusive retomando autores Jakobson, Platão, Hegel e, por fim, Frege, para problematizar novamente a relação entre a linguagem e a função numérica da contagem, ou “*Como se dá entrada do Um?*” (LACAN, 1972a/2012, p.74) na repetição e voltas que a subjetividade se enlaça em função do significante e do gozo. Ele afirma:

Mas será que haveria S_1 se não houvesse o S_2 ? Isto é um problema porque é preciso haver dois para que haja S_1 . Abordei a coisa no último seminário, aos lhes mostrar que, de qualquer modo, eles são pelo menos dois. Mas isso é no sentido em que se diz que isso é intransponível. No entanto, é transponível quando se é lógico, como já lhes indiquei ao me referir a Frege. Mas não ficou menos evidentes para vocês que isso foi transposto com um passo alegre, e que eu lhes indiquei, naquele momento – voltarei a esse ponto – que talvez houvesse mais um passinho. O importante não está aí. (LACAN, 1972a/2012, p. 74)

Veja o passo a ser dado com a topologia, como um indicativo para os planos intuitivo e projetivos, que tal disciplina fornece nas figuras topológicas e aproximações de estruturas conceituais, como estrutura do sujeito, *estrutura da neurose*, estrutura da constituição subjetiva, entre outros, ou como o editor nomeia a aula de 03 de fevereiro de 1972, como “*Topologia da fala*”. Enfatizo a pontuação de Lacan na relação que ele estabelece entre fala e linguagem, segundo uma matematização que ordena a racionalidade das produções de sentido e significação, ainda que o campo sobre o qual ele se determina tenha uma implicação de

exterioridade, desde a década de 1950, “*Essa exterioridade do simbólico em relação ao homem é a noção mesma do inconsciente e Freud provou constantemente que a atinha a ela como sendo o próprio princípio de sua experiência*”. (LACAN, 1956d/1998, p. 471).

Quinet (2002) retoma uma formalização, sobre a transferência, realizada por Lacan em “*Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola*” (1968/2003) e as articulações de endereçamento do analisante ao analista. O curioso é que a estrutura desse *matema* é aproximada à estrutura do signo linguístico apresentada em “*A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud*” de 1957. O algoritmo da transferência, como afirma Quinet (2002, p. 27), é:

$$\begin{array}{ccc} S & \rightarrow & S^q \\ \hline s(S^1, S^2 \dots S^{n^{53}}) \end{array}$$

Reconhecemos na primeira linha o significante S da transferência, isto é, de um sujeito, com sua implicação de um significante que diremos qualquer, ou seja, que supõe apenas a particularidade de Aristóteles (sempre bem vindo) e que, em virtude disso, supõe mais outras coisas. (LACAN, 1968/2003, p. 253)

Retomo o *algoritmo da transferência*, como afirma Quinet (2002), sob o duplo intuito de aproxima-lo à estrutura do signo linguístico, e, portanto, justificando as influências da linguística na formalização da psicanálise. Se essa aproximação se torna legítima, em sua extensão, podemos afirmar que Lacan realiza um passo sobre a definição de significado, transformando-o em uma sequência de significantes, como se averigua nas diferenças das letras entre parênteses. Ou seja, o significado, como uma cadeia de significantes, aponta para primazia do significante na estrutura inconsciente e simultaneamente esvaziando-o de sua importância na clínica, quando o significante qualquer da transferência daria suporte para a concatenação de que um significante, em sua suposição, representa o sujeito do inconsciente para outro significante. Apesar da diferença corporal entre analisante e analista, o campo da transferência demanda uma teoria dos lugares que não fique marcada exclusivamente pela dualidade da intersubjetividade entre dois indivíduos, mas num entrecruzamento de eixos, tal qual o do esquema L, em que *Imaginário* e *Simbólico* são retas transversais, mas que podem ser como um avesso e direito de uma mesma superfície. Logo, não é sem razão que a topologia passa a

⁵³ Remeto o leitor à nota de rodapé 18 da seção introdutória, na qual menciono a posição de escrever S. e S., dessa maneira, ainda que o editor do texto de Lacan incluído na obra “*Outros escritos*” (2001/2003) a mantenha como indicado na citação.

ser suporte para a transmissão da teoria clínica da psicanálise em Lacan, sobre a articulação do sujeito e do Outro, e do objeto escrito pela inscrição.

Com a segunda propriedade do significante, de se compor segundo as leis de uma ordem fechada, afirma-se a necessidade do substrato topológico do qual a expressão “cadeia significante”, que costumo utilizar, fornece uma aproximação: anéis cujo colar se fecha no anel de um outro colar feito de anéis. (LACAN, 1957c/1998, p. 505)

O inconsciente estruturado como uma linguagem, cuja sede de significantes em suas concatenações particulares sob transferência, revela-se num campo orientado por leis de regulação análogos aos da substituição e da metáfora. A primazia do significante inclui o aspecto assemântico e, para tanto no que tange a assunção de um sentido, a concatenação significante aponta para uma cadeia que levanta a questão de seu próprio limite. A lógica e a extensão das substituições servirão de suporte para Lacan formalizar essa estrutura significante do inconsciente no ato de fala: “*O falo como significante dá a razão do desejo (na acepção em que esse termo é empregado como “média e razão extrema” da divisão harmônica*” (LACAN, 1958/1998, p. 700).

Em síntese, apesar das origens em termos linguísticos, como se poderia afirmar a máxima do *inconsciente estruturado como uma linguagem* e da primazia do significante na suposição distintiva entre sujeito e objeto em psicanálise, é pela lógica e topologia que Lacan, desde 1953, entremeia suas concepções. Já antecipo, a partir da citação abaixo, a correlação entre estrutura e a topologia do anel, logo um fio condutor de que haja uma aproximação da estrutura com os anéis do *Nó-Borromeu*.

O que posso dizer, em todo caso, é da clivagem da parede. Há alguma coisa instalada na frente, que chamei de fala e linguagem, e por trás isso trabalha, talvez matematicamente. É perfeitamente certo que não podemos ter outra ideia disso. Que a ciência repousa não na quantidade, como se diz, mas no número, na função e na topologia, isso é o que não constitui dúvida. Um discurso chamado ciência encontrou meio de se construir atrás do muro. (LACAN, 1972a/2012, p. 74)

As implicações que a teoria de Frege produz em Lacan são bastante variadas, e remetem ao fundamento das dimensões lógico-simbólicas, em distinção com o *Real*, que o número visa a contar, no incontável que resta da inscrição significante, no ato da constituição subjetiva, como ato de identificação ao campo da linguagem, ao campo significante. A inferência lógica que deduz a existência do Um em sua relação com o 0 (zero), em Frege, “*o conjunto dos elementos diferentes de si mesmo é o conjunto vazio; o conjunto cujo elemento é o conjunto vazio é o 1; o conjunto deste conjunto*” (IANNINI, 2009, p. 101), Lacan cria condições para compor sua tripartição, entre *ser*, *sujeito* e *eu*, tal qual a o aspecto assemântico da estrutura

significante engendra a demanda ao Um do sujeito, como de um resto da operação que impossibilita senão uma suposição que impõe efeitos na lógica da estrutura da subjetividade; numa nova volta ao problema que a linguística o havia permitido situar com “*o significante representa o sujeito para outro significante*”, mas esvaziando toda sorte de consistências que o sentido pudesse criar ilusão da razão com a qual Lacan procura estabelecer a relação entre *Simbólico e Real*.

De fato, sabemos desde já que é no nível do particular que sempre surge o que para nós é função universal, e não temos muito por que nos surpreendermos com isso no nível do campo em que nos movemos, posto que, no que concerne à função da identificação, sabemos desde já – já trabalhamos bastante juntos para sabê-lo – o sentido dessa fórmula, que o que se passa, se passa essencialmente no nível da estrutura. (LACAN, 1961d/2011, p. 68)

A temática da identificação e a proposição lógica de compreende-la já estava nos propósitos de Lacan desde o seminário “*A identificação*” (1961-62) explícito na citação acima, relacionando-a diretamente com a temática das estruturas, e na seguinte passagem da lição de 13 de dezembro de 1961, que indica diretamente a temática das teorias dos conjuntos e os quadrantes lógicos.

Essa parcialidade da abordagem, essa entrada – se posso dizer assim – enviesada do problema, tenho o sentimento de que, ao designá-la a vocês, convém que eu a legitime hoje, e espero poder fazê-lo bem depressa para me fazer entender sem muitos desvios, lembrando-lhes um princípio de método para nós: que, visto nosso lugar, nossa função, o que temos de fazer e, nossa abordagem inicial, devemos desconfiar, digamos – e leve isto o mais longe que quiserem – do gênero e mesmo da classe. Pode lhes parecer singular que alguém que para vocês acentua a pregnância de nossa articulação dos fenômenos que nos concernem da função da linguagem, se distinga aqui por um modo de relação que é verdadeiramente fundamental no campo da lógica. (LACAN, 1961d/2011, p. 67-8)

A lógica da teoria dos conjuntos, com a indicação dos termos gênero e classe, cumpriam os propósitos de esclarecer as funções exercida pela linguagem em relação registro do *Real*, mas também sobre os problemas filosóficos do particular, universal, e de existência. Lacan correlaciona o particular na função do universal, tendo em vista que o campo sobre o qual os psicanalistas incidem é o da linguagem e do efeito de corte que o significante produz na materialidade estrutural da subjetividade, ao ponto de afirmar que a função da identificação é no nível da *estrutura*, objeto de estudo dessa tese, agora, correlacionado com perspectivas lógicas e matemáticas.

[...] seguramente, há nisso o que se chama um osso. Por ser justamente o que expomos aqui: estrutural no sujeito, o complexo de castração constitui neste essencialmente a margem que todo pensamento evitou, saltou, contornou ou encobriu, todas as vezes

em que aparentemente conseguiu apoiar-se num círculo, fosse ele dialético ou matemático. (LACAN, 1960c/1998, p. 835)

É fundamental nesse momento antecipar a incidência da metáfora paterna, como um efeito dessa lógica advinda da inscrição do Um, como um ponto sobre o qual a repetição, no campo da *estrutura da neurose* determinará no enlace entre *Simbólico* e *Imaginário*, com Φ (letra que cifra o falo *Simbólico*) e ϕ (letra que demarca o *-phi* da castração), como os objetos que se ordenam diante do campo do desejo, como a questão que se abre diante do resto que o encontro com o campo do significante inaugura, pelo aspecto assemântico de sua estrutura ou pelos restos das relações entre numéricas que as contagens do vivo insistem em insistir; advindos da própria articulação, com a *Bejahung*, portanto, “*Ora, estando a bateria dos significantes, tal como é, por isso mesmo completa, esse significante só pode ser um traço que se traça por seu círculo, sem poder ser incluído nele. Simbolizável pela inerência de um (-1) no conjunto dos significantes*” (LACAN, 1960b/1998, p. 833).

Esquema 1: “*Rebatimentos sucessivos*” (LACAN, 1969b/2008, p. 129)

A razão da repetição e a lógica que orienta a modulação do fenômeno, não só na analogia do sentido que se repete, mas nas voltas que a estrutura determina, a série de Fibonacci é utilizada por Lacan no seminário “*de um Outro ao outro*” (1968-69), em duas aulas com desenvolvimentos matemáticos bastante complexos, mas que enfatizo o esquema denominado por “*Rebatimentos sucessivos*” (LACAN, 1969b/2008, p. 129), na aula “*O Um e o pequeno a*” (LACAN, 1969b/2008), e cujo título - com os termos do Um e do *objeto a* - é evocado na aula “*De Fibonacci a Pascal*” (LACAN, 1969c/2008) e uma série de desdobramentos de quadrantes lógicos a respeito das formulações de Pascal, com o complexo de Édipo, com o enlace da subjetividade com o campo da linguagem, e o resto que se decanta e retorna como o índice da castração na divisão estrutural, que a identificação neurótica pode vir a se relacionar com o Um.

A dificuldade só começa ao nos darmos conta de que o sujeito não é, de maneira alguma, algo que possamos contentar-nos em enquadrar pela conjunção de um número qualquer de significantes, nem tampouco pela relação de 1 com 1, como lhes indiquei ainda agora. De toda conjunção significativa resulta um efeito de resto, que dá ao nosso *a*, [...] uma ligação que não é separável da própria matriz. (LACAN, 1969c/2008, p. 144)

Ou ainda com a proposição de “*ponto de foraclusão*” que desenvolvo a respeito da *estrutura da psicose*, sob a lógica de estruturação que a operação primordial *Verwerfung* implica o índice do *Simbólico* que no capítulo “**Estrutura e sujeito: operações e operadores para as estruturas clínicas**” desenvolvo com extensão sobre as operações que sustentam tais correlações conceituais entre linguística, lógica e matemática.

Por isso é que de bom grado levamos aqueles que nos seguem aos lugares e que a lógica é perturbada pela desencadeada disjunção entre o imaginário e o simbólico, não para nos comprazermos com os paradoxos que ale se geram, nem com nenhuma pretensa crise do pensamento, mas, ao contrário, para lhes reduzir o falso brilho à hiância que eles apontam, para nós sempre simplesmente edificante, e sobretudo para tentar forjar ali método de uma espécie de cálculo cujo segredo a inadequação com tal faria revelar. (LACAN, 1960b/1998, p. 835)

Esse passo de significação que remeto às concatenações da lógica entre o Um, o traço unário, o falo *Simbólico* e falo *Imaginário*, o desejo e a castração também pode ser realizado com a *estrutura da fantasia* e a fórmula que simboliza a condição sobre a qual é possível o sujeito se posicionar como objeto, isso em outra perspectiva, a do Gozo, pela álgebra que S punção evoca, como um algoritmo impronunciável, exatamente ao ponto que, se a falta *falta*, o intervalo significante que permite os encadeamentos de S_1 a S_n , estão engessados no curto circuito entre significação e sentido que a angústia desencadeia *na passagem ato* ou *acting out* (LACAN, 1963b/2005).

Isso é o que simboliza a sigla ($\$ \diamond a$) que introduzimos, sob a forma de um algoritmo que, não por acaso, rompe o elemento fonemático constituído pela unidade significante, até seu átomo literal. É que ele é feito para permitir um sem-número de leituras diferentes, multiplicidade admissível desde que o falado continue preso à sua algébrica. (LACAN, 1960b/1998, p. 832)

Outro derivado das contribuições de Frege, com certa influência de Sanders Peirce (D'AGORD, 2006). somado com a passagem da teoria dos conjuntos e dos grupos de Klein, há uma correlação dessas articulações lógico-matemáticas fundamentais com a teoria da constituição do sujeito estabelecida pela “*alienação*” (LACAN, 1964e/2008) com artifícios clínicos e referência Cogito Cartesiano, na famosa proposição, “onde penso, não sou”, “onde não sou, penso”, como modalidades de negação lógica, num desdobramento radical da

articulação *Bejahung-Verneinung*, por meio das referências Universal afirmativo; Universal Negativo, Particular afirmativa e Particular negativa, e de uma correlação com as operações fundamentais *Bejahung* e *Verneinung*.

Se a atribuição universal não tem, para se manter, necessidade da existência de nenhum de seus atributos, será com atribuição de existência que o particular negativa virá. E se ela é particular, por que, além disso, precisa ser negativa? Essa é a produtividade da função da contradição, uma não vai sem a outra. Dada a universal afirmativa, preciso da particular negativa. Preciso da contraditória para dar existência à atribuição universal afirmativa, o traço. Diferentemente de duas proposições contrárias, em que, se uma 'falsa, a outra poderá também ser falsa, no caso das contraditórias, se uma é verdadeira, sabe-se que a outra é falsa. Assim a afirmação da verdade é acompanhada da afirmação da negação da outra. (D'AGORD, 2006, p. 252).

Esquema 2: Sem nomeação. (LACAN, 1968, p. 93).

Essa retórica pode ser transposta para o esquema seguinte, do “Seminário de 17 janeiro de 1968”, incluída no seminário “O ato psicanalítico” (1967-68), com o qual Lacan atribui a torção teórico-clínica, que discuti na seção introdutória, de modo privilegiado sobre atualização na transferência da articulação que a subjetividade estabelece em relação ao campo da linguagem, que comporta uma tripla incidência, pelos registros *RSI*, e suas possibilidades de concatenação que os operadores de linguagem permitem. No horizonte, o ato do psicanalista é sustentar uma operação que contemple os endereçamentos inconscientes que a lógica significante estrutura, tendo em vista o significante o objeto que se extrai da operação primordial da identificação, e assim, cabe ao psicanalista escutar as voltas que as instâncias da subjetividade materializam sob transferência.

O que é que isto quer dizer? Onde isto nos conduz?

O ato psicanalítico, nós o propomos como consistindo em suportar a transferência. Nós não dizemos quem suporta, quem faz o ato; o psicanalista, então implicitamente. Essa transferência que seria uma pura e simples obscenidade, eu diria, redobrar-se-ia de baboseiras se não lhe restituíssemos seu verdadeiro nó na função do sujeito suposto

saber. Fazemos isso aqui, já há um tempo, demonstrando que tudo o que se articula, em sua diversidade, como efeito de transferência, só poderia se ordenar ao ser referido a esta função verdadeiramente fundamental, sempre presente em tudo que é nenhum progresso de saber, e que toma aqui seu valor justamente porque a existência do inconsciente a coloca em questão. Questão que jamais levantada pelo fato de que estamos sempre aí, se podemos dizer assim, implicitamente; a resposta é inclusive despercebida. Do momento que há saber, há sujeito, e é preciso algum deslocamento, alguma fissura, algum abalo, algum momento de “eu” nesse saber, para que de repente ele se dê conta, para que assim se renove esse saber que ele sabia antes. (LACAN, 1968, p. 96).

A noção paradoxal da unidade, pela crítica ao princípio da identidade, e o traço unário, como a fundamentação do Um – como suporte da diferença – me permitem avançar com os objetivos da seção, e recuperar a função em termos de fator de coerência e unicidade com que a função do Um implica para a estrutura subjetiva, de certo forma, convocando as negações que advirão desse conjunto, ao ponto das fórmulas da sexuação, indicadas a partir do seminário “...ou pior” (1971-72) e formalizadas no “*Mais, ainda*” (1972 - 73), como um fundamento que as teorias dos conjuntos e o Grupo de Klein (TORRES, 2010) remete às concatenações finais de Lacan a respeito da diferença radical que o significante determina, da impossibilidade da estrutura ser completa, que a castração – em termos dos mitos de Édipo – poderiam antever, caso a dimensão *Real* estivesse incluída nas interpretações da obra de Lacan, “*como verdade não há relação sexual*” (LACAN, 1972/2008, p. 22).

Essa proposição que Lacan realiza a respeito das negações e das modalidades lógicas de concatenação a respeito das articulações entre *ser*, *sujeito* e *eu*, tem seu desenvolvimento desde “*A lógica do fantasma*” (1966 – 67), articulado à práxis clínica no seminário “*O ato psicanalítico*” (1967-68) e retomado com desdobramentos até o seminário “*Mais, ainda*” (1972-73), quando Lacan, enfim, Lacan ordena a dimensão *Real* na estrutura, sempre articulada aos registros *Simbólico* e *Imaginário*, ao ponto de no ano seguinte, com “*Os não-tolos erram / os nomes do pai*” (1973-74) inicia-se a topologia dos três registros *RSI*, com as primeiras indicações ao *Nó-borromeano*.

Com a lógica e com a matemática, Lacan encontra seus suportes de transmissão e formalização para a escrita do *RSI* num modelo topológico: o *Nó-borromeano*.

É nesse ponto de abertura, que os encaminhamentos de indicação chegam à matemática das superfícies: a topologia, a partir da qual realizo algumas breve considerações a respeito de estruturas com as quais Lacan relacionou tópicos discutidos anteriormente, sob a perspectiva da linguística e da antropologia, por exemplo, com a concepção de sujeito e de inscrição no campo do Outro, ou ainda da razão inconsciente, “*hiância, pulsação, uma alternância de*

sucção, para seguirmos certas indicações de Freud: é disso que precisamos dar conta, e foi isso que tratamos de fazer fundamentando-o uma topologia. (LACAN, 1960c/1998, p. 852).

No Seminário “*Os quatro conceitos fundamentais*” (1964), a respeito das proposições do inconsciente estruturado como uma linguagem, e de sua acepção distintiva das bases epistemológicas que fundamentaram as articulações desde “*A identificação*” (1961-62), Lacan afirma a íntima relação entre a estrutura da linguagem e a topologia, um passo para transmitir o efeito de corte e torção que a *banda de Moebius* revela sobre o avesso e direito que o *Imaginário* no plano intuitivo, assim como da superfície inconsciente, em relação ao *Simbólico* e *Real*.

Certamente, essa topologia é essencial à estrutura de linguagem. Falando estrutura, não se pode não evoca-la. A observação primeira, eu diria mesmo primária – que todo o desenrolar no tempo em que deveríamos conceber o discurso, se ele é algo que a análise estrutural, tal qual ela operou em linguística, é feita para nos revelar – é que essa estrutura linear não é em absoluto suficiente para dar conta da cadeia do discurso concreto, da cadeia significante que não podemos ordena-lo, admiti-lo senão sob a forma do que se chama, na escrita musical, uma pauta, que é o mínimo que temos a dizer e que, desde então, a questão da função dessa segunda dimensão, como concebê-la? E que, se está aí alguma coisa que nos obriga a consideração da superfície ... e sob qual forma? (LACAN, 1964b/2006, p. 25)

A topologia é um ramo da matemática que se dedica ao estudo das superfícies em proposições distintas da até vinculada a Euclides (360 – 295 a.c.) – grego, conhecido como o pai da geometria como área da matemática que se ocupa do estudo dos espaços e dos objetos que podem ocupá-los. O espaço é qualificado a partir de qualidades denominadas axiomas, que podem ser usados em conjunto com os conceitos matemáticos de linha, ponto, reta, e então chegar a conclusões lógicas denominadas de teoremas. A geometria Euclidiana, estudo de espaço e objetos em três dimensões, mas, considerado o primeiro a criar uma teoria sobre os números. Os principais postulados de Euclides a respeito das superfícies é que (1.) Dados dois pontos distintos, há um único segmento de reta que os une; (2.) Um segmento de reta pode ser prolongado indefinidamente para construir uma reta; (3.) Dados um ponto qualquer e uma distância qualquer pode-se construir uma circunferência de centro naquele ponto e com raio igual à distância dada; (4.) Todos os ângulos retos são iguais.

A topologia, por sua proposição de gênese, visa a uma escritura das relações espaciais que alteram conceitos euclidianos de modo radical, que, desde um plano tridimensional só se é possível inferi-la, e jamais alcançada com as torções que suas fórmulas de constituição permitem projeta-los no plano bidimensional. Porém, para além dos detalhamentos, há uma

série de questionamentos, que derivam dessa disciplina, e subvertem as razões dimensionais de ponto, reta, volume e superfície.

Cada figura topológica se propõe a rever o pensamento ou racionalidade sobre as superfícies, para além dos planos intuitivos, e toca o problema da representação. Está intimamente relacionada com a noção estrutural pois implica a dimensão de corte, que a depender da posição produzis alterações, mas mantendo os princípios de sua *estrutura*.

Apenas vejam, uma superfície topológica é alguma coisa que necessita da distinção entre duas espécies de propriedades suas: as propriedades inerentes a superfície e as propriedades que ela toma pelo fato de que, essa superfície, vocês colocam-na num espaço real, em três dimensões. (LACAN, 1965a/2006, p. 70).

As principais figuras topológicas que Lacan utiliza em seus seminários com “*banda de Moebius*” (LACAN, (1962h/2011, p. 326) no “*toro e enlaçamento de dois toros*” (LACAN, J. (1962f/2011, p. 257), no “*cross-cap*” (LACAN, 1962h/2011, p. 318), ou na “*garrafa de Klein*” (LACAN, 1967a/2008, pp. 200-01). Indicadas abaixo. Contudo, a ressalva de não postular as indicações de suas confecções, enquanto fórmulas de orientação, tendo em vista que as figuras são fundamentalmente parciais e não correspondem ao que elas se propõem nas suas proposições lógicas e espaciais, mas também pelo recorte que pretendo, apenas, de situar o leitor com as indicações, em formato breve e pouco elaborado das indicações que Lacan realiza com termos estruturais e tais figuras. Meu intuito é anunciar e levantar o problema da formalização, que as figurações topológicas renderam, em críticas, para Lacan, e demarcar um terreno de futuras pesquisas entre a *topologia* propriamente dita e as *estruturas* em psicanálise

São (coisas possíveis) – há muito tempo faço observar – a não ser em certo tipo de superfícies, aquelas que estão aqui desenhadas, por exemplo, como o *toro*, isso que chamei em seu tempo o *cross-cap* ou plano projetivo ou ainda a terceira, a *garrafa de Klein* da qual vocês sabem, penso, se lembram ainda do pequeno desenho de onde se pode imaginar o que é, bem entendido que a *garrafa de Klein* não tem nada que a ligue especialmente a essa representação particular. O que é importante saber o que em cada uma dessas superfícies resulta do corte constituído pela dupla volta. Sobre o *toro* esse corte dará uma superfície de dois bordos. Sobre o *cross-cap*, dará um corte com uma única borda. O que importante é qual é a estrutura das superfícies assim instauradas. (LACAN, 1967b/2008, p. 200).

Fig.11 Banda de Moebius. Fonte: (AGUSTINI, 1991, p. 87 apud VILARINHO, 2012, p. 188)

A banda de *Moebius* é a figura topológica mais passível de ser visualizada e intuída no plano bidimensional, tendo em vista que sua construção pode ser realizada com uma tira, que quando torcida e colada em pontas inversamente definidas, produz uma superfície contínua sobre a qual se pode perpassar toda a extensão, sem ultrapassar nenhuma borda.

Lacan afirma que a banda de Moebius é a ilustração mais simples do *Cross-cap*, em que esta, pelo volume atribuído tem uma torção de superfície em que há continuidade entre externo e interno, numa ampliação da problemática, sobre as proposições estruturais e o efeito de corte produzido numa esfera, tal qual a o enquadre da fantasia e a lógica do desejo na constituição da realidade psíquica na *estrutura da neurose*.

Fig.12 Esfera e Banda de Moebius e Cross-Cap (LACAN, 1966a/2008, p. 18).

O que vem a ocupar em meu esquema o contorno dessa entrada, desse buraco, desse orifício que a especifica – e que de fato essa superfície donde as coisas não são orientáveis porque elas podem sempre passar do direito ao avesso – o lugar dessa abertura é essencial, estruturante para as propriedades da superfície; ela pode ser ocupada por qualquer ponto da superfície, como bastará um pouquinho de imaginação para ver que contrariamente a um anel, a um toro, que de qualquer forma não pode senão se revirar sobre si mesmo – vocês podem fazê-lo permanecer o mesmo lugar mas ele revira em todo seu tecido – de uma maneira aqui inteiramente contrária, é em cada lugar do tecido que pode, por um sopro deslizante, se produzir esse anel de falta que lhe dá sua estrutura. (LACAN, 1965a/2006, pp. 71-72)

Fig. 13. Toro e Enlaçamento de Dois Toros. (LACAN, 1962f/2011, p. 264 e p. 270).

Lacan utilizou o *toro* para formalizar a dialética entre demanda e o desejo, tanto nas formulações sobre a teoria da constituição subjetiva da *estrutura da neurose*, quanto nas voltas clínicas que a demanda do analisante encontra seu fundamento na suposição do desejo do Outro, e seu desejo vinculado à demanda que supõe o Outro atribuir para seu campo significativo. Há as proposições de reviramento da superfície do toro, que Lacan aproxima tanto dimensão corporal, no seminário “*O sinthoma*” (1976b/2007, p. 81) quanto as consistências dos anéis do *Nó-borromeano*, por meio do furo que tal figura o auxilia às concatenações a respeito das enodamentos, que o enlaçamento de dois toros já tinham sido trazido desde “*A identificação*” (1961-62), na aula de “*21 de março de 1962*”.

Eu os deixei, da última vez, no nível desse abraço simbólico dos dois toros, onde se encarna imaginariamente a relação de interversão, se se pode dizer, vivida pelo neurótico, na medida sensível, clínica, onde vemos que aparentemente, ao menos, é numa dependência da demanda do Outro que ele tenta fundar, instituir seu desejo. Evidentemente, há aí alguma coisa de fundada nessa estrutura que chamamos de estrutura do sujeito, na medida em que ele fala, que é aquela para a qual fomentamos para vocês essa topologia do toro, que nos parece fundamental. Ela tem a função daquilo que se chama, em topologia, de grupo fundamental e, afinal, será a pergunta para a qual será preciso que indiquemos uma resposta. Espero que essa resposta, no momento em que for preciso dá-la, já esteja de fato abundantemente delineada. Por que, se está aí a estrutura fundamental, foi durante tão longo tempo e sempre tão profundamente desconhecida pelo pensamento filosófico? Por que, se é assim, a outra topologia, a da esfera, [é] que tradicionalmente parece dominar toda a elaboração do pensamento, no que concerne à sua relação com a coisa? (LACAN, J. (1962d/2011, p. 203).

Nessa passagem, Lacan deixa algumas pistas fundamentais a respeito do abraço tórico, e sua relação com a *estrutura da neurose*, em termos de demanda articulada ao desejo, de um Outro ao outro, como se pode antever nas formulações desenvolvidas pelo autor no decorrer da mesma aula. “*Em sua essência, essa garrafa de Klein, o que é? É simplesmente alguma coisa de que bem próxima a um toro, quero dizer de um cilindro que vocês encurvam para que ele se rejunte pela sutura de dois cortes circulares que terminam – contanto que seja um – esse cilindro mutilado, mediante o que vocês farão o que se chama um anel*” (LACAN, 1965a/2006, p. 70).

Contudo, os aspectos de formalização e referência à filosofia me convocam a retomar o problema da formalização como aspectos fundantes para a psicanálise a respeito da transmissão e da escrita, para os delineamentos finais da seção.

Fig. 14. Garrafa de Klein. (LACAN, 1965e/2006, pp. 138 - 129).

A estrutura deve ser tomada o sentido em que é mais real, em que é o próprio real. Pelo menos, é isso que enuncio, de minha parte, e que assinala em outras ocasiões. Já na época em que eu desenhava no quadro, ou em que manipulava alguns esquemas com que é ilustrada a topologia, eu assinalava que não se tratava de metáfora alguma. Das duas uma. Ou isso de que falamos não tem nenhuma espécie de existência, ou, se o sujeito a tem, tal como articulamos, entenda-se, ele é feito exatamente como as coisas que eu escrevia no quadro, desde que vocês saibam que essa imagenzinha, que é tudo que se pode usar para representa-lo numa pagina, só está aí para representar algumas ligações que não podem ser postas em imagem, mas podem perfeitamente ser escritas. (LACAN, 1968a/2008, p.31)

Sokal & Bricmont (2014) tecem críticas a respeito dessa articulação entre lógica e matemática, pela aproximação que Lacan realiza da topologia com a psicanálise, a ponto de se tornar causa para diversos trabalhos que tratam essa interseção como objeto de estudo. A crítica que tais autores realizam sobre Lacan está pautada numa descontextualização que as absorções e apropriações realizadas por psicanalistas imputavam às ciências matemáticas, ou exatas, como são conhecidas. Ao que tudo indica, a racionalidade psicanalítica não coaduna com as proposições de racionalidade desses campos; sendo assim, mas não pelas intenções dos autores, mas pela própria leviandade com que Lacan as utilizou.

Somos, por vezes, acusador de ser cientistas arrogantes, porém nossa visão do papel das ciências exatas é, na verdade, bastante modesta. Não seria bom (para nós, matemáticos e físicos) que o teorema de Gödel ou a teoria da relatividade tivessem implicações imediatas e profundas no estudo da sociedade? Ou que o axioma da escolha pudesse ser estudado no estudo da poesia? O que a topologia tivesse algo a ver coma. Psique humana? Contudo, ai de mim, esse não é o caso. (SOKAL & BRICMONT, 2014, p. 10)

RONA (2010) tem seu trabalho de doutoramento pautado inicialmente das críticas proferidas em “*Imposturas intelectuais*” (Sokal & Bricmont, 2014) e realiza um extenso percurso de sustentação por meio matemática, e em certa razão com a lógica, para conceitos fundamentais da psicanálise, como os de significante, significação, metáfora, metonímia, negação, quantificador existencial e quantificador lógico, para mencionar alguns que tem conexão direta com o tema das *estruturas e estruturas clínicas* em psicanálise.

Em nota de rodapé, Sokal e Bricmont chegam a conceder que a relação pleiteada por Lacan entre estrutura e topologia seria válida se o primeiro termo pudesse ser tomado em seu sentido estritamente matemático, afinal de contas, a topologia é um tipo de estrutura. Contudo, os autores rejeitam a hipótese de se considerar uma estrutura em seu sentido lato, redutível a seu sentido matemático, excluindo desse, portanto, as estruturas linguísticas e sociais. Ora, esse é exatamente o ponto que pretendo discutir nesse trabalho, é seu eixo principal, por assim, dizer. Desse modo, discordando dos autores quanto à fraqueza da noção de estrutura na linguística, aqui se tratará de tentar mostrar que a adesão estruturalista de Lacan é o passo implícito que permite então explicitar as conexões entre psicanálise e matemática. (RONA, 2010, p. 20)

Esse diálogo tenso entre *matemática*, *lógica* e *psicanálise* tem sua dimensão conceitual colocada à prova a partir das afirmações de Sokal e Bricmont (2014), e como Rona (2010) demonstra e Glynos e Stavrakakis (2001) já haviam levantado, trata-se de um grande problema epistemológico que a psicanálise tende a responder, de tempos em tempos, como em meados de 1950, num movimento semelhante, *Karl Popper*⁵⁴ (1902-1994) contestou as validades científicas das proposições freudianas a respeito do conceito de *inconsciente*, em seu aspecto constitutivo de *não-contradição* e *atemporal*, que seria impossível de ser estabelecido pela lógica, e portanto, impossível de ser formalizado.

A lógica, como ciência autônoma, se ocupa de certas estruturas linguístico-formais, por meio das quais é possível codificar certos tipos de inferência como válidos. Naturalmente, essa caracterização da lógica não é rigorosa, mas torna-se necessário que se delineiem as estruturas que nela se estudam. Assim, na lógica dita clássica, estudam as diversas estruturas lógicas, que podemos também chamar de lógicas, tais como: o cálculo proposicional clássico, o cálculo de predicados de primeira ordem sem igualdade, o cálculo clássico de predicados de primeira ordem com igualdade, a silogística como foi axiomatizada por Lukasiewicz, e a lógica de segunda ordem. (FORBES & COSTA 1986, p. 105)

Newton A. C. Costa é um matemático e que se interessa pelo problema da formalização, com especial apreço pelas razões que o autor evoca – (1) contradição no sonho, (2) filosofia marxista e (3) interpretações de Hegel, como causa para o esforço de décadas em apresentar um modelo que refutasse as afirmações de Popper sobre a teoria freudiana, e assim, desenvolveu os fundamentos para o que ele denominou de lógica paraconsistente e paracompleta.

Não tanto que eu quisesse legitimar o pensamento dialético através de uma nova lógica, mas simplesmente para evitar raciocínios do seguinte tipo: Popper: num artigo célebre, *What is Dialectic?*, diz que a dialética é impossível – se realmente ela contém contradições, como na lógica clássica não é possível haver contradição, quer dizer, se houver contradição, isso “trivializa” a teoria, logo, a dialética seria “trivial”. Assim,

⁵⁴ A referência ao trabalho de Popper pode ser encontrada no livro “*A lógica da pesquisa científica*” de 1934 (POPPER, 1934/1989).

poder-se-ia demonstrar a impossibilidade da dialética com base na lógica; então pensei que se conseguisse construir um novo tipo de lógica, que permitisse as contradições fossem aceitas e não esbarrasse em trivialização, então seria possível que esse argumento de Popper não se aplicasse mais à dialética. Quer dizer, a dialética não poderia ser criticada do ponto de vista puramente lógico. (CESAROTTO, LEITE, & COSTA, 2014, p. 52)

Rona (2010) rebate as críticas de Sokal & Bricmont (2014), sobre o uso de Lacan na formalização matemática pela topologia em psicanálise. Porém, numa fundamentação que inclui a crítica, Rona (2010) produz uma análise extensiva das tendências com que os pós-lacanianos, de Nasio, Eidelsztein à Miller, tomaram as propostas de Lacan, sobre a formalização topológica, e que estão longe de serem tomadas pelo consenso, e sintetiza:

Há defensores mais estritos ou mais flexíveis, mas todos supostamente afirmando-se a partir de Lacan: desde aqueles que a empregam como um suporte explicativo, senão descritivo, dos principais articuladores teóricos lacanianos e de suas relações, até os que consideram as formulações topológicas do psicanalista como parte essencial e inextrincável de seu projeto de formalização da psicanálise. Ao passo que há alguns, que por seu uso, fazem crer que se trata somente de uma nova maneira, quase alegórica, de tratar os conceitos, ou que opinam que a topologia, em Lacan, cumpre a função de um substrato analógico, há também os que defendem que sua função essencial, postulando uma relação profunda [...] entre os espaço e as estruturas daí apreendidas e o sujeito da psicanálise. (RONA, 2010, p. 31)

O uso do termo formalização já foi evocado na seção introdutória, pontuado como um dos critérios fundamentais do *estruturalismo*, e não sem disparidade crítica, trata-se de um tema em psicanálise bastante controverso. A posição que Newton da Costa adota quando convocado a falar sobre as relações entre psicanálise e lógica, no ponto de denominação a respeito da formalização, o matemático tende a se posicionar, não só com parcimônia, mas também na perspectiva dos próprios interesses do Lacan a respeito das diferenças entre *Real*, *Simbólico* e *Imaginário*, que a topologia visa a sustentar articulações conceituais.

Em primeiro lugar, gostaria de reafirmar um ponto fundamental: o que significa formalizar? Às vezes, ouvimos que não é possível formalizar a dialética, que não é possível formalizar linguística. Repito para os meus alunos, sistematicamente, que formalizar não é significa colocar uma disciplina numa camisa de força. Formalizar significa algo distinto. Suponhamos, por exemplo, que se vai visitar Paris. Para tanto, é bom ter um guia de Paris. É claro que um guia de Paris não é Paris; mas um guia de Paris ajuda a conhecer Paris. Ou quando, por exemplo, se recebe uma fotografia de uma pessoa que se vai encontrar no aeroporto. A fotografia não é a pessoa, e não se pode confundir a pessoa com a fotografia. Mas ela contribui extraordinariamente para que se reconheça a pessoa. Com a formalização se passa algo semelhante aos casos do guia de Paris e da fotografia: a formalização, o formalismo por si mesmo, não resolve problema nenhum, em ciência nenhuma. E nem esgota toda a ciência. (CESAROTTO, LEITE, & COSTA, 2014, p. 60)

CAPÍTULO 2. *Estruturas clínicas e os três registros RSI*

O conjunto *estruturas clínicas* se orienta em fornecer os elementos teóricos, na dupla via de *operações* e *operadores* subjacentes à lógica causal dos mais variados *fenômenos clínicos*. Tal orientação é coerente com a proposta psicanalítica, de que determinados *sintomas* ou *estados de angústia* passam a ser índices clínicos para o analista levantar uma hipótese diagnóstica das formações significantes orientados num ato de fala sob transferência, em termos *estruturais*. Tal hipótese diagnóstica visa supor um funcionamento lógico dos operadores que produzam tais fenômenos, e formalizar uma proposta de tratamento, tendo em vista que o *mal-estar* e o *adoecimento*, em suas dimensões de fenômenos clínicos, podem ser ordenados como *produto* de uma estrutura, de uma estrutura de linguagem, em sua dimensão significativa⁵⁵.

Como indica Lacan no texto “*Discurso de Roma*” (1956/2003), na citação abaixo, a estrutura dos fenômenos clínicos, que se possa intitular pelos quadros sintomáticos, tem em seu funcionamento uma lógica que advém da amarração dos operadores desde operações que sustentem sua função, a partir da sentido a que lhe foi atribuído na particularidade de uma existência. A importância da linguagem na formação dos quadros semiológicos e todas as consequências que derivam da função significante na subjetividade apontam para a ordem do endereçamento no ato de fala como mola fundamental para o trabalho analítico.

Os sintomas de conversão, inibição e angústia não está ali para dar a vocês o ensejo de lhes ratificar os nós, por mais sedutora que possa ser sua topologia: é de desatá-los que se trata, e isso quer dizer devolve-los à função da fala que eles têm, num discurso cuja significação determina seu emprego e sentido. (LACAN, 1956a/2003, pp. 145-46)

Dessa forma, a estrutura clínica é o apoio epistemológico que pode orientar a formalização dos operadores clínicos para a orientação da direção do tratamento, conjugando uma torção entre teoria e prática clínica de modo bastante privilegiado, desde que se considere tal conjunto conceitual como articulação de operações que determinam operadores na estrutura a depender do suporte nos três registros *Real*, *Simbólico* e *Imaginário*, tal qual desenvolvo nessa tese.

⁵⁵ A diferença colocada no parágrafo de abertura entre fenômeno e estrutura pode ser localizada no importante texto de François Leguil (1986), intitulado “*Mais-além dos fenômenos*,” no qual o autor recupera o movimento freudiano de distinguir as lógicas causais dos produtos oriundos e manifestos em sintomatologias clínicas. Tal texto está incluído no livro “*A querela dos diagnósticos*” (1986), compêndio de capítulos com diversos autores, inclusive de Lacan, com o texto “*A psiquiatria inglesa e a guerra*” (1947) incluído, também, na obra “*Outros Escritos*” (2001/2003).

Considerar as diferentes formas de funcionamento para o termo *estruturas clínicas* é permitir ao analista uma lógica de intervenção, afirmando que o tratamento psicanalítico, ou a cura por uma experiência de análise, não é pautada exclusivamente pela liberdade de uma tática do analista, mas também orientada por uma política, tal qual Lacan definiu em “*A direção do tratamento e os princípios de seu poder*” (1961/1998), em que o inconsciente encontra-se como condição para a subjetividade, desde que a linguagem e o significante estejam situados pela radicalidade de seus efeitos de corte, quando um ato de identificação estrutura uma lógica de funcionamento.

O termo *estrutura clínicas* sustenta a possibilidade de compor uma razão diagnóstica, pautada pelo artefato clínico da *transferência*, de um *ato de fala* dirigido ao analista, e, desde já antecipo a necessidade de afirmar: tal conjunto conceitual delimita uma diferença entre *fenômeno clínico* e as *condições estruturais* de produzir tal fenômeno.

A partir da postulação do fundamento lógico sobre o qual se sustentam os desenvolvimentos das estruturas clínicas, a proposta é começar por elaborar as noções de "estrutura" e "clínica", para dar um significado preciso às expressões “estrutura da clínica” e “estrutura clínica” (EIDELSZTEIN, 2003/2016, pp. 45-6 – minha tradução)⁵⁶

O salto lógico que sinalizo é realizado por Eidelsztein (2003/2016, pp. 45-9), como apontado na citação acima, e me ancoro no percurso desse autor, sem necessariamente retomar os passos dados por ele. Assim, a argumentação da correlação estabelecida entre *estrutura* e *clínica*, e a necessidade de recuperar o termo *clínica*, em sua dimensão histórica e constitutiva da passagem da lógica médica para a lógica psicanalítica, é uma perspectiva sobre a qual não me debruço.

Essa *estratégia de método* realizada por Eidelsztein (2003/2016) para abordar a correlação realizada entre *estrutura* e *clínica*, ponto sobre o qual os comentadores da teoria lacaniana afirmam ser um constructo propriamente estabelecido por Lacan, a ponto do termo *estruturas clínicas* circular na literatura de referência, estabelece um recorte de *gênese*, ou das condições de seu estabelecimento para o termo, e dessa forma, uma retórica sobre os problemas que delimito na seção introdutória de forma lateral ao intuito dessa tese. Meu objetivo, como anunciado, concentra-se nas reverberações do próprio conjunto já estabelecido e no modo como se pode mapeá-lo na obra do próprio Lacan

⁵⁶ “A partir de postular el fundamento lógico en que se sostendrán los desarrollos sobre las estructuras clínicas, la propuesta es comenzar por la elaboración de las nociones de "estructura" y de "clínica", para poder dar un sentido preciso a las expresiones "estructura de la clínica" y "estructura clínica"”. (EIDELSZTEIN, 2003/2016, pp. 45-6)

No entanto, sinalizo a importância de que tal percurso incida numa perspectiva sobre a relação da *estrutura da clínica* com o termo *estruturas clínicas*, tal qual Dunker (2011) realizou extensamente, sobre as dimensões dos quatro eixos que sustentam a prática diagnóstica, a saber, “*semiologia, etiologia, diagnóstico e terapêutica*” (DUNKER, 2006a, p. 123). O modo como absorvo esse caminho, sem ter que me debruçar sobre ele, aparece pela dimensão discutida sobre o artefato clínico da *transferência*, das *entrevistas preliminares*, e principalmente, na *lógica diagnóstica do ato de fala em relação ao campo do Outro*, pelo decantado a partir das teorias da constituição do sujeito, pelo *estádio do espelho*, pelo *complexo de Édipo* e pela *alienação*, que, afirmo, poderia sinalizar o amplo espectro da passagem da teoria do *sujeito* e do *objeto*, nas *estruturas clínicas*, desde operações primordiais e operadores específicos nas estruturas, bem como se pode extrair as amarrações dos três registros *RSI*, dessas teorias lacanianas.

Julien (2002) em seu livro “*Psicose, Perversão e Neurose*”, afirma que a leitura de Lacan sobre a tríade diagnóstica é recheada de inflexões, sem a intenção de abandoná-las, mas rever seus sentidos na teoria psicanalítica conforme elucida as extensões de seus conceitos *Real*, *Simbólico* e *Imaginário*, (*RSI*). É nessa esteira que afirma, e posição que tomo como análoga, a saber, o ensino de Lacan por inteiro, incluindo seus hiatos nos quais posso me colocar. “*Por inteiro, isto é, não tal Lacan, de tal período, o do imaginário (1936-1951), ou o do simbólico (1951-1963), ou o do real (1964-1980), mas o Lacan entendido na própria dinâmica de toda a sua iniciativa, de A a Z*”. (JULIEN, 2002, p.8)

Uma estratégia de contemplar esses períodos demarcados por Julien (2002), a fim de coadunar num eixo de método, situo que é a partir das três principais teorias sobre a constituição do sujeito, que delimito *estruturas clínicas* em psicanálise. Por se referir a um modelo hipotético sobre as condições de realizar um *ato de fala sob transferência*, e que para tanto é necessário considerar modalidades distintas de ordenação dos princípios que ordenem a categoria estrutural: reafirmo os pontos sobre (1) o *campo da linguagem*, (2) a *operação* que engendra uma relação de uma subjetividade a tal campo, (3) *operadores* que decantam dessa operação e permitem estruturas de uma lógica de (4) *fala sob transferência*, ponto sobre o qual costuro a novidade da tese, e permite a aproximação com a *torção* entre teoria e clínica. É dessa consequência teórica que engendro a base dessa tese, e componho a correlação entre a *noção de estruturas clínicas, operações primordiais, elementos operacionais e o RSI*, cujo o esclarecimento não só da inscrição no campo da linguagem, mas das estruturas que sustentam o *inconsciente* e o *sujeito* para o campo teórico da psicanálise e suas reverberações clínicas,

como apontadas por Lacan na citação a seguir em seu seminário “*Problemas cruciais para a psicanálise*” (1964-1965).

[...] da natureza do traço do discurso, do corte, nesse véu singularmente topologizado que tentamos dar do sujeito como sendo o sujeito da palavra, o sujeito enquanto ele é determinado pela linguagem ...Bem, temos aí o único suporte válido... e que não se encontra absolutamente à mercê das mais grosseiras imagens que são aquelas que foram dadas na segunda tópica de Freud – falo especialmente das imagens do ideal do eu, até do supereu [...]. de uma maneira extremamente diferente digo eu, o que tem relação com o que chamarei o inconsciente estrutural. (LACAN, 1965b/2006, p. 91)

A escolha em apresentar, nesse capítulo, as *estruturas clínicas*, pela via da discussão de sua definição e contraponto com as três teorias, permitirá ao leitor rever a leitura tradicional de que estruturas clínicas fique restrita à teoria do complexo de Édipo e as incidências do significante *falo* via metáfora paterna, tal qual a literatura tende a interpretar (Dor, 1989; Julien, 1993; Fink, 1998; Quinet, 2003; Porge, 2006). O intuito de evitar que tais definições não fiquem reduzidas ao período conhecido como período *clássico de Lacan* (MILNER, 1996) ou *primeira clínica* (MILLER, HENRY & JOLIBOIS, 1997/1998), contempla a hipótese de permanência do conjunto conceitual na obra de Lacan.

Lacan não se propõe a estabelecer uma transmissão da psicanálise de forma linear, tampouco parece orientado em esclarecer detalhadamente seus conceitos. Essa posição autoral está alinhada ao modo como entende a própria psicanálise, e tal estilo coaduna com a complexidade topológica de uma teoria da prática clínica, ou da formação do analista, bem como de uma superfície que contemple as três dimensões conceituais dos registros *RSI* nos mais diversos conceitos que utiliza para ler a teoria freudiana.

No texto “*De um desígnio*” (1966/1998), incluído na obra *Escritos* (1966/1998), Lacan aponta para a ideia que procura transmitir com seu ensino e nesse retoma conceitos fundamentais para a noção de estrutura, não só desvinculando diretamente da corrente estruturalista, mas anunciando a razão de se sustentar por tal noção, tendo em vista que *linguagem, significante, sujeito e gozo* são elementos essenciais para conceber a clínica e que tais noções compõem a base teórica da psicanálise, e portanto intrínseca a todo seu ensino. “*Que todo texto, que se proponha como sagrado ou profano vê sua literalidade crescer em primazia pelo que ele implica propriamente no confronto com a verdade, é disso que a descoberta freudiana mostra a razão de estrutura*” (LACAN, 1966d/1998, p. 367).

A razão de estrutura em psicanálise aponta para a própria dimensão da linguagem e dos efeitos radicais de estruturação, não só da realidade, como da própria *verdade* que se atrela ao

Real, como um impossível de se apreender totalmente, se não pelo meio dito da ordem significante sobre a qual cada sujeito se enlaça.

E, ainda mais, que contemple os principais recursos conceituais que sejam referidos a cada uma das três estruturas, tal qual Lacan anuncia na abertura do seminário sobre “*Os escritos técnicos de Freud*” (1953-54), “*Sabemos que há, para cada estrutura um modo de conceptualização que lhe é próprio*” (LACAN, 1953a/1986, p. 10), e sob um suporte de uma lógica que desvincula a *figura do paciente* dessa estrutura que sustenta uma operação de *ato de fala* em transferência dirigida a uma analista, desde um campo dispostos de significantes e possíveis de arranjos nos registros *RSI*, passível de formalização a partir de operações primordiais e operadores nos diferentes conjuntos estruturais, pelo efeito de dois cortes, tal qual se pode nominar por *estruturas clínicas*.

Precisamente pelo que a verdade que ela introduz, a do inconsciente, deve à letra da linguagem, àquilo que chamamos significante.

Isto, se incidentalmente nos dá conta da qualidade de escritos de Freud, é decisivo sobretudo para fazer o psicanalista interessar-se ao máximo possível pela linguagem e pelo que ela determina no sujeito. (LACAN, 1966d/1998, p. 367)

Sobre as estruturas clínicas.

Assim, dada a presença do termo "clínica" (e o que isso implica) na expressão "estrutura clínica", tem-se uma presença inexorável todas as temáticas ligadas ao corpo, às pulsões, ao gozo, enfim, à questão do desconforto e do sofrimento, que inclui a forma essencial que na psicanálise significa "estrutura"⁵⁷. (EIDELZSTEIN, 2003/2016, p.47 – minha tradução)

⁵⁷ “Así, dada la presencia del término “clínica” (y lo que éste implica) en la expression. “estructura clínica, se hace presente inexorablemente toda la temática circunscrita al cuerpo, las pulsiones, y el goze, en suma, la cuestión del malestar y el sufrimiento, que connota forma esencial lo que en psicoanálisis querer decir ‘estructura’.” (EIDELZSTEIN, 2003/2016, p.47)

2.1. Definição de estruturas clínicas em psicanálise

Esta seção se propõe a arquitetar elementos fundamentais sobre o campo de definição do termo *estruturas clínicas*. Por se tratar de um conjunto temático suficientemente discutido na literatura pela via do termo *estrutura*, essa seção pode se estender para além dos limites aqui estabelecidos, e, talvez, não realizar fechamentos suficientemente conclusivos ao final da seção, pois a relação entre a concepção de estrutura não é análoga ao termo *estruturas clínicas*, ainda que encontre ressonâncias de suporte em sua definição, e que podem ser, dessa maneira, encontrados e sinalizados em capítulos seguintes da tese. É de um movimento, de abertura de ideias e fechamentos conclusivos não lineares, desde as primeiras palavras, que venho compondo o corpo geral da tese, mas que nesse item essa estratégia de escrita fica mais evidente. Isso se dá exatamente pela novidade com que me debruço sobre o termo estruturas clínicas, ao tom de uma composição de *definição conceitual* ou de elementos fundamentais para compor tal termo em estatuto de conceito para a psicanálise.

Porém, é exatamente no intuito de abrir chaves de leitura para o *termo*, que me resguardo na estratégia de discutir noções, eu diria, necessárias, e que estão implicadas ao conjunto, mas sem seguir uma coesão rígida para essa escrita. Isso pode gerar uma certa dispersão para o leitor. Mas, à medida de evitar a dispersão, realizo algumas voltas aos enunciados originais de proposição para esse trabalho, e que ainda que soem repetitivos, são pontos de apoio para que eu consiga manter uma coesão textual, e também nos situar na significação dessa definição, a fim de pontuar a importância dessa dimensão topológica de escrita, que em certa medida coaduna com a complexa relação entre teoria e clínica, que atribuo às *estruturas clínicas* em sua definição.

Feita tal ressalva, inicio propriamente os passos para compor essa seção sob a égide de uma ramificação que contém três discussões: (1) *estruturas clínicas* como hipótese diagnóstica para o artefato clínico da *transferência*, a partir do qual, é estratégia do psicanalista considerar que o *ato de fala num* campo transferencial a um analista é distintivo das pessoas envolvidas no encontro; (2) a fundamentação da *hipótese diagnóstica* a partir de elementos diferenciais, em referência à simbolização subjacente às operações e operadores distintivos para cada um dos conjuntos diagnósticos, tal qual Freud recomendou e teorizou sobre *neurose* e *psicose*, e, por fim, ao final da seção, (3) um preâmbulo de como as três principais teorias de Lacan se entrelaçam com as estruturas clínicas, enquanto modelos de inscrição no campo da linguagem e decantação dos elementos lógicos que permitam uma hipótese teórica sobre a diagnóstica

clínica, a saber, a *teoria do estádio do espelho*, a *teoria do complexo de Édipo* e a *teoria da alienação*, num esforço de sinalizar a posição dos registros *RSI* que delas derivam. É desse preâmbulo que se torna possível concatenar, *estrutura da neurose*, *estrutura da perversão* e *estrutura da psicose*.

Essas afirmações gerais sobre o conjunto das *estruturas*, e do como essa seção foi organizada, fornecem um ponto de apoio fundamental para a tese, qual seja: é possível sustentar a noção *estrutural* num quadro de leitura que não seja reduzido exclusivamente à teoria do complexo de Édipo, pela articulação do significante *falo* e as incidências da metáfora paterna, como índices estruturais e definidores das estruturas, bem como à uma teoria da constituição do sujeito que fique reduzida às conjecturas do registro *Simbólico* e de seu índice de *função*, via significante *Nome-do-Pai*.

Esse repertório teórico, apesar de fundamental nas hipóteses de Lacan, pode trazer uma série de equívocos para o conceito de *estruturas clínicas*, a depender do modo como se concebe tal conjunto, e, principalmente quando se compreende que *Simbólico* e *Linguagem* tem a mesma dimensão conceitual. Isso foi discutido na seção introdutória, de forma breve, mas incisiva quanto às consequências a que se pode deduzir para o termo *Simbólico* e a relação intrínseca com o conceito de *Nome-do-pai*. A principal tendência contemporânea em abordar tal conjunto está configurado no genérico “*queda da função paterna*”, tendo em vista a hipótese de mudança dos arranjos sociais, cuja implicação incide a afirmação que “*o simbólico mudou na contemporaneidade*”. O equívoco dessa concatenação engloba uma série de detalhes teóricos para os termos, sobre os quais posso reafirmar que a *função paterna* não é equivalente à *imagem paterna*, exatamente por se tratar de suportes distintos dos registros *Simbólico* e *Imaginário*, respectivamente, para esse operador na estrutura – a incidência do termo que implique uma barra à relação significante na apreensão de um significado inequívoco. Portanto, se a concepção do *Simbólico* for compreendida como análoga ao *Código*, o registro *Simbólico* fica reduzido aos constructos da linguística e pouco se aproxima à apropriação psicanalítica do termo, que abarca a complexa relação de substituição significante e o ganho de valor em tal interpolação, desde a significação fálica. O registro *Simbólico* é um suporte de concatenação, desde a estrutura de uma relação dialética entre significantes, a partir do qual se pode inscrever o índice na estrutura denominado *Nome-do-pai*, cujos efeitos apontam para um limite de extensão das operações de substituição metafórica e ganho de valor fálico.

Não há dúvida que esse eixo componha o conjunto das estruturas, no entanto, poderia retomar a questão apresentada na seção introdutória da tese: Mas de todas as três estruturas, *neurose, psicose e perversão*?

O termo *estruturas clínicas* corresponde a uma proposição teórica, em orientação para a prática clínica, num modelo de hipótese sobre o modo como estão dispostos os elementos de um conjunto, em relação a um campo, e regulado por operações fundamentais, quando há um *ato de fala* do analisante endereçado a um analista, pelo recorte de uma *queixa de sofrimento*, e ao passo da reviravolta de uma *demanda que o implica nesse mal-estar*.

Não se trata, portanto, de um conjunto idealista ou essencialmente teórico, tampouco um repertório que se decanta exclusivamente da experiência. É um crivo interpretativo; uma hipótese diagnóstica sobre a modalidade estrutural que se atualiza na experiência da prática clínica para o psicanalista, em um tratamento, desde um repertório teórico que circunscreva os limites de uma prática. A experiência de análise, ou a estrutura de um tratamento psicanalítico, pode ser considerado a partir da torção entre a universalidade de uma teoria e o particular de um tratamento, tal qual desenvolvi com a relação topológica e o termo *torção* entre teoria e clínica⁵⁸.

As *estruturas clínicas*, se consideradas conforme uma teoria que contemple as diversas inflexões realizadas por Lacan em seu ensino, permite ofertar recursos de operações e operadores para essa problemática da prática clínica em psicanálise, e de, certa forma, compor uma racionalidade diagnóstica corolária aos conceitos que sejam próprios a essa disciplina, a fim de uma possibilidade que oriente aquele que pratica a psicanálise se apoiar numa teoria da técnica, logo do manejo clínico, contemplando as propostas de Lacan, a partir do significante em seu suporte nos três registros *RSI* e nos seus enodamentos singulares.

Recuperar a importância da *linguagem*, pela via dos conceitos *sujeito*, *significante*, e campo do Outro, também implica trazer a dimensão do *corpo* para a discussão, como se pode averiguar pelos índices que se decantam das teorias da constituição do sujeito, e é nessa

⁵⁸ Essa posição me coloca parcialmente próximo à crítica de Dunker (2006a, p. 121), sobre a diagnóstica em psicanálise, quando afirma que “*a diagnóstica psicanalítica é imanente à transferência*”. Porém, acabo por me distanciar desse autor em suas estratégias de método na investigação de conjunto teórico, denominado estruturas clínicas. As nuances filosóficas e de interfaces realizadas por Dunker são absolutamente coerentes com a racionalidade epistemológica com a qual o autor se debruça sobre o ensino de Lacan, a ponto de afirmar que “*falta Hegel nesta discussão*” (DUNKER, 2006a, p. 129). Ainda assim, apesar de acompanhar tal proposta, coloco-me numa posição distinta ao organizar um método que circunscreva o próprio ensino de Lacan como fonte primária de investigação para cercar as bordas com as quais Lacan realizou suas inflexões sobre o tema, sem me ater, aprofundamento nas bases filosóficas e de apropriações realizadas por ele; discussão que já me compromisei no capítulo “*Bordas epistemológicas para a noção de estruturas clínicas em psicanálise: do método à definição*”, no qual afirmo que, apesar de certas bases, Lacan realiza suas apropriações e subversões aos conceitos.

perspectiva que o gozo passa a ser incluído na lógica estrutural. “*O significante é a causa do gozo. Sem o significante, como mesmo abordar aquela parte do corpo? Como, sem o significante, centrar esse algo que, do gozo, é a causa material?*” (LACAN, 1972b/2008, p. 30)

Eidelsztein (2003/2016) aponta que a própria dimensão do *corpo* está subjacente à teoria lacaniana da constituição do sujeito, quando é possível incluir a dimensão do registro Imaginário, nos aspectos da *imagem especular* – *i(a)* – e o *resto não especularizável*, a partir da teoria do estágio do espelho, por exemplo. Ou seja, o registro *Real* do corpo está delimitado pelo resto, pelo não-especularizável, pelo impossível de totalidade da estrutura, que se enoda ao efeito de concatenação realizado pelo ato de identificação que aponta para a articulação dos registros *Imaginário* e *Simbólico*, pela via da imagem especular – *i(a)* – e pela marca original do traço unário como índice na estrutura dos efeitos simbólicos do significante. Desde a teoria do estágio do espelho, a dimensão material do organismo humana está atravessada pelo suporte dos três registros *RSI*, e dessa forma, os elementos que compõem a teoria do gozo está implicada numa lógica na estruturação subjetiva, bem como as modalidades de negatização da *castração* ou de retorno sobre tal operação. Tradicionalmente, é apenas sobre esse retorno que se costuma correlacionar a teoria das *estruturas clínicas*, em psicanálise.

A noção de castração requer a articulação dessas duas dimensões do lugar: o corpo e a cadeia significante, com suas respectivas falhas. Estas falhas, buracos em um intervalo de tempo no outro, são estabelecidas na particularidade de um caso [...] um lugar privilegiado para conceber e distinguir as estruturas da clínica. (EIDELSZTEIN, 2003/2016, p. 56 – minha tradução)⁵⁹

Dessa forma, o termo *estruturas clínicas* permite conceber uma *estrutura* que inclui um efeito de *sujeito* e de *eu*, quando os significantes dispostos no campo do Outro, particularizado pelo traço oriundo de uma operação primordial, que insiste em repetir, e dessa forma apontando para o gozo e à *fantasia* de materializar numa narrativa o resto de um ser indizível num único significante. As reincidências e repetições apontam para um *resto*, impossível de ser apagado, para o qual, a marca retorna, como operadores na própria *estrutura*, tendo em vista a impossibilidade de um único significante que circunscreva a totalidade do *ser*, quando a linguagem inclui um furo em seu próprio campo, desde a própria definição de Saussure (SAUSSURE, 1917/2006) ou da apropriação de Lacan (LACAN, 1958c/1999, p. 202)

⁵⁹ “La noción de castración requiere de la articulación de estas dos dimensiones de lugar: el cuerpo y la cadena significante, con sus faltas respectivas. estas faltas, agujeros en un casom intervalos en el otro, establecidos en la particularidad de un caso [...] un lugar privilegiado para la concepción y distinción de las estructuras de la clínica”. (EIDELSZTEIN, 2003/2016, p. 56)

A quem se confronta, na experiência analítica, como o que parece ser uma aporia transcendente em relação ao que é chamado de história natural, mas nem por isso vê o interesse de buscar apoio no campo das estruturas lógicas, para colocar no lugar delas o que se apresenta no campo analítico, por este ser o campo de uma enunciação totalmente diversa, a que é permitida e também dirigida pela experiência freudiana, retrucaremos que, para começar, é na medida em que o Outro não é consistente que a enunciação assume a forma de demanda. (LACAN, 1968c/2008, p. 84)

É nessa esteira que Lacan afirma, curiosamente, no seminário “*De um Outro ao outro*” (1968-69), “*A estrutura, portanto, é real. Em geral, isso se determina pela convergência para uma impossibilidade. É por isso que é real*” (LACAN, 1968b/2008, p. 50)

Eis, então, que a lógica *significante*, no entrelaçar da dimensão *Imaginária* e *Simbólica*, e a *economia de gozo*, no que tange ao *Real*, estão enodadas; pois, as dimensões dos três registros *RSI* não estão desarticuladas no ensino de Lacan em nenhum dos tempos distintos de sua obra, e podem compor a *noção de estruturas clínicas*, tendo em vista que a linguagem é campo a partir do qual a psicanálise opera, e condição para o inconsciente (LACAN, 1971d/2009, p. 141), como se constata na teoria do estádio do espelho, tida como a primeira teoria da constituição do sujeito em Lacan. Esse é um ponto de apoio para a noção de que os três registros *RSI* estejam diretamente relacionados com a noção estrutural, e permitem sustentar a tese estabelecida nesse trabalho de doutorado.

Essa afirmação correlacionando aparelho significante e economia de gozo pode parecer um tanto apressada para o leitor. Porém, não é sem razão que, em muitos casos, a antecipação de um argumento, ou ainda que o semidito permita algumas correlações com os escritos posteriores. Isso se torna ainda mais desafiante, quando o conjunto das *estruturas clínicas* possa levar o leitor a circunscrever, tal noção, ao primeiro ensino de Lacan, como se tornou hábito dos comentadores lacanianos.

O interessante é que Lacan, desde 1953, com “*O simbólico, o imaginário e o real*” (1953/2005) insiste nessa ideia da clínica e de um resto, com o qual o analista deve estar advertido, pois Freud o já havia cercado em seu ensino, como é possível constatar a seguir.

Em primeiro lugar, uma coisa não pode escapar, a saber, que há na análise toda uma parte de real em nossos sujeitos que nos escapa. Nem por isso ela escapava a Freud quando este tinha de lidar com cada um de seus pacientes, porém, naturalmente está igualmente fora de sua apreensão e alcance. (LACAN, 1953/2005, p. 13)

E a fim de sustentar a permanência desse repertório teórico, como dito na seção introdutória dessa tese, procuro alinhar algumas argumentações com citações de Lacan que estejam cronologicamente situados em seu último ensino, como veremos, na citação a seguir

do seminário “*O avesso da psicanálise*” (1969-70) sobre a relação entre *significante* e *gozo* e, portanto, um direcionamento para o termo *estrutura*. Pois, “*o significante, então, se articula por representar um sujeito junto a outro significante, e é daí que partimos para dar sentido a essa repetição inaugural, na medida em que ela é repetição que visa o gozo*” (LACAN, 1970a/1992, p. 49).

Essa hipótese lacaniana já é possível de ser correlacionada em um outro texto fundamental para esse trabalho, “*Resposta ao comentário de Jean Hyppolite sobre a “Verneinung” de Freud*” (1956b/1998), no qual Lacan afirma sobre o fator econômico implícito no termo *afetivo* que Freud desenvolve no texto “*A negativa*” (1925b/2007), e que os pós-freudianos calcaram suas práticas clínicas em termos como contratransferência ou mesmo da concepção de subjetividade implícita ao intuitivo de uma intervenção clínica na condução do tratamento.

O que Freud designa aqui por afetivo, portanto, não tem, se é que voltar a isso é preciso, nada a ver com o uso que fazem desse termo os defensores da nova psicanálise, ao se servirem dele como de uma *qualitas occulta* psicológica para designar essa vivência [...].

O afetivo, nesse texto de Freud, é concebido como aquilo que, de uma simbolização primordial, conserva em seus efeitos até mesma na estruturação discursiva. Essa estruturação, dita ainda intelectual, é própria para traduzir sob a forma de desconhecimento o que a primeira simbolização deve à morte. (LACAN, 1956b/1998, p. 385)

O *resto* que se decanta da operação primordial de simbolização, que Freud discute no importante texto de 1925, é associado ao termo *afetivo*, sobre os aspectos que se conservam a despeito de uma introjeção simbólica da palavra, pelos juízos de atribuição e existência. É essa dimensão que escapa à simbolização que Lacan afirma a dimensão *Real* que toda análise contém, e o analista, apesar de advertido, não terá acesso, tampouco toca-la. Ainda que o *Real* esteja em causa nas teorias da aquisição da linguagem, e da estrutura do inconsciente, o *Real* é o impossível de ser acessado, como uma pressão que não cessa de não se inscrever. Como seria possível orientar uma clínica exclusivamente pela dimensão *Real*, tal qual encontra-se em voga pela expressão *Clínica do Real* (RIOLFI, 2014)?

A estruturação, na leitura de Lacan sobre o texto freudiano, não implica uma dimensão do aparelho em que não haja um *resto* diante da aquisição da linguagem, tal qual se poderia supor: *se há linguagem e simbolização, isso recobriria o todo do aparelho perceptivo em relação ao aspecto representacional e de memória*. É exatamente na medida que algo que fica de fora da simbolização primordial que é possível para Freud conceber a teoria da negativa, em seus aspectos de retorno pelo *sintoma*, *fetice* ou *delírio*.

Somos assim levados a uma espécie de interseção do simbólico e do real, que podemos dizer imediata, na medida em que ela opera sem intermediário Imaginário, mas que se mediatiza, ainda que precisamente sobre a forma que se renega, pelo que foi excluído no primeiro tempo da simbolização. (LACAN, 1956b/1998, p. 385)

Portanto, tem-se a incumbência de esclarecer o impacto sobre a noção de inconsciente, ao incluir em sua lógica, a dimensão do *Real*, quando consideramos esse espaço impossível de ser suturado, mas a partir do qual é possível que o significante seja a unidade que permita engendrar a própria subjetividade, como Lacan afirma no seminário “*A lógica do fantasma*” (1966-67,) a depender do como o ocorre essa inscrição primordial, desde operações primordiais, no campo do Outro. Eis a hipótese que sustenta a necessidade de se supor uma teoria sobre o corte do significante e seus efeitos de retorno, pelas incidências do *resto* do primeiro tempo da simbolização, como conjugados, para a noção estrutural do funcionamento subjetivo.

A inscrição primordial do significante é um efeito de aquisição da linguagem, ou entrada no campo da Linguagem, em que a concatenação significante não cumpre o intuito da nomeação, ou indicar o recobrimento do *Real* de forma linear ou por continuidade, tal qual o termo designação poderia inferir em relação ao significante. É da articulação entre a formação significante e do vazio intrínseco ao *ser*, do ser humano, que o significante engendra uma possibilidade de fala articulada, sob o intuito de uma significação sobre si, e produz efeitos de *sujeito*, *eu* e de um resto impossível de se significar. Constituição e causa da subjetividade operam como uma dupla articulação pela função da linguagem na estrutura.

o significante [...] não é apenas o que suporta o que não está ali. O *fort-da*, enquanto ele se põe em contato com a presença ou a ausência materna, não é, ali, a articulação exaustiva da entrada em jogo do significante. Que não está ali, o significante não o designa, ele o engendra. O que não está ali, na origem é o próprio sujeito. (LACAN, 1966a/2008, p. 21)

É nessa esteira que esse preâmbulo aponta para as leituras das principais teorias da *constituição do sujeito*, e da *causa da estrutura*. As três denominações clássicas decorrentes da noção de estrutura em psicanálise, a saber, *psicose*, *neurose* e *perversão*, são orientadas a partir do esforço de Lacan em redimensionar as afirmações de Freud, na perspectiva das operações de negatividade diante da relação do sujeito com a castração para um modelo de teoria da constituição do sujeito articulada aos três registros *RSI*.

Freud, em um dos textos finais de sua obra, “*Esboço de Psicanálise*” (1940), retoma essa conjunção teórica, a respeito desse momento inaugural para o aparelho psíquico, e, na seção “*O Aparelho psíquico e o mundo externo*” afirma a importância da conjectura teórica, a partir dos métodos técnicos oriundos da psicanálise, ainda que isso não concretize uma

unanimidade para a leitura dos casos, tendo em vista que a figura do analista é o *objeto* para o qual o laço da transferência se dirige, e sendo assim, o analista e o modo como concebe a teoria recorta a própria experiência. É sobre esse impossível de verdade última, que se sedimenta a importância de uma conjectura teórica, a ponto da particularidade do analista, em suas possibilidades de discordâncias com seus pares, revelaria um impossível último sobre a torção entre a *teoria* e a *prática* psicanalítica.

Descobrimos métodos técnicos de preencher as lacunas existentes nos fenômenos de nossa consciência e fazemos usos desses métodos exatamente como um físico faz uso da experiência. Dessa maneira, inferimos um certo número de processos que são em si mesmo incognoscíveis: e os interpolamos naqueles que são conscientes para nós. [...]

Nossa justificativa por fazer tais inferências e interpolações e o grau de certeza a elas se liga naturalmente permanecem abertos à crítica em cada caso individual, e não se pode negar que com frequência é extremamente difícil chegar a uma decisão – fato que encontra expressão na falta de concordância entre analistas. (FREUD, 1940/1996, p. 210)

Isso implica o analista a uma certa posição, tendo em vista que esse lugar não é qualquer lugar, tampouco definido por um certo conjunto de regras teóricas que garantiriam uma prática psicanalítica, ou ainda, uma experiência de análise, apontando para uma aresta, desse trabalho de tese, sobre a *posição do analista*, não só no tratamento psicanalítico, mas em suas diferenças de posição quanto as estruturas clínicas; considerando a hipótese de que há diferentes possibilidades de funcionamento, portanto diferentes formas de intervenção. Lacan, em “*A Direção do tratamento e os princípios de seu poder*” (1961/1998), no entanto, enfatizava que “os sentimentos do analista só têm um lugar possível nesse jogo: o do morto; e que, ao ressuscitá-lo, o jogo prossegue sem que se saiba quem o conduz. Eis por que o analista é menos livre em sua estratégia do que em sua tática” (LACAN, 1961/1998, p. 595). E complementa na sequência: “O analista é ainda menos livre naquilo que domina a estratégia e a tática, ou seja, em sua política, ode ele faria melhor situando-se em sua falta-a-ser do que em seu ser” (LACAN, 1961/1998, p. 596) Mas, mantenho em suspenso essa questão.

As teses fundamentais sobre a *noção estrutural*, que decorrem desse arcabouço teórico, auxiliam o leitor a se introduzir no compasso dos seguintes aspectos sobre as *estruturas clínicas* em sua definição, a saber, a *questão do diagnóstico diferencial sob transferência*, pontuado por Freud sobre as *entrevistas preliminares*, no texto “*Sobre o início do tratamento (novas recomendações sobre a técnica da psicanálise I)*”(1912).

O horizonte da prática analítica deriva dessa proposição da função da fala e das possibilidades que essa ocupa na subjetividade estrutural. A linguagem como estrutura análoga

ao do inconsciente é o campo que permite um ato de fala particularizado, ambíguo, que vela e desvela a função em um certo aparelho, tal qual uma estrutura permite operacionalizar operadores.

No texto “*Discurso de Roma*” (1956a/2003), Lacan faz considerações fundamentais para modular essa seção, sobre a *definição de estruturas clínicas*, apontando para as possibilidades dessa concepção em esclarecer a experiência dialética concernente à prática clínica em psicanálise, propondo uma dupla articulação: um deslocamento, do material de uma análise, da figura do paciente para a *estrutura de linguagem* que lhe permite produzir *um ato de fala* sob transferência, logo, *aquele que fala* como distinto da *figura do analisante*, como se pode constatar na citação abaixo.

Voltando, de nossa parte, a uma visão mais dialética da experiência, diremos que a análise consiste precisamente em distinguir a pessoa deitada no divã analítico daquele que fala. O que, somado à que escuta, já dá três pessoas presentes na situação analítica, entre as quais é costume formular a pergunta que é básica em qualquer matéria de histeria: onde está o *eu* do sujeito? Admitido isso convém dizer que a situação não é a três, mas a quatro, com o papel do morto, como no bridge, sempre fazendo parte da partida, e tanto que, não se levando em conta, é impossível articular seja lá o que for que tenha sentido a propósito de uma neurose obsessiva. (LACAN, 1956a/2003, p. 151)

A dupla articulação, a despeito de sua simplicidade em propor uma separação da figura do analisante para a proposição do campo da linguagem e do efeito de fala, do qual o conceito de sujeito deriva, permite uma formalização para uma racionalidade do que *estrutura o relato verbal*, ou a *lógica da fala*, como Freud propôs em sua terapêutica. A simplicidade dessa diferença posta sobre o discurso de Lacan torna-se mais complexa quando a divisão da subjetividade passa a ser considerada em três instâncias distintas entre si, pelos termos *ser*, *sujeito* e *eu*: e permite colocar a questão: *quem fala quando um analisante fala para o analista?*

Essa divisão está desenvolvida no capítulo três dessa tese, “***Estrutura e sujeito: operações e operadores para as estruturas clínicas***”.

Quinet retoma esse percurso em seu livro “*A descoberta do inconsciente*” (2003) e afirma que Lacan se apoia na linguística e na matemática para formalizar a subversão do conceito de *sujeito* e centrar nesse operador como fundamental para a prática psicanalítica, tendo em vista a importância do *inconsciente ser estruturado como uma linguagem* e de seu efeito de lugar para o conceito de sujeito do inconsciente. Saliento, aqui, a importância dos termos *sujeito*, *inconsciente* e *estrutura*.

A distinção entre o eu e o sujeito é difícil de apreender, na medida em que este escapa à percepção e à intuição, tendo sido necessário a Lacan promover o retorno a Freud e elaborar uma teoria que encontra seu suporte em outras disciplinas, que vão da linguística à matemática, para formalizar que sujeito é esse do inconsciente. (QUINET, 2003, p. 28)

Dessa forma, trata-se da própria *estrutura* que permite situar diferentes *instâncias na figura do analisante*, e reconfigurar a divisão do aparelho psíquico, desde Freud, em elementos que estejam calcados na linguagem e nas operações que derivam dessa *estrutura*. A concatenação significativa proferida no *ato de fala*, ainda que partindo da boca da figura do analisante, pode ser emoldurada por amarração de diferentes superfícies, sob suporte de diferentes registros *RSI*, numa aceção de suposição de um *sujeito* na figura do *eu-analisante*, que abre campo ao analista, escutar uma queixa, e considerar desdobramentos quando a operação que a sustenta permite giros de posição como se averigua nas diferenças entre *queixa de um mal estar e demanda de análise* (QUINET, 2002).

Aliás, foi por intermédio dessa estrutura, na qual se ordena toda transferência, que se pôde ler tudo o que sabemos da estrutura das neuroses. Do mesmo modo, se a intermediação da fala não fosse essencial à estrutura analítica, a supervisão de uma análise por um analista que só tem dela o relato verbal seria estritamente impensável, ao passo que é uma das formas mais claras e mais fecundas da relação analítica. (LACAN, 1956a/2003, p. 151)

A possibilidade de emoldurar o mal-estar subjetivo numa análise, pela associação livre, o analisante, ao proferir as concatenações significantes produz um duplo movimento, tanto de cercar e interpretar a causa de seu mal-estar quanto a *cura pela palavra* daquilo que o faz sofrer, como formulou Freud as mudanças de método que propiciasse a dissolução do mal-estar da histórica, pelo “*talking-cure*” (ZORZANELLI, 2001, p. 300), desde “*Estudos sobre a histeria*” (FREUD, 1895/1996).

Recuperando o complemento realizado por Lacan, no “*Discurso de Roma*” (1956a/2003), é a *estrutura da linguagem* e as *consequências dessa suposição*, do ato de fala à transferência, na experiência analítica, que permitem cingir a multiplicidade de lugares lógicos para o campo da fala, ainda que existam apenas duas figuras (ou ainda dois indivíduos, em sua aceção sociológica) no jogo de uma análise. Se a estrutura da linguagem dá suporte para as concepções subjacentes à prática clínica, o conceito de *estruturas clínicas* incide como um repertório hipotético para as operações e operadores que sustentam o laço entre analisante e analista, no particular de uma experiência clínica em seu suporte universal de uma teoria que contemple uma proposta de funcionamento.

Não se trata de seguir exatamente as indicações realizadas por Dunker (2006a) a respeito

da partição encontrada na literatura sobre as modalidades de interpretação para a noção de *estruturas clínicas*, como se poderá seguir com a argumentação desse autor na citação seguinte. Em síntese, Dunker recupera as tendências dos comentadores lacanianos em agrupar as noções conceituais de Lacan em propostas distintas sobre o modelo de estruturação subjetiva, portanto, atrelando o conceito prevalente da *teoria da constituição do sujeito* (dentre as várias possíveis encontradas no psicanalista francês) com uma proposta de recobrimento teórico sobre a prática clínica, a partir da qual ele mapeia as principais recorrências e agrupamentos conceituais de autores em defender suas posições nesse conjunto temático.

No fundo estamos discutindo como ler a constituição do sujeito, daí a curiosa constatação que se pode fazer ao comparar diferentes acepções de autores contemporâneos sobre a de estrutura clínica. Há três grupos:

- a. os que postulam deduzir a estrutura da relação do ser com o sujeito em sua inscrição na linguagem, como Cabas (1980), Miller (1998), Soler (1994).
- b. os que pretendem inferir a estrutura como forma de solução para o desejo no nível da metáfora paterna como Juranville (1987), Dor (1991^a, 1991b), Nobus (2000).
- c. os que procuram induzir a noção de estrutura a partir de uma montagem definível do fantasma como Caligaris (1983, 1989) e Nasio (1991). (DUNKER, 2006a, pp. 135-36)

Assim, retomo a questão apresentada na seção introdutória desse trabalho, “*É possível definir categorias diagnósticas sobre a particularidade subjetiva em transferência de modo a uma lógica?*”, e situo uma resposta: sim, desde que se considere as *estruturas clínicas* como essa *estrutura* que permita ordenar a experiência analítica pela via do ato de fala e do como o relato verbal pode ser lido pelo suporte nos registros *RSI*, e dessa forma, a própria cadeia significante em seu formato de anel, tendo em vista a função da linguagem na estruturação subjetiva como um modelo de amarração dos registros pelo enodamento dos anéis da cadeia (LACAN, 1956a/1998, p. 322; LACAN, 1973/2018, p. 65).

Essa estrutura é diferente da espacialização da circunferência ou da esfera onde nos comprazemos em esquematizar os limites do vivente e de seu meio: ela corresponde, antes, ao grupo relacional que a lógica simbólica designa topologicamente como um anel. (LACAN, 1956a/1998, pp. 321-22)

O anel de fio é algo que lhes permite a teoria do nó. Para que se o rompa, é preciso que se o corte. A culpa. É o que se distingue - talvez haja ocorrido isso a alguns aqui - é uma topologia. Um anel de fio, é um toro. E é o único que permite elaborar o nó. Não se atam juntas duas esferas. Mas o interessante deste assunto é que não se atam dois anéis de barbante, se atam três, mas de tal forma que o terceiro só enoda os outros dois. (LACAN, 1973a/2018, p. 65)

Tal proposta de *estrutura* permite situar tal termo como um dos pilares da psicanálise, contemplando seus conceitos derivados, como o próprio Lacan afirma sobre o gozo na década

de 1970, e o efeito de conhecimento da ciência, sobre a ilusão imaginária de tamponar a propriedade intrínseca ao homem de sua divisão decorrente das propriedades da linguagem na subjetividade humana; que só poderiam ser concebidas pela via de um campo que se averigua sob transferência.

Para todo ser falante, a causa do desejo é estritamente, quanto à estrutura, equivalente, se posso dizer, a sua dobradura, quer dizer, ao que chamei sua divisão de sujeito. É o que nos explica, por tanto tempo, o sujeito tenha podido crer que o mundo sabia tanto quanto ele. O mundo é simétrico ao sujeito, o mundo disso que chamei da última vez de pensamento é o equivalente, a imagem em espelho, do pensado. É mesmo por isso que nada houve senão fantasia quanto ao conhecimento da ciência mais moderna. (LACAN, 1973e/ 2008, p. 135)

Retornarei a esses operadores nos próximos capítulos dessa tese, mas não é possível seguir no desenvolvimento estrutural sem apontar para esse elemento diferencial, que já desponta em Freud como um dos principais recursos distintivos do aparelho psíquico em recortar a realidade externa através da superfície da representação pela linguagem, e que Lacan, realiza a questão pela impossibilidade de metalinguagem, em seu seminário “*De um discurso que não fosse semblante*” (1971), afirmando que “*É da natureza da linguagem – não digo da fala, digo da própria linguagem – que, no que concerne à abordagem do que quer que seja que o signifique, o referente nunca é o certo, e é isso que cria uma linguagem*” (LACAN, 1971b/2009, p. 45).

A proposição para uma inscrição no campo da linguagem, em que a divisão aponta para um corte entre *ser*, *sujeito* e *eu*, implica uma relação ao modo de como os significantes são posicionados, enquanto lugar no Outro, além de um resto que retorna, e assim, acredito ser possível organizar teoricamente tais modalidades de inscrição a partir das definições de *Bejahung-Verneinung* e *Verwerfung*, essencialmente, como Freud apresentou no texto “*A negativa*” (1925) e Lacan se ocupou ao longo de sua obra, por exemplo em “*Resposta ao comentário de Jean Hyppolite sobre a “Verneinung” de Freud*” (1956b/1998, p. 389) ou ainda no “*Seminário de 21 de janeiro de 1975*”, no seminário “*RSP*” (LACAN, 1975c, p. 23).

A experiência ensinou à psique que não é somente importante saber se uma coisa [*Coisa*] (*objeto de satisfação*) possui uma qualidade de “boa”, isto é, se merece ser acolhida no Eu, mas, também, se está presente no mundo externo, de modo a que seja possível apoderar-se dela conforme surja a necessidade [*Bedurfniss*] para tal. Para melhor compreender esse desenvolvimento, devemos nos lembrar que todas as representações mentais [*Vorstellungen*] se originaram de percepções e de fato elas são repetições [*Wiederholung*] destas últimas. Dessa forma, a própria existência de uma representação [*Vorstellung*] já é, na sua origem, uma garantia da realidade do representado [*des Vorgestellten*]. Assim a oposição entre o subjetivo e objetivo não existe desde o início. (FREUD, 1925b/2007, p. 149)

Nessa citação extraída da “*A negativa*” (1925), Freud desenvolve as relações da *experiência perceptiva de satisfação* no aparelho psíquico, numa causalidade em que as consequências na *gênese da representação* não só remetem aos princípios de formação do *Eu*, como subverte a noção territorial entre subjetivo e objetivo, ao afirmar que a existência de uma representação já é, em sua origem, uma garantia do representado.

Isso fica ainda mais evidente na teoria freudiana, sob o contexto das “*Novas Conferências introdutórias sobre psicanálise*” (1933/1996), na conferência XXXI “*A dissecação da personalidade psíquica*”, em que a montagem do aparelho psíquico segundo as duas teorias da tópica psíquica – inconsciente, pré-consciente e consciente; e ego-superego e Id – se entrelaçam no momento inaugural de suas divisões, incluindo um esquema bastante profícuo para a ilustração do aparelho (FREUD, 1933/1996, p. 83), mas que de modo algum clarificam a complexa relação da estrutura mental, e mantém um resto de sua própria teoria em aberto, como já havia sinalizado décadas antes do aspecto plástico de sua metapsicologia no parágrafo inaugural de “*Pulsões e destinos da pulsão*” (1915/2004). E, que retorna, ainda mais com “*Esboço de psicanálise*” (1940/1996).

A hipótese que adotamos, de um aparelho psíquico que se estende no espaço, convenientemente reunido, desenvolvido pelas exigências da vida, que dá origem aos fenômenos da consciência somente em um determinado ponto e sob certas condições⁶⁰ – essa hipótese nos colocou em posição de estabelecer a psicologia em bases semelhantes às de qualquer outra ciência, tal como, por exemplo, a Física. Em nossa ciência, tal como nas outras, o problema é o mesmo: por trás dos atributos (qualidades) do objeto em exame que se apresenta diretamente à nossa percepção, temos de descobrir algo que é mais independente da capacidade receptiva particular de nossos órgãos sensoriais e que se aproxima mais do que se poderia supor seu estado real das coisas. (FREUD, 1940/1996, p. 210)

O aspecto diferencial da simbolização, discutido por Freud e recuperado por Lacan, a partir das operações da *Bejahung-Verneinung* e da *Verwerfung*, me permite acentuar a importância dessa conjectura teórica sobre as diferenças possíveis de sistemas psíquicos, numa dimensão ontológica, mas, principalmente, ética quando a psicanálise não é mero exercício epistemológico (BIRMAN, 1991), mas substrato para dialético para uma experiência que visa ao tratamento do sofrimento humano.

⁶⁰ Essa citação ganhará ainda mais valor de argumentação, quando o leitor adentrar pelas argumentações de Lacan sobre a estruturação subjetiva na teoria do estágio do espelho, apoiando-se na física óptica, em que, as afirmações de Lacan, sobre o lugar necessário da posição dos “olhos” no esquema são fundamentais (LACAN, 1954b/1986, p. 95), remetem diretamente ao devaneio freudiano sobre as condições perceptivas do objeto.

Previamente a qualquer simbolização – essa anterioridade não é cronológica, mas lógica – há uma etapa da, as psicoses o demonstram, em que é possível uma parte da simbolização não se faça. Essa etapa primeira precede a toda dialética neurótica que está ligada ao fato de que neurose é uma palavra que se articula na medida em que o recalcado e o retorno do recalcado são só uma e mesma coisa. Assim pode acontecer que alguma coisa de primordial quanto ao ser do sujeito não entre na simbolização, e seja, não recalcado, mas rejeitado. (LACAN, 1956a/2002, p. 97)

Essa citação, extraída do seminário 3, “*As psicoses*” (1955-56), no qual Lacan se debruça sobre a radicalidade dessas operações, a afim de sistematizar o funcionamento significativo na estrutura, ele sintetiza o encadeamento da simbolização com a *estrutura da neurose*, e seus efeitos de retorno pelo recalcado e o retorno do recalcado como “*uma e mesma coisa*”, contrapondo, segundo uma lógica, a *estrutura da psicose* pela via de uma sistema em que a simbolização não opera, e portanto, produzindo efeitos de retorno distintos nos fenômenos estruturais.

Apesar de utilizar desde o início desse trabalho de tese, com certa recorrência os termos *Bejahung-Verneinung* e *Verwerfung*, o leitor encontrará um desdobramento mais elaborado para a *operação subjacente aos termos* no capítulo seguinte dessa tese, pois, desde que articulo a necessidade de a teoria psicanalítica conjugar as *estruturas clínicas* às operações primordiais *Bejahung* e *Verwerfung* e a seus efeitos de retorno, pela via dos operadores que emergem, como proposta de concebe-las numa temporalidade lógica de dois cortes que se articulam, como foi possível decantar da primeira seção desse capítulo; tais operações precisam ser trazidas para um plano nodal da tese, e serem desenvolvidas com a importância que elas tem para a teoria das *estruturas clínicas*. Pois, Lacan, ao utilizar tais termos referindo-se tais operações - *Bejahung* e *Verwerfung* - para definir as *estruturas clínicas*, nem sempre realiza uma explicitação que decante as definições estruturais dessas noções, apesar de afirmar a concatenação dessas com a *noção estrutural*. Eis a abertura para a base nodal dessa tese, que me permite seguir nessa seção com a estratégia de apresentar esse pressuposto, e posteriormente, retomar tais operações em suas definições.

Para tanto, antes ainda de simplesmente afirmar tal necessidade, acredito que seja coerente com uma estratégia de método levar o leitor a circunscrever a importância dessa lógica, apresentando, brevemente⁶¹, as modalidades distintivas entre a *estrutura da neurose* e da *estrutura da psicose* em contraponto com os fenômenos que dela se podem originar, como uma estratégia vislumbrada desde Freud, no texto “*Sobre o início do tratamento (novas*

⁶¹ A breve apresentação nesse momento é sustentada sob o argumento de que, no capítulo “*Neurose, Perversão e Psicose*”, tais lógicas estruturais serão desenvolvidas em sua nas seções para a *estrutura da neurose*, para a *estrutura da perversão* e para a *estrutura da psicose*.

recomendações sobre a técnica da psicanálise I)”(1912). Eis a importância da *questão do diagnóstico diferencial sob transferência*, pontuado por Freud sobre as entrevistas preliminares.

Lacan afirma as diferenças clínicas na lógica estrutural, em relação aos endereçamentos realizados sob transferência, no seminário “*Problemas cruciais para a psicanálise*” (1964-65), em torno das relações estabelecidas na lógica discursiva do analisante em relação à montagem sobre os pontos de satisfação da articulação do desejo com a fantasia como um dos polos da economia subjetiva que se atualiza na função significante do ato de fala. A grande questão é a ênfase dada para a *estrutura da neurose* como um dos pilares temáticos nas formulações de seus seminários, e permitindo-me colocar a questão: em que medida as teorias estabelecidas nos seminários de Lacan condizem com as outras estruturas, a saber, perversão e psicose?

O neurótico, eu me permito a esse propósito, lembrar que tudo o que é dito aqui refere-se de maneira específica à análise do neurótico. A especificidade da demanda psicótica, como da demanda perversa, demandaria a instalação de uma tópica relacional diferente. O neurótico na sessão se desembaraça no fundo muito bem de agir. É no nível do objeto de sua demanda, ou seja, a palavra, que ele encontra seu prazer. (LACAN, 1965f/2006, p. 319)

Apesar das multiplicidades das queixas que podem ser endereçadas ao analista, numa transferência, é o modo como o analisante fala de seu mal-estar que está toda a chave da construção das hipóteses diagnósticas, segundo o repertório das *estruturas clínicas*. O diagnóstico diferencial entre *neurose* e *psicose* é ponto de partida para Freud, quando sistematiza sua teoria, em metapsicologia, e propõe uma discussão sobre as recomendações necessárias para a prática psicanalítica, em que uma série de entrevistas, que antecederiam o início do tratamento, serviriam para o psicanalista compor uma hipótese diagnóstica.

Existem também razões diagnósticas para começar o tratamento por um período de experiência deste tipo, a durar uma ou duas semanas. Com bastante frequência, quando se vê uma neurose com sintomas histéricos ou obsessivos, que não é excessivamente acentuada e não existe há muito tempo – isto é, exatamente o tipo de caso que se consideraria apropriado para o tratamento – tem-se de levar em conta a possibilidade de que ela possa ser um estágio preliminar do que é conhecido como demência precoce (esquizofrenia – Bleuler ou parafrenia – Freud) e que mais cedo ou mais tarde, apresentará um quadro bem pronunciado dessa afecção. (FREUD, 1912a/1996, p. 140)

O diagnóstico diferencial entre *neurose* e *psicose* surge, na recomendação freudiana, como uma das principais indicações na orientação da escuta ao psicanalista, apesar da regra básica da *atenção flutuante*, do *evitar anotações* e o imperativo de “*deve-se ter em mente que relatórios exatos das histórias clínicas analíticas são de menor valor do que se poderá esperar*” (FREUD, 1912a/1996, p. 127), a analogia com as regras de um jogo de xadrez e as antecipações

do analisante em seu ato de fala apontariam para o psicanalista índices que serviriam de critérios para a análise diagnóstica, ainda que isso não seja realizado de modo objetivado, tampouco semelhantes aos critérios dos psiquiatras. Trata-se de um exercício complexo e nem sempre isento de equívocos, e de certa forma, um ponto da teoria psicanalítica que demanda constante retorno de teorização e revisão conceitual, tal como proponho nesse trabalho, pelo termo *estruturas clínicas*. “Não concordo que seja sempre possível fazer a distinção tão facilmente. Estou ciente de que existem psiquiatras que hesitam com menos frequência em seu diagnóstico diferencial, mas convenci-me de que, com a mesma frequência, cometem equívocos” (FREUD, 1912a/1996, p. 140).

O termo *entrevistas preliminares* aparece na literatura psicanalítica (MILLER, 1987/1997; ZIMERMAN, 2001⁶²; QUINET, 2002; BOGOCHVOL, 2014; NASIO, 2014) como uma estratégia importante para o psicanalista se orientar na condução do tratamento, como Freud recomendou. Porém, essa estratégia circunscrita ao termo não é unânime nos repertórios de psicanalistas, tampouco há uma formalização sobre esse, desde a temporalidade de sua duração até as estratégias e táticas específicas para esse momento do dispositivo analítico. Por se tratar de uma discussão lateral, mas não sem importância para o conjunto dessa tese, abro, para uma curta sequência de divagações sobre essa estratégia clínica, que aparece de modo bastante escasso na obra de Lacan. Isso não significa que ela seja inexistente, como, por exemplo, da menção extraída da aula “*O escrito e a verdade*” no seminário “*De um discurso que não fosse semblante*” (1971c/2009)⁶³.

Ora, o que meu discurso desenha, ou, pelo menos fornece, é uma parte das condições que constituem o consultório analítico. Medir o que se faz quando se entra numa psicanálise tem lá sua importância e, em todo caso, quanto a mim, indica-se o no fato de que sempre realizo numerosas entrevistas preliminares. (LACAN, 1971/2009, p. 58)

A questão que se poderia colocar é: quais seriam os índices propostos por Freud e por

⁶² Trata-se de um compêndio sobre o vocabulário contemporâneo de psicanálise. No verbete “*Entrevista inicial (técnica)*” (ZIMERMAN, 2001, p. 119), o autor argumenta uma diferença entre a entrevista inicial do analisante candidato à análise, da primeira sessão de análise propriamente dita. É interessante pontuar que o termo “*entrevistas preliminares*” não se encontra como um vocábulo unânime em outros dicionários ou compêndios de psicanálise.

⁶³ Essa inserção de citação pode parecer um tanto estranha para o leitor, a ponto de considerar que o horizonte dessa seção tenha se desviado para caminhos tortuosos, diante de um tema tão ramificado e complexo. Porém, o cerne de trazê-la incide na seguinte questão: Se os psicanalistas contemporâneos insistem em afirmar que Lacan abandona a lógica do diagnóstico estrutural, a ponto de afirmarem que tais estruturas não coadunam com a direção de tratamento, por qual razão Lacan afirma que realiza numerosas entrevistas preliminares na década de 1970? E ainda mais, recupera na sequência da aula, o texto “*A direção do tratamento e os princípios de seu poder*” de 1961? Talvez Lacan não promova cortes tão secos em sua teoria.

Lacan? O termo *índice* aponta uma correlação para o método indiciário, tal qual um detetive que cerca as pistas para desvendar um caso, e se certificar de suas hipóteses diante das cenas dispostas organizadas no *sintoma* ou *delírio* dirigidos ao psicanalista. O ato de fala, sob transferência, passa ser o campo sob o qual essas cenas emergem. Tratar-se-iam de lógicas diagnósticas semelhantes? Será que pontuar esclarecimentos sobre essa lógica implica uma redução das complexidades que o campo dos diagnósticos remete? É bem provável que sim, e é nessa desmedida que a clínica convoca cada psicanalista com sua prática cotidiana sobre os pontos de uma racionalidade diagnóstica, que me encontro no impulso de girar esse argumento e retornar ao ponto que julgo fundamental para essa tese: as bases conceituais que permitiram distinguir teoricamente as *estruturas clínicas* em *neurose*, *psicose* e *perversão*.

Essa expressão indica que existe um limiar, uma porta de entrada na análise totalmente distinta da porta de entrada do consultório do analista. Trata-se de um tempo de trabalho prévio, à análise propriamente dita, cuja entrada é concebida não como continuidade, e sim - como o próprio nome tratamento de ensaio parece sugerir – como uma descontinuidade, um corte em relação ao que era anterior e preliminar. Esse corte corresponde a atravessar o umbral dos preliminares para entrar no discurso analítico. (QUINET, 2002, p. 14)

A partir de seu importante texto *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise* (1956a/1998), Lacan produz um trabalho intitulado “*Discurso de Roma*” (1956a/2003), incluído na obra “*Outros escritos*” (2001/2003), no qual recupera as principais teses desenvolvidas em sua fala inaugural sobre a relação da psicanálise com as teorias da linguística e da antropologia estrutural, sem deixar de apontar para as complexas relações de superfície que, sua teoria da fala articulada, implica para a concepção de sujeito e para sua divisão significante, quando esse emerge na cadeia significante que o causa a falar do mal estar, pela via da *angústia* em sua relação de suporte ao desejo que aponta para um *sintoma* paradoxal, ou mesmo em casos cujo o *delírio* costura o *Real*.

O conceito de *sintoma* em sua diferença com o conceito de *delírio* demarca uma território bastante profícuo para Freud sustentar as razões de uma diferença diagnóstica, tal qual se debruça entre 1920 e 1939 com textos “*Neurose e psicose*” (1924), “*A perda da realidade na neurose e na psicose*” (1924) e “*A divisão do ego no processo de defesa*” (1939), em sua proposta de lógica aponta para o sintoma respondendo à dualidade infringida ao *ego*⁶⁴ de equalizar as forças do *Id* em relação ao imperativo do *Superego* desde a pressão da realidade

⁶⁴ Optei por manter as terminologias utilizadas pelos tradutores da versão da Imago (1996), a fim de salientar a importância semântica na distinção das modalidades de leitura realizadas pelas correntes freudianas e lacanianas no Brasil, quando a segunda opta por termos distintos da versão da Imago, como *Eu* para *Ego*, *Isso* para *Id* e assim por diante.

externa, pela via do sintoma a ser decifrado, e do *delírio* em sua costura de incompatibilidade radical entre o *Id* e a *mundo externo*.

Ocorreu-me agora uma fórmula simples que trata aquilo que talvez seja a mais importante diferença genética entre uma neurose e uma psicose: a neurose é o resultado de um conflito entre o ego e id, ao passo que a psicose é o desfecho análogo de um distúrbio semelhantes entre o ego e mundo externo. (FREUD, 1924a/1996, p. 167)

O cerne para a escuta do analista incide sobre as modalidades de tratamento da castração, a partir de uma causa precipitante delineada por Freud como *frustração*⁶⁵ (FREUD, 1912b/1996, p. 249) no aparelho psíquico, e o como isso retorna, a depender das defesas disponíveis no circuito do aparelho psíquico, do paciente, em questão de seu estatuto de *sintoma* ou de *delírio*.

A etiologia comum ao início de uma psiconeurose e de uma psicose sempre permanece a mesma. Ela consiste em uma frustração, em uma não - realização, de um daqueles desejos de infância que nunca são vencidos e que estão profundamente enraizados em nossa organização filogeneticamente determinada. Essa frustração é, em última análise, sempre uma frustração externa, mas, no caso individual, ela pode proceder do agente interno (no superego) que assumiu as representações das exigências da realidade. O efeito patogênico depende de o ego, numa tensão conflitual desse tipo, permanecer fiel à sua dependência do mundo externo e tentar silenciar o id, ou ele se deixar derrotar pelo ir, e, portanto, ser arrancado da realidade. (FREUD, 1912b/1996, p. 169)

O critério para o diagnóstico diferencial entre *neurose* e *psicose*, na leitura de Freud a partir das relações do *ego* com a *realidade externa*, e o efeito de perda dessa relação, pela via do *sintoma* ou do *delírio*, essencialmente⁶⁶, em cada um dos conjuntos sistêmicos, no entanto,

⁶⁵ A inserção do conceito de *frustração*, nesse momento da argumentação sobre a psicose, torna-se muito importante, quando Lacan recupera três modalidades de tratamento do objeto, em seu seminário livro 4 “*A relação de objeto*” (1956-57), a saber frustração, privação e castração. Essa distinção retorna nessa tese em outros capítulos, tanto em sua correlação com as operações primordiais, tendo em vista a importância do conceito de privação na inscrição do índice do simbólico na estrutura, pela via de tratamento simbólico do objeto, em sua dimensão de falta, quanto na discussão das estruturas da neurose, perversão e psicose. Apesar de Freud apontar a causa precipitante do desencadeamento da neurose e da psicose pela via da frustração, é a partir da privação que Lacan aponta como ponto nodal em sua hipótese da inscrição dos significantes primordiais, no efeito de substituição e no ganho de valor atribuído à significação fálica, na teoria do complexo de Édipo, no seminário “*As formações do inconsciente*” (1957-58).

⁶⁶ A ressalva explícita ao argumento com a inserção do advérbio *essencialmente* consiste em ponderar as distinções ilusórias que podem derivar das construções freudianas, entre às qualidades que definem *realidade externa* e *realidade interna*, para o leitor. O cuidado em teorizar a cisão entre *externo* e *interno*, a partir da psicanálise, aponta para evitar a ilusão do conceito de realidade compartilhada como independente da subjetividade, tal qual a fenomenologia da percepção nos aponta nas décadas de 1940, e que serviram de um primeiro mote para Lacan criticar os efeitos de ilusão em supor que a realidade seja existente e independente de quem a vive, e portanto, uma gênese para a distinção entre realidade e *Real*, que será conceituado a partir da topologia das superfícies. Logo, o essencialmente visa a ponderar não somente as diferenças entre externo e interno, mas também que a noção de sintoma e delírio são modalidades de interpretação do sujeito em relação ao campo significativo como

nem sempre é objetivamente identificado, e a simplicidade da concatenação teórica revela um furo, que na psicanálise, só irá ser discutido com os pós-freudianos.

As bases do raciocínio freudiano que permite dissecar os processos que sustentam a formação desses operadores do sistema em diferentes estruturas, a partir de operações de produção, como se averigua na citação a seguir, do texto “*A perda da realidade na neurose e na psicose*” (1924b/1996) só ganhará impacto após o texto “*A negativa*” (1925b/2007), como afirma Simanke (2009, p. 186).

Em ambos os casos serve ao desejo de poder do id, que não se deixará ditar pela realidade. Tanto a neurose quanto a psicose são, pois, expressão de uma rebelião por parte do id contra o mundo externo, de sua disposição – ou, caso preferirem, de sua incapacidade – a adaptar-se às exigências da realidade [...]. A neurose e a psicose diferem uma da outra muito mais em sua primeira reação introdutória do que na tentativa de reparação que a segue. (FREUD, 1924b/1996, pp. 206-07)

Ainda assim, prefiro pontuar o quanto a concepção de *psicose* imputa ao discurso psicanalítico uma problematização desde os escritos freudianos, tanto na via de sua teorização em contraponto distintivo com a teoria das neuroses, ainda que nem sempre se encontre uma semiologia própria aos mecanismos de funcionamento que lhe são subjacentes, muitas vezes, as teorias das *psicoses* se apoiam nas negativas de funcionamento do que ocorre na *estrutura da neurose*. Contudo, o aspecto mais distintivo, e ainda problemático, consiste no aspecto terapêutico da experiência psicanalítica, para essas diferentes formas de funcionamento. A argumentação incide sobre a complexa relação entre os *fenômenos manifestos* e as *causas precipitantes*, em sua dimensão distintiva do produto de um sistema que o produziria. Mas, há um resto sobre a condução do tratamento: ela estaria pautada em direção a uma adaptação à realidade ou circunscrita à ética do desejo? Como a direção do tratamento escaparia à lógica de uma psicologia do *ego* e ser necessariamente distinta do *hedonismo* ou mesmo do *cinismo*, como critica Eidelsztein (2003/2016), ou da possibilidade massificada de imputar ao desejo um *saber objetivado a ponto de se poder decidir sobre o que se quer do desejo* (FORBES, 2003)?

Se Freud (1912a/1996) recomendava as entrevistas preliminares, a fim de evitar dispêndios financeiros e frustrações no tratamento, se, por ventura, a fenomenologia do caso fosse produto de um funcionamento psicótico, isso seria considerando um fracasso não só para o caso em si, mas, principalmente, para a própria psicanálise, pois o tratamento analítico não seria eficiente em sua proposta de cura em tal tipologia clínica. “*No que concerne ao*

engendramento da subjetividade diante do Real, produzindo uma ilusão de realidade, que se torna mais explícito no fenômeno da *alucinação*.

psicanalista, contudo, se o caso é desfavorável, ele cometeu um erro prático; foi responsável por despesas desnecessárias e desacreditou o seu método de tratamento” (FREUD, 1912a/1996, p. 140)

Além da questão técnica, há, nesse esboço teórico sobre a prática analítica na distinção entre *neurose* e *psicose*, um problema teórico a respeito das interações do *aparelho psíquico* com a *realidade externa*. Segundo Simanke (2009, p. 173), é somente com os textos “*Neurose e Psicose*” (1924) e “*A perda da realidade na neurose e na psicose*” (1924), que é possível vislumbrar uma categoria monográfica freudiana para o termo. Ainda assim, a simplicidade em relação ao conflito entre as instâncias não permite Freud a uma compreensão distintiva entre essas categorias clínicas.

Freud desconfia imediatamente da simplicidade dessa fórmula⁶⁷. De fato, à primeira vista, ela não só se afigura como uma solução rápida demais para um problema que o próprio autor considera espinhoso e ao qual acabará por não fornecer uma resposta definitiva, mas também, mesmo que verdadeira, não parece acrescentar muita coisa ao conhecimento da psicose. (SIMANKE, 2009, p. 177)

Aprofundando essa problemática teórica, as noções de *sintoma* e *delírio* também revelam o aspecto clínico distintivo que permite uma série de confusões para os psicanalistas, na perspectiva de o *referente* da *significação* ficar reduzido aos aspectos imaginários de ordenação do *sentido*.

[...] a origem do recalcado neurótico não se situa no simbólico no mesmo nível de história que o do recalcado do que se trata na psicose, mesmo se há relações entre os conteúdos do modo mais estreito. Essa distinção traz por si só uma chave que permite formular o problema de uma maneira muito mais simples do que se fez até aqui” (LACAN, 1955a/2002, p.22)

O princípio da *substituição articulada* entre dois termos, em dois tempos distintos entre si, remete ao aspecto mais genérico de uma *simbolização*. Esse ato de simbolizar marca a distinção clínica entre os quadros que Freud irá determinar por *neuroses de transferência* em relação ao quadro dos *esquizofrênicos*, ou então *psicótico*, já desde “*O Inconsciente*” (1915/2006)

Foi a equivalência da expressão linguística, e não a semelhança dos objetos definidos, que denominou a substituição. Portanto, é justamente nos aspectos em que a palavra e a coisa [*Ding*] não se equivalem que a formação substitutiva esquizofrênica se diferencia das neuroses de transferência. (FREUD, 1915/2006, p. 48)

⁶⁷ A fórmula referida por Simanke consiste na “*A neurose é o resultado de um conflito entre o ego e o seu id, enquanto a psicose é o desenlace análogo de uma similar perturbação dos vínculos entre o ego e o mundo exterior*”. (FREUD, 1924a/1996, p. 167)

O interessante do desenvolvimento freudiano para a relação linguístico-semântica, do momento inaugural do ato psíquico que aponta para a formação do *eu*, e a consequente divisão do aparelho psíquico na segunda tópica⁶⁸, está na formação de dois conjuntos de possibilidades de arranjos diante da aquisição da palavra, pela vias introjeções e expulsões: a propriedade essencialmente simbólica vinculada à articulação da *Verneinung* com a *Bejahung*, em oposição aos efeitos da *Verwerfung*. Há o problema implícito quanto ao termo *Ausstossung*, que tende a ser trazido para a discussão sobre a expulsão primordial, e independência das configurações estruturais, nas divisões aqui tratadas, por ser anterior às operações de negação. Esse ponto será discutido no capítulo seguinte.

Nesse sentido, tal repertório teórico não só permite inferir a possibilidade de dois conjuntos distintos entre si, para os quais a *simbolização* torna-se o critério diferencial entre um e outro, como a própria definição de *simbolização* não estaria reduzida ao ato de introduzir a *palavra*⁶⁹ no aparelho psíquico, mas da articulação entre dois pontos do aparelho pela articulação da palavra em relação ao termo contingente da satisfação pulsional, no caso as voltas de contorno em busca do reencontro com o *objeto*, para sempre perdido, a *Coisa*.

Mas, principalmente, há a necessidade lógica de se considerar que tal inscrição e seus efeitos de retorno não acontecem isoladamente. Aliás, é fundamental considerar a articulação desses dois momentos para compor a noção de *estruturas clínicas*. Dois momentos que podem ser lidos como uma circunscrição de dois tempos, ou ainda, como proponho recortar nessa tese: a incidência de dois cortes.

Um modelo de teoria da *simbolização*, em psicanálise, circunscreve dois tempos, enlaçados a uma lógica e não delimitado pela cronologia de seu enlaçamento, tal qual o termo

⁶⁸ Essa segmentação realizada na obra freudiana é bastante discutida por filósofos da psicanálise (GARCIA-ROSA, 1985; MEZAN, 1985; MEZAN, 2008), e, apesar de não se tratar exatamente de um problema para esse trabalho, tal segmentação, gostaria de pontuar que esse tipo de exercício didático em ler um autor nem sempre coaduna com a própria teoria desenvolvida, ainda que existam diferenças significantes no campo dos conceitos. A conferência XXXI “A dissecação da personalidade” revela que a distinção entre primeira tópica e segunda não remete a um abandono de propostas primeiramente desenvolvidas por Freud. Nessa conferência o esforço freudiano consiste em amarrar suas recém descobertas com as propostas anteriormente realizadas, como se pode averiguar no esquema “*sobre as relações estruturais da personalidade mental*” (FREUD, 1933/1996, p. 83) Pontuo essa ressalva, pois nesse trabalho de tese há o intuito de sustentar a permanência conceitual na obra de Lacan, para termos que comentadores insistem afirmar que tenham sido abandonados; então, gostaria de evitar certos equívocos metodológicos, no entanto, com a clareza que não posso evitar todos eles.

⁶⁹ Opto por utilizar o termo genérico *palavra*, a fim de convocar o leitor ao genérico da definição, amplamente transmitida no senso comum que, simbolizar é utilizar a *palavra* em detrimento de convocar o *objeto* para o qual ela representa. Além dessa problemática, que poderia me isentar de retomar, por não se tratar exatamente de um argumento psicanalítico, há diferenças importantes nos termos utilizados por Lacan para tratar dessa incidência simbólica na subjetividade, que em Freud pode ser vislumbrado sobre os termos “*representação*” ou ainda “*representante da representação*” no importante texto “*O Inconsciente*” (1915/2006, p. 49)), que é contemporâneo ao curso de Saussure “*Curso de Linguística Geral*” (1916/2016), esse base de Lacan para formalizar o conceito de *significante*, em psicanálise.

Nachtraglichkeit remete. Logo, a torção da lógica simbólica do tempo remete a um *tempo* de uma formação em cadeia, cujo encadeamento de *palavras* possibilita fornecer um índice, a partir da noção de *símbolo*, pela negativa, remontando a um *primeiro tempo*, que articulou uma operação primordial, gênese da simbolização a partir de um ato psíquico. Isso permite desmontar que a *simbolização* seja um efeito que acontece na cronologia do tempo, tal um desenvolvimento das funções cognitivas que a psicologia do desenvolvimento descreve.

Assim, o estudo da função psíquica de emitir juízos nos enseja, talvez pela primeira vez, uma visão aprofundada de como uma função intelectual surge a partir do jogo de forças dos impulsos pulsionais primários. Emitir juízos é um desenvolvimento posterior que não se pauta mais pelo princípio do prazer. Para lidar com a polaridade entre o incluir e o expulsar do Eu leva-se agora em conta a adequação aos fins. Essa polaridade entre incluir e expulsar parece corresponder exatamente aos dois grupos de pulsões que supomos existir. A confirmação [*Bejahung*] seria um substituto da unificação e pertencente a Eros; a negativa [*Verneinung*] seria, então, a sucessora da expulsão, pertencendo à pulsão de destruição. Quanto ao caso em que há uma disposição de negar sistematicamente [*Verneinungslust*] o negativismo de alguns psicóticos, provavelmente pode ser compreendido como um sinal de que houve – pela retirada dos componentes libidinais – uma defusão e separação das pulsões. (FREUD, 1925b/2007, p. 150)

Essa citação acima é extraída do texto “*A negativa*” (1925) e, em vias de finalização de sua argumentação, Freud reúne os principais elementos que Lacan procurará remeter para a distinção de operações que explicitem as diferentes *estruturas* na psicopatologia psicanalítica. Poderia recortar a citação em três partes: (1) as relações de formação do *eu* e da expulsão para o denominado *não eu*, a partir dos juízos de atribuição e existência; (2) aos termos conjugados de *Bejahung* e *Verneinung*, que para a incidência de uma negação é necessário pressupor uma afirmação, e, dessa forma, sistematiza a operação primordial para uma *simbolização do objeto* e (3) a diferença para o campo das psicoses que Freud remete a uma disposição em negar sistematicamente. Para essa terceira, Lacan recupera o termo *Verwerfung* (LACAN, 1956b/1998, p. 388).

Nessa esteira, coloco algumas questões, na intenção de enfatizar as consequências desse raciocínio teórico, ainda que o aprofundamento delas não esteja desenvolvido nessa seção, mas remetem ao já discutido nesse trabalho; ou seja *as bases teóricas para as diferentes estruturas clínicas desde o ensino de Lacan situado pelas três teorias* já sinalizadas anteriormente. Assim, as questões introduzidas sobre os problemas relacionados as *estruturas clínicas* fornecem duas grandes discussões, desenvolvidas a seguir.

É possível considerar um terceiro conjunto que deriva das operações primordiais, quando o critério é a simbolização, compreendida na acepção lógica de um *ato psíquico*? Se a *Bejahung-Verneinung* abre uma bifurcação em que *neurose* e *perversão* derivam dessa

operação, não seriam elas ambas do mesmo conjunto em que a simbolização opera? Assim, a faculdade de emitir *juízos* e os efeitos de ordenação do *Eu* operam na duplicidade conflitante de serem pressionados tanto pelos aspectos pulsionais quanto pelas exigências da realidade externa, como instâncias territorializadas por um litoral arenoso; diferentemente do que ocorre com a psicose, desde a *Verwerfung*.

A *perversão* remete à essa problemática quando Freud afirma a similaridade com a *neurose* em seu aspecto de constatar a castração, ainda que sua operação de negação contraste em avesso de como a castração retorna no aparelho psíquico, pela via da operação da *Verleugnung*, ou de uma dupla negação que a desmente. “[...] *os sintomas se formam, em parte, às expensas da sexualidade anormal, a neurose é, por assim dizer, o negativo da perversão*” (FREUD, 1905/1996, p. 157)

Em “*Esboço da psicanálise*” (1940/1996), Freud ao discutir a divisão do ego (o efeito do *splitting*) nas diferentes ordens sistêmicas, da *neurose* e da *psicose*, recupera a ambiguidade dessa divisão na perversão, que apesar de constatar a castração produz um fechamento da questão por um predomínio perceptivo de desvio a outros objetos substitutos que visam à uma operação de “*servir como substituto simbólico do pênis*” (FREUD, 1940/1996. P. 216).

A qualidade substitutiva que Freud atrela à formação do *fetice*, à medida de uma criação para tamponar a castração e evitar a angústia dessa constatação, coloca a *perversão* em sua similaridade com a noção de sintoma, e propicia uma complexificação na distinção do *fetice* em relação ao *sintoma*, quando esses, apesar da propriedade simbólica de afirmar e negar a castração, apenas se diferenciam em qual modalidade, de retorno, tal operador ordena sua formação. Para o *fetice*, o aspecto *Simbólico* de substituição incide num recurso perceptivo, para o qual há um predomínio do recobrimento *Imaginário* de tratamento da castração, enquanto o sintoma sustenta-se na lógica substitutiva simbólica. Dessa forma, a suspensão da *perversão* como um quadro que poderia ser vislumbrado em sua qualidade de estado posterior, tendo em vista que seu pilar de formação se circunscreve nas formações *perceptivas* e *imaginárias*, em torno de um objeto, denominado *fetice*, quando há o retorno do que fica excluído da *simbolização primordial* – logo, a própria *castração*.

Suplementares agora isto afirmando ainda que, durante o mesmo período de vida, o ego com bastante frequência se encontra em posição de desviar alguma exigência do mundo externo que ache aflitiva e que isto é feito por meio de uma negação das percepções que trazem ao conhecimento essa exigência oriunda da realidade. Negações desse tipo ocorrem com muita frequência e não apenas com fetichistas e, sempre que nos achamos em posição de estudá-las, revelam ser meias-medidas, tentativas incompletas de desligamento da realidade. A negação é sempre suplementada por um reconhecimento: duas atitudes contrárias e independentes

sempre surgem e ressaltam a situação de haver uma divisão do ego. Mais uma vez, o resultado depende de qual das duas pode apoderar-se da maior intensidade” (FREUD, 1940/1996, p. 217)

Os *estados limites* compõem um cenário fenomenológico-clínico bastante incisivo sobre a questão da simbolização, e as incidências possíveis das formações secundárias, em sua dimensão de *operadores*, mas também na própria definição da *transferência* e das qualidades que as definiriam em relação à estrutura do artefato analítico. É uma questão controversa, pois reúne numa sequência, bastante curiosa alguns termos que essa seção problema para o horizonte de definição: *a função do diagnóstico na direção do tratamento, as características semiológicas desse diagnóstico e como isso emerge sob transferência*.

Em termos de casos clínicos freudianos, o mais paradigmático para essa questão é o famoso “*Homem dos Lobos*”, publicado em 1918, sob o título “*História de uma neurose infantil*” (1918/1996). O desenvolvimento freudiano sobre a hipótese diagnóstica está pautado para uma hipótese de *neurose*, que a despeito de certos sintomas híbridos e recheados de evitações na transferência coloquem Freud em suspenso sobre os mecanismos de defesa prevalentes no caso. A cena que o paciente relata sobre a percepção de ver seu dedo decepado, quando criança, levanta a hipótese do estatuto da alucinação em casos de neurose. E não seria equivocado colocar a questão: *a alucinação é um elemento diferencial para a racionalidade diagnóstica?* Ainda mais: a hipótese diagnóstica poderia ser aventada em diferenças semiológicas caso a figura do psicanalista mude, como é a situação que ocorre nesse caso comentado?

Apesar de Freud considerar o caso finalizado, cuja cura envolvida no tratamento apontava para uma dissolução dos graves sintomas obsessivos que permeavam a análise daquele sujeito. A multiplicidade e variabilidade dos sintomas abrangiam desde (1) fobia, com medo dos lobos – originado por um sonho no qual Lobos sentados numa árvore o vigiavam – em que o aspecto da substituição e nomeação pelo significante “lobo” aponta para o que é da ordem do tratamento *Simbólico* da castração, (2) conversões histéricas, localizadas no funcionamento intestinal e (3) cerimônias de ruminações obsessivas tão severas que Freud acreditava se tratar de uma neurose obsessiva gravemente descompensada e de pouca resposta ao tratamento psicanalítico⁷⁰.

⁷⁰ Vale a menção sobre a proposta freudiana de delimitar o tempo do tratamento, a fim de que o paciente pudesse responder, a partir da noção de fim demarcado, às intervenções interpretativas que Freud realizava sobre o caso. A intervenção de Freud foi delimitar uma data para o fim da análise, e que em quatro meses proporcionou uma reviravolta fundamental no caso, a ponto de Freud organizar o caso em torno desse efeito produzido.

Porém, após a morte de Freud, o “*homem dos lobos*” reincide num quadro ainda mais grave e procura uma nova analista *Ruth Mack Brunswick* (1897 – 1946)⁷¹. O curioso da história que envolve esse caso é a alteração na hipótese diagnóstica, de neurose para psicose, como realiza *Brunswick*, com graves perturbações hipocondríacas e eleições delirantes com partes do corpo, como os dentes e o nariz.

Leclaire (1991) retoma os desenvolvimentos realizados por Freud e *Brunswick*, em suas diferentes apostas diagnósticas para o caso do “*Homem dos lobos*”, e desde as contribuições de Lacan, com o conceito de *Verwerfung* (*forclusão*), Leclaire realiza uma nova leitura. No entanto, a questão da ambiguidade gerada em torno do caso, que gostaria de me ater nesse momento, e recuperar uma constatação que o próprio autor levanta em seu texto sobre a ambiguidade e dificuldade em circunscrever certos retornos no artefato de transferência e o impacto que o analista produz ao recortar tal retorno de uma maneira ou de outra. Não seria o modo como o psicanalista lê o caso, a partir de uma série de referenciais teóricos que o ajudam a compor uma diagnóstica? Eis a importância da noção de ato de fala sob transferência para compor a lógica das estruturas clínicas, permitindo distanciar qualquer inferência de naturalização da hipótese estrutural para a pessoa do analisante. “*É a questão do Homem dos Lobos, colocada na neurose, imaginariamente resolvida na psicose, que encontramos aqui formuladas na extensão da ambiguidade, sob uma espécie de alucinação transitória*”. (LECLAIRE, 1991, p. 251)

A hibridez de certos casos clínicos abre fenda para que os teóricos do campo psicológico sustentem a tese de que as estruturas clínicas não sejam um repertório suficientemente condizente com os fenômenos de alguns casos. Mas isso não apontaria mais para uma dificuldade em sistematizar as diferenças entre *neurose* e *psicose*, que a necessidade de novas nomenclaturas? Discuti esse ponto na seção introdutória, e novamente remeto ao trabalho desenvolvido em Madeira & Boni Junior, (2016), no qual sintetizo as argumentações aqui realizadas. Dunker (2006a, p.126) evoca problemática semelhante quando afirma o “*uso não estrutural da noção de forclusão (forclusão parcial)*”.

A simbolização é um produto de uma operação particular de um ser humano em relação a outro ser humano, o que implicaria a possibilidade desse outro manejar o ato de simbolizar?

Essa questão aponta para a problemática de alteração estrutural, quando se concebe que

⁷¹ Psiquiatra Americana e psicanalista, contemporânea de Freud, com quem manteve importante aliança de trabalho, e publicou sua posição sobre o caso em “*Supplément à l’histoire d’une nevrose infantile*”, Ver. Franç. De Psychan. 1936, n4. pp. 606-655. Ou ainda em “GARDINER, Muriel (org). *The Wolf-man and Sigmund Freud*”. The Hogarth Press and the institute of Psycho-analysis, Londres, 1972. (LECLAIRE, 1991, p. 235)

a simbolização poderia sofrer qualquer tipo de indução ativa por parte de um cuidador, ou mesmo de um profissional. Há uma questão ética subjacente a essa questão, e isso pode compor consequências de valor para as diferentes formas da subjetividade, ou mesmo de uma normatização em psicanálise a partir da *neurose*, colocando, como habitual na história da psiquiatria, da psicologia, e mesmo da psicanálise, a *psicose* como sinônimo de patologia, doença ou loucura.

O *delírio*, em sua máxima de desprendimento da realidade compartilhada, além de criar a ilusão de que há uma realidade, também costura o espanto, para aquele que escuta o delírio, de uma ruptura radical não somente com uma realidade compartilhada, mas também com a própria concatenação das palavras. Quando o *delírio* extrapola os limites do significante em emoldurar uma realidade diante do *Real*, contrastando com a *neurose* que, aparentemente, mantém um laço com essa realidade compartilhada; eis uma máxima para os *não-advertidos* em considerar patamares morais para um critério diagnóstico e prognóstico para o caso. É da eficácia do tratamento psicanalítico que Freud aponta necessidade de entrevistas prévias ao tratamento propriamente dito, a fim de realizar um exercício diagnóstico sobre o caso, e lançar hipóteses sobre elementos diferenciais entre os quadros de *neurose* e *psicose*, essencialmente. E cabe aos teóricos em psicanálise fornecer uma teoria da prática nessas diferentes estruturas. “*Trata-se antes de elucidar os mecanismos estruturais, que estão em função na nossa experiência analítica, a qual está centrada nos adultos. Retroativamente, poder-se-á esclarecer o que pode se passar nas crianças de maneira hipotética e mais ou menos controlável*” (LACAN, 1954c/1986, p. 150).

Para além dessa dimensão implícita ao rigor de uma leitura estrutural, o próprio conceito de *estruturação subjetiva* poderia remeter a uma confluência de críticas sobre o *tempo da constituição subjetiva* e a *maleabilidade estrutural*, diante da hipótese de operacionalização da *simbolização primordial*. Se por um lado, isso remete à questão da intervenção clínica sobre as estruturas, por outro, há o problema subjacente dos valores morais atribuídos a tal conjunto conceitual, o que poderia levar um teórico, inconscientemente, à defender a maleabilidade estrutural, a fim de evitar que as diferenças estruturais ganhem sua legitimidade por confundir *estrutura* com *fenômeno* clínico, ou ainda mais, estrutura sendo análoga aos aspectos patológicos dos fenômenos. Nesse momento, não é redundância recuperar a afirmação de Lacan que “*A estrutura é o real que vem à luz da linguagem. Obviamente, não tem nenhuma relação com a boa forma*” (LACAN, 1973/2003, p.477).

A *dimensão do tempo* e o *caráter causal* permitem circunscrever o campo dessa

discussão, para o qual eu me reservo a liberdade em afirmar que a separação e conjugação da noção estrutural em dois cortes permite responder a esse tipo de crítica; que, numa espécie de *antecipação semidita*, afirmo: sobre a simbolização primordial, em dimensão de um ato psíquico, pouco se pode operar, mas sobre os operadores que dessa operação primordial derivam, é todo o ponto sobre o qual se realiza a noção de intervenção.

No entanto, essa questão não deveria trazer uma certa ressignificação para o leitor, ainda. Mesmo que as mudanças estruturais não precisem ser concebidas como alteráveis, isso não significa que não haja uma intervenção possível diante das consequências na *falta de estimulação* ou da escassez de oferta de *recursos de linguagem* para o *infans*. É fundamental conceber que hajam intervenções que permitam um trabalho com as estruturas, independente de suas características operacionais. A questão é que as intervenções e seus efeitos nem sempre são previsíveis, ou com relação direta ao sucesso esperado no mundo objetiva das ciências.

Com Lacan, é através das *teorias da constituição do sujeito*, que incluem o efeito de *formação do eu*, a concatenação significativa na qual se enlaça *o sujeito da psicanálise*, bem como da *extração do objeto* que opera como um resto, contingente e impossível de responder em totalidade à divisão subjetiva, que encontro o repertório teórico que permite cingir considerações sobre o esclarecimento da montagem estrutural, e dessa forma, uma proposição sobre as *estruturas clínicas* em psicanálise entrelaçando os três registros *RSI*.

As sutilezas diferenciais das *estruturas clínicas* comporiam não somente operadores específicos oriundos da operação de inscrição no campo da *linguagem*, mas, também, inserindo nessa composição os arranjos oriundos de um resto inapagável, que apesar de não existir, produz efeitos na estrutura, pela via do *sintoma* na *neurose*, do *fetice* na perversão e do *delírio* e na psicose. Isso só se torna possível, se tal teoria seja considerada na extensão da obra de Lacan, e, portanto, a teoria da constituição do sujeito que abarque os três registros *RSI* em sua função de suporte para os operadores das estruturas, contemplando a causalidade das *estruturas* desde as operações que lhe sejam subjacentes.

A *linguagem* como campo, sede dos significantes para o *infans*, adquire sua função fundamental nesse buraco determinado pela impotência da prematuração específica de nascimento, quando é necessário que um outro cuidador realize a manutenção da vida do corpo vivo, e, dessa forma, permite, pelo apelo, o mínimo de uma vocalização sobre o mal-estar diante do desamparo. O efeito de nomeação pelo outro revela a passagem propriamente humana em se se dizer pelo significante; momento fundante de inscrição primordial no enlace com o campo da linguagem. É a correlação da estrutura em psicanálise e os elementos mínimos da linguística

que Lacan se apropria para teorizar a inscrição no campo significante, segundo os registros em seu suporte de encadeamento de significação.

Pois se, para admitir um sintoma na psicopatologia psicanalítica, seja ele neurótico ou não, Freud exige o mínimo de sobredeterminação constituído por um duplo sentido, símbolo de um conflito defunto, para-além de sua função, num conflito presente não menos simbólico, e se ele nos ensinou a acompanhar, no texto das associações livres, a ramificação ascendente dessa linhagem simbólica, para nela detectar, nos pontos em que as formas verbais se cruzam novamente, os nós de sua estrutura, já está perfeitamente claro que o sintoma se resolve por inteiro numa análise linguageira, por ser ele mesmo estruturado como uma linguagem, por ser linguagem cuja fala deve ser libertada. (LACAN, 1956a/1998, p. 270)

E, apesar das distâncias epistemológicas entre Freud e Lacan, e ainda assim contemplando a leitura realizada por Freud, nas duas operações, ou etapas, referentes à *neurose* e *psicose* na formação de seus *efeitos de retorno*⁷², (FREUD, 1924a/1996; 1924b/1996) que afirmo a necessidade de conjugar, para a noção de estruturas clínicas, dois momentos fundamentais: o primeiro momento em relação às operações distintivas de inscrição no campo da linguagem, ou da operação primordial de identificação ao campo do Outro, com um segundo momento em relação aos efeitos de retorno através enodamentos dos três registros *Real*, *Simbólico* e *Imaginário* (RSI), pelo suporte de elementos operacionais, ou operadores lógicos, em relação à materialidade da linguagem denominada *significante*, que derivam e se encadeiam, organizando conjuntos distintos entre si e de funcionamentos particulares segundo leis que orientam o funcionamento da estrutura significante, e, portanto, da posição subjetiva conforme a operação primordial de base, levando a operações e elementos operacionais particulares para as instâncias essenciais da subjetividade denominadas por *Sujeito*, *Eu* e *Ser* em cada uma delas.

É sobre uma dupla volta que encontro o suporte teórico necessário para conceber as estruturas clínicas, e não somente pela via das teorias da negatividade que encontramos em grande parte dos comentadores, tal qual podemos vislumbrar em numa síntese que não produzirá estranhamento para o leitor, explicitadas a partir das teorias do *Estádio do espelho*, dos *Tempos Lógicos do Édipo* e da teoria da *Alienação*

Essas três teorias incidem num modelo para teorizar o momento *inaugural* para a subjetividade humana em relação à linguagem, referente aos efeitos de *identificação primordial*, tal qual Freud entendia como a primeira operação fundamental do homem, tendo

⁷² Retomo a passagem freudiana sobre as duas etapas que ocorrem na *neurose* e na *psicose* a respeito das relações do *ego*, em sua função na formação dos produtos oriundos dos diferentes sistemas, com o ID e com a realidade externa. “A *neurose* e a *psicose* diferem uma da outra muito mais em sua primeira reação introdutória do que na tentativa de reparação que a segue” (FREUD, 1924b/1996, p. 207).

em vista que “*a identificação constitui a forma original de laço emocional com um objeto*” (FREUD, 1921/1996, p. 117), ou ainda das primeiras inscrições de traços de memórias a partir de experiências de satisfação no encontro com o traço perceptivo do objeto, “*logo, o objetivo dessa primeira atividade psíquica era produzir uma identidade perceptiva – uma representação da percepção vinculada à satisfação da necessidade*” (FREUD, 1900/1996, p. 595)⁷³.

⁷³ Apesar do salto epistemológico de Lacan para Freud, e das diferenças cronológicas na obra freudiana, com os textos situados, no início da teoria psicanalítica, como “*A interpretação dos sonhos*” (1900) e, na virada da segunda tópica freudiana, com a “*Psicologia de grupo e a análise do ego*” (1921), a ideia nessa aproximação consiste em remontar à importância do momento inaugural referente à montagem da estrutura em Lacan e do aparelho psíquico em Freud, como similares ao fenômeno de inscrição no campo da linguagem, desde o qual a subjetividade é uma suposição lógica.

Sobre a teoria do estágio do espelho e a dimensão estrutural.

Se vocês reportarem ao esquema que ofereci, sob o título de *Observação* [...] verão que, para designar a relação que se estabelece entre o sujeito e o campo do Outro, fiz esse campo funcionar como um espelho – e por que não?, já que, aliás, ele não é subtraído do imaginário, e já que não posso, como imagem, fazer outra coisa senão o que é homogêneo ao espaço comum – , com a única finalidade de poder enunciar o segundo termo, isto é, o outro significante perante o qual o sujeito se representa por um significante. Isso não é outra coisa se não o que é assinalado aqui por este enigmático I maiúsculo, aquele a partir do qual se apresenta a ele, num outro espelho, a conjugação do *a* com a imagem do corpo. (LACAN, 1969C/2008, p. 296)

2.2. As estruturas clínicas e a teoria do estágio do espelho

A teoria do estágio do espelho é a primeira teoria em que Lacan realiza suas considerações sobre o momento inaugural da subjetividade. É possível considerar a extensão dessa teoria para além do texto estabelecido em 1949, “*O estágio do espelho como formador da função do eu na tal como nos é revelada na experiência psicanalítica*”, e incluído na obra “*Escritos*” (1966/1998). Como desenvolvi no trabalho de mestrado “*O estágio do espelho de Jacques Lacan: gênese e teoria*” (BONI JUNIOR, 2010), é necessário supor uma diferença entre os temas, o texto de 1949 e a teoria do estágio do espelho, para se estabelecer o repertório teórico que abarque a proposta de Lacan para esse repertório conceitual.

As primeiras considerações essencialmente psicanalíticas realizadas por Lacan estão circunscritas com a teoria a teoria do estágio do espelho, na década de 1930, especificamente com a apresentação “*The looking-glass phase*” (ROUDINESCO, 1994, p. 78) numa reunião da Sociedade Psicanalítica de Paris (SPP), em 16 de junho de 1936 e logo em seguida retornando a tal temática no XIV Congresso Internacional da *International Psychoanalytical Association* (IPA) em *Marienbad*, ou como aponta Roudinesco, “*Le stade du miroir. Théorie d'un moment structurant et génétique de la constitution de la réalité, conçu en relation avec l'expérience et la doctrine psychanalytique*” (ROUDINESCO, 1994, p. 484)

Trata-se de uma apresentação cujo material nunca fora publicado sob essa rubrica, e o único acesso ao conteúdo transmitido é realizado pelas anotações de Françoise Dolto (1908-1988), publicado no *International Journal of Psychoanalysis* em 1937, contudo o acesso a tal material é bastante questionável, pela impossibilidade de encontra-lo nas indicações bibliográficas realizadas pelos historiadores da psicanálise (ROUDINESCO, 1988; 1994; MIJOLLA, 1990). Na seção de anexos de minha dissertação (BONI JUNIOR, 2010) inseri o material que Gérard Guillerault publicou no livro “*Dolto, Lacan y el estadio del espejo*”, indicando ser as próprias anotações de F. Dolto.

Em 1938, com o texto “*Os complexos familiares na formação do indivíduo – ensaio de análise de uma função em psicologia*”, incluído na obra “*Outros Escritos*” (2001/2003), Lacan retoma o material apresentado em 1936, e elabora a concepção do estágio do espelho em sua correlação com o denominado “*complexo de intrusão*” (LACAN, 1938/2003, pp. 42-51).

⁷⁴ Discuti na dissertação sinalizada as possíveis interpretações dada à teoria do estágio do espelho a partir dos títulos mencionados ao trabalho de Lacan em 1936. A tradução realizada, por mim, para o título apontado por Roudinesco (1994) foi, à época, “*O estágio do espelho. Teoria de um momento estruturante e genético da constituição da realidade, concebido e a relação com a experiência e a doutrina psicanalítica*” (BONI JUNIOR, 2010, p. 30).

Contudo, o único material propriamente intitulado por “*estádio do espelho*” é o texto de 1949, mas cuja teoria é mencionada em toda a extensão da obra de Lacan, inclusive em menção direta no trabalho “*A terceira*” (1975a), sobre a função da imagem e do *Imaginário* como desenvolvido pela teoria do espelho.

O esquema óptico também é diretamente relacionado à teoria do estágio do espelho como um modelo de transmissão para o conjunto conceitual que Lacan elabora nessa teoria. As marcações do uso desse modelo se estendem na obra de Lacan desde 1954, com os primeiros indícios do uso no seminário “*Os escritos técnicos de Freud*” (1953-54) na aula “*A tópica do imaginário*” (LACAN, 1954b/1986) e propriamente publicado no texto “*Observação sobre o relatório de Daniel Lagache 'Psicanálise e estrutura da personalidade'*” (1960a/1998, pp. 674-687). A última reformulação de tal esquema acontece na aula de 28 de novembro de 1962, “*Do cosmo à Unheimlichkeit*”, do seminário “*A angústia*” (LACAN, 1962b/2005, pp.48-49).

As menções ao esquema óptico acontecem em diversos momentos da obra de Lacan: no seminário “*A transferência*” (1960-61), nas aulas de 07 de junho de 1961, “*A identificação por 'Ein Einziger Zug'*” (LACAN, 1961c/1992, p. 334); no seminário 11, “*Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*” (1964), na aula “*Análise e verdade ou o fechamento do inconsciente*” de 22 de abril de 1964 (LACAN, 1964b/2008, p. 138); e na aula de 13 de janeiro de 1965 do seminário “*Problemas Cruciais para a psicanálise*”. (LACAN, 1965e/2006, pp. 140-141), para citar alguns.

As passagens realizadas por Lacan, a partir do esquema óptico, permite circunscrever o enfoque dado pelo autor em cada um dos registros *RSI* na teoria do estágio do espelho, sem ignorar que, da primeira à última menção, os três registros estão em causa nessa teoria.

A montagem da estrutura pela *teoria do estágio do espelho* é realizada a partir do modelo que Lacan utiliza para revelar o ato de identificação e dos efeitos em “*estruturas (intra-subjetivas como tais, representando a relação com o outro e permitindo distinguir nela a dupla incidência do imaginário e do simbólico*” (LACAN, 1960a/1998, pp. 680-81), sob os termos *I(A)* e *i(a)*, bem como do *resto* – não-especularizável.

A dupla incidência dos registros *Imaginário* e *Simbólico* aponta para o efeito de corte desde o ato de inscrição no campo da linguagem, e da estrutura que desponta com os operadores emoldurados pelos registros.

O registro *Imaginário* é apresentado a partir da incidência da imagem especular *i(a)* no modelo realizado na aula “*A tópica do imaginário*” (LACAN, 1954b/1986), aproximando-o ao eu-ideal, como o operador que decanta dessa inscrição, e situa-se como a referência estética

para o operador denominado ideal de eu no próprio esquema, como a imagem que se forma da imagem especular, num ato reflexivo simultâneo na estrutura psíquica. Lacan não considera uma lógica sequencial, em que primeiro se forma a imagem especular $i(a)$ e numa temporalidade posterior, a imagem oriunda do espelho plano, tal qual denominada por *ideal-de-eu* ou $i'(a)$.

Pode-se distinguir radicalmente o ideal do eu e o eu ideal. O primeiro é uma introjeção simbólica, ao passo que o segundo é a fonte de projeção primária. A satisfação narcísica que se desenvolve com o eu ideal depende da possibilidade de referência a este termo simbólico primordial que se pode ser mono-formal, mono-semântico, *ein einziger zug* (LACAN, 1961b/1992, p. 344).

O registro *Simbólico* aparece correlacionado com a posição do campo da linguagem – ou do lugar do grande Outro – com a inserção do espelho plano no esquema desde a primeira menção, mas formalizado na aula “*A identificação por 'Ein Einziger Zug'*” (LACAN, 1961c/1992, p. 334) e correlacionando o traço unário ao índice na estrutura da função simbólica em sua propriedade fundamental, com a articulação em relação às instâncias do ideal-de-eu, como o operador oriundo de tal inscrição. A lógica de reflexão simultânea persiste na argumentação do autor, e novamente, ambos operadores emergem na estrutura numa temporalidade lógica e não cronológica, tal qual a imagem do corpo advém da operação de identificação imaginária do significante, como apontado por Lacan no seminário “*O objeto da psicanálise*” (1965-66).

Pois não basta se lembrar de que falamos, na análise, de *imagem do corpo*, imagem o quê? Imagem flutuante, balão, bola que se apanha ou não se apanha. Justamente, a imagem do corpo funciona, analiticamente, de maneira parcial, ou seja, implica, recortada, no corte lógico. (LACAN, 1965a/2018, p. 39)

A inserção do registro *Real* aparece formalizada na aula “*Do cosmo à Unheimlichkeit*”, do seminário “*A angústia*” (LACAN, 1962b/2005, pp.48-49), em que a o esquema simplificado recorta a posição do *objeto a* na estrutura do esquema, e da modalidade em que tal operador se inscreve na estrutura como *menos phi*, ou a própria incidência da castração, como tratamento pelos registros *Simbólico* e *Imaginário* para o *objeto a*, como recupero em desenvolvimentos posteriores nessa mesma seção.

A partir destas operações demonstradas acima entre $i(a)$, *menos phi* e o resto instituído como *objeto a*, Lacan não permite concluir que existam dois tempos de inscrição dos registros imaginário e simbólico na subjetividade humana, a tal ponto que a articulação do *eu* com o pequeno outro e a articulação do sujeito com o grande Outro é um entrejogo inseparável. (BONI JUNIOR, 2010, p. 155)

Considerando que na teoria do estádio do espelho encontra-se uma proposição sobre a montagem dos operadores *eu*, *eu-ideal* e *ideal-de-eu*, bem como da relação estabelecida com a *posição do olho* no esquema, como um lugar exterior ao próprio esquema para situar a instância do sujeito da psicanálise, tem-se uma teoria completa sobre a constituição do sujeito, além de ser possível demarcar os três registros *Real*, *Simbólico* e *Imaginário* como suporte de tais operadores na estrutura.

A posição do *olho* no esquema óptico é considerada de fundamental importância na proposição da teoria do estádio do espelho, além de criar uma espécie de metáfora sobre a própria concepção de sujeito da psicanálise, nessa teoria. A necessidade de situar tal posição no esquema, alocada atrás da superfície côncava no aparelho, pontua a posição do sujeito na constituição das instâncias intra-subjetivas e formativas do *eu*, como um dos primeiros indícios para o que Lacan irá denominar por ek-sistência, ou ainda para a exterioridade interior que o registro *Simbólico* aplica na estrutura, e delimita a complexidade da concepção de sujeito, para além dos avatares corpóreos que tal definição pode encontrar na literatura: como se o sujeito fosse uma entidade vinculada à materialidade humana do corpo, e não efeito da linguagem e da função significante. Do *Real* como causa, o *Simbólico* passa a ser o registro que o recorta, tal qual a realidade passa a ser a da interpretação subjetiva. É nessa esteira que nos anos 60, no seminário “*A angústia*” (1962-63) Lacan afirmará ser a *posição* em relação ao esquema que permite uma orientação do modelo, pois a posição privilegiada do olho encontra-se em lugar tal que impossibilite de ver imagem e objeto simultaneamente. A ressonância que recorto sobre a posição do olho é análoga ao discutido na seção anterior com a confusão entre pessoa do analisante e a suposição do ato de fala ser circunscrito pela divisão do aparelho estrutural, em *ser*, *sujeito* e *eu*; o que orienta a lógica da estrutura na teoria do estádio do espelho como possível de ser ordenada.

Então, vale pontuar, na esteira das diferentes estruturas em jogo na noção de estruturas clínicas, a saber, *neurose*, *psicose* e *perversão*, que Lacan realiza uma aproximação com tais categorias nas bordas da teoria do estádio do espelho, em diferentes momentos dos materiais de referência.

Em “*Os complexos familiares na formação do indivíduo*” (1938) quando articula os termos *psicose* e *neurose* com o tema da composição familiar, ainda que nomeie tais categorias com o termo “*patologia*” (LACAN, 1938/2003, p. 68), não propõe um paradigma deficitário da primeira em relação à segunda, Lacan estabelece contornos teóricos da posição do *delírio* e do *sintoma* nas estruturas familiares, a partir de como há a introjeção das relações objetais desde

um sistema de complexos que dão suporte à tais formações, pela função do *eu* em suas relações com a personalidade, como já iniciara com a tese de doutorado “*Da psicose paranoica em suas relações com a personalidade*” de 1932 (LACAN, 1932/2011). Logo, desde 1938, uma teoria distintiva entre *neurose* e *psicose* não ocorre pela cronologia de estágios de desenvolvimento tampouco pela estagnação ou fixação em quaisquer um deles, ainda que haja uma certa aura sociológica, com influências de Durkheim em tal texto.

Os complexos familiares cumprem, nas psicoses, uma função forma: temas familiares que prevalecem nos delírios, por sua conformidade com a parada que as psicoses constituem no eu e na realidade; nas neuroses, os complexos exercem uma função causal: incidências e constelações familiares que determinam os sintomas e as estruturas segundo os quais as neuroses dividem, introvertem ou invertem a personalidade. (LACAN, 1938/2003, p. 68)

Em 1949, com “*O estágio do espelho como formador da função do eu*”, Lacan realiza considerações clínicas ao final do texto, recuperando os termos *psicose*, *neurose*, *histeria* e *neurose obsessiva*, recortando-os segundo os efeitos distintivos que os elementos dispostos na teoria possam ser lidos em tais evidências clínicas. Novamente, não há nas literalidades do autor qualquer relação desenvolvimentista ou cronológica entre os passos da teoria e as categorias estruturais da diagnóstica clássica, como se exemplifica na passagem: “*Mas essa forma revela-se tangível no próprio plano orgânico, nas linhas de fragilização que definem a anatomia fantástica, manifesta nos sintomas de esquize ou de espasmo da histeria*” LACAN, 1949/1998, p. 101).

A dimensão do corpo na teoria do estágio do espelho é fundamental sob o passo de uma interpretação que deriva da própria identificação a uma imagem, na qual há o reconhecimento de propriedades que situem a unidade de si, denominada *eu*. É do recobrimento do “*plano orgânico*”, como uma interpretação sob os registros *Imaginário* e *Simbólico* que a anatomia alcança o estatuto de corpo, pelo termo *fantástico*, como aponta Lacan na citação acima, para a histeria como tipo clínico da neurose, pelos fenômenos clínicos da *esquize* ou do *espasmo*, como sintoma da própria divisão estrutural que a linguagem opera, não só na dimensão do ato de fala, pelo significado recalcado, como na materialidade corpórea do humano.

A assunção da imagem especular como lugar na qual se sedimentará todas as identificações ulteriores para a função do *eu*, sob a ilusão que tal unidade recobre o furo da função significante, a partir do qual circula a demanda por outro significante em responder à indagação “*Quem sou eu?*”, em que nessa concatenação por um sentido de si, numa temporalidade *a posteriori*, retorna-se ao ponto de um significante representar o sujeito para

outro significante, engendrando a subjetividade diante do impossível de se responder com um único significante a totalidade do *ser*.

A histeria, para além de ser o quadro clínico inaugural para a psicanálise, revela de modo privilegiado a radicalidade das diferentes tessituras que o ato de identificação inaugura na relação com as dimensões do organismo e corpo humano, em que as propriedades orgânicas são recobertas pela materialidade significativa, a ponto de um aspecto orgânico não responder unicamente às descrições que a biologia ou a medicina compõem em termos funcionais ou estruturais dos elementos que compõem tal organismo. É a própria estrutura da linguagem subvertendo o organismo humano na dimensão de corpo, quando o significante opera um corte radical, em que a histeria revela, na perspectiva de Lacan, a inscrição da dimensão orgânica, como uma interpretação ordenada como corpo, segundo as dimensões dos registros *RSI* de modo privilegiado.

Ainda assim, a racionalidade diagnóstica envolvida na corporeidade, principalmente no aspecto estrutural entre neurose e psicose, ou nos tipos clínicos histeria e neurose obsessiva, demanda contornos teóricos mais específicos, tendo em vista que as próprias definições, em psicanálise, para a posição do corpo permanecem atravessadas por problemas metodológicos e epistemológicos não discutidos em sua extensão. “*Advogo que a noção genérica de “corpo” representa uma unidade entre figuras heterogêneas, uma falsa unidade*” (DUNKER, 2011b, p. 87).

Contudo, a questão que coloco nessa esteira é: ainda que o ato de identificação ordene uma série de consequências sobre a materialidade humana em sua relação significativa, recobrando a dimensão orgânica, essa hipótese da teoria do estágio do espelho responde às diferenças estruturais em *neurose* e *psicose*? Pela sucessão argumentativa até então nessa tese, lanço numa antecipação em dizer que é impossível generalizar tal teoria para as três estruturas em questão nesse trabalho, de modo a não considerar sutilezas teóricas para esse grande conjunto que Lacan procura sistematizar para responder aos problemas que a teoria do narcisismo e a formação do *eu*, quando há um suporte *Simbólico* de concatenação de tais recursos na estrutura subjetiva.

A hipótese de que tal teoria circunscreva a lógica simbólica derivada da articulação *Bejahung-Verneinung* é textualmente atrelada por Lacan no texto de 1949. Porém, não seria equivocado articular que é exatamente por incluir a dimensão *Real* na teoria do estágio do espelho, que a *Verwerfung* pode explicitar a *psicose* na teoria do estágio do espelho, quando há uma exclusão radical de qualquer índice distinto do que se opera pelo *i(a)* em sua positivação

imaginária da unidade de si. “*Os sofrimentos da neurose e da psicose são, para nós, a escola das paixões da alma, assim como o fiel da balança psicanalítica, quando calculamos a inclinação de sua ameaça em comunidades inteiras, dá-nos o índice de amortecimento das paixões da polis*” (LACAN, 1949/1998, p. 103).

Retornando ao texto de 1949, a fim de aproximar a teoria do estágio do espelho com as estruturas clínicas, a menção realizada por Lacan, na citação acima, delimita a *neurose* e a *psicose* em seu estatuto de formações possíveis na dimensão do sofrimento, num tom poético de “*escola das paixões da alma*” como o circuito com o qual a psicanálise se ocupa desde o embaraço que o mal estar na civilização insiste em apontar para a impossibilidade de uma totalidade do homem, ainda que o discurso social da felicidade seja uma promessa que visaria a amortecer as consequências do desamparo a que o ser humano está submetido em sua existência.

Realizando uma volta ao intuito dessa seção, a teoria do estágio do espelho aponta para uma lógica de inscrição na subjetividade de uma série de operadores estruturais, em que o apoio nos três registros *RSI* pode ser verificado, desde que tal teoria seja considerada em sua extensão na obra de Lacan de 1936 até a década de 1960.

A extensão conceitual que podemos trazer em tom de contribuição para a teoria do estágio do espelho concentra a possibilidade de compreendê-la em três momentos na obra de Lacan: em sua gênese nos anos 30, no momento mais famoso em 1949 e nos anos condizentes com as reformulações e inserções através do esquema óptico. Caso definamos um conceito em torno do nome estágio do espelho, a definição consistiria em demarcar os momentos em que há a possibilidade da tripla inscrição e enodamento dos três registros, Real Simbólico Imaginário (RSI), pela inscrição do *objeto a*, do traço unário e da imagem especular. (BONI JUNIOR, 2010, p. 193)

A tendência interpretativa a que foi submetida essa teoria na literatura psicanalítica induziu reduzi-la ao repertório do registro *Imaginário*, das imagens, da aquisição imaginária do corpo ou ainda das referências ao campo do *eu*. Ainda que se possa vislumbrar que Lacan tenha se ocupado dela para compor as incidências registro *Imaginário* na lógica subjetiva, isso pode ser argumentado que não acontece em detrimento da suposição dos registros *Simbólico* e *Real* nessa teoria (BONI JUNIOR, 2010).

O recorte primário dado ao registro *Imaginário* pode colocar o leitor à tendência de circunscreve-la unicamente ao repertório pontuado, no entanto, se o fio condutor for sustentado a partir do esquema óptico, entre os anos de 1954 – 1964, é possível localizar os registros *Real* pelo resto não-especularizável (LACAN, 1962a/2005, p.11), o *Simbólico* pelo índice *I(a)*, desde o traço unário (LACAN, 1961c/1992, p. 344) e o *Imaginário* pela imagem especular *i(a)*

(LACAN, 1949/1998, p.97; 1962b/2005, p. 49) estão postos como suporte para o enlace do *infans* no campo da linguagem. “*Trata-se de um modelo óptico, ao qual sem dúvida o exemplo de Freud me autoriza, não sem se motivar, para mim, numa afinidade com os efeitos de refração condicionados pela clivagem entre o simbólico e o imaginário*” (LACAN, 1960a/1998, p.679).

A teoria do estádio do espelho sistematiza o índice inegável da particularidade subjetiva de um corpo, pelo termo *imagem especular* - $i(a)$ – que se inscreve num ato de reconhecimento. O momento *princeps*, no qual o sujeito estabelece um contorno e ordena numa unidade de imagem, está pautado pela aquisição de uma forma que o identifica e finca a possibilidade de todos as referências imaginárias para o *eu*, tal qual no *eu ideal*, proposto por Freud em “*À guisa de introdução ao narcisismo*” (1914). Segundo Lacan, a *imagem especular* é exatamente o produto da operação de narcisismo primário, ou da conotação $i(a)$.

Basta compreender o estádio do espelho com uma identificação, no sentido pleno que a análise atribui a esse termo, ou seja, a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem – cuja predestinação para esse efeito de fase é suficientemente indicada pelo uso, na teoria, do antigo termo *imago* (LACAN, 1949/1998, p. 97).

O *infans*, quando diante do espelho se reconhece numa imagem produzida por um campo material, a ser compreendido para além do objeto socialmente reconhecido como espelho. Este momento é precoce, entre seis e 18 meses. Ainda que não haja a fala articulada, é possível ao indivíduo humano se reconhecer numa unidade espacialmente distante e imaginariamente invertida. A complexidade da experiência pode ser reduzida pela impossibilidade física de ocupar dois espaços simultaneamente: se sou *isto*, emoldurado por este corpo, como posso me ver ali, naquela *imagem*?

A partir das próprias descrições psicológicas, em que se constata a inexistência da fala articulada aos moldes de uma estrutura de linguagem pelo código linguístico, os balbucios e a gética envolvidos denotam o inegável da operação sintetizada no momento, em que o *infans* regozija com os efeitos da identificação à imagem, como um primeiro índice do significante operando na estrutura, em sua função de situar um traço de identificação a um a imagem, e engendrar uma posição subjetiva a partir da qual retroativamente produz um efeito de valor sobre a própria imagem.

O júbilo diante do espelho aponta para o índice da inscrição de uma série de operadores, mesmo com a impossibilidade da fala que permite a própria nomeação, e recorta a função

significante no suporte da imagem para além da redução e correlação do significante à palavra falada.

Ela (imagem) faz a unidade do sujeito, e nós a vemos se projetar de mil maneiras, até no que se pode chamar a fonte imaginária do simbolismo, que é aquilo através de quê o simbolismo se liga ao sentimento, ao Selbstgefühl (sentimento de si), que o ser humano, o Mensch, tem do próprio corpo (LACAN, 1954c/1986, pp. 147-8, meus parênteses).

Se este ato de reconhecimento, do sujeito em uma imagem, fosse suficiente para a lógica da constituição, aventaríamos um circuito reduzido a uma lógica em que nada restaria, e, portanto, a imagem representaria, em sua totalidade, a posição do sujeito. Logo, *eu* e *sujeito* estariam superposicionados. Algo de um *eu*, para *mim*, em *mim*, sobre *mim*. Não seria o senso comum do egocentrismo? Ou ainda; se a linguagem não fosse um campo que articula uma série de elementos, que podemos encontrar nos estudos sobre a distinção entre ato de fala e discurso, o sujeito quando siderado pelos efeitos de reconhecimento na imagem estaria fadado fechar a conta em sua própria articulação jubilatória?

A experiência constata, ainda que seja necessário, isto não é suficiente, pois, o inconsciente só pode se situar como discurso do Outro, como lugar no qual o campo significante disponibiliza o tesouro significante, que no suporte do pequeno outro, a bateria significante permite a borda de um lugar no qual o sujeito se situa como *eu*. Assim, um sujeito não nasce quando surge um organismo pulsante, mas quando este se inscreve no campo da linguagem em relação com a alteridade radical do significante. Daí toda a importância para a noção de sujeito em relação à linguagem neste momento do *infans*. É deste enlace entre sujeito e linguagem que se situa a forma primordial diante da qual se inaugura inscrições e possibilita futuras identificações para o *eu* e os deslizamentos significantes, no eixo das metonímias, para que haja um ponto de significação, entre significantes, que o sujeito emergja na cadeia significante, para além do lugar *Imaginário* do *eu*.

A imagem real *i(a)* funciona como o signo da unidade do corpo e matriz do *eu* para o sujeito no próprio imaginário, porém a articulação simbólica marca esta referência com a falta que aparece como negativo no outro plano: menos *phi*. Isto nos parece muito importante, pois se conseguimos sustentar que a falta é inerente à própria experiência de especularização da imagem, e que neste ponto de vista há uma atividade do sujeito pela via da antecipação, poderíamos apontar para este momento, o momento representante da série com a qual o sujeito pode operar a afirmação da falta ou a *foraclusão* da mesma, a depender do registro cuja falta é interpretada. (BONI JUNIOR, 2010, p. 179)

Lacan afirma que “*o estádio do espelho é um drama cujo impulso precipita-se da insuficiência para a antecipação*” (LACAN, 1949/1998, p.100). A lógica que reside no instante destes dois tempos vincula-se ao ato de inteligência ou mesmo à azáfama jubilatório do *infans* para fixar um aspecto instantâneo da imagem. Desde um organismo pulsante e insuficiente, inclusive no controle motor, há uma operação de inscrição que implica um corte duplo, na qual ordena-se uma unidade de forma que, pela antecipação, situa uma imagem que delimita uma borda para o *eu* e para o corpo, pela unidade especular *i(a)*, e ao mesmo tempo aponta para a função da linguagem em seu campo de significante que situa a posição do sujeito, e demanda a interação com o outro da imagem. O sujeito é a força motriz que articula seu lugar, ludicamente, entre a géstica e os movimentos da imagem produzida no espelho, tal qual a imagem refletida, passa a ser o índice para a consciência de si.

Compreender esta afirmação de Lacan como ponto de demarcação entre um tempo anterior e um tempo posterior, para as fantasias, é instaurar dois tempos na fantasia a partir de um corte, oriundo da identificação: a primeira vinculada à imagem de corpo despedaçado e a segunda à imagem de totalidade do corpo. É deste traço distintivo que situa o sujeito a base para toda a busca no campo da linguagem para cessar a insistência da divisão entre as posições do sujeito e o desconhecimento do *eu* em relação à própria redundância imaginária. Isso não é realizar uma operação desenvolvimentista, em que primeiro se tem uma imagem despedaçada, e depois uma imagem ortopédica do corpo.

A hipótese de um corpo fragmentado deriva do efeito da identificação a uma unidade de corpo, ainda que haja ausência de coordenação. Um efeito de um corte, produzindo dois tempos.

A experiência do espelho que permite vislumbrar esse efeito de corte na estrutura subjetiva, ao passo do enlace ao campo do Outro, ela também pode ser compreendida como uma metáfora para a primeira experiência significativa do *infans*, com o outro cuidador, normalmente a mãe, a partir da qual se extrai o índice dessa relação através do significante S_1 , ou desejo materno. Essa posição do pequeno outro passa a ser o equivalente do grande Outro materno, inscrito pelo significante do desejo – S_1 .

As duas dimensões do pequeno outro e do grande Outro na teoria do estádio do espelho implicam a dimensão do desejo materno sendo o suporte do campo significante para o *infans*, pois, é pelo pequeno outro que as necessidades da criança são saciadas, e, dessa forma, ameniza as sensações corporais, pelo objeto ofertado, mas também pelo significante disponibilizado na oferta.

No entrelace da satisfação da necessidade e a entrada do significante, o ato de identificação a esse campo remete a uma inclusão lógica de um ato que seja particular do próprio *infans*, pela via de uma operação que dê suporte para tratar a própria dimensão *Real* implicada na experiência, que pode ou não encontrar suporte no *Simbólico* para recobri-la. Eis a dimensão da castração envolvida na *teoria do estádio do espelho*, que remete ao modo se inscreve no pelo campo da linguagem e os destinos de suporte, pelos registros para a dimensão *Real* implicada nesse campo, pelo $S(\mathbb{A})$.

Esse acontecimento pode produzir-se, como sabemos, desde Baldwin, a partir da idade de seis meses [...].

Essa atividade conserva para nós, até os dezoito meses de idade, o sentido que lhe conferimos [...]. (LACAN, 1949/1998, p. 97)

A interpretação das necessidades do *infans* como demanda e as soluções propostas pela mãe resvalam em determinações significantes para ele, que possibilitam a organização e criação de uma imagem corporal. Há um compromisso libidinal do *infans* com essa vivência de corpo fragmentado que sofre a incidência do desejo materno através das determinações significantes. O desconhecimento que a imagem do espelho é o próprio reflexo do desejo materno, do grande Outro do espelho, promove uma identificação primitiva formadora do *eu*. Começa a se instituir o registro *Imaginário*, imagens e identificações que permitem um espaço entre a imagem do corpo próprio e a fragmentação.

O problema da lógica temporal discutido na seção introdutória encontra sua sustentação na explícita menção dada por Lacan nesse período que compreende 12 meses de escanção, ainda que em contraponto à essa demarcação imaginária, a teoria implique o efeito do corte temporal pela retroação, como na citação a seguir, e discutida na seção introdutória com o termo “*para sempre*” (LACAN, 1949/1998, p. 98) irreduzível da forma designada por “[*eu*]-ideal” (LACAN, 1949/1998, p. 97).

A causa desta passagem radical na constituição do sujeito é exatamente o paradoxo inerente da possibilidade de uma *imagem* que situa o sujeito numa articulação interpretativa sobre si, mas simultaneamente não permite responder ao mistério do *ser*, pois há articulação sustentada na lógica significante, desde o produto do banho de linguagem realizado e autenticado pelo outro, apontando para esse lugar lógico denominado grande Outro.

O enfoque dado na subordinação imaginária entre as imagens $i'(a)$ – imagem real – e $i(a)$ – imagem virtual – revela o jogo em que a forma do outro implica na subjetivação da instância psíquica que o sujeito se vê como *eu*. Esta subordinação concentra a pregnância introduzida pelo princípio de ilusão, falso domínio e de alienação intrínseca. A discordância das imagens $i(a)$ e $i'(a)$ implica o sujeito num transitivismo

constante, cuja equação produz duas referências distintas, eu-ideal e ideal do eu, segundo o registro a que elas foram marcadas, a primeira referente à pregnância imaginária e a segunda atravessada pelo simbólico. O lugar conferido ao ideal do eu encontra-se num plano virtual, na realidade projetiva do campo instalado pelo grande Outro (A), que segundo o esquema, encontra-se por de trás do espelho plano, sob a contingência do grande Outro, nas siglas *S,I*. (BONI JUNIOR, 2010, p. 152)

O *eu* está como linha de *ficção irredutível* para o *indivíduo isolado* (LACAN, 1949/1998, p. 98), enquanto solução disposta na condição de sujeito, diante da discordância de sua própria realidade. Vale ressaltar o termo *isolado*. O que Lacan sinaliza é, então: a primeira forma, na qual o sujeito se reconhece, é efeito da antecipação psíquica de uma realidade corporal que não condiz com a maturação de seu corpo orgânico. Esta forma primordial deveria ser concebida como *eu-ideal*, e, portanto, inscreve-se tanto a primeira referência imaginária sobre o *eu*, quanto a matriz simbólica para futuras identificações para o sujeito.

Lacan se ocupa do particular de cada sujeito para a inscrição da matriz do eu, enquanto operação de constituição subjetiva, que inclui o *Simbólico* enquanto registro que enlaça a divisão subjetiva em [*JE*] (“permanência mental do [*eu*]”), *eu* (“estátua em que o homem se projeta”), e simultaneamente delineia a montagem da fantasia primordial (“fantasmas que o dominam”). *Simbólico*, *Imaginário* e *Real* se enodam neste momento. (LACAN, 1949/1998)

Ainda que não haja fala articulada, trata-se da síntese: só é possível um sujeito se situar na cadeia enquanto *eu*. A partir do tema da imagem em sua abrangência com a teoria do estágio do espelho, é possível correlacionar a função da imagem e consequentemente a função do *Imaginário* na organização psíquica, desde as primeiras inscrições para o sujeito humano em sua relação com o campo da linguagem. É a partir desta unidade que o sujeito se integra, e é nesta integração que o discurso do outro abre fenda para a teorização do inconsciente enquanto lugar lógico e estruturado como uma linguagem. É o trilho aberto para o significante operar e representar o sujeito para o outro significante, no qual a unidade de si está sempre deslocada do lugar do que lhe é próprio traço insistente.

É nessa perspectiva desde a teórica do estágio do espelho que se pode extrair índices dos registros *Imaginário* e *Simbólico* sobre a articulação entre as instâncias do *eu* e do sujeito, em que a imagem na qual há o reconhecimento de unidade pela imagem especular também comporta uma mancha constitutiva por ser articulada ao significante que comporta um impossível de se auto significar: *Imaginário* e *Simbólico* respectivamente articulados na estrutura pelos índices da imagem com o *i(a)* e a função simbólica do significante em seu marco original de uma *marcapagada* com o traço unário.

O termo “*mancha*” é utilizado por Lacan na aula “*A esquizo do olho e do olhar*” de 19 de fevereiro de 1964, no seminário “*Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*” (1964). A inclusão desse termo nos aspectos formativos da imagem implica uma lógica análoga ao conjunto vazio que permite os limites da estrutura de um conjunto na teoria dos conjuntos da matemática. O termo “*mancha*” encontra sua gênese em Roger Caillois (1913-1978), e esse pensador é mencionado por Lacan desde 1949 no texto do estádio do espelho, mas explicitamente recuperado na aula referida do seminário 11, ao ponto de Lacan propor uma definição: “*Se a função da mancha é reconhecida em sua autonomia e identificada à do olhar, podemos procurar sua inclinação, seu fio, seu traço, por todos os estágios da constituição do mundo no campo escópico. Percebemos então que a função da mancha e do olhar é ali ao mesmo tempo o que comanda mais secretamente e o que escapa sempre à apreensão dessa forma da visão que se satisfaz consigo mesma imaginando-se como consciência*” (LACAN, 1964i/2008, pp. 77-8).

O efeito dessa articulação pode ser descrito pela sequência da relação do *infans* com a imagem, e a presença necessária, mas não suficiente, do cuidador em ser suporte do campo significativo ao nomear o corpo do *infans* na imagem de totalidade com o nome próprio que lhe foi dado: “*você é você, na imagem que vê e eu reconheço como sua*”.

No artigo de que lhes falo (o artigo referido é seu relatório sobre Lagache de 1960), de onde fiz partir a dialética? De um S, o sujeito como possível, o sujeito porque é preciso falar dele, já que falamos, e cujo modelo nos é dado pela concepção clássica do sujeito sob a condição de que o limitemos ao fato de que ele fala. A partir do momento em que ele começa a falar, o traço unário entre em jogo. A possibilidade de dizer 1 e 1, e mais 1, e novamente 1 constitui a identificação primária. É sempre de 1 que é preciso partirmos. Como representa graficamente o esquema do artigo em questão, é a partir daí que se inscreve a possibilidade do reconhecimento como tal da unidade chamada *i(a)* (LACAN, 1962b/2005, p. 50, meu parêntese).

Trata-se da famosa cena destacada por Lacan no texto de 1949, em que o *infans* se reconhece na imagem do espelho, com a descarga afetiva, pelo júbilo diante de tal reconhecimento. Contudo, é fundamental considerar que tal cena possa ser recortada em três arestas possíveis, e em aspectos distintos a partir dos três registros *RSI* como suporte, ainda que estejam amarradas entre si, por se tratar da mesma experiência dos efeitos de aquisição da linguagem e da função significativa no recobrimento imaginário do corpo, em que um resto que se decanta da própria operação de identificação primordial, como operação fundamental que permite uma amarração dos três registros *RSI*.

Lacan articula o simbólico e o imaginário, o significante e a imagem especular, afirmando que a angústia permite refazer esta articulação. No estádio do espelho, há uma relação essencial entre o momento jubilatório em que o bebê assume sua imagem especular e o movimento que faz ao se voltar para o adulto pedindo assentimento. Este pode ser considerado como o indício da ligação inaugural entre o advento da função da imagem especular $i(a)$ e a relação com o grande Outro. Assim a relação especular encontra-se dependente do fato de que o sujeito se constitui no lugar do Outro, pelo significante. (BONI JUNIOR, 2010, p. 177)

A primeira aresta consiste na própria identificação do *infans* com a imagem, tal qual o *Imaginário* passa a operar na estrutura pela $i(a)$, demarcado pelo júbilo diante do espelho, o que em outras palavras permite afirmar numa relação *dual* entre o *infans* e a própria imagem, ilusoriamente delimitada pela borda que circunscreve a imagem do corpo, e ao que se refere ao campo do *Imaginário*.

A segunda aresta consiste no movimento que decorre no *infans* de se virar para o outro que o segura, realizando um apelo pela géstica corporal, e passa a ser interpretado pelo outro como demanda de reconhecimento, demarcando a lógica da operação de inclusão do semelhante bem como o suporte do significante da nomeação – esse movimento de realizar o apelo passa a ser o índice, na estrutura subjetiva do *infans*, para a função que está condensada no espelho plano incluído no esquema óptico, como representativo da função do Outro articulada ao traço que designa externamente a ressignificação da imagem de si pelo suporte *Simbólico* – que duplica o espaço, entre a imagem e a palavra do outro, situando-se entre a imagem e o significante, a posição do sujeito. Eis a fundamentação do índice da inscrição do registro *Simbólico* na estrutura, pela operação de ganho de valor atribuída à imagem, pelo traço unário, sob a cifra *I* no esquema óptico: significante primordial que situa uma posição entre dois pontos.

Esse acréscimo à cena descrita no texto de 1949 acontece no texto incluído nos “*Escritos*” (1966/1998), “*Observação sobre o relatório de Daniel Lagache 'Psicanálise e estrutura da personalidade'*” (1960a/1998), ou seja, uma década depois do texto propriamente reconhecido para a teoria do estádio do espelho, e retomado no seminário “*A transferência*” (1960-61), na aula “*A identificação por 'ein einziger zug'*” de 7 de junho de 1961.

É que o Outro em que o discurso se situa, sempre latente na triangulação que consagra essa distância, não o é a tal ponto que não se exponha até mesmo na relação especular em seu momento mais puro: no gesto pelo qual a criança diante do espelho, voltando-se para aquele que a segura, apela com o olhar para o testemunho que decanta, por confirmá-lo, o reconhecimento da imagem, da assunção jubilatória em que por certo ela já estava (LACAN, 1960a/1998, p. 685)

A terceira aresta implica o movimento de recuperar a imagem que situa a unidade de si, numa espécie de confirmação do reconhecimento advindo do campo do Outro, apontando para

um resto que opera mesmo quando o significante se articula à unidade de si na imagem de totalidade, e impulsiona ao ato de repetir, a fim de recuperar o circuito que responda à pergunta: *Quem sou eu, e, para o Outro?* A discussão dessa operação de retorno ao ponto original, numa espécie de repetição que incide ao reportório de confirmação, ainda que o reconhecimento de si e o consentimento do Outro já fora realizado, apresenta um resto da operação, um resíduo que passa a ser situado por Lacan como a inclusão do *objeto a* na lógica estrutural da teoria do estágio do espelho no seminário “*A angústia*” (1962/63), na aula “*Do cosmo à Unheimlichkeit*” de 28 de novembro de 1962 . Eis a dimensão do registro *Real*.

No esquema óptico, introduzido na década de 50, tal modelo retrata o que advém do entre jogo do *sujeito* com *eu*, quando a dimensão do *ser* se perde pela inscrição no campo da linguagem, e aponta para a própria lógica do *objeto a* em tal teoria, a partir da década de 60, com o esquema introduzido no seminário da “*A angústia*” (1962-63) Retomo alguns desenvolvimentos do esquema óptico a seguir.

Fig. 15. Esquema óptico 2 de “Observação sobre o relatório de Daniel Lagache” (LACAN, 1960a/1998, p. 681).

Entretanto, não esqueçam que, por outro lado, e graças a uma referência muito mais próxima do real, que é justamente a referência topológica, eu destaquei que a imagem do corpo, o *i(a)* se origina no sujeito, na experiência especular, o pequeno *a*- vocês sabem que instância dou a ele na economia do sujeito e suas identificação – o *a* não tem imagem especular, ele não é especularizável. É justamente aí que está todo o mistério, como, não sendo especularizável é possível sustentar, manter, porque aí reside o fato que advém de nossa experiência, que ele se acha na posição de centralizar todo o esforço da especularização? É daí, lembro, que deve partir toda a questão para nós; mais exatamente, o questionamento do que se trata na identificação e, em especial, na identificação tal como decorre, como se efetiva na experiência analítica. (LACAN, 1965e/2006, p. 143)

O campo organizado sob a cifra *I* no esquema óptico é qualificado como ponto do traço unário, ou do assentimento do grande Outro no jogo do espelho. Esta mesma cifra era localizada em outros esquemas pelo *ideal do eu*, logo, podemos supor que a operação do *ideal do eu* esteja vinculada diretamente à introjeção do grande Outro pelo traço unário, e desta forma atrelada à dimensão simbólica.

No que concerne ao imaginário e seus efeitos, todo campo referente ao espelho é constitutivo desse registro, ainda que a experiência descrita seja mais restrita daquilo que é experienciado. Isto, pois, ocorre em decorrência da própria irrepresentabilidade do que permite o objeto se eternizar numa forma, se fixar para sempre no imaginário. (BONI JUNIOR, 2010, P. 155)

Os lugares lógicos, $i(a)$ e traço unário, apontam para os registros *Imaginário* e *Simbólico*, na medida que são efeitos da inscrição do ser no campo da linguagem. O *Real* passa a se configurar como o resto da operação, aquilo que não é especularizável, escrito por *objeto a*, e passa a ser esquematizado no esquema abaixo da aula na aula de 28 de novembro de 1962, “Do cosmo à *Unheimlichkeit*” (LACAN, 1962b/2005, p. 49)

Fig. 16. Esquema simplificado apresentado em “Do cosmo à *Unheimlichkeit*”. (LACAN, 1962/2005, p. 49)

Esta operação teórica de circunscrever $i'(a)$ de fora do imaginário, auxilia o esclarecimento sobre a intrincada relação entre a fenda constitutiva da imagem do objeto $i(a)$ e o próprio objeto a , na qual é possível extrair uma relação de causação do desejo com a angústia, na articulação da falta da falta. Em outras palavras, estamos discutindo a castração inerente ao esquema óptico, ou pelo menos a interpretação da castração. (BONI JUNIOR, 2010, p. 157)

Essa síntese realizada sobre a *teoria do estágio do espelho* permite extrair as principais referências articuladas ao tema das *estruturas*, pela via da função da imagem na articulação ao significante, e dos efeitos decantados na unidade do *eu* e o espaço pelo qual o *sujeito* possa emergir entre significantes. Além desses elementos, os registros *RSI* passam a ser eixos de orientação para as qualidades distintivas da experiência descrita na teoria do estágio do espelho.

Sobre a teoria do complexo de Édipo e o RSI.

Eu disse, não sei se foi aqui, foi em outro lugar, está no meu discurso de Roma, o último que fiz aquele que chamo o terceiro, disse que se tivesse feito os Nomes do Pai escritos corretamente, teria enunciado uma consistência tal, que ele nos daria razão de certas variações em Freud. Foram necessários a Freud, não três, o mínimo, mas quatro consistências para que isso se sustentasse, a supô-lo iniciado na consistência do Simbólico, do Imaginário e do Real. O que ele chama de realidade psíquica tem perfeitamente um nome, é o que se chama de Complexo de Édipo. Sem o complexo de Édipo, nada de maneira como ele se até à corda do Simbólico, do Imaginário e do Real se sustenta. (LACAN, 1975b, p. 18)

2.3. Considerações críticas sobre a teoria do complexo de Édipo

A segunda teoria em Lacan que aborda a constituição do sujeito, na perspectiva da psicanálise, é conhecida como teoria do complexo de Édipo, essencialmente elaborada ao longo das aulas do seminário “*As formações do inconsciente*” (1957-58), momento em que Lacan elabora o famoso grafo do desejo incluído no texto “*Subversão do Sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano*” (1960c/1998).

Trata-se de uma teoria especialmente complexa, tendo em vista o recorte dado por Lacan em explicitar a lógica da estrutura simbólica do inconsciente, e o modo como é possível ordenar parâmetros da inscrição do símbolo na estrutura de linguagem, pela via da concatenação do significante e de suas incidências em dois significantes primordiais, referidos como *desejo materno* (S_1) e *nome-do-pai* (S_2), em que a partir da operação de substituição, ocorre um efeito de ganho de sentido, pela via da significação fálica, escrita na fórmula da metáfora paterna.

É uma proposta de leitura para o complexo de Édipo, articulado ao complexo de Castração, cujo *descentramento* do mito e da narrativa da configuração familiar apontam para uma interpretação lógica e articulada ao campo significante, proporcionando uma estrutura simbólica denominada de teoria do complexo de Édipo.

Essa é a principal referência na literatura psicanalítica para a formalização da teoria estrutural, e em particular para a concepção de estruturas clínicas em psicanálise, cujos destinos dados à inscrição da metáfora paterna situam as diferentes estruturas da *neurose*, *perversão* e *psicose*, no campo da linguagem. Há uma posição de simetria ou de similaridade, entre os comentadores do texto de Lacan, no estabelecimento da teoria do complexo de Édipo com a teoria estrutural, ainda que Lacan seja explícito em desvincular essa relação entre Édipo e a teoria de negatividade: “*O complexo de Édipo não é de modo algum, como tal, o princípio de uma neurose ou de uma perversão, como habitualmente ensinam a vocês, abordando-o de maneira mais ou menos negativizada*” (LACAN, 1957g/1995, p. 248).

A interpretação da teoria do complexo de Édipo como análoga à inscrição subjetiva no campo da linguagem pode se vislumbrar com o uso dos esquemas, apontados por Lacan no seminário “*As formações do inconsciente*” (1957-58) e recuperados no primeiro capítulo dessa tese, como uma espécie de esquema que elucida a constituição do sujeito, desde a inscrição na cadeia significante pelas incidências dos significantes – *desejo materno* (S_1) e *nome-do-pai* (S_2)

- e dos efeitos metafóricos na significação fálica, vislumbrado pelo eixo metafórico da retroação significante.

O interessante é pontuar que, se há uma associação⁷⁵ entre a teoria do complexo de Édipo e a construção do *grafo do desejo*⁷⁶, a partir das considerações realizadas sobre o ato de inscrição no campo da linguagem, e de certa maneira, com a lógica da estrutura, é possível apreender a teoria do complexo de Édipo comporta os três registros *RSI* como tessituras de suporte para as concatenações significantes realizadas por Lacan, por exemplo, quando em tal grafo é possível apreender os patamares e as associações com os registros *Imaginário* e *Simbólico* no primeiro patamar, e as incidências do *Real* no grafo com o segundo patamar, ainda que ambos os patamares aconteçam simultaneamente em cada ato de fala, tal qual Lacan afirma e Eidelsztein (2017) retoma, aproximando-o à teoria do Édipo.

A complexidade subjacente à teoria do complexo de Édipo pode ser vislumbrada no próprio grafo do desejo, como um complexo conjunto de *matemas* que mantém relações diretamente e indiretamente, tal qual as tessituras de uma cadeia significante, num ato de fala, sob transferência, em que um campo de significantes abre espaço para um efeito de sujeito do inconsciente, ou sujeito barrado (\$).

O grafo do desejo pode ser o esquema que conjuga uma série de operadores que derivam da teoria do complexo de Édipo, mas inclui a possibilidade de localizar as instâncias extraídas da teoria do estágio do espelho como a instância do *eu* e a imagem especular. Eidelsztein (2017) aponta a possibilidade de realizar uma leitura de tal grafo a partir dos conceitos de necessidade, demanda e desejo, ao ponto de relaciona-lo com as estruturas clínicas, em sua divisão *neurose*, *perversão* e *psicose*.

É exatamente nessa esteira de relação entre grafo do desejo e teoria do complexo de Édipo que se encontra a tendência interpretativa, e, com certo cunho de elucidar a complexa teoria de Lacan, em descrever três maneiras distintas para a encruzilhada estrutural de inscrição no campo da linguagem, reduzindo-a em três trajetórias pelos três tempos do Édipo, que são estruturantes para o engendramento significante, e consequentemente para o sujeito. São descritos três mecanismos frente à inscrição da metáfora paterna que permitem diferenciar as

⁷⁵ Ainda mais, se há uma interpolação entre a teoria estrutural, complexo de Édipo e o grafo do desejo; não seria antecipado e epistemologicamente inconsistente afirmar que cada elemento do grafo possa ser considerado operadores que decantam da operação subjacente à tal teoria.

⁷⁶ O grafo do desejo será incluído nessa tese em momento mais oportuno, a saber, no subitem do capítulo mencionado na nota de rodapé acima. Contudo, caso o leitor já se sinta impelido a retomar tal grafo, recomendo o texto “*Subversão do Sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano*” (1960c/1998), em que a inclusão do grafo na publicação dos “*Escritos*” (1966/1998) ocorreu com a supervisão de Lacan e seu consentimento em 1966 n França.

estruturas clínicas: (*Verwerfung*) *foraclusão* para a psicose, (*Verdrangung*) *Recalque* para a neurose e ou (*Verleugnung*) *denegação* para a perversão.

Sujeito da linguagem é aquela consideração do ser humano como estritamente distinto de todo ser dado natural, e implica, tal como no *grafo 1*, não o encontro com *o* significante, mas com ao menos dois. Em termos do *grafo 1*, com ao menos dois pontos de cruzamento, que devem-se considerar significantes em si mesmos. Assim, o sujeito da linguagem, atravessado pela linguagem, o \$, é o produto do encontro com ao menos dois significantes, articulados no *grafo 1* (esquema n. 3) (EIDELZSTEIN, 2017, p. 84)

Esquema n.3 (Eidelsztein utiliza esquema similar ao proposto acima, com a inserção de S₁ e S₂ nos pontos que se cruzam com o eixo da cadeia significante).

A teoria dos três tempos do complexo de Édipo (LACAN, 1968b/1999), que aprofundo nessa seção, é o grande crivo teórico para tais afirmações, e não seria equivocado afirmar que grande parte delas é extraída apenas e exclusivamente do seminário *As formações do inconsciente* (1957-58), o que me permite colocar a questão: *Como a comunidade psicanalítica compreende a teoria da do estágio do espelho (1936-1964, essencialmente (BONI JUNIOR, 2010) e a teoria da alienação (1964) em relação às concepções de sujeito, eu e ser, em psicanálise?*

A constituição do sujeito não envolve apenas os modos de relação com a negatividade, mas os modos de divisão, de separação ou alienação na própria relação do sujeito com a linguagem. Se confundirmos as coisas somos levados a falsos problemas tais como a ideia de que o psicótico estaria fora da linguagem – ou do simbólico – ou, ainda, a ideia de que não há sujeito na psicose. Vários outros problemas se agrupam aqui: os fenômenos psicossomáticos, as depressões, as variações da angústia [...]. (DUNKER, 2006, p. 125)

Comentando a passagem de Dunker (2006a), que revela a circunscrição excessiva dos materiais de análise para a noção de estruturas clínicas em psicanálise, é possível revelar a recorrência de um equívoco conceitual bastante importante a respeito da confusão entre *Simbólico e linguagem*, que Dunker (2006a) aponta, e que discuti no primeiro capítulo dessa tese, a respeito das apropriações realizadas por Lacan da linguística.

É partir do simbólico, portanto, que se pode fazer o diagnóstico diferencial estrutural por meio dos três modos de negação do Édipo – negação da castração do outro – correspondentes às três estruturas clínicas. Um tipo de negação nega o elemento, mas o conserva, manifestando-se de dois modos: no recalque (*Verdrangung*) do neurótico, nega conservando o elemento inconsciente e o desmentido (*Verleugnung*) do perverso, o nega conservando-o no fetiche. A *foraclusão* (*Verwerfung*) do psicótico é um modo de negação que não deixa traço ou vestígio algum: ela não conserva: arrasa. Os dois modos de negação que conservam implicam a admissão do Édipo no simbólico, o que não acontece na *foraclusão*. (QUINET, 2002, p. 19)

Quinet (2002) realiza uma articulação sobre as *estruturas clínicas* de modo exemplar, na perspectiva de como ocorrem as conjugações entre *estrutura* e *Édipo* na literatura⁷⁷. Não há equívoco conceitual. O que ocorre é uma espécie de *redução teórica para o conjunto das estruturas clínicas*, e repetitiva, como o leitor constatará com outros comentadores a seguir, quando se encontra uma formulação similar de autores, inclusive franceses, sobre a conjugação exclusiva ao *Édipo* e ao modo como, no *Simbólico*, tais operações de negação acontecem.

Em estudo recortado exclusivamente sobre a teoria do Édipo na psicanálise de Lacan e em Freud, Quinet (2015) acompanha as diferentes modalidades de enquadrar tal constructo teórico a outros grupos conceituais, como a teoria do Édipo e os três registros *RSI*, a teoria do Édipo e o *Nó-Borromeu*, e o Édipo e as fórmulas da sexualização, para citar alguns, permitindo um tipo de conclusão dedutiva para a teoria do Édipo que não fique reduzida ao período da década de 1950, tal qual os comentadores de Lacan tendem a afirmar. A teoria do complexo de Édipo é um dos pilares para se compreender a teoria da estrutura simbólica em Lacan, para além das determinações ambientais a que ficou reduzido pelo recorte *Imaginário*, em sua ordem mítica. “Lacan, em seu Seminário 13, afirma que Freud fez um nó borromeano com quatro – e para isso colocou a realidade psíquica, cujo nome é complexo de Édipo, como o quarto elo enlaçando os três registros: real, simbólico, imaginário”. (QUINET, 2015, p. 54).

Um derivado da concepção de estruturas em relação ao Édipo consiste nas formulações a respeito da metáfora paterna, e do que subjaz da operação articulada entre dois significantes (S_1 e S_2)⁷⁸ com o valor atribuído ao ganho de sentido em tal articulação, sob o campo da

⁷⁷ Em certa medida, esse maneirismo interpretativo pode ser reflexo de como a teoria psicanalítica das estruturas passa a ser compreendida, em virtude dos efeitos de autoridade dos grandes comentadores que elaboravam esse recorte desde a circulação das ideias lacanianas, que, por haver certos problemas políticos envolvidos, era complicado o acesso direto com o material de Lacan, que até hoje está sob problemas de direitos e publicação.

⁷⁸ A função da metáfora paterna em relação às operações primordiais *Bejahung* e *Verwerfung* retorna na sequência da argumentação, e será um recorte conceitual bastante prolífero para as considerações que Lacan realiza sobre a distinção entre *espaço* entre os significantes e o termo *holófrase*. Ao que se pode antever nas considerações de Lacan sobre a metáfora paterna, em tom antecipatório, é que tal concepção responde ao enigma da concatenação significativa quando há um *espaço* entre S_1 e S_2 , e isso torna-se índice de uma inscrição, enquanto há a possibilidade de que tal inscrição não ocorra devido a uma operação subjacente e hipoteticamente anterior. A conjugação entre dois cortes, como substrato primeiro dessa tese, fica bastante evidente a depender do modo como se opera a leitura sobre o texto de Lacan. Trata-se de uma interpretação, de uma posição sobre tal ensino.

linguagem, que passa a ser confundido por *Simbólico*, tendo em vista que a metáfora paterna é uma operação essencialmente simbólica, e, portanto, um ato subjetivo, e não uma operação decorrente necessariamente da linguagem, quando essa passa a ser concebida como um campo de significantes.

Esse ponto é tão fundamental que, nas passagens extraídas de comentadores importantes da teoria lacaniana, encontramos uma certa indistinção desses conceitos, ou mesmo de uma confusão como apresentei na seção introdutória. E isso não é mero preciosismo teórico: isso traz consequências importantes sobre as qualidades das estruturas clínicas, principalmente em relação à psicose, quando poder-se-ia concluir que a *estrutura da psicose* está fora da linguagem, tendo em vista a *Verwerfung*, como adverte Dunker (2006a).

A metáfora do Nome-do-Pai é um processo inaugural da evolução psíquica em diversos sentidos. Além de permitir à criança advir como Sujeito, ascendendo ao simbólico (e à prática da língua materna), ela institui uma estrutura de divisão psíquica (*Spaltung*) irreversível no sujeito. Ora, o próprio princípio que governa a metáfora do Nome-do-Pai é sustentado exclusivamente por um efeito de significante, especialmente de substituição significante. é, por, exatamente, a ordem do significante que faz advir a o sujeito em sua estrutura da divisão. O que é uma outra maneira de dizer que o sujeito é dividido pela própria ordem da linguagem. (DOR, 1989, p. 100)

Dor (1989) é um importante comentador da obra de Lacan, na França e com grande ressonância no Brasil. Em seu importante livro, já comentado nessa tese, “*Introdução `à leitura de Lacan: o inconsciente estruturado como linguagem*” (DOR, 1989), com a citação acima, extraída da abertura do capítulo “*A divisão do sujeito e o advento do inconsciente pela ordem significante*”, Dor realiza uma síntese de uma outra perspectiva sobre as estruturas clínicas a respeito de sua lógica de formação na teoria de Lacan.

A citação produz tantas reflexões que irei recorta-la e comenta-la por partes que julgo fundamentais para o desenvolvimento de minha argumentação, e nesse caso, levantando a hipótese de alguns equívocos cometidos pelo autor, em comparação com as afirmações de Lacan sobre a teoria do complexo de Édipo ao longo da seção, correspondentes ao próprio período sinalizado por ele, a saber, a década de 1950.

De partida, o autor afirma que a “*metáfora do Nome-do-Pai é um processo inaugural da evolução psíquica*” (DOR, 1989, p. 100). A despeito de um certo estranhamento com a alteração realizada, sobre “*metáfora do Nome-do-Pai*”, em relação ao modo como Lacan o faz em seu ensino, a saber, “*metáfora paterna*” (LACAN, 1956e/1998, p. 561; 1958b/1999, p. 166), ou ainda, “*significante Nome-do-Pai*” (LACAN, 1958a/1999, p. 153), o que mais se torna evidente são os termos *processo* e *evolução*.

Conceber a operação da metáfora paterna como um *processo* implica a ideia de um movimento que decorre de uma sequência de etapas, e, portanto, uma lógica subjacente de encadeamento do qual é possível uma conclusão: um processo que decorre numa linearidade temporal. Esse é um problema análogo que se encontra com a teoria do estágio do espelho.

Se a concepção subjacente à encruzilhada estrutural, tal qual o autor sinaliza em seu texto, de fato se tratar de um *processo*, não é equivocado com o repertório do autor que se trata de uma *evolução* psíquica. Contudo, saliento que isso é um recorte da leitura de Lacan, intuir que tal experiência seja efeito de um processo e que marca uma estrutura que é produto de uma evolução, e que se distancia do como eu interpreto e me posiciono sobre o texto de Lacan.

Os efeitos colaterais da interpretação de processo e evolutiva para a estruturação subjetiva ainda pode ser vislumbrado, na afirmação seguinte de Dor, em “*Além de permitir à criança advir como Sujeito, ascendendo ao simbólico*” (DOR, 1989, p. 100). A suposição de que a criança possa advir como sujeito, ao acender ao *Simbólico*, traz dois problemas para a concepção estrutural. O primeiro vinculando a criança em uma anterioridade cronológica ao conceito de sujeito em psicanálise, produzindo o efeito de sentido de que a criança nasce, e isso já se trata de um *lugar*, como se averigua no texto de Pacheco (2012).

Em Lacan, uma possibilidade de tratar desse impasse pode ser realizado pelo termo assujeito, tal como na passagem a seguir, em que Lacan marca um princípio da subjetividade humana como assujeito, em relação aos cuidados da mãe, que virá a ser a temporalidade mítica da completude de ser objeto do gozo do Outro. “*Pois bem, digo que a criança se esboça como assujeito. Trata-se de um assujeito porque, a princípio, ela se experimenta e se sente como profundamente assujeitada ao capricho daquele de quem depende, mesmo que esse capricho seja um capricho articulado*” (LACAN, 1958c/1999, p. 195).

Essa anterioridade cronológica, correlacionada com os termos *processo* e *evolução* se tornam ainda mais evidentemente problemáticos com a relação estabelecida com o registro *Simbólico*, quando nos debruçamos sobre a expressão “*ascendendo ao simbólico*”, evidenciando o segundo problema, a saber, a própria concepção de *Simbólico* e efeito de enlace em relação a tal registro.

A concepção filosófica implícita ao verbo *ascender* remete a um tipo de desenvolvimento espiritual, calcando uma territorialidade superior em detrimento de outras qualidades mundanas. Esse recorte de sentido de enlace ao *Simbólico*, em psicanálise, pode produzir uma estratificação de qualidade para o termo *simbólico*, colocando-o como um tipo de evolução desenvolvimentista, para o qual relega crivo negativo de não-ascender, caso o índice

do *Simbólico* não se inscreva numa certa estrutura, como é o caso da psicose. Ainda mais, que concepção de *Simbólico* está presente no autor, que permite afirmar um tipo de operação de desenvolvimento em que a criança poderia ascender ao *Simbólico*? Seria uma concepção psicológica análoga às das teorias do desenvolvimento?

É em decorrência desse tipo de leitura, que muitas vezes, a interpretação das estruturas clínicas incide num processo de desenvolvimento e que poderia ser alterável a depender de um tipo de intervenção sobre a criança que a permite “*ascender ao simbólico*”, como se encontra em leituras apontadas na seção introdutória em “Problemas da *referência* e da *temporalidade* para o conceito de *estrutura*”.

Vamos imaginar que encontrássemos nosso bebê não aos quarenta dias, mas com um ano, sem que o laço com o Outro primordial tivesse se estabelecido. O que teria acontecido com sua estruturação subjetiva, com sua construção neurológica? A hipótese que nos é dada por Laznik (1997) seria a elisão, mecanismo de defesa próprio destas primeiras inscrições, aquém do recalcamto originário, que caracteriza o autismo. (SANSON, 2006, p. 63)

Um exemplo desse pode ser vislumbrado na citação acima, a partir do trabalho importante com bebês realizados por Sanson (2006), cujos efeitos descritos são bastante expressivos, mas que se sustentam numa leitura psicanalítica com consequências teóricas importantes, por exemplo numa correlação entre “*estruturação subjetiva*” e “*construção neurológica*” (SANSON, 2006, p. 63), ou ainda sob o termo “*aquém*” que se entrelaça a um tipo de recalcamto, logo uma qualificação de “*ascense*” ou “*aquém*” em relação ao campo da linguagem, que quadros como o do “*autismo*” estariam pautados, não pela fenomenologia envolvida nos efeitos de retorno de como a linguagem opera na subjetividade, mas por um *déficit* de recalcamto.

A depender das possibilidades de atravessar tal temporalidade, extrai-se uma concepção sobre a subjetividade estrutural, apontando novamente o problema análogo às formações do *eu* e de suas imagens, através da teoria do estágio do espelho, e a interpretação cronológica de tais formalizações de Lacan.

A concepção cronológica ou desenvolvimentista da teoria do Édipo aplica ao período marcado pela inscrição da metáfora paterna ou mesmo da identificação a uma unidade do corpo, como tempo de escansão subjetiva, um recorte que posiciona o sujeito diante do campo da linguagem e do *desejo*⁷⁹, como um efeito de etapas sequencias das inscrições significantes e,

⁷⁹ Além das complicações referentes ao conceito de *simbólico*, há um efeito colateral que subjaz à tal confusão, remetendo ao desejo uma categoria híbrida e indistinta em relação à vontade, quando se sustenta uma lógica *desenvolvimentista* para a noção estrutural. O termo *desejo*, em psicanálise, permite circunscrever uma diferença

portanto, atreladas às noções de fixação a uma etapa, ou mesmo de falha, como para os casos de psicose, como por exemplo na citação abaixo.

Com este acidente, que é a *foraclusão* do “significante primordial” ou do significante Nome-do-Pai, como Lacan também o denominou, desorganiza-se a relação do sujeito com a ordem simbólica e, como consequência, altera-se o registro do Imaginário, acarretando profunda modificação na estrutura narcísea. Nestas circunstâncias, o “sujeito” (que o momento não chega a sê-lo) é lançado numa regressão à fase do espelho, vê-se num vazio, que decorre da fragmentação da imagem corpora e da desestruturação do fantasma. A sintomatologia psicótica decorrerá do puro efeito significante, que ao nível do particular toma consistência do Real. (SOUZA FILHO, 1988, p. 69)

De acordo com as concepções de Souza filho (1988), que entendo ser um trabalho que representa essa modalidade de compreender o ensino de Lacan, na psicose há falha primitiva no desenvolvimento psicosssexual, em que a possibilidade de manejo *Simbólico* da linguagem é insuficiente ou ausente, e tal fato está intimamente relacionado com a não produção de uma unidade corporal, em que as relações de completude entre mãe e bebê não impulsionam à criança um movimento de contato efetivo com a realidade a ponto de que ocorram, por exemplo, uma regressão à fase do espelho⁸⁰, em que a unidade corporal, apresentar-se-ia pelo corpo como desfragmentado, e a não inscrição dos aspectos simbólicos da linguagem para o sujeito, o que em termos metapsicológicos implica a *não* inscrição do Nome-do-Pai; a *foraclusão*.

O fato da estrutura do complexo de Édipo seja sempre exigível, nem por isso dos dispensa de nos apercebermos de que outras estruturas do mesmo nível, do plano da lei, podem desempenhar, num caso determinado, um papel igualmente decisivo. (LACAN, 1954f/1986, p. 240)

conceitual para tal substantivação, quando em uso corrente na linguagem, tal qual se pode encontrar em sua definição no dicionário. No entanto, desde Freud e, principalmente, em Lacan, é fundamental que a essa terminologia seja conferida um rigor conceitual, e que sobre ela, de partida, haja uma distinção com o termo *vontade*. Desejo e vontade são distintos, enquanto conceitos em psicanálise, que delimita para o primeiro a dimensão inconsciente propriamente dita, sobre a qual a realidade psíquica e a dimensão do desejo permitem uma série de correlações. Logo, o conceito de desejo remete à um produto de uma operação que se decanta, em Freud, a partir das experiências da satisfação da necessidade e a ativação do traço mnésico oriundos das identidades perceptivas e identidades de representação (FREUD, 1900/1996, p.595), e que em Lacan sobre a falta de um resto da demanda, que é parcialmente satisfeita, e por isso implica numa conjugação interpretativa, e, dessa forma, num recorte simbólico de uma articulação *falo* em relação ao avesso *castração* (LACAN, 1959d/2016, p. 413). Logo, ao que me parece, o conceito de desejo é oriundo de uma articulação essencialmente simbólica, e demanda, uma operação que explicita os meandros de tal inscrição, como se pode averiguar sobre a *Bejahung-Verneinung*.

⁸⁰ A referência da autora à “*regressão à fase do espelho*” é uma menção implícita à teoria do estágio do espelho, e não raro, comentadores da obra de Lacan fazem menção à teoria numa analogia ao ocorrido, não só à dimensão hipotética da constituição subjetiva em termos cronológicos, referente ao modo de lê-la, mas, também, sob os efeitos clínicos. Discuti em meu mestrado, “*O estágio do espelho de Jacques Lacan: gênese e teoria*” as implicações de se realizar uma leitura teórica e afirmo que nem sempre coaduna com a proposta de Lacan quando um comentador “apodera-se do uso teórico desenvolvido em 1949 e o abstrai para uma categoria clínica que nem sempre abarca a dimensão conceitual envolvida no termo” (BONI JÚNIOR, 2010, p. 131).

A montagem da estrutura pela *teoria do complexo de Édipo* ocorre a partir do efeito de dois cortes, que operacionalizam os três tempos do Édipo em dois momentos fundamentais de inscrição significante e da articulação interpretativa entre *falo* e *castração*, ou dos índices *falo Imaginário* e *falo Simbólico*, em sua articulação ao objeto perdido, a partir de “*As formações do inconsciente*” (1957-58) e, do retorno realizado por Lacan em o “*O avesso da psicanálise*” (1969-1970), sobre a lógica do Édipo e de seu resíduo como *estrutura simbólica*.

Toda a questão, ainda assim, remete ao modo como se concebe a inscrição no campo da *linguagem*, e as distintas formas de e constatar as modalidades de tal inscrição. Se o esforço freudiano em apresentar a *neurose* e a *psicose* como quadros operacionais distintos em relação às instâncias psíquicas do aparelho de linguagem, é exatamente na medida em distinguir duas operações, ou duas etapas sobre as relações entre o externo e o interno, em Freud, e das relações de um corpo com o campo da linguagem e do objeto que resta, das inscrições primordiais *Bejahung-Verneinung* e *Verwerfung*, que nem sempre aparecem nos comentadores dos escritos lacanianos. “*Essa dupla volta da qual fornecemos a teoria presta-se, com efeito, a uma outra costura, ao lhe oferecer uma nova borda: aquela de onde ressalta uma estrutura muito mais apropriada do que a antiga esfera para responder pelo que se propõe ao sujeito como dentro e fora*” (LACAN, 1966d/1998, p. 369).

Lacan, em seu seminário “*A angústia*” (1962-63), quando explora um ponto de inflexão em sua teoria sobre a constituição do sujeito, ao se debruçar sobre as implicações de sua concepção de *objeto a* na estrutura, ou ao que viria a se chamar de teoria da causação do sujeito; Lacan recupera o problema da aquisição da linguagem na perspectiva do psicólogo do desenvolvimento *Jean Piaget*, na aula de 12 de junho de 1963, intitulada “*A torneira de Piaget*”, a fim de evidenciar a radicalidade de sua concepção, e aproximar os psicanalistas dos possíveis equívocos que sua teoria poderia acometer aqueles que confundissem *constituição e ato psíquico* com *desenvolvimento e processo de aquisição*.

Há duas dimensões das relações com a linguagem, implícitas na teoria de Lacan, a primeira vinculada ao *ato de inscrição a tal campo*, e aquela que se vincularia com os *recursos de linguagem advindos de tal inscrição*; novamente dois cortes tal qual proponho nessa tese. A estratégia que Lacan traça para estabelecer essas relações aponta para um circuito com diferentes retornos sobre a *causa da estrutura*, a saber, o *objeto a* em seus estatutos de resto inassimilável do ato primordial de inscrição no campo da linguagem, e seus recobrimentos a depender de uma lógica de desenvolvimento psicosssexual, análoga à Freud (1905/1996). A argumentação de Lacan aponta os equívocos de Piaget e, de forma um tanto aproximada, eu os

aproximo com os problemas encontrados anteriormente sobre a *referência* e a *temporalidade* sobre a *noção estrutural*, e o modo como se concebe as apropriações dos conceitos da linguística por Lacan. “*De fato, a linguagem se aprende. Mas o que a linguagem faz fora do campo da aprendizagem, foi preciso a sugestão de um linguista – Jakobson, para citá-lo nominalmente – para que se começasse a ter interesse nisto*” (LACAN, 1963d/2005, p. 316).

Souza Leite (2010) permite uma amarração entre a lógica estrutural e a menção de Lacan a Jakobson sobre as implicações conceituais da *linguagem* e do *Simbólico*, desde a linguística e das apropriações realizadas pelo psicanalista francês.

Metáfora paterna é uma figura de linguagem que Lacan eleva, partindo de Jakobson, à condição de um dos eixos estruturantes do inconsciente. Para Freud esses eixos eram o deslocamento e a condensação. Lacan os equiparou 1ª descoberta de Saussure sobre os eixos constituintes da linguagem que seriam o sintagma e o paradigma. Lacan pensou-os em termos de metonímia e metáfora, respectivamente. (SOUZA LEITE, 2010, pp. 83-4)

É a problemática em torno dos conceitos de *linguagem* e de *Simbólico* que as interpretações sobre as estruturas criam campos teóricos distintos sobre a *noção estrutural*. O esforço em desenvolver hipóteses sobre casos de *psicose* ou de *autismo* pode gerar uma série significações sobre a própria noção estrutural envolvida, cujas principais tendências são a de conferir um efeito de qualificação deficitária para os quadros de autismo e psicose, tendo em vista a confusão dos aspectos estruturais e fenomenológicos de tais funcionamento.

Não se trata de afirmar que tais correntes, ou mesmo a autora em questão, queira submeter tal significação sobre os casos apresentados, ou sobre as terminologias utilizadas em seu trabalho. Não cabe discutir as intenções das autoras ou autores em questão, pois o que resta da transmissão, da própria psicanálise, é o escrito e os recursos de articulação conceitual entre teoria e clínica, que, como se pode intuir, trazem consequências importantes tanto para a teoria quanto para a prática em psicanálise. Ou seja, ainda que haja um trabalho terapêutico importante realizado, as conjugações teóricas, que são realizadas para compor a base conceitual de tal atuação, implicam consequências para a transmissão da psicanálise de modo bastante complexo, como as noções de temporalidade de montagem da estrutura, referência distintiva entre fenômeno possível e patologia, e, principalmente, o enrijecimento e proliferação de valoração sobre diferentes tipos de funcionamento, que poderiam levar a um horizonte clínico de normatização em psicanálise, dirigido à estrutura da neurose, por exemplo.

Faria (2011), ao analisar a leitura de Lacan sobre os efeitos que Melanie Klein descreve sobre o caso Dick, aponta para uma conclusão semelhante a que discuto nesse ponto da seção,

sobre uma certa questão teórica em relação à clínica, a saber, ainda que hajam consequências clínicas a depender de um pressuposto teórico, como a leitura imaginária do Édipo realizado por Klein, os efeitos do tratamento psicanalítico no campo das psicoses é inegável: “*Mas considerar que o Édipo funcione como referência imaginária não implica, entretanto, desconsiderar a importância de seus efeitos nas psicoses. Ao contrário, trata-se de efeitos tão impressionantes, que são justamente eles que podem nos ensinar sobre o manejo e a direção do tratamento nas psicoses*” (FARIA, 2011, p. 142).

Do enredo proposto por Freud sobre o mito de Édipo, Lacan extrai uma fundamentação teórica, pela via da inscrição do campo da linguagem e uso do símbolo como recurso fundamental para o encadeamento significativo, que subverte a noção de sujeito, posta dimensão do inconsciente, em sua articulação com a metáfora paterna e a significação fálica diante da castração.

É essencialmente em seu livro “*As formações do inconsciente*” (1957/1958)⁸¹ que Lacan explicita a teoria de Freud sobre as três operações de negatização diante da constatação da castração materna, concomitante à descoberta da masturbação e diferença anatômica entre os sexos; momento importante da travessia de organização genital, na teoria freudiana – para os meninos e para as meninas, ainda que com diferenças importantes sobre as dissoluções do conflito edípico- neste aspecto, ver FARIA (2010, pp 25-40).

Ele é um ponto-referencial – talvez não haja palavra melhor – em torno do qual vocês poderão agrupar os elementos das observações, fazendo a si mesmos esta pergunta em cada caso particular: qual é a configuração especial da relação com a mãe, com o pai e com o falo que faz com que a criança não aceite que a mãe seja privada, pelo pai, do objeto de seu desejo? Em que medida, num caso, é preciso apontar que, em correlação com essa relação, a criança mantém uma identificação com o falo? (LACAN, 1958c/1999, p. 192)

A lógica subjacente à teoria da inscrição da metáfora paterna, atrelada ao termo “*ponto-encruzilhada*” (LACAN, 1958d/1999, p. 223), ou de uma decisão estrutural, aponta para uma outra série de problemas para a concepção estrutural, em especial ao modo como o registro *Simbólico* é compreendido.

Um bom exemplo da compreensão desenvolvimentista dessa teoria pode ser expresso da seguinte forma. O “*ponto-encruzilhada*” passa a ser lido como uma referência de interdição

⁸¹ Segundo Faria (2010), Lacan retorna à teoria do Édipo nos anos de 1969/1970, e faz reformulações importantes quando incide a teoria dos *quatro discursos* e as dimensões do *Real*, logo do *objeto a*, em tal teoria. Não adentraremos nestas minúcias, pois o interesse se concentra, por enquanto, na gênese da teoria das estruturas, e, portanto, do Édipo.

operada pela imaginarização da função simbólica do pai, configurando a inscrição para a neurose, por exemplo. Quando há a falha em tal inscrição, instaura-se a *estrutura da psicose*.

Em síntese, a inscrição da metáfora paterna ocorreria em três tempos, cujo desenvolvimento implicaria uma espécie de *avanço* ou *regressão* sobre os tempos do Édipo. Uma interpretação sobre o que Lacan apresentou em seu ensino, mas numa perspectiva que enquadra tal teoria numa leitura cronológica dos tempos do Édipo e dos efeitos subjacentes dos registros no suporte da concatenação significativa. Essa tendência aparece quando os autores procuram levar em consideração as maturações do organismo, ou a própria dimensão da corporalidade nas teorias da constituição do sujeito, como Jerusalinsky (1998) propõe em suas articulações teóricas.

A inscrição da metáfora paterna implica a transmissão simbólica do pai – ao que seria a própria dimensão da interdição do desejo, ou a barra que atravessa a divisão do sujeito. A ordem da castração é exatamente essa interdição significativa, cujo tratamento do espaço concernente entre S_1 e S_2 , é realizado pela convocação de um significante que signifique outro significante, a fim de que haja uma significação para o próprio vazio: ou seja, a castração é o tratamento *Simbólico* dado ao vazio concernente ao próprio significante, o que distanciaria qualquer aproximação da castração com as modalidades de perda *Real*, mas de um eixo interpretativo duplo que aponta tanto para a falta quanto para a possibilidade da resposta, pela via da significação fálica. Eis o principal índice da possibilidade Simbólica desde uma operação primordial, que permite a diferenciação entre os campos *Imaginário* e *Real*, tal qual Lacan sinalizou na teoria do estádio do espelho. O nome do pai metaforiza o desejo da mãe. Existe uma lei que interdita a mãe e faz instaurar tal lei que transmite o falo como significação inacessível recalcada.

Existem graus, é claro, e essa relação não é a mesma na neurose, na psicose e na perversão. mas essa configuração, de qualquer modo, é nodal, nesse nível, a questão que se colocar é ser ou não ser, *to be or not to be* o falo, no plano imaginário, trata-se, para o sujeito, de ser ou não ser o falo. A fase a ser atravessada coloca o sujeito na situação de escolher.

Ponham também escolher entre aspas, porque o sujeito é tão passivo quanto ativo nisso, pela simples razão de que não é ele quem manipula as cordinhas do simbólico. (LACAN, 1958c/1999, p. 192)

Eis o espaço que permite os primeiros indícios da simbolização, ou inscrição do significante primordial desejo da mãe, implicando a dimensão da falta e a reposta fálica, por um outro significante *Nome-do-pai*.

A partir de agora, quando se trata do ter ou não ter, somos levados a fazê-lo entrar em consideração. Para começar, convém assinalar que ele é, fora do sujeito, constituído como símbolo. Isso porque, se assim não for, ninguém poderá intervir realmente como revestido desse símbolo. É como personagem real, revestido desse símbolo, que ele passa então a intervir efetivamente na etapa seguinte. (LACAN, 1958c/1999, p. 193)

Assim, os tempos do Édipo são marcados por dois cortes lógicos, e passam a ser analisados pela lógica de uma teoria que explicita a inscrição de dois significantes primordiais, S_1 e S_2 , bem como do espaço entre eles, sobre o qual deslizará os operadores de um certo conjunto estrutural, a saber aquele essencialmente *Simbólico* de suporte para o objeto, como a *neurose*, e em certa medida a *perversão*.

O primeiro corte vincula-se à passagem de um momento mítico, ilustrado pelo termo *assujeito*, para a incidência do estatuto de inscrição da alternância entre *presença* e *ausência* do pequeno outro cuidador, essencialmente a mãe, que diante da ausência isso pode, ou não, ser lido como a falta que aponta para o enigma do desejo, como efeito da inscrição de um significante que nomeia essa falta, S_1 : isto é, o desejo do Outro como enigma que, tanto aponta para uma falta como para uma resposta para a falta, o falo em sua dimensão imaginária ($-\phi$). “*Essa função imaginária do falo, portanto, Freud a desvelou como pivô do processo simbólico que arremata, em ambos os sexos, o questionamento do sexo pelo complexo de castração*” (LACAN, 1956e/1998). É a dimensão da escrita da barra na dimensão do sujeito e no campo do Outro, como efeito desse primeiro corte, pelo S_1 .

O segundo corte deriva da própria privação, como ponto nodal para o complexo de Édipo, em que o estatuto *Simbólico* do objeto alcança seu estatuto de alternância sobre a própria resposta ao desejo do Outro, pela via do falo *Simbólico*, como recobrimento do objeto *real* impossível de ser alcançado, pela própria insistência da demanda. A passagem aponta para a barra do terceiro excluído da equação, aquele que é vetor do falo, encarnado como a resposta ao desejo do discurso materno, a saber, a incidência do significante nome-do-Pai, S_2 . “*A metáfora paterna desempenha nisso um papel que é exatamente o que poderíamos esperar de uma metáfora – leva a instituição de alguma coisa que é da ordem do significante, que fica guardada de reserva, e cuja significação se desenvolverá mais tarde*” (LACAN, 1958c/1999, p. 201).

A inscrição da metáfora paterna implica a articulação de dois significantes, S_1 e S_2 , que por haver um espaço entre eles, aponta para o índice da simbolização, e o ganho de sentido da própria substituição significativa, qual seja, a significação fálica. “*A metáfora é essa função que procede usando da cadeia significativa, não em sua dimensão conectiva, na qual se instala todo uso conectivo, mas na sua dimensão de substituição*” (LACAN, 1957e/1995, p. 387). A possibilidade de inscrição do símbolo do *Simbólico*, pela via do nome-do-Pai na metáfora,

remete à diferenciação entre os registros *Imaginário* e *Real*, e a própria dimensão do campo do desejo como a interpretação do espaço entre os significantes. “*Qual é a via simbólica? É a via metafórica. [...] é na medida em que o pai substitui a mãe como significante que vem a se produzir o resultado comum da metáfora, aquele que se expressa na fórmula que está no quadro*” (LACAN, 1958b/1999, p. 181).

Lacan propõe uma fórmula para a metáfora paterna, através da inscrição de dois significantes, S_1 (como significante do desejo materno) e S_2 (significante nome-do-Pai), articulando um efeito de substituição de S_1 por S_2 , tal qual numa associação de significação, desde a qual se decanta um produto significante com ganho de valor denominado fálico: logo, o efeito o da metáfora paterna é um ganho de significação pelo ponto de estofo apontando a significação fálica.

A distinção entre o imaginário, o simbólico e o real talvez não seja bastante para expor os termos deste problema, que, a partir do momento em que pode ser engajado na realidade, não me parece próximo de ser resolvido. Mas essa história nos tornará mais fácil formular, como desejo fazer hoje, o termo no qual, não em si, mas para o sujeito, pode se inscrever a sanção da função do pai. (LACAN, 1957i/1995, p. 387)

Essa teoria narrativa sobre a inscrição da metáfora paterna é acompanhada de uma escrita lógica, em torno de uma fórmula análoga à uma fórmula matemática, já delineando as sustentações da estrutura para além da linguística e antropologia, em Lacan.

Sem dúvidas, convém neste ponto não se demasiado sistemático. Este tipo de lógica é novo. Se a prosseguimos, talvez, ela deva ser simplesmente introdutória a um certo número de questões quanto ao seu formalismo. Teria ela as mesmas leis que regem o que já pôde ser formalizado nos outros domínios da lógica? Freud já começou na *Traumdeutung* a nos dizer algo sobre a lógica do inconsciente, em outras palavras, significantes no inconsciente. Essa não é, com certeza, a nossa mesma lógica costumeira. Boa parte da *Traumdeutung* é consagrada a nos mostrar como um certo número de articulações lógicas essenciais, o ou...ou, a contradição, a causalidade, podem se transportar para a ordem do inconsciente. Essa lógica pode ser distinta da nossa lógica costumeira. Como a topologia é uma geometria de borracha, trata-se aqui, também, de uma lógica de borracha. (LACAN, 1957i/1995, p. 397)

A escrita da fórmula matemática da metáfora paterna começa a aparecer no seminário “*A relação de objeto*” (1956-57), com a aula “*O significante no real*” de 20 de março de 1957, que cumprem a função de sustentar os *esquemas*⁸² anteriormente trabalhado no seminário sobre

⁸² Os *esquemas* que aponto não são propriamente nomeados por Lacan. Contudo, nas aulas mencionadas, há o estabelecimento de retas entre termos como criança – mãe – falo, que remete ao desenho de esquemas propriamente determinados por L, Z, R, I, entre outros. Nesses esquemas propriamente ditos, há a inserção de letras que cercam algumas funções estabelecidas pelas categorias que compõem os operadores da subjetividade, como grande Outro (A), sujeito (\$), Eu (m), pequeno outro (a), eu ideal (*i(a)*) entre outros, que são utilizados também no grafo do

as articulações lógicas estabelecidas da relação do sujeito com o objeto, como se pode verificar nas aulas “*Sobre o complexo de Édipo*” e “*Sobre o complexo de castração*”, respectivamente de 6 e 13 de março de 1957.

Contudo, é apenas ao final do seminário, com a aula “*Ensaio de uma lógica de borracha*” de 19 de junho de 1957, que Lacan, a partir do caso do *Pequeno Hanns*⁸³, propõe a nomeação dos *lugares* por *letras* e associando as *funções dos lugares* por *pontos conectivos* e de *sistematização de substituições* por *símbolos*. A sequência da análise matemática do caso continua na aula seguinte de 26 de junho de 1957, “*Me dará sem mulher uma progenitura*”. O interessante desse momento do seminário, sobre a falta do objeto como resposta do enlace do desejo à demanda, é que Lacan começa a dar os primeiros passos para lógica da *estrutura simbólica do Édipo*.

A escrita da metáfora paterna deriva de pontos importantes da teoria de Lacan, a saber, (1) a relação de objeto em sua dimensão de falta articulada aos três registros *RSI*, e (2) a inscrição simbólica pelo índice significante que deriva propriamente pela escrita do complexo de Édipo antecipada à inscrição ao campo da linguagem, e a montagem estrutural dos operadores que se pode averiguar no grafo do desejo.

De que se trata na metáfora paterna? Há propriamente, no que foi constituído por uma simbolização primordial entre a criança e a mãe, a colocação substitutiva do pai como símbolo, ou significante, no lugar da mãe. Veremos o que quer dizer esse *no lugar da*, que constitui o ponto axial, o nervo motor, a essência do progresso representado pelo complexo de Édipo. (LACAN, 1958c/1999, p. 186 – grifo do tradutor)

A apresentação da fórmula da metáfora paterna é realizada em duas modalidades – por uma escrita *significante* dos lugares, e na sua forma puramente abstrata designada por *letras* das *funções* estabelecidas pelos lugares; e está incluída no texto “*De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose*” de 1958, e ao que se deve de ter sido escrito no mesmo período do seminário em o “*As formações do inconsciente*” (1957-58), Lacan a retoma e explora suas consequência nas aulas “*A metáfora paterna*” de 15 de janeiro de 1958 e “*Os três tempos do Édipo*”(I) e (II), de 22 e 29 de janeiro de 1958, utilizando os termos fundamentais dessa tese, como, *neurose*, *perversão* e *psicose*.

desejo, como apresentado em “*Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano*” (1960) e ao longo do seminário “*As formações do inconsciente*” (1957-58). Da fórmula da metáfora paterna, para esquemas e para o grafo, encontro um apoio em sustentar a função da matemática e da lógica para o termo estruturas clínicas, pela via dos operadores específicos a cada uma delas, e designados pelos termos encontrados nos esquemas e no grafo, de Lacan.

⁸³ Caso do Pequeno Hanns é o modo como ficou conhecido o famoso caso escrito por Freud em 1909, intitulado “*Análise de uma fobia de um menino de cinco anos*” (FREUD, 1909/1996). Lacan retorna a esse caso em diversos momentos do seminário “*A relação de objeto*” (1956-57).

$$\frac{\text{Nome-do-Pai}}{\text{Desejo da Mãe}} \cdot \frac{\text{Desejo da Mãe}}{\text{Significado para o sujeito}} \rightarrow \text{Nome-do-Pai} \left(\frac{A}{\text{Falo}} \right)$$

Fig. 17. Metáfora paterna designada pela escrita significante dos lugares (LACAN, 1956e/1998, p. 563).

$$\frac{S}{S'} \cdot \frac{S'}{X} \rightarrow S \left(\frac{I}{S} \right)$$

Fig. 18. Metáfora paterna designada por letras, conectivos e símbolos. (LACAN, 1956e/1998, p. 563).

O que permite ao leitor concluir que há duas modalidades de escrever a metáfora paterna: a primeira designada pela escrita significante dos lugares definidos pela simbolização da experiência, numa espécie de fórmulas *narrativa* e, a segunda escrita tal qual uma formalização *matemática* da inscrição da metáfora paterna, pela abstração de lugares lógicos situados pelas letras, sobre as quais uma narrativa pode incidir. Dessa forma, é possível inferir e contrapor a teoria em diversos registros, *Imaginário* e *Simbólico*, pela narrativa das passagens, numa história, entre a criança com a mãe, e as suposições dos elementos fálicos, em relação ao pai; bem como do apontamento *Real* pela escrita de uma fórmula que rege a lógica sem incluir consistências.

É dessa concatenação que surge a correlação utilizada pelos comentadores lacanianos entre metáfora paterna e estruturas clínicas, de modo estratificado à leitura e momento dos anos de 1950, em Lacan.

A experiência analítica nos prova que o pai, como aquele que priva a mãe do objeto de seu desejo, a saber, o objeto fálico desempenha um papel absolutamente essencial, não direi nas perversões, mas qualquer neurose e em todo o desenrolar, por mais fácil e mais normal que seja, do complexo de Édipo. Vocês sempre constatarão, na experiência, que o sujeito posicionou-se de uma certa maneira, num momento de sua infância, quanto ao papel desempenhado pelo pai no fato de a mãe não ter o falo. Esse momento nunca é elidido. (LACAN, 1958c/1999, pp. 190-91)

Na psicose, o nome-do-Pai, o pai como função simbólica, o pai no nível do que acontece aqui, entre mensagem e código e código e mensagem, é, precisamente, *Verworfen*. (LACAN, 1958c/1999, p. 211 – grifo do tradutor)

A fundamentação da inscrição do registro *Simbólico* pela metáfora paterna é parte essencial da lógica de definição para o conjunto estrutural em que o símbolo do *Simbólico* produz uma operação na estrutura de articular os significantes, apontando para o *desejo* como um operador da estrutura simbólica, para a *neurose*, como Lacan aponta na citação anterior. A *perversão* se apresenta como um ponto problemático, não pelos desenvolvimentos anteriores

da tese, mas nas próprias palavras de Lacan, quando ele exclui a função do objeto fálico nessa estrutura, não pela radicalidade de uma exclusão, mas pela diferença que tal operador exerce nessa estrutura. A psicose se apresenta pelo conjunto em que o nome-do-Pai é *Verworfen*, e, portanto, não opera como índice do *Simbólico*.

Retornando ao ponto em que o *desejo da mãe* é substituído pelo *nome-do-Pai*, ou S_1 é substituído por S_2 , é necessário conceber que a *função do desejo* opera como consequência da inscrição da metáfora paterna, e esse desejo aponta para a dimensão de resposta diante do Outro, ou das interpretações sobre o objeto em dimensões imaginária e simbólica, pelos *castração* ($- \phi$) e *falo* (Φ), respectivamente. Logo, a dimensão do desejo pode ser conectada com o próprio intervalo entre S_1 e S_2 , por não ser exatamente um *objeto* que responda à demanda, tampouco a própria formulação de uma *vontade*.

Na estrutura mais geral da fantasia, verifica-se que esse objeto humano recebe normalmente o mais essencial os *Ansätze* do sujeito, ou seja, nem mais nem menos que seu afeto em presença do desejo, esse temor, esse sentimento de iminência, no qual eu lhes indicava agora há pouco o que, por essência, retém o sujeito na borda de seu desejo. Toda a natureza da fantasia consiste em transferi-lo para o objeto.

[...]

Inversamente, o sujeito torna-se o quê? Como ele se estrutura? Por que se estrutura como eu e como ideal do eu? Isso não poderá se percebido como necessidade estrutural absolutamente rigorosa a não ser como retorno, devolução da delegação de afeto que o sujeito fez a esse objeto, o *a*. (LACAN, 1958c/2016, p.126).

O desejo é um efeito do espaço entre os significantes, que se produz pela própria questão que se deriva do empuxo ao efeito articulador da interpretação pela volta retroativa, para o qual o desejo é articulado, mas não numa resolução na forma de produto sobre um, e apenas um, dos significantes. É nessa perspectiva que o desejo aponta para o paradoxo de duas posições distintas, entre S_1 e S_2 , e em certa proximidade, com o efeito de sujeito que um significante representa para outro significante. O desejo e sujeito são operadores fundamentais para a realidade psíquica de uma subjetividade, embora ambos não possam encontrar uma única definição sobre apenas um significante, mas cuja a fantasia aponta para a possibilidade lógica do sujeito se posicionar como *objeto a*, na estrutura. Eis algumas das considerações que surgem ao longo do seminário “*O desejo e sua interpretação*” (1958-1959)

Dessa maneira, a inscrição da metáfora paterna permite sustentar a hipótese teórica da dimensão do *desejo* e do *sujeito barrado* ($\$$) pelo espaço entre os significantes, quando há o movimento de responder ao enigma do desejo do Outro, através dos objetos do desejo pela via fálica, em suporte da fantasia que aponta para uma posição resolutiva para o próprio espaço do

desejo. Desejo, sujeito e objeto articulados pela metáfora paterna, na perspectiva dos registros *RSI* como suporte dessa complexa relação.

Quero dizer que, em si mesmo, o desejo é articulado, na medida em que está ligado à presença do significante no homem. Isso não significa, entretanto, que ele seja articulável. Justamente por se tratar essencialmente da ligação com o significante, ele nunca é plenamente articulável num caso particular. (LACAN, 1958f/1999, p. 341)

Trata-se simultaneamente da articulação dos registros *RSI* pela dimensão impossível da significação do ser, como índice do *Real* na articulação significante, que através dos eixos metonímicos e metafóricos da cadeia significante que se engendra pelo $S_1 - S_2$, permitindo situar posições imaginárias sobre o espaço entre os significantes, pelas instâncias do *eu* e do *sujeito*, sustentados pelos registros *Imaginário* e *Simbólico* respectivamente.

Assim, a articulação significante que deriva da metáfora aponta para aquilo que pode se extrair do espaço distintivo que a inscrição no campo da linguagem produz entre *ser*, *sujeito*, *eu* e *objeto*.

Como existência, o sujeito vê-se constituído desde o início como divisão. Por quê? Porque seu ser tem de se fazer representar alhures, no signo, e o próprio signo está num lugar terceiro. É isso que estrutura o sujeito na decomposição de si mesmo sem a qual nos é impossível fundamentar, de alguma maneira válida, o que se chama inconsciente. (LACAN, 1958e/1999, p. 266)

Isso permite três conclusões muito importantes e uma hipótese. As conclusões sintetizadas dos passos da seção são: (1) a operação de inscrição da metáfora paterna aponta para o operador que articula os significantes no inconsciente; (2) o desejo como a interpretação pela questão que se produz diante do campo do Outro; e, (3) o complexo de Édipo é uma teoria sobre a estrutura simbólica que se inscreve dos significantes primordiais. A hipótese conveniente para a tese desse trabalho aponta para a necessidade de circunscrever uma operação subjacente a essas três conclusões, e, retoma a operação da *Bejahung-Verneinung*, como necessidade lógica para sustentar a gênese dessa complexa operação realizada entre os significantes. Trata-se de uma dialética efeito de uma primeira inscrição que aponte um corte na superfície, cuja evidência é, ao que se pode concluir, a operação metafórica e simbólica no inconsciente, e o sujeito barrado ($\$$) em sua divisão.

Não é à toa que Freud, no artigo que dedica à *Verneinung*, faz dela o motor, situa-a na própria raiz da fase mais primitiva em que o sujeito se constitui como tal e se constitui especialmente como inconsciente.

Portanto, começa a se colocar para nós a questão da relação da *Verneinung* com a *Bejahung* mais primitiva – isto é, com o acesso de um significante à dimensão do questionamento, pois uma *Bejahung* é isso. (LACAN, 1958b/2016, p. 95)

A dialética circunscrita pela operação da privação e do estatuto *Simbólico* sobre o objeto, em torno da castração e da suposição de um lugar fálico, demarca os tempos lógico do Édipo, quando articulados à frustração e castração, e os operadores pelos registros *Real*, *Simbólico* e *Imaginário*, como Lacan desenvolveu sobre a falta do objeto, desde os seminários “*A relação de objeto*” (1956-67) e “*As formações do inconsciente*” (1957-58). A inscrição da metáfora paterna aponta para a própria possibilidade do índice do *Simbólico* como um registro de concatenação significativa, tendo em vista que “*a metáfora paterna situa-se no inconsciente*” (LACAN, 1958b/1999, p. 182).

É a partir dessa teoria, como discutido anteriormente, que se encontra a teoria que sustenta a lógica estrutural, pelos comentadores lacanianos, pela via da dualidade binária da inscrição significativa do *nome-do-Pai* ou sua *forclusão*, como também pelo recorte da *incidência da metáfora* paterna substituição significativa ou sua impossibilidade. A primazia dada ao registro *Simbólico* para a teoria do complexo de Édipo produziu um modelo de leitura que homogeneiza a complexa articulação dos registros *RSI* desenvolvidos por Lacan desde as operações de *frustração*, *privação* e *castração*. Os operadores fálicos derivados da *estrutura simbólica do Édipo* apontam para a resposta produzida diante da questão e do enigma que o campo do Outro pode adquirir para o sujeito, quando a privação opera, fruto de uma operação primordial hipoteticamente localizada num tempo anterior, a saber, a *Bejahung-Verneinung*. Os registros *Simbólico* e *Imaginário* estão articulados aos aspectos do *falo Imaginário* e *falo Simbólico*, que se apresentam como resposta ao desejo do Outro, “*em dois termos extremos, o simbólico e o imaginário*” (LACAN, 1961b/1992, p. 234) e denotam a *barra* tanto no sujeito quanto ao campo do Outro, e as dimensões de *ser* e *ter* que se articulam na metonímia de uma cadeia, “*como que substituindo uma relação de objeto por uma identificação*” (LACAN, 1967c/2008, p. 284), cuja significação entrelaça consistências imaginárias e dialéticas simbólicas, sobre o resto do objeto causa de desejo e suporte da fantasia: o *objeto a*.

Essa privação, o sujeito infantil a assume ou não, aceita ou recusa. Esse ponto é essencial vocês o encontrarão em todas as encruzilhadas a cada vez que sua experiência o levar a um certo ponto que agora tentamos definir como nodal do Édipo (LACAN, 1958c/1999, p. 191).

Que o pai seja o gozo, isto se apresenta a nós como sinal do próprio impossível. E é nisso mesmo que reencontramos aqui os termos que defini como aqueles que fixam a categoria do real, na medida em que ela se distingue radicalmente, no que articulo, do simbólico e do imaginário – o real é o resto impossível. Não na qualidade de simples escolha contra o qual quebramos a cara, mas de escolha lógico daquilo que, do simbólico, se enuncia como impossível. É daí que surge o real. (LACAN, 1970c/1992, p. 130)

Da teoria do Édipo em Lacan, três noções são fundamentais para a discussão sobre as estruturas clínicas, pelo via da teoria da constituição do sujeito barrado (\$), a saber, a incidência do *significante do desejo materno* (S_1 ou o *primeiro significante da simbolização*), a incidência do *significante “nome-do-pai”* (S_2 ou o símbolo da inscrição no *Simbólico*) e a *metáfora paterna* (que articula dois significantes produzindo um ganho de valor, atribuído enquanto significação fálica). Temos, aqui, o efeito da inscrição pela via da *Bejahung-Verneinung*, a partir da qual se institui a complexa relação simbólica do diante do vazio significante, marcado pelos significantes primordiais, S_1 e S_2 , implicando a castração enquanto interpretação do inerente furo do campo da linguagem, pela via da noção de *falta*. Logo, a falta é um produto de uma operação, que alcança seu estatuto de interpretação, pelo sujeito do inconsciente, no avesso da significação fálica.

A *metáfora paterna* tem função essencial na teoria do Édipo, porém, apesar do termo metáfora coincidir com a denominação advinda do campo da linguística, com estatuto que remete ao modo como de uma articulação, ou modalidade de resolução, para o hiato constitutivo entre o *ser* e o *sujeito*.

De que se trata a metáfora paterna? Há, propriamente, no que foi constituído por uma simbolização primordial entre a criança e a mãe, a colocação substitutiva do pai como símbolo, ou significante, no lugar da mãe. Veremos o que quer dizer esse no lugar da que constitui o ponto axial, o nervo motor, a essência do progresso representado pelo complexo de Édipo. (LACAN, 1958c/1999, p. 186)

Da passagem freudiana do mito de Édipo e do complexo de castração, Lacan realiza uma separação importante das dimensões propostas por Freud, relacionadas aos três registros *Real*, *Simbólico* e *Imaginário*, mas também teoriza os efeitos da incidência significante e da possibilidade da metáfora paterna em categorias, ou elementos operacionais na estrutura; por exemplos, a unidade do eu (referência subjetiva essencialmente Imaginária), ideal do eu (referência subjetiva essencialmente Simbólica), Outro (campo relacionado ao tesouro dos significantes), desejo (estrutura essencialmente simbólica, que conjuga tanto o falo *Imaginário* quanto o falo *Simbólico*, com os quais se postula uma gramática para interpretar a falta ou a castração).

No artigo de que lhes falo (o artigo referido é seu relatório sobre Lagache de 1960), de onde fiz partir a dialética? De um S , o sujeito como possível, o sujeito porque é preciso falar dele, já que falamos, e cujo modelo nos é dado pela concepção clássica do sujeito sob a condição de que o limitemos ao fato de que ele fala. A partir do momento em que ele começa a falar, o traço unário entre em jogo. A possibilidade de dizer 1 e 1, e mais 1, e novamente 1 constitui a identificação primária. É sempre de 1 que é preciso partirmos. Como representa graficamente o esquema do artigo em

questão, é a partir daí que se inscreve a possibilidade do reconhecimento como tal da unidade chamada *i(a)* (LACAN, 1962b/2005, p. 50, meu parêntese).

Enfim, uma série de elementos que podem ser vislumbrados no famoso grafo do desejo (LACAN, 1958g/1999, p. 404; LACAN, 1960c/1998, p. 833). Todos estes elementos estariam em operação, na teoria da constituição do sujeito, e são efeitos da organização diante da simbolização primordial, ou de uma modalidade específica de inscrição no campo da linguagem.

A síntese dos três tempos do Édipo se faz na tentativa de uma definição – partindo de uma condição de assujeito para uma posição subjetiva marcada pelos termos da sexualidade masculina ou feminina, a partir de dois cortes, em que no primeiro incide o significante que designa o *desejo materno*, S_i , e o segundo que responde a esse significante que passa a ser o índice da interdição e suporte da lei, enquanto *nome-do-Pai*, S_2 , produzindo um efeito de substituição que não se reduz a um efeito tal qual. Figura de linguagem denominada por metáfora, em que há uma substituição: o efeito de ganho de valor na significação dos significantes é ponto axial ao efeito *Simbólico* da metáfora.

Lacan, então, descreve maneiras trajetórias pelos três tempos do Édipo, que são estruturantes do sujeito, a depender de como o significante incide na estrutura e dos registros que os permitem se enodar. O produto dessa operação demarca três mecanismos frente à inscrição da metáfora paterna que permitem diferenciar as estruturas clínicas, a saber, o *recalque* (*Verdrangung*) para a neurose, a *denegação* (*Verleugnung*) para a perversão e a *forclusão* (*Verwerfung*) para a psicose.

Para Lacan, a teoria do complexo de Édipo é uma articulação lógica, e não um simples efeito da cronologia sobre o *infans*. Essa afirmação nos auxilia na argumentação sobre a problemática da temporalidade da inscrição, que discutimos na seção introdutória dessa tese. “*Nos esquemas que proponho a vocês e que são extraídos da experiência, procuro produzir tempos. Eles não são, forçosamente tempos cronológicos, mas isso não vem ao caso, já que também os tempos lógicos só podem desenrolar-se numa certa sucessão*” (LACAN, 1958c/1999, p. 205).

Ou seja, há um problema da temporalidade inerente na teoria da constituição do sujeito, que Lacan aponta com os termos *cronológico* e *lógico*. Obviamente, essa é uma questão de suma importância, pois a primeira concepção nos remonta para as sequências que a psicologia do desenvolvimento levanta, bem como na noção de estágios que a própria teoria do estágio do espelho também nos permite refletir. Já a segunda concepção, a saber, a leitura lógica dos

tempos do Édipo implica um corte que determina uma ordenação de elementos na estrutura, a partir da operação que orienta a inscrição no campo da linguagem, tornando a operação de *privação* momento nodal para a teoria, tendo em vista que tal operação é que permite a simbolização do objeto, e portanto, dos efeitos do *Simbólico* na estrutura.

Assim, é no plano da privação da mãe que, num dado momento da evolução do Édipo, coloca-se para o sujeito a questão de aceitar, de registrar, de simbolizar, ele mesmo, de dar valor de significação a essa privação da qual a mãe revela-se o objeto. Essa privação, o sujeito infantil a assume ou não, aceita ou recusa. Esse ponto é o essencial. Vocês o encontrarão em todas as encruzilhadas a cada vez que a experiência os levar a um certo ponto que agora tentamos definir como nodal no Édipo. (LACAN, 1958c/1999, p. 191)

Nessa citação, a concepção de Lacan sobre o Édipo é absolutamente distinta da proposta freudiana. O Édipo está diretamente vinculado aos efeitos da inscrição do símbolo na estrutura e, portanto, a uma lógica simbólica de tratamento do objeto. O Édipo é antecipado a um momento contemporâneo ao que está descrito na teoria do estágio do espelho, mas por uma aparelhagem teórica distinta. Trata-se, portanto, da função do registro *Simbólico* na estrutura, que está inscrito pela via dos significantes primordiais. A operação que permite os efeitos atrelados à privação é a *Bejahung-Verneinung*, como uma afirmação articulada logicamente à negação que revela tal afirmação.

No seminário “*Os não-tolos erram/Os nomes do Pai*” (1973-74), a fim de evidenciar a incidência do *Real* na estrutura do nó, como condição de amarração pelo corte produzido significante, Lacan retoma a articulação do significante S_1 - *Nome-do-pai* - em sua função de negação lógica ao significante S_2 - *desejo materno*, retomando uma sequência argumentativa similar à realizada no seminário “*As formações do inconsciente*” (1957-58), contudo, enfatizando, que o discurso da mãe é o suporte pelo qual a incidência do significante (nome-do-pai) se realiza, demarcando a duplicidade do conjunto entre o elemento externo, negado e que paradoxalmente ordena um conjunto. A teoria do complexo de Édipo e a inscrição da metáfora paterna alcançam seu suporte na teoria dos conjuntos, e no equívoco que a função significante permite pela homofonia em francês entre Nome (*nom*) e a negação (*nom*).

Para suportar esse nome não é suficiente que aquela que encarna o Outro, o Outro como tal, o Outro com O maiúsculo, aquela, digo, em que o Outro se encarna - não faz mais que encarnar, encarnar a voz - a saber, a mãe, a mãe fala, a mãe pela qual a palavra se transmite, a mãe, se há que dizer, é reduzida a traduzir esse nome (*n-o-m*) por um não (*non*), justamente, o não que diz o pai, o que nos introduz no fundamento da negação: é que esta mesma negação forma um círculo em um mundo, que ao definir alguma essência, essência da natureza universal, quer dizer, o que se suporta do todo - justamente rejeita, rejeita o quê? - fora do todo, levado por ele a ficção de um complemento ao todo, e faz a todo homem responder: por isso, o que é não-homem,

não se sente acaso que há uma hiância desse não logico ao dizer não? (LACAN, 1974/2018, p. 180)

Lacan, então, lança diversas pistas para a elucidação da verbalização e de seu surgimento, através da relação do *sujeito* com o símbolo pela via dos efeitos da *Bejahung*, e sua negação articulada *Verneinung*, a negação simbólica traça uma superfície paradoxalmente articulada, a fim de que o negado aponte simultaneamente ao afirmado, tal qual a lógica do inconsciente ser sem contradição, mas cujo aparelho em sua divisão aponta para a operação que dê tratamento de significação à própria existência: “*no que é inconsciente, tudo não é somente recalcado, isto é, desconhecido pelo sujeito após ter sido verbalizado, mas que é preciso admitir, atrás do processo de verbalização, uma Bejahung primordial, uma admissão no sentido do simbólico, que pode ela própria faltar*”(LACAN, 1955a/2002, p. 21 – grifo do tradutor).

Diante da *Bejahung-Verneinung*, na perspectiva de uma operação de inscrição no campo da linguagem, a *estrutura da neurose* é marcada pela operação de recalque diante da aceitação do símbolo, e do efeito da estrutura pelo retorno do recalcado. Na *estrutura da perversão* estaria implicada a operação da *Bejahung*, semelhante à da neurose, mas com a distinção no modo de responder diante da constatação do símbolo, pela operação *Verleugnung*, e o retorno pelo fetiche.

No caso da *estrutura da psicose*, há dois pontos fundamentais: o primeiro relacionado com a operação de inscrição no campo da linguagem, que é definida pela *Verwerfung*, e dos efeitos na estrutura de tal operação radical. Essa mesma referência retorna no seminário “*Os não-tolos erram/os nomes do pai*” (1973-74), ainda que o repertório esteja vinculado ao termo “*loucura*” ou “*degenerescência*”.

O que designa essa marca como um retorno do Nome do Pai no Real, enquanto que precisamente o Nome do pai está *verworfen*, foracluído, rejeitado? E se a esse título designa essa *foraclusão* da que disse que é o princípio da loucura mesma, acaso esse nomear- para não é signo de uma degenerescência catastrófica? (LACAN, 1974/2018, p. 181)

No entanto, o problema cronológico da leitura dos tempos do *Édipo* nem sempre é a razão que permite certos modelos interpretativos da obra de Lacan, sobre as o *sucesso* ou *fracasso* da metáfora paterna em relação às *estruturas clínicas*, como se pode averiguar na citação abaixo, do texto “*De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose*” (1956): “*E num acidente desse registro e do que nele se realiza, a saber a foraclusão do Nome-do-Pai no lugar do Outro, e no fracasso da metáfora paterna, que apontamos a falha que*

confere à psicose sua condição essencial, com a estrutura que a separa da neurose” (LACAN, 1956e/1998, p. 583).

Lacan promove dois conjuntos distintos entre si, a partir do elemento significante *nome-do-Pai*. A inscrição desse significante, produzindo um efeito na estrutura de linguagem, aponta para um *sucesso* da operação, como Lacan utiliza na passagem acima, em que neurose passa a ser a nominação que delimita tal conjunto, e cujas consequências estão relacionadas ao *espaço* instaurado entre os significantes, e cujo o *Simbólico* pode vir a ser o registro que dá suporte de operação para os operadores significantes que torcem uma superfície, como Lacan afirma e se pode averiguar nos tempos inferidos sobre a significação do falo na cadeia significante, e sua relação com o objeto do desejo. “[...] *que o falo fosse objeto do desejo. É pela porta de entrada, e a porta de entrada difícil, a porta de entrada que torce toda a relação com ele, que esse falo entra, mesmo ali onde parece ser o objeto mais natural, na função do objeto*” (LACAN, 1962h/2011, p. 312). É exatamente pela articulação dos registros *Simbólico* e *Imaginário*, pela via de torção da superfície que opera uma evocação da razão substitutiva inerente à metáfora paterna no ponto de estofo com o qual o significante falo sinaliza a significação: “*A significação do falo, dissemos, deve ser evocada no imaginário do sujeito pela metáfora paterna*” (LACAN, 1956e/1998, p. 563).

Em contrapartida, o fracasso da metáfora paterna e a *forclusão* do significante nome-do-Pai apontam para o acidente do registro *Simbólico* na estrutura, em que, diante de tal caso, a *psicose* passa a ser representante de um conjunto, cuja escanção significante passa a ser explicada pelo recurso *holofrásico*, como apontado no capítulo anterior, e a operação subjacente dos operadores demarcam a impossibilidade simbólica das formações substitutivas de simbolização,

No seminário “*O sinthoma*” (1975-76), a ideia de *erro*, que coloco como análoga ao *fracasso*, retorna ao propor uma formalização sobre a amarração dos três registros *RSI* na estrutura do *Nó-Borromeu*. No momento em que explora os possíveis enodamentos, confabulando sobre as passagens de uma consistência sobre a outra, formula o “*nó de trevo*” e o aproxima não ao próprio *Nó-borromeano*, embora derivado dele, e sim a uma cadeia. Caberia especular se se trata de uma cadeia significante? (LACAN, 1976b/2007). O interessante da passagem, que remete diretamente à noção de *erro* e *fracasso*, do enodamento, novamente, está diretamente vinculada ao *Simbólico*. “*Ao mesmo tempo, se o simbólico se solta, como outrora ressaltai, temos um meio de reparar isso. Trata-se de fazer o que, pela primeira vez, defini como sinthoma. Trata-se de alguma coisa que permite ao simbólico, ao imaginário e ao real*

continuarem juntos, ainda que, devido a dois erros, nenhum segure o outro” (LACAN, 1976c/2007, p. 91).

É diante desse contraponto interpretativo da obra de Lacan que entendo que o modo como a teoria lacaniana possa ser vislumbrada em duas perspectivas, (1) uma tal qual apresentada por Souza Filho (1988) pela dimensão de fracasso e erro, de certa forma acompanhando nomeações do próprio Lacan, e (2) outra assentada numa acepção lógica e distintiva, em que *neurose* e *psicose* passam a ser conjuntos distintos, com operações e operadores para cada um deles, desde operações que justifiquem o modo como o *Simbólico* passa a ser um registro de suporte na significação ou na amarração do nó.

A diferença pautada pelo termo *simbolização* é, de forma análoga, inscrita na estrutura pelo índice do símbolo, que pode ou não ocorrer, com já afirmou Lacan (LACAN, 1955a/2002, p. 24). Dessa forma, o registro *Simbólico* passa a descrever uma referência em psicanálise em relação à função do *símbolo* na estrutura, pelo significante *nome-do-Pai* como seu representante conceitual, que permite uma lógica de retroação na significação; ou ainda como um operador para o enodamento borromeano *RSI*.

O símbolo só vale se se organiza num mundo de símbolos.

Os que especulam sobre a origem da linguagem, e procuram estabelecer transições entre a apreciação da situação total e a fragmentação simbólica, sempre ficaram chocados pelo que chamamos as holófrases. No uso de certos povos, e vocês não teriam a necessidade de procurar longe para encontrar o uso comum, há frases, expressões que não são decomponíveis, e que se reportam a uma situação tomada no seu conjunto – são as holófrases. Acredita-se apreender ali num ponto de junção entre o animal que passa sem estruturar as situações, e o homem, que habita um mundo simbólico. (LACAN, 1954h/1986, p. 257)

Nessa citação de Lacan, realizada no seminário *Os escritos técnicos de Freud* (1953/1954), é possível localizar que o interesse de Lacan concerne nas funções simbólicas da palavra, e no modo como a linguagem e a função do símbolo não estão intrínsecas e determinadas na particularidade dos atos de falas, em alguns casos, como no caso de certos povos, referidos pela propriedade da holófrase, que não permite a segmentação linguística.

O interessante é que Lacan retorna a essa condição *holofrásica*, em momentos posteriores de seu ensino, como no seminário “*Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*” (1964), na aula *Do sujeito suposto saber, da díade primeira e do bem* (1964/2008). Nessa aula, a holófrase é declaradamente definida pela ausência de intervalo entre dois significantes - S_1 e S_2 -, enquanto inscrições primordiais do significante na subjetividade. “[...] quando a primeira dupla de significantes se solidifica, se holofraseia, temos os modelos de toda uma série de casos – ainda que, em cada um, o sujeito não ocupe o mesmo lugar”

(LACAN, 1964f/2008, p. 231). Trata-se de um modelo de estrutura baseado na holófrase, cuja operação subjacente remete a um tipo de colagem significativa, aos moldes de um signo, em que o operador *Simbólico* não é suporte entre um ponto e outro da cadeia significativa.

As consequências dessa proposta lacaniana da oposição entre *holófrase* e dos efeitos simbólicos no *espaço* entre S_1 e S_2 apontam para a distância do uso da teoria estrutural da linguística, em Saussure. E conotam o grande tema da aquisição da linguagem em psicanálise, e nas possibilidades estruturais dessa aquisição; posição radicalmente diferente do difundida na teoria pedagógica clássica de alfabetização ou psicológica do desenvolvimento. Como apresentei na seção introdutória, há diferentes leituras para esse tema na teoria lacaniana. Lemos (2001) realiza uma aproximação psicanalítica da teoria de aquisição da linguagem, a partir de fragmentos clínicos, e apresenta consequências teóricas da leitura da holófrase.

Trata-se de um dos pontos de abertura para o que Lacan desenvolve como teoria da alienação, a partir do seminário “*Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*” (1964), retomando a importância da concepção de inconsciente e a noção estrutural que o determina pela linguagem, como cerne na teoria da constituição do sujeito, a ponto de sua fala inaugural da aula “*O sujeito e o outro (I): a alienação*” (1964c/2008), Lacan afirma: “*Se a psicanálise deve se construir como ciência do inconsciente, convém partir de que o inconsciente é estruturado como uma linguagem. Daí deduzi uma topologia cuja finalidade é dar conta da constituição do sujeito*” (LACAN, 1964e/2008, p. 199).

Sobre a teoria da alienação: espaço e holófrase.

Pude articular para vocês o inconsciente como se situando nas hiências que a distribuição dos investimentos significantes instaura no sujeito, e que se figuram no algoritmo em um losango [◇] que o ponho no coração de qualquer relação do inconsciente com a realidade e o sujeito. Muito bem! É no que algo no aparelho do corpo é estrutura da mesma maneira, é em razão da unidade topológica das hiências em jogo, que a pulsão tem seu papel no funcionamento do inconsciente. (LACAN, 1964c/2008, p. 178)

2.4. A teoria da alienação: espaço e holófrase dos significantes.

A montagem da estrutura pela *teoria da alienação* está articulada com uma dupla operação pelas *alienação* e *separação* tal qual explorados no seminário “*Os quatro conceitos fundamentais*” (1964). Trata-se de uma perspectiva da constituição do sujeito, na qual Lacan ocupa-se da dimensão *Real*, numa perspectiva de primeiro plano em relação à modalidade de amarração dos três registros *RSI*, pela armação de lugares lógicos da posição de sujeito, na dimensão Simbólica em relação ao campo do Outro, e da possibilidade de significação que advém da concatenação de uma cadeia significante, bem como do resto – *nonsense* – oriundo de tal operação pela superfície de intersecção que circunda na relação da subjetividade com o campo da linguagem, pela delimitação do objeto, como *objeto a*.

Em certa medida essa proposta de retomar a constituição do sujeito em seu aspecto de estruturação do inconsciente, tendo em vista o impacto significativo na materialidade humana, Lacan responde a uma crítica bastante incisiva de que, em sua teoria do sujeito, ele estaria negligenciando a dimensão do *objeto* e dos circuitos pulsionais, tal qual Freud delimitou da lógica sexual para a causa da subjetividade.

Lacan afirma:

Quanto a isto aconteceu, num tempo que espero ultrapassado, que objetassem que, fazendo isto, dando a dominante à estrutura, eu negligencio a dinâmica, tão presente em nossa experiência – chegando-se a dizer que eu consigo eludir o princípio da doutrina freudiana de que essa dinâmica é, em sua essência, de ponta a ponta, sexual. (LACAN, 1964e/2008, p. 199)

É pela operação oriunda no enlace ao campo da linguagem que se inscreve uma divisão na relação entre o *ser* e o *Outro*, cujo um dos efeitos é a posição do sujeito, pelo efeito de inscrição do ser no campo do Outro, na qual se decanta duas posições articuladas *Eu* e *Sujeito*, bem como de um resto, denominado *objeto a*, impossível de se apagar: *Imaginário*, *Simbólico* e *Real* enodados numa teoria estrutural, tendo em vista a função significante na estrutura e o objeto *a* como causa, ambos derivados da inscrição no campo da linguagem. “*Tudo surge da estrutura do significante. Essa estrutura se funda no que primeiro chamei de função do corte, e que se articula agora, no desenvolvimento de meu discurso, como função topológica da borda*” (LACAN, 1964e/2008, p. 202).

A divisão entre sujeito e objeto fica evidente como aspecto central dos efeitos da aquisição da linguagem, como consequentes do corte significante na estrutura. É dessa maneira que Lacan compreende a alienação, em que a submissão ao campo significante cria um corte

em relação ao campo da linguagem, na qual o sentido advém propriamente da combinação significante, em que as instâncias do *eu* e do *sujeito* se apoiam, e simultaneamente, delimita uma extensão impossível de se auto significar, cujo ponto é uma dimensão de resto que aponta para a própria dimensão do *objeto* e do *ser*, como não apreensíveis, contudo operando na estrutura, desde duas condições: a primeira vinculada ao circuito pulsional que envolve um objeto de satisfação, e a impossibilidade de inscrição significante no inconsciente da sexualidade. “A sexualidade se instaura no campo do sujeito por uma via que é a da falta” (LACAN, 1964e/2008, p. 201).

Primeiro acentuei a repartição que constituo ao opor, em relação à entrada do inconsciente, os dois campos do sujeito e do Outro. O Outro é o lugar em que se situa a cadeira significante que comanda onde o sujeito tem que aparecer. E eu disse – é do lado desse vivo, chamado à subjetividade, que se manifesta a pulsão. (LACAN, 1964e/2008, p. 200)

Assim, “a alienação reside na divisão do sujeito que acabamos de designar em sua causa” (LACAN, 1960d/1998, p. 855), cujo ponto de divisão aponta para um espaço entre a possibilidade de significação e a consistência desse sentido, que a depender do registro *Simbólico*, ordena a própria lógica da falta para a interpretação subjetiva do impossível da completude, em duas perspectivas, a primeira vinculada ao próprio significante que barra um sentido final para o sujeito, a não ser na ilusão de totalidade que o *Imaginário* permite pela instância do *eu*, bem como da exigência da dimensão do objeto para a satisfação do circuito pulsional, que circunda um campo distintivo, mas não excludente. Logo, é da ordem de:

Duas faltas que se recobrem. Uma é da alçada do efeito central em torno do qual gira a dialética do advento do sujeito a seu próprio ser em relação ao Outro – pelo fato de que o sujeito depende do significante e de que o significante está primeiro no campo do Outro. Esta falta vem retomar a outra, que é a falta real, anterior, a situar o advento do vivo, quer dizer da reprodução sexuada. A falta real é o que o vivo perde, de sua parte de vivo, ao se reproduzir pela via sexuada. Esta falta é real, porque ela se reporta a algo de real, que é o que o vivo, por ser sujeito ao sexo, caiu sob o golpe da morte individual. (LACAN, 1964e/2008, p. 201)

A teoria da alienação, que é desenvolvida nesse seminário, especialmente em duas aulas bastante retomadas por comentadores e intérpretes do texto lacaniano, são “O sujeito e o Outro (I): a alienação” de 27 de maio de 1964 e “O sujeito e o Outro: a afânise” de 3 de julho de 1964. O interessante é que tais aulas estão incluídas numa seção denominada de “O campo do Outro e o retorno sobre a transferência”⁸⁴, que incluem mais duas outras aulas, sobre o

⁸⁴ Vale pontuar que, a edição dos seminários, oficialmente publicados, não tenha sido realizada por Lacan, e que as designações dadas para as aulas nem sempre podem ser atribuídas a ele mesmo, pois os seminários tinham um

desejo do analista e a transferência, a partir da concepção de “*sujeito suposto saber*” (LACAN, 1964f/2008, p. 226) e a discussão da transferência em sua relação com a posição significante de endereçamento do analisante ao analista (LACAN, 1964g/2008, p. 245).

Há uma ressonância nesse título de seção com a proposta que desenvolvo nesse trabalho de tese, qual seja: a inscrição primordial no campo do Outro como derivada do que denomino como primeiro corte, advindo desde operações tais como *Bejahung* e *Verwerfung*, que estruturam um modelo de funcionamento de suporte para o campo significante ou campo do Outro, e um segundo corte que está aproximado com os operadores que se conjugam das operações primordiais: a articulação desses dois cortes compõem a noção de *estruturas clínicas* que se revelam como hipótese diagnóstica no ato de fala do analisante no encontro, na transferência.

Atribuindo um tanto de atenção e discutindo um possível sentido para os títulos dados às aulas em que Lacan declara a exploração da *teoria da alienação*, cujo desdobramento realizado nessas aulas levam a uma articulação lógica entre os conceitos de *alienação* e de *separação*, em relação da subjetividade com o campo da linguagem, dadas as consequências do corte significante e do resto que se decanta dessa operação.

Contudo, os significantes que são utilizados para indicar o tema das aulas são *alienação* e *afânise*, e não *alienação* e *separação* como se costuma ser indicado pelos comentadores lacanianos, apontando uma espécie de sobreposição entre a *teoria da alienação* e os conceitos articulados de *alienação* e *separação* que são desenvolvidos por Lacan nessa proposta de teoria da constituição do sujeito em psicanálise. Poder-se-ia afirmar uma teoria da alienação na qual se discute a condição estrutural de submissão da materialidade humana com a linguagem, numa espécie de irredutibilidade alienante ao campo significante e que simultaneamente aponta para um espaço dado pelo próprio significante em criar espaços de separação, tendo em vista um resto que é impossível de ser apreendido no campo do sentido.

O termo alienação, a despeito de ser trazido em evidência no seminário “*Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*” (1964), já aparece nas outras teorias desenvolvidas nesse capítulo. Ou seja, a dimensão da alienação na teoria da constituição do sujeito está

objeto de estudo a ser elaborado ao longo do ano, como no caso os conceitos fundamentais da psicanálise, contudo nem sempre Lacan nomeava suas aulas, tampouco indicava as divisões que seriam realizadas, como método de exposição, para os recortes do tema estudado. Tal trabalho editorial ou estabelecimento de texto é realizado por Jacques-Alain Miller, o que nos coloca diante de um questão complicada, e que não procuro resolver aqui, mas que me convoca a pontua-la: *Em que medida a edição ou estabelecimento de um texto interfere na própria teoria, quando há uma passagem da transmissão oral para a transmissão escrita, e todos os problemas advindos das pontuações, entonações, escanções?*

conferida em diversos momentos da obra de Lacan, e demonstra um aspecto da subjetividade que é impossível de se apagar, quando o eixo de interpretação compreende a radicalidade dos efeitos do significante na estrutura do inconsciente.

Na teoria do estágio do espelho, no texto de 1949, a determinação alienante é explorada na passagem dos efeitos de aquisição da unidade que situa o *eu* na estrutura, quando Lacan afirma que tal instância delimita uma “*destinação alienante*” (LACAN, 1949/1998, p. 98), pois trata-se da própria permanência mental do *eu*. Ou seja, a alienação fica atrelada à dimensão imaginária da função do eu, em que situa num para sempre irreduzível, a possibilidade de permanência ou de base irremediável em que o sujeito se reconhece num lugar que lhe indica sua posição.

Na teoria do complexo de Édipo, ao que se pode atribuir ao desenvolvido no seminário “*As formações do inconsciente*” (1957-68), especificamente na aula “*O pouco-sentido e o passo-de-sentido*” (1957c/1999), a alienação está remetida ao efeito de identificação com a mensagem advinda do Outro, como uma fórmula que situa no campo discursivo, a estrutura que situa a resposta para a pergunta, O que o Outro quer de mim? “*Essa mensagem é, com efeito, uma formulação que se aliena desde o ponto de partida, na medida em que parte do Outro e, por essa vertente, leva ao que é de certo modo desejo do Outro*” (LACAN, 1957c/1999, p. 100).

Poli (2005) ocupa-se do conceito de alienação no campo psicanalítico, e recupera as principais bases filosóficas do termo, bem como as ressonâncias para a psiquiatria e as determinações clínico-terapêuticas que o termo pode conferir a depender de sua absorção. A ênfase da autora está em explicitar as bordas definidoras para o conceito ao ponto de situar as referências para a construção de Lacan, ainda que já estivesse presente desde o início de sua obra é principalmente ao desenvolvido no seminário 11 que ele o formulou em sua delimitação conceitual, tal qual no estilo de uma apropriação, para a teoria psicanalítica, do conceito de alienação para uma teoria da subjetividade humana.

A complexidade do conceito é atravessada pela filosofia de *Jean-Jacques Rousseau* (1712 – 1778), de *Georg Wilhelm Friedrich Hegel* (1770-1831), *Karl Marx* (1818- 1883), e apesar de não designar diretamente uma aproximação com o desenvolvimento realizado por tais pensadores, há um trabalho de influência para a proposta lacaniana, de forma análoga como apresentei com os autores no capítulo das bordas epistemológicas dessa tese. Ou seja, o conceito de alienação é embebido de diversas influências de outros campos semânticos, e que, no entanto, é utilizado por Lacan à sua própria maneira.

Poli (2005) ordena dois eixos que situam o interesse de Lacan para o conceito de alienação, e peço licença para o leitor com a extensa citação abaixo, pois seria equivocado realizar uma separação do argumento realizado pela autora, tendo em vista as duas perspectivas que orientam o trabalho de síntese das influências sobre a teoria de Lacan, desde os aspectos da crítica à prática psiquiátrica realizada nas primeiras duas décadas em seu ensino, ao tom de uma forma que ordena a construção de Lacan, bem como, do apoio na dialética hegeliana e no impacto conceitual e de conteúdo que o termo alienação pode ser defendido na psicanálise lacaniana, desde o estágio do espelho até o seminário “*O ato psicanalítico*” (1967-68) tal qual a autora compreende.

- situa a crítica da psicanálise à psiquiatria de seu tempo para qual a causalidade orgânica não é sem relação com a noção de “alienação mental” como desvio de um estado ideal de natureza (Pinel e Rousseau). A liberdade como atributo de uma “natureza sã”, e não de uma determinação social ou linguageira, e o índice mais acabado dessa interface, entre psiquiatria e filosofia, sobre o qual a psicanálise bem a operar um verdadeiro “corte epistemológico”, no sentido de Bachelard;
- aproxima a dialética hegeliana do aparecer enganoso da abordagem freudiana das formações do inconsciente – “Lacan coloca o inconsciente freudiano no lugar da consciência hegeliana, chega a afirmar Roudinesco (1988, p.163-64) –, evocando a primeira como suporte metodológico para sua concepção de identificação, própria ao estágio do espelho. Neste ponto, encontramos os fundamentos da concepção lacaniana da estrutura paranoica do eu, onde a relação de alienação, figurada na dialética do senhor e do escravo serve de modelo teórico para conceber a origem “intersubjetiva” do *Ego*. (POLI, 2005, p. 149)

A aposta numa perspectiva estrutural para a teoria da alienação em Lacan implica em desvincular a alienação a qualquer modalidade ambiental ou familiar da relação subjetiva com o semelhante, ou do que se poderia intitular pela alienação da intersubjetividade entre um ser e outro semelhante. Poli (2005) justifica sua pesquisa a fim de evitar exatamente esse tipo de equívoco que o conceito sofreu na história da ciência moderna, a ponto de afirmar que é com a psicanálise que torna-se possível esvaziar os engodos a ele atribuídos, como se houvesse um “*processo de restauração do valor significante*” (POLI, 2005, p. 134) da alienação, e os engendramentos que a suposição desse conceito pode remeter à radicalidade da função da linguagem na subjetividade humana.

A noção de separação, sucedida pela travessia do fantasma, emerge no período em questão como forma de representar logicamente a relação entre o sujeito, o objeto que lhe dá causa e a cadeia significante. Em 1968, no *Seminário sobre o ato analítico* (1968), as categorias de alienação e separação, que exprimem em ultima instancia a releitura do cogito de Descartes, encontram sua consolidação final e sua presença em textos posteriores é bastante esparsa. (DUNKER & ASSADI, 2004, p. 86)

Há dois modelos de leitura realizadas por comentadores, para a teoria da alienação em Lacan, e que apontam para diferentes modalidades de compreensão teórica e ordenamentos para a prática clínica⁸⁵, a saber, (1) um primeiro grupo que compreende tal teoria na perspectiva estrutural da teoria da alienação em relação ao campo da linguagem, considerando alienação e separação como operações articuladas e logicamente determinadas (SOLER, 1997; FINK, 1998; DUNKER & ASSADI, 2004), e (2) um segundo grupo que interpreta que a teoria da alienação como conjugada à própria relação com os cuidados maternos e o banho significativo realizada sobre o corpo do bebê, apresentando uma sobreposição entre os registros *Imaginário* e *Simbólico* (LAURENT, 1997; BRUDER, 2000; BRUDER, 2005; BRUDER & BRAUER, 2007; NASCIMENTO, 2010).

Um dos principais aspectos distintivos entre esses dois grupos consiste no recorte dado para o conceito de *alienação*, e da perspectiva que se ocupa em compreendê-lo, principalmente se houver sobreposição entre os aspectos de alienação com o fenômeno existencial da *separação* ou *relação aproximada*, entre os envolvidos nas primeiras relações fundamentais do *infans*, ou mesmo na ordem discursiva do modo como ocorre os efeitos de significação da mãe sobre o bebê. Vejam a sutil diferença entre a perspectiva espacial da *separação* ou *relação aproximada*, numa espécie de perspectiva fenomenológica e evidente das modalidades de laço entre dois corpos, para a perspectiva *discursiva*, ou sobre como ocorre a dimensão interpretante, via significativo sobre o corpo do bebê, pela mãe. Em poucas palavras, essas duas perspectivas poderiam remeter ao recorte *Imaginário* e significativo da evidência entre mãe e bebê, criando uma espécie de confusão ao proposto lógico determinado por Lacan, na teoria da alienação.

No seminário “*A lógica do fantasma*” (1966-67), Lacan retoma essa teoria e aponta para essa diferença sutil que levanto acima, pela via do argumento da lógica em contraponto com o problema filosófico da existência. Vejamos:

Existe então um sujeito. Eis aí o que logicamente somos forçados a escrever no princípio de uma fórmula como essa. Alguma coisa, ali, se propõe a nós, algo que é a divisão da existência de fato e da existência lógica.

A existência de fato, naturalmente, nos reporta à existência de seres (entre duas barras a palavras seres), *seres*, ou não, *falantes*. Estes são em geral viventes. [...]

⁸⁵ É interessante constatar como, de fato, os desenvolvimentos teórico-conceituais para o termo *estruturas clínicas* aparece sem uma discussão sobre a noção de transferência, remetendo à crítica de Dunker (2006a) sobre o aspecto transcendental da noção estrutural. Há um risco de conceber tal teoria em seus aspectos metafísicos, ou escorrer para uma espécie de materialização pelo campo intersubjetivo entre *infans* e cuidador materno; ou seja, uma tendência abstrata para a teoria ou uma tendência ambiental de concebê-la. Minha posição para a leitura dessa teoria está articulada à uma suposição lógica, e de estruturação para os lugares de sentido e significação da inscrição no campo da linguagem e do impacto da identificação ao significativo, sob o suporte dos três registros *RSI*, o que propicia diferentes arestas para a teoria, evitando reduzi-la a uma abstração tampouco materializando exclusivamente ao campo ambiental.

A existência lógica é uma outra coisa e, como tal, tem seu estatuto. Há um sujeito a partir do momento em que fazemos lógica, isto é, em que temos que manejar significantes. (LACAN, 1966a/2008 p. 14)

Contudo, esse problema da separação, abordado nos seminários 11 e 14, já aparece discutido desde o seminário “*A angustia*” (1962-63), quando Lacan procura sistematizar a posição do *objeto a* na estrutura advinda dos efeitos de amarração estrutural ao campo da linguagem, na aula “*Passagem ao ato e acting out*” de 23 de janeiro de 1963, quando problema clínico, da despersonalização, em casos de psicose, passam a ser elaborados por psicanalistas pelo viés ambiental das determinações estruturais, atrelando à problemática da psicose com a angústia da separação circunscrita ao nascimento.

No ponto em que estamos, façamos uma pausa sobre o que significa a separação ligada à angústia do nascimento. Subsiste aí uma certa imprecisão, a partir da qual é gerada toda sorte de confusões. Falta-me tempo para fazer mais do que apontá-la, e voltarei a isso, mas saiba bem que convém fazer grandes ressalvas a respeito da estruturação do fenômeno da angustia nesse lugar do nascimento.

[...]

Mas, sendo assim, a característica do começo, aquela que nos permite abordar e conceber a relação, não é a separação da mãe. O corte de que se trata não se dá entre a criança e a mãe. (LACAN, 1963b/2005, p. 135)

A ressalva de Lacan consiste em alertar os teóricos em psicanálise sobre a proposta freudiana da dimensão da angústia, e os efeitos de sinal sobre o *eu*, em relação à dimensão da castração, na perspectiva da dimensão da falta sobre a qual o circuito subjetivo engendra o significante, como uma resposta ao desejo do Outro. A angústia é a dimensão clínica e estrutural da sutura realizada à ordem da castração, ao ponto de que a “*a falta vem a faltar*” (LACAN, 1962b/2005, p. 52), à medida de uma narrativa significativa que emoldura uma posição de sujeito análoga à de objeto, próprio da fantasia.

Em outra perspectiva, significativa e narrativa do discurso, a teoria da alienação remete ao problema da interpretação dada sobre o bebê, a partir do desejo materno, novamente configurando uma confusão entre os registros *Imaginário* ou *Simbólico* que deem suporte para a aposta teórica, e do modo como se concebe o estatuto de resposta subjetiva diante do desejo materno, problema colocado também em “*Nota sobre a criança⁸⁶*”, incluído na obra “*Outros Escritos*” (2001/2003).

⁸⁶ Decidi utilizar a referência tal qual realizada na obra “*Outros escritos*” (2001/2003), ainda que na seção de comentário das referências bibliográficas, o edito sinalize algumas considerações sobre a origem do texto, referindo-se à Sra Jenny Aubry, a data de publicação em 1983 no livro da própria autora “*Enfance adonmée*”, e em 1986 na revista *Ornicar?*, segundo o formato de “*Dois notas sobre a criança*”.

A distancia entre a identificação com o ideal do eu e o papel assumido pelo desejo da mãe, quando não tem mediação (aquela que é normalmente assegurada pela função do pai), deixa a criança exposta a todas as rupturas fantasísticas. Ela se torna o “objeto” da mãe e não mais tem outra função senão a de revelar a verdade desse objeto. (LACAN, 1986/2003, p. 369)

Se a interpretação centra-se no aspecto *Imaginário* da teoria, tem-se o produto de determina-la exclusivamente aos efeitos decorrentes do significante dado pela mãe, em que a alienação consistiria em se identificar totalmente à esse significante mestre, para então, num momento posterior, ocorrer um ato de separação do bebê em relação à mensagem dada sobre ele, implicando a possibilidade, portanto, dois momentos cronológicos em que primeiro há uma alienação radical e total à fala do outro semelhante, e num segundo momento ocorre a separação dessa marca dada. O efeito clínico desse crivo de leitura atrela principalmente a psicose ao estatuto de alienação total, em que a separação não ocorre, a partir de fenômenos clínicos vislumbrados nas relações de alguns casos entre mãe e prole⁸⁷, como o termo simbiose revela com bastante eficiência essa abordagem. Isso é, há uma alienação da criança em relação à mãe, quando ambos circulam muito juntos, tem dificuldade em se distanciar, e ao que se conclui que, se a relação é muito próxima, há uma alienação, e se há a possibilidade de distância entre eles, a separação. É nítido aspecto ambiental que norteia essa leitura, aproximando a separação conceitual com a própria separação de corpos no laço social. Seria essa a leitura proposta por Lacan no seminário 11?

Um exemplo dessa leitura pode ser vislumbrado com o trabalho de Bruder & Brauer (2007), em que as autoras se ocupam de casos clínicos denominados por elas de “*casos graves (psicose, autismo, deficiência mental, etc)*” (BRUDER & BRAUER, 2007, p. 513), cuja hipótese para esses fenômenos clínicos incide nos impasses na separação entre a mãe a criança propriamente dita. “*Trata-se, no caso, de crianças muito comprometidas, tidas como psicóticas, autistas, ou deficientes, numa ligação extremamente forte e indiferenciada com a mãe; usualmente não falam, configurando uma colagem entre a mãe e a criança*” (BRUDER & BRAUER, 2007, p. 514).

Essa menção é extraída da apresentação do trabalho realizado pelas autoras, no momento em que elas definem seu objeto de estudo, a saber a fenomenologia clínica dos casos

⁸⁷ Decidi utilizar o termo prole, para referir ao que se seria da ordem do bebê, da criança, do filho. É um problema de terminologia que revela uma confusão entre uma série de definições como a de sujeito e a pessoa física. Eis o ponto crucial que permite uma série de consequências para a leitura dessa teoria: se a concepção sobre o conceito de sujeito em Lacan remeter à complexidade decorrente dos efeitos significantes, tem-se uma leitura estrutural; no entanto, se houver uma sobreposição equivalente entre o conceito de sujeito com a pessoa física, tem-se um recorte interpretativo tal qual o segundo grupo discorre em suas interpretações teórico-clínicas.

denominados por “*graves*” ou “*crianças comprometidas*” e o modo como compreendem a teoria que sustenta a prática clínica com esses casos, isso é, a sobreposição entre pequeno outro e grande Outro, como se tivessem o mesmo estatuto, quando afirmam que tais crianças – como se fosse análogo à posição do sujeito – “*mantem uma ligação extremamente forte e indiferenciada*” com a mãe – como se a mãe fosse necessariamente o campo do Outro.

O que nos motivou a estudar esse ponto da teorização de Lacan foi a constatação de que nessas crianças havia alienação, mas nem sempre ocorria a separação – não da criança, mas do sujeito, ser de linguagem, São crianças que não falam, mas estão na linguagem. (BRUDER & BRAUER, 2007, p. 514)

Vejamos como a terminologia diagnóstica do caso conota uma interpretação valorativa para os casos, correlacionando a gravidade ao conjunto das psicoses, autismo ou deficiência, remetendo, dessa maneira, a um dos problemas que levanto na seção introdutória dessa tese sobre a referência dada a abordagem estrutural e as consequências clínicas e interpretativas para a teoria proferida por Lacan. Novamente, há uma possível inferência de que a neurose passa a ser o exemplo de caso simples ou mesmo de não comprometimento. Ainda mais, como se na psicose não houvesse separação, e na neurose sim. É por essa via crítica que entendo a necessidade de retomar essa discussão teórica da teoria da alienação, a fim de evitar certos equívocos não só teóricos, mas principalmente para a transmissão da prática clínica em psicanálise.

A separação sempre apareceu como problemática, como um momento de impasse: e o que mais chamou a atenção foi constatar que, em todos os casos, as mães, diante do aparecimento de mudanças que evidenciavam que a criança iria começar a falar ou a querer algo, ou, enfim, a se recuperar como objeto, reagiram com um sintoma físico. Esse sintoma físico não foi considerado do ponto de vista médico – inclusive, quando investigado, nem sempre se encontrou causa organizada para esse sintoma: tratava-se de um sintoma histérico, portanto. (BRUDER & BRAUER, 2007, p. 514)

Nessa passagem, a interpretação das autoras para os movimentos transferenciais do caso revela as consequências da compreensão teórica delas, para a proposta lacaniana desenvolvida sobre a teoria da alienação. A concepção de separação está pautada na própria consistência imaginária dos corpos das subjetividades envolvidas nos casos, e correlacionada com a qualificação de impasse, cujo efeito poderia ser colocado na via de “*separo ou não separo? Eis o impasse*”. E diante do impasse, o manejo possível é evitar a separação, adoecendo fisicamente por parte da mãe, ou não falando, por parte da criança. O fenômeno clínico descrito pelas autoras é muito interessante, e permite uma série de considerações teóricas sobre as causas desse tipo de laço nesses casos. A descrição fenomenológica é muito interessante, no entanto,

as discussões teóricas que sustentam a leitura clínica apontam para um modelo de interpretação bastante ambiental, como se tal operação adviesse de uma decisão consciente, e de certa forma, produzindo um tipo de culpabilização sobre as mães em não facilitar o impasse da “*separação*” da criança. Isso tem consequências, inclusive na recepção social das teorias psicanalíticas, mas também nas qualificações normativas dos laços possíveis entre dois seres humanos. Isso não significa ignorar que haja uma evidência clínica para um tratamento, o ponto que discuto é exatamente a chave interpretativa desse modelo de compreensão da teoria lacaniana.

É nessa esteira que o recorte dado pelas autoras aponta para uma problemática semelhante ao já discutido nas outras duas teorias da constituição do sujeito na teoria lacaniana. Isso é, assim como apresentado sobre a teoria da alienação, é possível interpretar a transmissão de Lacan sobre essa questão ontológica do sujeito, em diferentes perspectivas epistemológicas, a depender não só da ênfase dada aos registros *RSI* na determinação da lógica estrutural, como num desvio ambiental e existencial de interpretação para a teoria da constituição do sujeito, não só no desenvolvido no seminário “*Os quatro conceitos fundamentais*” (1964), como também se foi possível discutir com a teoria do estágio do espelho e com a teoria do complexo de Édipo.

Dunker (2006a) sintetiza o problema demarcado da temporalidade referente na leitura da definição da lógica estrutural, em sua relação com as hipóteses de suposição para as teorias da constituição do sujeito. Nesse suporte argumentativo, eu incluo a correlação com as terminologias associadas à diagnóstica clássica, *neurose*, *perversão* e *psicose*, e absorvo as objeções realizadas por tal autor, quando realizo o levantamento das teorias da constituição do sujeito em Lacan, no passo seguinte dessa seção.

A diagnóstica psicanalítica é simplesmente distinta deste esquema de sucessões simples porque a temporalidade que articula é diferente. A diagnóstica em psicanálise se exerce da primeira até a última sessão da experiência, e isso decorre da sua íntima conexão retroativa com os modos e condições da intervenção terapêutica. Imaginar que esta diagnóstica possa ser separada etiologia – na qual se inscreve o tema da constituição do sujeito – é separar não dialeticamente construção, formação e constituição, é dar a constituição como *pressuposto* e ignorar sua relação com o que é posto na própria experiência subjetiva e em sua mediação pelo *suposto*. (DUNKER, 2006a, p. 134)

As margens interpretativas sobre essas teorias poderiam derivar um novo trabalho de tese, e eis que já havia advertido o leitor da impossibilidade de recuperar todas as nuances envolvidas na *noção estrutural em psicanálise*, ainda mais quando considero a extensão da obra de Lacan para tratar esse objeto de estudo, no entanto, não me furtando de apresentar as principais problemáticas que envolvem as raízes de justificativa dessa pesquisa. Ainda assim, reitero a amarração com o desenvolvido até então nesse capítulo, recuperando os principais

pontos dessas teorias, pois trata-se de uma estratégia necessária de suspensão do leitor ao modo como concebe sua interpretação para essas teorias. A *teoria da alienação* demanda essa ressalva exatamente pela cronologia em que se situa na obra de Lacan, podendo levar o leitor a defini-la como a última palavra dada por Lacan em sua concepção de aquisição da linguagem, inscrição no campo do Outro, ou mesmo da constituição do sujeito.

No sentido de fazer um ponto de apoio para seguir na apresentação, retomo o enunciado que defini o eixo e o horizonte para essa tese, qual seja, apontar para a necessidade de retomar, as principais passagens de Lacan para a *teoria do estádio do espelho*, para a *teoria do complexo de Édipo*, como realizado nas seções anteriores, assim como para a *teoria da alienação*, nesse momento, com a finalidade de apontar a proposta com a qual entendo o intuito de Lacan para uma teoria da aquisição da linguagem que seja marcada por um efeito de identificação, tal qual um corte que se opera numa superfície, e não como resultado de um processo, a partir do qual se decanta de um efeito de intervenções sobre a superfície ambiental e material das pessoas físicas envolvidas.

Minha proposta para a teoria estrutural subjacente às teorias da constituição do sujeito e do objeto concerne à um ato de identificação, sob o enlace a um ao campo significativo, efeito de uma operação fundamental, que pode ser dividida em duas possibilidades de enlace ao campo significativo, denominada pelos termos *Bejahung* e *Verwerfung*, determinando dois conjuntos distintos de lógica estrutural, bem como dos efeitos dessa operação em operadores específicos pelo suporte de amarrações que os registros *RSI* permitem ao campo significativo em relação à dimensão do objeto.

Essa hipótese estrutural não é uma razão suficiente para antever qualquer fenômeno clínico, sob a pauta de uma lógica discursiva que se dirige ao analista por se tratar de uma *neurose*, de uma *psicose* ou de uma *perversão*. Essa lógica da diagnóstica *estrutural* não pode ser e desligada de uma lógica clínica, e é exatamente sob essa ressalva que incluo nesse campo da definição o ato de fala sob transferência, bem como as variabilidades dos operadores da estrutura na formação sintomática e de arranjos significantes.

Certamente, essa topologia é essencial à estrutura de linguagem. Falando estrutura, não se pode não evoca-la. A observação primeira, eu diria mesmo primária – que todo o desenrolar no tempo em que deveríamos conceber o discurso, se ele é algo que a análise estrutural, tal qual ela operou em linguística, é feita para nos revelar – é que essa estrutura linear não é em absoluto suficiente para dar conta da cadeia do discurso concreto, da cadeia significativa que não podemos ordena-lo, admiti-lo senão sob a forma do que se chama, na escrita musical, uma pauta, que é o mínimo que temos a dizer e que, desde então, a questão da função dessa segunda dimensão, como concebê-la? E que, se está aí alguma coisa que nos obriga a consideração da superfície ... e sob qual forma? (LACAN, 1964b/2006, p. 25)

Eis algumas direções que permitem compreender a distinção realizada por Lacan sobre a noção estrutural e sua possibilidade teórica se hipótese quando ela se atualiza numa cadeia discursiva, como se pode averiguar em suas passagens em dois momentos distintos, no seminário “*Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*” (1964) com a citação indicada acima, e com o seminário “*Mais, ainda*” (1972-73), com a citação abaixo.

Pelo discurso analítico o sujeito se manifesta em sua hiância, ou seja, naquilo que causa o seu desejo. Se não houvesse isto, eu não poderia me arranjar com uma topologia, que, no entanto, não depende do recurso, do mesmo discurso, mas de um outro, tão mais puro, e que torna bem manifesto o fato de que só há gênese, de discurso. Que essa topologia convirja com nossa experiência a ponto de nos permitir articula-la, não estará aí algo que poderia justificar aquilo que, nisto que coloco, se suporta, se ouspiora, em não recorrer jamais a nenhuma substância, em não conferir jamais a nenhum ser, e por estar em ruptura para om o que quer que seja que s enuncie como filosofia? (LACAN, 1972/2008, p. 18)

Ambas apontam da proposta que Lacan realiza sobre a estrutura da linguagem e a superfície topológica sobre a qual essa estrutura revela seus meandros de funcionamento, pela via do discurso, e são propostas psicanalíticas e não exegese de um contorno filosófico para a questão do sujeito e de seus arranjos estruturais, tampouco uma proposta ambiental para a teoria das estruturas.

Recuperando, como estratégia de método, as principais passagens de Lacan sobre as *teorias da constituição do sujeito*, o leitor poderá resignificar as concatenações apresentadas pelos comentadores e, então, seguir com meus passos no fechamento da discussão de uma definição para o termo *estruturas clínicas*, ao ponto de demandar esclarecimentos sobre as estruturas da *neurose*, *perversão* e *psicose*, de acordo como Lacan as propôs em seu ensino, no capítulo seguinte dessa tese.

Ainda assim, essa teoria permite considerar as diferenças que procuramos responder por *estruturas clínicas*? Colocar essa pergunta nesse momento torna-se fundamental, pois ela nos permite criar o espaço indagativo sobre uma teoria da constituição do sujeito que contemple essa dimensão, desde o recorte dado para a teoria da alienação em Lacan. Eis, então, a terceira e última teoria que também levanta interpretações e efeitos teórico-práticos sobre a estruturação subjetiva será trazida nesse momento, a saber, a teoria da *alienação* (LACAN, 1964e/2008).

A alienação é uma operação, índice da inscrição no campo da linguagem, na qual há um corte efeito da identificação ao campo significante. “*O sujeito nasce no que, no campo do Outro, surge o significante. Mas por ser fato mesmo, isto – que antes era nada senão sujeito por vir – se coagula em significante*” (LACAN, 1964d/2008, p. 194). A divisão em *ser*, *sujeito* e *eu*, como advento do corte da entrada na linguagem, pode ser elaborada na perspectiva em

que, o *ser* encontra um lugar significativo no campo do Outro, situando-se como *sujeito*, porém é impossível um único significativo que situe o sujeito em um sentido, a não ser na ilusão de totalidade do *eu*.

Ilustremos isto pelo que nos interessa, o ser do sujeito, aquele que está ali sob o sentido. Escolhemos o ser, o sujeito desaparece, ele nos escapa, cai no não-senso – escolhemos o sentido, e o sentido só subsiste decepado dessa parte de não-sendo que é, falando propriamente, o que constitui na realização do sujeito, o inconsciente. Em outros termos, é da natureza desse sentido, tal como ele vem a emergir no campo do Outro, ser, numa grande parte de seu campo, eclipsado pelo desaparecimento do ser induzido pela função mesma do significativo. (LACAN, 1964e/2008, p. 206).

A impossibilidade de que haja um único significativo que situe o *sujeito* aponta para a necessidade da cadeia significativa e do espaço entre um e outro, ao ponto da definição entrelaçar sujeito e significativo na máxima de que “*significativo representa o sujeito para outro significativo*”, por isso a definição de sujeito na estrutura em que há esse efeito de espaço não se situa nem exclusivamente no campo do Outro, nem no campo do *ser*, mas no *espaço*, na hiância, entre dois significativos.

A função da transferência enquanto é a função do engano, eis em todo do que girará toda a dialética de minha aula de fevereiro: as relações entre identificação, transferência e demanda, enquanto se solidarizam entre três termos, três termos que tornei para vocês, eu penso, familiares, por meu discurso do ano passado, o termo da indeterminação, sujeito do inconsciente, o termo da certeza como constituindo o sujeito na experiência e a na perspectiva da análise, o termo do engano como sendo a via na qual o chama seu próprio apelo à identificação. (LACAN, 1965c/2006, p. 111)

O tema da identificação na teoria de Lacan insiste como um dos principais pontos de sustentação para o que está elaborado na alienação, e sua proposta topológica cada vez mais recorrente desde o seminário “*A identificação*” (1961-62). Em síntese, a identificação é um tipo de experiência que pode ser entendido em diferentes perspectivas, como o próprio Freud discutia em “*Psicologia de grupo e a análise do ego*” (1921/1996), e que Lacan as recupera e utiliza de diferentes retóricas pra discuti-la, a ponto de que é possível encontrar uma ressonância com o que discuti com as passagens da metáfora paterna, das extrações mínimas em seus *matemas*, a fim de amenizar os efeitos imaginários de suas teorias.

Freud (1921/1996) articulava três modalidades de identificação, concernentes ao complexo de Édipo, cujo efeito de identificação remetia à passagem do *ser* ao *ter*, bem como da assunção da escolha do *objeto*, desde uma analogia com o sintoma da neurose. Lacan relaciona as três identificações descritas por Freud com os três registros *Real*, *Simbólico* e *Imaginário*.

A *identificação imaginária* é aquela que produz na subjetividade um efeito de imagem, na qual o sujeito se identifica e se situa, ilusoriamente, por lugar em que pode dizer *eu*. A identificação simbólica é demarcada pela função significante, com seu efeito de corte que produz um lugar originário, situado pelo traço unário - marca a ser resgatada, mas impossível de reencontrada. Existe uma relação topológica entre os efeitos das identificações imaginária e simbólica, como se vislumbrou no esquema óptico. A identificação pela via da fantasia - que situa o registro *Real* na identificação - é aquela na qual o sujeito se reduz ao resto da operação, logicamente identificado com a posição do objeto, na estrutura significante. No horizonte, as três são correlacionadas na experiência de constituição do sujeito, que diríamos ser a da identificação originária ou primária. E, nos desenrolares da experiência de fala e discursiva, as três se conjugam em experiências de identificação secundárias, que produz efeitos de identidade, também a ser compreendidas nos três registros: *eu* - pelos efeitos imaginários - sujeito - pelo efeito do *espaço* entre um significante e outro - fantasia e angústia - quando o sujeito se reduz ao resto - a falta da *falta*, como Lacan desenvolveu tal aspectos nas três teorias em discussão nesse capítulo.

Se queremos sacar onde está a função do sujeito nessa articulação significante devemos operar com dois, porque só com dois ele é cunhável na alienação. Desde que haja três, o deslizamento se torna circular. Passado do segundo ao terceiro, ele retorna ao primeiro - mas não ao segundo. O efeito de *afânise* que se produz sob um dos dois significantes está ligado à definição - digamos, para empregar a linguagem matemática moderna - de um conjunto de significantes. E um conjunto de elementos tal que se existem apenas - como se diz na teoria, com um E maiúsculo invertido para a notação - dois, o fenômeno da alienação se produz - a saber, que o significante representa o sujeito para outro significante. de onde resulta que no nível do outro significante, o sujeito desvanece. (LACAN, 1964f/2008, pp. 229-230)

Retomando, após esse apostrofo sobre a identificação, que a teoria da Alienação implica uma articulação de conceitos em que a perspectiva da constituição do sujeito, na qual Lacan explora os três registros, incluindo o *Real* (o resto - nonsense) na operação, um modelo de relação entre o *ser* e o Outro, cujo efeito aponta para a dimensão do sujeito, pela inscrição no campo do Outro, na qual se decanta duas posições articuladas *eu* e *sujeito*, e um resto impossível de se apagar. *Real*, *Simbólico* e *Imaginário* enodados no próprio ato fundante de inscrição no campo da linguagem, a partir desses índices na estrutura, *objeto*, *sujeito* e *eu*, respectivamente. “Tudo o que está em jogo em torno da transferência e das identificações ao mesmo tempo provisórias e sucessivamente refutadas que nela se dão, vira brincar com a imagem *i’(a)* e permitirá ao sujeito juntar suas variantes”. (LACAN, 1965e/2006, p. 149)

O esquema que Lacan utiliza para esvaziar as consistências imaginárias dessa teoria é vislumbrado a partir das influências da matemática e da lógica em seu ensino, como desenvolvi no primeiro capítulo dessa tese, sobre as bordas epistemológicas para o termo *estrutura*.

A partir dos círculos desenvolvidos pelo matemático e lógico Leonhard Euler (1707 – 1783), que consistem numa sobreposição determinada de círculos, geralmente, estruturadas pelas relações, a partir da teoria dos conjuntos, sob os termos – *interseção*, *subconjunto* ou *disjunção*, desde a significância e os limites com que os círculos se tocam ou cruzam, delimitando relações espaciais, a partir das regiões estabelecidas entre os encontros dos círculos – como numa espécie de *sobreposição* – indicada pela *intersecção* no esquema abaixo –, numa espécie de *contenção* quando um círculo determinado encontra-se integralmente no interior das bordas determinadas por um círculo, configurando, portanto, o conceito de *subconjunto* do grande conjunto, ou quando a área delimitada está isenta de qualquer elemento que se sobreponha ou contenha qualquer elemento de outra área determinada pelo círculo, configurando a *disjunção*.

Cada círculo escreve a divisão da superfície em regiões: o interior, representado pelo espaço delimitado pela linha que forma o círculo – situando os elementos do conjunto, e o exterior, que representa todos os elementos que não estão contidos no conjunto. Tais relações espaciais correspondem a relações teóricas, desde a lógica da matemática da teoria dos conjuntos, e ordena as conjunções e disjunções dos círculos, como se pode averiguar no esquema abaixo, utilizado por Lacan para transmitir a teoria da alienação. Inclusive, a escrita lógica para a fantasia, com o termo punção, na teoria de Lacan (LACAN, 1964e/2008, pp. 204-05) é explicitada pela mesma coerência matemática.

Fig. 19. Esquema incluído na aula de 27 de maio de 1964 (LACAN, 1964e/2008, p. 210).

Da articulação entre *sujeito* e *eu*, e o apoio nos registros *Simbólico* e *Imaginário* para configurar tais instâncias na estrutura subjetiva, Lacan afirma que o entrejogo lógico da relação

entre os campos da linguagem e do corpo vivo de um ser humano não deve ser compreendido pela reciprocidade, ao tom de que a oferta do campo significante incida exatamente à materialidade humana como uma extensão da outra. Isso é, um tipo de identificação total a que o sujeito estaria submetido integralmente ao campo dos signos, do significante. Eis a importância da compreensão do conceito desenvolvido por Saussure, especialmente em sua negatividade implícita, da impossibilidade de se auto significar, ou mesmo das considerações de C. Peirce sobre a semiótica do signo, ou de G. Frege, no trabalho que realizou sobre o referente e suas articulações com o signo e a significação.

Toda a ambiguidade do signo se prende ao fato de ele representar algo para alguém. Esse alguém pode ser muitas coisas, pode ser o universo inteiro, na medida em que nos ensinam, há algum tempo, que a informação circula por ele ao negativo da entropia. Todo nó em que se concentram os signos, no que eles representam algo, pode ser tomado por qualquer um. O que é preciso acentuar em contrário disto, é que um significante é o que representa um sujeito para outro significante. (LACAN, 1964d/2008, p. 203)

Porém, simultaneamente, o ato de identificação, cuja marca de um lugar único, aquele definido por traço unário, remete ao efeito *Imaginário* de consistência, quando o sujeito se identifica a um significante, ao ponto de se reconhecer como *eu*, e simultaneamente um *não-eu*, tal qual Freud remete na operação dupla sobre os juízos de atribuição e existência no texto “*A negativa*” (1925), teoria com a qual Lacan dialoga na aula de “*O sujeito e Outro (II): a afânise*” (1984/2008).

A função de emitir juízos se refere basicamente a duas questões: decidir se uma coisa [*Ding*] possui ou não certa característica e confirmar ou refutar se a representação [*Vorstellung*] psíquica dessa coisa tem existência real. Quanto à característica a ser atribuída ou não à coisa, diremos que, na etapa inicial do desenvolvimento, sua qualidade pode ser boa ou má, útil ou danosa. (FREUD, 1925b/2007, p. 49)

A outra questão com a qual a função de emitir juízos deve lidar refere-se à existência real, ou não, da coisa [*Ding*] que está sendo psiquicamente representada [*vorgestellt*]. Cabe destacar que essa é uma questão de interesse do Eu-real-definitivo, o qual se origina e desenvolve a partir do Eu-prazer inicial (Trata-se do teste de realidade). [...] agora, não se trata mais de saber se algo (alguma coisa) que foi percebido deve ser acolhido pelo Eu, mas de saber se algo que está disponível na forma de uma representação [*Vorstellung*] psíquica no Eu pode ser reencontrado também esfera da percepção [*Wahrnehmung*] (realidade). (FREUD, 1925b/2007, pp. 49-50)

A ênfase dada por Lacan na referida aula, com a passagem freudiana no texto de 1925, refere-se a dois pontos fundamentais sobre a teoria da alienação, que conjuga a separação em sua própria definição, tendo em vista um resto que escorre pelo próprio furo significante, como *objeto a*, a ser tratado como falta, em virtude da inscrição simbólica dessa operação, através da

operação do recalcamento incidir sobre a ordem da representação, pelo termo *Vorstellungrepräsentanz* – representante da representação.

1. A operação de alienação consiste num mecanismo original em que a relação de identificação subjetividade promove uma subversão de superfície entre o dentro e o fora da materialidade com a qual o sujeito se inscreve, em que se a identificação situa um lugar significativo para o sujeito, alienando-o à materialidade da linguagem, mas que por ser significativo, e incompleto por definição, só pode produzir sentido, demandando outro significativo que produza uma significação. “O *Vorstellungrepräsentanz* é o significativo binário” (LACAN, 1964e/2008, p. 213). É no intervalo entre o enlace de um a outro significativo, que o sujeito remete um ponto de estofo, sobre o qual cifra um efeito de sujeito. Trata-se de uma alienação que implica descolamento, ou separação, simultaneamente. Isso é: “o sujeito aparece primeiro no Outro, no que o primeiro significativo, o significativo unário, surge no campo do Outro, e no que ele representa o sujeito, para um outro significativo, o qual outro significativo tem por efeito a afânise do sujeito” (LACAN, 1964e/2008, p. 213).

2. A relação de causa implícita na operação do *vel* da alienação incide no ponto que escapa ao efeito de ordenamento de um lugar para o sujeito, em que o intervalo significativo remete ao próprio espaço com o qual o sujeito insiste em se inscrever, como um impossível de cessar, dado que o intervalo se inscreve como o recobrimento de uma dupla falta, entre um e o Outro, o *objeto a*, o próprio não-eu, causa da subjetividade. “O sujeito – por um processo que não deixa de conter engano, que não deixa de representar essa torção fundamental pela qual o que o sujeito reencontra não é o que anima seu movimento de tornar a achar – retorno então ao ponto inicial, que é o de sua falta como tal, da falta de sua afânise” (LACAN, 1964e/2008, p. 214).

Roudinesco & Plon (1998) sintetizam o termo “afânise”:

Foi em seu artigo de 1927 sobre a sexualidade feminina, apresentado no congresso da International Psychoanalytical Association (IPA) e intitulado “A fase precoce do desenvolvimento da sexualidade feminina”, que Ernest Jones explicou que o medo da castração no homem assumia, na mulher, a forma de um medo de separação ou do abandono. Chamou então *afânise* ao que existe em comum em ambos os sexos quanto a esse medo fundamental, que decorre, segundo ele, de uma angústia ligada à abolição do desejo ou da capacidade de desejar.

Em 1963, Jacques Lacan criticou essa noção, para situar a abolição na vertente de um esvaecimento (ou *fading*) do sujeito. (ROUDINESCO & PLON, 1998, pp. 8-9)

A retomada desses dois pontos fundamentais da formalização lacaniana da operação de *alienação* ao campo da linguagem, que modula uma estrutura significativa, numa tríade para sempre irredutível da subjetividade, a saber, um circuito que enlaça o significativo numa busca

de sentido no campo do Outro, para uma posição de si, porém que remete tanto à ilusão de uma relação com o objeto denominado *eu*, tal qual o registro *Imaginário* serve de suporte, circulando por um estreito limiar entre poder se dizer por uma cadeia significante, e tencionar o lugar de objeto que recobre a falta do Outro, pela via da narrativa que a fantasia situa o suporte do desejo, como interpretação dessa falta: $\$ \diamond a$

É nessa esteira que a articulação entre *ser*, *sujeito* e *eu* escorre pelo efeito significante, desde a inscrição no campo da linguagem, em que o sentido e o intervalo não podem coexistir por uma relação estrutural, tendo em vista que o significante e a relação com o objeto estão em dimensões diferentes pelos registros com que se inscrevem de suporte no intervalo entre um e Outro. Logo, há uma perda irreparável com inscrição no campo da linguagem, e cujo destino de retorno dessa perda é que se pode averiguar as diferentes modalidades de estruturas clínicas, como apontado por Lacan no texto “*Televisão*” (1974), em que “*o real que, por só poder mentir ao parceiro, inscreve-se como neurose, perversão ou psicose*” (LACAN, 1974/2003, p. 515).

É do efeito denominado “*separação*”, sob a égide desse resto que decanta simultaneamente do efeito de identificação ao campo do Outro, pela via de um significante que sirva de suporte para o sentido na relação com outro significante, pelo espaço entre S_1 e S_2 , que é possível a formação do inconsciente, e, portanto, um efeito de sujeito, mas que só se torna possível pelo enlace no campo do Outro. Em poucas linhas, isso seria a operação de alienação.

No resumo “*Problemas cruciais para a psicanálise*” (1966/2003), incluído na obra “*Outros Escritos*” (2001/2003), Lacan retoma a importância da linguagem e no modo como concebe a estrutura que serve de suporte para sua proposição de sujeito dividido, em virtude da inscrição no campo da linguagem e do resto que advém dessa operação, a saber, objeto *a*, tal qual Freud explora com no índice do *Fort-Da* (FREUD, 1920/2006).

[...] a concepção da cadeia significante, na medida em que, uma vez inaugurada pela simbolização primordial (que o jogo Fort! Da!, evidenciado por Freud na origem do automatismo de repetição, torna manifesta) essa cadeia se desenvolve segundo ligações lógicas cuja influência sobre o que há por significar, ou seja, o ser do ente, se exerce pelos efeitos de significação descritos por nós como metáfora e metonímia. (LACAN, 1956e/1998, pp. 582-83)

Na passagem acima, a simbolização primordial remetida ao jogo descrito por Freud com o *Fort-da*, Lacan desenvolve o que se trata das ligações lógicas que derivam da relação com o objeto, e as possibilidades que o significante permite em situar, desde os eixos da cadeia significante, no ato de fala, uma exploração da significação de si em sua relação com o campo do Outro, e a divisão impossível de suturar desde os efeitos do vazio que o significante circunda

e remetem, quando um significante não o situa totalmente, a hipótese de uma narrativa que aponte para o *ser* em uma totalidade, que a própria linguagem recolhe como fantasia diante da fenda entre o *eu* e o *sujeito*. Contudo, o *sujeito* não se sabe *eu*, remetendo ao inconsciente um saber que não se sabe, tampouco o *eu* conhece esse aspecto vazio de si, denominado *sujeito*, por isso, uma razão estrutural que implica função de desconhecimento. “A *psicanálise*, então, nos lembra que os fatos da psicologia humana não se poderiam se conceber na ausência da função do sujeito definido como efeito do significante” (LACAN, 1964e/2008, pp. 202-03).

O significante em sua função de articulação simbólica em relação a outro significante, na inscrição de um corte que marca e apaga os rastros da identificação, é uma modalidade, em seu caráter de hipótese, da incidência do *espaço* sendo análoga à falta, e, portanto, a dialética de um efeito de resposta a ela⁸⁸. “O *sujeito se divide por ser, ao mesmo tempo, efeito da marca e suporte de sua falta*” (LACAN, 1966a/2003, p. 207). Incluir a separação significante $S_1 - S_2$, e emoldurar a cadeia significante com suas escanções, permite um modalidade de significação e produção de sentido *Simbólico* que remete à concepção de *sujeito, falo e ponto de estofo*, desde as operações de metáfora e metonímia que compõem o eixo possível da estrutura inconsciente, como salientadas na citação abaixo.

[...] a concepção da cadeia significante, na medida em que, uma vez inaugurada pela simbolização primordial (que o jogo Fort! Da!, evidenciado por Freud na origem do automatismo de repetição, torna manifesta) essa cadeia se desenvolve segundo ligações lógicas cuja influencia sobre o que há por significar, ou seja, o ser do ente, se exerce pelos efeitos de significação descritos por nós como metáfora e metonímia. (LACAN, 1956e/1998, pp. 582-83)

Esse modelo de espaço significante, que deriva da teoria da *alienação*, ao que comumente se atrela a tal constructo de Lacan pode ser contraposto por um modelo de estrutura *diferente*, e pode ser designado como modelo sob a lógica da *holófrase*.

A teoria da *holófrase* pode ser um recurso particularmente interessante para explicitar as sutilezas de uma estrutura cuja função simbólica fica extirpada como operador das formações significantes, apontando, dessa forma, a um tipo de hipótese teoria que demarca um conjunto próprio e sem recair nas narrativas negativistas e, num modelo de contraponto, como se pode constatar com as típicas interpretações sobre as *psicoses*.

Vocês já devem ver a diferença que há entre a alienação como forma geral do imaginário e a alienação na psicose. Não se trata simplesmente de identificação e do

⁸⁸ Aqui, o termo *Falo* é o conceito que Lacan articula à falta, como produto da operação de castração, apresentada no seminário “As formações do inconsciente” (1957-58) e revisitada ao longo de seu ensino, como na aula de 19 de abril de 1961, “*Símbolo Φ* ”, no seminário “A transferência” (1960/1961).

cenário vacilante do lado do outro com minúscula. Desde que o sujeito fala, há o Outro com A maiúscula. Sem isso, não haveria problema na psicose. Os psicóticos seriam a máquina de fala. (LACAN, 1955b/2002, p. 52)

É exatamente da passagem nesse ponto distintivo entre as funções *simbólicas* e *holófrásicas* dos significantes que situo a importância dessa tese, em conjugar dois cortes para a noção estrutural. As diferenças para as estruturas clínicas demanda supor um momento anterior à evidência *simbólica* ou *holófrásica* do significante, tal qual remoto com insistência para os termos *Bejahung* e *Verwerfung*. Logo, a evidência simbólica da metáfora paterna e a cola imaginária pelo signo da holófrase remete à uma operação anterior e de consequências determinantes para conjuntos distintos de amarrações subjetivas, pelos termos conjugados *Bejahung* e significante *nome-do-Pai* e *Verwerfung* pela holófrase significante do *eu* ou radicalmente distinto do *não-eu*, como Freud formulou em “*A negativa*” (1925).

Podemos agora discernir que o sujeito não domina aí apenas sua privação, assumindo-a, mas que eleva seu desejo a mais potência secundária. Pois sua ação destrói o objeto que ela faz aparecer e desaparecer na provocação antecipatória de sua ausência e sua presença. Ela negativiza assim o campo das forças do desejo, para se tornar, em si mesma, seu próprio objeto. E esse objeto, ganhando corpo imediatamente no para simbólico de dois dardejamentos elementares, anuncia no sujeito a integração diacrônica da dicotomia dos fonemas, da qual a linguagem existente oferece a estrutura sincrônica a sua assimilação; do mesmo modo, a criança começa a se comprometer com o sistema do discurso concreto do ambiente, reproduzindo mais ou menos aproximativamente, em seu *Fort!* E em seu *Da!*, os vocábulos que dele recebe. (LACAN, 1956a/1998, p. 320)

Se a linguagem remete a uma condição estrutural da divisão subjetiva; a noção de *estruturas clínicas*, intrinsecamente relacionada à linguagem e suas funções na subjetividade (EIDELZSTEIN, 2010), demanda considerar esse aspecto na teorização dos determinados conjuntos classicamente definidos por *neurose*, *perversão* e *psicose*, aos moldes da questão, como opera a divisão nessas estruturas, e seu estatuto na lógica significante, como se pode averiguar pelos termos *intervalo* e *holófrase*.

A partir dessa lógica, a clínica psicanalítica é constituída pela distinção de dois grandes campos, cuja oposição é precisa. Essa oposição é a das duas grandes categorias que são estabelecidas pela extração ou não do objeto *a*: o campo do *intervalo* em oposição ao da holófrase. (EIDELSZTEIN, 2003/2016, p. 74 – minha tradução)⁸⁹

⁸⁹ : A partir de esta lógica, la clínica psicoanalítica se constituye mediante la distinción de dos grandes campos, cuya oposición es precisa. Esa oposición es la de las dos grandes categorías que se establecen mediante la extracción o no del objeto *a*: el campo del intervalo en oposición al de la holófrase” (EIDELSZTEIN, 2003/2016, p. 74).

Intervalo (extração do objeto <i>a</i>)			Holófrase (não-extração do objeto <i>a</i>)		
Neuroses			Perversão	Psicoses	Debilidade Mental
Obsessão	Fobia	Histeria			
					Resposta Psicossomática

↑
↑
 Inversão Distorção

Tabela 1. (EIDELSZTEIN, 2003/2016, p. 76)

A tabela montada por Eidelsztein sistematiza um possível esquema distintivo sobre as estruturas clínicas em relação à proposta desses campos distintivos sobre a *extração do objeto a*, em relação ao modo de concatenação dos significantes primordiais diante do *espaço* ou *intervalo* pela designação $S_1 - S_2$, ou diante da holófrase, $S_1 S_2$. E, diante dessa divisão, recupero o apontamento de Eidelsztein (2003/2016) da correlação entre essa diferença posta entre *espaço*, que o autor utiliza o termo *intervalo*, e *holófrase*, desde a perspectiva da operação em relação ao *resto* que se produz da inscrição no campo da linguagem, e como esse *resto* opera nas estruturas, incluindo uma tabela que demonstra um esquema distintivo em relação às *estruturas clínicas*.

As *neuroses* e *perversão* ficam agrupadas sob a lógica do intervalo, o que em certa medida já foi discutido nessa seção, inclusive da problemática da terceira estrutura em relação à perversão, que Eidelsztein aponta com a operação de “*inversão*”.

O outro grupo, caracterizado pela *holófrase*, inclui as *psicoses*, *debilidade mental* e *reposta psicossomática*. Essa separação descritiva coaduna com a proposta de Lacan em dois momentos explícitos de seu ensino.

O primeiro refere-se a duas passagens referentes aos seminários (1) “*O escritos técnicos de Freud*” (1953-54) na aula “*A ordem simbólica*” (LACAN, 1954h/1986, p. 257), na qual Lacan utiliza o termo *holófrase*, e que foi citada há pouco nessa seção; e (2) no “*O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*” (1954-55), com a aula “*Introdução ao Entwurf*” (LACAN, 1955b/1985, p. 127), que relaciona a resposta psicossomática ao nível do *Real*.

O segundo é explorado no seminário “*Os quatro conceitos fundamentais*” (1964), numa sequência de aulas “*O sujeito e o Outro (I): A alienação*” (LACAN, 1964e/2008, p. 206) e “*O sujeito e o Outro (II): A separação*” (LACAN, 1964e/2008, p. 222), e complementadas em “*Do sujeito suposto saber, da díade primeira e do bem*” (LACAN, 1964f/2008, p. 230), cuja proposta de correlação entre *holófrase* e as modalidades trazidas por Eidelsztein são explícitas em relação aos termos “*afânise do sujeito*”, que remete ao conceito desenvolvido por Ernest Jones e Lacan o discutia desde o texto de “*À memória de Ernest Jones: Sobre sua teoria do*

simbolismo” (LACAN, 1960b/1998, pp. 714-15) e em seu comentário “*De um silabário a posteriori*” (LACAN, 1966e/1998, p. 728), ou como Lacan sinalizou por “*fading do sujeito*” (LACAN, 1964e/2008, p. 203).

Na esteira dessas passagens realizadas por Lacan, e nesse conjunto textual que abarca dos anos de 1953 a 1964, há uma correlação do suporte do registro *Simbólico* na concatenação significante derivada da *espaço* ou do *intervalo* entre significantes, que no movimento dos eixos *metonímico* e *metafórico* da cadeia significante, permite um efeito de *sujeito barrado* (\$), tal qual teorizado para o campo em que há extração do *objeto a*, logo, o registro *Real* declaradamente incluído na lógica. É muito interessante pontuar que, segundo tal lógica, a dimensão *sujeito barrado* (\$) e a dimensão *objeto* passam a ser logicamente definidos a partir do suporte sobre o qual os registros incidem numa cadeia significante, e, um apontamento para o que Lacan desenvolverá em “*A lógica do fantasma*” (1966-67): “*é o sujeito barrado (\$) nessa relação de se e somente se com o pequeno a*” (LACAN, 1966a/2008, p. 14 – grifos do tradutor), cuja distinção se dá pela lógica e pelos registros *RSI*, desde a função de corte operada pela identificação *simbólica* ao *significante* (LACAN, 1962a/2011, p. 133; 1964e/2008, p. 202).

Em contrapartida, o efeito da *holófrase* na concatenação significante implica outra lógica sobre a articulação *sujeito – objeto*, como se pode averiguar na discussão sobre o termo *afânise*. Os campos das *psicoses*, *debilidade mental* e *resposta psicossomática* demandariam uma outra narrativa de hipóteses não só sobre as dimensões do sujeito e em sua articulação com o objeto, mas dos efeitos de retorno nos registros *RSI*, para as formações de seus produtos, numa lógica em que o índice do *Simbólico* não opera como suporte significante, e, apontando, para o problema já discutido da *concepção de Simbólico* como distinto da *concepção de linguagem*. Isso quer dizer: o fundamental não seria supor outras estruturas para contemplar a *debilidade* ou a *resposta psicossomática*, mas a de antever de uma lógica análoga que comporia um grande conjunto, derivado para esses fenômenos, que poderiam ser incluídos, segundo a lógica apresentada nessa tese, do conjunto da *estrutura da psicose*. “*É certamente algo da mesma ordem do que se trata na psicose. Essa solidez, esse apanhar a cadeia significantes primitiva em massa, é o que proíbe a abertura dialética que se manifesta no fenômeno da crença*” (LACAN, 1964f/2008, p. 231).

A perspectiva da lógica da *estrutura da psicose* pode ser traçada quando há um efeito de identificação *imaginária* ao significante, sob a *lógica do todo* que a própria *holófrase* permite sustentar como hipótese teórica par a função de signo subjacente a esse campo de fenômenos clínicos, pela via da *Verwerfung* e do registro *Imaginário* em relação ao *Real*.

O efeito da *afânise* que se produz sob um dos dois significantes ligado à definição – digamos, para empregar a linguagem matemática moderna – de um conjunto de significantes. E um conjunto de elementos tal que se existem apenas – como se diz na teoria, com um E maiúsculo invertido para notação – dois, o fenômeno da alienação se produz – a saber, que o significante é o que representa o sujeito para outro significante. de onde resulta que no nível de outro significante, o sujeito se desvanece. (LACAN, 1964f/2008, p. 230)

Essa passagem remete diretamente à teoria da alienação, realizada no seminário “*Os quatro conceitos fundamentais*” (1964), e há o contraponto apresentado em relação à *reposta psicossomática*, a *debilidade* e a *psicose*, como uma operação baseada na holófrase em que o suporte de signo opera numa costura do espaço entre os significantes, e, portanto, um efeito distinto do suporte *Simbólico*. Novamente, encontro a divisão em dois modelos distintos de lógicas das estruturas de funcionamentos subjetivos: “*Chegaria até a formular que, quando não intervalo entre S_1 e S_2 ⁹⁰, quando a primeira dupla de significantes se solidifica, se holofraseia, temos o modelo de toda uma série de casos – ainda que, em cada um, o sujeito não ocupe o mesmo lugar*” (LACAN, 1964f/2008, p. 231).

A novidade que insiro sobre esse esquema é: se há dois campos distintos entre si sobre os efeitos de inscrição dos significantes primordiais S_1 - S_2 pelo *espaço ou intervalo* ou S_1S_2 , pela *holófrase*, é necessário supor que exista um modelo de *operação primordial* que justifique essas duas modalidades distintas, e, dessa forma, implique necessariamente a tal modelo *duas operações primordiais distintas, não articuladas* e relativa à particularidade de cada ato de inscrição no campo do Outro. Eis a porta de entrada para a correlação com a teoria da constituição do sujeito pelas *Bejahung* e *Verwerfung*, como operações primordiais diante do campo significante.

Em síntese, apresentar as três teorias sobre a constituição do sujeito em sua relação com os três registros *RSI* é ponto sobre o qual Lacan se debruçou em seu ensino. Uma estratégia de método que ordena essa construção é agrupa-las segundo as denominações *teoria do estádio do espelho*, *teoria do complexo de Édipo* e *teoria da alienação*. O objetivo desse percurso não é esgotar todos os meandros dessas teorias, pois isso implicaria uma outra proposta de tese; mas, ao de acompanhar como Lacan compreendia a formalização dos três registros *Real*, *Simbólico* e *Imaginário* na lógica da inscrição no campo da linguagem, e da partição pelos termos *sujeito*, *eu* e *objeto*, e seus operadores na estrutura.

Dessa forma, aponto que essas três teorias que se reduzem, em termos de denominação, à teoria da constituição do sujeito, e permitem para uma amplitude conceitual de *estruturação*

⁹⁰ Ler nota de rodapé 18 da seção introdutória.

sobre a qual poderia intitular, momento princeps de *montagem da estrutura*, em três perspectivas dos enodamentos dos três registros *RSI*, em que cada uma delas se ocupa de modo privilegiado de um deles, ainda que nem sempre se possa derivar com a mesma rapidez lógicas distintas para os três grupos denominados por *estrutura da neurose*, *estrutura da perversão* e *estrutura da psicose*, ponto sobre o qual desenvolvo no capítulo seguinte.

Ainda assim, e com a teoria do *Nó borromeano*, a partir do seminário “*Os não-tolos erram/os nomes do pai*” (1973-74) que Lacan se ocupa de escrever topologicamente a amarração dos três registros *RSI*, como uma forma de transmitir a estrutura que se monta desde a inscrição no campo da linguagem e dos operadores que dela deriva, culminando com a formalização no seminário “*O Sinthoma*” (1975-76), e pelo dois modelos distintos entre si com o *RSI* e o *RSI* +1, ou modelo com o quarto nó, que retorno no último capítulo dessa tese, na última parte, ao tom de considerações iniciais e futuras pesquisas, amarrando uma série aberturas dadas até o presente momento na tese, sobre o três registros *RSI* escritos pelo Nó Borromeu.

CAPÍTULO 3. Estrutura e sujeito: operações e operadores para as estruturas clínicas

A proposição para o termo *estruturas clínicas* estabelecida no capítulo anterior convocou o leitor a refletir sobre a necessidade lógica de conjugar tal noção a dois cortes fundamentais, a saber, o primeiro vinculado a operações fundamentais de inscrição no campo da linguagem, pela via da (1) *Bejahung- Verneinung* ou pela via da *Verwerfung*, e (2) os efeitos de retorno derivados das negações e *teoria de defesa* implicadas nas operações de inscrição, como, *Verdrangung*, *Verleugnung* e *Verwerfung*, que permitem amarrações dos três registros *RSI* nos operadores de linguagem, na lógica estrutural aos conjuntos especificados por *estrutura da neurose* e *estrutura da psicose*, bem como no estado transitório que configura a *perversão*, em sua dimensão de estrutura, nessa tese.

Esse capítulo se ocupará do delineamento das operações fundamentais e dos elementos operacionais que servem de fundamentos essenciais para compreender a montagem estrutural estabelecida por Lacan, nos conjuntos especificados a partir das conjugações definidas entre operações e operadores, como dois dos critérios que permitem formular as *estruturas clínicas* em psicanálise.

Considerando as *estruturas clínicas* como enodamentos distintos do *RSI*, e particularizados como um modelo de funcionamento que rege a cadeia significativa, no endereçamento estabelecido pelo analisante ao analista, sob transferência, torna-se possível ampliar a lógica que sustenta as formulações diagnósticas na *práxis* clínica, para além do índice de inscrição do significante *nome-do-pai*, na fórmula da metáfora paterna, estabelecida por Lacan.

Ou seja, a concatenação significativa que o analisante produz na formulação de seu mal estar, quando procura um tratamento psicanalítico, serve de suporte para o analista criar hipóteses diagnósticas sobre a estrutura do ato de fala em relação ao campo da linguagem, e no modo como se articula a lógica significativa no encadeamento, em seu suporte nos três registros *RSI*, permitindo, assim, por meio de operadores de linguagem a produção de *sentido* e de *significação* diante do *Real*, tendo em vista o *objeto a*, como causa para a subjetividade.

Essa hipótese, sobre o ato inaugural da subjetividade humana em relação ao campo da linguagem e a montagem estrutural, é fundamental, como suposição a ser considerada para cada indivíduo, a fim de compreender a lógica subjacente aos os fenômenos clínicos que são

produzidos, a distinção entre *estrutura* e *fenômeno* como eixo epistemológico para a prática psicanalítica.

O ato de inscrição no campo da linguagem, por meio da *operação fundamental*, é o elemento comum às três teorias da constituição subjetiva, tal qual as *teorias do estádio do espelho*, do *complexo de Édipo* e da *alienação* estabelecem nas amarrações possíveis dos três registros *RSI*, como desenvolvi no capítulo anterior.

Centrar-se nas elaborações estabelecidas sobre essa *operação fundamental* que cada subjetividade realiza, como momento inaugural da constituição do sujeito, é o ponto fundamental para cumprir com os objetivos dessa tese em definir as estruturas clínicas em sua divisão clássica, segundo operadores derivados das operações primordiais *Bejahung* e *Verwerfung*, enquanto enodamentos distintos entre si dos três registros *RSI*, além de permitir a compreensão do que Lacan realizou ao longo de sua obra sobre os efeitos diferenciais quando o *índice* do *Simbólico* opera na estrutura, inclusive do *resto* que se decanta da torção que o significante realiza na superfície, em seu aspecto radical e estrutural de divisão que o aparelho de linguagem imputa, entre *ser*, *sujeito* e *eu*. “É assim que se produz uma condição de complementaridade na instauração do sujeito pelo significante, a qual explica sua *Spaltung* e o movimento de intervenção em que ela se consoma”. (LACAN, 1958/1998, p. 699)

Nessa esteira, o leitor encontrará nesse capítulo um desenvolvimento sobre a articulação dos *dois cortes lógicos* propostos como substrato dessa tese, bem como dos efeitos de funcionamento que tais condições permitem ao arranjo significante, na cadeia significante, e consequentemente ao modo como a linguagem opera numa lógica subjetiva, tendo em vista a radicalidade com que o significante opera na estrutura em *ser*, *sujeito* e *eu*, quando há um ato de identificação ao campo do *Outro*, dessa forma, materializando a proposição do inconsciente ser estruturado como uma linguagem. “A linguagem só é concebível como uma rede, uma teia sobre o conjunto das coisas, sobre a totalidade do real. Ela inscreve no plano real esse outro plano a que chamamos aqui o plano do simbólico” (LACAN, 1954i/1986, pp. 298-99).

Na primeira seção do capítulo, intitulada “3.1. *Primeiro corte: operações primordiais Bejahung e Verwerfung*” discorro sobre os detalhamentos hipotéticos das operações definidas por tais termos em alemão, sobre o ato inaugural de inscrição do *símbolo* na subjetividade, como dois modelo, distintos entre si, para o funcionamento significante e para suas concatenações em relação ao campo da linguagem que a *neurose* e a *psicose* revelam, tal qual Freud realizou, essencialmente, no texto “A negativa” (1925) e Lacan retomou no texto “Resposta ao comentário de Jean Hyppolite sobre a “*Verneinung*” de Freud” (1956). Além da

apresentação de como esses dois autores desenvolvem tais operações em seus textos, realizo uma discussão sobre o uso dos termos em alemão e os problemas concernentes de tradução para o português.

Por fim, proponho *esquemas* que formalizam tais modelos estruturais e seus efeitos possíveis para a cadeia significativa nos eixos de suporte que o *RSI* permite para cada um deles, como modelos de referência para a teoria da montagem estrutural pelas operações primordiais, enfatizando a importância de concebê-las articuladas às teorias de negação, comumente referidas para as estruturas clínicas. Logo, o leitor recortará a fundamentação da operação primordial como primeiro corte para a proposição das *estruturas clínicas*.

Na segunda seção, 3.2 “*Segundo corte: enodamento dos três registros Real, Simbólico e Imaginário (RSI)*”, realizo a discussão dos desdobramentos sobre as teorias de negação e de defesa com *Verneinung-Verdrangung*, *Verleugnung* e *Verwerfung*, que as operações fundamentais implicam à lógica subjetiva, e que, assim, quando conjugadas permitem as distinções para as *estruturas clínicas* como conjuntos que determinam os funcionamentos significantes no ato de fala na *neurose*, *perversão* e *psicose* respectivamente como enodamentos dos três registros *RSI*. A fim de coadunar com a proposta de Lacan em “*Distinguir as relações do sujeito com a estrutura, concebida como estrutura do significante, é restabelecer a própria possibilidade dos efeitos da defesa*”. (LACAN, 1960a/1998, p. 672).

Sabemos que o complexo de castração inconsciente tem uma função de nó”

1. na estruturação dinâmica dos sintomas, no sentido analítico do termo, quer dizer, daquilo que é analisável nas neuroses, nas perversões e nas psicoses.
2. numa regulação do desenvolvimento que dá a esse primeiro papel sua ratio, ou seja, a instalação, no sujeito, de uma posição inconsciente sem a qual ele não poderia identificar-se com o tipo ideal de seu sexo, nem tampouco responder, sem graves incidentes, às necessidades de seu parceiro na relação sexual, ou até mesmo acolher com justeza as da criança daí procriada. (LACAN, 1958/1998, p. 692)

Da relação estabelecida entre *Bejahung* e *Verneinung*, tem-se o efeito de amarração dos três registros *RSI* no ato de inscrição no campo da linguagem, como se pode averiguar com os efeitos simbólicos e imaginários que a *Verneinung* articulada à *Verdrangung* implicam para o conjunto *estrutural da neurose* diante do *Real*, pelas formações essencialmente simbólicas, que o inconsciente monta como estrutura.

O lugar do Outro como esvaziado do gozo não é apenas um lugar desobstruído, um círculo calcinado, um espaço acessível ao jogo dos papéis, como é também algo que, por si só, estrutura-se pela incidência significante. É exatamente isso que introduz nele essa falta, essa barra, essa hiância, esse furo que se pode distinguir-se do título do objeto a. (LACAN, 1969b/2008, p. 244)

A *Verwerfung* desponta como a operação de inscrição que tanto produz a especificidade de exclusão do índice do *Simbólico* na estrutura, quanto, portanto, regula um modelo de funcionamento pautado na lógica imaginária de inscrever um lugar para a subjetividade, tal qual a *holófrase* evidencia nas formulações de demarcar um lugar de resposta – como concatenação rígida entre os significantes - e da exclusão radical, como negação que exclui qualquer possibilidade de tratamento *Simbólico* do *Real*, que a *estrutura da psicose* revela como marca fundamental de seu funcionamento no *delírio* e nas referências imaginárias que o *eu* pode ou não delimitar.

A *Verleugnung* é um modelo de *negação* que não determina a especificamente um conjunto estrutural, como Freud estabelece em suas discussões a partir de 1927 com o texto “*Fetichismo*”, mas aponta para um arranjo temporário de tratamento do objeto pelo suporte *Imaginário* que engessa uma resposta diante do *Real*, que a *perversão* permite ordenar como um estado temporário e transitório no *fetiche*, como operador característico desse funcionamento, que tanto a *neurose* quanto a *psicose* podem apresentar.

Portanto, a segunda seção estabelece uma discussão sobre os elementos operacionais que os efeitos de retorno permitem na estrutura, quando há uma conjugação entre operação fundamental e negação subjacente em cada modelo discutido anteriormente, pelos *operadores de linguagem* específicos a cada uma das estruturas clínicas.

Na terceira e última sessão do capítulo, “*Ser, sujeito e Eu: a montagem da estrutura pelo corte significante*”, discuto os efeitos da montagem estrutural que o significante realiza na divisão subjetiva, por meio de uma discussão epistemológica que permite desvincular a hipótese estrutural da pessoa do analisante, e centrar-se na hipótese de um enlaçamento em relação ao campo do Outro que se atualiza no ato de fala, sob transferência, do analisante para o analista. Além de um desdobramento em perspectiva das questões topológicas implicadas aos três registros *RSI* nas três estruturas discutidas na tese, e modelos esquemáticos de formalização.

A necessidade de apresentar essa discussão, numa fronteira entre a ontologia e a epistemologia para as *estruturas clínicas*, nesse capítulo, aponta para o problema da temporalidade e da referência que a teoria estrutural levanta, e que discuti na seção introdutória dessa tese.

Quem se inscreve no campo da linguagem?

Quem determina o modelo de funcionamento dessa lógica estrutural?

Em que tempo isso se dá?

Essas poderiam ser três perguntas, instaladas de forma lateral na produção do capítulo, que orientaria o leitor no deslizar de sua leitura.

Há um paradoxo implícito nessas questões sobre a *montagem estrutural* em relação ao campo da linguagem e a temporalidade de tal inscrição, pois as instâncias - *ser*, *sujeito* e *eu* - que se apoiam nos fundamentos dos três registros *RSI* para a lógica da divisão inconsciente na estrutura são efeitos da própria inscrição. O paradoxo é posto exatamente na medida de que tais instâncias são efeito da linguagem, e não antecedem à linguagem, mas são supostas à materialidade corporal pelo investimento que o outro semelhante realiza no *infans* por meio do significante, logo, *quem se inscreve no campo significante? Quem determina essa inscrição: a subjetividade em causa ou o outro que permite a manutenção da vida do infans? Quando isso ocorre: no nascimento ou como efeito do tempo de vida?*

A discussão ao final do capítulo encaminha o leitor para uma conclusão de que isso ocorre num certo tempo da maturação, mas não é consequência “*natural*” do desenvolvimento humano, ainda que isso esteja em pauta no paradoxo. Trata-se de um ato de identificação que aponta para a montagem estrutural, pela conjugação de uma operação e dos efeitos de retorno que tal operação fundamenta nessa tese.

É necessário, e ético, supor que haja uma particularidade em jogo na lógica da montagem *estrutural*, pela via da afirmação de um *sujeito*, de uma singularidade nos arranjos significantes que o campo da linguagem permite nas formulações discursivas que o *eu* engendra numa sintaxe, quando é impossível encontrar uma definição última para o *ser*, quando o próprio significante demanda outro significante para produzir um significado. Como Lacan sintetiza no texto “*Seminário sobre 'A carta roubada'*” (1957): “*A subjetividade, na origem, não é de nenhuma relação com o real, mas de uma sintaxe nela engendrada pela marca significante.*” (LACAN, 1957a/1998, p.55), retoma no seminário “*A fórmula do fantasma*” (1966-67), “*o que não está ali, o significante não o designa, ele o engendra, o que não está ali, na origem é o próprio sujeito*” (LACAN, 1966a/2008, p. 21) e, por uma aproximação um tanto apressada⁹¹ entre as referências do vivo⁹² e da morte, realizadas no seminário “*RSI*” (1975), sobre o que faz

⁹¹ Qualifico de *apressada*, a passagem de interpretação que realizo entre os seminários 16 e 22, para o leitor, e em certa medida do “*um*” da citação de Lacan no “*RSI*” (1975) com esse marco inaugural do efeito de corte na estrutura, a fim de sinalizar minha compreensão sobre as complexidades epistemológicas de tratar os três registros *RSI* e suas dimensões topológicas com que o *Nó-borromeano* trazem para a psicanálise.

⁹² Na introdução do livro “*Otro Lacan – estudio crítico sobre los fundamentos del psicoanálisis lacaniano*” de A. Eidelsztein (2015), o autor tece a correlação conceitual entre aspectos da filosofia, em termos das limitações e derivações, que há entre as dimensões da “*vida*” como o incognoscível do *Real* e da “*morte*” com as inserções do significante na estrutura, do Simbólico com a corpo do *Imaginário* (EIDELSZTEIN, 2015, pp. 14-5).

a amarração dos três registros *RSI* na torção com a estrutura significativa, a qual da contingência que passa a ser necessária com a estruturação subjetiva.

O Imaginário e o Real, digamos a esse um de significativo, que diremos deles? Se não que, para o que é da sua (deles) qualidade, aquilo que Charles Sanders Pierce chama de “firtness” do que os reparte como qualidade diferente, onde colocar, por exemplo, como repartir entre eles, nessa ocasião, algo como a vida ou então como a morte? Quem sabe onde situa-los? Já que tanto o significativo, o um de significativo como tal, causa tanto num quanto outro, vertentes.

Seria engano acreditar que dos dois, do Real e do Imaginário, seja imaginário mortal e o real vivo. Apenas o ordinário do uso de um significativo pode ser digno arbitrário. Mas de onde vem esse arbitrário senão de um discurso estruturado? (LACAN, 1975c, p. 22)

É pela possibilidade de se afirmar um *sujeito* como efeito do significativo e regulado por um funcionamento segundo leis num campo, como subversão inaugurada por Lacan, que a teoria estrutural fundamental explicita a lógica de uma teoria de inscrição no campo do Outro como *identificação* fundamental para a causa humana, e que se atualiza na transferência quando há um efeito de enlace específico aos significantes, que não esteja regulado, prioritariamente, pelo uso corrente de um código linguístico.

É a estrutura desse lugar que exige que o nada esteja no princípio da criação e que, promovendo como essencial em nossa experiência a ignorância em que se acha o sujeito, pelo real do qual recebe sua condição, impõe ao pensamento psicanalítico ser criacionista, ou seja, não se contentar com nenhum referencia evolucionista. Pois a experiência do desejo em que lhe é preciso manifestar-se é justamente a da falta-a-ser pela qual todo ente poderia não ser ou ser outro, ou em outras palavras, é criada como existente. (LACAN, 1960a/1998, pp. 673-74)

Ou seja, trata-se da hipótese de ordenar as relações entre *ser*, *sujeito* e *eu*, na lógica estrutural pelo apoio que os três registros *RSI* permitem quando o significativo passa a operar na estrutura, e dos efeitos éticos de se supor duas modalidades distintas e particulares de inscrição no campo da linguagem, por meio dos índices fundamentais para o *Imaginário*, no *i(a)* e nas referências para o *eu*, para o *Simbólico*, no *traço unário* como lugar primordial a partir do qual o *símbolo* inscreve o ponto de estofo nos enlaces de substituição significantes que representa o sujeito, e para o *Real* com a extração do *objeto a*.

Da proposição universal de que toda subjetividade se apoia numa lógica estrutural de funcionamento, ao encaminhamento singular que cada um realiza sobre os enlaces significantes na produção de sentido e significação sobre a própria existência, esse capítulo apresenta um dos pontos nodais dessa tese, sobre os cortes lógicos das *estruturas clínicas* em operações fundamentais e operadores de linguagem na *estrutura*, que explicitam a proposição das

estruturas clínicas como enodamentos dos três registros, *Real*, *Simbólico* e *Imaginário* e da formalização na escrita pelo *Nó-borromeano em RSI e RSI+1*, que a *Bejahung* e a *Verwerfung* determinam respectivamente nas conjugações da *neurose* e *psicose*, como modelos fundamentais de funcionamento subjetivo.

Sobre a operação *Bejahung*, articulada à *Verneinung*.

[...] há um momento que é, se assim se pode dizer, a origem da simbolização. Entendam bem – essa origem não é um ponto do desenvolvimento, mas corresponde a esta exigência, a de que é preciso um começo para a simbolização. Ora, a qualquer momento do desenvolvimento, pode se produzir alguma coisa que é o contrário da *Bejahung* – uma *Verneinung* de algum modo primitiva, da qual a *Verneinung* em suas consequências clínicas é uma continuação. A distinção dos dois mecanismos, *Verneinung* e *Bejahung*, é absolutamente essencial. (LACAN 1955c/2002, p. 58)

Sobre a operação *Verwerfung*.

Assinalei para vocês que devia haver alguma coisa que não se realiza, em certo momento, no domínio do significante, que tinha sido *verworfen*. O que constitui assim o objeto de uma *Verwerfung* reaparece no real. Esse mecanismo é distinto de tudo o que conhecemos, por outro lado, da experiência, quanto às relações do imaginário, do simbólico e do real. (LACAN, 1956e/2002, p. 217)

3.1. Primeiro corte: operações primordiais *Bejahung* e *Verwerfung*.

Essa seção tem por objetivo discutir o primeiro ponto de apoio dessa tese, a qual conjuga, como fundamentação para a composição das estruturas clínicas em psicanálise, a necessidade lógica de supor uma operação primordial de inscrição da subjetividade no campo da linguagem, como campo de significantes, como campo do Outro (A).

A montagem da estrutura, segundo o campo que disponibiliza os elementos que servirão de materialidade para seu funcionamento, é pautado pela identificação a tal unidade significante, produzindo uma série de efeitos, dentre eles o sentido sobre si, e a possibilidade de significação da existência no laço com o outro, desde os operadores de linguagem que os registros *RSI* servem de suporte.

A depender da operação que sustenta esse ato de identificação, há efeitos fundamentais para as subseqüentes ligações entre tais elementos, que podem ou não, encontrar seu suporte *Simbólico* na concatenação da cadeia significante. As duas operações fundamentais que engendram o ato identificação ao campo da linguagem é denominado por Freud (1925b/2007) e por Lacan⁹³ (1955/2002; 1956b/1998; 1967a/2008; 1975c) com os seguintes termos: *Bejahung* e *Verwerfung*, como distintivas e determinantes para conjuntos estruturais diferentes.

Trata-se de uma formulação hipotética e mítica sobre o momento fundante da constituição subjetiva, e que por tal razão está ordenada segundo um pressuposto epistemológico, ainda que produza impacto numa discussão ontológica, sobre o ser humano. É impossível indicar dados de empirismo para a questão em pauta, e as razões lógicas de dedução, que tal ponto teórico ordena para a teoria psicanalítica, apontam para as dimensões éticas da clínica, principalmente na legitimidade que a *estrutura da psicose* impõe no laço transferencial, e, também, nas indicações da causa da simbolização na constituição subjetiva, para além das pedagogias que se poderia supor no desenvolvimento humano.

Iniciar a seção, determinando o aspecto mítico, porém fundamental, das operações primordiais em relação ao campo da linguagem, de certa forma apontando para as distinções entre *estruturalismo epistemológico* e *estruturalismo ontológico* (ECO, 2013), me permite circunscrever o leitor o ponto de partida sobre o qual realizo as formulações sobre o campo

⁹³ O leitor atento produzirá uma significação sobre a temporalidade indicada nas citações de Lacan sobre as operações primordiais. De 1950 a 1970, Lacan menciona a importância dessa lógica implicada aos termos *Bejahung* e *Verwerfung*, permitindo inferir que tal conjunto conceitual permanece sustentando as formulações psicanalíticas que o autor realiza em sua obra. Logo, é possível considerar a permanência conceitual da proposição estrutural, ainda que hajam inflexões e novas correlações entre os conceitos fundamentais propostos por Lacan.

temático do capítulo, e, assim, responder a problemas levantados na seção introdutória sobre o *Problema da referência e da temporalidade* desse conjunto na teoria psicanalítica. “*É aqui que se deveria retomar o problema da origem da negação, caso não se entenda por isso nenhuma gênese psicológica pueril, mas um problema de estrutura, a ser abordado no material da estrutura*” (LACAN, 1960a/1998, p. 669).

Lacan aponta o ponto nodal dessa problemática no texto, que inclusive, leva no título a palavra *estrutura*, “*Observação sobre o relatório de Daniel Lagache 'Psicanálise e estrutura da personalidade'*” (LACAN, 1960a/1998), e entre uma discussão psicanalítica e filosófica sobre a montagem da lógica da constituição subjetiva, retoma uma série de teorias, como as que desenvolvi no capítulo anterior, do estádio do espelho com o esquema óptico até as proposições freudianas realizadas no texto de 1925, “*A negativa*”, a fim de explicitar o momento inaugural de *formação do eu* e da ordenação da realidade psíquica com a *Bejahung*, *Verwerfung*, e as negações implicadas. Trata-se do problema da estrutura e das origens da constituição subjetiva para além das psicologias do desenvolvimento ou das maturações orgânicas.

A referência dada aos temas *Bejahung* e *Verwerfung* é da ordem epistemológica, e de uma torção entre a empiria e a dedução lógica, isso é, ainda que não se possa demarcar a experiência que determina a causa para a escolha entre uma operação e outra, é possível constatar os impactos na ordem da estruturação e da regulação de funcionamento dos elementos que compõem o campo sobre o qual as operações fundamentais estão implicadas. Logo, considerando-as como um dos apoios fundamentais, em termos de hipóteses, tais operações passam a ser um dos critérios de conjugação conceitual para a teoria estrutural da psicanálise, e de suposição casuística para as fenomenologias que a clínica aponta para o psicanalista, independente das cronologias temporais que a história escreve.

Leitor, apesar de certa aparência transcendental e metafísica, não tenho por intuito levá-lo a considerar que o pressuposto teórico das operações fundamentais independa da experiência. Entretanto, me recuso a me apoiar que as determinações estruturais sejam produto das condições ambientais, sociais, históricas ou econômicas, tendo em vista o inconsciente e as proposições de Lacan sobre o funcionamento de sua estrutura como uma linguagem. A questão que resta desse problema é: *como seria possível considerar a teoria estrutural e a montagem das estruturas clínicas sem recair a um engodo puramente metafísico, tampouco ambientalista?*

Essa pergunta não tem por intuito levantar um percurso a ser respondido nessa seção de forma integral, à medida de uma estratégia metodológica, mas entendo a necessidade lógica de colocá-la, tendo em vista a consequência com que as operações fundamentais estão implicadas

às possibilidades de funcionamento subjetivo, e de certa forma, a fim de suspender uma certa concepção de que, por um lado, as *estruturas clínicas* não encontram ressonância nem na prática do psicanalista na contemporaneidade, e por outro, tampouco sejam necessárias em termos teóricos. Porém, evitar tal discussão pode levar a concepções problemáticas, do tipo, “*as condições ambientais de precarização das condições básicas de vida podem levar a quadros graves, em termos de fenomenologia sintomática*”, ou explicitações causais de certos adoecimentos que os quadros semiológicos do DSM podem incorrer na materialidade genética ou mesmo de confinamentos que o termo “*doente*” acarreta.

Ou seja, as *estruturas clínicas* comportam o grande bojo de uma razão de funcionamento na concatenação significativa e possibilidade de interpretação do *Real*, na significação de si e no sentido a ser transmitido sobre o mal-estar que leva o analisante ao psicanalista que desvincula as causas do adoecimento em termos de “*é do ambiente*” ou “*é da própria subjetividade*”.

O termo torção, tal qual proponho na seção introdutória para a experiência teórica da clínica pode ser uma proposta de solução para o problema, e cuja interpolação possa emergir ao tom de que a particularidade de quem opera segundo a razão da *Bejahung* ou da *Verwerfung* não é essencialista ou determinado pelo outro cuidador, mas pelo efeito dialético e topológico entre a materialidade subjetiva e o campo que a determina, a do significante.

Assim, torna-se fundamental conjugar a *noção estrutural* a dois cortes que apontam para as razões da montagem estrutural, sendo o primeiro vinculado à operação em relação à inscrição no campo da linguagem, e o segundo pelos efeitos de retorno que tal operação determina, em termos de efeitos que a identificação ao significante opera na estrutura, em ser, *sujeito* e *eu*.

Nas epígrafes de abertura da seção, extraio duas citações do seminário “*As psicoses*” (1955-56), nas quais Lacan indica a importância das operações fundamentais *Bejahung* e *Verwerfung* respondendo a problemas distintos para o psicanalista, em termos teóricos e clínicos: a questão da simbolização primordial e o efeito que a *Bejahung* acarreta na montagem estrutural como distinto do efeito da *Verneinung*, e a lógica implicada em modalidades de funcionamento que excluem a simbolização significativa e a consequência particular de amarração dos três registros no suporte de concatenação significativa.

Assim, no primeiro excerto, Lacan afirma que a *Bejahung* articulada à *Verneinung* implica racionalizações sobre a gênese da simbolização, e da necessidade lógica de se supor que tal articulação não preceda uma homologia de significado teórico, tampouco cronológico, para os termos. A razão da subjetividade produzir uma significação que implique o *Simbólico*

em seu suporte de concatenação significante não é mero produto do desenvolvimento humano, e isso não remete a questão da gênese de inscrição do símbolo na estrutura ao efeito do acaso de uma determinação, ou passível de alteração a depender de certos investimentos, como apresentei na seção introdutória.

Mais exatamente, é nessa negatividade, na medida em que ela é pura, isto é, desvinculada de qualquer motivo particular, que reside a junção entre o simbólico e o real. O que se compreende pelo fato de esse não-agir fundamentar-se em nosso saber afirmado do princípio de que tudo é real é racional, e pelo motivo daí decorrente de que é ao sujeito que cabe descobrir sua dimensão. (LACAN, 1956a/1998, p. 311)

É fundamental supor que o começo da simbolização ocorra em algum momento da cronologia do desenvolvimento humano, mas que isso não seja um mero produto da maturação do tempo: eis a fundamentação do ato de identificação ao significante, que a *Bejahung* explicita, e que é distinto do mecanismo que se sucede, com a *Verneinung*, na proposição da montagem estrutural na constituição subjetiva. Para Lacan, “*A distinção dos dois mecanismos, Verneinung e Bejahung, é absolutamente essencial*”. (LACAN 1955c/2002, p. 58).

Sobre a segunda citação, a operação *Verwerfung* remete a uma negatividade em relação à simbolização que a estrutura determina no funcionamento significante. Diante do campo da linguagem, a inscrição pela *Verwerfung* opera uma radicalização de exclusão no domínio significante que implica um modelo de formação do *eu* e do objeto da realidade e de amarração dos três registros *Real*, *Simbólico* e *Imaginário* que são distintos, e absolutamente distintos, do tratamento *Simbólico* do objeto, e que, por consequência tem o princípio de “*O que constitui assim o objeto de uma Verwerfung reaparece no real*” (LACAN, 1956e/2002, p. 217).

Assim, há a necessidade de dar um recuo para um momento *princeps*, e em certa medida mítico ou conjectural, do ato identificatório, cujo efeito é o da inscrição da subjetividade no campo da linguagem, e do efeito paradoxal de inscrever e determinar um modelo de funcionamento, que se materializa na possibilidade significante de sua própria natureza; em suma, da relação estrutural e dividida da subjetividade em *ser*, *sujeito* e *eu*.

As operações que permitem esclarecer esse momento são denominadas por *Bejahung* ou *Verwerfung*, e é a partir delas que podemos ordenar dois modos de inscrição em relação ao significante e seu lugar privilegiado, denotando o estatuto para o Outro na subjetividade, para além dos predicados da linguística. Lacan, em seu texto “*Resposta ao comentário de Jean Hyppolite sobre a Verneinung de Freud*” (1956b/1998), fornece algumas pistas sobre tais operações a partir da leitura do filósofo J. Hyppolite sobre o termo *Verneinung* que Freud explorou em 1925, no texto de mesmo título, a saber “*A negativa*”.

Nessa esteira, o fio condutor que serve de suporte para a seção é a discussão crítica quanto aos termos, desde as implicações etimológicas e de tradução quanto o uso conceitual que Freud e Lacan utilizam em suas obras, a fim de coadunar com uma proposta que não recaia em nenhuma das perspectivas, *metafísica* ou *ambiental*, que levantei como ressalva para esse apoio da construção de ponto de apoio da tese aqui defendida: a saber, a fundamentação das operações primordiais *Bejahung* e *Verwerfung*.

O sr. Hyppolite, por sua análise, fez-nos transpor a espécie de desfiladeiro, marcado pela diferença de nível no sujeito, da criação simbólica da negação em relação à *Bejahung*. Essa criação do símbolo, ressaltou ele, deve ser concebida como um momento mítico, mais do que como um momento genético. Pois não podemos sequer relaciona-la com a constituição do objeto, uma vez que ele concerne a uma relação do sujeito com o ser, e não do sujeito com o mundo. (LACAN, 1956b/1998, p. 384)

O leitor, dessa forma, encontrará (1) uma apresentação etimológica dos termos utilizados por Freud e recuperados por Lacan, a saber, *Bejahung*, *Verwerfung* e *Ausstossung*, para na sequência, (2) um desenvolvimento teórico e conceitual das razões psicanalíticas que os fizeram utilizar em suas obras, e por fim, (3) uma discussão sobre as hipóteses dessa tese sobre a pressuposição lógica de considerar tais operações fundamentais na proposição das estruturas clínicas, em termos das referências e temporalidade envolvidas, inclusive, propondo esquemas distintos para os efeitos de inscrição no campo da linguagem e funcionamento da cadeia significante pela *Bejahung* e *Verwerfung*.

Em termos etimológicos, *Bejahung* e *Verwerfung* foram tratados em poucos livros oficialmente dedicados a tal estratégia metodológica. Dois materiais dessa natureza foram utilizados, as saber, “*Dicionário comentado do Alemão de Freud*” (1996) de Luiz Alberto Hanns e “*As palavras de Freud – o vocabulário freudiano e suas versões*” (2010) de Paulo César de Souza, para compor a discussão a seguir sobre os termos em alemão, o significado e os pressupostos teóricos implicados a eles, além de uma breve discussão sobre as traduções das quais se costumam realizar pela literatura especializada no Brasil.

É importante situar que *Bejahung* é incluído apenas em Hanns (1996), e em contrapartida, o termo *Ausstossung* é carregado de uma série de contradições que serão discutidas a seguir, inclusive, já antecipando, que Hanns (1996) e Souza (2010) não o apresentam em seus índices, diferentemente do termo *Verwerfung*, que é incluído em grande parte dos dicionários e compêndios de referência, como em Roudinesco & Plon (1998) e Zimmermann (2001, p. 97) que faz referências direta a *Verwerfung* na seção sobre os

mecanismos de defesa, apontando uma concepção para o termo. Kaufman (1996) não utiliza nenhum dos termos como objeto de desenvolvimento.

Bejahung é um substantivo em Alemão, que explicita o advérbio de afirmação “*sim*” (HANNS, 1996, p. 47), e, portanto, a acepção implicada ao verbo *Bejahen* conjuga um significado de *afirmar, assentir, concordar*, no sentido corrente da língua, tal qual o código formalizado no dicionário poderia definir. A palavra é composta por três conjugações que têm significados intrínsecos, e coadunam com as proposições de sentido, a saber, o prefixo *Be*, o radical *Ja*, e o sufixo *ung*.

Be é prefixo que transforma o advérbio *Ja* em verbo transitivo, aquele que demanda o objeto com ou sem a necessidade sintática de preposição na relação entre verbo e objeto, que direto e indireto podem indicar na análise sintática da língua. *Ung* é o sufixo de substantivação que corresponde ao indicativo de ação, que o “*ção*” no português permitiria traduzir *Bejahung* a uma afirmação ou aceitação, por exemplo. Porém, é fundamental enfatizar que *Bejahung* não comporta a vocalização de tal ação afirmativa, tampouco a explicitação pública e explícita de um conteúdo.

Trata-se de um termo que carrega o sentido de aceitação, através do *sim*, e conjugação de duas ações simultâneas, anterior e posterior que a *Bejahung* produz no tempo, como um corte que atrela duas ações. É derivado desse pressuposto que *Bejahung* necessariamente se articula com um conteúdo distinto daquele que emerge como efeito de sua ação, e dessa forma, intrinsecamente dialético. Por isso, *Bejahung* se articula com uma ação oposta, em termos de superfície linguística, que a negação remete. Freud inicia o texto de “*A negativa*” 1925 indicando a necessidade lógica subjacente à negação, pressupondo uma *Bejahung* que a sustenta.

A etimologia de *Be* na língua Alemã condensa uma série de alterações nas palavras quando agregado a elas, por exemplo, inicialmente designava um prefixo verbal, que indica uma direção espacial de um processo, tal qual o deslocamento de um ponto a outro, bem como a dimensão do tempo na ação dirigida a um objeto ou pessoa, no antes e depois a depender dos efeitos produzidos. Assim, a significação que *Be* produz é de uma transformação de substantivos, de adjetivos e de verbos intransitivos em *verbos transitivos*, por exemplo *Bejahen*, que poderia ser traduzido para o português por *afirmar, assentir, concordar*, porém com algumas ressalvas que toda tradução aponta, por exemplo, como Hanns determina no mapeamento de conotações que não estão presentes em *Bejahung* e estão presentes nos verbos traduzidos acima: *não incluir declarar com firmeza, assumir autoria, comunicar firmemente*,

ter certeza. Por tal razão que decido manter do início ao fim da tese o termo em Alemão, e criar ênfase nas proposições conceituais que apresento a seguir

Hanns (1996) afirma que o significado atrelado a *Bejahung* indica uma modalidade de verbo que pode ser utilizado como substantivo, a depender das concatenações com as palavras das frases da e de suas posições na cadeia de formulação. As conotações implicadas à significação de *Bejahung* incluem o uso de uma declaração explícita do sim, decorrente da inserção do advérbio de afirmação, que evoca tanto uma frase anterior, quanto permite seu estatuto de existência, ainda que ela não esteja declarada no texto evocado pela *Bejahung*. Essa conotação é fundamental para a utilização do termo *Bejahung* com que proponho nessa tese, inclusive pautando a articulação de conjugar dois cortes à operação fundamental. Ou seja, do sentido implicado à palavra no uso da língua Alemã, para o uso conceitual na teoria psicanalítica.

Para o termo *Verwerfung*, Hanns (1996) aponta as influências da leitura lacaniana, do texto de Freud, na difusão do conceito na comunidade psicanalítica, e inclui, nas possibilidades de tradução neologismos que Lacan realizou sobre a concepção freudiana: “*é traduzido frequentemente por “forclusão”, “perclusão”, “rejeição”, e ainda por “repúdio”, “recusa” e “condenação”*” (HANNS, 1996, p. 368). A referência dada à tradição francesa de interpretação psicanalítica está demarcada com “*forclusão*” ou “*perclusão*”, e, como o leitor irá constatar, tendo a utilizar *foraclusão*, em situações específicas que me demandam uma apropriação conceitual, como na proposição do “*ponto de foraclusão*”, que discuto adiante sobre o impacto desse modelo de operação para a *estrutura da psicose*, na inscrição no campo da linguagem.

O radical *Werfen* remete ao verbo na sintaxe, logo uma ação, que “*significa literalmente “arremessar”, “atirar”, “jogar”, “lançar” etc. A palavra verwerfen pode significar “descartar algo por considerar inútil ou inadequado” e “condenar moralmente”* (HANNS, 1996, p. 368).

A justificativa que me leva a utilizar “*foraclusão*” como tradução para o termo *Verwerfung* está centrada tanto na sonoridade que a palavra comporta, ou seja uma dimensão estética, e, quanto na possibilidade de certas significações passíveis de serem imputadas, quando se pode produzir com a separação de suas partes, *fora*-clusão, enfatizando o aspecto de posição radicalmente fora que a operação fundamental implica ao aspecto asemântico do significante, em dimensão propriamente conceitual.

Etimologicamente, o verbo *Verwerfen*, a partir do qual o substantivo *Verwerfung* é construído, é composto do prefixo *Ver* e do radical *Werfen*, esse definido acima. Saliento que

os significados atribuídos ao prefixo comportam uma dimensão tempo-espacial bastante importante na significação da palavra em Alemão, por meio da expressão “*ir muito adiante*”, além de um excesso inerente à palavra que inclui tal prefixo, enquanto uma “*intensificação de uma ação*”.

ver: Prefixo que, em geral, designa as consequências de “ir muito adiante” (seja prolongar-se temporalmente, seja progredir geograficamente). Além disso, indica fenômenos bastante contíguos: “transformação”, “fechamento”, “extinção”, “gasto”, “perda”, “lapsos”, et”. Também pode indicar a “intensificação de uma ação” (a ação se mantém indo adiante” e eventualmente em excesso), bem como apontar para uma ação de “ir ou ser levado a outro lugar” (HANNS, 1996, p. 368)

Os significados de *Verwerfung* e *Verwerfen*, que Hanns (1996) compila em seu trabalho, são bastante concisos e sofrem pouca variação com as palavras utilizadas pelo autor, remetendo essencialmente a uma ação que expulsa, de um campo para outro, um determinado objeto, ao ponto de que tal ação implique sua exclusão. As palavras em Alemão têm pouca circulação na cultura.

A tradução de *Verwerfung* para o português costuma ser “*rejeitar*”, em virtude das influências de tradução realizado pela Ed. Imago, quando essa utiliza “*rejection*”, como a decisão que os tradutores tendem a realizar para o termo, ainda que em alguns casos utilizem “*ejetar*” ou “*repudiar*”, seguindo uma proximidade com a significação em Alemão (HANNS, 1996, pp. 373-73).

Contudo, por se tratar de uma dimensão conceitual em psicanálise, há a necessidade de se discutir as implicações de tradução realizadas, principalmente, quando certas terminologias passam a ser características de uma linhagem interpretativa da teoria psicanalítica, como ocorreu com Lacan, ao focar no termo *Verwerfung* e apropria-se de uma terminologia jurídica para compor a significação conceitual inerente à proposição freudiana, a saber, a invenção *forclusion*, que não encontra qualquer palavra semelhante no léxico português.

Sales (2007b) faz referência direta das implicações jurídicas ao termo proposto por Lacan, e devo salientar a dimensão temporal e de prazo na execução de uma ação legal, ao tom de que a *forclusion* significa a perda de executar um direito, em virtude da perda do prazo de protocolar tal demanda. A dimensão temporal que Lacan atrela ao conceito é fundamental para responder ao problema da referência e temporalidade, tornando-se explícita que a constituição subjetiva não é um processo, mas da ordem lógica implicada ao ato, como um corte: “Preclusão é derivado do âmbito jurídico e introduziu-se no português como tradução do *forclusion* francês. Quanto à palavra *forclusão*, a rigor, ela não existe em português, é um

aportuguesamento do termo francês. Ambas são palavras inexistentes no português coloquial, utilizadas hoje no jargão psicanalítico brasileiro por influência da nomenclatura lacaniana” (HANNS, 1996, pp. 370-71).

Esse trânsito, ou apropriação, que Lacan realizou não é mero acaso, e como Sales (2007b) aponta, há uma determinação conceitual na eleição do termo, pois ele se aproxima com a costura teórica que Lacan denota para a teoria da constituição do sujeito, e as consequências na dimensão temporal que distingue tal proposta de qualquer possibilidade desenvolvimentista para o momento de tal ato constituinte. Souza (2010) complementa: “*o que justifica a introdução do neologismo estaria no ‘prolongamento de uma exigência constante em Freud: a de definir um mecanismo de defesa específico da psicose’*” (SOUZA, 2010, p. 232). Retornarei a esse ponto adiante.

Souza (2010) realiza um mapeamento das definições do termo nos dicionários e compêndios da teoria psicanalítica, e sistematiza as acepções com que são transmitidas nesses trabalhos de condensação conceitual, além de um recorte dos trechos em que o termo *Verwerfung* aparece nos textos de Freud. O autor também frisa o ponto de entrada sobre o qual Lacan realiza sua teorização, no seminário “*As psicoses*” (1955-56), para o conjunto das psicoses, a saber, o texto de Freud “*História de uma neurose infantil*” (1918/1996), conhecido como o caso do “*Homem dos lobos*” e cena da alucinação do corte do dedo, a partir da qual a operação da *Verwerfung* fica diretamente vinculada a uma modalidade de defesa diante da castração, que por não ser simbolizada, retorna no *Real*, e que está amplamente discutida no texto “*Resposta ao comentário de Jean Hyppolite sobre a “Verneinung” de Freud*”, de 1956.

Porém, as complicações de tradução dos termos *Bejahung* e *Verwerfung* para qualquer outra língua são inúmeras, inclusive para o português, pois seria necessário encontrar uma palavra que contemple não apenas os significados apreendidos no Alemão, como evitar toda a sorte de conjuntos de significados que não estão atrelados a eles na língua original, e isso também equivale para a palavra escolhida na tradução. É um problema que os estudiosos discutem sobre a possibilidade de tradução (ECO, 2010), e que Souza (2010) realiza de modo contundente do início ao fim de seu livro, a ponto de se dedicar à tradução das obras completas de Freud, direto do Alemão desde meados da década de 2010.

Ou seja, a tradução dos termos carrega desde a própria problemática do atrelamento de significado ao significante que denotação e conotação revelam, até as condições de produção da cultura e os aspectos constituintes que o código social obscurece, tal qual o entrave que a gramática revela, segundo Lacan (LACAN, 1974/2003, p.515). Contudo, esse problema

também esconde uma questão conceitual sobre a validade epistemológica de utilizar uma teoria que contemple aspectos universais quando há um impacto no próprio dos termos, como estou apresentando com as traduções. Aliás, a tradução evoca um ponto interessante sobre a relação entre o contingente e o necessário na significação, e em termos estruturais, isso não seria a própria dimensão significante e a barra impossível de acessar o significado definitivo, como estrutura do inconsciente?

Como se sabe, as partículas muito diferenciadas que em todas as línguas matizam a negação conferem à lógica formal oportunidades ímpares (*oddities*) que comprovam que elas participam de uma distorção essencial, ou seja, de uma outra tradução da *Enstellung*, que é válida se a relacionarmos com a topologia do sujeito na estrutura significante. (LACAN, 1960a/1998, p. 669)

Ainda mais, realizar essa discussão sobre as operações primordiais, pelos aspectos etimológicos das palavras em questão, torna-se fundamental para os propósitos da tese, quando insisto, em diversos momentos desse trabalho, da sorte de confusões e complicações com que o conjunto estrutural tem sido tratado teoricamente. É necessário um rigor conceitual na proposição dos termos, pois a depender da palavra utilizada, imputa-se a eles determinações teóricas que implicam diretamente em consequências clínicas. A teoria da inscrição no campo da linguagem é um desses conjuntos problemáticos, não só pela utilização dos termos, mas também pelas acepções com que os psicanalistas tendem a atribuir a tal conjunto; criando diversas possibilidades de interpretação, e assim, determinando escolas ou linhas interpretativas tanto do texto de Freud quanto do texto de Lacan, como se pode vislumbrar sobre a problemática da referência e temporalidade que discuti na seção introdutória.

Souza (2010) complementa:

No caso de áreas do conhecimento em que uma língua tem hegemonia, ou algumas preponderâncias em relação a outra, há a tendência de essas versões equivocadas se cristalizarem pelo, vindo a formar um jargão. Entre psicanalistas de influência anglo-americana, ouve-se (e também se lê) o verbo “realizar” no sentido de “dar-se conta, perceber” - *to realise*, em inglês -, quando em português sempre significou “executar, transformar em realidade”. Essa impregnação de sentido, tornando-se difundida e mesmo sistematizada no campo da psicanálise, favorece a caracterização de escolas, vertentes e grupos, de forma tal que às vezes notamos a filiação de um psicanalista ao ouvir/ler umas poucas frases suas. (SOUZA, 2010, -, 239)

Nessa esteira, opto por seguir utilizando os termos em Alemão, a fim de amenizar certas dissonâncias de significação quando se realiza uma tradução. A proposta de amenizar certas interferências não está pautada numa proposta de isenção política para a teoria psicanalítica, mas, considerando que tal deslocamento significante de uma língua para outra comporta,

sempre, e em alguma medida, uma perda de sentido e novas atribuições de significação, entendo que manter o termos na língua original pode levar o leitor a dar ênfases nas proposições conceituais que discorro a seguir.

Na verdade, todos estes atos de confirmar [*bejahen*] ou negar [*verneinen*] o conteúdo dos nossos pensamentos correspondem à função psíquica de emitir juízos. Assim se levarmos em conta as observações que fizemos sobre a relação do recalque e a negativa, podemos agora rastrear a origem psicológica de emitir juízos. Negar [*verneinen*] algo basicamente quer dizer: “Isso eu prefiro recalcar”. A atitude de condenar algo nada mais é do que um substituto intelectual do recalque e o 'não' é sua marca um certificado de origem, como se fosse um '*made in Germany*'. Por meio do símbolo da negativa [*Verneinungssymbol*] o pensar liberta-se das restrições do recalque e se acrescenta de conteúdos dos quais não podia prescindir na sua atividade. (FREUD, 1925/2007, p. 148)

A proposição para os termos *Bejahung* e *Verwerfung* incide na teoria estrutural como operações distintas que explicitam modelos de inscrição no campo da linguagem, a depender de como o significante passa a operar nos conjuntos distintos, ordenados, respectivamente, pelos termos acima, para a *estrutura simbólica* e para sua *ausência*, que a *estrutura da neurose* e a *estrutura da psicose* revelam de modo privilegiado. Lembrando que se trata do primeiro corte fundamental que conjugo na sustentação das estruturas clínicas como amarração ou enodamento dos três registros *RSI*.

Somos assim levados a uma espécie de interseção do simbólico e do real, que podemos dizer imediata, a medida em que ela opera sem intermediário imaginário, mas que se mediatiza, ainda que precisamente sob uma forma que se renega, pelo que foi excluído no primeiro tempo da simbolização.

[...]

Essas fórmulas lhes são acessíveis, malgrado sua aridez, por tudo o que condensam do uso, no qual vocês têm a gentileza de me segui, das categorias do simbólico, do imaginário e do real. (LACAN, 1956b/1998, p. 385)

Os desenvolvimentos argumentativos que inicio, a partir desse ponto, conduzirão o leitor para as implicações conceituais que as operações fundamentais comportam, centrando-se na duplicidade possível que *Bejahung* e *Verwerfung* permitem, ainda que o termo *Ausstossung* possa revelar algumas complicações nas proposições realizadas nessa seção, que serão discutidas, e rebatidas a partir das referências que Lacan realiza em sua obra. Logo, proponho tais desenvolvimentos como uma linha de interpretação passível do leitor acompanhar nas citações que extraio da obra lacaniana.

O termo *Ausstossung* não é discutido segundo as razões etimológicas nos trabalhos consultados para essa tese, e, de certa forma, pode ser uma evidência da fragilidade conceitual no campo psicanalítico, tendo em vista que Freud e Lacan pouco fizeram referência a ele. Há

uma certa névoa sobre as modalidades de uso que tais autores realizaram para o termo, e apesar de produzir um grande impacto nas teorizações sobre as estruturas em psicanálise, principalmente sobre a necessidade lógica de supor duas modalidades de inscrição em relação ao campo da linguagem, quando *Ausstossung* parece remeter a uma modalidade de expulsão, análoga à *Verwerfung*, e mais primitiva que *Bejahung* e esse último podem remeter. Hyppolite menciona *Ausstossung* no texto “Resposta ao comentário de Jean Hyppolite sobre a “*Verneinung*” de Freud”, de 1956, e nas complementações que Lacan realiza sobre tal diálogo não permitem uma resolução clara quanto ao uso dele nas proposições psicanalíticas de sua teoria. Trata-se de um problema não resolvido, que não me furto de anunciar, e que discuto a posição sobre a qual entendo que seu uso traz, nas consequências para a concepção das estruturas clínicas, principalmente nas distinções entre *neurose* e *psicose*.

Souza (2010) discute o problema vinculado à *Ausstossung* e antecipa alguns percursos seguintes, mas que são necessários nesse momento, a fim de trazer a posição com que o autor entende o uso feito por Lacan, e coaduna com minha proposta, do texto freudiano “A negativa” (1925). Partindo da discussão sobre a *Bejahung*, recuperando as afirmações de Hyppolite no texto indicado acima como “afirmação primordial”, Souza anuncia a ambiguidade de uma operação radicalmente distinta à da *Bejahung*, que poderia ser vinculada tanto com a *Verwerfung* quanto com a *Ausstossung*.

Baseando-se nesta passagem – nesta aproximação, ainda que por negação entre *Verwerfung* e *Ausstossung* –, Lacan define a *Verwerfung* como “aquilo que se opõe à *Bejahung* [afirmação] primária e constitui como tal aquilo que é expulso”. O que ele denomina “afirmação primária” ou “simbolização” seria a inclusão no sujeito (*Einbeziehung ins Ich*), enquanto a expulsão para fora do sujeito (*Ausstossung aus dem Ich*) “constitui o real na medida em que este domínio subsiste fora da simbolização”. (SOUZA, 2010, p. 237)

O ponto que Souza (2010) apresenta na citação, sobre a leitura que Lacan realiza de Freud, demarca claramente a problemática de oposição que *Verwerfung* e *Ausstossung* realizam em relação à *Bejahung*. Neto (2006) apresenta tal problemática e afirma que Miller desenvolve uma proposta alternativa à essa operação, exatamente pelas reformulações que Lacan apresenta ao longo de sua obra, novamente, sinalizando um abandono radical desses pressupostos, e iniciando, inclusive, uma nova lógica – a denominada paraconsistente e paracompleta (CESAROTTO, LEITE, & COSTA, 2014).

Lacan parece não diferenciar a *Verwerfung* da *Ausstossung* originária, o que tem gerado algumas controvérsias. O entendimento de muitos é no sentido de a *Ausstossung* não se relacionar com o significante primordial, ao contrário da *Verwerfung*, exatamente porque a *Ausstossung* seria mais primitiva, ocorrendo no

campo apenas pulsional, antes da entrada do domínio do simbólico (e que justamente abre as portas ao *fort-da*). (FURTADO, 2011, p. 35)

Furtado (2011) sintetiza a problemática em questão, e parece ser um contraponto com o que Lacan desenvolve no texto “*Resposta ao comentário de Jean Hyppolite sobre a “Verneinung” de Freud*” (1956/1998)

É somente nisso que a operação, por mais desencadeada que seja pelo princípio de prazer, escapa a seu domínio. Mas, nessa realidade que o sujeito tem que compor segundo a gama bem temperada de seus objetos, o real, como suprimido da simbolização primordial, *já está presente*. (LACAN, 1956b/1998, p. 391)

Seria a *Ausstossung* uma operação universal sobre o momento fundamental de identificação ao significante, implicando toda sorte de expulsão, como causa de determinação para o conceito de *Real*, e, portanto, independente da noção estrutural? Pergunta difícil e que demandaria uma *pesquisanálise* aprofundada sobre o termo, tanto na obra de Freud quanto na de Lacan. O trecho mencionado por Souza (2010) extraído do texto “*Resposta ao comentário de Jean Hyppolite sobre a “Verneinung” de Freud*” (1956b/1998) pode ser lido em sua extensão abaixo:

Porque é assim que se deve compreender a *Einbeziehung ins Ich*, a introdução no sujeito, e a *Ausstossung aus dem Ich*, expulsão para fora do sujeito. É esta última que constitui o real, na medida em que ele é o domínio do que subsiste fora da simbolização. E é por isso que a castração, aqui suprimida pelo sujeito dos próprios limites do possível, mas igualmente subtraída, por isso, das possibilidades da fala, vai aparecer no real, erráticamente, isto é, em relações de resistência sem transferência – diríamos para retomar a metáfora de que no servimos há pouco, como uma pontuação sem texto. (LACAN, 1956b/1998, p. 390)

E antes de sinalizar alguns indícios sobre os quais alguma dimensão de resposta possa emergir, sigo com a clara indicação de Lacan sobre a oposição da *Bejahung* à *Verwerfung*, e da fundamentação dessas operações como pressuposto teórico para o ato de identificação ao campo da linguagem, que as teorias da constituição do sujeito revelam como fundante para a subjetividade e montagem estrutural.

É aqui que o artigo de Freud [referência ao texto “*A negativa*”] posto na ordem do dia ocupa seu lugar de apontar à nossa atenção o quanto o pensamento freudiano é mais estruturalista do que se admite nas ideias aceitas. Pois se falseia o sentido do princípio do prazer ao desconhecer que, na teoria, ele nunca é formulado sozinho. Pois a configuração estrutural, nesse artigo, tal como o sr. Hyppolite acaba de explicita-la diante de vocês, leva-nos de imediato, se soubermos ouvi-lo, para-além da conversão que evocamos como necessária. E é com essa conversão que tentarei acostuma-los ao analisar um exemplo onde quero que vocês situam a promessa de uma reconstituição realmente científica dos dados do problema, da qual talvez sejamos juntos os artífices, desde que encontremos para apreende-lo os meios que até

hoje se furtaram à alternativa crucial da experiência. (LACAN, 1956b/1998, pp. 386-87 – minha inserção explicativa)

Na via de interrogar o que leva um sujeito a se posicionar aos moldes de uma estrutura ou outra, a consequência teórica imediata de tal posição é evitar qualquer categoria de valoração entre as estruturas, além da necessidade de esclarecer o sistema operacional de uma estrutura, ou das estruturas, bem como os elementos operacionais de cada uma delas nas produções discursivas e de fala.

Mas ele só pode fazer essa entrada pelo desfilamento radical da fala, ou seja, o mesmo do qual reconhecemos, no jogo da criança, um momento genético, mas que, em sua forma completa, reproduz-se toda vez que o sujeito se dirige ao Outro como absoluto, isto é, como o Outro que pode anula-lo, do mesmo modo que pode agir com ele, isto é, fazendo-se objeto para engana-lo. (LACAN, 1957a/1998, p.57).

O seminário “*As psicoses*” (1955-56) é uma das mais importantes referências de Lacan sobre os detalhamentos das operações fundamentais que sustentam uma lógica conceitual para a teoria da inscrição no campo da linguagem, e da radicalidade com que o *Simbólico* e o índice de sua inscrição na estrutura determinam para o funcionamento significante, em termos de racionalidade estrutural. “*Ao nível dessa Bejahung pura, primitiva, que pode realizar-se ou não, estabelece-se uma primeira dicotomia - o que teria sido submetido à Bejahung, à simbolização primitiva, terá diversos destinos, o qual cai sob o golpe da Verwerfung primitiva terá um outro*” (LACAN, 1956a/2002, p. 98).

O primeiro passo para esta *pesquisanálise*, então, seguindo a pista de Lacan na citação anterior sobre a simbolização primordial ou do símbolo na subjetividade, implica elucidar as operações da *Bejahung*, que denota uma operação dialética de afirmação, constatação e aceitação do símbolo, e da *Verwerfung*, como uma operação radical de recusa da constatação do símbolo, tal qual ela nunca tivesse existido, pelas quais Freud, no texto de 1925, “*A negativa*”, afirma serem decisivas na relação do sujeito com o símbolo, e consequentemente determinantes na possibilidade de formação do *eu* e dos juízos atribuição e existência.

O homem literalmente dedica seu tempo a desdobrar a alternativa estrutural em que a presença e a ausência retiram uma da outra sua convocação. É no momento essencial, e por assim dizer, no ponto zero do desejo que o homem sucumbe à ruptura que, anulando sua propriedade natural, passa desde então a sujeita-lo às condições do símbolo. (LACAN, 1957a/1998, p. 51)

A *Bejahung* é uma operação dialética que está intimamente relacionada com a possibilidade do aparelho psíquico inscrever o representante da representação, para o circuito

pulsional, que perpassa as voltas dirigidas ao encontro do objeto, produzindo uma dupla operação de identificação que funda o *eu* nas apreensões de satisfação estabelecida com o objeto, cujas índices passam a ser referências para tal unidade, e expulsar as desagradáveis para um campo distintivo dos territórios delimitados da unidade. A articulação entre *Bejahung* e a função de emitir juízos, como aquisição intelectual do encontro com o mundo da linguagem, permite a ordenação de duas dimensões para o aparelho psíquico, segundo Freud (1925): a dimensão da representação e das possibilidades advindas dessa inscrição, como um corte introduzido na divisão subjetiva, em diversas dualidades, como a pulsional, a tópica e a dinâmica; e a dimensão do objeto, pelo efeito de expulsão realizado a partir da identificação à palavra.

Assim, o estudo da função psíquica de emitir juízos nos enseja, talvez, pela primeira vez, uma visão aprofundada de como uma função intelectual sugere a partir do jogo de forças dos impulsos pulsionais primários. Emitir juízos é um desenvolvimento posterior que não se pauta mais pelo princípio do prazer. Para lidar com a polaridade entre o incluir e o expulsar do Eu leva-se agora em conta a adequação aos fins. Essa polaridade entre incluir e expulsar parece corresponder exatamente aos dois grupos de pulsões que supomos existirem. A confirmação [*Bejahung*] seria um substituto da unificação e pertenceria a Eros; a negativa [*Verneinung*] seria, então, a sucessora da expulsão, pertencendo à pulsão de destruição. (FREUD, 1925b/2007, p. 150)

Esse trecho, extraído da finalização do texto de Freud, aponta para os efeitos que função psíquica de emitir juízos produz no aparelho psíquico, e é correlato com a passagem que denota uma alteração radical nas causas de funcionamento entre os princípios de *prazer e realidade*, ponto sobre o qual Freud estabelece comentários desde a “*A interpretação dos sonhos*”, no capítulo sete, “*A psicologia dos processos oníricos*”.

A *Bejahung* advinda dos juízos de atribuição e existência, além de operar sobre a fundamentação do símbolo que o representante da representação permite situar a palavra em relação à realidade do objeto, Freud também a correlaciona com a noção de *substituição*, e, portanto, ao tom de uma operação *simbólica* que indica os traços da pulsão unificadora de Eros. Nota-se a articulação direta entre *Bejahung* e *Verneinung*, como operações articuladas, similar ao proposto nessa tese, como dois cortes, que Freud realiza ao final da citação, cujo termo “*sucessora*” posiciona a *Verneinung* numa temporalidade posterior à *Bejahung*, como um dos fundamentos da ressignificação que o termo *Nachtraglichkeit* remete, e Dahl (2011) discute.

Ressaltemos, ainda, que o trabalho de emitir juízos só se torna possível graças ao fato de a criação do símbolo da negativa [*Verneinungssymbol*] ensejar ao processo de pensar um primeiro grau de independência com relação aos efeitos do recalque, e assim, também com relação às imposições [*Zwang*] do princípio de prazer. (FREUD, 1925b/2007, p. 150)

É muito curiosa a afirmação de Freud sobre o *recalque* na citação acima. A ligação entre a *criação do símbolo da negativa*, como um índice sobre o qual os deslizamentos discursivos podem operar, desde os efeitos da identificação secundária com o mundo da linguagem e do outro semelhante, e o recalque pode levar o leitor à questão: *Seria o recalque a primeira operação fundamental, para Freud, em contraponto com a expulsão fundamental da Ausstossung?*

Pois o real não espera e não espera nomeadamente o sujeito, já que não espera da fala. Mas está ali, idêntico à sua existência, ruído onde tudo se pode ouvir, e prestes a submergir com seus estrondos o que o “princípio de realidade” constrói nele sob o nome de mundo externo. Isso porque, se o juízo de existência funciona mesmo como o entendemos no mito freudiano, é justamente às custas de um mundo do qual a astúcia da razão retirou duas vezes sua parte. (LACAN, 1956b/1998, p. 390)

Aqui, trata-se menos de responder e mais da função de posicionar tal questão nos desenvolvimentos argumentativos. Hanns (1996) e Souza (2010) ao discutirem o termo *Verdrangung* apontam para uma certa nebulosidade quanto ao instante definido pelo recalque, como operação fundamental da montagem do aparelho psíquico, e sua constelação atrelada ao mecanismo de defesa característico da *neurose*, nas modulações sintomáticas e arranjos discursivos de enlaçamento do desejo em relação à realidade externa.

Não quero afirmar que a distinção não seria útil; apenas procuro demonstrar que o uso freudiano não é tão coerente como desejariam muitos de seus estudiosos, e que talvez essa ânsia de coerência implique um *wishfull thinking*, um raciocínio influenciado pelo desejo de que tudo seja inequívoco, de que os fragmentos se encaixem perfeitamente como num quebra-cabeça. (SOUZA, 2010, p. 118)

A fim de seguir com as indicações de Lacan, e de nas possibilidades que um texto permite, declaro apoio às palavras de Souza (2010) na citação acima, e anuncio que o termo *Verdrangung* será desenvolvido na seção seguinte desse capítulo, como uma das operações que apontam para o efeito de retorno que inscrição primordial da *Bejahung* pode delimitar, bem como das relações com a *Verneinung*, dialeticamente referida por Freud como a evidência da constatação da castração.

Mas o sujeito não experimenta um sentimento menos convincente ao esbarrar no símbolo que originalmente suprimiu de sua *Bejahung*. Pois nem por isso esse símbolo entra no imaginário. Ele constitui, diz-nos Freud, aquilo que não existe propriamente: e é como tal que ek-siste, pois nada existe senão sobre um suposto fundo de ausência. Nada existe senão na medida em que não existe. (LACAN, 1956b/1998, p. 394)

Lacan salienta a dialética simbólica em que está pautada a *Verneinung* diante da

operação da *Bejahung*, que pode ser descrita por um tipo de inscrição pautada por uma afirmação da negação. Este campo procura delimitar um modelo de articulação entre o *ser* e o *sujeito*, postos, portanto, como instância distintas entre si, mas com ressonâncias uma na outra, e marcados por uma diferença de materialidade, próprio da inscrição no campo da linguagem pela via do símbolo, e dos efeitos de retorno que o juízo de existência determina. “A *Verneinung* é da ordem do discurso, e concerne ao que somos capazes de fazer vir á tona por uma via articulada. O dito princípio de realidade intervém estritamente nesse nível. [...] trata-se da atribuição, não do valor de símbolo, *Bejahung*, mas do valor de existência” (LACAN, 1956a/2002, p. 101).

É nesta nascente que deriva a afirmação do sujeito como “*falta-a-ser*”; de uma inscrição no campo da linguagem que denota uma estruturação, pelo efeito dessa operação *Bejahung*, profundamente intrincada numa simbolização primordial da subjetividade humana em relação ao campo do *Real*, cujo ponto de recorte sobre o desejo articulado à fantasia mostra-se como um efeito da torção simbólica que a inscrição do símbolo permite na estrutura. (LACAN, 1960/2008, p. 345)

No texto Freudiano, “A negativa” (1925b/2007) há uma passagem fundamental a ser retomada nesta seção, pois Freud aponta para duas dimensões – intelectual e afetiva sobre a dialética entre *Verneinung* e *Bejahung* (como próprios recursos à época do autor para sinalizar os meandros do recalçamento) que serão retomadas por Lacan no texto “*Resposta ao comentário de Jean Hyppolite sobre a “Verneinung” de Freud*” (1956b/1998), e nos dará a ponte para o que me interessa sobre a inscrição no campo da linguagem por outra operação; a *Verwerfung*.

Nota-se, portanto, que o conteúdo recalçado de uma ideia ou pensamento pode penetrar na consciência, desde que seja negado [*verneinen*]. Isso porque a negativa [*Verneinung*] é uma maneira de tomar conhecimento do recalçado em um plano apenas intelectual. O que está em jogo, nesse caso, é só uma suspensão do recalque, naturalmente ainda não sua plena aceitação [*Annahme*]. Esse fenômeno nos mostra como a função intelectual se separa do processo afetivo. Na verdade, com a negativa, somente um dos resultados do processo de recalque é revertido: aquele que impede que o conteúdo da ideia alcance a consciência. Disso resulta, então uma aceitação apenas intelectual do recalçado, o essencial do recalçado permanece intocado (FREUD, 1925b/2007, p. 148)

Nesta citação, Freud aponta para a operação de separação que decorre do recalçamento e do recobrimento linguístico da negação do conteúdo recalçado, que desde que negado possa emergir à consciência, e simultaneamente mantém o essencial do produto do recalçamento em

seu aspecto inconsciente. Aliás, Freud no texto de 1925 segue trilhando os efeitos da relação dialética entre *Bejahung* e *Verneinung* na formação dos juízos de atribuição e existência que fecham seu texto numa proposta de modelo que organiza a unidade do *Eu* no aparelho psíquico. Isso é, dessa amarração simbólica que deriva da *Bejahung*, o recalçamento marca um corte que emoldura uma unidade de superfície, delimitando uma borda entre interioridade e exterioridade do aparelho psíquico pela unidade do *Eu*, e que, portanto, passa a ser um anteparo diante da *castração*. Aqui, a castração, como complexo que aponta para uma *falta* do sujeito, ou o *índice* do *objeto perdido* que o *Eu*, aponta para o recalçamento e simultaneamente aponta para o lugar do sujeito.

A falta é um efeito do suporte *Simbólico* para a interpretação da castração, delimitando um lugar articulado numa dialética entre lugar vazio bordeado por uma instância denominado falo *Simbólico*. “A essência da castração é o que nessa relação de ocultação e de eclipse, se manifesta nisso: que a diferença sexual não se sustenta senão da *Bedeutung* de alguma coisa que falta, sob o aspecto do falo” (LACAN, 1967a/2008, p. 135).

Lacan na esteira de Hyppolite produz uma torção na proposição de Freud, e aponta para um momento fundante na relação do sujeito com a linguagem pela *Bejahung* e, que a depender das identificações posteriores do sujeito no campo significativo, a *Verneinung* permite as amarrações simbólica numa consistência discursiva de uma insistência significativa diante do *Real*.

O afetivo, neste texto de Freud, é concebido como aquilo que, de uma simbolização primordial, conserva em seus efeitos até mesma na estruturação discursiva. Essa estruturação, dita ainda intelectual, é própria para traduzir sob a forma de desconhecimento o que essa primeira simbolização deve à morte.

Somos assim levados a uma espécie de interseção do simbólico e do real, que podemos dizer imediata, na medida em que ela opera sem intermediário imaginário, mas que se mediatiza, ainda que precisamente sob uma forma que se renega, pelo que foi excluído no primeiro tempo da simbolização. (LACAN, 1956b/1998, p.385)

A sequência do texto citado de Lacan não nos leva diretamente aos meandros da operação de *Bejahung*, como declaradamente sinaliza Freud. Lacan parte para os esclarecimentos das estruturas psicopatológicas, e no que interessa na técnica da psicanálise para o que ele nomeia por fenômenos de alucinação, problema que ele afirma se centrar nos atributos da consciência e no ápice das operações de desconhecimento que o *Eu* é pautado em relação ao descompasso entre o *ente* e o *ser*, na subjetividade. “O juízo de atribuição, ele o concebe, pois, como instaurando-se pela simples *Bejahung*, com sua cadeia desenvolvendo uma primeira condensação ou sincretismo em que já se manifesta uma estrutura combinatória

que nós mesmos ilustramos” (LACAN, 1960a/1998, p. 669).

Lacan aponta para um passo fundamental a respeito da operação que Freud aponta por meio da *Bejahung*, qual seja: a possibilidade de inscrição do símbolo da castração enquanto efeito do modelo de inscrição diante do campo da linguagem, na qual a *Verneinung* nega afirmando a castração. “*Portanto, é também ao significante que se refere a Bejahung primordial*”. (LACAN, 1956e/1998, p. 564).

A criação do símbolo da negação (*Verneinung*) é que permite a possibilidade da afirmação (*Bejahung*), e portanto, a partição entre o que se constitui da ordem da simbolização e o que subsiste fora dela. Se não existe tal partição, o símbolo não entra no imaginário. Para tanto, a inscrição do símbolo da negação e a afirmação daquilo que subsiste fora da simbolização permite ao sujeito representações simbólicas e, sobretudo a permanência da presença de uma ausência. (BONI JUNIOR, 2010, p. 170)

A consequências teóricas dessa concepção de enlace subjetivo no campo da linguagem, pela via da operação fundamental *Bejahung* aponta para uma determinação que combina do encontro entre uma particularidade dada de uma subjetividade e o Outro, que encontra seu suporte material no outro, como discuti sobre as teorias da constituição do sujeito no capítulo anterior.

Poderia aproximar o índice da *Bejahung* com o termo *marcapaga*, que proponho nessa tese, e da radicalidade de instaurar o intervalo entre $S_1 - S_2$, e toda a sorte de efeitos nas amarrações que os três registros podem produzir nos arrolares das identificações que a estrutura de linguagem permite para a subjetividade, no laço social. Essa estrutura não explicita qualquer sentido ou fundamentação de um engessamento à ordem simbólica que tal operação inscreve.

É possível delinear alguns indicadores para esse efeito de inscrição do índice do símbolo, pelo *traço unário*, pela matemática dos teoremas sobre a gênese do *Um*, pela noção intervalar entre $S_1 - S_2$, e do termo torção que as figuras topológicas permitem formalizar.

A dificuldade em situar a marca advinda da *Bejahung* é intrínseca à complexidade do registro *Simbólico* na teoria de Lacan, que não é definido nem pelo código da língua, tampouco na mensagem, como apresentei no primeiro capítulo dessa tese, e isso me causa a inferência sobre o equívoco de situa-lo como a própria linguagem, e das afirmações sobre a supremacia do *Simbólico* nos primeiros anos do ensino do Lacan. Além desses pontos, há correlações entre os registros *Imaginário* e *Real*, a depender da referência com é utilizada na obra de Lacan, que a formalização pelo *Nó-borromeano* escreve de modo privilegiado, com as noções de intersecção e de superfície, sobre as quais Lacan se debruçou com a matemática.

Que se tome o significante, muito simplesmente, por seu aspecto de materialidade irreduzível que a estrutura comporta, por ser a dele, quer se o evoque sob a forma de uma loteria, evidencia-se que no mundo somente o significante tem o poder de suportar uma coexistência – constituída pela desordem (na sincronia) – de elementos em que subsiste a ordem mais indestrutível que se manifesta (na diacronia), fundamentando-se esse rigor associativo de que ele é capaz, na segunda dimensão na própria comutatividade que ele exibe por ser intercambiável na primeira. (LACAN, 1960a/1998, pp. 664-65)

Portanto, não poderia deixar de retomar a discussão quanto à referência e temporalidade com que os comentadores fizeram sobre o texto de Lacan, que fica bastante evidente nas proposições da teoria da constituição do sujeito, e principalmente sobre as incidências da metáfora paterna que desenvolvi no capítulo anterior. Esse ato de identificação em relação ao campo da linguagem, a partir do qual a montagem estrutural encontra seu primeiro ponto de apoio para a inscrição dos lugares lógicos sobre os quais se deslizarão as consistências imaginárias do significante, poderia ser fomentado como um efeito do desenvolvimento? Seria esse ato passível de alteração?

Assim é que, se o homem chega a pensar a ordem simbólica, é por estar primeiramente aprisionado nela em seu ser. A ilusão de que ele a formou como sua consciência provem de ter sido atrás de uma hiância específica sua relação imaginária com o semelhante que ele pôde entrar nessa ordem como sujeito. (LACAN, 1957a/1998, p.57)

Se a *Bejahung* determina um efeito de inscrição do símbolo, que permite a distinção entre S_1 e S_2 , tendo em vista a inclusão do aspecto assemântico de sua própria estrutura, e o resto que decanta, como *objeto a*, seria impossível conceber tal operação como advinda de um processo, que concatena etapas, mas de uma radicalidade mítica que o termo constituição denota de modo privilegiado no escopo psicanalítico. A *referência* e a *temporalidade* envolvidas nessa operação fundamental, como primeiro corte, são de estatuto lógico.

É isso que dá seu verdadeiro sentido ao que Freud diz do inconsciente, que ele é constituído pelas representações de coisas, *Sachevorstellungen*. Não é absolutamente um obstáculo a que o inconsciente seja estruturado como uma linguagem, pois não se trata de *Das Ding*, da coisa indizível, mas do caso perfeitamente articulado, mas entretanto, com efeito, que ela retoma o passo – como *Bedeutung*⁹⁴ – sobre o que quer que possa ordena-lo. (LACAN, 1967a/2008, p. 132)

Nessa esteira, sobre as consequências da montagem estrutural que deriva da inscrição via *Bejahung* articulada à *Verneinung*, discutida na próxima seção em extensão, me permite a

⁹⁴ O termo *Bedeutung* é bastante utilizado por Lacan no Seminário “A lógica do fantasma” (1966-67), e faz referência direta ao texto “A significação do falo – *Die bedeutung des Phallus*”(1958/1998).

proposição de um modelo que explicita a lógica desse primeiro corte fundamental quando há a inscrição da subjetividade no campo da linguagem, e a razão pela qual o significante encontra seu suporte *Simbólico* na concatenação com outro significante, inclusive ponto de estofo para a concepção de sujeito barrado (\$) que Lacan realiza em sua obra.

Na última vez, lembrei que as espirais de um traço contínuo sobre a superfície externa da garrafa de Klein, - as que vocês veem aqui representada por inteiro à esquerda, e apenas parcialmente representada a direita (figura VI-2), ou seja, no ponto que nos interessa nas abordagens do que chamei círculo de reversão ou de reviramento, como vocês quiserem, as espirais da demanda com sua repetição sobre um toro comum - como outra vez desenvolvi longamente e mais precisamente na relação com a estrutura da neurose (LACAN, 1965c/2006, p. 102)

As indicações topológicas da citação de Lacan, do seminário “*Problemas Cruciais para a psicanálise*” (1964-65) serão retomadas nas proposições do modelo detalhado a seguir. Porém, nesse trecho Lacan é explícito ao correlacionar tais figuras com a *estrutura da neurose*, exatamente por que tal estrutura comporta uma série de torções na superfície, advindas do efeito *Simbólico* de inscrição de seu índice, em que o enodamento dos três registros *RSI* tornam-se um efeito da própria montagem estrutural, numa aproximação com o que Lacan desenvolve no seminário “*RSI*” (LACAN, 1975h, pp. 68-70), a respeito da nomenclatura e suas relações com os registros

O modelo proposto, para tornar evidente as abstrações de retórica que estabeleço nessa tese, pode, então, surgir como articulado diretamente aos quatro eixos, que afirmei na *seção introdutória* e no *primeiro capítulo* dessa tese, para a noção de *estrutura* em psicanálise, a saber, o campo sobre o qual se inscreve e se materializa a montagem da estrutura, indicado no modelo pelo círculo, e definido como “*campo da linguagem: sede dos significantes*”. Apesar das limitações com o plano tridimensional, declaro um certo objetivo de aproximação com as figuras topológicas que apresento no primeiro capítulo da tese, e que o leitor poderá intuir a depender das indicações abaixo.

A indicação do *primeiro corte* – como signo para a operação da *Bejahung* –está posicionado numa tripla interseção, produto da *torção* que a incidência do símbolo na estrutura realiza, como na “*banda de Moebius*” (LACAN, (1962h/2011, p. 326) no “*oito interior*” (LACAN, J. (1962f/2011, p. 257), no “*cross-cap*” (LACAN, 1962h/2011, p. 318), ou na “*garrafa de Klein*” (LACAN, 1967a/2008, pp. 200-01).

As interseções são:

Modelo 1. Lógica da operação da *Bejahung*, em relação ao campo da linguagem, e seus efeitos na estrutura.

(1) da reta contínua e com um vetor sinalizando o eixo metonímico da cadeia significativa – indicada como “cadeia significativa: ato de fala”, que disponibiliza o significante primordial, quando incluído no “campo da linguagem: sede dos significantes” para a subjetividade, sobre o qual há o ato de identificação, S_1 e que do efeito *Simbólico* de tratar o aspecto assemântico de sua estrutura demanda o S_2 como o segundo ponto de corte, sobre o qual há o efeito de enodamento dos três registros RSI, pela lógica da montagem estrutural, por meio da indicação “Efeito de amarração RSI: operadores” pelo suporte dos três registros no tratamento intervalar de S_1 e S_2 . É fundamental pontuar o efeito de divisão da cadeia significativa, numa espécie de linha tracejada que indica o circuito inconsciente do funcionamento significativo, para sempre distinta, enquanto superfície avessa que, ao se reencontrar parcialmente com a reta contínua, abre para o efeito de retroação.

(2) “círculo menor e de cor cinza”, que o modelo pretende induzir o leitor a realizar uma série de voltas infinitas, tal qual a articulação entre demanda e desejo estão indicadas na figura “topológica do toro” (LACAN, J. 1962f/2011, p. 264), cujo resto da operação, denominado *objeto a*, passa a ser a causa metonímica da cadeia, que a linha tracejada – advinda do efeito de corte de identificação ao significante – parece recortar, tal qual a dimensão

inconsciente na estrutura de significação, que a teoria da alienação revela de modo privilegiado. A despeito de uma ilusão, produto menos da operação conceitual e mais do próprio plano sobre o qual o modelo foi realizado, o leitor não deve recair sobre o engodo de que as incidências do *objeto a* estejam totalmente recobertos pelo campo da linguagem. Há de se supor que o efeito do corte significante, oriundo do modelo da *Bejahung*, produz um resto impossível de ser recoberto, e irreduzível aos enlaces significantes, ponto duplicado sobre o qual o objeto causa do desejo e causa do sujeito engendra a cadeia: “*é em cada lugar do tecido que pode, um sopro deslizante, se produzir esse anel de falta que lhe dá sua estrutura* (LACAN, 1965a/2006, pp. 71-72).

(3) a reta indicada por “*Efeito de retroação*”, que nasce do encontro parcial, no S_2 , das retas no que se dividiram como efeito do primeiro corte, e permite sinalizar o eixo metafórico com o qual Lacan desenvolveu a significação fálica, e por razões estruturais é apenas suposta na temporalidade *après coup*.

A inscrição simbólica na estrutura permite um modelo de funcionamento em que os três registros se enodam no ato de identificação, como uma suposição de lugares sobre os quais as consistências produzem elos de concatenação significante, e ganham corpo nas introjeções pelo laço com o outro, cujo desejo e fantasia despontam no enquadre da realidade, como realidade particularizada e singular, pelo efeito do significante e de seu ponto de satisfação, pelo gozo.

Em “*Radiofonia*” (1970b/2003), diante da pergunta sobre as relações entre linguística, psicanálise e estrutura, Lacan desenvolve o problema da incorporação significante, e os efeitos simbólicos de recobrimento do *Real*, parciais e impossíveis de totalidade. A importância de retomar as articulações do autor nesse texto se faz presente à medida de que a operação que sustenta seus enlaces significantes na estrutura, ao modo como desenvolvo essa tese, só se torna possível considerando esse momento mítico relacionado à *Bejahung*. “*Desde tempos imemoriais, Menos-Um designa o lugar que é dito do Outro (com a inicial maiúscula) por Lacan. Pelo Um-a-Menos faz-se a cama para a intrusão que avança a partir da extrusão: é o próprio significante*”. (LACAN, 1970b/2003, p. 407).

Mas, ainda assim, Lacan opera um salto do texto freudiano sobre a dialética simbólica e alcança o conjunto da problemática dos fenômenos elementares na alucinação, quando recupera essa nomenclatura para elucidar o passo freudiano implícito no texto de 1925. E afirma que “*o pensamento Freudiano é mais estruturalista do que se admite nas ideias aceitas*” (LACAN, 1956b/1998, p. 386).

O salto de Lacan aponta para o horizonte da operação denominada *Verwerfung*, que ganha o contorno de uma supressão radical da castração, ou de uma abolição simbólica, em que “*não se pode dizer por isso que tenha sido propriamente formulado nenhum juízo sobre sua existência, mas foi exatamente como se ela nunca houvesse existido*” (LACAN, 1956b/1998, pp. 387-8). A lógica radical de uma supressão aponta para um ser radicalmente distinto de uma unidade que o situe na cadeia, remetendo a um sujeito sem anteparo *Simbólico* diante do *Real*, ou ainda, de uma estrutura em que a castração não encontra suporte *Simbólico* de tratamento.

Lacan organiza duas modalidades de inscrição: (1) a primeira é ordenada pelo conjunto da *Bejahung* que encadeia o símbolo na subjetividade pela relação de efeito que produz um corte na estrutura e situa a tripação *ser, sujeito e eu*, desde o inconsciente estruturado como uma linguagem, e emoldura uma série de consequências ulteriores nos juízos de atribuição e existência, pelos efeitos de identificação na relação com os objetos, e de seu produto lógico, denominado *objeto a*; (2) a segunda engloba os efeitos que derivam da *Verwerfung*, tratados a seguir.

A teorização da *Verwerfung* circunscreve uma alternativa de tratamento do *Real* como condição para a causação do sujeito em sua proposta de constituição pela supressão radical de qualquer forma de dualidade articulada entre dois significantes, enquanto territorialização do *Real* pela via da conjugação significativa orientada pelo símbolo na linguagem. A *Verwerfung* opera segundo uma lógica distinta da até então discutida e apresentada no modelo acima.

O processo de que se trata aqui sob o nome de *Verwerfung*, e que não tenho notícia de que algum dia tenha sido objeto de um comentário um pouquinho consistente na literatura analítica, situa-se muito precisamente num dos tempos que Sr. Hyppolite acaba de destacar para vocês na dialética da *Verneinung*: trata-se exatamente do que se opõe a *Bejahung* primária e constitui como tal aquilo que é expulso. (LACAN, 1956b/1998, p. 389)

A *Verwerfung* é uma operação de inscrição no campo da linguagem, na qual há uma recusa radical do índice do *Simbólico* na estrutura significativa. O efeito da *Verwerfung* produz uma consequência de indiferenciar o *Real* e *Imaginário*, pela razão do índice do *Simbólico* sofrer o efeito de não se inscrever como um elemento da estrutura, e portanto, delineando o que denomino por “*ponto de foraclusão*”, que de modo distinto ao da *Bejahung*, a interpretação do *objeto a*, na referência ao registro *Real* pelo *Simbólico*, enquanto *falta*, não ocorre. A lei simbólica não é um recurso de ordenação da cadeia significativa.

A *Verwerfung*, portanto, corta pela raiz qualquer manifestação simbólica, isto é, da *Bejahung* que Freud enuncia como o processo primário em que o juízo atributivo se enraíza, e que não é outra coisa senão a condição primordial para que, do real, alguma

coisa venha a se oferecer revelação do ser, ou para empregar a linguagem de Heidegger, seja deixado-ser. Pois é justamente a esse ponto recuado que Freud nos leva, uma vez que é só depois dele que se poderá encontrar o que quer que seja como ente (LACAN, 1956b/1998, pp. 389-90).

É da operação primordial denominada *Verwerfung* que se trata a inscrição no campo da linguagem para o conjunto das psicoses. “*É a foraclusão (Verwerfung) primordial que domina tudo por seu problema*” (LACAN, 1956e/1998, p. 587). A posição do sujeito que decorre desta operação é marcada pela ek-sistência; como aquilo que impõe pressão na estrutura, mas não encontra suporte *Simbólico* enquanto índice de sustentação, na significação ou na retroação significante. Trata-se exatamente de uma indistinção entre *Simbólico* e *Real*, pois não há contorno derivado dos juízos de existência e atribuição emoldurando um *Eu* na estrutura. Fala-se de sujeito, porque tal estrutura é falante, mas com uma certa precariedade de um *Imaginário* que bordeia as insistências simbólicas do significante. Como Lacan diz: “*O que acontece, vocês podem ver: o que não veio à luz do simbólico reaparece no real*” (LACAN, 1956b/1998 p. 389).

A operação da *Verwerfung* ordena um modelo de funcionamento significante, como recurso de linguagem, que pela exclusão do índice do símbolo na estrutura, exclui a dimensão assemântica de sua unidade, produzindo um território significante que encontra ressonância no campo do Outro por meio do operador da *i(a)* – a partir do qual há o enrijecimento da territorialidade com a qual há a identificação de uma posição *S₁S₂*, que o termo *holófrase* revela de modo privilegiado. A *Verwerfung* do índice do *Simbólico*, impossibilitando uma torção e amarração entre *RSI*, tal qual se pode averiguar na sobreposição do *Simbólico* ao *Real*, como se fossem indistintos, e que exclusão do furo do significante como externo ao próprio lugar que o delimita, realiza, de modo radical, a marca apagado do traço referência que denomino de *ponto de foraclusão*⁹⁵.

O *ponto de foraclusão* é uma proposição teórica para a *estrutura da psicose* de fundamental importância. Em primeiro lugar, tal formulação delimita o lugar significante que é expulso da estrutura, como índice universal da lógica da psicose, que se materializa de modo particular num tratamento desde a eleição de um significante específico em cada caso. O termo

⁹⁵ Esse termo advém de uma série de conversas clínicas com Michele Roman Faria, que ao discutir as hipóteses diagnósticas para alguns casos, que refletíamos em supervisão, não raro Michele apontava para a impossibilidade de significação do próprio mal estar na *estrutura da psicose*, e pela eleição particular de uma série de significantes que compõem o delírio e as formações delirantes em torno de um buraco, que situaria a significação da posição subjetiva na estrutura discursiva do enunciado. O “*ponto de foraclusão*” seria a dimensão *Simbólico-Real* da cadeia significante na psicose, ao tom de semelhança com o ponto de estofo para a *estrutura da neurose*. O tratamento de linguagem para o *ponto de foraclusão* ocorre em sua dimensão imaginária, e de construção de análise, sob transferência.

ponto, oriundo da matemática – como discuto no primeiro capítulo dessa tese, enquadra o apoio para o enlace à cadeia significante, como um suporte para a metonímia da significação, que remete diretamente ao *ponto de estofo* e a *marcapagada* para o efeito de sujeito dividido que a neurose revela em sua estrutura, pelo *traço Unário*.

A concatenação *ponto de foraclusão* passa a ser o lugar lógico para a *psicose* do que se denomina *castração* ou $S(\mathbb{A})$ para a *estrutura da neurose* que o desejo e a fantasia engendram como operadores para a causa subjetiva. O tratamento de linguagem possível para a *estrutura da psicose* do *ponto de foraclusão* ou $S(\mathbb{A})$ está delimitado pelo registro *Imaginário*, sob o termo *borda Imaginária*, que a estrutura do delírio pode qualificar como distintivo da crise delirante quando tal ponto retorno como próprio *Real* na estrutura da subjetividade. Dessa forma, *ponto de foraclusão* engendra o lugar privilegiado e particular para a concepção de sujeito na psicose e a demanda delimitadora por uma unidade de *eu* que pode, imaginariamente, recobrir e recortar tal lugar como ausência na estrutura.

Considerando a matriz de significação para o termo *Verwerfung*, como uma operação que realiza uma expulsão ou exclusão de um elemento da estrutura, surge uma problemática da operação que explicita a inclusão ou efeito de identificação na incorporação do lugar que situa a subjetividade no campo da linguagem. A articulação entre *Bejahung* e *Verneinung*, como Freud (1925) discute e Lacan insiste, aponta para a evidência desse efeito de contorno que o significante permite nas formulações sobre dentro-fora, estranho-familiar, entre outros. Como ordenar efeito semelhante a esse, em relação à *Verwerfung*? Seria necessário, de fato, criar a hipótese de uma operação universal e anterior análoga à *Ausstossung*, que determina as incorporações das marcas e dos traços que situam a subjetividade em relação ao significante? Digo: seria a *Bejahung* uma operação que estaria implicada também à lógica da *Verwerfung*, e, portanto, a *Verwerfung* um modelo que remete à teoria das defesas e de negatividade, exclusivamente?

Essa discussão é fundamental, ainda que não se tenha o intuito de resolvê-la em sua extensão. Há de se considerar duas dimensões para tratar do problema: dimensão essencialmente teórica e ética.

Há a dimensão essencialmente teórica, que delimitaria um recorte de interpretação para a inscrição no campo da linguagem, em termos de operações fundamentais – em seu aspecto regulado por uma operação primordial e anterior que regula a identificação ao significante e sua introjeção na estrutura, tal qual uma operação de afirmação e outra de expulsão, que seria universal a todos os seres humanos, e, assim, apenas as operações de negação, como num

segundo corte, produziriam as diferenças estruturais, como se costuma vincular pela *Verdrangung*, *Verleugnung* e *Verwerfung*, a depender da inscrição do símbolo e o tratamento da castração. A esta possibilidade, o leitor deve presumir que evito confabular sobre tal hipótese, exatamente no ponto que remeto ao problema das psicoses na lógica diagnóstica e clínica, a fim de evitar o engodo de falha e erro que a *Verwerfung* poderia significar, como defesa que funciona mal, produzindo os efeitos clínicos de valoração moral para a *estrutura da psicose*, que atravessa a história psicanalítica desde as teorizações freudianas. Ou seja, há uma dimensão ética em jogo nessa articulação.

Dessa forma, como conceber, então, os efeitos de introjeção significativa na operação da *Verwerfung*, declaradamente vinculada à *estrutura da psicose*?

Ao nível dessa *Bejahung* pura, primitiva, que pode realizar-se ou não, estabelece-se uma primeira dicotomia – o que teria sido submetido à *Bejahung*, à simbolização primitiva, tem diversos destinos, o qual cai sob o golpe da *Verwerfung* primitiva terá um outro.

Hoje vou avançar mais e enfoco bem a coisa para que vocês saibam aonde vou. Não tomem o que lhes exponho por uma construção arbitrária, nem simplesmente como o fruto de uma submissão ao texto de Freud, mesmo se é precisamente o que lemos nesse texto extraordinário da *Verneinung* que o Sr. Hyppolite quis, faz dois anos, comentar para nós. Se digo o que digo, é porque é a única forma de introduzir um rigor, uma coerência e uma racionalidade no que se passa na psicose, e nomeadamente no que de que se trata aqui, a do presidente Schreber. Eu lhes mostrarei a seguir as dificuldades que são ocasionadas por toda a nossa construção do caso e a necessidade dessa articulação de partida. (LACAN, 1956a/2002, p. 98)

É importante considerar que no decorrer da obra de Lacan esse é um problema implícito. Primeiro: porque Lacan nunca relacionou a *Verwerfung* a uma operação de afirmação tal qual a *Bejahung*. Segundo: a operação da *Ausstossung* não foi desenvolvida em sua extensão na obra do referido autor.

Talvez, deve-se considerar um problema não resolvido na teoria lacaniana, a respeito desse efeito identificatório na lógica da *Verwerfung*, que explicita a razão da expulsão do índice do registro *Simbólico*, e toda sorte de consequências para as instâncias que o significante permite na estrutura, em sua distinção *ser*, *eu* e *sujeito*. Desde o seminário “*As psicoses*” (1955-56) e “*De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose*” (1956/1998) essa questão se fazia presente, e estava correlacionada com a dimensão dos três registros *RSI* e a estrutura significativa na *estrutura da psicose*, como se pode averiguar nas passagens seguintes, retiradas das menções acima respectivamente.

Freud forneceu a primeira teoria [referência ao texto do Narcisismo, no parágrafo anterior] do modo pelo qual o *eu* se constitui segundo o outro, na nova economia

subjetiva determinada pelo inconsciente: respondeu-se a ela aclamando nesse eu o reencontro do bom e velho *percipiens*, resistente a tudo, e da função de síntese. Como nos surpreendemos com o fato de não haver se tirado disso outro benefício no tocante à psicose, senão a promoção definitiva da noção de *perda da realidade*? (LACAN, 1956e/1998).

Neto (2006) discute as conexões teóricas do problema sobre a *Verwerfung* e a assunção de um lugar sobre o qual a estrutura de linguagem opera, segundo tal operação fundamental. O autor desliza considerações sobre a interpretação que Miller realiza do texto lacaniano, desde “a *forclusão generalizada*” (NETO, 2006, p. 154) até as formulações com que a matemática de *Alain Badiou* poderia auxiliar a resolver o problema.

O curioso do trabalho de Neto (2006) é a tendência se situar o texto de Lacan segundo a premissa de uma distinção radical das inflexões realizadas por ele antes e após 1960, confabulando sobre a primeira e segunda clínicas, a partir da qual esse problema da inscrição no campo da linguagem torna-se menos fecundo, exatamente por supor que o *Simbólico* teria estatuto de totalidade e isso seria abandonado por Lacan. Se o *Simbólico* perde seu estatuto de totalidade, como se isso fosse um fundamento lacaniano, após 1960 há apenas o interesse do acaso de uma amarração pela singularidade, e pouca fundamentação nas estruturas de linguagem que determinam a subjetividade.

Neste último, a operacionalidade da barra deixaria de ter função, e a concepção de metáfora perderia sua importância. A diferença entre neurose e psicose, uma no reino da metáfora, a outra vendo comprometida essa capacidade de metaforização, se esvaeceria. As atenções voltam-se para a psicose. Desde o início a teoria tentava entender, nela, a constituição de um sujeito que se desse independente do processo de metaforização. Com a segunda clínica começa-se a perceber que muito do que foi postulado para as psicoses poderia ser entendido para a concepção de sujeito em geral, não importando sua estrutura. (NETO, 2006, p. 161)

A questão é tão prolixa na literatura e com resoluções tão variadas que seria impossível trazer para a discussão todos os detalhes pormenorizados dos modelos propostos pelos teóricos, a respeito da constituição do sujeito ou montagem estrutural. Contudo, os equívocos quanto os registros *RSI* e as operações que sustentam uma lógica de inscrição no campo da linguagem são as mais variadas, além da sobreposição entre estrutura e fenômeno, como Folberg & Maggi (2002) demonstram nas formulações sobre o declínio da função paterna e a dialética da simbolização.

Costa (2008) discute o cerne da questão, a respeito da negação primordial e a constituição psíquica, orientado pela articulação entre *Bejahung* e *Ausstossung*, cujo desdobramento de sua proposta se apoia em Hegel, no conceito de “*suprassunção (Aufhebung)*”

(COSTA, 2008, p. 36) como análoga à Freud no texto “*A negativa*” e à Lacan numa possível relação entre *Bejahung* e *Ausstossung*, como fundamentais e anteriores à *Verwerfung*, em termos de proposições lógicas para a teoria das negações, para além das narrativas linguísticas que o mito de Édipo poderia remeter. Na nota de rodapé 34, o autor formaliza.

Na tentativa de esclarecer esse duplo processo de *Bejahung-Ausstossung*, podemos escrevê-lo de acordo com a linguagem forma. Se a *Bejahung* corresponde à afirmação que registra como representação uma percepção do aparelho psíquico, então poderíamos dizer que tudo é afirmado é colocado na ordem simbólica das representações: $\forall x \in P : (Bx \rightarrow Sx)$, onde P são todas as Percepções possíveis, Bx são percepções afirmadas ($B = Bejahung$) pelo aparelho psíquico e Sx , as percepções simbolizadas. Por sua vez, o lado negativo desta operação corresponde à da expulsão (*Ausstossung*) das percepções não representadas. Dessa forma, a oração $\forall x \in P : (\neg Bx \rightarrow \neg Sx)$ equivale à afirmação $\forall x \in P : (Ax \rightarrow Rx)$, onde Ax são as percepções excluídas ($A = Ausstossung$) de toda possibilidade de simbolização, formando a ordem do Real (Rx). Concluímos, então que $\forall x \in P : ((Bx \rightarrow Sx) \vee (Ax \rightarrow Rx))$, quer dizer, para toda percepção possível, ou ela é afirmada e então é simbolizada, ou ela é excluída e então se encontra no real. Ora, veremos, a respeito das negações propriamente ditas, que elas agem diretamente em uma representação, ou seja, aquela que produz a castração, a saber, o significante falo (Φx). Assim, $\exists x \in P : (Sx \wedge \Phi x)$, isto é, existe uma percepção que é simbolizada (quer dizer, é uma representação) e é o significante do falo simbólico (Φx). A forclusão (*Verwerfung*) e o recalque (*Verdrangung*) atuam nesse significante (Φx). Se x é o significante mestre (Φx), então se conclui que $\forall x \in S[(\Phi x) \rightarrow (Fx \vee Rx \vee Dx)]$, onde Fx é o significante foracluído; Rx , o recalçado e Dx , a desmentida: respectivamente, a psicose, a neurose e a perversão. (COSTA, 2008, pp. 46-7)

As articulações que autor realiza são muito importantes, e matematizam a operação de inscrição no campo da linguagem e a simbolização, considerando as articulações entre *Bejahung* e *Ausstossung*. O ponto que me chama a atenção é a articulação lógica entre simbolização e *Bejahung*, como efeito que se produz do tratamento *Simbólico* da percepção, sobre o qual se origina o *Eu*. Porém, como seria possível pensar a inscrição da unidade do *Eu*, sem o efeito *Simbólico* de tratamento da percepção? Seria interessante recuperar os desdobramentos da teoria do estádio do espelho, e a possibilidade de um tipo de identificação que esteja calcada no *Imaginário*.

Não seria essa a razão que sustenta uma lógica para a *Verwerfung*, que permite a incidência de um contorno e radicalmente excluem qualquer traço distintivo de diferença, modulando o significante em sua dimensão puramente de signo, como a *holófrase* revela? É dessa perspectiva que compreendo as afirmações de Lacan a respeito da operação da *Verwerfung* e seu fundamento para a *estrutura da psicose* que não a vincule como a falha, mas dirigida por um efeito que circunscreve a inscrição no campo da linguagem de um modo radicalmente distinto dos efeitos dialéticos presentes na *Bejahung – Verneinung*, e, portanto,

pautado na *Verwerfung* do índice do *Simbólico* na estrutura, no ato identificatório, que tem como consequência, para o enlace significante e para o encadeamento de significação do mal-estar, a exclusão da possibilidade de substituição metafórica entre S_1 e S_2 .

Dessa maneira, o paradoxo intrínseco ao *Simbólico* não opera na estrutura, a tal ponto que a borda que situa o *sujeito* em seu lugar de *eu* fica submetido a uma lógica essencialmente *Imaginária*, de presença total ou indistinção total, que o *delírio* visa a suturar.

Dando seguimento para a afirmação de que a *Verwerfung* é a operação primordial que situa a *estrutura da psicose* no campo da linguagem, afirmo que a *estrutura da psicose* é radicalmente diferente, em termos de funcionamento, daquele que a operação descrita por *Bejahung* determina para o campo da *estrutura da neurose*. Isso acarreta consequências importantes para o modo como o significante passa a ser sustentado na estrutura, tendo em vista que há uma expulsão radical de qualquer manifestação do índice do *Simbólico*, como o enunciado na teoria do complexo de Édipo, pelo significante *nome-do-pai*. Não há suporte *Simbólico* na estrutura que sustente o sujeito diante do *Real*. A qualidade do sujeito na *estrutura da psicose*, portanto, diferente do que costuma se definir na teoria psicanalítica enquanto sujeito dividido ou sujeito barrado ($\$$). Esta modalidade de inscrição demanda melhores delineamentos sobre a posição do sujeito e a configuração do *Eu*, a ser tratado na última seção desse capítulo.

Porque é assim que se deve compreender a [...] introdução no sujeito, e a [...] expulsão para fora do sujeito. É esta última que constitui o real, na medida em que ele é o domínio do que subsiste fora da simbolização. E é por isso que a castração, aqui suprimida pelo sujeito dos próprios limites do possível, mas igualmente subtraído, por isso, das possibilidades da fala, vai aparecer no real, erráticamente, isto é, em relações de resistência sem transferência – diríamos, para retomar a metáfora de que nos servimos há pouco, como uma pontuação sem texto. (LACAN, 1956b/1998, p. 390)

No livro 3, “*As psicoses*” (1955/1956), na aula “*Introdução a questão das psicoses*”, Lacan retoma o texto de Freud de 1925, e faz uma correlação entre o modo como o sujeito operacionaliza o símbolo, pela operação da *Bejahung* e o processo de verbalização, além de sugerir que possa haver a falta de tal operação. Ainda mais, colocaria a questão da castração vinculada diretamente com a questão do símbolo⁹⁶, que no caso da *estrutura da psicose*, em virtude da *Verwerfung*, o efeito na estrutura de tal operação radical é de uma indistinção entre

⁹⁶ A título de ressalva, o símbolo em questão é tratado por Lacan por “nome-do-pai”. Não adentraremos, nesse momento, em profundidade nesta relação, além do já apresentado. Acreditamos que este seja um ponto a ser desenvolvido, pois se refere ao modo como a neurose nomeia o símbolo, e que está diretamente conjugado com a teoria do Édipo, e isso demandará articulações decorrentes dos pontos que deixamos em aberto nesse texto. Esta ressalva se torna ainda mais importante quando Lacan, no ano de 1964, com o trabalho interrompido “*Os nomes-do pai*” (no plural), e por muitos recuperado após a publicação do livro 11 “*Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*” (1964), traz a tese da multiplicidade ou variedade possível deste símbolo.

Real e *Simbólico*, a medida que o registro que permitiria alguma borda distintiva na estrutura advém do *Imaginário*. “Sem dúvida, o que dissemos das relações da *Verwerfung* com a *psicose*, especialmente como *Verwerfung* do nome-do-pai, vem opor-se aparentemente, a essa tentativa de demarcação estrutural”. (LACAN, 1966e/1998, p. 889)

Recuperando a estratégia que utilizei para formalizar o modelo para a inscrição no campo da linguagem, segundo a *Bejahung-Verneinung* que oriente o leitor nas proposições a respeito da operação fundamental da *Verwerfung*, apresento o modelo que se segue, segundo as mesmas dimensões fundamentais para a noção de *estrutura* em psicanálise. “A *Verwerfung* será tida por nós, portanto, como *foraclusão* do *significante* no ponto em que, veremos de que maneira, é chamado *Nome-do-Pai*, pode, pois, responder no *Outro* um puro e simples furo, o qual, pela carência do efeito metafórico provocará um furo correspondente no lugar da *significação fálica*”. (LACAN, 1956e/1998, p. 564)

A operação da *Verwerfung* imprime um tipo de funcionamento que ordena o funcionamento *significante* de modo distinto, e pautado na lógica imaginária, que S_1S_2 demonstram no esquema abaixo, situando espaços sobre os quais há tratamento de linguagem para o *Real*, em seu suporte de concatenação de suporte pelo *Imaginário*, situando lugares delimitados ao inconsciente estruturado como uma linguagem em eu, quando esse encontra sua unidade no amalgamento de S_1S_2 pressupondo um delineamento metonímico ao eixo da cadeia *significante* e a irregularidade sobreposta entre *Simbólico* e *Real*, que a linha tracejada aponta no modelo abaixo.

Ainda assim, procurei delimitar pelos mesmos apoios dos elementos que compõem a racionalidade aqui defendida sobre a estrutura de linguagem, pelo campo, pelo *significante*, pela operação fundamental e pelos operadores de linguagem.

(1) a reta contínua demonstra os efeitos de identificação, em seu suporte *Imaginário*, quando a incidência do primeiro corte, vinculado à *Verwerfung* produz um efeito de amarração S_1S_2 , recobrimento parcialmente as indicações para o *objeto a*, e simultaneamente produzindo uma duplicidade da cadeia *significante*, pela reta tracejada, que indica o efeito de expulsão do índice do *Simbólico*.

(2) “círculo menor e de cor cinza” se mantém como indicação do *objeto a*, mas com a peculiaridade de tornar nebulosa a fronteira em relação ao próprio campo da linguagem, a fim de que isso sustente a afirmação de Lacan sobre o retorno do *Real*, do que não é simbolizado, tal qual o ponto indicado no encontro da reta tracejada, com a fronteira da unidade que S_1S_2 situa, pelo termo “*ponto de foraclusão*”. Ou seja, a impossibilidade de simbolizar o *Real*,

produz esse efeito colateral de delimitar de amarração do *RSI* no ato de inscrição do campo da linguagem de modo a que o *Imaginário* situa e o *Real* e o *Simbólico* passam a se sobrepor numa relação de tensão com a própria estrutura.

(3) Como o leitor pode averiguar, não há reta que indique o efeito retroativo, tendo em vista todo o problema da significação e temporalidade para a *estrutura da psique*, que será discutido no capítulo referente às estruturas clínicas, em específico na seção “4.3. Psicose: a função imaginária de borda para o *Real*”. Brevemente indicado no modelo pelo termo “*estrutura delirante*”.

Modelo 2. Lógica da operação da *Verwerfung*, em relação ao campo da linguagem, e seus efeitos na estrutura.

O mecanismo essencial da *Verwerfung* é denominado por uma exclusão radical de qualquer possibilidade de constatação da castração, como se a subjetividade negasse radicalmente qualquer experiência de vazio ou falta a um ponto de nem ser possível afirmá-la. Tal inscrição no campo da linguagem implica a expulsão do símbolo como recurso fundamental da estrutura diante *Real*. Lacan (1956b/1998, p. 394) afirma que na lógica estrutural que funciona sob os efeitos da *Verwerfung*, “[...] *todo simbólico é real*”, como o modelo acima procura formalizar.

O que cai sob o golpe do recalque retorna, pois, o recalque e o retorno do recalcado são apenas o direito e o avesso de uma mesma coisa. O recalcado está sempre aí, e ele se exprime de maneira perfeitamente articulada nos sintomas e numa multidão de outros fenômenos. Em compensação, o que cai no golpe da *Verwerfung* tem uma sorte completamente diferente. [...] Sucede, entretanto, além disso tudo que é recusado na ordem simbólica, no sentido da *Verwerfung*, reaparece no real. (LACAN, 1955a/2002, p. 21)

Quinet (2003) sintetiza as operações descritas por Freud e marca quais são os efeitos de retorno de cada uma das operações de negatividade diante da castração, pelas quais Lacan teoriza como efeitos de organização do sujeito no campo da linguagem, pelo uso significante, e que situam a grande tendência dos comentadores sobre a teoria estrutural em psicanálise, e que, nessa tese, recorte tal proposição como um dos dois aspectos para compor a lógica das estruturas clínicas em psicanálise. Há uma semelhança na racionalidade que Costa (2008) apresentou. Os efeitos de retorno descritos por Quinet (2003) são discutidos em profundidade na seção seguinte do capítulo, mas que me serve de apoio para os desenvolvimentos finais sobre as operações fundamentais e as consequências teóricas para os conjuntos das estruturas clínicas.

Diante da castração não há como não negá-la: o perverso desmente, o neurótico recalca e o psicótico rejeita completamente (foraclusi). Mas a questão da verdade da castração retorna ao sujeito: o neurótico recalca e sintomatiza, o perverso desmente e fetichiza e o psicótico foraclusi e alucina e/ou delira. (QUINET, 2003, p. 27)

Sobre os efeitos de retorno e o *RSI*: operadores estruturais.

Mas nós estabelecemos que é a lei própria a essa cadeia que rege os efeitos psicanalíticos determinantes para o sujeito, tais como a forclusão (*Verwerfung*), o recalque (*Verdrangung*) e a própria denegação (*Verneinung*) - , acentuando com a ênfase que convém que esses efeitos seguem tão fielmente ao deslocamento (*Entstellung*) do significante que os fatores imaginário, apesar de sua inércia, neles não figuram senão como sombras e reflexos. (LACAN, 1957a/1998, p. 11)

3.2. Segundo corte: operadores no enodamento dos três registros *Real*, *Simbólico* e *Imaginário* (*RSI*)

Nessa seção, o leitor encontrará os desenvolvimentos propriamente correlacionados com a noção estrutural em psicanálise, comumente definidos pelas teorias de negação ou de defesa que compõe a racionalidade subjacente à *estrutura da neurose*, *estrutura da psicose* e *estrutura da perversão*, que Quinet (2003) sintetiza na citação final da seção anterior, por *Verdrangung*, *Verwerfung* e *Verleugnung*.

Em estratégia semelhante até então adota nos desenvolvimentos argumentativos, início pontuando a necessidade de supor tal efeito de retorno, como necessariamente, conjugado à uma operação primordial, logicamente determinada, anteriormente à teoria das defesas, a fim de evitar que tais proposições ganhem contornos intuitivos e de valoração de referência entre uma estrutura e outra. As estruturas clínicas demandam a *pesquisanálise* dos enodamentos dos três registros, como conjuntos específicos de amarração do *RSI*, por fundamentos que situam operadores na lógica de funcionamento, sendo assim, determinados por um segundo corte, denominado o efeito de retorno das operações fundamentais.

Há termos que comportam a mesma problemática a respeito da tradução do Alemão para o Português, e, dessa maneira, precisam ser tratados em suas dimensões etimológicas, a fim de anunciar os devidos problemas que as transposições de uma língua para outra pode acarretar nas delimitações conceituais, a saber, *Verdrangung*, *Verleugnung* e *Verwerfung*.

No intuito de situar as estratégias metodológicas que a seção comporta, a sequência realizada implica, a partir das referências à *neurose*, à *perversão* e à *psicose*, um desdobramento sobre a noção de operadores, e as indicações de seu funcionamento na lógica de articulação entre os elementos que as estruturas dispõem na interpretação do *Real*, e, principalmente, nas significação do mal-estar que as fenomenologias clínicas podem evidenciar com o *sintoma*, o *fetice* e o *delírio*.

O termo *operadores* é um constructo de proposição que realizo na tese, e, por não ser propriamente um conceito psicanalítico corrente na literatura, pode-se inferir que ele não tenha, ainda, adquirido o rigor e as formalizações conceituais que as razões epistemológicas em psicanálise demandam, contudo, nesse momento de produção dessa tese, entendo que eles me auxiliam a compor um dos critérios fundamentais para o *conceito de estrutura* em psicanálise, e também no salto lógico para a *noção de estruturas clínicas*. Supor o termo operadores

estruturais como um dos elementos da composição a ser defendida nesse trabalho responde ao eixo “(3) *Operadores que expliquem o funcionamento dos elementos entre si*”, dos conjuntos estruturais apresentados na seção introdutória.

Nessa esteira, realizo a definição para o termo pelo estabelecimento de relações significantes, a de depender dos três registros *RSI* como suporte de concatenação, que determinam elementos das estruturas que apresentam função tanto teórica quanto clínica. Em primeiro lugar, permite delimitar os elementos específicos cujas estruturas se apoiam nas produções de sentido, significação e nomeação. Em segundo lugar, torna-se possível, para o psicanalista na *praxis clínica*, supor os operadores clínicos, ou unidades passíveis de serem manejados. Tal suposição pode ser um ponto de apoio para a formalização da prática do psicanalista, em termos de intervenção e fundamento de proposição para o horizonte da direção do tratamento, e, dessa forma, evitar os impulsos intuitivos de conduzir a pessoa do paciente.

Se as operações de inscrição no campo da linguagem permitem supor uma lógica de funcionamento, a de depender das inscrições de lugares fundamentais sobre os quais as identificações ulteriores ordenam consistências, tais operações demarcam uma fórmula geral de funcionamento, tal qual uma fórmula matemática ou razão de explicitação na lógica subjacente ao conjunto estrutural. Então, os operadores de linguagem seria os elementos operacionais que derivam dos lugares dispostos nas fórmulas que as operações inscreveram, tal qual indiquei na seção introdutória pela analogia com as fórmulas e a suposição de uma produção em torno da noção de *letra*, como a condição para o significante no inconsciente, na perspectiva do que “*chamamos letra, ou seja, a estrutura essencialmente localizada do significante*” (LACAN, 1957c/1998, p. 505).

Designamos por letra esse suporte material que o discurso concreto toma emprestado da linguagem.

Essa definição simples supõe que a linguagem não se confunda com as diversas funções somáticas e psíquicas que a desservem no sujeito falante.

Pela razão primeira de que a linguagem, com sua estrutura, preexiste à entrada de cada sujeito num momento de seu desenvolvimento mental. (LACAN, 1957c/1998, p. 498)

Proponho uma certa aproximação entre a escrita que se inscreve nas operações fundamentais, como a articulação freudiana em “*Uma nota sobre “O bloco mágico”* (1925a/2007) e Lacan em “*A instância da letra no inconsciente ou a razão desde de Freud*” (LACAN, 1957c/1998), “*A identificação*” (1961-62) e “*De um discurso que não fosse semblante*” (1971), a partir dos quais faço referência com o termo *marcapaga*, e os efeitos de tessitura que as consistências dos registros *RSI* podem produzir em tal escrita, pela via da fala,

como necessidades lógicas de se supor o tempo da inscrição por um escrito inconsciente, tal qual o apagamento da marca pelo traço, e a contagem dessa marca inaugural como *Um*.

[...] apenas sua unicidade – aquele, portanto, que se designa por um certo significante que pode sozinho suportar o que aprenderemos a seguir como uma letra, instância da letra no inconsciente, esse A maiúsculo, o A inicial enquanto é numerável, que aquele ciclo aí, e não um outro, equivale a um certo significante; é nesse sentido que o comportamento se repete para fazer ressurgir esse significante que, é, como tal, o número que o funda. (LACAN, 1961d/2011, pp. 74-5)

Os operadores seriam os produtos das amarrações provenientes decorrentes dos índices estruturais no inconsciente com os registros *RSI*, ao tom da consistência que o *Imaginário* pode proferir ao *Simbólico* no tratamento do *Real*, que Lacan descreveu na aula de 18 de março de 1975, no seminário “*RSI*” (1975) sobre o nomear, e a função de “*homear*” – produzir um ser humano – que o ato de fala materializa entre um Outro ao outro, pela concatenação significativa.

[...] os dispositivos de apoio à nossa memória parecem bastante precários, pois nosso aparato psíquico [*seelischer Apparat*] consegue justamente algo de que esses dispositivos não são capazes: acolher sempre novas percepções e, ao mesmo tempo, registrá-las como traços permanentes de memória, embora não logre mantê-las imutáveis. [...] Posteriormente (*Além do princípio de prazer* [1920, ESPI, vol. II, p. 150]) ainda acrescentei a observação de que o fenômeno tão inexplicável da consciência [*Bewusstseins*] se produziria no sistema perceptivo no lugar dos traços permanentes. (FREUD, 1925a/2007, p. 138)

Desta forma, os operadores derivam do funcionamento dos lugares lógicos que se inscrevem no inconsciente, pelas operações primordiais, com uma razão ordenada nas concatenações possíveis que as relações significantes podem produzir, pelos efeitos de retorno que operações secundárias podem materializar, a depender das determinações estruturais de suas condições inaugurais, pela *Verneinung-Verdrangung*, *Verleugnung* e *Verwerfung*. Logo, há operadores nas estruturas, e poder-se-ia supor aspectos particulares de suas formações para cada um dos conjuntos especificados nessa tese, a *estrutura da neurose*, *estrutura da perversão* e *estrutura da psicose*.

Quando alguém, em certa época, a época heroica em que comecei a capinar o terro na análise, veio contribuir para a decifração da *Verneinung*, comentando Freud letra por letra, ele percebeu muito bem – porque Freud o diz com todas as letras – que a *Bejahung* só comporta juízo de atribuição. Nesse ponto, Freud deu mostras de uma finura e uma competência absolutamente excepcionais na época em que escreveu, porque somente alguns lógicos de divulgação modesta poderiam ter apontado isso na ocasião. O juízo de atribuição em cada prejulga a existência, ao passo que a simples postulação de uma *Verneinung* implica a existência de algo que é, precisamente aquilo que é negado. (LACAN, 1971a/2009, p. 19)

As operações de defesa e de negação que sustentam a produção de operadores estruturais específicos a cada uma das estruturas desenvolvidas nessa tese são: *Verneinung*, e que a articulo com a *Verdrangung*, *Verleugnung*, e *Verwerfung*, já apresentadas nessa tese à exaustão. Porém, os delineamentos seguintes serão conferidos pelas bordas etimológicas que Hanns (1996) e Souza (2010) realizaram, para, na sequência, apresentar as consequências nas estruturas, respectivamente.

A *Verneinung* é uma modalidade de *negação*, ou *denegação* – a depender das referências de interpretação no Brasil para o termo em Freud, ainda que não carregue disparidades ou contraversão (SOUZA, 2010, p. 219) – que evoca a ideia de negar, rebatendo com um não, propriamente articulado no discurso com “*dizer Não*”, numa dupla ênfase, que o vocábulo em Alemão carrega na cultura, a saber, a vocalização e o significante “*não*” (HANNS, 1996, p. 314). Trata-se de um substantivo utilizado como uma negação gramatical, e em usos específicos da lógica, que o advérbio de negação *Nein* imputa à palavra.

O verbo *Verneinen* imputa à frase no ato de fala ou em tal ação discursiva a ação de dizer não. A composição do verbo *Verneinen* carrega o prefixo *Ver* – como o discutido na seção anterior (consequências de transformação em tempo e espaço, que indica fenômenos e intensificação de uma ação de deslocamento)– e o advérbio de negação *Nein*, que se situa como uma forma de negação utilizada como exclamações isoladas e nunca no início de frases (em contraponto com a negação de *Nicht*, que introduz diversas variações negativas a verbos, pronomes, adjetivos e etc) e o sufixo verbal do infinitivo, *En*.

[...] não havia problema em verter *verneinen* por negar, até Laplanche e Pontalis afirmarem que, além de “negação” no sentido lógico ou gramatical do termo, *Verneinung* tem o sentido psicológico: “recusa de uma afirmação que enunciei ou que me atribuem – por exemplo, não, eu não disse isso, não pensei isso”. E, acrescentaram, “*verleugnen* (*leugnem*) aproxima-se de *verneinen* tomado neste segundo sentido: renegar, denegar, retratar, desmentir” (SOUZA, 2010, pp. 220-21)

As conotações que Hanns (1996) indicam são de um aspecto formal-gramatical de negar, utilizando o *não*, tanto para o conteúdo, como de forma e em seu uso de símbolo. Aliás, no texto de Freud, “*A negativa*” (1925) (“*Die Verneinung*”), é possível afirmar que tais conotações estão implicadas à teorização, quando há, no dizer do analisante o “*não*” proferido no laço transferencial, a submissão de tal negativa a um conteúdo anteriormente mencionado, como um conteúdo afirmado, e, pela dialética de articulação, trata-se de um símbolo que nega, afirmando. Freud enfatiza o *sim* e o *não* como significantes – não se restringindo a tomá-los como indício afetivo de assentimento ou discordância – mas como significantes para além do

sentido, como o símbolo da deformação que a resistência ou o recalque (*Verdrangung*) impõe ao aparelho psíquico (HANNIS, 1996, p. 320-21). Logo, há uma relação entre *Bejahung*, *Verneinung* e *Verdrangung*.

Além dos termos gramaticais, supõe-se uma dimensão psicológica à *Verneinung* é, nessa acepção que surgem alguns problemas controversos, em relação às estruturas clínicas, em relação à *Verleugnung*, e que indico essencialmente pela *Verleugnung* e sua possibilidade de emergir, como operação tanto na *neurose* quanto na *psicose*.

Há duas considerações a fazer aqui. Os dois autores restringiram o significado do verbo alemão, ao enxergar um segundo sentido apenas “psicológico”. Quanto a *leugnen* e *verleugnen*, cobrem parte da semântica de “negar”, aquela de acepções mais, digamos morais. Algumas amostras deixarão isso claro: negar seus ideais, negar sua origem, renegar sua fé, renegar seus amigos, “isto é algo que não se pode negar”, ele não pode negar sua ambição, negar sua culpa, “ele não negou ter feito isso”, negar a existência de Deus. Como se vê, esse verbo é mais usado – e, portanto, possui maior riqueza de sentidos – do que *verneinen*. (SOUZA, 2010, p. 221)

Como se pode constatar com Souza (2010), o termo *Verleugnung* também é uma modalidade de negação na língua alemã, contudo, trata-se de uma palavra ambígua, que implica a negação uma articulação sobre os critérios de *verdade* ou *mentira* sobre o objeto da negação, como uma contestação de existência com a realidade que “*leugnen*” carrega em sua etimologia. “*Verleugnung não é uma negativa de discordância com relação ao conteúdo do objeto, mas a contestação da veracidade de sua existência. O que é desmentido é a própria existência do objeto*” (HANNIS, 1996, p. 304), ou um traço perceptivo de sua composição.

Bourguignon (1991) realiza um desenvolvimento extenso sobre o conceito de *Verleugnung* em Freud, traduzido por *renegação*. A fundamentação dada pelo autor é de que tal operação de negação incide diretamente no substrato das alucinações negativas, renegação da realidade e da escotomização, e do impacto que autores pós-freudianos, como René Laforque, empreenderam em suas teorias, por meio da interpretação dada a tal modelo de negação.

A dificuldade de tradução para o termo reside exatamente no ponto dessa categoria de contestação e irresoluta sobre o tratamento da realidade, quando a verdade e mentira, bem como a contradição com a assunção de um traço perceptivo, estão na raiz semântica de sua significação. *Como seria possível traduzir isso para o português? Negar? Renegar?*

A distinção entre *Verneinung* e *Verleugnung* foi feita pelo próprio Freud, de maneira ostensiva, em pelos menos duas ocasiões. No trabalho “Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos, de 1925, Lê-se: [...] “ocorre o processo que eu gostaria de designar como *Verleugnung*, o qual não parece ser raro nem muito perigoso na vida psíquica da criança, mas que no adulto poderia levar a

uma psicose”. Isso acontece, é sabido, ante a constatação pela menina, de que não tem nem jamais terá um pênis. A outra passagem está em “O fetichismo”, de 1927. Nesse outro célebre artigo (também de cinco páginas), Freud sustenta que o fetiche é um substituo do pênis. Mas não um pênis qualquer, e sim um muito especial, muito importante nos primórdios da infância, e que depois é esquecido. (SOUZA, 2010, pp. 225-26)

Por último, mas não menos importante, o termo *Verdrangung* é constantemente referido como uma das operações de negação e de defesa, que nessa acepção implica a defesa primordial para a gênese do aparelho psíquico, especificamente produzindo um problema de tradução tanto nas línguas inglesas, com *repression* – sendo que esse teria nos discursos freudianos a referência para *Unterdrückung* - quanto no português entre recalque ou repressão, por uma consequência similar a *ego* e *eu*, com *Ich*.

A *Verdrangung*, o recalque, não é a lei do mal-entendido, é o que se passa quando isso não cola no nível de uma cadeia simbólica. Cada cadeia simbólica a que estamos ligados comporta uma coerência interna, que faz com que sejamos forçados em tal momento a devolver o que recebemos a um outro. (LACAN, 1956a/2002, p. 101)

As conotações de sentido que as palavras em português incluem, e não pertencem ao conjunto na palavra alemã, são “*reprimir, esmagar, oprimir, impedir de se manifesta*” (HANNS, 1996, p. 358), sendo essa última a principal problemática que traduzir *Verdrangung* por repressão pode imputar ao conceito, quando Freud e Lacan afirmavam que não é da ordem do impedimento que a *Verdrangung* realiza sua função, mas de um trânsito tópico, em termos de deslocamento do consciente para o inconsciente, e na deformação que o processo defensivo produz nas formações psíquicas a fim de sua possibilidade de se “*manifestar*”, diante do conflito psíquico.

Hanns (1996) aponta para a composição do termo em alemão e a ênfase que *Ver* (no sentido de movimento, transformação – já apresentado) ganha ao ser atrelado com *Dräng*, que designa empurrar, forçar; potencializando o significado tanto do verbo *Verdrängen* quanto do substantivo *Verdrangung* em “*empurrar para o lado, desalojar, afastar (concreta e figurativamente)*. [...] *Desalojar alguém do cargo. A alegria afastou (desalojou) de sua mente esses pensamentos*” (HANNS, 1996, p. 355), alguma materialidade no objeto ou na ideia.

O radical *dräng* é um dos pontos nodais no texto de Freud “*Pulsões e destinos da pulsão*” (1915) e possui a conotação, não apenas do empurrar, mas também a uma pressão derivada de um desconforto, um “*aperto-lotação-sufoco*” (HANNS, 1996, p. 356), que Freud atrela à pulsão, como “*fator motor, a soma da força ou medida de exigências de um trabalho*

que ela representa. Esse caráter de exercer pressão é uma propriedade universal das pulsões, na verdade, sua própria essência” (FREUD, 1915a/2004, p. 148).

A distinção entre *Verdrangung* e *Uverdrangung* na teoria freudiana aponta, com o primeiro, para uma modalidade de defesa que responde às incidências da castração e da angústia que a pressão pulsional pode infringir ao aparelho psíquico, enquanto desestabilização do princípio da homeostase, e com o segundo a pressuposição de uma clivagem ou separação inaugural entre consciente e inconsciente, que o prefixo *Ur* determina, pelo aspecto de ancestralidade ou ponto inaugural de uma linhagem. Ou seja, das terminologias e conotações etimológicas, Freud realiza passos conceituais para a teoria psicanalítica.

Na esteira de Lacan, tendo a manter as palavras em Alemão, a fim de evitar as dissonâncias, já presentes no tema desse trabalho, sobre os termos empregados em português.

O terceiro registro também, o da *Verdrangung*, é referível no registro do discurso. Porque, observem-no bem, cada vez que há recalque – observem no concreto, é uma indicação, vão e vocês e verão – recalque para falar propriamente – porque recalque não é repetição, recalque não é denegação – há sempre interrupção do discurso. O sujeito diz que a palavra lhe falta. (LACAN, 1954i/1986, p. 305)

No intuito de recuperar a denominação de *operadores estruturais* em suas relações com as operações de *negação* ou *defesa*, convido o leitor à volta dada para as estruturas da *neurose*, *perversão* e *psicose*.

Na citação acima, Lacan aponta para a fundamentação da *Verdrangung* à ordem discursiva, remetendo ao posterior da *Bejahung*, que não pressupõe o ato enunciativo, a não ser quando vinculado à *Verneinung*, por sua definição etimológica e uso em Freud. Logo, há uma temporalidade implicada com dois cortes, como insisto nessa tese.

Lacan, ainda dá mais uma volta, e distingue *Verdrangung* de *denegação* (*Verneinung*⁹⁷), pela fenomenologia da interrupção do discurso ser interpretada como “*a palavra que falta*” (LACAN, 1954i/1986, p. 305), pela subjetividade no ato de fala. Isso torna-se ainda mais importante, considerando a passagem no texto “*De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose*” (1956/1998), na qual Lacan é explícito nas correlações, em oposição à *Verwerfung*, entre *Bejahung*, *Verneinung*, cujo efeito “*confissão do próprio significante que ela anula*” (LACAN, 1956e/1998, p. 564). Eis o campo das determinações da *estrutura da neurose*, e o passo para os operadores que lhe são específicos.

⁹⁷ Aponto para o problema de tradução que poderia emergir entre *Verneinung* e *Verleugnung*, que Souza (2010) discute a respeito das particularidades com que Lacan realizou ao ler o texto de Freud.

[...] *Bejahung*, ou juízo da atribuição, que Freud postula como precedente necessário a qualquer aplicação possível da *Verneinung*, que ele lhe opõe como juízo de existência, ao passo que o artigo inteiro em que ele destaca essa *Verneinung* como elemento da experiência analítica demonstra nela a confissão do próprio significante que ela anula. (LACAN, 1956e/1998, p. 564)

Assim, tem-se para a *estrutura da neurose* uma dupla articulação do campo do Outro e da dimensão Real de modo simultâneo e topológico, como uma superfície que se realiza pela torção que o símbolo produz num avesso e direito da mesma superfície. Eis o primeiro ponto de apoio para a formalização para a *estrutura da neurose* tal qual anunciei. Trata-se da teoria da inscrição no campo da linguagem, ou campo do grande Outro, a partir da *Bejahung*, que inscreve o símbolo, que inaugura tanto no campo significante um lugar que situa o sujeito, pelo traço fundamental, e simultaneamente, aponta para o vazio impossível de suturar que o significante inaugura através da simbolização primordial.

No momento em que se desencadeia sua neurose, o sujeito, elide, escotomiza como se disse depois, uma parte de sua realidade psíquica, ou, numa outra linguagem, de seu id. Essa parte é esquecida, mas continua a fazer-se ouvir. Como? De uma forma que é aquela sobe a qual todo o meu ensino insiste – de uma forma simbólica. (LACAN, 1955c/2002, p. 56)

Na neurose, diante de tal constatação da inscrição do símbolo, como modelo de tratamento *Simbólico* da castração, o recalque (*Verdrangung*) é o mecanismo primordial de operação para interpretar e organizar as formações inconscientes e sintomáticas da subjetividade; ou seja, diante da constatação da castração, o mecanismo de recalque é dialeticamente marcado pelo tentativa de apagamento da castração e evidenciamento de seu retorno na incidência das formações discursivas e efeitos de fala pela via do sentido recalqueado ou do retorno do recalqueado no recalque; isto é, o objeto que se organiza diante da castração é essencialmente *Simbólico* – marca fundante da noção de *sintoma*. Estrutura que servia de suporte para Lacan teorizar o Édipo e sua teoria da constituição do sujeito, inclusive orientando a construir o grafo do desejo.

Essa proposição para a *estrutura da neurose* pode ser sistematizada pelo efeito da simbolização primordial na lógica do campo do Outro, e os efeitos de incidência do objeto, por meio do próprio vazio constitutivo desse campo, sinalizados nos *matemas A* e *S(A)*. A estrutura de linguagem para a neurose está calcada na possibilidade de produzir uma série de lugares na cadeia discursiva pelos efeitos retroativos da concatenação significante ao tom de um enquadre para a realidade sob a lógica do desejo, e o recorte da fantasia fundamental que lhe serve de suporte, nas substituições que o *sintoma* permite. “É, pois a posição do neurótico em relação

ao desejo – digamos, para encurtar, à fantasia – que vem marcar com sua presença a resposta do sujeito à demanda, ou dito de outra maneira, a significação de sua necessidade”. (LACAN, 1961/1998, p. 644)

As principais referências teóricas para a *estrutura da neurose*, na literatura lacaniana (DOR, 1991; JULIEN, 1993; FINK, 1998; QUINET, 2003; PORGE, 2006; EIDELZSTEIN, 2003/2016, EIDELZSTEIN, 2008/2017), são referidas, principalmente, aos desenvolvimentos realizados no seminário “*As formações do inconsciente*” (1957-58) sobre a inscrição da metáfora paterna e os efeitos de significação que circulam da questão que emerge desde o campo do Outro, no desejo e na demanda desde a simbolização primordial, configurando o amplo conjunto da *teoria da constituição do sujeito*, mas insistentemente atrelado à teoria do complexo de Édipo. A teoria da negatividade e de defesa vinculada à *Verdrangung* são os pontos de apoio para as explicações que mobilizam as formações sintomáticas e posições de fantasia que a neurose apresenta nas simbolizações típicas dos arranjos inconscientes, quando alcançam a estrutura discursiva pelo ato de fala (QUINET, 2002; 2003).

Já colocamos aqui o A maiúsculo do grande Outro, no qual se encontra o código e que acolhe a demanda. É na passagem de A para o ponto onde se encontra a mensagem que se produz o significado do Outro. Depois disso, a necessidade esboçada aqui vê-se transformada ali, e se qualifica como sendo a da realização do sujeito, ela se traduzirá, no final, por algo que é sempre mais ou menos da alçada de uma identificação, isso é, da remodelação, da transformação também, da passagem, enfim, da necessidade do sujeito pelos desfiladeiros da demanda. (LACAN, 1958g/1999, p. 405)

Em termos da relação da estrutura de linguagem em relação ao campo do Outro, a neurose produz uma torção entre *demanda* e *desejo*, cujas respostas diante do furo que o campo do Outro inclui em sua estrutura, por exemplo no aspecto asemântico do significante ou mesmo das relações estabelecidas entre um e outro que a antropologia, são reveladas de forma privilegiada na *fantasia*, no *sintoma* e nas referências estéticas que o *Imaginário* e o *Simbólico* permitem no *eu* e no *ideal de eu*. “*A fantasia, em sua estrutura por nós definida, contém o – ϕ , função imaginária da castração, sob uma forma oculta e reversível de um de seus termos para o outro. Quer dizer que, à maneira de um número complexo, ele imaginariza (se nos permitem este termo) alternadamente a um desses termos em relação ao outro*””. (LACAN, 1960b/1998, p. 840)

A posição da neurose, na perspectiva significante e no efeito que o índice do *Simbólico* produz na estrutura, como efeito da operação primordial pela *Bejahung* e no efeito de retorno pela *Verneinung*, imputa ao campo e o funcionamento significante a insistência simbólica em

inscrever uma amarração que produz um retorno retroativo ao mítico de uma ilusão, tal qual o entrejogo do *desejo* com a *fantasia* revela no grafo do desejo. “*Sim, esse eu que alguns analistas continuam optando por reforçar é aquilo sob o qual o neurótico esconde a castração que ele nega*”. (LACAN, 1960b/1998, p. 841)

O suporte nos registros *Imaginário* e *Simbólico* como efeito da inscrição no campo da linguagem produz uma estruturação de concatenação significativa pautada na duplicidade que os eixos metonímicos e metafóricos determinam, e revelam, assim, a torção na superfície do campo da fala ao ponto que o inconsciente é a estrutura que permite a significação no paradoxo que o *Simbólico* impõe à estrutura subjetiva.

No neurótico, o – Φ – insinua-se sob o $\$$ da fantasia, favorecendo a imaginação que lhe é própria, a do *eu*. É que a castração imaginária – o neurótico a sofreu logo de saída – é a que sustenta esse eu forte que é o dele, tão forte, diríamos, que seu nome próprio o importuna, que o neurótico é, no fundo, um sem-nome. (LACAN, 1960b/1998, p. 841)

O neurótico é uma produção de significação para a própria causa que o determina, ao ponto de não saber que está orientado em buscar estratégias de tamponamento para o intervalo significativo que o determina, ponto sobre o qual a articulação que o desejo sustenta na possibilidade mítica de resolver tal intervalo significativo com a fantasia. “*Digamos que a fantasia, em seu uso fundamental, é aquilo mediante o qual o sujeito se sustenta no nível de seu desejo evanescente porquanto a própria satisfação da demanda lhe subtrai seu objeto*” (LACAN, 1961/1998, p. 643).

O neurótico, como ele se caracteriza? Ele faz uso, claro dessa alternância, e, na medida em que se situa plenamente no nível do Édipo, de sua estruturação significativa, faz uso dela de maneira que chamarei de metonímica. Digo até que essa metonímia é regressiva, na medida em que *ele não o é* se apresenta aqui como primeiro com relação a *ela não o tem*. (LACAN, 1959e/2016, p. 483).

Dos efeitos da inscrição significativa, a *estrutura da neurose* tem a marca radical de simbolizar a demanda do Outro como ponto fundamental para a estrutura do desejo da razão subjetiva, particularizada em relação à concatenação significativa que situa o sujeito na cadeia discursiva, demarcando, portanto, que a neurose tem seu fundamento nos aspectos simbólicos do suporte dignificante e no efeito da *estrutura do desejo* como determinante para os tipos clínicos que *histeria* e a *neurose obsessiva* demonstram, pela insatisfação e impossibilidade, como Lacan discute nas últimas aulas do seminário “*As formações do inconsciente*” (1957-58) na seção intitulada “*A dialética do desejo e a demanda na clínica no tratamento das neuroses*”,

e retomado no texto “*A direção do tratamento e os princípios de seu poder*” (1961/1998), como na citação a seguir.

É que seria preciso distinguir duas dimensões nessa remissões: um desejo de desejo, ou seja, um desejo significado por um desejo (o desejo da histórica de ter um desejo insatisfeito é significado por seu desejo de caviar: o desejo de cair é seu significante), inscreve-se no registro diferente de um desejo que substitui um desejo (no sonho, o desejo de salmão defumado próprio da amiga vem substituir o desejo de caviar da paciente, o que constitui a substituição de um significante por um significante). (LACAN, 1961/1998, p. 627)

Essa tendência interpretativa dada por Lacan, sobre a neurose, da simbolização da demanda no campo do Outro e o efeito significante em seu suporte *Simbólico* de tratamento da castração aponta para a formulação que tal lógica de amarração dos três registros imputa ao funcionamento fenomenológicos dos sintomas clínicos que a neurose apresenta, se estende ao longo de todo o seminário “*O desejo e sua interpretação*” (1958-59).

A essência da neurose, daquilo com que lidamos nessa estrutura, consiste muito precisamente em que o que não pode ser demandado nesse terreno, ou seja, o que é da ordem do desejo se inscreve, se formula no registro da demanda. Esse fenômeno neurótico aparece, de modo mais ou menos esporádico, na evolução de todos os sujeitos que participam da estrutura da neurose. (LACAN, 1959a/2016, p. 138)

Lacan utiliza uma série de modelos, esquemas e grafos para formalizar a lógica de inscrição subjetiva em relação ao campo da linguagem e os efeitos radicais que a inscrição significante, na perspectiva simbólica, produz para o funcionamento da neurose (EIDELZSTEIN, 1992).

Mas essa prevalência dada pelo neurótico à demanda [...] esconde sua angústia do desejo do Outro, impossível de desconhecer quando é encoberto apenas pelo objeto fóbico, e mais difícil de compreender nas outras duas neuroses, quando não se dispõe do fio que permite situar a fantasia como desejo do Outro. (LACAN, 1960b/1998, p. 838)

Os elementos operacionais, os operadores estruturais são extremamente complexos e sobrepostos por leis simbólicas articuladas ao *Imaginário* para tratar o *Real*, como o grafo do desejo revela desde os seminários “*A relação de objeto*” (1956-67), “*As formações do inconsciente*” (1957-58), “*A identificação*” (1961-62), “*A lógica do fantasma*” (1966-67) e “*de um Outro ao outro*” (1968-69), e que a topologia permite situar as noções de espaço que tal estrutura conjuga ao sujeito, ao desejo e ao Outro.

O que isso quer dizer? Isso quer dizer, em nossa transposição significada, em nossa experiência, que a demanda do sujeito, enquanto que aqui duas vezes ela se repete, inverte suas relações D e a , demanda e objeto no nível do Outro, que a demanda do sujeito corresponde ao *objeto* a do Outro, que o *objeto* a do sujeito torna-se a demanda do Outro. Essa relação de inversão é essencialmente a forma mais radical que podemos dar ao que se passa no neurótico; o que o neurótico visa, como objeto, é a demanda do Outro; o que o neurótico demanda, quando ele demanda apreender a , o inapreensível objeto de seu desejo, é a , o objeto do Outro. (1962g/2011, p. 356)

Apesar de me orientar nas indicações gráficas utilizadas por Lacan, no próximo capítulo, é interessante retomar o grafo do desejo nesse momento da seção, para a *estrutura da neurose*, a fim de reposicionar o leitor à complexidade dos operadores que a neurose apresenta em seu sistema de significação.

O efeito de inscrição no campo da linguagem, que o primeiro patamar no grafo do desejo demonstra pela reta definida como *campo significante*, tendo em vista a operação articulada da *Bejahung* com a *Verneinung*, produz uma série de lugares por meio do suporte que os registros *Imaginário* e *Simbólico* permitem à subjetividade se situar no campo do Outro, como um desdobramento dos grafos sinalizados por Lacan na teoria da constituição subjetiva, ao longo dos seminários “*As formações do inconsciente*” (1957-58) e “*O desejo e sua interpretação*” (1958-1959), que foram apresentados anteriormente nessa tese.

Fig. 20. Grafo do desejo, incluído no texto *Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano* (1960c/1998, p. 831)

Diante do campo do Outro, a subjetividade inscreve as referências éticas e estéticas para a unidade do *eu*, como a própria formalização que o sujeito encontra seu lugar na cadeia significando nas divisões estabelecidas pelos termos $i(a)$, m e $I(A)$. Esse quadrante do primeiro patamar do grafo tem seu apoio, essencial, nos registros *Imaginário* e *Simbólico*. A estabilidade

desse conjunto de relações estabelecidas entre os termos está longe de ser orientado pela regularidade e linearidade com que a lógica clássica aponta, a tal ponto que as possibilidades que os vetores indicados nas setas denotam um circuito que tende a se sustentar a depender das modalidades com que o $S(A)$ regula como resposta em relação à substituição significante desde o campo do Outro, A .

Diferentemente do signo, da fumaça que não existe sem fogo, fogo que ela indica com o apelo, eventualmente, de que seja extinto, o sintoma só é interpretado na ordem do significante. o significante só tem sentido por sua relação com outro significante. É nessa articulação que reside a verdade do sintoma. O sintoma tinha um ar impreciso de representar alguma irrupção da verdade. A rigor, ele é verdade, por ser talhado na mesma madeira de que ela é feita, se afirmarmos materialisticamente que a verdade é aquilo que se instaura a partir da cadeia significante. (LACAN, 1966b/1998, p. 235)

A *lógica fálica* é um dos elementos mais importantes na teoria das *neuroses*, como pude discutir nos capítulos anteriores, que quando articuladas aos três registros *RSI* na obra de Lacan, permite a compreensão dos estatutos do objeto na estrutura, como diferentes arestas na subjetividade para o *objeto a*, falo *Imaginário* como signo da castração e o falo *Simbólico* como propriamente o elemento que orienta o tratamento *Simbólico* da castração, como um efeito da inscrição da metáfora paterna, e sua incidência na significação do falo no inconsciente (LACAN, 1958/1998). A fórmula da metáfora paterna é uma formalização desse pressuposto para a teoria da neurose. “O falo é o significante dessa própria *Aufhebung* (suspensão), que ele inaugura (inicia) por seu desaparecimento” (LACAN, 1958/1998, p. 699), e não é dissonante uma certa aproximação com o próprio fundamento da neurose que Lacan elaborou na citação de epígrafe da seção, sobre o efeito de retransformação que o neurótico está impelido nas relações com sua própria causa de divisão subjetiva.

O falo é o significante particular que, no corpo dos significantes, especializa-se em designar o conjunto dos efeitos do significante, como tais, no significado. Isso vai longe, mas não há como ir menos longe para dar ao falo sua significação. Ele ocupa aqui um lugar privilegiado no que se produzirá de significante no além do desejo, ou seja, em todo o campo que se situa para além do campo da demanda. (LACAN, 1958g/1999, p. 405)

O segundo patamar evoca a dimensão do gozo, e dessa maneira, pelo *matema* $S(\mathbb{A})$ à dimensão *Real*, por meio das incidências do *objeto a* na estrutura, como fica evidente na fórmula da fantasia como suporte articulado ao desejo. Do circuito pulsional que a posição da castração aponta no *matema* $\$ \diamond D$, o aparelho estrutural da neurose produz uma questão sobre o enigma que a dimensão *Real* traz para o patamar da cadeia significante, como um produto que deriva dessa própria condição humana de não haver proporção entre a pressão pulsional e

o representante da significação que o significante comporta no tratamento *Simbólico* da falta de significante que responda à totalidade do ser, “*Che vuoi?*”.

Fig. 21. Grafo do desejo, incluído no texto *Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano* (1960c/1998, p. 829).

A fórmula da fantasia ($\$ \diamond a$) é o ponto sobre o qual emerge a resposta diante da falta radical e constitutiva por sermos seres de linguagem, e atravessados pelo empuxo à satisfação que o encontro com o significante produz no sistema da *neurose*. Se o *desejo* é a questão que deriva do encontro com o significante, apontando para o objeto do desejo na via fálica, quando o índice do *Simbólico* opera na estrutura, a *fantasia* é a possibilidade mítica de tamponar a própria causa, intervalar entre os significantes, que regula o deslizar da subjetividade, por meio de uma narrativa que visa ao encontro do objeto em sua dimensão de complementaridade ilusória ao gozo.

O grafo inscreve que o desejo é regulado a partir da fantasia, assim formulada de maneira homóloga ao que acontece com o seu em relação a imagem do corpo, exceto que ela continua a marcar a inversão dos desconhecimentos em que se fundamentam, respectivamente, um e outro. Assim se fecha a via imaginária por onde na análise devo advir, lá onde s'tava [*là où s'était*] o inconsciente. (LACAN, 1960c/1998, p. 831)

Para compreender os deslizamentos dessa teoria, é fundamental que o leitor recorde a condição prematura de nascimento do ser humano, em que o organismo não se encontra na maturação completa. É fundamental que haja o cuidado de um semelhante da espécie, nos primeiros momentos de vida do *infans*, para que se mantenha vivo organismo do bebê. Em síntese, é a passagem que denota a fragilidade da humanidade diante da vida, que na

radicalidade das necessidades vitais do organismo, a linguagem opera uma transformação radical tal qual Lacan descreveu na *teoria do estádio do espelho*, e se reposiciona na teoria do *complexo de Édipo*, e esvaziou os detalhamentos imaginários na *teoria da alienação*. “*A Verneinung é o que mostra o lado negativo dessa não-superposição, porque é preciso fazer entrar os objetos no buraco, e como os buracos não correspondem, são os objetos que sofrem*”. (LACAN, 1954i/1986, p. 305). Contudo, é fundamental apontar que a proposta realizada, como o leitor já deve ter inferido, se faz partir da conjunção das três teorias da constituição do sujeito, a fim de alcançar as incidências dos três registros *RSI* no funcionamento da neurose, como diferentes arestas desse momento fundante para a subjetividade humana.

É no espaço virtual entre o apelo da satisfação e a demanda de amor que o desejo ocupa seu lugar e se organiza. Por isso é que só podemos situa-lo numa posição sempre dupla em relação à demanda, ao mesmo tempo além e aquém, conforme o aspecto pelo qual consideremos a demanda – demanda em relação a uma necessidade ou demanda estruturada em termos significantes. (LACAN, 1958h/1999, p. 418).

Retomando o caminho para os desdobramentos da seção, partindo da amarração das três teorias citadas acima, realizo o desenvolvimento detalhado das hipóteses inaugurais para a *estrutura da neurose* em relação à inscrição da subjetividade com o campo do grande Outro, por meio das passagens da necessidade à simbolização da demanda, pela operação primordial denominada *Bejahung*; tendo como efeito a função significante e os efeitos da inscrição do símbolo, na concatenação $S_1 - S_2$ radicalmente demarcada pelo intervalo, situando, dessa forma, tanto o significante quanto o vazio constitutivo do campo, no indicativo do $S(\bar{A})$.

A hiância desse enigma confirma o que a determina na fórmula mais simples para torna-la patente, qual seja, que tanto para o sujeito quanto para o Outro, no que tange a cada um dos parceiros da relação, não basta serem sujeitos da necessidade ou objetos do amor, mas tem que ocupar o lugar de causa do desejo. (LACAN, 1958/1998, p. 698)

Para o *infans*, a condição inicial é de organismo pulsante, e de desamparo radical na manutenção das forças de vida do próprio organismo. Lacan, denomina esse momento inaugural de dois modos mais evidentes, no seminário “*As formações do inconsciente*” (1957-58), o termo utilizado é “*assujeito*” (LACAN, 1958c/1999, p. 195) e isso remete à necessidade lógica de se supor que a subjetividade, sob a fundamentação na estrutura da linguagem, não deriva do nascimento, ainda que desde essa temporalidade existencial, o *infans* esteja submetido à ordem da linguagem, mas sem operar sobre ela ativamente suas condições de vivente.

A definição de *assujeito* engloba, por um lado, a condição de não utilizar a função significante que produz o efeito de sujeito, no prefixo de negação “a”, e por outro lado, remete a uma alienação radical ao discurso e cuidados do outro que serve de suporte para o campo do Outro. Ou seja, *assujeito* implica a série concernente aos desdobramentos para a constituição do sujeito como uma operação que se realiza desde a inscrição no campo da linguagem, e o uso do significante na significação de si em relação ao campo material da linguagem. “[...] o momento em que o desejo se humaniza é também aquele em que a criança nasce para a linguagem” (LACAN, 1956a/1998, p. 320).

A primeira, a alienação, é própria do sujeito. Num campo de objetos, não é concebível nenhuma relação que gere a alienação, a não ser a do significante. Tomemos por origem o dado de que nenhum sujeito tem razão de aparecer no real, salvo por nele existirem seres falantes. (LACAN, 1960c/1998, p. 854)

Não é possível afirmar que tal pressuposto teórico seja exclusivo da *estrutura da neurose*, mas um constructo suposto necessário a toda condição para o ser humano. Porém, a passagem de *assujeito* para a concepção de sujeito que Lacan realiza em seu ensino, sobre a temporalidade e espacialidade na constituição da subjetividade em relação à linguagem tende a se apoiar nas formulações em relação à *estrutura da neurose*, e, a partir desse ponto de partida, ordenar as diferenças em relação aos outros que englobam a proposta estrutural, como o que se materializa na hipóteses para o campo das *psicoses*, pela operação da *Verwerfung*, como o diametral radicalmente distinto da lógica desenvolvida aqui, ou da *perversão*, como Freud já realizava em seu ensino.

O processo de que se trata aqui sob o nome de *Verwerfung*, e que não tenho notícia de que algum dia tenha sido objeto de um comentário um pouquinho mais consistente na literatura analítica, situa-se muito precisamente num dos tempos que sr. Hyppolite acaba de destacar para vocês na dialética da *Verneinung*: trata-se exatamente do que se opõe a *Bejahung* primária e constitui como tal aquilo que é expulso. (LACAN, 1956b/1998, p. 389)

Em síntese, a ausência materna nos cuidados da necessidade do *infans*, na lógica relacional do Édipo, abrem fenda para a questão, como tratamento significante diante do enigma da ausência, “O que o Outro quer?” Eis o significante primordial da inscrição da falta, como o desejo materno, S_1 , e que implica, no próprio sentido de engendrar, uma resposta pautada na totalidade da identificação ao falo imaginário, “Eu, que sou”. A repetição e insistência da ausência, no ir e vir da mãe, apontam para uma reposta além dessa pregnância da totalidade do ser para o Outro, como a passagem do *ser* para *ter* o falo, ao tom de uma questão que se desenrola para “O que o Outro quer para além de mim?”, e cuja resposta tanto apontaria para

a dimensão do ser, que não encontra sua reposta, senão no índice do operador fálico articulado à castração: “*O que é vivente desse ser no uverdrangt encontra seu significante ao receber a marca da Verdrangung do falo (mediante o que o inconsciente é linguagem)*”. (LACAN, 1958/1998, p. 700).

Habitamos a linguagem. Eu me permiti até mesmo dizer recentemente, o que é divertido, que há algum lugar em Heidegger, eu não havia me dado conta disso, uma sugestão, de que ali se encontra uma saída pra crise de moradia, mas não se habita a falta. É a falta que, ao contrário, pode habitar algum lugar. Ela, de fato, habita um lugar e a metáfora do Banquete retoma aqui seu valor, ela habita o interior do objeto a, não o Outro, espaço no qual se desdobram as vertentes da impostura, mas o desejo do Outro está ali, escondido no coração do objeto a. Aquele que sabe abrir, com uma tesoura, de modo apropriado, o *objeto a*, esse é o mestre do desejo. (LACAN, 1965e/2006, p. 152)

O efeito *Simbólico* de tratamento da castração, tendo em vista que a efetividade de inscrição do símbolo na *estrutura*, é o principal articulador e definidor do sistema *da neurose*. O significante, como a literatura tende a trazer como referência para a formalização da neurose, tem o aspecto específico de produzi um modelo de amarração dos três registros *RSI* que permitem um sistema de regulação pelos operadores de linguagem ao tom do que Lacan estabelece ao final do seu ensino, como afirma no seminário “*RSP*” (1975): “*Ao que chegamos, então, é que, para demonstrar que o Nome-do-pai nada mais é que esse nó, não há outro modo de fazê-lo senão se os supondo desatado*” (LACAN, 1975e, p. 46). “*Não se trata, diz-nos, de um recalque (Verdrangung), pois o recalque não pode ser distinguido do retorno do recalcado pelo qual aquilo de que o sujeito não pode falar, ele o grita por todos os pores de seu ser*” (LACAN, 1956b/1998, p. 388).

O desejo como a questão que abre fenda para as respostas fálicas, como tratamento *Simbólico* do objeto, encontra seu fundamento na perspectiva do objeto desde os suportes nos *Imaginário* e *Simbólico*, que ϕ e Φ concatenam, em termos significantes, como operadores para a *estrutura da neurose* enquadrar a realidade e o laço com o outro.

Pois o falo é um significante, um significante cuja função, na economia intra-subjetiva da análise, levanta, quem sabe, o véu daquela que ele mantinha envolta em mistérios. Pois ele é o significante destinado a designar, em seu conjunto, os efeitos de significado, na medida em que o significante os condiciona por sua presença de significante. (LACAN, 1958/1998, p. 697)

Em outra dimensão, ao tom de como o *Real* escreve as derivações da inscrição do objeto na perspectiva do gozo, posiciono o “*objeto a*”, a fim de salientar a operação fundamental de

que a subjetividade não se realiza ao nascer, como discuti anteriormente, e aponta para dimensão faltante radical do objeto se desprender pela operação da identificação ao significante.

Ensinei-lhes a escrever a pulsão como ($\$ \diamond D$), o que se deve ler como S barrado, corte de D maiúsculo, a demanda. Voltaremos a esse corte — de qualquer modo, vocês começaram há pouco a ter uma certa ideia de que o que se trata de cortar é o impulso do caçador —, mas a maneira como lhes ensinei a escrever a pulsão já lhes explica por que foi nos neuróticos que as pulsões foram descritas. Foi justamente na medida em que a fantasia ($\$ \diamond a$) apresenta-se no neurótico, de maneira privilegiada, como ($\$ \diamond D$). (LACAN, 1962d/2005, p. 77)

Mas pela situação de desamparo total, ao nascer, e o funcionamento do organismo que pressiona a materialidade viva ao ponto da descarga motora pelo som, a fim de que as necessidades básicas sejam saciadas, o encontro com a frustração da saciação da necessidade pulsional marca a possibilidade mítica de uma formulação fantasística que responda ao todo da satisfação pelo $\$ \diamond a$.

Dizer que o significado do A como barrado, marcado por sua falha lógica, vem expressar-se plenamente no neurótico nos esclarece o que há de inaugural na experiência do neurótico. Quanto ao neurótico, ele não mascara o que acontece com a articulação conflituosa no nível da própria lógica. O fato de o pensamento falhar, em seu próprio lugar de jogo provido de regras, eis o que dá o verdadeiro alcance da distância que dele toma, em sua experiência, o próprio neurótico. (LACAN, 1969c/2008, p. 284)

Considerando a *estrutura da neurose* em seu suporte nos operadores que o grafo do desejo formaliza, não seria equivocado afirmar que tais *matemas* denotam a exata medida da complexidade que tal estrutura permite relações entre tais elementos como os próprios operadores lógicos da estrutura.

A discussão sobre o estatuto do desejo a ser o principal elemento que norteia o diagnóstico diferencial entre histeria e obsessivo pode ser desdobrado em pesquisas futuras, tal qual uma *pesquisanálise* subjacente aos detalhamentos do funcionamento estrutural que a neurose pode levantar em seu estatuto clínico. Lacan afirma, no texto “*Subversão do Sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano*” (1960):

1. obsessivo, nega o desejo do Outro, formando sua fantasia para acentuar a impossibilidade do esvaecimento do sujeito. Cautelador do Outro.
2. histérico, o desejo, só se mantém pela insatisfação que lhe é trazida ao se furtar ali como objeto. Sem-fé da intriga histérica.

O que o neurótico não quer, o que ele recusa encarniadamente até o fim da análise, é sacrificar sua castração ao gozo do Outro, deixando-o servir-se dela. (LACAN, 1960b/1998, p. 841)

Desde a operação fundamental de inscrição no campo da linguagem, pela inserção do símbolo pela *Bejahung*, tem-se os efeitos de retorno que o recalco produz nas formações substitutivas de modo a produzir uma torção na estrutura, que a neurose revela entre a demanda e o desejo. A ambiguidade, o paradoxo e a dualidade atravessam a estrutura de significação que a subjetividade da neurose permite no encontro com o significante. Não é mero estatuto de nomeação, mas de engendramento da subjetividade pela via dos dois cortes que sinalizo como fundamental para compor a lógica estrutural da neurose. No horizonte, a neurose tem seu fundamento de permitir um tipo de concatenação significativa que encontra seu suporte *Simbólico* nos enlaçamentos entre S_1 e S_2 , sob o empuxo da significação fálica e da satisfação que o gozo fálico costura.

É dessa maneira que se torna possível conceber a aproximação da estrutura com os três registros *RSI*, pela lógica que os *matemas* do grafo do desejo imputam aos operadores estruturais. A ênfase ao *sintoma* como retorno do recalcado e marca clínica privilegiada da simbolização inerente ao neurótico retorna ao final da obra de Lacan, quando no seminário “*O sinthoma*” (1975-76) aproxima sua proposição “*sinthoma*” ao neurótico, como um modelo de amarração dos três registros *RSI*, escrito e formalizado na topologia do *Nó-borromeano*. “*Trata-se do sinthoma não na medida em que ele é personalidade, mas na medida em que, em relação aos três outros, se especifica por ser sinthoma e neurótico*” (1975c/2007, p. 53).

Em termos de passagem para a próxima análise dos operadores estruturais, a saber, a *estrutura da perversão*, recupero desenvolvimentos anteriores, nos capítulos precedentes, a respeito das indagações em considerar um terceiro conjunto que deriva das operações primordiais, quando o critério é a simbolização, compreendida na acepção lógica de um *ato psíquico*, ou seja, Se a *Bejahung-Verneinung* abre uma bifurcação em que *neurose* e *perversão* derivam dessa operação: como diferencia-las?

A *perversão* remete desde Freud certa similaridade com a *neurose* em seu aspecto de constatar a castração, ainda que sua operação de negação contraste em avesso de como a castração retorna no aparelho psíquico, pela via da operação da *Verleugnung*.

Freud afirma que a fundamentação da operação da *Verleugnung*, que os adultos realizam sobre a criança em afirmar negando, ao tom de uma recusa, a sexualidade na infância, e simultaneamente as exigências da realidade externa, dirige-se para a obtenção de prazer e acatar as limitações que a cultura impõe. Entre a proposta da fantasia para o conceito de perversão, Freud equaciona uma economia pulsional do aparelho em relação ao objeto sexual, a depender da intensidade do investimento libidinal. A cisão do eu, como efeito da *Verleugnung*, visa a

responder a angústia da castração, e tanto explicaria a lógica da perversão em negar o índice da castração, como os fenômenos advindos da cisão do ego na elaboração do conflito sistêmico entre as pressões instintuais e o encontro com a realidade, como Freud considerou no texto inacabado de 1938, “*A cisão do ego no processo de defesa*”.

Suponhamos, portanto, que o ego de uma criança se encontra sob a influência de uma poderosa força instintual que está acostumado a satisfazer, e que é subitamente assustado por uma experiência que lhe ensina que a continuação dessa satisfação resultará num perigo real e quase intolerável. O ego deve então decidir reconhecer o perigo real, ceder-lhe passagem e renunciar à satisfação instintual, ou rejeitar a realidade e convencer-se de que não há razão para medo, de maneira a poder conservar a satisfação. Existe um conflito entre a exigência por parte do instinto e a proibição por parte da realidade. (FREUD, 1938/1996, p. 293)

A resposta do aparelho psíquico define a modalidade de negação da castração, diante do conflito entre a satisfação pulsional e o encontro com a realidade, como o momento privilegiado do final do complexo de Édipo em Freud. E sob a tese das diferenças estruturais entre neurose e psicose, desde o período profícuo para o tema nos anos de 1920, encontro a reincidência dessa hipótese, que se centra na cisão do eu e na possibilidade de ceder ao instinto e negar a realidade, ou negar o instinto e adaptar-se à realidade, como a diferença que marca a neurose e psicose. Do conflito, uma possibilidade seria um tipo de negação do conflito que aponta para a dupla negação que o termo *Verleugnung* explica. A *perversão*, assim, poderia ser um estado temporário em ambos funcionamentos psíquicos, como resposta ao conflito do ego na introjeção do símbolo da castração, como diferença da satisfação instintual almejada, com a parcialidade com que é satisfeita no encontro com o objeto. “*É também isso que demonstra, para começar, que nenhuma pulsão é simplesmente o retorno de outro, elas são dissimétricas, e ainda que o essencial aqui é a função de um suplemente, de algo que, no nível do Outro, interroga o que falta no Outro como tal e se previne contra isso*” (LACAN, 1969b/2008, p. 246).

Eis a porta de entrada pela qual Lacan insiste numa teoria da inscrição no campo da linguagem e a função significante, que re-corta o *objeto a* causa da subjetividade. Trata-se de um dos pontos centrais desse momento da obra freudiana incide sobre o tema da inscrição do símbolo, tal qual Freud discute em “*A negativa*” (1925) – momento fecundo para o *estudo das perversões* em relação à essa pregnância perceptiva e resposta rígida pelo *fetice*. É da correlação entre o produzido por Freud na década de 1920 e as influências estruturalistas que Lacan retoma a perspectiva estrutural da perversão.

No texto tomado como paradigmático para a delimitação de uma estrutura perversa, o fetichismo é apresentado como uma manobra para evadir a angústia de castração (FREUD, 1927), que determina uma vicissitude da escolha de objeto. O operador dessa escolha, uma das formas de lidar com a angústia de castração, é batizado de *Verleugnung* – recusa. Operação que induz uma cisão do eu. (RUDGE, 2005, p. 38)

Há pressupostos epistemológicos e metapsicológicos distintivos a depender do momento de referência na obra freudiana para a *perversão*, e numa consequência semelhante ao que discuto nessa tese em relação à obra de Lacan, as afirmações tendem a ser bastante divergentes, tanto no interior da própria obra de Freud quanto nas afirmações dadas pelos comentadores, inclusive pelo Lacan.

[...] convém assinalar que todos os freudianos qualquer que seja sua tendência, comentaram os textos originais de Freud sobre o assunto e publicaram numerosos casos de fetichismo. Diversas sessões da sociedade Psicológica das Quartas-feiras lhe foram consagradas, e os primeiros discípulos de Freud ficaram visivelmente fascinados com o que aprenderam: fetichismo do pé, da roupa, do cheiro, da visão etc. Depois, desde *Richard von Kraft-Ebing* até *Masud Khan*, passando por *Michael Balint*, *Edward Glover* e muitos outros, cada corrente desenvolveu sua própria teoria, fosse no contexto de uma concepção kleiniana do objeto (bom ou mau), fosse na óptica winnicottiana do objeto transicional, fosse ainda na perspectiva lacaniana de uma doutrina estendida à estrutura da perversão, e segundo a qual o fetiche, como objeto (pequeno) a, transforma-se na condição absoluta do desejo, no lugar de um gozo. (ROUDINESCO & PLON, 1998, pp. 235-36)

Teoricamente, tal qual ocorreu com a teoria do narcisismo, Freud se orienta a tratar a *perversão* pelas operações fundamentais de sua metapsicologia, e assim, permite extrair uma proposição do aparelho psíquico humano que extrapola os índices fenomenológicos de um funcionamento particular, através da eleição do operador estrutural denominado *fetich*, pela representante da representação emoldurar-se em torno de um traço perceptivo, tal qual Freud começou a descrever em 1905, e que diante da castração e a ação motora que deriva da angústia da castração permitiram ao encontro do traço perceptivo que afirma e nega a castração de modo privilegiado a tal ponto que a angústia encontra-se resolvida no encontro o objeto representante desse traço.

A menção ao narcisismo me permite uma certa amarração com uma referência de Freud (1914) sobre o empuxo do aparelho psíquico em retornar ao ponto de satisfação mítica das primeiras relações de satisfação libidinal, que o *ideal-de-eu* visa a responder em equivalência ao eu-ideal. O curioso é que Freud denomina a *perversão* quando o *ideal-de-eu* não é introjetado na passagem do narcisismo primário para o secundário.

O ideal-de-eu conseguiu levar a satisfação libidinal até os objetos sob condições difíceis, pois seu censor exclui parcelas dessa satisfação por considera-las intoleráveis. Contudo, nos casos em que um ideal assim não se constituiu, a referida

aspiração da vertente sexual se incorporará integralmente à personalidade do sujeito na forma de uma perversão. Ser novamente o seu próprio ideal, também no que diz respeito às aspirações sexuais, tal como ocorreu na infância, está e a felicidade que as pessoas querem alcançar. (FREUD, 1914/2004, pp. 117-18)

No que tange ao discurso propriamente lacaniano, desde as influências do estruturalismo, o esforço dos comentadores de orientação francesa está pautado na distinção entre a *noção estrutural* e o *fenômeno clínico* derivado dessa estrutura, segundo as referências do complexo de Édipo, nos destinos da escolha de objeto e as inversões da identificação aos genitores, culminando numa realização do conceito do fantasma na perversão, que o neurótico formula em seu mito particular e suporte para o desejo.

As definições realizadas pelos comentadores do ensino de Lacan, sobre a *estrutura da perversão*, pouco divergem das produzidas pelos pós-freudianos. Desses, as hipóteses para a perversão recaem sobre um funcionamento no qual as defesas operam por uma dupla negação, ao ponto de se inferir que não operam. Sobre os lacanianos, a tendência é de que a estrutura perversa opera um funcionamento, a partir da lei da metáfora paterna e da função simbólica, de tal modo que a transgressão ou o desafio da lei e da autoridade seriam as grandes marcas. Há uma retórica apoiada em absorções realizadas por Lacan dos campos da linguística e da antropologia, essencialmente, para estabelecer essa leitura fundamental.

A perversão era, para alguns, o estado primário, o estado bruto. Graças a Deus, já não estamos nesse ponto. Se, nos primórdios, essa concepção foi legítima, pelo menos a título de uma aproximação da questão, certamente ela o é menos em nossos dias. A perversão era considerada essencialmente uma patologia cuja etiologia devia ser especificamente referida ao campo pré-ediapiano, e que extraía seu condicionamento de uma fixação anormal. Foi por essa razão, alias, que a perversão foi considerada apenas como a neurose invertida, ou, mais exatamente, como a neurose mantida patente, não tendo sido invertida. O que se invertera na neurose era visto as claras na perversão. Posto que a perversão não teria sido recalcada nem passado pelo Édipo, o inconsciente ficava exposto a céu aberto. Essa é uma concepção na qual ninguém mais se detém, o que não quer dizer, no entanto, que estejamos mais avançados nisso. (LACAN, 1958b/1999, p. 168)

Contudo, o problema teórico sobre o qual Lacan se debruçou e criticou em sua obra aponta para a evidência topológica da perversão em relação à neurose, advinda da afirmação freudiana de que a perversão é o negativo da neurose, e revela as dificuldades de situar a noção estrutural e distintiva entre elas, apenas, pelo *conceito do fantasma*⁹⁸, como se verifica no

⁹⁸ A distinção conceitual envolvida em torno dos termos fantasma e fantasia ultrapassam uma questão linguística de tradução para os significantes utilizados por Lacan em seu ensino, *fantasme* e *fantôme*. Trata-se de uma questão teórica, e de definição conceitual que renderia uma série de desdobramentos para os problemas de tradução da obra de Lacan no Brasil, tal qual já se pode averiguar com a versão do seminário utilizado nessa tese “*A lógica do fantasma*” (1966-67). Em contrapartida, obra “*Escritos*” (1966/1998), em relação a esses termos, a nota oficial da

seminário “*A lógica do fantasma*” (1966-67) e, principalmente, no seminário “*de um Outro ao outro*” (1968-69), como distinto da *fantasia*, pelo fundamento lógico que circunscreve a inscrição do significante na subjetividade, e a possibilidade de se emoldurar um operador na estrutura para o que Lacan denominou de $\$ \diamond a$. Questão análoga e derivada dos estudos da perversão incide sobre a pulsão em sua articulação com o operador da demanda, $\$ \diamond D$, inscrito e escrito no grafo do desejo.

Trata-se do problema de referência dada aos conceitos para situar essa modalidade de razão diagnóstica em psicanálise, em relação à teoria das defesas ou de negatividades, que desde o ensino de Freud se atrelou o texto neurótico a um desejo perverso, e a perversão ao ato da fantasia neurótica. “*A estrutura do desejo na neurose é de natureza totalmente diferente da estrutura do desejo na perversão, mas, assim mesmo, podemos dizer que essas duas estruturas se opõem*” (LACAN, 1959e/2016, p. 488).

Para Lacan, a questão topológica auxilia a situar o campo dessas formulações teóricas, sob o intuito de esclarecer as diferenças entre esses funcionamentos. Antes de se tratar de uma distinção de categorias estruturais, o ponto nodal encontra seu apoio nos destinos dados ao *objeto a* em relação ao suporte dos três registros à dimensão assemântica do significante.

A partir das considerações freudianas de 1905, mas incluindo as proposições pós 1920, com textos fundamentais sobre a teoria das defesas e o *splitting* do *eu* com a *Verleugnung*, Lacan afirma no seminário “*de um Outro a outro*” (1968-69) que sobre “*A neurose, portanto, talvez meio apressadamente, foi apresentada como uma função escalonada em relação à perversão, como no mínimo, recalcando-a em parte, sendo uma defesa contra a perversão*” (LACAN, 1969b/2008, p. 242).

Dessa forma, considerando a *Bejahung* como operação fundamental para a perversão aponta para uma teoria da inscrição da linguagem no campo da linguagem que inclui a dimensão significante em seu caráter assemântico, e tal qual Freud indicou em 1925, a afirmação do *símbolo da castração*, como correspondente à função de emitir juízos. “*A função de emitir juízos se refere basicamente a duas questões: decidir se uma coisa [Ding] possui ou não uma certa característica e confirmar ou refutar se a representação [Vorstellung] psíquica dessa coisa tem existência real*” (FREUD, 1925a/2007, p. 148).

tradutora Vera Ribeiro esclarece que a tradução ocorreu da seguinte forma: *Fantasme* por fantasia; *fantôme* por fantasma e *fantaisie* por devaneio. Assim, as consequências conceituais desse problema de tradução poderiam levar o leitor a se confundir com os termos utilizados nessa seção, e que, assim, adianto a me posicionar que sigo as traduções vigentes e indicadas nas referências bibliográficas dessa tese.

A operação primordial da *Bejahung* inscreve a subjetividade numa relação com o significante que implica a dimensão assemântica de sua própria estrutura, e, portanto, marca a primeira incidência do nada de sentido que demanda outro significante para a significação de si no campo do Outro, tal qual a articulação entre teoria do complexo de Édipo e teoria da alienação aponta. Diante do campo do Outro, pela operação da *Bejahung*, há o encontro com o significante que produz uma identificação ao traço e situa o sujeito numa *marcapagada* ao S_1 , e simultaneamente, decanta o resto que enlaça um S_2 na intenção de fechar o sentido. Aproximando a operação da *Bejahung* com o *marcapaga* proposto nessa tese, bem como com a redução das letras do significante S_1 e S_2 , tal qual nas teorias mencionadas, encontramos a possibilidade de situar não só a castração implicada à inscrição na linguagem, como a possibilidade de supor o retorno da operação de negação no enlace entre S_1 e S_2 , sobre o qual opera a *Verleugnung* na *estrutura da perversão*. “*Também no perverso, é claro, trata-se de uma hiância. Do mesmo, só pode tratar-se do sujeito representando seu ser no corte, já que esta é a relação subjetiva fundamental. A única questão, portanto, é saber como, no perverso, esse corte é vivido, é suportado*” (LACAN, 1959e/2016, p. 491).

O encontro com o campo do Outro e a inclusão da dimensão assemântica, ou *Real*, do significante fica evidente numa separação entre S_1 e S_2 , no tempo da cadeia significante e a possibilidade de situar espacialmente as bordas que os delimitam, como na teoria do estágio do espelho entre o lugar advindo do Outro e o *resto* não especularizável sobre o qual se decanta um resto de si. É o ponto do grafo do desejo situado com $S(\text{A})$. A *Bejahung* não inscreve diretamente o símbolo da castração, por si só como operação fundamental, mas aponta para a queda do objeto no encontro com o significante, como um circuito que opera no campo do Outro, como abertura para o deslizamento metonímico em que a permite a inscrição desse *Real* como *falta*, pela via da *Verneinung*, apontando paradoxalmente ao *falo Simbólico* pela via da *metáfora paterna* e da *significação fálica* interpretado como interdição do S_1 pelo S_2 - *nome-do-Pai*, como vimos na *estrutura da neurose*.

É partir desse resto, denominado *objeto a*, que os destinos estruturais devem ser articulados pelos retornos de tal objeto, como um “*reencontrar um objeto*” (LACAN, 1956a/2002, p. 101) pela negação de sua externalidade da própria estrutura significante. O que *Bejahung* permite diante dessa dupla articulação significante e resto é a questão, *o que sou para o Outro?*, como um enigma diante da totalidade do campo significante e do resto que irá ser tratado de acordo com o retorno nos registros *RSI*: *falo Imaginário* ou *falo Simbólico*.

Trata-se da atribuição, não do valor de símbolo, *Bejahung*, mas do valor de existência. Desse nível, que Freud situa em seu vocabulário como o de juízo de existência, ele dá, com uma oportunidade mil vezes à frente do que se dizia em seu tempo, a seguinte característica: que se trata sempre de reencontrar um objeto. (LACAN, 1956a/2002, p. 101)

A inscrição no campo da linguagem e o corte que o significante opera, na estrutura, desde a *Bejahung* e a *Verleugnung*, apontam para a possibilidade do desejo, como interpretação da estrutura de laço com o outro, tal qual a estrutura de parentesco, e simultaneamente aponta para operadores lógicos da significação de si em relação ao Outro, na busca de um “*O que o outro quer de mim?*”, pelos termos falo *Imaginário* e *Simbólico*, quando o significante implica o furo, e aponta para o *objeto a* na estrutura, e a fórmula da fantasia que sustenta o desejo.

O desejo perverso se suporta do ideal de um objeto inanimado. Mas ele não pode se contentar com a realização desse ideal. Desde que o realiza, no momento mesmo em que o encontra, perde o seu objeto. Sua satisfação é assim, pela sua estrutura mesma, condenada a se realizar estreitamente pela extinção do desejo ou bem pelo desaparecimento do objeto (LACAN, 1954h/1986, p. 253)

Por outro lado, a possibilidade de negação da *Bejahung*, pela via da *Verleugnung*, opera um recobrimento *Imaginário* desse vazio constitutivo de sentido do significante, produzindo uma dupla operação de negar pelo enrijecimento e sobreposição da resposta fálica na dimensão imaginária do que viria a ser inscrito como *nome-do-pai*. S_1 e S_2 estão demarcados por suas diferenças advindas da *Bejahung*, mas negados por um recurso *Imaginário* que aponta para uma operação de significação do vazio constitutivo do significante análogo ao efeito *holofrásico*, tal qual uma cola entre significante e significado do signo linguístico, que recobre o objeto de modo a: diante da *pergunta*, há uma resposta amarrado pela ilusão de totalidade que o *Imaginário* produz.

Quais as delimitações para essa sutura que a distingue da narrativa da fantasia sob o apoio paradoxal de uma posição imaginária do objeto na sentença simbólica que o sujeito ocupa na *neurose* em relação à operação *holofrásica* na *psicose*?

Se a constituição subjetiva poderia ocorrer a partir de determinado crivo teórico, essencialmente vinculado à *neurose*, a *psicose* passa a ser formalizada não como orientada por uma lógica estruturada, mas em relação ao que poderia ter sido, quando se orienta tal interpretação apenas pelos mecanismos de retorno em relação à castração, ou das negativas da castração, desconsiderando um momento anterior fundamental, relacionado à própria inscrição na linguagem pela via da *Verwerfung*. Retomando, a crítica de Soler (2007) sobre as constantes afirmações da desordem atrelada à *psicose*, e o consequente crivo de valor e de

moralidade atribuído à estrutura de modo bastante incisivo na clínica.

Essa interpretação da teoria da lógica da *Verwerfung* não é unânime na comunidade psicanalítica, e a grande tendência é se pautar pela lógica do ponto articulado entre *Bejahung* e *Verneinung*, e nessa esteira imputando à *estrutura da psicose* sua concepção de “falha” dessa articulação, como se costuma dizer por *não realização da incidência do símbolo* ou ainda pela *recusa da metáfora paterna*.

As confusões que rondam o tema das psicoses podem ser caracterizadas, em linhas gerais, através de dois grupos, que as agrupam de acordo com as referências que são utilizadas para sustentar uma teorização dos conceitos que definem a *estrutura da psicose*, e, dessa forma, a concepção de operadores estruturais que lhe sejam próprios. A interpretação para o texto de Lacan torna-se decisiva nesse momento.

Há dois critérios que permitem situar as diferenças entre dois grupos interpretativos e teóricos para a *estrutura da psicose*: (1) a referência do repertório conceitual utilizado segundo a *posição cronológica* na obra de Lacan, (2) os conceitos propriamente referidos e utilizados para explicitar o funcionamento da *estrutura*, definindo paradigmas clínicos, como *Schreber* ou *Joyce*, em relação à *presença* ou a *ausência* dos fenômenos elementares como elementos para o diagnóstico diferencial na clínica.

Ambos, podem ser descritos pela referência dada à obra de Lacan e como se concebe a *temporalidade das teorias e dos conceitos desenvolvidos nos seminários e textos lacanianos*. Ou seja, trata-se da posição de interpreta-la a partir de eixos cronológicos ou evolutivos dos conceitos, apontando para as posições, já discutidas anteriormente, sobre a *permanência conceitual*, e a *referência conceitual* propriamente dita para o conjunto das psicoses, que em certa medida deriva do modo como comentadores recortam a teoria lacaniana e a conjugam com a experiência clínica.

A consequência teórica dessa confabulação, que deriva do próprio ensino de Lacan, ocorre, em certa medida, em duas diferentes perspectivas conceituais, que se apoiam em diferentes modos de conceber a epistemologia no ensino de Lacan, pelos cortes que a proposição de temas pode imputar no passar dos tempos de 1950 a 1970:

Nas considerações sobre o registro *Simbólico*, como suporte para o significante, em sua *ineficiência de possibilidade representacional do aparelho psíquico*, como principal característica que se discute sobre a *estrutura da psicose*, demarca-se um paradigma no ensino de Lacan, como discute Tótolli & Marcos (2014), em que a noção estrutural passa ao teor de negatividade e desencadeamento que a teoria do *Nó-borromeano* visa a corrigir. O índice desta

discussão aponta para a problemática em torno do termo “*psicose ordinária*” de Jacques Allain-Miller (BATISTA & LAIA, 2012), quanto na proposta continuísta (COTTET, 2011; MALEVAL, 2018).

Segundo Miller, conferência que inaugura a proposta da *psicose ordinária*, a confusão da lógica estrutural, em seu estatuto vinculado ao modo da neurose se estruturar e funcionar, fica bastante evidente com o termo “*compensatory make-believe (um fazer-crer compensatório do Nome-do-Pai, um CMB)*” (BATISTA & LAIA, 2012, p. 410).

O que se tenta pinçar falando da psicose ordinária? Ou seja, quando a psicose não é evidente, não parece ser uma neurose, não tem a assinatura de uma neurose, nem a estabilidade, nem a constância, nem a repetição da neurose. Uma neurose é algo estável, uma formação estável. Quando vocês não constatarem – esta é também uma questão percebida pelo clínico – que há elementos bem definidos, bem recortados da neurose, a repetição, a repetição constante e regular do mesmo, e quando não há nítidos fenômenos de psicose extraordinária, tentam dizer que é uma psicose, embora ela não seja manifesta, mas ao contrário dissimulada. (BATISTA & LAIA, 2012, pp. 410-11)

Esse grupo, pela via da interpretação cronológica da obra de Lacan, tende a interpreta-la recortando-a em dois tempos, sendo o primeiro tempo da leitura do seminário “*As psicoses*” (1955-56) e “*De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose*” (1956) e o segundo tempo, o do seminário “*O Sinthome*” (1975-76), a partir do qual as interpretações teóricas tendem a situar o primeiro tempo para uma supremacia do registro *Simbólico* e do efeito clínico de uma *leitura fenomenológica das psicoses em relação ao desencadeamento de fenômenos elementares* e o segundo para uma leitura em relação aos *três registros RSI em sua formalização pelo Nó-Borromeu, através do termo sinthome*, como se, apenas após a década de 1970, Lacan estivesse orientado pela amarração do *RSI*, por exemplo, como constata Tótolli & Marcos (2014). A consequência dessa proposta imputa uma leitura para a psicose conforme a noção de dois paradigmas distintos entre si, desde o recorte temporal e os conceitos que expliquem a clínica, da e na obra de Lacan, cujo ponto nodal consiste na noção de desencadeamento da crise, em sua presença explícita ou ausência.

Neste artigo, trata-se de situar o conceito de psicose a partir de dois paradigmas: o paradigma Schreber, no Seminário 3 (Lacan, 1997) e no texto *De uma questão preliminar* (Lacan, 1998a) – no qual temos uma psicose francamente desencadeada; e o paradigma Joyce, no Seminário 23 (Lacan, 2005c) – no qual Lacan deduz uma estrutura psicótica, sem desencadeamento. A partir do paradigma Joyce, temos uma outra perspectiva da psicose, abordada sob o viés do sinthoma. (TÓTOLI & MARCO, 2014)

Por outro lado, há uma outra tendência de interpretação para a *estrutura da psicose*, que não funciona em seu paralelo de comparação com a *estrutura da neurose*, ainda que Lacan utilize repertórios conceituais que ora ou outra se mesclam, e as adjetivações de “falha” e “erro” possam emergir em seu ensino, como nas propostas de Julien (2002) sobre a perplexidade e convicção que o encadeamento *Imaginário* da significante adquire após o desencadeamento estrutural da psicose; em Aulagnier (1991); Leclaire (1991a; 1991b); Quinet (2006a; 2006b); Soler (2007); Faria (2010); Eidelsztein (2003/2016), Eidelsztein (2008/2017), que como articulado nessa tese, aponta para o *ponto de forclusão* que convoca o próprio furo do significante que causa o abalo na estrutura, como típica do funcionamento da *estrutura da psicose*, como oriunda de um ato de inscrição no campo da linguagem que tem consequências designadas pela *Verwerfung*. A *estrutura da psicose* encontra seu apoio na noção estrutural como distintiva do fenômeno típico que a produz.

Uma psicose se desencadeia a partir da coincidência de dois furos num só: de um lado, a elisão no imaginário, em consequência da novidade de uma escolha a fazer, e, do outro, a elisão no simbólico pela ausência de apelo ao Nome-do-Pai. Desse furo único vai engendrar-se um desencadeamento da fala conforme estes tempos sucessivos: o da perplexidade, o da convicção. (JULIEN, 2002, pp. 54-5)

O segundo grupo concebe a teoria lacaniana pelo movimento epistemológico de reflexões e inflexões teóricas e conceituais que não estejam marcados pelos cortes secos e radicais, como Julien (2002, p. 8) metaforiza no “*de A a Z*” ou Porge (2006, p. 61) interpreta na ordem da releitura sob novos conceitos, as distintas estruturas clínicas. Assim, as proposições realizadas nas diferentes décadas respondem a problemas distintos, e passam a ser tratadas como perspectivas sobre a mesma questão, a depender do enfoque do registro dado por Lacan na amarração do *RSI*, quando a subjetividade é marcada pelos efeitos da linguagem, do *significante* e do *resto* que passa a operar com a inscrição no campo do Outro. Não se trata de uma hierarquia de qualquer um dos registros *RSI* nos movimentos da obra do autor, e nessa esteira, a *estrutura da psicose* não fica reduzida ao fenômeno elementar, mas que no final da obra de Lacan que a psicose encontra um fundamento estrutural por um tipo de amarração específica dos três registros, abarcando as considerações conceituais realizadas nas décadas anteriores.

A *estrutura da psicose* é definida pela articulação significante em relação ao suporte *Imaginário* de encadeamento na cadeia, em que o campo do Outro – como lugar de fala para o sujeito – adquire um estatuto de suporte em sua dimensão essencialmente imaginária para o vazio intrínseco que comporta o próprio campo, cujo retorno desse resto retorno como índice

no próprio *Real*, do significante índice do *Simbólico*, recortado nessa tese, como *ponto de forclusão na estrutura*. A psicose adquire sua qualificação de conjunto estrutural à medida de tratamento significante essencialmente *Imaginário* para o *objeto a*, como causa da estrutura, que emerge no ato de fala como blocos de significação sob a lógica do todo, característico da *holófrase*.

De modo sintético, e na intenção de apontar um desdobramento em pesquisas futuras sobre as consequências dessa proposta de leitura estrutural para a psicose, afirmo brevemente a possibilidade de proposição de cinco tipos clínicos no campo das psicoses, a depender da referência dada no *ponto de forclusão* e o efeito de reconhecimento e, logo, recobrimento *Imaginário* na concatenação significante, apontando para a dimensão de apoio para o *eu*, como borda para o *Real*. Os tipos clínicos poderiam ser esquematizados a depender da *estrutura do eu* e das possibilidades do *ponto de forclusão* incidir sobre a dualidade significante, que aqui defino em torno de: (1) *positivação* imaginária do significante – evidente nos tipos da *paranoia* e *mania* (2) *negativação* imaginária do significante - nos tipos da *esquizofrenia* e *melancolia*, (3) devida a lógica do todo que a holófrase implica para a estrutura, estados de alternância entre a *positivação* e *negativação*, como no típico transtorno bipolar ou psicose maníaco-depressiva a depender da versão psiquiátrica do DSM, e (4) a negativação radical da estrutura nos quadros de autismo.

O empreendimento teórico-conceitual de Lacan em sistematizar o funcionamento da *estrutura da psicose* é marcado por dois momentos principais, separados por duas décadas, com os seminários “*As psicoses*” (1955-56) e com “*O sinthoma*” (1975-76). A despeito do esforço de conjugar a tal estrutura um repertório que lhe seja próprio, a partir de operações e operadores, Lacan recorre a termos como “*falha*” em relação à certas incidências significantes (LACAN, 1956d/2002, p. 202) ou “*erro*” ao final de seu ensino sobre os enodamentos dos três registros *RSI*, pelo *Nó-Borromeu* (LACAN, 2005/2007, p. 217).

O termo *falha* aparece no contexto das elaborações sobre a incidência dos significantes primordiais diante do drama de inscrição no campo da linguagem, tal qual Lacan elaborou a teoria da constituição do sujeito, nos anos de 1955-56. A relação da *estrutura da psicose* com o campo do grande Outro opera por uma lógica em que a operação de simbolização primordial se pauta por uma exclusão da possibilidade de tratamento *Simbólico* do objeto, numa analogia de falha, quando se é possível simbolizar o estatuto do objeto na estrutura pela via do significante em seu suporte *Simbólico* em relação a outro significante. Laca afirma que “*essa falha provém do fato de que, num ponto, o simbólico está faltado de material – pois lhe é preciso*

algum”. (LACAN, 1956d/2002, p. 202).

Todo o problema concernente à falha da inscrição simbólica no campo da linguagem, na *estrutura da psicose*, reforça a justificativa do esclarecimento dessa relação primordial de inscrição no campo da linguagem, que realizei na discussão, no item 1.2 “Da antropologia à função simbólica na estrutura” e na primeira seção desse, e sobre a qual retorno com o intuito de evidenciar as consequências para a literatura psicanalítica, e o viés interpretativo da obra de Lacan, a perspectivas dos operadores estruturais que dela se pode intuir.

O termo *erro* é comumente trazido para a discussão pela literatura psicanalítica, quando se propõe a analisar a *estrutura da psicose* em relação ao *Nó-borromeano*, como se pode averiguar em Tótolí & Marcos (2014). Os autores afirmam um crivo interpretativo sobre o texto lacaniano que resume uma das problemáticas levantadas na seção introdutória, sobre a permanência do conjunto conceitual. Na apresentação do artigo, que se sustenta de acordo com a proposta dos autores, eles anunciam seus pontos de partidas sobre como “*situar o conceito de psicose*” em relação à primeira clínica de Lacan (TÓTOLI & MARCOS, 2014, p. 258), que estaria vinculada ao desencadeamento do surto, e numa reviravolta conceitual com a introdução do *Nó-Borromeu*, que permitiria anunciar a psicose em seu aspecto de solução diante do erro do nó, como uma condição para o ser-falante, e sem a necessidade de recorrer ao surto para elaborar a *estrutura da psicose*.

No ensino de Lacan, podemos encontrar dois grandes paradigmas para abordar a clínica das psicoses: O presidente Schreber, no Seminário 3 (Lacan, 1997) e no texto De uma questão preliminar (Laca, 1998a) – o paradigma de uma psicose francamente desencadeada; e o escritor Joyce, no Seminário 23 (Lacan, 2005c) – onde Lacan deduz nele uma estrutura psicótica, sem desencadeamento. (TÓTOLI & MARCOS, 2014, p. 259)

A hipótese para que Lacan construa certas narrativas sobre tal estrutura possa ser levantada pela dificuldade que esse autor encontrava em transmitir, para seus ouvintes e permeados pelos preconceitos com tal funcionamento, a radicalidade das possibilidades de arranjos estruturais que a linguagem e a função significante permite em sua dimensão subjetiva, para além das normatizações que a psicologia e a psiquiatria tende a conceber sobre o homem.

As consequências teóricas sobre as *psicoses* são variadas, ao ponto de proliferar concepções como *psicose ordinária*, *paradigma Joyce* e *paradigma Schreber*, bem como a proposição de termos que abarquem fenômenos clínicos, por exemplo com *pré-psicose* que antecederia ao *desencadeamento*, *desligamento*, *desenganche*, *desestabilização* ou *desamarração*, a depender do dizer de um analisante para o analista, como análogo ao estado

fenomenológico, na experiência clínica. As diferentes nomenclaturas revelam a suposição teórica sobre esse conjunto clínico, a partir da convicção de que o ensino de Lacan esteja marcado pela ruptura e abandono da *lógica estrutural*.

Nas duas últimas décadas, a partir das conversações clínicas reunidas em *Os inclassificáveis da Clínica psicanalítica*⁹⁹ e *A psicose ordinária*, nós analistas formos incorporados ao nosso jargão, com uma frequência cada vez maior, o termo “desencadeamento” e outras tantas expressões afins como “engache” e “reenchage”. Paralelamente, ao clássico “desencadeamento” acrescentamos um parceiro, o moderno “neodesencademaento”. E, dez anos depois, em seguida a uma nova conversação clínica que foi compilada sob o título de *Desarraigados*¹⁰⁰, passamos a incluir outro substantivo a mais: desligamento (“desarraigo”), que amplia a paleta dos “des” desencademaneto, desengache, e desligamento, três cores com as quais pintamos agora nossos quadros clínicos de psicose. (ARENAS, 2018, p.14 – minhas notas de rodapé).

Arenas (2018) problematiza tais consequências terminológicas, quando a noção *estrutural* é refutada de modo radical, sob o argumento de que Lacan altera sua teoria a partir da *segunda clínica* ou *clínica borromeana*. É na esteira do argumento apontado por esse autor, que encontro a justificativa específica de retornar ao texto de Lacan e acompanhar as propostas realizadas sobre a *estrutura da psicose*. A distinção entre *clínica estrutural* e *clínica borromeana* é um apoio inconsistente em diferenciar as proposições lacanianas sobre a lógica de funcionamento da psicose, ao ponto de distingui-las exclusivamente por uma questão cronológica das apresentações conceituais dadas por Lacan sobre sua proposta psicanalítica.

É inegável que hajam inflexões conceituais com a inserção do *objeto a* na teoria estrutural, ou mesmo de uma ênfase dada sobre o registro *Real* nas conceitualizações a partir da década de 1970. Mas, isso justifica a tese de abandono de repertório conceitual de décadas anteriores na obra de Lacan?

Antes de mais nada, será necessário definir com maior detalhe a relação entre as duas clínicas lacanianas usualmente chamadas de estrutural e borromeana, além do que, certas abordagens sugerem que a segunda supera a primeira e a conserva ao menos em parte – um tipo de *Aufhebung* ilusória que nega a existência de contradições entre ambas. De fato, o costume de denominar a primeira clínica de estrutural continua sendo uma fonte de mal-entendidos, pois na verdade as duas clínicas o são. Já que para o último Lacan, o nó borromeano é a estrutura. (ARENAS, 2018, p. 15)

Há uma relação de *tensão* entre *teoria* e *clínica* no campo das psicoses, de modo privilegiado.

⁹⁹ Referência ao texto de Jacques-Alain Miller de 1998, publicado no Brasil como “Os casos inclassificáveis, da clínica psicanalítica: a conversação de Arcachon, pela Biblioteca Freudiana Brasileira, São Paulo.

¹⁰⁰ Referência ao texto publicado por Miller e comentadores, a partir de encontro intitulado *Desarraigados*, pela editora Paidós, Buenos Aires, em 2016.

A consequência particular de cada amarração, segundo tal modelo, é discutida na formalização pelos esquemas e *Nó-Borromeano*, através da distinção fenomenológica entre *delírio* e *surto delirante* ou *crise psicótica*, pelos *operadores estruturais*, e a própria estrutura de linguagem que os sustenta. Os *operadores estruturais* que servem de suporte para as concatenações significantes na psicose podem ser formalizados a partir do *esquema I* proposto por Lacan (LACAN, 1956d/1998, p. 578), no texto *De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose* (1956/1998), incluído da obra *Escritos* (1966/1998), e pela articulação ao *Nó-borromeano* de quatro consistências (*RSI + I*), escrito no seminário “O sinthoma” (1975-76), como possibilidade de um trânsito do esquema I ao *RSI + 1*, que seria esquematizado na topologia.

Essa proposta, portanto, permite desvincular a *estrutura da psicose* dos preceitos diagnósticos da medicina clássica, que atrela a *psicose* ao surto enquanto quadro patológico da organização mental do sujeito humano; como se fosse um estado patológico, temporário e passível de remissão¹⁰¹. Trata-se de imputar a *psicose*, numa leitura estrutural no campo da psicanálise, a legitimidade de um conjunto com funcionamento que é regido por leis próprias e com operadores específicos, a partir de do enquadre dos três registros *RSI*, tal qual Lacan anuncia desde a década de 1950. “*Eis onde nos levará este ano nossa tentativa de situar em relação aos três registros do simbólico, do imaginário e do real as diversas formas da psicose*” (LACAN, 1955a/2002, p. 23).

Trata-se de sustentar por tal viés argumentativo uma proposta para a teoria estrutural das psicoses que abarque a obra de Lacan, do seminário “*As psicoses*” (1955-56) ao seminário “*O Sinthoma*” (1975-76). Essa estratégia de método para abarcar os problemas discutidos na literatura psicanalítica¹⁰², sob o repertório teórico de Lacan, contempla, não somente a hipótese de permanência conceitual para o conjunto estrutural, mas também uma modalidade de *crítica* à solução dada por comentadores lacanianos com as hipóteses de uma *descontinuidade*-

¹⁰¹ O termo remissão parece mais adequado quando em comparação aos termos cura e tratamento, pois esses dois remetem a uma especificação necessária de ser esclarecida quando trazidos na perspectiva da psicanálise, ainda mais para o campo das psicoses. Por enquanto, posso afirmar que há uma cura e tratamento vinculados à tal estrutura, no entanto sem qualquer aceção de mudança DE, mas ambos vinculados à noção do surto delirante enquanto formação disfuncional ou mesmo de uma concatenação imaginária para o significante situar o sujeito no campo do Outro.

¹⁰² Sinalizar explicitamente que o termo está recortado no escopo psicanalítico de Lacan e seus comentadores reporta o leitor para a possibilidade de encontrar outras formas de teorizar sobre a estrutura e os operadores discutidos na seção. Os campos da psiquiatria, da psicologia, e outras abordagens psicanalíticas propõem diferentes hipóteses para o quadro, e que, no entanto, não serão apresentadas, em virtude da proposta de averiguar tal objeto de estudo no escopo delimitado a Lacan, tendo em vista as consequências radicalmente distintas encontradas nesse próprio campo, por exemplo, a discussão sobre *continuidade-descontinuidade* (COTTET, 2011) ou *clínica estrutural – clínica do sinthome* (TÓFOLI & MARCOS, 2014).

continuidade (MALEVAL, 2018) e *hipótese continuísta* nas psicoses (COTTET, 2011), ou ainda, na delimitação de dois paradigmas da psicose como *o paradigma Schreber* e *o paradigma Joyce* (TÓFOLI & MARCOS, 2015), que decorrem dos postulados de Miller, a partir da década de 1990, com o termo *psicose ordinária*.

Não dizemos que a psicose tem a mesma etiologia que a neurose, não dizemos nem mesmo que ela é como a neurose um puro e simples fato de linguagem, longe disso. Observamos simplesmente que ela é muito fecunda quando ao que pode exprimir no discurso. Temos uma prova disso na obra que nos lega o presidente Schreber, e que foi alçada até a nossa atenção pela atenção quase fascinada de Freud, o qual, baseando-se nesses depoimentos, e através de uma análise interna, mostrou-nos como esse mundo era estruturado. É assim que procedemos, a partir do discurso do sujeito, e é o que nos permitirá ficar mais próximo dos mecanismos constituintes da psicose (LACAN, 1955/2002, p 75)

Sobre a divisão subjetiva como efeito da montagem pelo corte significativo

O significante determina o sujeito, eu lhes digo, na medida em que necessariamente é isso que quer dizer a experiência psicanalítica. [...]. O significante determina o sujeito, o sujeito toma dele uma estrutura; é aquela que já tentei demonstrar-lhes no grafo. Este ano, a propósito da identificação, isto é, desse algo que focaliza sobre a própria estrutura do sujeito nossa experiência, tento fazê-los seguir mais intimamente essa ligação do significante com a estrutura subjetiva. (LACAN, 1962i/2011, p. 344)

3.3. *Ser, sujeito e Eu*: a montagem da estrutura pelo corte significativo.

Nesta seção, trato de articular a teoria da *constituição do sujeito*, pela via de uma operação de inscrição da subjetividade, e do efeito que advém do enlace do *ser* no campo da linguagem, com os termos *sujeito* e *eu* em psicanálise, bem como com o resto denominado de *objeto a*. É fundamental correlacionar esses três elementos da subjetividade, a saber, *ser*, *sujeito* e *eu*, com os registros *RSI*, pois é com esse recurso de suporte nos registros que situo as diferenças entre eles, ao mesmo tempo configurar modalidades distintas de arranjo, que nos apontará para a definição de *estruturas clínicas*. Logo, é a partir da teoria da constituição do sujeito que conseguimos articular o salto lógico da noção de *estrutura* para o termo *estruturas clínicas* em psicanálise, pelas operações fundamentais que ordenam o funcionamento de operadores de linguagem na estrutura, e as particularidades entre *ser*, *sujeito* e *eu*, pelo efeito que o significante realiza, como *corte* na estrutura.

A teoria da constituição do sujeito procura explicitar a complexa relação do homem com sua natureza, que por se tratar de uma lógica distinta da dos animais, encontra sua morada num campo articulado que ultrapassa as bordas da anatomia e funcionamento orgânico. O homem não se torna homem pela maturação orgânica, mas pelo uso que faz da linguagem. É dessa concepção que partimos para a afirmação que o homem é um ser de linguagem, implicando uma afirmação universal e ao mesmo tempo uma particularidade desse uso.

Portanto, a extensão da teoria da constituição do sujeito alcança, num eixo, a lógica de uma inscrição nesse campo da linguagem que permite algumas unidades na subjetividade, como *sujeito* e *eu* e o modo como uma lógica estrutura o funcionamento do significante, e num outro eixo, a posição do outro semelhante, que inicialmente, serve de suporte para o *infans* nessa inscrição, quando aquele se ocupa com os cuidados de um corpo que pulsa insatisfação.

A *montagem estrutural* se realiza por meio da identificação ao significante, ponto sobre o qual a inscrição no campo da linguagem determina a estrutura inconsciente, tal qual o inconsciente é estruturado como uma linguagem. Lacan, na epígrafe extraída do seminário “*A identificação*” (1961/62), fundamenta a *noção estrutural* pelos aspectos de determinação que o significante impõe à materialidade humana, para além dos efeitos orgânicos ou instintivos, como racionalidade para a teoria psicanalítica, tendo em vista a experiência da *práxis*, no tocante aos endereçamentos sob transferência de um analisante para um psicanalista.

As operações de identificação ao campo da linguagem que sustentam as teorias da constituição subjetiva, como um fundamento para a *noção estrutural* em psicanálise, como discutido pelos termos *Bejahung* e *Verwerfung*, explicitam as relações que permitem as

concatenações significantes e a produção de lugares sobre os quais se sedimentam unidades de referência na significação da existência, enquanto superfícies que os três registros permitem referenciar como, *ser*, *eu* e *sujeito*.

O leitor deve presumir uma expansão que realize, a partir das indicações que Lacan realiza na epígrafe, quando essa remete apenas para as incidências do significante em relação à concepção de sujeito e a lógica estrutural que o determina. Contudo, tendo por pressuposto a divisão do aparelho psíquico, não apenas em termos de consciente e inconsciente, mas incluindo os desdobramentos freudianos com a segunda tópica, é possível inferir que a inscrição significante na subjetividade impõe uma série de consequências para a singularidade engendrada pela causa que o fundamenta: o significante em seu suporte de concatenação com os três registros *RSI* permite um conjunto de operadores na estrutura, como discuti na seção anterior, a respeito dos efeitos de retorno das operações fundamentais. Trata-se da divisão subjetiva que o efeito de corte, na identificação, implica à estrutura, a marca do Um inaugural para o inconsciente estruturado como uma linguagem.

A noção de sujeito dividido com que opera a psicanálise (que é a noção de sujeito do inconsciente) implica uma divisão contínua. É exatamente a lógica levantada por Freud em “A negação” (a de-negação): afirmar mediante a negação e negar media a afirmação, ou seja, uma solução de índole contínua. Essa é a divisão do sujeito tal como está colocada no *grafo do desejo*. É a única que permite entender o inconsciente pulsátil do *Seminário 11*, sempre em abertura e fechamento, dado que lhe corresponda uma única borda. (EIDELSZTEIN, 2017, p. 44)

O grafo que Lacan indica na epígrafe, e Eidelsztein (2017) explicita, em primeiro momento, pode ser referido ao *grafo do desejo*, publicado no texto “*Subversão do Sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano*” (1960/1998), iniciado nas formulações do seminário “*As formações do inconsciente*” (1957-58). Nesse modelo matemático, que esquematiza possíveis relações entre os operadores da *estrutura neurose* nas incidências do *objeto a* como causa do desejo (EIDELZSTEIN, 2017, p. 23) permite situar as principais instâncias discutidas nessa seção, que, como Eidelsztein (1992; 2017) indica, há uma reviravolta significativa diante do *Real*, que situa diferentes lugares na estrutura subjetiva a depender das amarrações que os registros sustentam na cadeia significante, no primeiro patamar do grafo a prevalência *Imaginária* em sua articulação ao *Simbólico* nas denominações de *i(a)*, *m* e *I(A)*, como a tríade introduzida por Freud nas referências ao narcisismo em 1914, para *eu-ideal*, *eu* e *ideal de eu*, além da exterioridade com que a indicação de *S barrado*, como o efeito entre S_1 e S_2 que sujeito barrado ($\$$) delimita, se situa na gênese da grafo, como um correlato do objeto que o determina, a saber, o *objeto a*.

Essa inferência de correlação entre grafo do desejo e *estrutura da neurose* é delimitada por mim, tendo em vista os meandros de relações que estabeleço entre o efeito da *Bejahung* e o intervalo estrutural entre S_1 e S_2 , quando há uma inscrição no campo da linguagem sob tal fundamentação teórica, e implica, dessa forma, a dissimetria entre A e $S(A)$ no grafo do desejo. “*Observe-se a dissimetria entre um, que é um local (mais lugar do que espaço) e o outro, que é um momento (mais escanção do que duração)*” (LACAN, 1960/1998, p. 820). Diante dessa afirmação, resta a questão sobre o estatuto de relação entre *estrutura da psicose* e uma formalização tal qual o grafo do desejo indica. Sobre a *perversão*, isso remete a um outro problema, ao tom da concepção introduzida nessa tese a respeito da dimensão temporal e de enrijecimento que o *Imaginário* produz entre S_1 e S_2 , e, a possibilidade de formaliza-la em relação aos elementos constitutivos que o grafo estrutura. “*Para começar a ser ainda um pouco mais explícito, digamos que a dimensão espacial do objeto a é a que está em jogo no grafo do desejo. O grafo do desejo, como tal, é um dispositivo montado para trabalhar fundamentalmente na dimensão espacial do objeto a* ” (EIDELZSTEIN, 2017, p. 31).

Os desdobramentos que Lacan realiza na aula de 30 de maio de 1962 perpassam a figura topológica do *toro* (LACAN, 1962i/2011, p. 349), o enlaçamento de *dois toros* (LACAN, 1962i/2011, p. 352) como da relação entre sujeito e campo da linguagem (A), e uma série de quadrantes lógicos, provavelmente advindos da teoria dos conjuntos e da teoria do grupo de Klein, que Torres (2010, pp. 167-201) correlaciona com as dimensões do ato em psicanálise. O ato de inscrição no campo da linguagem e a dissimetria entre discurso e mensagem, que o grafo do desejo aponta em A e $s(A)$ (LACAN, 1960c/1998, p. 824) é formalizado pelo enlace que o significante determina nos dois toros, nas elaborações subsequentes ao apresentado na epígrafe dessa seção. Ou seja, “*a propósito da identificação, isto é, desse algo que focaliza sobre a própria estrutura do sujeito nossa experiência, tento fazê-los seguir mais intimamente essa ligação do significante com a estrutura subjetiva*” (LACAN, 1962i/2011, p. 344), que apresento no primeiro capítulo sobre o impacto das teorizações lógica e matemática para a concepção estrutural.

É exatamente porque nossa observação de que “não existe significante senão sendo-lhe suposta uma superfície”, se reverta nossa síntese, que vai buscar seu nó, o mais radical disso que o corte, de fato, comanda, engendra a superfície, que é que lhe dá, com sua variedades, sua razão constituinte, é bem assim que podemos apreender, homologar, essa primeira relação da demanda com a constituição do sujeito, na medida em que essas repetições, esses retornos na forma do toro, , apresenta-se como seu contorno. (LACAN, 1962j/2011, p. 348)

Em síntese, os diversos esquemas, grafos e formalizações que Lacan apresenta para seus ouvintes e leitores remetem à uma série de considerações a respeito da divisão subjetiva *ser*, *sujeito* e *eu*, como efeito da inscrição significante na estrutura subjetiva. Torna-se uma discussão fundamental, então, nessa tese, sobre tal divisão e o funcionamento em relação aos três registros *RSI*, a fim de coadunar com as hipóteses fundamentais da tese. “*Esse retorno à sua origem nos permite estruturar, exemplificar de forma maior um certo tipo de relações do sujeito com o sujeito que nos permite situar em sua posição a função D da demanda e aquela de a, do objeto a, o objeto do desejo, D, a escanção da demanda*”. (LACAN, 1962i/2011, p. 348)

O seminário “*A identificação*”. (1961-62) é um dos pontos fundamentais para as concatenações com que apresento tal seção para o leitor, em termos de fundamentação da divisão subjetiva nessa tripartição topológica que o significante engendra na estrutura subjetiva, em *ser*, *eu* e *sujeito*. Das condições de *assujeito* e *objeto a*, como momento inaugural para a subjetividade humana que as teorias da constituição do sujeito apontam, é necessário supor um ato de identificação ao campo da linguagem, para que se situem lugares sobre os quais as consistências da experiência ordenem o mítico de uma suposição sobre si, em enlace com o grande Outro, que produz uma articulação, para sempre disjuntada, entre *sujeito* e *eu*, e de um resto impossível de ser significado com um significante final sobre a condição de *ser*, que no seminário “*As formações do inconsciente*” (1957-58) já antecipavam do que está apontado nos seminários posteriores, que sinalizo para o leitor na apresentação desse capítulo, entre os seminários 16 e 22.

Trata-se da passagem das reviravoltas da necessidade para a demanda, de um em direção ao Outro, que a inscrição significante determina o lugar do eu no discurso do Outro e os efeitos de resto que as delimitações de e_u na estrutura, a depender da simbolização da demanda, que o sujeito passa a ser efeito do intervalo entre S_1 e S_2 . “*Quem sou eu?*” no campo do Outro? *Eu* disjuntado no S_1 , que me demanda S_2 , na significação de si, com o qual me resta um efeito de significação, como *sujeito*, que do *ser*, nada posso saber, senão como um resvala de consistências imaginárias que me denomino *eu*; tendo como ponto de partida a lógica da *estrutura da neurose*.

Sua demanda, assim, começará a se formular a partir do Outro. Ela se reflete primeiramente naquilo que há muito tempo passou para a estado ativo em seu discurso, ou seja, o [Eu]. Este profere a demanda para refleti-la no Outro e, através do circuito A-M, ela se consuma como mensagem. Este é o apelo, a intenção, este é o circuito secundário da necessidade. Não é indispensável dar-lhe muito a ênfase da razão, mas a do controle - controle pelo sistema do Outro. É claro que isso já implica toda sorte de fatores, os quais, unicamente neste momento, temos motivos para

qualificar de racionais. Digamos que, se é racional leva-los em conta, nem por isso está implícito em sua estrutura que eles sejam efetivamente racionais. (LACAN, 1957c/1999, p. 99)

Nessa passagem importante do seminário “*As formações do inconsciente*” (1957-58), que o pouco de sentido, na gênese da existência humana, pelo desamparo que a linguagem determina em sua condição inaugural, do passo de sentido que a inscrição subjetiva realiza com o corte significativo, no ato de identificação ao campo do Outro, Lacan esquematiza, ao que indica o primeiro tratamento do que vem a ser formalizado no grafo do desejo, indicado a seguir, como primeiro patamar, como campo significativo e os desdobramentos da impossibilidade de que haja um único significante que defina, no inconsciente, o *ser* de sua essência, a não ser pelo traço unário do ato constituinte da inscrição do sujeito no campo da linguagem. Há um avesso sobre a consistência de uma identidade para o sujeito: simultaneamente a possibilidade de se dizer “*eu*”, em termos linguísticos, só se torna possível com a significação de um sentido no campo significativo, que demarcará, um vazio estrutural na identidade, e o impossível de se significar por meio de apenas um único significante. O nome próprio explicita essa relação do sujeito com o significante.

Fig. 22. Grafo incluído na aula “*O pouco-sentido e o passo-de-sentido*”. (LACAN, 1957c/1999, p. 99)

O grafo acima aponta para as possíveis relações que o efeito de substituição significante, $S_1 - S_2$, quando há a identificação no campo de A, entre 1 e 2, a partir do qual se situa a primeira unidade de *eu*, pelo [eu], como consequência da identificação ao S, e a simbolização da demanda, produzindo uma mensagem, em M, pelo deslocamento com seta 3, um S_2 , que entre II e III, decanta-se um objeto como resposta ao “*O que sou para o Outro?*”; típico objeto privilegiado sobre o qual o sujeito se identifica como a unidade imaginária,

O passo fundamental nessa seção é explicitar a passagem da inscrição da subjetividade, e suposição da relação do *ser* no campo da linguagem, que permite duas posições distintas, mas articuladas, a saber, *sujeito* e *eu*. É pelo corte significante na estrutura que tal pode ser delimitada, ao tom dos esquemas que proponho para o efeito de corte que o significante introduz na estruturação da subjetividade, e a primazia de dois modelos radicalmente distintos de funcionamento articulado dessas instâncias na cadeia significante, pelos termos de *estrutura da neurose* e *estrutura da psicose*

Eu os levei, por minhas afirmações precedentes, a isso que se trata agora de construir em sua unidade, que o significante é corte, e o sujeito e sua estrutura, trata-se de fazê-lo depender disto. Isso é possível pelo que lhes peço admitir e seguir-me ao menos por um tempo, que o sujeito tem a estrutura da superfície, pelo menos topologicamente definida. Trata-se, pois, de apreender, e isso não é difícil, como o corte engendra a superfície. É isso que comecei a exemplificar a vocês, no dia em que, enviando-lhes, como tantos outros volantes em não sei qual jogo, minhas superfícies de Moebius, também lhes mostrei que essas superfícies se vocês as cortarem de uma determinada maneira, tornam-se outras superfícies. (LACAN, 1962j/2011, p. 347)

Lacan, na citação subsequente aos desenvolvimentos topológicos – pelo toro e articulação de dois toros - a respeito do sujeito como efeito da identificação ao corte que o significa opera na estrutura, como enlace da subjetividade no campo da linguagem, afirma que o corte engendra a superfície, e pelas implicações que tal afirmação determina, para a concepção estrutural, encontro o apoio a respeito, não só das consequências em relação ao espaço e ao tempo, mas, principalmente, nas possibilidades que diferentes cortes produzem. Diferentes cortes, a inferência dedutiva de que há a possibilidade de diferentes formas de enlace no campo da linguagem, a depender da operação fundamental que sustenta tal inscrição.

Por outro lado, também é possível salientar que o corte significante tem implícita relação com os três registros *RSI*, pela banda de *Moebius*, como desenvolvido no primeiro capítulo dessa tese, a respeito da divisão entre *sujeito* e eu, pelo direito e avesso de referência da superfície, como uma pulsação do inconsciente, na cadeia significante.

Dessa heteronomia do simbólico, nenhuma pré-história nos permite apagar o corte. Muito pelo contrário, tudo o que ela nos entrega só faz aprofundá-lo mais: instrumentos cuja forma serial volta-nos mais para o ritual de sua fabricação do que para os usos a que eles tenha sido adaptados; - amontoamentos que não mostram outra coisa senão o símbolo antecipatório da entrada do simbólico no mundo; - sepulturas que, para-além de qualquer motivação possamos imaginar para elas, são edifícios que a natureza não conhece. (LACAN, 1956d/1998, p. 471)

A subjetividade, no ponto que tange a individualidade do homem e a objetividade social, no liame dos agrupamentos de indivíduos em sua função na própria definição do caráter humano pela vivência em grupo, sempre foram tratados como campos distintos entre si, ainda que afirmassem uma certa relação. S. Freud propunha uma análise sobre essa interface com os textos “*Totem e Tabu*” de 1913, “*Psicologia das massas e análise do eu*” de 1921, “*Futuro de uma ilusão*” de 1927 e “*O Mal-estar na civilização*” de 1930.

Em Lacan, esse problema entre indivíduo e outro é marcado desde o trânsito da área psiquiátrica médica para a filosofia e a psicanálise na década de 1930, a partir das proposições na teoria de *Georg W. F. Hegel* (1770 – 1831), com “*A fenomenologia do espírito*” de 1807, relida por “*Alexandre Koyré*” (1892 – 1964) no curso que Lacan frequentou sobre “*Introduction à la lecture de Hegel*” entre 1934 a 1937 (ROUDINESCO, 1988, p. 153). Ou seja, esse fio entre indivíduo e social e a lógica da relação entre o sujeito e o outro já estavam presentes desde esse período, quiçá desde 1932, com a publicação da tese “*Da psicose paranoica em suas relações com a personalidade*”.

No entanto, pode-se afirmar, ainda que Lacan concluísse sua especialização em psiquiatria, a influência da teoria freudiana já se fazia presente, inclusive na argumentação para sua tese de doutorado. Dentre muitas nuances, Lacan promove um deslocamento explicativo sobre a causa para as formações dos fenômenos delirantes no campo das psicoses, isto é, das causalidades psíquicas. A crítica da causalidade psíquica com base na localização orgânica é transferida para o campo da historicidade do sujeito em sua formação enquanto indivíduo social. A linguagem aparece nas adjacências conceituais para sustentar a causalidade subjetiva, anunciando que o *delírio* na psicose tem estrutura de enunciado.

A tese de que o indivíduo humano, atravessado pela teoria do inconsciente, não é efeito exclusivamente das maturações orgânicas, tampouco marcado pelo caráter do inato, isto é, Lacan não é orientado pela gênese da subjetividade humana acontecer logo após o nascimento e das tessituras da genética. A hipótese lacaniana conflui em uma teoria sobre a causalidade psíquica que contempla a hipótese freudiana no aspecto mais radical da fundamentação na relação com o outro semelhante e da constituição pelo campo da linguagem.

Os fenômenos simbólicos, como os da linguagem, são fundamentais à vida do espírito e estão relacionados ao inconsciente – a extraordinária revelação de Freud. Por meio da linguagem a incansável insistência de fazer sentido ancora-se por um tempo, ainda que precariamente. Por meio dela, podemos dotar de significação o mundo e a natureza, ambos de existência enigmática, e absurda, pois não são criações humanas (LONGO, 2011, pp.7-8).

A linguagem em psicanálise é o campo que permite a materialidade subjetiva, pela via dos elementos fundamentais que a linguística propõe; a saber, signo linguístico e ato de fala, e a dissimetria entre código e mensagem. Apesar de ser um campo que antecede o sujeito, e que para tanto implica um ato de inscrição, atravessa todos os seres da espécie e talvez seja o particular que os agrupa enquanto conjunto; não pela via de uma aquisição genética, e sim pelo suporte que permite a subjetividade significar a própria existência.

Essa circulação de Lacan nos aponta para um empreendimento sobre a subjetividade em psicanálise, que ao mesmo tempo respondesse a um tipo de ontologia distinta da clássica em filosofia, cercando, portanto, uma noção de sujeito e as causas dessa noção, que considerasse o inconsciente, mas sem os predicados que a leitura pós-freudiana realizava no período.

O estruturalismo permite que Lacan resolva em certa medida esse conjunto problemático, pela via da teoria da constituição do sujeito, ordenando a lógica do *sujeito* pelo efeito do significante, a formação do *eu* pelos avatares do reconhecimento em uma imagem, e de um resto de operação que aponta para uma impossibilidade de se dizer em um único significante o significado do mais íntimo de seu *ser*. “*É num registro de relações totalmente diferente que o campo da experiência freudiana se estabelece. O desejo é uma relação de ser com falta. Essa falta é falta de ser, propriamente falando. Não é falta distou ou daquilo, porém falta de ser através do que o ser existe*”. (LACAN, 1955e/1985, p. 280).

Mas, apesar dessa força inegável da corrente estruturalista, em qual aspecto Lacan utiliza tais influências para sua noção estrutural sobre o inconsciente e a teoria freudiana sobre o sujeito humano?

Os primeiros indícios podem ser localizados a partir de uma citação do texto “*Ciência e Verdade*” de 1966, no qual ele articula uma série de crítica às ciências, em específico na tentativa de promulgar as referências, para a psicanálise pós-freudiana, e os critérios que ele julga fundamentais para o rigor sobre os conceitos relativos à prática clínica após os escritos inaugurados pela psicanálise.

[...] a chamada reformulação doutrinal da segunda tópica não introduz, sob os termos *Ich*, *Uberich* e *Es*, nenhum certificado de aparelhos, porém uma retomada da experiência segundo uma dialética que melhor se define como aqui que o

estruturalismo, mais tarde, permitiu elaborar logicamente: ou seja, o sujeito e o sujeito tomado numa divisão constitutiva. (LACAN, 1966f/1998, p. 870)

Por não se tratar de mero recurso epistemológico, ainda que isso tenha sido uma preocupação extenuante ao longo de toda obra de nosso autor de referência, o estruturalismo permite que a teoria freudiana seja relida por uma tela redimensionada, quando o recurso diferencial proposto por Saussure sobre língua e linguagem ou mesmo sincronia e diacronia, em sua ponto máximo com a definição de significante a partir do signo linguístico, e com Lévi-Strauss desde a dimensão das estruturas simbólicas e da ordenação inconsciente de uma linguagem que orienta as leituras sociais, para o horizonte de uma teoria sobre o sujeito em psicanálise.

A dimensão ontológica também pode ser localizada no texto “*O estádio do espelho*” de 1949, que aponto para a gênese desse trabalho, quando Lacan aponta para o devir do *sujeito* em suas sínteses dialéticas, enquanto [eu], na relação com o outro e, em especial ao campo da linguagem. Relembrando duas passagens:

(1) a matriz simbólica em que o [eu] se precipita numa forma primordial, antes de se objetivar na dialética da identificação com o outro e antes que a linguagem lhe restitua, no universal, sua função de sujeito. (LACAN, 1949/1998, p. 97)

(2) de se que só se unirá assintoticamente ao devir do sujeito, qualquer que seja o sucesso das sínteses dialéticas pelas quais ele tenha que resolver na condição de [eu], sua discordância de sua própria realidade. (LACAN, 1949/1998, pp. 97-98)

Aliás, é através da linguagem, que Lacan anuncia o estatuto fundante e estrutural sobre o sujeito, que passa a ser restituído de uma posição quando inscrito nessa campo elementar dos significantes, e ,portanto, passível de ganho de significação em sua definição existencial, dividido em um ser mítico e distinto das proposições existencialistas, um *eu* formado pela relação com o reconhecimento de si numa imagem externa espacialmente distinta do próprio corpo e por um suporte significante, no qual o efeito enuncia a suposição de um sujeito do inconsciente.

O impacto dessa nova modalidade de ciência e crítica às correntes tradicionais alcança uma série de conceitos, até então tradicionais, para a cultura ocidental. O recorte sobre o sujeito humano passa a ser questionado por uma nova forma de concepção sobre a essência humana, e muitas vezes renomeado por uma ontologia negativa, pois tal essência estaria reduzida a lugares lógicos esvaziados de conteúdo a priori. O campo da fala e da linguagem ganha seu estatuto privilegiado para o sujeito da psicanálise, reorientando as cisões típicas da ciência entre *ser*,

sujeito e objeto, por uma lógica que demanda esclarecimentos. Sem dúvidas, o estruturalismo e uma certa pitada de influência de Heidegger apontam, em Lacan, toda sorte de problemas sobre o sujeito humano, em sua divisão *sine qua non* desde Freud, a partir da lógica da constituição em sua articulação com o campo da fala e da linguagem, que só adquire validade quando no ato de fala e no atravessamento da enunciação realizada sob transferência. Assim, o significante passa ao estatuto de matéria prima da ontologia do sujeito.

Em “*O impossível sujeito – implicações do tratamento do inconsciente por Lacan*”, Bairrão (1996) explora as nuances sobre a teoria psicanalítica do sujeito em seu aspecto epistemológico, portanto, tocando em diversas passagens a questão estrutural e as influências decisivas do estruturalismo na teoria psicanalítica. Sobre a linguagem, enunciação e ontologia subjetiva, o autor afirma: “*Enuncie o quê?, é orientação que não vale a pena prosseguir, por a resposta necessariamente se submeter ao campo dos efeitos da palavra. Como é sabido, desde que algo enunciado se supõe alguém enunciando, a boa questão é ‘enuncie a quem?’*” (BAIRRÃO, 1996, p. 251).

No entanto, é necessário afirmar que é partir da linguagem teorizada pelo estruturalismo que a questão ontológica alcança seu estatuto na psicanálise, à medida de uma lacuna descrita como falta-a-ser, que permite o deslizamento significante a partir de operações específicas e leis de funcionamento que se organizam enquanto estrutura. Ou seja, a estrutura em psicanálise visa uma resposta sobre a questão ontológica inaugurada pelo estruturalismo, enquanto crítica da razão até então difundida pelo pensamento filosófico e pela ciência propriamente dita.

Por isso a reflexão lacaniana sequer enfoca o ser do sujeito, mas o ser sujeito. Se conforme amplamente se vem referindo, é afiançável que o desencadeamento da aventura intelectual psicanalítica lacaniana é precipitado pela inacessibilidade (para o humano) de experiência extra-discursiva objetiva, menos ainda se abriria uma exceção para o sujeito. Com o inconsciente, a psicanálise descobre na objetividade uma função discursiva, dependente em última instância da posição subjetiva, e não por outro motivo condena-se desta forma a ter a inconcretude que a caracteriza a fala”. (BAIRRÃO, 1996, p. 251)

Essa discussão ontológica deve ser trazida nesse momento do trabalho pela razão do empuxo para o qual se submeteria uma certa desmaterialização corporal da subjetividade em Lacan, e que já discuti no capítulo anterior, sobre a proposição das estruturas clínicas em psicanálise, como o ponto sobre o qual se realiza a passagem para aquilo que se atualiza sob transferência, entre um analisante e psicanalista, além, obviamente, dos descentramentos da pessoa do analisante para uma lógica do ato de fala (GERBASE, 2010). A lógica decorrente do

estruturalismo não implica diretamente apenas pressupostos rigorosos para o método psicanalítico, tampouco renomeia uma nova metafísica para o sujeito que fala.

Uma vez reconhecida a estrutura da linguagem no inconsciente, que tipo de sujeito podemos conceber-lhe?

Podemos tentar aqui, numa preocupação de método, partir da definição estritamente linguística do [Eu] como significante: onde ele não é nada além do *shifter* ou indicativo que, no sujeito do enunciado, designa sujeito enquanto ele fala naquele momento. (LACAN, 1960c/1998, p. 814).

A proposta oriunda desse recorte teórico propicia a concepção da estrutura desde o campo da linguagem, e é essa articulação que Lacan alcança o esclarecimento sobre a divisão subjetiva entre *eu* e *sujeito*, com inúmeros esquemas e de acordo com as proposições estruturalistas dos elementos mínimos numa operação sistêmica, como o esquema L, apresentado no “Seminário sobre ‘A carta roubada’” (1957a/1998, p. 58) e no “De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose” (1956e/1998, p. 555).

No esquema L, Lacan utiliza dois eixos, descritos pelos termos “*relação imaginária*” e “*inconsciente*”. Há quatro pontos que determinam quatro lugares, definidos por letras *a*, *a'*, *S barrado* e *A*. Os conceitos que são atribuídos a tais letras são, respectivamente, *eu* em sua dimensão de objeto *Imaginário* na subjetividade, *outro* na qualidade do semelhante, *sujeito dividido* tal qual se compreende na teoria psicanalítica e campo do *grande Outro*.

É interessante pontuar que as letras *a* e *A* são extraídas da palavra *autre* em francês. Na década de 1950, Lacan utiliza tais letras para marcar a posição do outro semelhante, *a*, e do grande Outro, *A*, em seu estatuto de campo de linguagem. Quer dizer, em certa medida, Lacan literalmente esquematiza a relação entre um *eu* e um *outro* que está sempre atravessada por uma lógica de posição do sujeito no campo do grande Outro, reconfigurando dois estatutos para o termo *outro* em psicanálise: o primeiro em sua dimensão essencialmente imaginária, numa espécie de vetorização horizontal tal qual Freud articulou sobre a identificação ao par (FREUD, 1921/1996), e o segundo numa dimensão essencialmente simbólica, da relação do sujeito com o campo de significantes para o qual responde, por se situar a partir dele. Essa discussão sobre o estatuto do campo da linguagem também aparece em Eidelsztein (2008/2017).

Fig. 23. Esquema L, com a inclusão as indicações de “*Relação imaginária*” – no eixo a' e a e “*Inconsciente*” na relação S e A . (LACAN, 1955/1998, p. 58; LACAN, 1958/1998, p. 555)

Esse esquema se apresenta como um modelo de apresentação sobre a dialética intersubjetiva, em que a torção *sujeito* e campo da linguagem alcance sua matematização esquematizada pelos elementos mínimos vetorizados em planos distintos do ato de fala pela dimensão quaternária, Lacan afirma que “*uma estrutura quadripartite, desde o inconsciente, é sempre exigível na construção de uma ordenação subjetiva. O que é satisfeito por nossos esquemas didáticos.*” (LACAN, 1963/1966, p. 785.

A introdução do esquema L [...] permite ilustrar no campo discursivo que sujeito e *eu* estão sempre associados. Ao que se refere à teoria do estágio do espelho, Lacan nos diz que a relação da diagonal $a - a'$ concentra a objetivação imaginária exposta no estágio do espelho, e exerce uma relação de sustentação com a diagonal $S - A$, ilustrativa do inconsciente ou do que podemos falar, registro simbólico. (BONI JUNIOR, 2010, pp. 167-8)

O eixo $a - a'$ é definido pela relação imaginária, a partir da qual é possível um efeito de identificação do ser com o outro semelhante (a'), em que se decanta a posição do *eu* (a). Do problema da relação sujeito e objeto, o *eu* alcança esse estatuto de objeto privilegiado que situa o sujeito numa relação imaginária, em cada ato de fala. O eixo *Imaginário* é consistente em sua dimensão de materialidade apresentada, no sentido da perspectiva ilusória que a objetividade carrega. É por tal eixo que é possível a noção de interação social, quando o código linguístico permite a comunicação entre os semelhantes. O efeito dessa consistência imaginária incide na lógica das unidades, das bordas, em que um *eu* se delimita em contraste a um *não-eu*, que pode alcançar o estatuto de outro, de alteridade.

Lacan utiliza a letra a , remetendo-nos diretamente ao seu famoso conceito de *objeto a*. Seria o *eu*, uma modalidade de tratamento do objeto, pelo sujeito, na perspectiva imaginária?

Aqui, no plano da relação imaginária, instaura-se uma relação exatamente inversa àquela que liga o *eu* à imagem do *outro*. O *eu* é, nós veremos, duplamente ilusório. Ilusório posta que submetido aos avatares da imagem, quer dizer, igualmente entregue à função do meio ou do falso semblante. Ele é ilusório igualmente porquanto ele

instaura uma ordem lógica pervertida da qual veremos - na teoria psicanalítica - a formula na medida em que ela ultrapassa imprudentemente essa fronteira lógica, que supõe que num momento dado qualquer e que se supõe primordial da estrutura, o que é rejeitado pode se chamar: *não-eu*. É precisamente o que contestamos! (LACAN, 1966a/2008, p. 20)

Nessa citação, extraída do seminário “*A lógica do fantasma*” (1966-67), Lacan trata o problema discutido no esquema L, por uma perspectiva da lógica, e questiona o tratamento do *objeto a*, pela via da dialética de negatividade como *não-eu*, a tudo aquilo que o estranho familiar em Freud passa a ser denominado como a exterioridade, e de certa forma, a sobreposição entre *Real* e externo, como radicalmente distintos por um corte seco que a identificação produziria na estrutura. Logo, em referência, à unidade *Imaginário* do *eu*, e pela crítica que deve ser trazida para a discussão nesse momento da seção, trata-se dos destinos dados na estrutura para o resto que se decanta do ato de identificação ao campo da linguagem e o suporte pelos três registros *RSI* no tratamento do *objeto a*.

No eixo *S barrado* – *A*, Lacan situa o inconsciente no campo *A*, ou campo do grande Outro. A diferença no traço, ora consistente, ora pontilhado, aponta para a complexa relação do inconsciente com o *Simbólico*. O tracejado indica uma temporalidade e espaço distintos daquela que o traço consistente denota. A ideia é demarcar que se trata de um efeito, de uma suposição, de um atravessamento articulado entre dois significantes, a partir do campo *A*.

Retomando a teoria da constituição do sujeito, em que, diante do desamparo inicial é necessário que um outro realize os cuidados de manutenção da vida do corpo pulsante, o eixo *a – a'* permite a esquematização dessa relação. O eixo *S – A* aponta para os efeitos do significante nessa primeira relação do ser com o outro, fincando na subjetividade marcas, traços e funções que determinam uma lógica inconsciente de funcionamento.

Esse esquema desenha a noção de *estrutura* em psicanálise, pois contém todos os elementos ordenados anteriormente.

Em síntese, o passo que Lacan realiza sobre a subjetividade em psicanálise, quando o *sujeito* e o *eu* são produtos de uma operação de inscrição no campo de significantes, demanda alguns apontamentos delimitados sobre as definições *ser*, *sujeito* e *eu*, como se pode extrair do esquema L, e redesenhado num grafo, como o proposto no seminário “*As formações do inconsciente*” (1957-58), e relido com o *Nó-borromeano*, a partir da década de 1970, como uma das passagens de escritura que a teoria estrutural pode sedimentar. Nesse momento, retomamos a hipótese de se supor uma inscrição primordial que orienta tal inscrição, a partir das operações de *Bejahung* e *Verwerfung*, o que permitiria a distinção de dois grandes conjuntos, pois diferentes operações determinariam diferentes arranjos desses elementos, portanto, diferentes

estruturas com amarrações distintas entre si dessas unidades da subjetividade. Dessa primeira inscrição, encontramos os lugares lógicos que permitirão, pelos efeitos secundários de operações decorrentes, a concatenação de recursos de linguagem que formarão os operadores de cada estrutura, tal qual se pode inferir pelo lugar, logicamente determinado, denominado por traço unário e suas consequências na posição do sujeito na estrutura e sua íntima relação com o ideal de eu, na *estrutura da neurose*.

Ao contrário, em nosso vocabulário próprio, simbolizamos por S barrado [$\$$] o sujeito, no que constituído como segundo em relação ao significante. para ilustrar isto, eu lhes lembrarei que a coisa pode ser representada da maneira mais simples pelo traço unário. O primeiro significante é o entalhe, com o qual se marca, por exemplo, que o sujeito matou um animal, mediante o que ele não se embrulhará em sua memória quando tiver matado mais dez. Ele não terá que se lembrar de qual é qual, e é a partir do traço unário que ele os contará. (LACAN, 1964b/2008, p. 140)

Fig. 24. Grafo incluído na aula de 6 de novembro de 1957, mas aqui modificado, pois há a inclusão dos termos sinalizados por delta, $\$$, e marcação da cadeia significante $S - S'$. (LACAN, 1957a/1999, p. 17)

Esse primeiro grafo é a gênese para toda a articulação proposta por Lacan no *grafo do desejo*, realizado ao longo do seminário “*As formações do inconsciente*” (1957-58) e “*Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano*” (1962/1998). Esse grafo articula duas retas, em que a primeira denominada entre $S - S'$, delimita o campo da linguagem, na perspectiva desse lugar que situa os elementos da estrutura, a saber, e dimensão de letra que os significantes S_1 e S_2 equalizam para as formulações de inscrição significativa com as identificação ulteriores permitem para a subjetividade, tal qual uma fórmula de matematização que o inconsciente estrutura na significação de si, pelo campo do Outro, e o suporte nos três registros *RSI*. A segunda reta, apresentada no formato curvilíneo, conota o efeito de significação, quando cruza em dois pontos o campo de significante, na qual se pode extrair a

afirmação de Lacan de que “*um significante representa o sujeito para outro significante*” (LACAN, 1960b/1998, p. 833).

Assim, quem se inscreve no campo da linguagem? Quem realiza essa identificação ao significante, que pelo corte na estrutura realiza a montagem dos lugares lógicos sobre os quais os operadores de linguagem permitem as referências na existência?

O ponto que marca o encontro entre as duas retas deve ser aproximado com o entalhe do significante na subjetividade, e passa a orientar toda a noção de *estrutura*, e a divisão entre *sujeito* e *eu*, quando do *ser* é impossível encontrar uma definição. “*Esse corte da cadeia significante é único para verificar a estrutura do sujeito como descontinuidade do real. Se a linguística nos promove o significante, ao ver nele o determinante do significado, a análise revela a verdade dessa relação, ao fazer dos frutos do sentido os determinantes do discurso*”. (LACAN, 1960c/1998, p. 815)

Diante dessa constatação, em que o corte significante produz uma tripartição na estrutura subjetiva, e assim, permite situar a dimensão exterior da posição subjetiva em relação à cadeia significante, tal qual o efeito que um significante representa o sujeito para outro significante, pelo intervalar que $S_1 - S_2$, produz na materialidade de linguagem. A descontinuidade que Lacan refere na citação acima, do texto “*Subversão do Sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano*” (1960c/1998), com as fundamentações matemáticas, também aponta para as relações linguísticas que a *barra* entre significante e significado, no signo saussuriano, impõe à perda de sentido que a demanda por outro significante implica à experiência da práxis em psicanálise, que a *torção* teórico-clínica, pela concepção de verdade, revela sobre a divisão do aparelho estrutural.

Assim, a divisão subjetiva advém da concatenação significante, à desmedida de que um significante, pela perda do S_1 quando o S_2 advém, produzindo um ganho de valor advindo da operação metafórica e fálica, que permite situar a divisão *eu* e *sujeito* como produto do referente *ser* – impossível de se significar, a depender do registro *Imaginário* ou *Simbólico* que serve de suporte para os operadores de linguagem.

O efeito que o corte significante produz na estrutura é a radicalidade das três dimensões *ser*, *sujeito* e *eu*, na lógica das instâncias que os destinos do objeto a pode causar nas distintas lógicas de funcionamento estrutural que proponho nessa tese, a saber a *estrutura da neurose* e a *estrutura da psicose*, sobre as quais formalizei a invenção de modelos que visam a transmitir as consequências de tal corte.

O primeiro modelo, indicado abaixo, aponta para as três modalidades que a identificação ao significante S_1 permite inferir na cadeia significativa. E não sem razão, recupero uma *noção de reta*, levemente curvada para as três definições situadas, a fim de coadunar com as voltas que elas realizam, no infinito de suas extensões, como se fossem enodadas simultaneamente, a despeito de consistências distintas entre e si, que o tracejado (*Sujeito: efeito da significação pelo intervalo $S_1 - S_2$*), o pontilhado (*Ser: dimensão de totalidade que se perde pela entrada significativa*), o pontilhado (*Ser: dimensão de totalidade que se perde pela entrada significativa*) e a reta (*Eu: consistência imaginária da posição subjetiva*) demonstram.

Modelo 3: Efeito do corte significativo na estrutura, pela distinção em ser, sujeito e eu.

O ponto de confluência das três retas está sinalizado sobre o significante, no modelo indicado como S_1 , sob o intuito de que a materialidade significativa permaneça como a causa da estruturação, ainda que os enodamentos nos três registros *RSI*, do *Nó-borromeano*, possam incluir as lógicas de gozo que o sentido e nonsense impliquem para a estrutura de linguagem, no ser falante, endereçando ao analista sob transferência. As três consistências das retas podem ser, a depender dos saltos lógicos que a epistemologia demandaria em tempos futuros, como indicadores das consistências que o *Real*, *Simbólico* e *Imaginário*, como elos distintos dos *Nó-borromeano*.

A partir dos registros *RSI*, em sua função de suporte, do encadeamento significativo, é possível circunscrever os três termos apresentados nessa seção, em que pelo efeito *Imaginário* da identificação significativa, o *eu* se emoldura numa relação de signo, em que a imagem situa

o sujeito numa posição, simbolicamente articulada ao impossível de um resto que não encontra definição em único significante, ou seja, a própria dimensão do *ser*.

Há com efeito, nesse Outro um algo que sempre põe o sujeito a certa distância de ser distância de seu *ser* e que faz com que ele nunca se reúna com esse *ser*, com que possa alcançá-lo nessa metonímia do ser no *sujeito* que é o desejo. E por quê? Porque, no nível em que o sujeito está embrenhado na fala e, consequentemente, numa relação com o Outro como lugar da fala, há um significante que sempre falta. Por quê? Porque é o significante especial delegado à relação do sujeito com o sujeito. Esse significante tem um nome, é o falo. (LACAN, 1958a/2016, p. 32)

Num desdobramento do modelo anterior, aproximo o efeito do corte significante, no enodamento com os três registros *RSI* no ato de identificação ao campo da linguagem, quando se opera pela *Bejahung*, como discuti na primeira seção desse capítulo, esclarecendo as relações de intervalo e retroação entre $S_1 - S_2$, como se pode averiguar com as setas indicadas na reta pontilhada entre os significantes mestres, e que podem ser correlacionada com os eixos metonímicos e metafóricos, que desenvolvi no primeiro capítulo dessa tese, pelo ganho de sentido que a substituição entre S_1 e S_2 imputa à estrutura subjetiva na significação fálica, e o ganho de valor que ultrapassa os sentidos atribuídos entre um e outro.

O efeito de nominação que o empuxo à significação fálica impõe ao campo significante impõe à *estrutura da neurose* o efeito de amarração, como montagem estrutural que, embora haja um circuito de sentido, também há o resto da operação, indicado como *objeto a*, no modelo, e que por suas incidências, na interseção das três retas, efeitos de concatenação no *Real*, pelo ser como o mítico que se perde e se reordena na aposta da fantasia, no *Simbólico* pela sujeito que retorna da concatenação significante, e no *Imaginário*, como *eu*.

Modelo 4: Efeito do corte significativo na estrutura, pela lógica da *Bejahung* - *RSI*.

Novamente, as retas, agora indicadas ainda de forma mais circular, estão assim esquematizadas, para aproximar a proposta de tese que a montagem estrutural, de fato pode ser atrelada aos três registros *RSI*, pelos índices de suas instâncias na estrutura, e ao *Nó-borromeano*, como um artifício de transmissão da psicanálise da lógica estrutural e a escrita pelos registros em *Real*, *Simbólico* e *Imaginário*, na dimensão estrutural, como advinda do corte significativo, pela *Bejahung* e seus efeitos de retorno pelas operações de negatividade com os operadores estruturais na articulação da cadeia significativa.

Por que será que, desde então, esse discurso sobre o significativo pode conservar alguma obscuridade? Será que é porque, durante certo tempo, eu o quis, por exemplo? E quem é o eu então? Ele é talvez interno a esse nó de linguagem que se produz quando a linguagem tem que dar conta de sua própria essência. Talvez seja obrigado que nessa conjuntura se produza obrigatoriamente alguma perda. É exatamente conjugando a essa questão da perda, da perda que se produz cada vez que a linguagem tenta, num discurso, dar conta de si mesma, que se situa o ponto onde quero partir, para marcar o sentido do que chamo de *relação do significativo com o sujeito*. (LACAN, 1964a/2006, p. 19).

O trecho extraído do seminário “*Problemas cruciais para a psicanálise*” (1964-65) recupera a referência para as problemas que o conceito de significativo implica para a teoria psicanalítica, e que, em grande parte, pelas obscuridades com que sua proposta, para o momento

estrutural, passa a criar para as confabulações sobre o momento de estruturação da subjetividade em relação ao campo da linguagem, e os efeitos da tríade *RSI*.

O ponto de partida é dado pela pergunta: *O que é o eu, então?* O curioso da afirmação de Lacan é a posição de *nó interno de linguagem*, quando, por não haver metalinguagem, e o deslizar da cadeia significante não esteja orientado aos significados que o código disponibiliza, a estrutura passa a ser uma máquina de significação sobre as dimensões que lhe atravessam, do significante e da satisfação, que a perda no ato de identificação determina como o para sempre irreduzível, elabora quase duas décadas antes, no texto do estádio do espelho.

Lacan procura transmitir os efeitos do momento fundante da unidade do *eu*, que é nomeada enquanto objeto, pois é uma unidade na qual o sujeito emoldura, enquanto lugar que o situa no campo do Outro, como qualquer outra incidência do *Real*. Como disse anteriormente, o *Imaginário* é o que permite dar consistência para aquilo que, na *estrutura da neurose*, o *Simbólico* aponta enquanto furo no *Real*; e na psicose o *Imaginário* é o registro que permite situar os blocos distintos do *Real* - como se fossem pedaços de chão para o sujeito por os pés: duas modalidades de inscrição no campo da linguagem, a primeira atrelada à lógica advinda da *Bejahung*, com a noção intervalar de $S_1 - S_2$, e a segunda lógica pela *Verwerfung*, com a holófrase pela junção $S_1 S_2$.

Se a unidade do eu se configura enquanto objeto essencialmente *Imaginário* na cadeia significante e por isso se torna possível a posição discursiva, *eu + verbo + objeto*, no ato de fala, como um efeito vislumbrado na *estrutura da neurose*, num entrejogo com o sujeito, como discute no capítulo anterior, cabe, então, retomar a perguntar: Como articular a *estrutura da psicose* e as três unidades de referência dessa seção, a saber, *ser*, *sujeito* e *eu*?

A partir das considerações das três teorias da constituição do sujeito, a *estrutura da psicose* revela de modo privilegiado o impacto da exclusão do índice do *Simbólico* na estrutura, ao tom das consequências sobre a *significação* e o *sentido*, que situam o *sujeito* e o *eu*, como distintos nas inferências teóricas que Lacan realiza.

A razão inconsciente, do campo ser *estruturado como uma linguagem*, e, assim, a disposição de significantes que se enlaçam segundo a articulação de operações e operadores fundamentais, há o problema na *estrutura da psicose*: *há sujeito ou não há sujeito? Há a divisão tal qual delimitada como efeito da Bejahung?*

A *estrutura da psicose* implica uma recusa radical do índice do *Simbólico* como referência para o funcionamento significante, produzindo numa modalidade distinta entre eu, sujeito e ser, ao passo que o estatuto do grande Outro rechaça a hiância, delimitando blocos de

funcionamento – S, S_2 , e assim, ordenando unidades de referência, sobre os quais o *eu* se situa, por uma dualidade subjacente aos recursos disponibilizados pelo *Imaginário*, como o elemento possível de superfície de borda diante do *Real*.

Se o *Real* tem por essência uma definição atrelada à dimensão daquilo que escapa à linguagem, enquanto evento que tem seu estatuto bifurcado nas qualidades de *contingente* e *impossível*, ou na dimensão de “*ser o que é*”, então é efeito desse funcionamento significativo que surgem todos os problemas oriundos das nomeações em relação ao objeto (com as implicações agregadas à dimensão da perda do objeto e a interpretação possível pelo significativo desta disjunção *sujeito* e *objeto*, enquanto traço fundante da materialidade humana por sermos falantes). A *Verwerfung* explicita a possibilidade de o significativo exprimir um tipo de identidade a seu referente de modo diretamente enquadrado em ser *ou* não ser índice mnêmico para o objeto, ao que poderia lançar a hipótese de uma lógica de totalidade e radicalmente oposta e desarticulada, como se dois agrupamentos distintos e desconexos funcionassem num modelo de operação *positivo* e outro *negativo*: ambos em totalidade. Note a seta indicativa da cadeia significativa, a metonímia em preponderância, e o imaginário produzindo uma possível amarração.

Retomo essa discussão no capítulo seguinte, “*Neurose, Perversão e Psicose*”, mas antecipo que o efeito de na cadeia discursiva permite a suposição do sujeito, o efeito *Imaginário* de identificação no campo do Outro à unidade que o situa no discurso, e o resto dessa operação como o ser impossível de ser significado.

O efeito de nominação que o empuxo à significação fálica impõe ao campo significativo impõe à *estrutura da neurose* o efeito de amarração, como montagem estrutural que, embora haja um circuito de sentido, também há o resto da operação, indicado como *objeto a*, no modelo, e que por suas incidências, na interseção das três retas, efeitos de concatenação no *Real*, pelo *ser*, como o mítico que se perde e se reordena na aposta da fantasia, no *Simbólico* pela *sujeito* que retorna da concatenação significativa, e no *Imaginário*, como *eu*.

Modelo 5: Efeito do corte significativo na estrutura, pela lógica da *Verwerfung* – RSI.

O modelo acima visa a materializar o efeito do corte significativo da estrutura, pela operação da *Verwerfung*, e sua relação com os três registros RSI, que na *estrutura da psicose* estão posicionados ao modo de um desenlace, que o *Imaginário* não permite na distinção entre *Real* e *Simbólico*, tal qual o modelo pretende transmitir com a seta tracejada do *Real* e do *Simbólico* na dimensão estrutural, quase sobrepostos a não ser quando a relação S_1S_2 , que o *Imaginário* situa no campo do Outro e permite enodar, pela via do que virá a ser denominado como “*sinthoma*”: “A configuração seguinte, à esquerda, esquematiza o imaginário, o simbólico e o real como separados uns dos outros. Vocês têm a possibilidade de liga-los. Como quê? Com o *sinthoma*, o quarto¹⁰³” (LACAN, J., 1975a/2007, p.21).

¹⁰³ Caro leitor, as indicações em relação às escritas de transmissão pelo *Nó-borromeano* serão realizadas nas considerações finais da tese, ao tom de uma discussão sobre a possibilidade de passagem dos esquemas ao *Nó-borromeano* e suas indicações sobre escrita e transmissão, que pontua a importância para a transmissão da teoria estrutural pelos enodamentos do RSI no *Nó-borromeano*, e que para a *estrutura da psicose* demanda uma formulação de amarração por *RSI+I*, que na *estrutura da neurose*, tal efeito é condição estrutural do funcionamento quando há inscrição dos índices do três registros na razão significante.

Fig. 25. Modelo modificado “*O sinthoma borromeano*”, incluído na aula de 17 de janeiro de 1976 no seminário “*O Sinthoma*” (LACAN, 1976c/2007, p. 91), no qual incluiu o *a* que indicam o *objeto a* e Σ , que determina o quarto, na menção de Lacan na citação na aula “*Do uso lógico do sinthoma ou Freud com Joyce*” LACAN, J. (1975a/2007, p.21).

Os três registros *RSI* enodados ao modo de um funcionamento na cadeia significante, sob o recurso do *eu*. Vale a pena apontar o efeito tracejado da cadeia significante e a posição do objeto *a*, como análogo ao modelo introduzido na primeira seção desse capítulo, que a errância pode imputar à lógica discursiva pela ausência do *ponto de estofo*, e sim, orientada pelo rompimento que o *ponto de foraclusão* pode desencadear.

Soler (2007) trata a lógica da psicose, com uma aproximação de testemunho que está aberto, que está diretamente relacionada ao inconsciente a céu aberto. Se o sujeito é um efeito da concatenação significante, e o inconsciente é o lugar a partir do qual o sujeito encontra o significante que o situa na cadeia, pelo traço distintivo advindo da identificação ao S_1 , e o *eu* é o empuxo *Imaginário* que dá consistência significativa ao lugar que situa o sujeito, logo, tem-se na *estrutura da psicose*, essencialmente, uma abertura do campo significante que apenas a função do *Imaginário* poderia criar uma borda para o sujeito se situar nos deslizamentos da cadeia significante, e assim, uma espécie de metáfora para “*inconsciente a céu aberto*”.

Se há uma sorte de efeitos no *Imaginário* na *estrutura da psicose*, em que se promove uma indistinção entre *Imaginário* e *Real*, o psicótico testemunha o radical do que é o significante, portanto, do campo da linguagem e do inconsciente, numa relação errante da referência subjetiva, e de uma consistência de certeza que o submete ao grande Outro como produto indistinto da incisão significante, que o *Imaginário* pode vir a suturar, nos efeitos de identificação e recobrimento *Imaginário* do *ponto de foraclusão*, situando eu, e não-eu, esse como o rechaço do objeto e seu retorno na estrutura: incluído, mas não sem bordas.

Logo, três estruturas, a priori, e três possibilidades de arranjos diante da constatação da castração ou simbolização primordial. Do enredo proposto por Freud sobre o *mito de Édipo*, Lacan extrai uma fundamentação teórica, pela via da inscrição do campo da linguagem e uso do símbolo como recurso fundamental para a fala, que subverte a *noção de sujeito*, e consequentemente a *teoria de sua constituição*. Trata-se do capítulo seguinte, ***Neurose, Perversão e Psicose***.

Tais classificações não são invenções de Freud, e já circulavam por diferentes discursos do campo da psiquiatria no século XX. Lacan recupera estes termos e os mecanismos encontrados em Freud e formaliza uma teoria para a constituição do sujeito, do modo a extrair as operações mínimas e necessárias em cada uma das formas de funcionamentos subjetivos; ou das estruturas descritas como *neurose, perversão e psicose*.

É dessa confusão por onde duas dissimetrias diferentes acontecem servir, para o sujeito, de suporte a que é a perspectiva essencial do sujeito em seu ser, a saber, o corte de a, o verdadeiro objeto do desejo onde se realiza o próprio sujeito, é nessa perspectiva equivocada, captada por um elemento estrutural que depende do efeito do próprio significante sobre o sujeito, que reside não apenas o segredo dos efeitos da neurose, a saber a relação dita do narcisismo, a relação inscrita na função do Eu [moi], não é o verdadeiro suporte da neurose, mas, para que o sujeito realize sua falsa analogia, o importante – ainda que já a aproximação, a descoberta desse nó interno seja capital para nos orientar nos efeitos neuróticos – é que é também a única referência que nos permite diferenciar a estrutura do neurótico das estruturas vizinhas, nomeadamente daquela que chamamos de perversa e daquela que chamamos de psicótica. (LACAN, 1962/10011, p. 357)

Neurose, perversão e psicose: o *objeto a* e suas incidências nas estruturas clínicas.

Insisto que se o *objeto a* tem a função que todo mundo sabe, é claro que ele não vem em nossa incidência do mesmo modo que em diferentes doentes. Quero dizer que é imprescindível que, no que se segue, eu lhes diga o que é um *objeto a* na psicose, na perversão, na neurose: e há toda possibilidade de que não seja parecido. (LACAN, 1965e/2006, p. 149)

CAPÍTULO 4: *Neurose, Perversão e Psicose*

Esse capítulo apresenta um mapeamento de considerações teóricas sobre as três principais categorias diagnósticas em psicanálise, definidas em sua divisão *neurose*, *perversão* e *psicose*, ao passo de compreender a lógica subjacente na composição de tais categorias em sua dimensão de *estrutura*, tal qual proponho no corpo dessa tese, a saber, como uma hipótese diagnóstica que se apreende numa relação transferencial, quando um analisante formula atos de fala sobre os quadros e fenômenos que produzem sofrimento.

Considerar as categorias clássicas como diferentes modelos estruturais de funcionamento, segundo o campo da linguagem, o funcionamento signifiante e as incidências do *objeto a*, como modalidades de gozo, é sustentar a possibilidade de se extrair e se ordenar os principais elementos característicos de cada conjunto, desde a lógica de operações e os operadores estruturais.

O objetivo desse capítulo é elucidar o funcionamento das diferentes categorias na perspectiva estrutural, segundo o modelo que apresento como fundamental para a teoria das *estruturas clínicas*, isto é, a conjugação de dois momentos privilegiados, em que o primeiro consiste na operação de inscrição no campo da linguagem pela *Bejahung* ou *Verwerfung*, definido como primeiro corte, e o segundo está representado pelo efeito de retorno como diferentes modos de amarração dos três registros *RSI*, pela via de operadores específicos à cada uma das três estruturas, derivados da operação primordial, produzindo uma consequência teórica para a *estrutura da perversão* que seja aludida sob a hipótese de um estado transitório, discutido em capítulos anteriores.

Trata-se de levantar e salientar a importância da racionalidade da lógica estrutural, na torção teórico-clínica que tal conjunto permite para o psicanalista levantar hipóteses sobre o funcionamento, a causa e a possibilidade de se produzir atos de fala sobre os fenômenos clínicos, numa transferência, sob o passo dos aspectos distintivos e específicos a cada um dos conjuntos definidos por *neurose*, *perversão* e *psicose*, a saber, o *sintoma*, o *fetice* e o *delírio*.

Por se tratar de considerações teóricas que visam a promover definições, é fundamental recortar os termos *neurose*, *perversão* e *psicose* segundo as definições que Lacan realiza em sua obra, acompanhando as primeiras articulações em relação ao campo da linguagem e do funcionamento signifiante, a partir de 1950, além de costurar as inflexões produzidas segundo os marcos teóricos desde a inserção do *objeto a* a partir de 1960, e da formalização dos três registros *RSI* no *Nó-borromeano* em 1970. Esses passos temporais realizados na obra de Lacan

permitem afirmar a hipótese da permanência conceitual para os conjuntos estruturais em sua proposta teórico-clínica.

Dessa maneira, as estruturas clínicas convocam um conjunto teórico sobre a *práxis* clínica em psicanálise, aos moldes de uma formalização das categorias teóricas envolvidas para uma aposta no tratamento do sofrimento humano, pela via da fala. A aposta em levantar a lógica de funcionamento para as estruturas clínicas, em sua divisão *estrutura da neurose*, *estrutura da perversão* e *estrutura da psicose*, é cingir considerações teóricas num horizonte de universalidade do funcionamento a ser particularizado no funcionamento do encadeamento significativo, em seus suportes de concatenação pelo *RSI*, em uma transferência.

Eis o ponto de apoio para recuperar a epígrafe colocada para esse capítulo, em que Lacan retoma no seminário “*Problemas cruciais para a psicanálise*” (1964-65) a fundamentação da incidência do *objeto a*, como causa para as precipitações dos quadros fenomenológicos que atravessam a clínica psicanalítica em sua dimensão estrutural. Ou seja, que a estrutura de linguagem e o funcionamento significativo produzem um resto inerente à estrutura pela operação lógica do corte: o *objeto a*, e que esse adquire diferentes contornos a depender da estrutura que se ordena, a partir das operações primordiais e de seu efeito de retorno. Por tal razão que Lacan afirma: “*objeto a na psicose, na perversão, na neurose: e há toda possibilidade de que não seja parecido*” (LACAN, 1965e/2006, p. 149), e

A fronteira entre os aspectos epistemológicos e a dimensão ontológica dessas categorias estruturais pode levar o leitor a compor certa resistência com a proposta de mapeamento desse capítulo, tendo em vista uma abstração dos argumentos que proponho nas seções a seguir. Sustentar a proposta estrutural consiste num eixo epistemológico que formaliza a racionalidade diagnóstica da experiência clínica de modo privilegiado não só pelos elementos que compõem o tratamento, mas também por uma série de considerações sobre a materialidade humana em sua dimensão de causa da subjetividade, e, portanto, em certa medida apontando para a ontologia, ainda que tal interpretação teórico-clínica só possa ser aventada sob as condições de um tratamento particularizado.

O preceito de não levantar postulados calcados em valorações morais ou qualitativas para os conjuntos das estruturas clínicas é um dos principais pilares que sustenta minha posição de *pesquisador-autor* para este trabalho. São lógicas de funcionamentos que não estão pautadas em eixos de comparação entre uma e outra, como numa espécie de continuidade ou descontinuidade entre elas, como discutem Cottet (2011) e Malleval (2018), e sobre os quais

ponto algumas críticas em relação ao modo como concebem as articulações diagnósticas na perspectiva diferencial entre *estrutura* e *fenômenos*.

Essa proposição de *estruturas clínicas em sua divisão neurose, perversão e psicose* é tão cara para a teoria psicanalítica, que a versão “*Obras incompletas de Sigmund Freud*”, traduzida diretamente do alemão inclui um volume intitulado “*Neurose, psicose, perversão*”, publicado em 2016, com textos desde o momento pré-psicanalítico de Freud, com os manuscritos da década de 1890, até o produzido na década de 1920. A proposta desse volume é agrupar os principais trabalhos de Freud que elucidem a nosografia clínica em sua divisão clássica, ainda que nem todos os textos estejam vinculados diretamente sob esse recorte, como adverte os editores do material no texto de apresentação do volume. A versão da Editora Imago da obra de Freud não traz um volume orientado por tais categorias.

No texto de apresentação de tal volume, Gilson Iannini e Pedro Heliodoro Tavares afirmam o complexo laço entre a teoria da subjetividade e a prática clínica discutida por Freud com os termos *neurose, psicose e perversão*, como um artefato que costura o mal estar no sofrimento humano como produto de um funcionamento do aparelho psíquico, e, apontando que a psicanálise é um campo semântico com rigor teórico próprio ao seu objeto de estudo, o inconsciente, e de uma proposta clínica cujo tratamento está no horizonte da própria teoria, aos moldes do que interpreto pelo termo *torção*.

As assim chamadas estruturas clínicas freudianas – neurose, psicose e perversão – não apenas constituem as principais entidades nosográficas psicanalíticas, mas também se articulam à reflexão metapsicológica e à teoria da clínica. Com efeito, uma das principais lições de Freud nesse âmbito é a de que não existe nosografia ateórica, como mera descrição de sintomas ou protocolos de observação supostamente neutros, assim como, evidentemente, não pode haver teoria sobre o psiquismo que não esteja vinculada à prática clínica. Ao contrário, toda descrição nosográfica supõe – explicita ou implicitamente – uma certa teoria do aparelho psíquico, um trabalho prático de escuta-observação, além de suposições acerca da causação e das diretrizes do tratamento (IANNINI & TAVARES, 2016, p. 8).

Há uma hipótese lateral ao repertório estrutural que se funda na apropriação de terminologias do campo psiquiátrico. Tal trânsito de conceitos pode carregar, do atravessamento dos termos em sua história nos campos das ciências, interpolações que carregam em suas determinações conceituais, consequências para a psicanálise, em que os termos psicose e perversão trazem à tona de modo privilegiado, como a equivalência produzida entre esses com *loucura e aberração sexual ou moral*, respectivamente.

Isso poderia me levar a cercar um projeto de pesquisa sobre a gênese e as inflexões a que eles foram submetidos na história das ciências, sob o intuito de uma arqueologia e as

consequências de suas incidências no campo da clínica. Não me proponho a recuperar os termos sob essa perspectiva, tendo em vista que as conclusões pertinentes a esse tipo de recorte teórico não coadunam com a pergunta de base dessa tese, tampouco com as relações da noção estrutural. A estratégia de método que adotei consiste em apresentar os argumentos próprio ao campo da psicanálise, sob a temática estrutural, e conduzir o leitor às suas conclusões quanto aos aspectos distintivos que proponho, entre fenômeno e estrutura, funcionamento e patologia, por exemplo. É partindo desse problema epistemológico que recupero passagens do texto freudiano, sobre as diagnósticas em questão no capítulo, a fim de compor as bases das bases sobre as quais Lacan tece seus comentários ao longo de sua obra.

A caracterização da dimensão patológica para a estrutura não é consequência exclusiva de campos teóricos distintos ao da psicanálise. Esse tipo de concepção derivada das práticas psiquiátricas atravessa a psicanálise, inclusive tocando importantes comentadores da obra de Lacan, como Leclaire (1991a), que ao dissertar sobre as *“palavras do psicótico”*, afirma que *“parece-nos que a organização psicótica, em sua diferença com as organizações normais ou neuróticas, caracteriza-se pela falha da clivagem garantida entre o espaço literal e o corpo. A letra não cessa de se rebater sobre o corpo e nada permite, então, distinguir espaço erógeno da ordem das palavras”* (LECLAIRE, 1991a, p. 138).

É fundamental considerar que os termos estruturais utilizados por Freud ou por Lacan, para tratar da dimensão clínica, não estejam pautados por uma originalidade na designação dos conjuntos, ainda que haja uma estratégia de método em sustentar tais conjuntos sob a égide do repertório próprio à psicanálise nessa tese, desde as bases de influência para Lacan essencialmente, como discuti no primeiro capítulo da tese, com a linguística, antropologia, lógica e matemática. Ou seja, os nomes são os mesmos, mas o arcabouço conceitual que os teorizam são originais e compõem exatamente a medida de uma teoria psicanalítica, e metapsicológica. É nessa análise conceitual que os termos estão tratados nas seções seguinte, sob o recorte específico de definir suas relações estruturais, desde operações e operadores específicos para cada um dos conjuntos.

Existem três eixos sobre a racionalidade diagnóstica, que precisam ser declarados nesse capítulo, e pautam os limites do raciocínio argumentativo utilizado para compor o capítulo:

(1) O eixo da transmissão teórico-clínica pertencentes aos termos *neurose*, *perversão* e *psicose* – sobre o qual é necessário supor uma série de elementos que componham suas características específicas do conjunto, aos moldes de uma síntese de referências que estejam conjugadas na comunicabilidade de tais conjuntos, e assim possam trazer referências teóricas

para a experiência da clínica, quando utilizar tais termos. Isso é, sistematizar o repertório teórico que o sustenta na transmissão da *práxis* psicanalítica. Se um psicanalista utilizar tais referências diagnósticas, na perspectiva estrutural, é de uma série de características de que se trata, tal qual cada seção desenvolve.

(2) O eixo da referência conceitual para os termos, que está orientado pela extensão da obra de Lacan, a fim de que *neurose*, *perversão* e *psicose* fiquem conjugados à hipótese de dois cortes fundamentais em sua lógica de estruturação, o primeiro relacionado à operação de inscrição no campo da linguagem e o segundo pautado pelos efeitos de amarração dos três registros *RSI*, com os operadores estruturais provenientes da operação fundamental; correlacionando o *RSI* e suas possíveis amarrações que servirá de suporte para o passo lógico de relacionar as estruturas clínicas ao *Nó-borromeano*. Nessa esteira, entendo desvincular exclusivamente tais termos às teorias da negação, ou da teoria do complexo de Édipo, mesmo que elas componham um dos pontos fundamentais de minha teorização.

(3) O eixo da racionalidade suposta e hipotetizada do diagnóstico *neurose*, *perversão* e *psicose* remete ao ato de fala realizado no encontro entre psicanalista e analisante, sob o artefato da transferência, e dessa maneira, evitando qualquer qualificação para o vivente ou pessoa do analisante. A qualificação de patologia para os termos tratados em sua perspectiva estrutural é derivada da própria confusão que esse eixo permite diferenciar, a saber, a hipótese estrutural de amarração com o campo da linguagem e os fenômenos clínicos de adoecimento, que não seguem uma objetivificação com os quadros patológicos do campo da medicina clássica, por exemplo, como descrito com o HIV/aids, ainda que nesse caso a literatura e a presença de uma redução pelo estigma tenha produzido um “*ser aidético*”. A fim de evitar esse tipo de equívoco que aponto essa ressalva. Logo, esse eixo é um recurso ou pressuposto de base para evitar que o leitor tome o texto segundo o intuito de mera classificação, tal qual é comum verificar com o uso das categorias do DSM – Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais, que ordena os conjuntos semiológicos dos quadros diagnósticos em saúde mental, pela psiquiatria. (DUNKER & NETO, 2011).

A divisão clássica, para o termo *estruturas clínicas*, está apresentada em três seções, nas quais o leitor encontrará uma definição em:

4.1. “*Neurose: o efeito do suporte simbólico*” ao *significante*, cuja estrutura da articulação *significante* oriunda da *Bejahung-Verneinung* produz uma amarração dos três registros *RSI*, cujo suporte *Simbólico* ao *significante* produz uma série de paradoxos entre *Demanda* e *Desejo*, *fantasia* e *sintoma*, ao passo de um *Real* que o causa estruturalmente uma

formação, que falta e preenche, essencialmente sob a dialética *Simbólica-Imaginária*, do enquadre da realidade e também do aspecto incisivo de adoecimento.

4.2. “*Perversão: posição de recobrimento imaginário do objeto*” em que a apresentação crítica da leitura tradicional para a perversão, de uma subversão da satisfação em um objeto pré-determinado em seu suporte perceptivo ou *Imaginário*, passa a ser, lateralmente, deslocado para uma proposta preliminar de configuração de estado transitório em relação ao objeto desde o registro de apoio do *Imaginário*.

4.3. “*Psicose: a função imaginária de borda para o Real*”, seção na qual há um debate crítico sobre a legitimidade desse funcionamento estrutural, para além das determinações patológicas, sob o apoio distintivo entre a formação do delírio e o desencadeamento da crise na estrutura, quando o efeito de *Verwerfung* do índice do *Simbólico* na estrutura cria uma erosão na borda do *Imaginário* pelo *Real*, no encadeamento significativo.

Sobre a neurose: a estrutura simbólica do significante.

O que define o neurótico? O neurótico se entrega a uma curiosa retransformação daquilo que ele sofre o efeito. O neurótico, em suma, é um inocente: ele quer saber. Para saber, ele parte em direção mais natural, e é naturalmente por isso mesmo que ele é logrado. O neurótico não sabe, e não sem razão, que é enquanto sujeito que ele fomentou isso: o advento do significante enquanto o significante é o principal apagador principal da coisa: que é ele, o sujeito quem ao apagar todos os traços da coisa, faz o significante. O neurótico quer apagar esse apagamento, quer fazer com que isso não tenha acontecido. (LACAN, 1962c/2011, p. 192)

4.1. Neurose: o efeito do suporte simbólico ao significante

A *estrutura da neurose* é a principal referência para os desdobramentos teóricos de Freud e Lacan, em suas obras, e não seria equivocado afirmar que a complexidade dos elementos em jogo nesse funcionamento estrutural demanda uma série de articulações conceituais para explicitar as razões com que o ato de fala se realiza, a fim das produções de sentido e significação na enunciação do mal estar, sob transferência. As dimensões de enunciação no dito são atravessadas pelas simbolizações que as formações do inconsciente produzem nas duplicidades de superfície que o suporte *Simbólico* determina às concatenações significantes, de modo privilegiado no *sintoma*.

O *pesquisanalisar* dessa seção está delimitado para a *estrutura da neurose* como o *efeito do suporte Simbólico ao significante*, pela radicalidade com que a operação primordial da *Bejahung* introduz, na articulação significante, a inscrição do símbolo, produzindo um efeito paradoxal e concomitante, na estrutura de linguagem da subjetividade, de situar um lugar no campo do Outro, através do traço constitutivo, e recortar o vazio desse lugar, pelo efeito de retorno nos operadores marcados pela negação do vazio, tal qual a *Verneinung* se mostra articulada na operação. Na neurose, o *símbolo* e o índice do *Simbólico* operam sob um efeito estrutural das relações estabelecidas entre os cortes fundamentais que proponho, como elementos fundamentais da lógica de funcionamento desse modelo estrutural.

Ainda que haja uma questão epistemológica que produz um corte entre afirmar a categoria da *neurose na teoria psicanalítica* e propor a *estrutura da neurose* como conjunto de hipótese diagnóstica sobre o ato de fala do analisante dirigido ao analista, enfatizo a importância da formalização da dimensão estrutural nas hipóteses diagnósticas para desvincular o senso comum do termo *neurose* no próprio repertório da psicanálise, ainda que isso possa levantar a crítica de que a configuração estrutural esteja datada na obra de Lacan.

Essa ressalva tem por intuito esclarecer a posição a partir da qual parto, que é: a *estrutura da neurose* é, por um lado, uma modelo que segue uma série de critérios na hipótese diagnóstica sobre o modo como o analisante se utiliza da linguagem para enunciar o mal estar sob transferência, implicando a hipótese das operações e operadores do significante e do efeito de retorno do *objeto a* na estrutura, e, como consequência, por outro, não deve ser antecipadamente considerada a principal modalidade a ser tratada pela psicanálise que a circulação no discurso comum pode produzir.

A *práxis* psicanalítica tem seu suporte numa lógica rigorosa sobre a escuta do ato de fala sob transferência, que tem por horizonte esvaziar a preconcepção da supremacia da neurose como categoria *a priori*, como possibilidade de arranjo subjetivo prevalente e predominante nas supostas estatísticas sobre a humanidade. A *estrutura da neurose* é um efeito do acaso do ato de inscrição no campo da linguagem, e, dessa maneira, é impossível supor que tal lógica tenha qualquer valoração sobre a *estrutura da psicose*¹⁰⁴. Ou seja, afirmar a *estrutura da neurose* é, em certa medida nesse alerta ao leitor, afirmar que a prática do psicanalista não é do mero ato intuitivo de interpretar um sentido subjacente na fala do analisante pelo viés da significação, mas, principalmente, esvaziar o ideal da prevalência da neurose como modalidade clínica ou como referência diagnóstica para o psicanalista, quando escuta um analisante. Em termos estruturais, neurose e psicose são desprovidas de valoração ou validadas por proporções estatísticas, ponto sobre o qual insisto desde a seção introdutória.

A coalescência da estrutura com o sujeito suposto saber, é isso que atesta, no neurótico, o fato de ele interrogar a verdade de sua estrutura e de se tornar, ele mesmo, em carne e osso, essa interrogação. Em suma, ele mesmo é sintoma. Se há uma coisa que pode derrubar isso, é precisamente a operação do analista, que consiste em praticar o corte graças ao qual a suposição do sujeito suposto saber é desligada, separada da estrutura. A estrutura, a suposição a situa como certa, exceto que nem o senhor nem a mulher podem ser tidos como sabendo o que fazem. (LACAN, 1969i/2008, p. 374)

Nessa esteira apesar das diferenças epistemológicas entre afirmar *neurose* e *estrutura da neurose*, a depender das referências em psicanálise com que se aborda esse grande conjunto temático, delimito de partida que o objetivo dessa seção é retomar as principais contribuições de Lacan para formalizar a *neurose* em sua dimensão de *estrutura*, a partir dos elementos fundamentais para a *noção estrutural* que articulo nessa tese, a saber, a operação de inscrição no campo da linguagem que produz um efeito de suporte *Simbólico* na concatenação significante, pela via da *Bejahung*, articulada à negação da *Verneinung*, como um segundo tempo do corte que engendra uma amarração dos três registros *RSI* para a subjetividade no campo do Outro, e ordena uma lógica para o inconsciente tal qual a estrutura da linguagem, no horizonte da significação e do sentido, que se atualiza na transferência, quando um analisante dirige um ato de fala a um analista.

¹⁰⁴ Caso o leitor possa questionar a ausência da *estrutura da perversão* como contraponto ao diagnóstico para a *estrutura da neurose*, retomo a hipótese que fora apresentada anteriormente sobre a perversão ser compreendida como posição ou estado passível de se realizar tanto na neurose quanto na psicose, e dessa maneira, como desenvolvido na próxima seção desse capítulo, entendendo que a perversão tem a condição estrutural de recobrir a separação entre S.e S., pelo registro *Imaginário*, elegendo um recobrimento imaginariamente do objeto na fantasia, na *estrutura da neurose*, ou dos efeitos *holofrânicos* S.S., que a *estrutura da psicose* revela de modo privilegiado.

Muito bem, o inconsciente freudiano, e nesse ponto que eu tento fazer vocês visarem por aproximação que ele se situa nesse ponto em que, entre a causa e o que ela afeta, há sempre claudicação. O importante não é que o inconsciente determina a neurose - quanta a isto, Freud fez de bom grado o gesto pilático de lavar as mãos. Mais dia menos dia, vão achar talvez alguma coisa, determinantes humorais, pouco importa - para ele dá na mesma. Pois o inconsciente nos mostra a hiância por onde a neurose se conforma a um real - real que bem pode, ele sim, não ser determinado. (LACAN, 1964a/2008, p. 27)

Logo, a proposta dessa seção se orienta em apresentar as principais consequências teóricas da modalidade de inscrição decorrente da *Bejahung* e *Verneinung* em sua modalidade definida por *estrutura da neurose*, ou conjunto essencialmente *Simbólico* de tratamento do *Real*, que implica amarração dos três registros *RSI* na montagem estrutural, pelos operadores fundamentais na estrutura. Em outras palavras, a incidência significativa no ato de identificação ao campo da linguagem produz uma tripla inscrição que permite situar os três registros na estrutura, em que o *Imaginário* e o *Simbólico* produzem uma série de produtos advindos da concatenação significativa, como consequência da hiância entre S_1 e S_2 , ao mesmo tempo que inclui e dá tratamento de linguagem para o resto definido como *objeto a*, cifra de gozo na lógica subjetiva.

No caso da neurose, a posição é diferente, na medida em que algo da sua fantasia aparece do lado da imagem $i(a)$. No x aparece algo que é um a , e que apenas parece sê-lo, porque o a , não é especularizável e não poderia aparecer aí, digamos, em pessoa. É apenas um substituto. É só a partir disso que se justifica o questionamento profundo de qualquer autenticidade na análise clássica da transferência. (LACAN, 1963c/2005, p.155)

Trata-se da teoria da constituição do sujeito para a *estrutura da neurose*, e que pode ser vislumbrada nas três principais teorias discutidas no capítulo anterior, como montagem da lógica estrutural pela amarração dos três registros *RSI*, quando a incidência do significativo produz um suporte triplo para a subjetividade, pela imagem especular - $i(a)$, pelo índice do *Simbólico* por meio do traço unário, e a extração lógica do *objeto a*, como operação fundante da estrutura. A demarcação desses índices, como elementos constitutivos da *estrutura da neurose*, é uma hipotetização oriunda das três principais teorias da constituição do sujeito, e que alcançam o estatuto de operadores a depender dos recursos de linguagem que emolduram tais índices, por meio dos três registros *RSI*.

A máxima de que um significativo represente o sujeito para outro significativo é a referência para o estatuto do sujeito dividido pela estrutura do significativo, quando a barra do recalque impede o acesso ao significado da subjetividade na cadeia significativa, se não pela dimensão imaginária do *eu*, demarcando um descentramento radical das instâncias quando,

apesar do empuxo ao encontro do significante que defina o *ser*, demarca-se apenas um entrejogo *sujeito e eu*.

A divisão do sujeito, denotado pelo termo sujeito barrado ($\$$), é a própria concepção do que Lacan intitula da *estrutura simbólica do inconsciente* quando significante e significado, em termos linguísticos, opera sob a radicalidade do princípio de não-identidade, e se determina por *não ser o que os outros são* ou *ser o que os outros não são*, modalizando formas não clássicas de *negação* (CESAROTTO, LEITE & COSTA, 2014).

Contudo, a divisão que é característica da posição subjetiva da neurose em relação ao campo da linguagem ocorre pelos efeitos de identificação ao significante, sob a radicalidade distintiva que permite situar S_1 e S_2 , produzindo dois lugares estruturais, o primeiro vinculado à formação do *eu* que o sistema permite operar, tendo em vista o índice escrito pelo $i(a)$, e o resto dessa operação – objeto não especularizável – que recebe tratamento *Simbólico* desde o índice situado a partir do traço unário, que no intervalo $S_1 - S_2$, produz um efeito de sujeito barrado ($\$$).

Tal divisão subjetiva que encontra seu suporte no tratamento *Simbólico* do resto da inscrição no campo da linguagem, estrutura-se sob forma de funcionamento que, a depender dos arrolares de sentido e significação que a vivência impõe ao aparelho de linguagem, há sempre uma dialética de metaforização entre tais instâncias, que as distinções entre *estrutura* e *fenômeno* permitem denominar os operadores de linguagem que o grafo do desejo demarca em seus *matemas*.

Essa acepção de estrutura [estrutura como forma essencial que permanece invariável enquanto seu conteúdo se altera] pode ser facilmente transposta ao conceito de neurose em Freud. A neurose define-se como uma generalização dos achados sobre a histeria. Seus predicados incluem a divisão (*Spaltung*) da consciência exposta ao conflito, o recalçamento entre afetos e representações ocasionado pelo desligamento entre representação-coisa e representação-palavra, a perda da capacidade de recordação e rememoração, particularmente de experiências sexuais de natureza traumática, a fixação ou regressão a certas modalidades substitutivas de satisfação pulsional pela fantasia e o retorno deformado simbolicamente do desejo pelo sintoma. (DUNKER, 2014, pp. 79-80)

A *estrutura da neurose* é o tema desta seção, e posicioná-la como ponto de abertura para o capítulo não é mero acaso. Trata-se de uma modalidade teórico-clínica insistentemente abordada na literatura psicanalítica, de Freud a Lacan, fundamentando sua importância pela recorrência com que é apresentada, e simultaneamente, apontando para um impossível de recobrir todas as nuances com que fora desenvolvida na obra desses autores. Talvez por tal razão que haja certa redundância conceitual de sustentar tal lógica de funcionamento sobre o

complexo de castração e a inscrição da metáfora paterna, como razões epistemológicas que a define.

Lembremos que a *neurose* é a porta de entrada para a proposição da psicanálise, com Freud e sua teorização sobre as histéricas, perpassando por diversas inflexões teóricas tanto no método de tratamento quanto nos pressupostos teóricos (FOCHESATTO, 2011), como *método catártico*, *método propriamente psicanalítico*, por meio da cura pela palavra e elaboração mítica da fantasia, a *teoria da sedução*, a *teoria das defesas*, sendo que essa somada às diferentes tópicas e as teorias pulsionais compõem o bojo para a composição das diferentes formas do aparelho psíquico dar tratamento de linguagem para a experiência, como se pode averiguar nas hipóteses diferenciais entre *neurose* e *psicose* (FREUD, 1924a/2007).

Seguindo algumas indicações da obra de Freud sobre a *neurose*, faço um breve percurso das principais passagens que me servem de ponto de apoio para o que Lacan virá a desenvolver sobre a *estrutura da neurose*, em relação aos aspectos de teoria das defesas, inscrição da palavra e lógica do objeto como resto da operação de inscrição no campo da linguagem, como uma das consequências em relação à identificação e a formação do *eu*. O horizonte que me serve de ponto de apoio é o aspecto *Simbólico* e de substituição que marcam a *estrutura da neurose* em suas modalidades de retorno, que derivam da *Bejahung*, como o recalçamento e as formações do inconsciente revelam no *sintoma*.

Em 1894, no texto “*As neuropsicoses de defesa*”, Freud realiza um dos primeiros desenvolvimentos diferenciais sobre a questão diagnóstica em psicanálise, a partir das diferentes formas de defesa que o aparelho psíquico pode realizar, por exemplo nas formalizações em relação à defesa do aparelho psíquico como análogo ao tratamento de simbolização da experiência, que a representação permite aos impulsos pulsionais no inconsciente, em relação às neuroses atuais, *neurastenia* e os *estados de angústia*, como modalidade distinta de tratamento representacional. As neuropsicoses de defesa são caracterizadas pela *histeria*, *obsessões*, *fobias*, como as três principais modalidades de arranjos advindos das defesas de recalçamento, e as psicoses alucinatórias, marcadas por uma radicalidade na exclusão ou “*fuga para a psicose*” diante do conflito entre afeto e representação inconciliável.

Em ambos os casos até aqui considerados [histeria de conversão, obsessão e fobia], a defesa contra a representação incompatível foi efetuada separando-a de seu afeto, a representação em si permaneceu na consciência, ainda que enfraquecida e isolada. Há, entretanto, uma espécie de defesa muito mais poderosa e bem-sucedida. Nela, o eu rejeita a representação incompatível juntamente com seu afeto e comporta como se a representação jamais tivesse ocorrido. Mas a partir do momento em que isso é conseguido, o sujeito fica numa psicose que só pode ser qualificada como “*confusão alucinatória*”. (FREUD, 1894/1996, p. 64)

A proposição para o funcionamento da *neurose de defesa*, nesse texto, aponta para uma modalidade de operação sobre a representação e o afeto, que diante do aspecto insuportável para o aparelho psíquico, a defesa opera um recalçamento da representação e, cujo destino do afeto aponta para as diferentes modalidades denominadas por *histeria*, *obsessões* e *fobias*. Ou seja, o aparelho de linguagem que estrutura o inconsciente na neurose é definido pelo conjunto de representações que não podem circular pela instância consciente, e a depender dos destinos do afeto, pelas inervações somáticas na histeria, no enlaçamento a outras representações menos danosas para a homeostase do aparelho nas obsessões e a pregnância num único representante que condensa todo o conflito por meio do medo, nas fobias, Freud realiza um mapeamento das operações subjacentes aos mecanismos de defesa que configuram as *neuroses*, e os tipos clínicos a depender dos destinos do afeto.

Os sintomas caracterizados pelas *conversões*, *obsessões* e *fobias*, nas neuroses de defesa, tem sua causa, suas origens, na incompatibilidade de representações que desestabilizam a homeostase do aparelho psíquico. Os eventos desencadeadores, que infligem a ocorrência de incompatibilidade na vida representativa, estão definidos em três dimensões, a saber, pela via da experiência sensível, da representação advinda da inscrição da palavra e do sentimento que tal representação carrega em termos econômicos. A possibilidade de o aparelho psíquico elaborar a contradição implicada entre representação e afeto denuncia o estatuto da defesa em jogo na formação sintomática.

Em termos esquemáticos, o texto permite uma problematização para as neuroses de modo a imputar a tal categoria a lógica da teoria da defesa pautada no papel da sexualidade e na natureza do inconsciente como um determinante na fundamentação da catexia e deslocamento que as operações e mecanismos de defesa imputam às representações e afetos, considerando, assim, as três dimensões do aparelho psíquico em tópica, dinâmica e econômica. Ao final do texto, Freud realiza uma afirmação bastante curiosa sobre a hibridez com que o funcionamento da neurose permite na formação sintomática, como pré-disposição ao *sintoma*, e não pela fenomenologia em si.

Talvez não seja supérfluo assinalar que os três métodos de defesa aqui descritos e, juntamente com eles, as três formas de doença a que levam esses métodos podem combinar-se numa mesma pessoa. O aparecimento simultâneo de fobias e sintomas histéricos, frequentemente, observado na prática, é um dos fatores que dificultam uma separação nítida entre histeria e as outras neuroses e que tornam necessária a postulação das de “neuroses mistas”. É verdade que a confusão alucinatória nem sempre é compatível com a persistência da histeria nem das obsessões, de um modo geral. Por outro lado, não é raro uma psicose de defesa irromper episodicamente no decurso de uma neurose histérica ou mista. (FREUD, 1894/1996, p. 66)

Saliento, na passagem acima, a possibilidade com que tais formações inconscientes podem acometer a pessoa, e de certa forma, me permite questionar se Freud não estaria criando duas nuances sobre o funcionamento de seu aparelho psíquico, no início de seus escritos psicanalíticos. A saber, seria a modalidade de defesa uma lógica estrutural, e os destinos do afeto as diferentes formas com que tais mecanismos podem produzir *sintomas*? As nuances que aponto são: a *lógica da defesa* e os *efeitos de retorno possíveis* advindos dessa lógica, que em alguma medida, desde diferentes apoios epistemológicos, a própria proposição de tese que realizo nesse trabalho sobre os dois cortes fundamentais em operações e operadores para a lógica estrutural. Porém, é inegável que Freud aponta para a possibilidade com que os diferentes quadros clínicos não claramente definidos, e o termo “*neurose mista*” revela isso de modo privilegiado. Logo, não seria equivocado afirmar que os problemas de definição diagnóstica está longe de ser um problema facilmente resolvido e não recheado de construções hipotéticas ambíguas.

No capítulo “*A psicologia dos processos oníricos*” da “*Interpretação dos sonhos*”, Freud realiza uma das menções mais importantes para a explicitação da gênese do aparelho psíquico em sua dimensão simbólica de representação da experiência. Trata-se da teoria da montagem da fantasia e dos aspectos de inscrição do objeto do desejo em relação à palavra. Freud realiza um percurso sobre o objeto do desejo, como advento do objeto perdido por meio da primeira experiência de satisfação alucinatória. Há duas condições necessárias para a relação entre a representação e o objeto, a saber, a condição de desamparo e a dependência radical em relação ao outro cuidador.

O desamparo do *infans* impõe uma série de cuidados básicos em relação ao outro, configurando a depender da interpretação desse outro o estatuto de demanda, a fim de que a vida perpetue no corpo pulsante, e quando a palavra se inscreve como nome do circuito. É da ordem da passagem da necessidade para a demanda que há o primeiro indício de convocação de investimento do outro sobre o corpo do *infans*, tal qual o choro e o grito do recém-nascido sinalizam a presença de um mal-estar que precisa ser satisfeito, como mínimo da manutenção da vida, e cuja interpretação aponta para a torção entre demanda de um, desejo do outro. Esse encontro, marcado pelo desencontro, produz um traço mnêmico, uma representação que coloca o objeto numa posição alheia à satisfação da necessidade e introduz uma nova satisfação, a realização do desejo. Desse modo, a marca mnêmica se constitui no surgimento de uma nova realidade, a realidade Psíquica. O aspecto representacional que a pressão pulsional imputa ao aparelho psíquico demarca as diferentes instâncias tópicas e as coligações

entre palavra e pulsão de modo a redigir duas dimensões da subjetividade que estão desproporcionalmente correlacionadas: representação e objeto da pulsão.

Assim, Freud determina a fundamentação da relação de linguagem estabelecida não apenas com os aspectos de representação, mas essencialmente sobre as dimensões faltantes da relação com o objeto e o impulso de tratar pela linguagem tal dimensão, nunca resolvida, e sempre repetida. Eis o momento que Freud elabora a forma cena do *Fort-Da!*, como primeira inscrição simbólica no tratamento articulado entre demanda e desejo, na desproporção que há na relação com o outro. Trata-se da montagem da fantasia como um dos momentos mais importantes para a formação da lógica da *neurose*, como pode desenvolver no texto “*A montagem da fantasia na perspectiva do objeto em Freud*” (BONI JUNIOR & GANDOLFO, 2016).

Desse modo, a marca mnêmica e o surgimento de uma realidade psíquica estão em gênese, nos efeitos produtivos do desamparo e no impasse da saciação da necessidade insistente na relação com o outro. Em síntese, Freud descobre que é diante do que resta do desencontro com o outro que o sujeito inventa uma montagem, para responder à sua falta e à falta no outro. Logo, a fantasia como montagem tem a função de ocultar o caráter estrutural do objeto perdido que Freud postula no inconsciente, e o delega tanto ao aspecto estrutural de sua existência, na eleição do invólucro subjetivo para tal objeto pela via da eleição estrutural diante da castração (objeto fóbico ou fetiche), quanto aos avatares de sua responsabilidade sintomática na insistência em suturar esse nada original colocado como falta na *neurose*. (BONI JUNIOR & GANDOLFO, 2016, pp. 59-60)

A racionalidade da gênese do aparelho psíquico, em termos das duas dimensões que o campo representacional e o campo pulsional, permanecem como nuances teóricas fundamentais para a elaboração metapsicológica que Freud realiza em sua obra sobre a *neurose*, e que entre os anos de 1910 e 1920, alcançam seu estatuto mais proeminente, como nos textos “*Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico*” (1911), “*A guisa de introdução ao narcisismo*” (1914), “*Pulsões e destinos das pulsões*” (1915) e “*O recalque*” (1915), a fim de despontar nas proposições sobre a lógica pulsional em sua relação com a gênese da inscrição da palavra no inconsciente, como um modelo de aparelho de linguagem que visa a interpretar a realidade, em termos articulados entre fantasia e desejo, como no texto “*O inconsciente*” (1915), pelo produto do recalque e seus efeitos simbólicos na proposição para a *neurose*.

Enfatizo o termo *substituição*, que mantém íntima relação com o *Simbólico* em sua dimensão de tratamento do conflito, quando no inconsciente a contradição e a dimensão temporal não estão marcados por tais condições lógicas, denotando, assim, que esse efeito *Simbólico* sobre o conflito advém de uma operação que implica a divisão subjetiva e aos

retornos no aparelho psíquico, não só pela inscrição da representação, mas também pelos tratamentos a *posteriori* da substituição representacional, nos processos primários e secundários, da relação entre o *aparelho psíquico* e o *objeto de satisfação pulsional*.

Na passagem extraída do texto “*O recalque*” (1915) Freud realiza uma série de concatenações indagativas sobre o mecanismo de defesa característico das neuroses, e produz uma série de questionamentos sobre a especificidade de tal operação em relação aos tipos clínicos para a *neurose* e as diferenças entre os mecanismos que operam a formação substitutiva do recalque e as formações sintomáticas.

Queremos agora compreender melhor o *mecanismo* do processo de recalque e, sobretudo, saber se existe apenas um processo de recalque ou mais de um e se porventura cada uma das psicose neuroses é caracterizada por um mecanismo de recalque próprio. Ao iniciarmos esta investigação, porém, logo nos deparamos com complicações. O mecanismo de recalque só se torna acessível quando partimos de seus efeitos e o deduzimos retroativamente. Se limitarmos nossa percepção somente aos efeitos que o recalque produz sobre a parcela representacional do representante, veremos que em geral o recalque cria uma *formação substitutiva*. Qual é, então, o mecanismo de tal formação substitutiva, ou existem aqui também vários mecanismos a serem distinguidos? Sabemos que o recalque deixa sintomas atrás de si. Será que podemos, então, considerar que a formação substitutiva e a formação dos sintomas coincidem? E, se isso, diz respeito ao conjunto, o mecanismo da formação de sintoma coincide com o do recalque? Até o momento tudo parece indicar que ambos divergem por completo, que não é o próprio recalque que cria formações substitutivas e sintomas, mas que estes últimos são indícios de um *retorno do recalado* e devem seu surgimento a processos inteiramente diferentes. Assim, antes de se proceder ao exame dos mecanismos de recalque, parece ser mais adequado estudar os mecanismos de formação substitutiva e de formação de sintoma. (FREUD, 1915b/2004, p. 183)

O interessante dessa passagem é a racionalidade estrutural e específica com que o autor procura estabelecer os critérios distintivos para cada uma das modalidades de neurose, a fim de compor um quadro diagnóstico sobre a formação sintomática e funcionamento do aparelho psíquico que coaduna, em grande parte, com o esforço lacaniano de operacionalizar a lógica da neurose em uma proposta estrutural, e me permite apontar a semelhança com a tese aqui defendida, quando Freud afirma que há dois momentos distintos entre si na formalização da operação de recalque.

Freud, após a década de 1920, desde a introdução de uma nova formulação tópica para o aparelho psíquico, em *Id – Ego* e *Superego* – e da dualidade pulsional em de *vida* e de *morte* – propõe que a neurose esteja pautada num conflito entre as pressões pulsionais de satisfação dos impulsos inconscientes, advindos do *Id*, em relação às limitações que a realidade externa impõe ao ponto de satisfação subjetivo, tendo em vista as instâncias intrapsíquicas que visam a responder às demandas dessa realidade, como na articulação do superego em relação ao ego.

O texto de 1921 “*Psicologia de grupo e a análise do ego*” é fundamental para a teorização sobre as identificações e a racionalidade que sustenta uma lógica simbólica, tal qual a neurose revela, no momento inaugural em relação à inscrição do traço distintivo nos desenrolares das formações egóicas e de introjeção da palavra. Freud escreveu o texto “*Psicologia de Grupo e a Análise do Ego*” (1921), logo após “*Além do princípio de prazer*” (1920), no qual há uma importância radical na teoria freudiana das pulsões e do aparelho psíquico, que em 1923 é vislumbrada com o texto “*O Eu e o Id*”.

No curso de nossa evolução, efetuamos uma separação de nossa existência mental em um ego coerente e em uma parte inconsciente e reprimida que é deixada fora dele; ficamos sabendo que a estabilidade dessa nova aquisição se acha exposta a abalos constantes. Nos sonhos e nas neuroses, o que é assim excluído bate aos portões em busca de admissão, guardados não obstante pelas resistências, e em nossa saúde desperta fazemos uso de artifícios especiais para permitir que o que está reprimido contorne as resistências e o recebamos temporariamente em nosso ego, para aumento de nosso prazer. Os chistes e o humor, até certo ponto, o cômico em geral, podem ser encarados sob esta luz. Qualquer um que esteja familiarizado com a psicologia das neuroses pensará em exemplos semelhantes de menor importância, [...]. (FREUD, 1921/1996, pp. 140-141)

Há um capítulo específico para tratar a problemática da identificação no texto de 1921, posto que Freud sustenta a tese da explicação da psicologia dos grupos com base na análise das relações subjetivas do indivíduo. É em torno da identificação que Freud ilustra as relações em grupo, no ponto específico dos ideais do eu e as introjeções e projeções do ego. O título do trabalho ilustra claramente os caminhos que Freud realiza no texto. No capítulo 7, chamado de “*A identificação*”, Freud distingue três modelos básicos, a partir dos funcionamentos da Neurose: (1) identificação ao pai; (2) identificação regressiva; e no abandono do objeto, ou na perda do objeto, em que há uma escolha contingente a um traço do objeto perdido com o qual a identificação ocorre e de modo parcial, portanto.; e (3) identificação histérica.

Na identificação histérica, Freud centraliza a importância do objeto de desejo e da posição do sujeito em relação ao desejo do outro. Lacan retoma isto e une os dois pontos, que ele julga fundamental; a de traço e a importância da estrutura do desejo em relação com a cadeia significante, a partir do termo “*Ein Einziger Zug*”, como na lição do seminário “*A identificação*”, *A identificação por “Ein einzinger zug”* (LACAN, 1961b/1992) e no seminário “*A identificação*” (LACAN, 1961a/2011).

[...] só podemos descrever o estado de coisas dizendo que a identificação apareceu no lugar da escolha de objeto e que a escolha de objeto regrediu para a identificação. Já aprendemos que a identificação constitui a forma mais primitiva e original do laço emocional; frequentemente acontece que, sob as condições em que os sintomas são

construídos, ou seja, onde há repressão e os mecanismos do inconsciente são dominantes, a escolha de objeto retroaja para a identificação: o ego assume as características do objeto. É de notar que, nessas identificações, o ego às vezes copia a pessoa que não é amada, e outras, a que é. Deve também causar-nos estranheza que em ambos os casos a identificação seja parcial e extremamente limitada, tomando emprestado um traço isolado da pessoa que é objeto dela” (FREUD, 1921/1996, pp. 116-7).

Na proposta freudiana, a neurose tende a se organizar como um modelo de interpretação da realidade em que a formação de compromisso, oriunda da deformação realizada pelo recalque, como operação fundamental nessa lógica, opera na produção de *sintomas*, que tanto suprimem um fragmento da vida pulsional como se orienta em coadunar com as exigências da realidade. Assim, Freud (1924a/2007) afirma que a neurose é o resultado de um conflito entre o ego e o id, caracterizando-se por uma recusa do ego em aceitar a pressão pulsional, produzindo formações substitutas e sintomáticas.

A questão que Freud se coloca, sobre a neurose, poderia ser formulada da seguinte maneira: *Quais as condições econômicas do aparelho psíquico na formação inicial da instância egóica que determinam a lógica para a neurose?* É a partir das condições impostas ao aparelho psíquico, no ato de identificação primordial, para as primeiras introjeções do ego e da capacidade que o aparelho tem de simbolizar a castração, derivada das sucessivas frustrações pulsionais. A neurose seria um sistema de funcionamento que implica o ego em diferentes modalidades de defesa contra os impulsos do Id, pautada no mecanismo da *Verdrangung*, que realiza uma operação sobre o material reprimido ao tom de uma representação substitutiva da qual o aparelho possa suportar a incidência do material reprimido, como se confirma na noção de *sintoma* e de retorno do recalcado, sem produzir uma cisão do *eu* e, assim, o adoecimento do sistema.

Essa passagem é explícita no seguinte trecho.

Contudo, precisamos ainda completar nossa concepção de que as neuroses e psicoses surgem de conflitos do Eu com as diferentes instâncias vigentes. Não basta mais afirmarmos que o conflito corresponda a uma falha na função de um Eu empenhado em conciliar as exigências das várias instâncias. É preciso que respondamos – uma vez que tais conflitos, com certeza, sempre estarão presentes – sob quais condições e por que meios o Eu muitas vezes consegue escapar sem adoecer. Penso que esse é um capo de pesquisa ainda novo e que, seguramente, os mais diferentes fatores terão de ser considerados. Dois deles já podem ser destacadas de imediato. Primeiro, o resultado depende, sem dúvida, da configuração da economia psíquica, isto é, das proporções relativas entre os diversos esforços e empenhos [*Strebungen*] que estão em conflito entre si. E segundo, o Eu pode evitar a ruptura de qualquer um dos lados deformando-se, eventualmente, até o ponto que abra mão de sua unidade e se fragmente ou se cinda. Assim, do mesmo modo como, através da adoção das perversões sexuais, as pessoas puderam prescindir do recalque, também por meio dessas deformações as inconseqüências, as excentricidades e as loucuras das pessoas vêm a luz. (FREUD, 1924a/2007, p. 98)

Os encaminhamentos dados à teoria do complexo de Édipo, desde 1905 “*Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*” até o últimos textos de Freud, com “*A dissolução do complexo de Édipo*” (1924) e “*Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos*” (1925), formam um complemento fundamental para os encaminhamentos dados para a teoria das neuroses, e ponto sobre o qual Lacan se dedicou no seminário “*As formações do inconsciente*” (1957-58) e “*O avesso da psicanálise*” (1969-70). Trata-se da lógica de identificação e escolha de objeto que sustentam a neurose no *sintoma*, como modalidade de resposta diante do desejo do Outro, e simbolização da demanda. Em outras palavras, a própria articulação entre inscrição no campo da linguagem e formação de *sintomas* que caracterizam a passagem da inserção na cultura e constituição do aparelho psíquico no mito do Édipo.

Segundo Freud, o complexo de Édipo consiste em um momento organizador do desenvolvimento sexual infantil, que tem lugar quando a região genital adquire importância central no desenvolvimento sexual da criança, durante a fase fálica, por volta dos cinco anos de idade. O complexo de Édipo é, assim, o universal que organiza a sexualidade humana, uma sexualidade que Freud demonstrou ser, antes de mais nada, uma construção. (FARIA, 2010, pp. 29-30)

O complexo de Édipo é um mito que permite estruturar o universal que determina a passagem da particularização que opera na subjetividade desde uma posição sexual no campo identificatório e a escolha de objeto de amor, cujas determinações da linguagem sobrepõem a maturação orgânica e as evidências da sexualidade pelo campo biológico, tal qual a estruturação que Lévi-Strauss estabeleceu, alguns anos após Freud estabelecer esse complexo fundamental para a humanidade, como modelo hipotético de constituição subjetiva através da castração e a resposta fálica advinda dessa operação. Complexo de Édipo articulado ao complexo de Castração permitem uma proposição para a lógica da neurose que está enraizada nas simbolizações que tal universal permite teorizar.

No texto “*A Organização Genital Infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade*” (1923), Freud afirma que no do desenvolvimento da sexualidade infantil, há um deslocamento sobre o interesse nos genitais para as atividades que os órgãos adquirem em termos de significação preponderante, ou seja, em relação ao estatuto de valoração que uma determinada região corporal alcança a depender das relações estabelecidas com o outro, ao tom do poder que a palavra imputa ao organismo. A principal característica dessa organização genital infantil constitui, ao mesmo tempo, o que a diferencia da definitiva organização genital dos adultos, em que, para ambos os sexos, apenas um genital, o masculino, entra em consideração. Não há, portanto, uma primazia genital, mas a primazia do falo.

O cálculo da desproporção entre fantasia e desejo, representação e objeto, para situar duas dualidades, aponta para o complexo de Castração, para além das formulações míticas do complexo de Édipo e a incidência da falta. A castração é o nome dado para o vácuo radical e estrutural que tal divisão do aparelho imputa no enlace com a realidade, e a busca do objeto.

Roudinesco & Plon (1998) definem o *complexo de castração*, na teoria freudiana entre 1905 e 1923, a partir dos arrolares do desenvolvimento psicosssexual, em que duas constatações – a diferença anatômica entre os sexos e os primeiros indícios da censura social – ao tom de intimamente relacionado ao *complexo de Édipo*, como estruturas dialogicamente interdependentes e de critério universais da assunção da posição sexual e inserção na cultura. Os destinos particulares dados ao complexo de castração, como lógica universal, estão pautados como distintos nos meninos e nas meninas, e em ambos com estatuto de tratamento de linguagem, ao tom de fantasias e construções míticas na lógica do desejo.

O complexo de castração compõe-se de duas representações psíquicas. Por um lado, o reconhecimento que implica a superação da renegação, inicialmente observada, da diferença anatômica entre os sexos. Por outro, como consequência dessa constatação, a rememoração ou atualização da ameaça de castração, no caso do menino, ameaça esta que é ouvida ou fantasiada, particularmente por ocasião das atividades masturbatórias, e que assim vem manifestar-se a posteriori. Para Freud, o pai (ou a autoridade paterna) é o agente direto ou indireto dessa ameaça. Na menina, a castração é atribuída à mãe, sobre a forma de privação do pênis. (ROUDINESCO & PLON, 1998, p. 106)

Dessa forma, o *falo* passa a operar como um elemento fundamental na lógica da sexualidade, quando a linguagem passa a operar como fundamental no enquadre da realidade do corpo, e realidade dos objetos, como apresentado no capítulo anterior.

O mecanismo de *recalque* precisa ser trazido à discussão nesse momento. A *Verdrangung* é um dos pilares para o raciocínio freudiano em teorizar os destinos dados ao complexo de castração na neurose, e tende-se a ser traduzido por recalque, ou repressão. Como discuti no capítulo anterior, opto por manter a termo original, cujo conceito de *Verdrangung* se sobrepõe ao conceito de defesa, como um mecanismo do aparelho psíquico, em dimensões tópica e dinâmica, diante da pressão pulsional e do acúmulo de tensão, em imprimir um trânsito dos representantes da representação das pulsões, que remetem à causa conflitante com a realidade, produzindo, assim desequilíbrio do aparelho. O recalque atua sobre o representante da representação, pressionando-o à superfície inconsciente, tal qual uma manobra de distorção que permite o retorno à instância consciente de modo alterado nas ligações dos princípios de deslocamento e condensação.

O recalque em geral incide sobre os representantes das pulsões, os quais, por sua vez, são de uma cessação do encarregar-se deles por parte do pré-consciente; nesse caso, o inconsciente atua imediatamente um investimento substituto, o qual, em contrapartida reque um “contra-investimento” por parte do pré-consciente, que esbarra então na atração constituída por elementos do inconsciente outrora recalcado. Este último levou Freud a postular a existência de um recalque precedente, ou recalque originário. Esse seria um recalque quer Freud assimilou a uma fixação resultante de uma recusa inicial do inconsciente, a se encarregar do representante de uma pulsão. O representante assim recalcado substituiria de maneira inalterável e permaneceria ligado à pulsão. Observe-se que Freud não é nada explícito quanto à verdadeira origem desse processo: de onde provêm os elementos de atração do inconsciente que são responsáveis por essa primeira fixação? (ROUDINESCO & PLON, 1998, pp. 648-69)

A síntese que Roudinesco & Plon (1998) realizam no dicionário de psicanálise é bastante profícua para os intuitos do momento dessa seção, principalmente no que tange à questão das origens do recalque. Contudo, a proposta freudiana ao longo de sua obra tende a recuperar esse constructo teórico de modo regular, e situar tal mecanismo às origens do aparelho psíquico e do tratamento de linguagem que deriva de tal operação, quando propõe o efeito de corte, entre o Id e o ego, e as razões de substituição que o *sintoma* pode imprimir ao funcionamento da subjetividade (FREUD, 1923/2007).

O efeito do recalque na produção dos *sintomas*, correlacionado aos desenrolares da identificação e escolha de objeto, diante da constatação da castração quantos dos efeitos de retorno, na fase fálica do desenvolvimento, permite situar as diferentes formas de produção do aparelho psíquico em *fobias* e *fetiches*.

Assim é que certos autores foram levados a considerar a fase fálica como efeito de um recalque, e a função que o objeto fálico assume nela como um sintoma. A dificuldade começa quando se trata de saber qual sintoma: fobia, diz um, perversão, diz o outro, e às vezes o mesmo. Neste último caso, depreende-se que nada mais funciona: não que não se apresentem transmutações interessantes do objeto de uma fobia em fetiche, mas, precisamente, se elas são interessantes, é pela diferença de seu lugar na estrutura. (LACAN, 1958/1998, p. 694)

A fim de evitar um tom de repetição, retomo meus encaminhamentos para a proposta de mapeamento na teoria de Lacan sobre a *estrutura da neurose*, e a proposição que organizo sobre a fundamentação da neurose como um produto da simbolização original que a operação da *Bejahung* imputa aos efeitos de retorno da negação pelo recalque, como o principal índice da *Verneinung*, cujo o *falo* passa a ser o significante privilegiado na orientação da significação da subjetividade, como produto da operação primordial, e fundamentação do desejo como um operador fundamental para a *neurose*, pois “o *falo* é o significante privilegiado dessa marca, onde a parte do logos se conjuga o advento do desejo”. (LACAN, 1958/1998, p. 698).

Faria (2010) permite estabelecer a passagem necessária para as proposições de Lacan sobre a *neurose*, e a ênfase hipotética que a estrutura do complexo de Édipo permite fundamentar sobre a inscrição simbólica que determina o funcionamento da estrutura em questão nessa seção, a depender do tratamento da castração. A autora afirma que Lacan estabelece uma relação lógica do mito proposto por Freud, a fim de enfatizar a função simbólica de interdição que o significante *nome-do-pai* aponta nas imaginarizações do mito, como estabeleci no capítulo dois dessa tese.

Mas mesmo admitindo um “para além do Édipo” no tratamento analítico, a neurose é, para Lacan, a estrutura clínica que se caracteriza pela presença do recalque e de seu efeito patogênico no inconsciente, os sintomas.

Além disso, segundo Lacan, “a estrutura de uma neurose é essencialmente a estrutura de uma questão”. Para ele, “o que está em discussão no nosso sujeito é a questão *Quem sou eu?* ou *Sou eu*, é uma relação de ser, é um significante fundamental. É na medida que essa questão foi reanimada como simbólica, e não reativada como imaginária, que foi desencadeada a descompensação de sua neurose, e que seus sintomas foram organizados. Sejam quais forem as suas qualidades, a sua natureza, o material a que eles recorreram, estes tomam valor de formulação de reformulação, mesmo de insistência dessa questão”. O sujeito adquire assim a dimensão da resposta do ser à questão: quem sou? (FARIA, 2010, pp. 92-3)

Em Lacan, a *neurose* é conjugada ao termo *estrutura*, e passa a ser um conjunto temático que é objeto de investigação em praticamente todos os seminários e escritos de sua obra (KRUTZEN, 2003), ainda que em nenhum seminário encontremos o significante *neurose* ou *estrutura da neurose* no título, e o único texto em que está incluído um desdobramento, oras adjetivo, oras substantivo, é “*O mito individual do neurótico*” de 1949.

O volume de material com que me deparei sobre a *estrutura da neurose* é análogo às próprias obras de Freud e Lacan, permitindo afirmar que se trata de uma extensão de inflexões e reformulações teóricas impossíveis de serem abarcadas, em totalidade, nessa seção, tampouco nessa tese. Assim, torna-se fundamental, em virtude dessa constatação, retomar o eixo proposto nessa tese, a saber dos cinco pontos determinantes para se conceber a noção estrutural em psicanálise.

Eis que retomo e afirmo que a *estrutura da neurose* será apresentada em quatro pontos de apoio, a saber, (1) A relação da subjetividade com o campo do grande Outro, a partir da operação primordial denominada *Bejahung*; (2) A função significante e os efeitos da inscrição do símbolo, na concatenação $S_1 - S_2$, situando, dessa forma, tanto o significante quanto o vazio constitutivo do campo, no indicativo do $S(\text{A})$; (3) A negatividade implicada na *Bejahung*, pela *Verneinung*, que permite a cadeia discursiva recobrir nas variações do suporte *RSI*, o intervalo que opera e funda a substituição, produzindo um ganho de valor, explicitado na metáfora

paterna, como o principal ordenador dos operadores lógicos do sistema da *neurose*, a saber a lógica fálica; (4) Discussão sobre os operadores estruturais que o grafo do desejo situa nos *matemas*.

Não há dúvidas que essa categoria diagnóstica aponta para um repertório bastante complexo sobre os eixos que compõem a nosografia psicanalítica, da etiologia à dimensão terapêutica do tratamento (DUNKER, 2014); apontando para um impossível de recobrir toda as extensões, inflexões e consequências teóricas das proposições de Lacan sobre o *significante* e o *objeto a* nas amarrações do *RSI* que os operadores da neurose permitem, por exemplo, no *grafo do desejo* (LACAN, 1960c/1998, p. 831). ou no *Nó-borromeano – esquema RSI* (LACAN, 1976b/2007, p. 70), sobre a *torção teórico-clínica* que o psicanalista realiza na hipótese diagnóstica.

Eidelsztein (2008/2017) segue estratégia semelhante e pontua as dimensões fundamentais para a neurose em sua perspectiva de estrutura, isso é, uma proposição sobre a lógica inaugural que a determina no campo das hipóteses da constituição e causa da subjetividade, e o modo como se atualiza na transferência em sua dimensão clínica. A proposta, dessa maneira, no método de Eidelsztein é de afirmar a fundamentação para a neurose em sua lógica estrutural, por meio da teorização e do estatuto do grande Outro, em suas dimensões A e $S(A)$, para alcançar a máxima do inconsciente estruturado como uma linguagem, tal qual Lacan sistematizou em seu ensino e dos desdobramentos sobre a função significante, quando o símbolo opera na estrutura, e por meio do ponto de estofa que a significação fálica determina na cadeia significante, quando há um ato de fala dirigido ao analista, sob transferência.

Quase desde o nascimento da psicanálise, o conceito de neurose foi inicialmente postulado para designar a “neurose de transferência”, em oposição ao “narcisista” - estritamente falando, o “não suscetível de transferência” -; Manobra freudiana da qual defendo a covariância dos conceitos e seu estabelecimento de acordo com a relação com o analista, ignorando toda entificação. Assim, partimos de uma elaboração de “neurose” a partir de uma relação peculiar com o psicanalista: nos termos de Lacan, uma relação específica com o Outro. (EIDELZSTEIN, 2008/2017, p. 44)¹⁰⁵

¹⁰⁵“Casi desde el nacimiento del psicoanálisis el concepto de neurosis fue inicialmente postulado para designar la “neurosis de transferencia”, en oposición a las “narcisísticas” – en rigor, las “no susceptibles de transferencia” -; maniobra freudiana de la cual sostengo la covariancia de los conceptos y su establecimiento segun la relación con el analista, haciendo caso omiso de toda entificación. Así, partimos de una elaboración de “neurosis” en función de una relación peculiar con el psicoanalista: en término de Lacan, una relación específica con el Otro”. (EIDELZSTEIN, 2008/2017, p. 44)

Após as inflexões realizadas com a teorização do *objeto a*, a partir do seminário “A identificação” (1961-62) e formalizado no seminário “A angústia” (1962-63), há em concomitância, no ensino de Lacan, e transmitido pelos comentadores, a lógica da causa da subjetividade, na dimensão que toca o resto da inscrição no campo da linguagem, pela inserção do objeto nas formulações e respostas, que a teoria do fantasma ou lógica da fantasia remetem com a dimensão *Real* em sua relação com a dimensão do significante; num entrejogo entre sujeito e objeto na lógica estrutural, elaborada em profundidade a partir da década de 1960, especificamente nos seminários “A lógica do fantasma” (1966-67), “de um Outro ao outro” (1968-69), “O avesso da psicanálise” (1969-1970), e “Mais, ainda” (1972-73), mas presentes em texto incluídos na obra “Escritos” (1966/1998), como “Subversão do Sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano” (1960).

O ponto sobre o qual Lacan elucida a *estrutura da neurose* em relação a demanda e o desejo, advindos da simbolização que o campo do Outro adquire, desde a inscrição do símbolo e a proposição fálica na significação. Em outras palavras, “o neurótico, de fato, histérico, obsessivo, ou mais radicalmente, fóbico é aquele que identifica a falta do Outro com sua demanda, Φ com D ” (LACAN, 1960c/1998, p. 838).

A lógica da neurose, e muitas vezes em contraponto com o funcionamento da psicose, é o que permite a Lacan os pontos de abertura para os enquadres que realiza nos últimos seminários que proferiu até sua morte em 1981, sobre o entrelaçamentos dos três registros *RSI* numa escrita topológica do *Nó-Borromeu*, entre os seminários “Os não-tolos erram / os nomes do pai” (1973-74), “RSI” (1974-75), “O Sinthoma” (1975-76), como as referências que tive acesso pela circulação no Brasil, até o presente momento. “Da castração, diz-nos Freud, esse sujeito nada queria saber no sentido do recalque [...]. E, para designar esse processo, ele emprega o termo *Verwerfung*, para o qual proporemos, pesando bem, o termo “supressão” [*retranchement*]” (LACAN, 1956b/1998, pp. 388-89).

Ou seja, a *estrutura da neurose* é o principal referente para a formalização de um modelo de enodamento dos três registros, em virtude da inscrição do símbolo, como o índice do *Simbólico* que opera em sua articulação com o *Imaginário* e o *Real*, tendo em vista as modalizações paradoxais que as concatenações significantes permitem realizar, quando a *Bejahung* inscreve a função simbólica, e os efeitos de negatividade pela *Verneinung* com a *metáfora paterna* e com o *nome-do-pai* permitem à estrutura um modelo de amarração, cujo sentido e significação tanto produzem estabilização diante do *Real*, como um sentido que

emoldura a fantasia, quanto pelo sofrimento que o excesso de sentido impõe à subjetividade, nas voltas de empuxo à falar sobre o mal estar.

Seu efeito é uma abolição simbólica. Pois, quando Freud diz: “Er verwarf sie, ele suprimiu a castração” [...], ele continua: “Não se pode dizer por isso que tenha sido propriamente formulado nenhum juízo sobre sua existência, mas foi exatamente como se ela nunca houvesse existido. (LACAN, 1956b/1998, pp. 388-89)

A perspectiva do *sintoma* é o principal referente clínico, ou produto advindo da *estrutura da neurose* na clínica psicanalítica, sobre o qual Lacan se dedica a formalizar a estabilização dos três registros *RSI*, que desponta, em termos de ênfase, ao final de seu ensino, no seminário “*O sinthoma*” (1975-76), por exemplo, em sua íntima relação, desde os efeitos que a lógica do falo *Simbólico* incide em sua roupagem dada ao *objeto a*, a depender do registro, *Simbólico* ou *Real*, de referência à consistência *Imaginária*, nas articulações que a cadeia significante permitem inferir sobre a posição subjetiva e sobre as cifras de gozo. “*O sintoma, aqui, é o significante de um significado recalcado da consciência do sujeito. Símbolo escrito na areia da carne e no véu de Maia, ele participa da linguagem pela ambiguidade semântica que já sublinhamos em sua constituição*” (LACAN, 1956a/1998, p. 282).

É por meio do encadeamento $S_1 - S_2$, quando há o ato de identificação ao campo do Outro, pela inscrição do significante S_1 e o vazio constitutivo do resto dessa operação, que tanto situa o lugar inaugural quanto demanda S_2 na significação da falta que o define, ao tom de um ponto sobre o qual a repetição insistirá em retornar como *marcapagada*. A fórmula da metáfora paterna é o produto dessa inscrição inaugural e um modelo de explicitar o funcionamento da neurose na lógica significante e de amarração dos três registros *RSI* nos operadores de linguagem que o grafo do desejo circunscreve. “*Daí resulta que a demanda do Outro assume a função de objeto em sua fantasia, isto é, que sua fantasia (nossas fórmulas permitem sabe-lo de imediato) reduz-se à pulsão: $(\$ \diamond D)$. Por isso é que o catálogo das pulsões pode ser organizado no neurótico*” (LACAN, 1960b/1998, p. 838).

Este anúncio do que é desenvolvido como principal argumento dessa seção sobre a *estrutura da neurose* é para situar o leitor o horizonte para o qual será levado, e permite esclarecer a escolha da epígrafe, na qual Lacan explicita a posição do neurótico na estrutura de linguagem, cujo enlace ao significante tem por característica o paradoxo de se situar no campo significante e se orientar ao objeto que o suplemente, como o desejo e a fantasia demonstram. Trata-se de uma estratégia que corrobora com a temporalidade da neurose, numa espécie de intuito retroativo que o leitor realizará ao final desse item, ainda que nesse haja uma retomada das principais interpretações dos comentadores sobre a lógica do Édipo na inscrição da metáfora

paterna e o efeito colateral que a *Verdrangung* impõe ao inconsciente estruturado como linguagem no *desejo*, na *fantasia* e no *sintoma*. Ou seja, de um anúncio da posição que defendo nessa tese sobre a *estrutura da neurose*, em relação à ênfase dada no suporte *Simbólico* da concatenação significante, e as razões que são necessárias tal proposta, a saber, a conjugação de dois cortes na teoria estrutural pela operação primordial – *Bejahung* – e os efeitos de retorno como amarração do *RSI* nos operadores na estrutura.

O que define o neurótico? O neurótico se entrega a uma curiosa retransformação daquilo que ele sofre o efeito. O neurótico, em suma, é um inocente: ele quer saber. Para saber, ele parte em direção mais natural, e é naturalmente por isso mesmo que ele é logrado. O neurótico não sabe, e não sem razão, que é enquanto sujeito que ele fomentou isso: o advento do significante enquanto o significante é o principal apagador principal da coisa: que é ele, o sujeito quem ao apagar todos os traços da coisa, faz o significante. O neurótico quer apagar esse apagamento, quer fazer com que isso não tenha acontecido. (LACAN, 1962c/2011, p. 192)

Retomando a epígrafe de abertura, Lacan, no seminário “*A identificação*” (1961-62), realiza uma definição da posição do neurótico em termos estruturais que me serviu de base para reinterpretar momentos anteriores de sua obra, e compreender as formulações seguintes que decorrem, por exemplo, nos seminários “*A lógica do fantasma*” (1965-66), “*de um Outro ao outro*” (1968-69) e “*O sinthoma*” (1975-76), e serão retomados ao longo da seção tanto para explicitar as proposições da tese, quanto para enfatizar a permanência desse conjunto conceitual em sua obra.

O que funciona efetivamente no neurótico, no nível, que nele se encontra deslocado, do *objeto a*? Qual é a realidade por trás do uso falacioso do objeto na fantasia do neurótico? Isso é suficientemente explicado pelo fato de ele ser capaz de transportar para o Outro a função do *a*. Essa realidade tem um nome muito simples — é a demanda. (LACAN, 1962c/2005, p. 62)

Um exemplo paradigmático é o uso que Lacan realiza no seminário “*A angústia*” (1962-63), como na citação acima, a respeito das articulações paradoxais que o neurótico realiza sobre o resto da inscrição no campo da linguagem, denominado *objeto a*, como marca fundante para as relações entre demanda e desejo, no campo do Outro, ponto que incita simultaneamente à dimensão da castração, como no *matema S(A)*.

Aquilo diante de que o neurótico recua não é a castração, é fazer de sua castração o que falta ao Outro. É fazer de sua castração algo positivo, ou seja, a garantia da função do Outro, desse Outro que se furta na remissão infinita das significações, desse Outro em que o sujeito não se vê mais do que como um destino, porém um destino que não tem fim, um destino que se perde no oceano das histórias. Ora, o que são as histórias senão uma imensa ficção? O que pode assegurar uma relação do sujeito com esse

universo de significações senão que, em algum lugar, existe gozo? Isso ele só pode assegurar por meio de um significante, e esse significante falta, forçosamente. Nesse lugar de falta, o sujeito é chamado a dar o troco através de um signo, o de sua própria castração. (LACAN, 1962c/2005, p. 56)

Para Lacan, o que define o neurótico é exatamente o movimento paradoxal que o termo *marcapaga* propõe. Na inscrição do campo da linguagem, a identificação a um significante primordial produz um duplo corte, por um lado situa um lugar no campo do Outro pelo S_1 , e por outro decanta-se um resto que implica a demanda a outro significante, S_2 , na significação de si, como a operação da alienação descrita no seminário “*Os quatro conceitos fundamentais*” (1964). Entre S_1 e S_2 , instaura-se um espaço a partir do qual a amarração dos três registros *RSI* produz instâncias distintivas entre si, como *ser*, *sujeito* e *eu*, aos moldes da divisão estrutural impossível de ser resolvida, e, simultaneamente, engendra-se o efeito de sujeito na retroação da cadeia significante, que situa tal posição de modo externo à própria cadeia significante, e dessa maneira, ainda que seja pelo encontro ao significante que o permite as condições materiais, ele não o é nem em S_1 , nem em S_2 . “*Tentemos agora conceber uma circunstância da posição subjetiva em que ao apelo do Nome-do-Pai corresponda, não a ausência do pai real, pois essa ausência é mais do que compatível com a presença do significante, mas a carência do próprio significante*” (LACAN, 1956e/1998, p. 563).

No seminário “*Momento de Concluir*”¹⁰⁶ (1977-78), ainda não publicado e situado como 25, na aula de 15 de novembro de 1977, Lacan declara explicitamente a lógica da neurose, em relação ao intervalo significante que a inscrição simbólica permite situar o efeito da subjetividade na cadeia significante, sob o intuito de interpretar a própria divisão estrutural, quando há o efeito de identificação ao significante S_1 , e a demanda de outro significante, diante do resto que se decanta na identificação, S_2 , situando o *eu* no lugar do sentido no campo do Outro, e o efeito intervalar para o *sujeito*.

A neurose é natural? Ela não é natural, a não ser, na medida em que, em um homem, há um simbólico, e o fato de que haja um simbólico implica em que um significante novo emergja, um significante novo ao qual o eu, isto é, a consciência se identificaria. Mas, o que há de próprio ao significante que chamei pelo nome de S_1 , é que não há senão uma relação que o defina, a relação que ele tem com S_2 : $S_1 \rightarrow S_2$.

É na medida em que o sujeito está dividido entre esse S_1 e esse S_2 , que ele se suporta, de modo que não se pode dizer que seja um único dos dois significantes que o representa. (LACAN, 1977, S25/STAFERLA, p. 04 – minha tradução¹⁰⁷)

¹⁰⁶ O seminário citado foi intitulado como “*Le moment de conclure*” (1977-78) e encontra-se disponível em <http://staferla.free.fr/S25/S25.pdf>.

¹⁰⁷ “*La névrose est-elle naturelle ?*”

O estatuto do grande Outro na neurose tem íntima relação com os efeitos que Lacan introduz sobre o traço unário, como primeira marca simbólica advinda do efeito identificatório ao significante, e encontra-se tanto, no seminário “*A transferência*” (1960-61), na aula “*A identificação por ‘Ein Einziger Zug’*”, no dia 7 de junho de 1961, quanto no seminário “*A identificação*” (1961-62), como mencionado anteriormente em referência à Freud.

Lacan retoma a função do narcisismo em sua relação com todo o desenvolvimento libidinal possível, e reafirma a distinção já realizada em anos anteriores, por exemplo seminário “*Os escritos técnicos de Freud*” (1953-54) e “*O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*” (1954-55), a respeito do *ideal do eu* e *eu ideal*, a partir do esquema óptico apresentado no trabalho “*Observação sobre o relatório de Daniel Lagache*” (1958/1960), a fim de extrair as indicações Simbólicas e Imaginárias que a neurose utiliza como operadores no funcionamento em relação ao campo do Outro, e que pode ser localizado no primeiro patamar do grafo do desejo. A organização teórica para o eu ideal em sua distinção com o ideal de eu é simultânea com a importância da distinção dos três registros, a partir do qual a primeira instância subjetiva é essencialmente imaginária, enquanto a segunda simbólica. “*Freud se detém, em seu texto, para nos dizer expressamente que, nos dois primeiros modos de identificação (identificação ao pai e identificação regressiva) que são fundamentais, a identificação se faz sempre por ein einziger zug*” (LACAN, 1961c/1992, p. 344).

Isso não quer dizer que esse *ein einziger zug*, este traço único, seja, no entanto, dado como significante, mas é o caráter pontual da referência original ao Outro na relação narcísica, que situa simbolicamente o traço sobre o qual o deslizar significante aponta para o efeito que a subjetividade encontra no campo do Outro. O olhar do Outro, devemos concebê-lo como sendo interiorizado por um signo, denotado no esquema óptico pelo ponto, grande I, do traço único, como signo do assentimento do Outro. Basta que o sujeito vá coincidir ali em sua relação com o Outro para que este pequeno signo, este *ein einziger zug*, esteja à sua disposição.

Dessa permanência do sujeito lhes mostro a referência, e não a presença, pois essa presença não poderia ser cingida senão em função dessa referência. Eu a demonstrei, designei da última vez, em nosso traço unário, nessa função do bastão como figura do um enquanto ele não é senão traço distintivo, traço justamente tanto mais distintivo quanto está apagado quase tudo o que ele distingue, exceto ser um traço, acentuando

Elle n'est naturelle que pour autant que chez un homme, il y a un Symbolique. Et le fait qu'il y ait un Symbolique implique qu'un signifiant nouveau émerge, un signifiant nouveau à quoi le moi, c'est-à-dire la conscience s'identifierait. Mais ce qu'il y a de propre au signifiant, que j'ai appelé du nom d'S1, c'est qu'il n'y a qu'un rapport qui le définisse, le rapport qu'il a avec S2 : S1 → S2. C'est en tant que le sujet est divisé entre cet S1 et cet S2 qu'il se supporte, de sorte qu'on ne peut pas dire que ce soit un seul des deux signifiants qui le représente”. (LACAN, 1977, S25/STAFERLA, p. 04)

esse fato de que mais ele é semelhante, mais ele funciona, eu não digo absolutamente como signo, mas como suporte da diferença [...]. Pois na verdade não existe ‘mais’; mas, não há ideal da similitude, ideal do apagamento dos traços. Esse apagamento das distinções qualitativas só está aí para nos permitir apreender o paradoxo da alteridade radical designada pelo traço e, afinal, é pouco importante que cada um dos traços se pareça com o outro. É alhures que reside o que chamei [...] de função de alteridade” (LACAN, 1961d/2011, p. 73)

Pode-se distinguir radicalmente o *ideal do eu* e o *eu ideal*, a partir dos registros sobre o qual o enlaçamento significativo produz um amarração, respectivamente sobre a externalidade simbólica em que o *ideal de eu* pontua no cálculo subjetivo de encontrar um ponto de estofo de referência no campo do Outro as molduras imaginárias de uma referência rígida para o *Eu*, como efeito do deslizar significativo, para sempre desencontrado, e estruturalmente dividido entre o sujeito e o lugar do *eu*, como moldura que permite situar a sintaxe discursiva, como marca radical da divisão neurótica, quando há inscrição no campo da linguagem pela *Bejahung*. É posto o paradoxal da relação de identificação, em termos da unidade e da alteridade radical de corte posto na relação do sujeito com o significativo, e o circuito insistente da busca do objeto que responda à questão da posição da subjetividade em relação ao campo do Outro e do desejo, sendo marcas fundamentais constitutivas ao nó da neurose, como Lacan afirma no seminário “*O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*”(1954-55): “*Por um lado, são imaginários, visto que são objetos de desejo - se existe algo que a análise tem, desde sempre, posto no primeiro plano é justamente a fecundidade da libido no que tange à criação de objetos que respondam às etapas de seu desenvolvimento*” (LACAN, 1955f/1985, p. 318).

Os elementos que compõem a imagem – como suporte pelo registro *Imaginário* - e o simbolismo –na relação com o campo da linguagem, pelo *i(a)* e o *I(A)*, como articulado pela torção que o registro *Simbólico* opera na *estrutura da neurose*, permitem ao sujeito capturar um traço que distinga um ponto do outro, e dessa forma, elabora uma posição para além de determinações naturais dos elementos compostos no *Real*, mas como um recorte da estrutura, pelo advento do significativo em uma perspectiva simbólica, articulada e paradoxal. “*Por outro lado, esses objetos reais – está claro que não podemos dá-los ao indivíduo, isto não está ao nosso alcance. Trata-se de permitir-lhe que manifeste, com relação ao objeto exciting, ou seja, provocador, a reação imaginária, a libido cujo recalque constitui o nó de sua neurose*” (LACAN, 1955f/1985, p. 318).

Essa hipótese já se faz presente em Lacan uma década antes dos enunciados realizados no seminário “*de um Outro ao outro*” (1968-69), como se averigua na passagem do texto “*A significação do falo – Die bedeutung des Phallus*” (1958). O efeito do corte significativo permite

à subjetividade a condição material do dizer e da articulação significativa na busca por uma significação de si quando índice do *Simbólico* opera na estrutura, e, assim, apenas o ponto de estofo e a significação do falo numa dialética metafórica de recobrir, e por isso fadada ao fracasso, em totalidade o *ser* no campo da significante, mas que, a partir do qual, só é possível evidenciar a divisão *sujeito* e *eu* no campo discursivo, e o tratamento *Simbólico* do resto da operação pela ordem da castração, da *falta* e da questão emoldurada como *desejo*: “o sujeito só designa seu ser ao barrar aquilo que ele significa, como se evidencia em ele querer ser amado por si mesmo, miragem que não se reduz a ser denunciada como gramatical (pois ela abole o discurso)” (LACAN, 1958/1998, p. 700).

A eleição de um significante e a demanda a outro significante, a fim de um efeito de sentido de si no campo do Outro, teria por movimento engendrar o encontro significativo e o resto de sua operação numa constante fruição de encadear significantes a fim de um dizer sobre si, e a busca por um sentido que o defina no campo do desejo, ao mesmo tempo que o objeto da satisfação impute estados de angústia que o encontro com a satisfação será resolvido numa referência estética denominada *ideal de eu*, ao ponto de que a *estrutura da neurose* é a produção de uma transformação sobre a própria razão que lhe é causa. “O verdadeiro objeto buscado pelo neurótico é uma demanda que ele quer que lhe seja feita. Ele quer que lhe façam súplicas. A única coisa que não quer é pagar o preço” (LACAN, 1962c/2005, p. 62).

De que desvio 'decorre a eclosão de uma neurose? Da intromissão positiva de um gozo auto erótico, perfeitamente tipificado nas primeiras sensações mais ou menos ligadas ao onanismo - chamem-no como quiserem - na criança. Nos casos que caem em nossa jurisdição, isto é, naqueles que geram uma neurose, é nesse ponto exato, no momento mesmo em que se produz a positivação do gozo erótico, que se produz, correlativamente, a positivação do sujeito como dependência do desejo do Outro. Esse é anaclitismo que enunciei da última vez. É aí que se designa o ponto de entrada pelo qual a estrutura do sujeito constitui um drama. Justifica-se articular toda a experiência que confirmará, em que junção esse drama irá eclodir. Creio já ter assinalado o bastante, da última vez, o peso que assume aí o *objeto a*, não por ele se presentificar nisso, mas por demonstrar retroativamente que era ele que criava, antes, toda a estrutura do sujeito. (LACAN, 1969g/2008, p. 312)

Ou como Lacan afirma, a estrutura da neurose é o empuxo à “*retransformação daquilo que ele sofre o efeito*” (LACAN, 1962b/2011, p. 192), ou seja, do advento constituinte no suporte da função significativa, que marca o apagamento do objeto que o satisfaz, a neurose se utiliza do significante para recobrir e reencontrar o objeto para sempre perdido de sua construção mítica, a fim do gozo, quando é do desejo que se trata. “Assim, o símbolo se manifesta inicialmente como assassinato da coisa, e essa morte constitui no sujeito a eternização de seu desejo”. (LACAN, 1956a/1998, p. 320).

Que o falo seja um significante impõe que seja no lugar do Outro que o sujeito tem acesso a ele. Mas como esse significante só se encontra aí velado e como razão do desejo do Outro, é esse desejo velado do Outro como tal que se impõe ao sujeito reconhecer, isto é, o outro enquanto ele mesmo é um sujeito dividido pela *Spaltung* significante. (LACAN, 1958/1998, p. 700)

É nessa esteira, da *Spaltung* significante que a inscrição do símbolo aponta para a divisão subjetiva – desde a estrutura narcísica das imagens que situam o sujeito no campo do Outro até as radicalidades pulsionais que o resto do desejo determinam na satisfação, como uma duplicidade no aparelho psíquico, que Lacan tende a introduzir a estrutura da neurose ao longo de seu ensino, como na passagem do seminário “*O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*” (1954-55), “*A neurose está sempre enquadrada pela estrutura narcísica. Mas como tal, ela está além, num outro plano*”. (LACAN, 1955a/1985, p. 127), ou retomado na sequência argumentativa do seminário a partir do qual extrai a epígrafe, e que reencontro no seminário “*de um Outro ao outro*” (1968-69) semelhanças com a proposta para a neurose no ensino de Lacan, que aponta para um movimento de interpretação da realidade segundo o pressuposto do desejo como o enquadre que determina a interpretação do *Real*, tal qual o empuxo cujo movimento significante insiste em retornar, pela repetição, na busca do objeto que preenche a reposta diante do enigma do Outro, como a parte faltante de sua estrutura. Ou seja, o objeto fálico como recobrimento do *objeto a*, perdido na inscrição no campo da linguagem, como perda irremediável sobre a qual a neurose encontra sua mola propulsora de significação, e a quota de satisfação que o gozo cifra com a entrada significante:

Com efeito, não é isso que aparece na experiência do neurótico? Preenchê-la pelo mito de uma unidade primitiva, de um paraíso perdido, melhor dizendo encerrado pelo trauma de nascimento, não seria cair nisto que precisamente desempenha um papel na questão do neurótico? Para ele, de fato, trata-se da impossibilidade de fazer o objeto pequeno *a* entrar novamente no plano imaginário, em conjunção com a imagem narcísica. (LACAN, 1969d/2008, p.252)

Sobre a perversão: estado de recobrimento imaginário do objeto.

Na verdade, para designar como estrutura perversa a aparente restauração da integridade do Outro, como sendo aqui o *objeto a*, eu empregaria uma metáfora: ela é como a moldagem imaginária da estrutura significante. (LACAN, 1969i//2008, p. 368)

4.2. Perversão: posição de recobrimento imaginário do objeto

O objetivo dessa seção é *pesquisanalisar a perversão* em sua dimensão de *estrutura*. Contudo, desde a leitura crítica estabelecida nessa tese sobre a teoria de *inscrição no campo da linguagem*, a partir da qual é necessário supor dois cortes lógicos articulados entre as operações fundamentais – *Bejahung* e *Verwerfung* – e os operadores estruturais pelos efeitos de retorno no *RSI*, a *estrutura da perversão* pode ser questionada quanto à legitimidade de suas articulações conceituais próprias e distintivas dos conjuntos da *neurose* e *psicose*, quando consideradas como hipóteses diagnósticas sob transferência.

Em termos de eixo condutor da seção, o leitor encontrará uma retomada das principais afirmações sobre a *perversão* no ensino de Freud, a fim de alcançar as críticas e inflexões que Lacan realiza nas apropriações dos enunciados freudianos, a fim de sistematizar um mapeamento de como a *estrutura da perversão* é teorizada, e sobre quais repertórios teóricos.

A problematização clínica da *estrutura da perversão* encontra seu apoio na distinção entre os termos *estrutura*, *fenômeno* e *moralidade* que subjaz os aspectos transferenciais nesse repertório psicanalítico, e permite assim, apresentar a hipótese da perversão como um estado ou posição que aponta para um recobrimento do objeto destino das pulsões, transitório e passível de se apresentar tanto na *estrutura da neurose* quanto na *estrutura da psicose*. Dessa forma, a proposta de ampliação da leitura dada para as definições estruturais também ocorre em relação à *estrutura da perversão*.

A *estrutura da perversão* é revestida por uma proposição estrutural que se distingue da lógica das estruturas desenvolvidas em relação à neurose e psicose; a *estrutura da perversão* consiste no funcionamento pontual do tratamento subjetivo em relação ao objeto, como um estado sobre o qual há a tendência do registro *Imaginário* tamponar a hiância significativa de modo análogo à ilusão de completude que tal registro imprime na divisão subjetiva *eu* e *sujeito do inconsciente*.

A perspectiva da teoria da negatividade em relação à castração, pelo termo *Verleugnung*, é o principal aspecto teórico indicado pela literatura para explicitar a lógica envolvida na *perversão*, segundo importantes comentadores da teoria lacaniana e freudiana. Essa proposta coaduna com as afirmações de Lacan realizadas, principalmente nos seminários “*A relação de objeto*” (1956-57) e “*As formações do inconsciente*” (1957-58). Porém, em síntese, Lacan realiza uma dupla proposta em relação à perversão: por um lado aponta as consequências de operações derivadas da privação quanto aos destinos do ponto nodal da teoria

do complexo de Édipo, que é utilizado como constante referência na inscrição da metáfora paterna pelo termo *Verleugnung*, e por outro, aponta para o efeito que engessa a substituição significante como resposta à castração, e encontra no suporte *Imaginário* uma forma que recobre o objeto destino da pulsão, denominado *fetice* (DOR, 1989, FERRAZ, 2000; JULIEN, 2002; QUINET, 2003; PORGE, 2006; EIDELZSTEIN, 2008/2017; FARIA, 2010).

Essa posição será apresentada para o leitor, através dos comentadores já sinalizados nessa tese, inclusive nas retomadas das menções dadas por Lacan e Freud sobre a *perversão*. Como se pode acompanhar nas seções do presente capítulo, em relação à *estrutura da neurose* e a *estrutura da psicose*, o recorte dado para a noção estrutural pela via da teoria do Édipo e a inscrição da metáfora paterna, produzem a ilusão de uma referência rígida dada ao repertório estrutural, inclusive, permitindo a comentadores da obra de Lacan a afirmação do abandono desse repertório conceitual para a lógica teórico-clínica das estruturas, em detrimento da lógica borromeana (BATISTA & LAIA, 2012).

Em linhas gerais, no campo psicanalítico, ainda que cada escola e linha de pesquisa se utilize de repertórios conceituais para explicitar as razões epistemológicas de suas interpretações (ROUDINESCO & PLON, 1998), a perversão tende a ser reduzida ao campo das perversões sexuais ou ainda segundo as modalidades de desarranjos do comportamento social, tal qual o sentido do dicionário reserva à palavra *perversão*, e sua herança etimológica na história diacrônica das línguas latinas. “A palavra *perversão* deriva do verbo latino *pervetere* e significa tornar-se perverso, corromper, desmoralizar, depravar. Seu emprego não é privilégio da psicanálise. Tem origem datada de 1444 quando utilizado no sentido de retornar ou reverter, ganhando a acepção de “deplorável”, algo desprezível”. (PIRES & Tal, 2004, p. 44).

O *perverso*, o *fenômeno da perversão* e a *estrutura* englobam, de maneira negligente, num amplo conjunto, três diferentes perspectivas para o problema temático dessa seção, como se pode averiguar na personificação em uma pessoa com o termo *perverso*, a *noção de fenômeno* que seja característico aos derivados dos operadores de funcionamento pelo *fetice* e a própria *estrutura* enquanto sistema de funcionamento desde um campo significante e seus operadores.

Eidelsztein (2008/2017) reafirma a necessidade de se considerar a *estrutura da perversão* como hipótese diagnóstica em relação ao campo da linguagem e da operação sobre a qual se decanta uma reposta subjetiva pelos elementos disponíveis na estrutura, pelos operadores de linguagem ordenados pelos registros *RSI*. Dessa forma, o autor salienta o

deslocamento da noção estrutural da pessoalidade subjetiva, e reafirma a impossibilidade, em psicanálise no ensino de Lacan, de se criar a hipótese de uma pessoa perversa, mas de uma lógica como resposta subjetiva, desde uma materialização no laço com o outro, daquilo que opera no campo do Outro e de sua articulação com o *objeto a*.

Vou acentuar a perspectiva estrutural, o que significa que eu enfatizarei as relações e diferenças entre perversões e neuroses, no mesmo sentido focarei no que a "perversão" indica como uma relação - entre o sujeito, o outro, o Outro, o objeto - e não o que eu poderia dizer sobre propriedades individuais. Vou desenvolver uma teoria estrutural sustentada no ensino de Lacan sobre perversões e não sobre "os perversos" ou "os perversos"¹⁰⁸. (EIDELZSTEIN, 2008/2017, p 199.)

A redução negligente em relação à *perversão* é resultado da distorção que envolve as qualidades morais, os desvios sexuais ou as aberrações de satisfação para além do encontro entre orifícios genitais que os ditames sociais e históricos postulam, tal qual em Freud é possível encontrar ressonâncias sobre a perversão em relação à essas hipóteses psiquiátricas e de senso generalista, no desenvolvimento psicosssexual, e cujas influências dessa lógica atravessaram seu discurso psicanalítico no texto "*Três ensaios sobre a sexualidade infantil*" de 1905.

Considera-se como alvo sexual normal a união dos genitais no ato designado como coito, que leva à descarga da tensão sexual e à extinção temporária da pulsão (uma satisfação análoga à saciação da fome). Todavia, mesmo no processo sexual mais normal reconhecem-se os rudimentos daquilo que, se desenvolvido, levaria às aberrações descritas como *perversões*. (FREUD, 1905/1996, p. 141).

Um desdobramento desse impacto na teoria freudiana, inicialmente, pode ser averiguado na proposta da neurose como o negativo da perversão, no aspecto de que a perversão estaria pautada num modelo de fixação e regressão aos primórdios do desenvolvimento psicosssexual, ao ponto de uma satisfação narcísica e de inversão realizada sobre o objeto destino da pulsão, que, apesar de cumprir a satisfação da pulsão sexual, a eleição do objeto não apontava para uma modalização pulsional complexa como ao final do desenvolvimento. Poder-se-ia ter a ilusão, decorrente dessa concepção, que a estrutura perversa ordena uma racionalidade na qual é possível gozar de uma satisfação plena, para além

¹⁰⁸ Acentuaré la perspectiva estructural, lo que significa que realzaré las relaciones y diferencias entre las persiones y las neurosis, en el mismo sentido me abocaré a lo que "perversion" indica como relación - entre el sujeto, el otro, el Otro, el objeto a -, y no lo que pdría decir sobre propiedades individuales. Desarrollaré [...] una teoría estructural sostenida en la enseñanza de Lacan sobre las persiones y no sobre "el perverso" o "los perversos" (EIDELZSTEIN, 2008/2017, p 199.)

dos impedimentos oriundos da interdição. Se a neurose implica defesas, a perversão seria o negativo dessa lógica, portanto, sem defesas. Trata-se de uma derivação teórica, com pressupostos equivocados, segundo o que Lacan procura sistematizar em seu ensino, (EIDELSZTEIN, 2008/2017, p. 203). Contudo, é fundamental pontuar que Freud revê tal posição após 1920, ponto sobre o qual retornei a seguir.

Nos aspectos teóricos, desde Freud, a *perversão* é atrelada a um sistema similar à *estrutura da neurose* e discutida nos aspectos de respostas dadas aos destinos do complexo de Édipo e ao modo como a castração incide no aparelho psíquico através da operação de negação denominada *Verleugnung*, da constatação da privação materna, cujo principal índice é o fenômeno denominado *fetiche*, sob o quadro do *fetichismo*, como sistematiza Roudinesco & Plon (1998).

O termo *fetiche* é tratado como conceito em praticamente todas as disciplinas de humanidades, desde a psiquiatria, a antropologia, a filosofia, a economia política, a sociologia, a literatura até a religião. Isso conota a multiplicidade de recortes dado ao fenômeno típico da perversão, e o risco de acentuar o caráter de desvio moral, social e sexual dado à tal funcionamento, quando tais campos semânticos atravessam diretamente o repertório psicanalítico para a *estrutura da perversão*.

A transição para os casos de fetichismo com renúncia ao alvo sexual, seja este normal perverso, constitui-se dos casos em que se exige do objeto sexual uma condição fetichista para que o alvo sexual seja alcançado (determinada cor dos cabelos, certas roupas, ou mesmo defeitos físicos. Nenhuma outra variação da pulsão sexual nas raíais do patológico merece tanto o nosso interesse quanto essa, dada a singularidade dos fenômenos a que dá lugar. (FREUD, 1905/1996, p. 145)

As influências da psiquiatria tendem a compor os elementos semiológicos para o quadro pelo viés da normalidade de comportamentos sociais, no que tange a critérios de parâmetros nas relações com os semelhantes e o trato com o corpo do outro, ao tom da moralidade vigente no contexto sócio histórico, ou a partir das condutas das práticas sexuais que um indivíduo estabelece com os objetos que lhe tragam satisfação, sendo esses objetos propriamente objetos da realidade mundana ou partes do corpo próprio ou do corpo do outro.

O caso só se torna patológico quando o anseio pelo fetiche se fixa, indo além da condição mencionada, e se coloca no lugar do alvo sexual normal, e ainda, quando o fetiche se desprende de determinada pessoa e se torna o único objeto sexual. São essas as condições gerais que meras variações da pulsão sexual se transformam em aberrações patológicas. (FREUD, 1905/1996, p. 146)

A tendência é estabelecer uma série de parâmetros e critérios do funcionamento humano, ao tom da curva normal que a matemática evidencia, e situar a *perversão* para os pontos extremos, que o adjetivo *perverso* revela de modo privilegiado. Por um lado, a perversão remete a todos os típicos fenômenos de anormalidades de condutas sociais, como na *psicopatia*, e por outro lado circunscreve as aberrações sexuais e de gênero das práticas da sexualidade humana, como as *parafilias* e os *travestismos*.

O termo *parafilia* é um ótimo exemplo sobre o impacto da racionalidade psiquiátrica na sexualidade humana. Trata-se de uma definição oriunda dos manuais de práticas diagnósticas em psiquiatria, e denota uma configuração a depender dos objetos eleitos na lógica sexual, que sejam não somente desviados dos fins da reprodução da espécie, mas que enfatizam a radicalidade e variação de objetos estranhos aos ditames sociais de uma época. O curioso da definição encontrada em Muribeca (2009) é a dimensão de *sofrimento* imbuída aos que realizam tais práticas de *parafilia*, bem como a associação ao conjunto dos *transtornos*, que, portanto, apontam para o problema da etiologia das definições em psiquiatria.

A ênfase que dou ao aspecto de “sofrimento” das práticas parafilicas me permite levantar uma crítica em relação à crença de que “o perverso” não sofre, e assim goza plenamente do encontro com o objeto. Ou seja, se o perverso, que monta sua lógica em torno de uma parafilia, sofre, então, há um resto quanto ao gozo no encontro o objeto. Apesar da operação de fechamento em torno de um objeto sobre o qual há satisfação, a dimensão de sofrimento me permite afirmar que não há totalidade estrutural na perversão. Quanto ao termo transtorno, o problema incide sobre a racionalidade diagnóstica psiquiátrica, que se distingue da lógica psicanalítica, ponto que não me deterei no momento.

Em consulta ao Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos mentais (DSM IV), encontramos que as parafilias (gosto pelo acessório) são caracterizadas por anseios, fantasias ou comportamentos sexuais recorrentes e intensos que envolvem objetos, atividades ou situações incomuns e causam sofrimento ou prejuízo na vida do indivíduo. Certas fantasias e comportamentos associados com parafilias podem iniciar na infância ou nos primeiros anos da adolescência, mas tornam-se mais definidos e elaborados durante a adolescência e início da idade adulta. Os transtornos tendem a ser crônicos e vitalícios, mas tanto as fantasias quanto os comportamentos diminuem com o avanço na idade em adultos. (MURIBECA, 2009, p. 120)

Como afirma Rudge (2005), a *perversão*, enquanto categoria diagnóstica no escopo psicanalítico, apresenta-se pela imprecisão e, no ensino de Freud, o repertório conceitual específico ao seu funcionamento encontra mudanças consideráveis, bordeando o litoral entre os aspectos psiquiátricos do século XIX ou dos valores morais de determinado contexto sócio histórico, quando se toma como referências diferentes momentos da obra.

As problemáticas teóricas que envolvem a *perversão* estão presentes na obra freudiana de modo insistente desde as primeiras décadas de seu ensino, e no recorte dado na primeira tópica com a divisão do aparelho psíquico, em consciente, pré-consciente e inconsciente, somado com a primeira teoria das pulsões – na dualidade de pulsões sexuais e pulsões de auto conservação, ao que se pode verificar no texto de 1905 “*Três ensaio sobre a sexualidade infantil*”. “[...] o que leva à substituição do objeto pelo fetiche é uma conexão simbólica de pensamentos que, na maioria das vezes, não é consciente para a pessoa. Os trajetos dessas conexões nem sempre podem ser indicados com certeza” (FREUD, 1905/1996, p. 146).

Dos tópicos desenvolvidos em 1905, pela atividade e pela passividade da pulsão, por meio dos conceitos de sadismo e masoquismo, e também sobre a substituição do objeto sexual, pelo fetichismo, como uma operação que encontra na sexualidade infantil a gênese para os comportamentos da sexualidade humana, Freud discute um tipo particular de substituição simbólica; a encontrada pelo *fetiche*, e “*Não obstante, nem sempre esse simbolismo parece independender das experiências sexuais da infância*”. (FREUD, 1905/1996, p. 147).

Nos anos posteriores a 1920, esse giro fica ainda mais evidente, e a teoria do *masoquismo* e a nova dualidade pulsional – pulsão de vida e pulsão de morte, apontam para um momento fundamental da montagem do aparelho psíquico na relação da representação e inscrição do traço primordial com a lógica da fusão e desfusão das pulsões.

O que se iniciara em 1905, com a afirmação de que “*o sadismo e o masoquismo ocupam entre as perversões um lugar especial, já que o contraste entre atividade e passividade que jaz em sua base pertence às características universais da vida sexual*” (FREUD, 1905/1996, p. 150) encontra sua elaboração mais aprofundada por meio de uma operação da simbolização em relação aos destinos dados com à pregnância perceptiva do objeto, cujo horizonte aponta para a eleição de um traço rígido na composição de um objeto destino da pulsão, como se confirma em textos de 1920, como “*Uma criança é espancada: uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais*” de 1919, “*O problema econômico do masoquismo*” (1924) e, o clássico, “*Fetichismo*” de 1927. Nesse último, Freud recupera sua distinção entre neurose e psicose a respeito das duas fases de desencadeamento e processo de divisão do eu e pontua novas considerações a respeito da *divisão do aparelho psíquico* e afirma:

Assim, retornando à minha descrição do fetichismo, posso dizer que existem ainda muitas outras evidências de peso demonstrando que frente à castração feminina, tanto a renegação, quanto a afirmação da castração se infiltram na constituição do fetiche. [...] claro que um fetiche com uma dupla costura dessas – constituída por duas ideias contrárias só pode ser muito mais firme e durável do que os fetiches comuns. Em outros casos, a atitude cindida se manifesta no modo como o fetichista – em realidade ou em fantasia – lida com o fetiche. Além de quase reverenciar o seu fetiche, com

frequência fica evidente que ele o trata como uma representação [*Darstellung*] da cena da castração. (FREUD, 1927/2007, p. 165)

Dessa maneira, o esforço freudiano de compor elementos metapsicológicos para a psicanálise aponta que *“há um giro subversivo que Freud faz operar sobre a noção de perversão como patologia do comportamento sexual, como desvio em relação a uma norma, que determinou o fundamento do campo da sexualidade infantil como sexualidade polimorfa perversa”* (RUDGE, 2005, p. 35), e integrar respostas distintas para a perversão em sua relação com o produto denominado *fetice* que amplia, inclusive a lógica subjacente aos mecanismos fundamentais da divisão do aparelho psíquico na segunda tópica.

Freud, que em 1905, aponta para as dificuldades da inscrição ambivalência do objeto, no que tange a pulsão e seus destinos, e de sua meta, encontra ao final de 1920 o recurso necessário para formalizar a letra que aponta para a marca no aparelho psíquico e nas voltas da experiência de satisfação; o índice para compor uma teoria da representação e o impacto na divisão entre *eu* e *Id*, ou ainda consciente e inconsciente.

Ou seja, da linearidade do desenvolvimento psicosexual que apontaria para a genitalidade como destino final dos desenrolares do circuito pulsional, Freud permite uma reorientação implícita do funcionamento da pulsão e do objeto sexual como destino das pulsões, para além dos objetos mundanos e da realidade corporal-sexual. Trata-se do circuito pulsional e de sua relação com o representante da representação, como uma proposta de aparelho psíquico que tende a produzir sentido, essencialmente *Simbólico* na substituição metafórica ou essencialmente condensado em imagens como no *fetice*, para o inominável da pulsão, como dois circuitos fundamentais do aparelho psíquico.

De modo privilegiado o problema das perversões permite a Freud refinar sua teoria sobre identificação e idealização do objeto de amor, iniciada em 1921 com *“Psicologia de grupo e análise do ego”*, pontuando a fundamentação da entrada da palavra no tratamento da castração, e toda a sorte de problemas que se apresentam em relação à introjeção da cultura e da lei, no aparelho psíquico, desde *“Totem e Tabu”* (1913), pelas articulações das instâncias do ego e do superego, e vice-versa, em relação às pulsões advindas do *Id*.

As consequências para o aparelho psíquico dessas inscrições de entrada no campo da cultura, em Freud, apontariam para a unificação das pulsões parciais e eleição de um objeto genital, heterossexual e com finalidade a reprodução, em contraponto ao aspecto perverso-polimorfo das metas e destinos da pulsão dos momentos pré-genitais. A tese da renúncia de um aspecto libidinal como condição para a vida em civilização incide na perversão como uma

questão: o perverso seria aquele que não renuncia, mas encontra em um único objeto sua satisfação libidinal, coadunando integralmente com a lei social ou recusando-a?

É justamente sobre esse ponto que os psicanalistas se dividem. Para alguns, a perversão seria a persistência de uma fixação em uma pulsão parcial; ela seria o sinal de um atraso no desenvolvimento e na evolução para a pulsão genital. Ela se definida por uma parada (*ein Verweilen*) em tal prazer dito preliminar, mas que nada tem de preliminar. A transformação pelo Édipo não teria acontecido. Mas Freud não nos indica que a perversão só é concebível articulada por, com e no complexo de Édipo? (JULIEN, 2002, p. 104)

A temática das pulsões é colocada em seus aspectos de parcialidade e amalgamento no desenvolvimento psicosexual, sob a intenção de explicitar a função do aparelho psíquico em relação à sexualidade humana, no que tange à possibilidade de identificar-se em uma posição masculina ou feminina, e simultaneamente, a eleição do objeto sexual, alvo destino das pulsões.

O estudo das perversões recoloca essa temática entre 1905 e 1919 de modo privilegiado, no ensino freudiano, deslocando-a definitivamente da patologia e aberração sexual, para uma perspectiva econômica entre instâncias do aparelho psíquico, pelos termos masoquismo e sadismo originais. Dessa maneira, Freud discute pelas variações da atividade e passividade, as relações de assunção das posições masculina e feminina na subjetividade, tendo em vista que a sexualidade não encontra sua representação no inconsciente, amplamente discutida nos textos “*Uma criança é espancada – uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais*” (1919) e “*O problema econômico do masoquismo*”¹⁰⁹ (1924), e que permitem afirmar as lógicas da representação e do objeto na economia do aparelho psíquico, e as referências da moralidade para além das representações míticas do complexo de Édipo. Mas vale pontuar como tal recurso já se encontrava presente em 1905.

[...] a designação de “masoquismo abrange todas as atitudes passivas perante a vida sexual e o objeto sexual, a mais extrema das quais parece ser o condicionamento da satisfação ao padecimento da dor física ou anímica advinda do objeto sexual. O masoquismo enquanto perversão parece distanciar-se mais do alvo sexual normal do que sua contrapartida; em primeiro lugar, pode-se pôr em dúvida se ele aparece alguma vez como fenômeno primário, ou se, pelo contrário, surge regularmente do sadismo mediante uma transformação. É frequente poder-se reconhecer que o masoquismo não é outra coisa senão uma continuação do sadismo que se volta contra a própria pessoa, que com isso assume, para começar o lugar do objeto sexual. (FREUD, 1905/1996, p. 150)

¹⁰⁹ A proposição de três formas de masoquismo é desenvolvida em torno do masoquismo *erógeno, feminino e moral*. Os detalhamentos realizados por Freud no texto de 1924 me permitiria costurar inúmeras inflexões em relação à perversão. Contudo, a elaboração das consequências do complexo de Édipo e a inscrição da moralidade no aparelho psíquico já me serve de apoio para os propósitos da seção, a saber, que a teoria estrutural (desde Freud) já está duplamente alicerçada na experiência do mito familiar pela teoria do complexo de Édipo e da linguagem e sua inscrição da representação como índice no inconsciente do representante da representação.

A referência ao masoquismo primário, sob a evidência de um momento privilegiado na fusão e des fusão das pulsões como operação subjacente à pulsão de morte e inscrição da representação do objeto perdido, é possível afirmar que no texto de 1924, Freud relaciona representação e pulsão na perspectiva da inscrição da referência ao representante da representação, como uma espécie de destruição do objeto para que a palavra circule no sentido, e por outro lado, o atravessamento da satisfação libidinal para sempre atravessada por uma operação inconsciente e impossível de ser satisfeita totalmente, a não ser na lógica da fantasia.

O conceito de sadismo oscila na linguagem corriqueira, desde uma atitude meramente ativa ou mesmo violenta para com o objeto sexual até uma satisfação exclusivamente condicionada pela sujeição e maus-tratos a ele infligidos. Num sentido estrito, somente este último caso extremo merece o nome de perversão. (FREUD, 1905/1996, p. 150)

Após 1920, sob o enfoque da dualidade pulsional em de *vida* e de *morte*, Freud operacionaliza uma inserção de fundamentos da perversão como operações fundamentais para o nascimento do aparelho psíquico, como o masoquismo e o sadismo vinculados ao aparecimento de instâncias da segunda tópica, tal qual o *Superego* passa a ser um operador dessa articulação primordial, já iniciada com outros termos desde o texto de 1914, “À guisa de introdução ao narcisismo” com a referência crítica do *ideal de eu*, em seu apoio na simbolização das referências para o *eu*, como a *consciência moral*, que se situa como o senso crítico de referência ao encontro com o objeto e os valores culturais internalizados no aparelho psíquico.

Dessa forma, o masoquismo moral é um perfeito testemunho da existência de uma fusão pulsional. Por um lado, sua periculosidade deriva de sua origem na pulsão de morte, daquela parcela que escapou de ser direcionada para fora sob a firma de pulsão de destruição, mas, por outro, o masoquismo moral também representa [*Bedeutung*] um componente erótico, portanto, podemos finalizar afirmando que, mesmo no processo de autodestruição do sujeito, não poderá faltar uma satisfação libidinal. (FREUD, 1924b/2007, p. 115)

Na *estrutura da perversão*, tendo em vista a similaridade com que Freud e Lacan discutem em sua obra com a *estrutura da neurose*, recupero a formulação sobre a inscrição no campo da linguagem com a articulação entre a *Bejahung* e a operação de negatividade denominada *Verleugnung*, tal qual desenvolvi no capítulo anterior.

Ainda assim, deslizando entre formulações sobre o *fenômeno perverso*, desde o parâmetro ético das moralidades vigentes, ou das teorias de defesa frente à castração, os discursos de lacanianos tendem à confusão entre os aspectos de fantasia e da lógica do

fantasma presentes aos campos da *neurose* e da *perversão*, tendo em vista os aspectos de similaridade negativa diante da *Bejahung* fundamental. “A *perversão*, portanto, não deve ser classificada como uma categoria do instinto, de nossas tendências, mas deve ser articulada, precisamente, em seus detalhes, em seu material, e, para dizer a palavra exata, em seu *significante*” (LACAN, 1958d/1999, p. 239).

Há a tendência em se supor uma *estrutura perversa*, sob transferência, que é menos pautada por uma lógica discursiva e mais pelos horrores dos atos que assombram o analista a depender do conteúdo na fala de um analisante. Entendo que esse seja uma das maiores preocupações de Lacan ao longo do discutido no seminário “*de um Outro ao outro*” (1968-69), a ponto de afirmar: “*Olhando de uma certa distância, tudo isso é da alçada de referências técnicas cujos impasses, afinal, parecem só decorrer, talvez, de uma certa tapeação sofrida pela teoria, com respeito ao próprio terreno a que é preciso aderir, seja no neurótico, seja no perverso*” (LACAN, 1969d/2008, p. 243).

Essa tendência argumentativa de Lacan aparece desde a década de 1950 até em meados de 1970, no seminário “*Mais, ainda*” (1972-73). A semelhança dos desenvolvimentos realizados por Lacan na década de 1970 em relação às décadas anteriores, novamente nos aponta a regularidade com que ele procura retomar os mesmos problemas, sob perspectivas diferentes, a fim de alcançar os psicanalistas que o escutavam.

Só que a gente teve, na sequência, oportunidade de perceber que as perversões, tais como a gente crê demarcá-las na neurose, não é isto de modo algum. A neurose é mais o sonho do que a perversão. Os neuróticos não têm nenhum dos caracteres do perverso. Simplesmente sonham com eles, o que é muito natural, pois, sem isto, como atingir o parceiro? (LACAN, 1973d/2008, p. 117)

Sob o intuito de discutir a desproporção no encontro sexual na realidade humana, e as consequências da teoria do gozo em psicanálise, apontando para a gênese das fórmulas da sexuação, Lacan recupera o problema da perversão em relação à neurose, iniciado na década de 50, sob a topologia negativa e realização da fantasia. Procura esvaziar que a perversão se assenta pelo recorte dado a partir da neurose, e afirma, numa condensação complexa com o termo “*almoralidade*” (LACAN, 1973d/2008, p. 117) tal qual uma amarração imaginária que o estado perverso permite cingir na estrutura: uma cola entre o buraco da alma, na referência da moralidade que o muro da linguagem concretiza na função *significante* pelo corte operado na subjetividade.

Os perversos, a gente começou então a encontrá-los, são aqueles que Aristóteles não queria ver a nenhum preço. Há neles uma subversão da conduta apoiada num saber-

fazer, o qual está ligado a um saber, ao saber sobre a natureza das coisas, há uma embreagem direta da conduta sexual sobre o que é sua verdade, isto é, sua amoralidade. Ponham alma nisso na partida - a *almoralidade* ... (LACAN, 1973d/2008, p. 117)

Dessa forma, o intuito de recuperar as principais referências para a lógica da *estrutura da perversão* no ensino de Lacan coaduna com uma preocupação teórico-clínica do próprio autor, a fim de descola-la da pregnância fenomenológica que liga tal estrutura ao pior da moralidade em psicanálise, e posiciona-la por meio das referências ao campo da linguagem e os três registros *RSI* no suporte da função significante em relação ao *objeto a*. A permanência desse conjunto conceitual e validade dessa proposta pode ser confirmada com a citação de Lacan no seminário “*de um Outro ao outro*” (1968-69) e com referência direta aos momentos iniciais de sua obra, como o conhecido momento estrutural.

[...] se tomarmos as coisas a partir do nível que nos permitiu articular o retorno à terra firme de que nada acontece na análise que não deva se referir ao status da linguagem e à função da fala, obteremos este referencial que fiz, num certo ano, sob o título de As formações do inconsciente. (LACAN, 1969d/2008, p. 243)

Recuperar a *estrutura da perversão* em termos teórico-clínicos, sob o arcabouço que apresento nessa tese, é desvincular radicalmente o diagnóstico dos aspectos fenomenológicos e recuperar o retorno de Lacan à proposição do inconsciente como objeto privilegiado da psicanálise em suas relações com a função significante e com o *objeto a*, considerando os três registros *RSI* no suporte da significação. Inclusive, posso antecipar que a função imaginária na concatenação significante é peça fundamental para a subjetividade se situar no campo discursivo, como o próprio operador *i(a)* aponta para a gênese das funções do *eu*. Porém, essa pregnância imaginária na cadeia significante tem o efeito colateral da ilusão de totalidade, tanto na via do encontro com o objeto quanto na articulação de corte que se opera com o significante na divisão *ser e sujeito*. É nessa esteira que é possível encontrar indícios em Lacan, de que se trata de uma posição marcada pelo engano, pela crença, pela fé (EIDELSZTEIN, 2008/2017, p. 200).

Se a perversão tem em sua estrutura o empuxo a ordenar seu funcionamento sob o registro *Imaginário* diante do *Real*, no enlace entre S_1 e S_2 , pode-se aventar que a *estrutura da neurose* e a *estrutura da psicose* tem um estado perverso de funcionamento?

Ao considerar que as *estruturas clínicas* deva incluir em sua lógica diagnóstica tanto a modalidade de inscrição da subjetividade no campo do Outro, através de uma operação primordial, e cujo retorno dos operadores estruturais incidem sobre o arranjo significante em

seus suportes nos três registros *RSI* quanto no tratamento significativo do o mal estar no ato de fala dirigido ao analista, a *perversão* revela-se problemática pelos aspectos teóricos, por não haver operação e retorno que lhes sejam exclusivamente particulares a tal conjunto, e pela dimensão clínica, quando se afirma com recorrência que a *estrutura da perversão* não se apresenta na lógica transferencial, exatamente pela condição estrutural de não interrogar seu sofrimento e endereçar ao outro um saber seu mal estar, pela resposta imaginária suturar a hiância entre S_1 e S_2 , como Lacan menciona “*ela é como a moldagem imaginária da estrutura significativa*” (LACAN, 1969/2008, p. 368).

A definição de *estado* ou *posição*, enquanto fundamento *estrutural da perversão*, visa a responder não só aos aspectos teóricos envolvidos nos cortes lógicos definidos nessa tese, para as estruturas clínicas, mas também as questões clínicas que os operadores estruturais levantam sobre a validade dessa definição em termos fenomenológicos encontrados sobre transferência. Não raro, os fenômenos considerados perversos recaem sobre a leitura moral do código social de uma época, ou ainda sob a vertente da maturação genital do objeto de satisfação para a pulsão. É com Lacan que ambos aspectos teórico-clínicos podem ser revisitados, e, assim, levantar suposições sobre a *perversão* em sua definição de *estrutura*.

Nessa esteira, a *estrutura da perversão* é uma das categorias da diagnóstica clássica mais controversa no campo psicanalítico, tendo em vista considerações teóricas e clínicas. A dificuldade em compor uma proposta teórica específica e de elementos clínicos que lhes sejam próprios imputam à semiologia da *perversão* aos avatares de critérios sociais na conduta do laço com outro semelhante, tanto na perspectiva das boas maneiras quanto nas práticas sexuais. “*O que é a perversão? Ela não é simplesmente aberração em relação a critérios sociais, anomalia contrária aos bons costumes, a critérios naturais, isto é, que ela derroga mais ou menos a finalidade reprodutora da conjunção sexual. Ela é outra coisa na sua estrutura mesma*” (LACAN, 1954h/1986, p. 252).

Para Lacan, trata-se da própria lógica significativa e de sua função na estrutura psíquica do que, na década de 1950, ordena-se pela *estrutura da perversão* em seu caso paradigmático, o *fetichismo*.

Todas as perversões põem sempre em jogo, por algum lado, este objeto significativo na medida em que ele é, por sua natureza e por si mesmo, um verdadeiro significativo, isto é, algo que não pode em caso algum ser tornado por seu valor aparente. Quando se o apreende, quando se o encontra e se fixa nele definitivamente, como é o caso na perversão das perversões, que chamamos de fetichismo - é ela realmente, que mostra não apenas onde ele de fato esta, mas o que ele é, o objeto é exatamente nada. É uma roupa velha usada, uma roupa que não serve mais. Isso é o que se vê no travestismo: um sapatinho usado. Quando ele aparece, quando se revela realmente, é o fetiche. (LACAN, 1958c/1999, p. 198)

Desde o enunciado amplamente reafirmado na tese, sobre os dois cortes lógicos que proponho em relação à lógica das estruturas clínicas, pelas operações fundamentais e os efeitos de retorno na estrutura, reafirmo que os operadores derivados da *Verleugnung* apontam para a proposta da *perversão como um estado ou posição do recobrimento imaginário do objeto*, ou como afirma Lacan, “*como a moldagem imaginária da estrutura significante*” (LACAN, 1969i/2008, p. 368), E complemente: “*E se a teoria analítica qualificou de perverso polimorfo tal modo ou sintoma do comportamento da criança, é na medida em que a perversão implica a dimensão da intersubjetividade imaginária*” (LACAN, 1954g/1986, p. 249).

A *pesquisanálise* da obra de Lacan, no eixo da *perversão*, permite um fundamento propositivo para tal *estrutura* como um *estado* ou *posição* que aponta para uma lógica de *recobrimento do objeto em sua dimensão essencialmente imaginária*. Essa é a principal contribuição da seção para o leitor. A definição do *fetiche*, como fenômeno fundamental e elementar da estrutura precisa ser *pesquisanalisado*, a fim de esclarecer suas formações essenciais, e distintivas em relação à fantasia no que toca a definição de *sintoma* na neurose ou de *delírio* na psicose, pelos aspectos imaginários de recobrimento do objeto. Lacan sintetiza: “*O termo imaginário, aliás, parece render mais serviços do que o termo fantasia, que seria impróprio para falar das psicoses e perversões*”. (LACAN, 1958b/1999, p. 169)

Eis o que fornece o sentido da pretensa perversão situada no princípio da neurose. Ela existe no inconsciente do neurótico como fantasia do Outro. Mas isso não quer dizer que, no perverso, o inconsciente esteja plenamente a céu aberto. Também ele se defende à sua maneira, em seu desejo. Pois o desejo é uma defesa, proibição de ultrapassar um limite no gozo. (LACAN, 1960c/1998, p. 839)

Entendo que nesse ponto torna-se fundamental recuperar os desdobramentos da teoria do complexo de Édipo sobre a lógica subjacente que tal teoria explicita o funcionamento da perversão, ainda que tal teoria possa ser concebida exclusivamente pelo tom desenvolvimentista e relacional da materialidade do bebê com a mãe. Contudo, advirto, que proponho uma aresta puramente lógica desse momento, tal qual a própria inscrição da subjetividade no campo da linguagem. Ainda que haja a necessidade do outro no cuidado do *infans*, pontuo que as articulações que advém da assunção fálica – imaginária e simbólica, na interpretação do ser e ter o falo, como operadores significantes no campo do Outro, são o principal horizonte dos parágrafos seguintes, ao tom da passagem do apelo para a demanda de amor.

Todo o problema das perversões consiste em conceber como a criança, em sua relação com a mãe, relação essa constituída na análise, não por sua dependência vital, mas pela dependência de seu amor, isto é, pelo desejo de seu desejo, identifica-se com o

objeto imaginário desse desejo, na medida em que a própria mãe simboliza o falo. (LACAN, 1956e/1998, p. 561)

Em Lacan, o ponto nodal da teoria do complexo de Édipo para a *estrutura da perversão* inicia-se no seminário “*A relação de objeto*” (1956-57) está concentrado, especificamente, no que ele denominou de segundo tempo do complexo. O que está em jogo nesse segundo tempo¹¹⁰ é a modalidade de tratamento do objeto e a incidência da falta, em relação aos três registros *Real*, *Simbólico* e *Imaginário*. especificamente em relação aos destinos dados para a operação da privação, como distintiva da frustração e da castração, pelo fato de que ela aponta para a distinção entre *Imaginário* e *Real*, e assim, engendra a possibilidade de tratamento *Simbólico* do objeto. “*Quando falamos de privação, trata-se de objeto simbólico, e de nada mais*” (LACAN, 1957a/1995 p. 38).

O corte que a operação da privação realiza na estrutura marca a própria condição da castração, tendo em vista o desdobramento, a *posteriori* e simultâneo – numa temporalidade paradoxal, a inscrição da falta no campo do Outro e no campo da subjetividade, e o significante que responde a essa falta. Do desejo materno S_1 ao nome-do-pai, S_2 , retornamos a metáfora paterna, já desenvolvida anteriormente, sobre a incidência da lei e da introjeção da lógica significante que recorta o mistério do laço humano, para além das respostas instintuais.

A constatação da falta convoca a cadeia significante, a fim de significar a posição em relação ao campo do Outro, tal qual um deslizamento de S_1 para S_2 . O significante *Nome-do-pai* como resposta ao *desejo da mãe*, e assim, escreve-se sede para a narrativa da significação fálica, na subjetividade, e o enredo do desejo como uma interpretação da marca da falta e a reposta fálica, num corte seco que recorta o *Real*, e abre fenda para a subjetividade, nos desenrolares metonímicos e metafóricos, dos enlaces *Imaginário* e *Simbólico* do significante, quando a realidade do desejo passa a ser a própria realidade do sujeito.

A perversão é a estrutura do sujeito para quem a referência da castração, isto é, o fato de a mulher se distinguir por não ter o falo, é tamponada, mascarada, preenchida pela operação misteriosa do *objeto a*. trata-se de uma maneira de evitar a hiância radical, na ordem do significante, representada pela castração. (LACAN, 1969e/2008, p. 285).

¹¹⁰ Como o leitor já deve ter correlacionado esse ponto com o apresentado no capítulo anterior sobre as operações fundamentais, eu diria que o ponto nodal do complexo de Édipo é o tempo da inscrição no campo da linguagem, tal qual a articulação dos dois cortes propostos pela operação primordial de inscrição via *Bejahung* ou *Verwerfung*; como o momento fundamental descrito na teoria do estádio do espelho pelo ato de identificação a uma imagem, ou da teoria da alienação na identificação a um significante que situa o sujeito no campo do Outro. Trata-se do tempo fundamental do corte significante – como índice para o duplo corte proposto nessa tese.

Essa teoria, como articulei sobre a *estrutura da neurose*, explicita a gênese dos operadores de linguagem no grafo do desejo. Contudo, a teoria do complexo de Édipo que serve de ponto basal para a assunção da estrutura simbólica da concatenação significativa na neurose, é utilizada como a referência também para a *estrutura da perversão*, de modo unânime. “*Com efeito, o fato de que o falo esteja implicado como significativo na relação do sujeito com o outro faz com que ele possa ser buscado nesse além do abraço do outro em que se esboça toda espécie de forma típica mais ou menos acentuada no sentido da perversão*” (LACAN, 1959b/2016, p. 219).

A lógica do fantasma e o apoio com que a fantasia fundamental realiza para a lógica do desejo apontam para diferenças desses operadores na neurose e na perversão, ainda que tais elementos não sejam suficientes para situar as diferenças estruturais entre elas. É necessário supor que haja uma estrutura que situa diferenças de funcionamento para além do fenômeno, e, portanto, demanda a proposição da disposição com que os três registros *RSI* recobrem o espaço entre os significantes, quando esses estão dispostos sob os efeitos da *Bejahung*. “*A base e o princípio da estrutura perversa estão em evitar isso, provendo esse Outro, como assexuado, de alguma coisa que substitua a falta fálica*”. (LACAN, 1969e/2008, p. 285).

É dessa proposição que Lacan afirma no seminário “*O desejo e sua interpretação*” (1958-59): “*Também no perverso, é claro, trata-se de uma hiância. Do mesmo modo, só pode tratar-se do sujeito representando seu ser no corte, já que esta é a relação subjetiva fundamental. A única questão, portanto, é saber como, no perverso, esse corte é vivido, é suportado*”. (LACAN, 1959f/2016, p. 491).

Na *perversão*, trata-se da prevalência da lógica fálica sob o suporte *Imaginário* de sua significação na relação entre sujeito e Outro, incidindo num *eu* como objeto privilegiado da resposta ao enigma do “*O que sou para o Outro?*”, como resposta tal qual um sentido estrito produz o amalgamento no signo linguístico, entre significante e significado.

É verdade, ninguém sabe o que é esse buraco. Que o buraco seja o que se acentua no plano corporal em todo pensamento analítico, isso é tapa buraco. Não é claro. De fato de ser o orifício a que está suspenso tudo que há de pré-edipiano, como se diz, que toda perversidade se orienta, esta de toda nossa conduta, integralmente, é bem estranho! Não é isso que esclarecerá a natureza do buraco. (LACAN, 1975f, p. 56)

Diante do campo da linguagem, em que o significante implica o aspecto de sem sentido ou diferença radical em sua definição, há tanto um tratamento de linguagem para esse resto no encontro com o sentido que o significante impõe à estrutura, no laço entre um corpo e o Outro, quanto a abertura para a uma incessante reincidência desse resto, que não cessa de não se

inscrever, “[...] *sendo o gozo o termo que só se institui por sua evacuação do campo do Outro, por isso mesmo, da posição do campo do Outro como lugar de fala*” (LACAN, 1969d/2008, p. 240).

É sobre essa dimensão *Real* do significante que o Gozo se articula na estrutura, como o próprio buraco e vazio da causa da subjetividade na humanidade, que em 1949, aparece na obra de Lacan como “*prematuração específica do nascimento no homem*” (LACAN, 1949/1998, p. 100) ou do buraco que está recortado pela estrutura significante no seminário “*RSI*” (1975-76), “*o que é um buraco se nada o cinge?*” (LACAN, 1975d, p. 33).

[...] $S(\bar{A})$. É o significante pelo qual aparece a incompletude intrínseca do que se produz como lugar do Outro, ou, mais exatamente, do que, nesse lugar, traça o caminho de um certo tipo de engodo absolutamente fundamental. O lugar do Outro como esvaziado de gozo não é apenas um lugar desobstruído, um círculo calcinado, um espaço acessível ao jogo dos papéis, como é também algo que, por si só, estrutura-se pela incidência significante. É exatamente isso que introduz nele essa falta, essa barra, essa hiância, esse furo que pode distinguir-se do título de *objeto a*. (LACAN, 1969d/2008, p. 244)

Se relacionarmos esse ponto com o grafo do desejo, encontramos a referência direta ao $S(\bar{A})$ como o *matema* que circunscreve a dimensão assemântica do significante, ou ao registro *Real* no campo da linguagem, como Lacan realizou nos seminários “*Lógica do fantasma*” (1966-67) e “*de um Outro ao outro*” (1968-69), sustentando a mesma tese para a perversão; a saber, que diante do $S(\bar{A})$, há uma inversão da fantasia na qual o *objeto a* encontra-se amalgamado à posição do sujeito na cadeia significante como resposta à pergunta “*Che vuoi?*”, como uma forma de recobrir o sem sentido da resposta, apontando de fato uma resposta única ao gozo do Outro. “[...] *O perverso é aquele que se consagra a tapar o buraco no Outro*” (LACAN, 1969b/2008, p. 245), ou como Lacan procura sistematizar da relação do sujeito em sua relação de causa pelo ausência do objeto que lhe causa a marca de um traço é a de “*restituir o Outro – ou seja, ao campo de onde eles partem – esses efeitos pequeno a no imaginário, isso é a perversão*”. (LACAN, 1969d/2008, p. 292).

Como eu lhes disse, o que defino como perversão é a restauração como que primordial, a restituição do a ao campo do A. A coisa é possibilidade pelo fato de o a ser um efeito da captação de alguma coisa primitiva, primordial. Porque não haveríamos de admiti-lo, desde que não façamos disso um sujeito? plenitude. (LACAN, 1969e/2008, p. 283).

Há um resto que se decanta da relação do sujeito com o Outro, independente da estrutura, e a angústia é o principal índice desse resquício que a entrada no campo significante aponta para a lógica estrutural que nunca é toda recoberta pela linguagem, que a fórmula do

fantasma explícita de modo privilegiado (LACAN, 1962c/2005, p. 59). “*Esse é um dos aspectos em que pode aparecer o a tal como ilustrado na perversão. Essa demarcação no nível do masoquismo não esgota, de maneira alguma, o que só podemos delimitar ao contorná-lo, ou seja, a função do a*” (LACAN, 1963a/2005, p. 120).

Para jamais apreender senão de modo parcial e, se posso dizer, na perspectiva, eu não direi do perverso ... (porque, verdadeiramente, pode-se dizer que os psicanalistas aí não compreendem nada, não há um deles, recentemente, que tenha colocado essa espécie de equação, a esse respeito, que ele não poderia, ao mesmo tempo - o perverso - ser sujeita e gozo, e que, na medida em que fosse gozo, não seria mais sujeito. O perverso permanece sujeito em todo o tempo do exercício do que ele coloca como questão ao gozo; o gozo que ele visa é o do Outro, enquanto *ele* é talvez o único resta d'Ele, mas ele o questiona por uma atividade de sujeito. (LACAN, 1967e/2008, p. 393)

A posição do resto, com o *objeto a*, na estrutura subjetiva pelo fantasma fundamental, $\$ \diamond a$, está articulado diretamente com a resposta possível diante do encontro com a dimensão *Real* na constituição subjetiva, cuja pulsão, pressiona o aparelho psíquico ainda que o significante recorte a necessidade como uma inscrição de demanda pelo *matema* $\$ \diamond D$. Assim, Lacan afirma que a pulsão não é perversa, mas a dimensão da estrutura perversa aponta para uma inversão de inversão do fantasma diante da demanda. Trata-se de “*propriamente falando um efeito inverso da fantasia. E o sujeito que se determina a si mesmo como objeto, em seu encontro com a divisão da subjetividade*”. (LACAN, 1964d/2008, p. 185).

É dessa concatenação que advém a afirmação de que a *estrutura da perversão*, na conjugação da operação primordial e efeito de retorno nos operadores estruturais, produz uma *recobrimento Imaginário do objeto*, que o *fetice*, conceitualmente, aponta de modo privilegiado, articulando a substituição entre S_1 e S_2 , mas recoberto por uma pregnância imaginária como uma cortina que, temporariamente, esconde a dimensão da castração significante e do vazio do objeto.

Dessa forma, a operação que o *fetice* evidencia aponta para uma substituição distinta aos efeitos da metáfora paterna na significação da subjetividade, exatamente no enlace entre S_1 e S_2 , obstruindo a posição do sujeito em sua articulação com o lugar do *eu*, “*tal como a vemos comandada pelo inconsciente, uma significação que só é evocada pelo que chamamos de metáfora, precisamente a metáfora paterna*” (LACAN, 1956e/1998, p. 561). E como Freud havia formulado, “[...] *o fetice é um substituto do pênis da mulher (da mãe) em que o menininho outrora acreditou e que – por razões que nos são familiares – deseja abandonar*” (FREUD, 1927/2007, p.159).

Nessa esteira, a despeito da possibilidade de simbolização operar no sistema psíquico, pelos efeitos de substituição do objeto sexual encontrados na perversão, a eleição de traço perceptivos para compor o objeto destino da pulsão tende a formatar pares de opostos típicos como quadros exemplares da *perversão*, tendo o *fetice* como elemento balizador para esses fenômenos duais e articulados, em relação ao objeto destino da pulsão e as práticas sexuais, denominado por *sadismo-masiquismo*, *exibicionismo-voyeurismo* e o *fetichismo* propriamente dito, desde 1905.

O substituo do objeto sexual geralmente é uma parte do corpo (os pés, os cabelos) muito pouco apropriada para fins sexuais ou então um objeto inanimado que mantém uma relação demonstrável com a pessoa a quem substitui, de preferência com a sexualidade dela (um artigo e vestuário, uma peça íntima). Comparou-se esse substituo, não injustificadamente, com o fetice em que o selvagem vê seu deus incorporado. (FREUD, 1905/1996, p. 145)

A dimensão da *estrutura perversa* está calcada no modo como o sujeito responde e se posiciona diante do *Real*: num empuxo *Imaginário* ao recobrimento de tal posição, como um objeto de gozo para o Outro, ao ponto de tamponar a divisão subjetiva. Como se o campo do Outro –como lugar da fala – e a incidência do *objeto a* – como equivalente do gozo – estruturam-se numa topologia em que A e S($\bar{A}$) estivessem situados sob o mesmo ponto, no que tange ao recobrimento da falta no campo do outro pelo próprio objeto faltante diante do campo do Outro. Uma dupla negação.

Ora, existe uma estrutura psíquica que restaura o Outro, digamos, em sua aparente integridade, e que se baseia numa relação efetiva o S (A) como não marcado pelo que designa a barra do S($\bar{A}$), o significante do Outro barrado, situado no alto e à esquerda em nosso grafo, e que não é outra coisa senão a identificação da estrutura indefinidamente repetida que é designada pelo *objeto a*. É a estrutura perversa. (LACAN, 1969i/2008, pp. 367-68).

Eis a lógica significante e a lógica do Gozo aparentemente encontram-se sobrepostas como estratégia diante do *Real*, pelo suporte *Imaginário* do significante em relação ao referente, tendo em vista que o enlace da subjetividade com o campo da linguagem, na teoria da constituição, aponta para um traço único que situa a singularidade no significante que é endereçado ao corpo pulsional. É desse *Um* que a *estrutura da perversão* encontra o amalgamento no significante, como uma consistência que elimina, temporariamente, o vazio do campo. “*O mesmo se dá com o perverso. Ele é justamente o significante do A intacto, S (A), como eu lhes disse. As pessoas se esforçam por reduzi-lo ao s minúsculo do mesmo A*

maiúsculo, é sempre a mesma história, para que isso queira dizer alguma coisa". (LACAN, 1969j/2008, p. 385).

Que o de que se trata no nível da perversão é isso: é que é na medida em que o Um, presumido, não do ato, mas da união (do pacto, se querem), sexual, na medida em que esse Um é deixado intacto, em que a partição não se estabelece, que o sujeito dito perverso vem encontrar no nível desse redutível que ele, desse pequeno a original – seu gozo. (LACAN, 1967f/2008, p. 421)

Dessa maneira, a concepção de inconsciente, como campo da linguagem no qual se situam todos os significantes na concatenação do sentido, como tesouro dos significantes, e inclui o furo assemântico que impede a significação final do *ser* em relação ao campo da linguagem, num único significante que situe o sujeito na bateria de significantes. Ou seja, o grande Outro (A) como sede dos significantes em sua articulação inclusiva do furo que marca o lugar do *Real* significante mantém-se como o campo, a partir do qual a subjetividade se inscreve, e cujo destino da dimensão *Real* desse campo é possível engendrar a singularidade, como operação de inscrição da lógica estrutural.

Se na *estrutura da neurose* o nome-do-pai responde como significante privilegiado à dimensão assemântica do significante desejo materno, tem-se que a significação fálica permite situar um ponto de estofo na significação no campo do Outro, como uma versão significante da posição do sujeito na estrutura, quando seu ponto inaugural remete ao próprio vazio de sua condição. A entrada no campo da linguagem que articula a *Bejahung*, tal qual neurose, com a *Verleugnung*, como uma das operações que caracteriza a perversão em sua dimensão de estrutura, é possível afirmar que o significante que designa o *Real* na concatenação significante, e apontaria para o lugar no qual o sujeito encontra seu efeito na retroação, é, pois, costurado como resposta imaginária que tampona o furo de sua própria causa, numa versão consistente daquela que o nome-do-pai permite na neurose.

A articulação desse encontro com o furo do campo do Outro e sua negação, como índice da perda da entrada na linguagem, é o que permite a particularidade do sujeito no laço com o outro, mas cuja diferença está na consistência dessa resposta diante do Outro a depender da estrutura de linguagem em relação ao objeto, afirmando e recalcando a falta constitutiva, ou recusando e suturando-a radicalmente, ou pela neurose e psicose, respectivamente na fantasia – ($\$ \diamond a$), ou no delírio com a costura entre $S_1 S_2$.

Pra dizer as coisas sumariamente, quando se trata do perverso ou do psicótico, a relação da fantasia ($\$ \diamond a$) institui-se de tal modo que o *a* fica em seu lugar do lado do *i(a)*. Nesse caso, para manejar a relação transferencial, de fato temos que tomar a nós o *a* de que se trata, à maneira de um corpo estranho, de uma incorporação da qual

somos o paciente, porque o objeto causa de sua falta é absolutamente estranho ao sujeito que nos fala. (LACAN, 1963c/2005, p. 154)

Da relação entre S_1 e S_2 , o S_2 aponta para uma versão imaginarizada da resposta ao enigma posto pelo S_1 , como uma possibilidade de aproximação com o *père-version* de Lacan entre os seminários “*Os tolos não erram / os nomes do pai*” (1973-74), “*RSI*” (1974-75) e em “*O Sinthoma*” (1975-76). Ou seja, se o *nome-do-pai* permite uma amarração dos três registros *RSI* como um efeito colateral da lógica estrutural da neurose, como desenvolvido na seção anterior, a lógica da *estrutura da perversão*, em certa medida, aponta para uma estratégia de resposta que imaginariza tal resposta significativa no recobrimento *Imaginário* do S_2 , uma versão do pai, uma perversão, ao tom de uma interdição do S_1 por uma consistência da resposta, que o sintoma exterioriza por seu suporte essencialmente *Simbólico*. “*Digo que é preciso supor tetrádico o que faz o laço borromeano – perversão quer dizer apenas versão em direção ao pai – em suma, o pai é um sintoma, ou um sinthoma, se quiserem. Estabelecer o laço enigmático do imaginário, do simbólico e do real implica ou supõe a ex-sistência do sintoma*” (LACAN, 1975a/2007, p. 21).

Nas aulas finais do seminário “*O sinthoma*” (1975-76), a partir do qual extrai a citação acima, Lacan continua no desenvolvimento de aproximar o nome-do-pai pelo efeito de amarração do *Nó-Borromeu*, em sua função simbólica e colateral que a neurose apresenta, em contraponto com a possibilidade que o *Imaginário* pode produzir na estrutura, em relação à consistência da lei significativa, quando diz: “*A Lei da qual se trata, nesse caso é simplesmente a lei do amor, isto é, a pai-versão*” (LACAN, 1976d/2007, p. 147). Ou décadas antes afirma: “*Constata-se que há, nas neuroses e nas perversões, fantasias – conscientes e inconscientes – que aparentam coincidir, e disso se conclui, com incrível facilidade, que não há diferença fundamental, do ponto de vista do inconsciente, entre neurose e perversão*” (LACAN, 1959e/2016, p. 468).

As tentativas de situar as inversões de identificação e pregnância do objeto pela eleição de um traço imaginário são recortadas a partir da metáfora paterna escrita por Lacan no seminário “*As formações do inconsciente*” (1957-58), e, como afirmei anteriormente, é o principal elemento teórico que comentadores da obra de Lacan retomam para transmitir a perspectiva da perversão no ensino lacaniano.

[...] o perverso imagina a mãe toda poderosa do lado do desejo, isto é, não carente. A crença imaginária nessa mãe não-carente implica na neutralização do pai simbólico enquanto representante da função paterna. Dito de outro modo, o pai não é suposto ter

o que a mãe deseja. Consequentemente, o perverso pode continuar a sustentar o fantasma de ser o único objeto de desejo que faz a mãe gozar (DOR, 1991, p.50).

Dor (1991) é um exemplo paradigmático na transmissão realizada por lacanianos. A interpretação do texto de Lacan aponta para um recorte da teoria de modo clássico, no qual a *estrutura da perversão* é definida por uma lógica na qual o desejo encontra sua resposta num fantasma que sustenta toda sorte de pregnância imaginária, de totalidade, de unicidade. O autor aponta para que o sujeito se encontre na posição de ser o objeto de gozo do Outro, e que, dessa maneira, anulando o desejo do Outro, ao tom de uma realização da fantasia, de crença da posse do falo.

Ainda que Dor (1991) personifique a *estrutura da perversão*, no perverso, e que haja uma certa indiferenciação entre função materna e função paterna com as imagos dos genitores, nos termos pai e mãe, a proposta do autor explicita o principal traço encontrado na literatura, ao definir a perversão; isso é, uma posição fantasmática que aponta para uma articulação do sujeito como objeto de desejo da mãe, e incorporando para si a lei que resposta ao enigma. Veja a semelhança com a proposta freudiana de a perversão é o negativo da neurose, que ao invés de recalcar a castração e articula-la pela lógica fálica, o perverso estaria munido da negação da castração por uma resposta emoldurada em torno de ser o próprio objeto.

Julien (2002) realiza percurso semelhante ao de Dor (1991), e enfatiza o caráter de consistência dado ao objeto fálico *Imaginário*, como resposta ao desejo materno. Porém, a inserção do tema da angústia, tal qual Freud formulou sobre a angústia de castração diante da constatação da ausência do pênis na mulher, é o ponto de ensejo para a gênese da perversão, que é tratada como “*consequência da angústia*”. “*Ser o objeto fálico imaginário para preencher o desejo da mãe é a angústia mesma de ser engolido por ela. Freud falava de horror da castração da mulher. Era a respeito do fetichismo. Com efeito, a perversão nasce daí como consequência da angústia*” (JULIEN, 2002, p.107).

A revisão de Dor (1991) e de Julien (2002) nos apontam para algumas distinções teóricas em relação com a proposta realizada nessa tese. O foco dado ao complexo de Édipo e não explicitando a articulação com a teoria da inscrição no campo da linguagem, apontando apenas para o retorno de negação diante da castração, acaba por desarticular a *estrutura da perversão* aos índices que se decantam da operação entre S_1 e S_2 , na perspectiva lógica do sujeito. A *estrutura da perversão* passa a ser compreendida por uma reduzida ao tom relacional do complexo de Édipo, entre a criança, a mãe e o pai e o falo, ainda que, por exemplo Dor (1991) utilize os termos função paterna. A consequência dessa perspectiva é, de certa

forma, uma imaginarização da teoria do complexo de Édipo, e desarticulada com as demais teorias da constituição do sujeito em Lacan.

Mas essa proposta deriva do ensino do Lacan. É possível localizar trechos, nos seminários quatro e cinco, que apontem para essas arestas da teoria estrutural, que, como já havia argumentado, estão incluídas na proposta defendida nessa tese, porém de forma ampliada.

No primeiro tempo e na primeira etapa, portanto, trata-se disto: o sujeito se identifica especularmente com aquilo que é objeto do desejo de sua mãe. Essa é a etapa fálica primitiva, aquela em que a metáfora paterna age por si, uma vez que a primazia do falo já está instaurada no mundo pela existência do símbolo do discurso e da lei. Mas a criança, por sua vez, só pesca o resultado. Para agradar a mãe, se vocês me permitem andar depressa e empregar palavras figuradas, é necessário e suficiente ser o falo. Nessa etapa, muitas coisas se detêm e se fixam num certo sentido. Conforme a maneira mais ou menos satisfatória de a mensagem se realizar em M, pode fundar-se um certo número de distúrbios e perturbações, dentre eles as identificações que qualificamos de perversas. (LACAN, 1958c/1999, p. 198)

No seminário “*As formações do inconsciente*” (1957-58), com a citação acima, Lacan resume a questão da identificação especular caracterizada no primeiro tempo do Édipo, na dedução, da posição do *Infans* em relação à mãe, de uma identificação como resposta ao desejo materno, ao tom da relação tematizada no estádio do espelho, mesclada com uma teoria da linguagem, a partir dos pontos do grafo do desejo em que, diante do campo do Outro, a mensagem recebida é diametralmente distinta do código.

A partir do enunciado do Outro, o infans realiza a operação de identificação pela extração de uma mensagem, que o situa nesse campo. Lacan (LACAN, 1958c/1999, p. 198) nomeia essa operação de “*etapa fálica primitiva*”, cujo índice demarca que no campo do Outro a falta instalada é regida pela estrutura simbólica do falo-castração. É dessa sentença que se supõe a falta constitutiva do campo da linguagem, e a incidência simbólica como pré-existente ao sujeito, na qual a função materna é materialização dessa lógica. O que em outras palavras poderia metaforizar a dimensão assemântica do significante que atravessa a estrutura do discurso materno, e que por tal condição, na elucubração de interpretar a necessidade e mal-estar subjacentes ao choro da criança engendra um sentido dirigido ao corpo dela, o desejo implícito no discurso.

As viradas discursivas nessa estrutura simbólica do Édipo são entremeadas pela localização da necessidade da criança, já recortada pela fantasia materna, de ser interpretada como uma demanda, tal qual o imperativo de um endereçamento. Disso, *a criança, por sua vez, só pesca o resultado*, que do contingente, extrai-se uma posição insistente e necessária

diante do campo da palavra. O encontro com tal falta constitutiva, que Lacan nomeia como desejo materno – S_1 , e (numa figuração metaforizada), aponta para a própria demanda de amor entre um e outro, e cuja resposta é “*necesário e suficiente ser o falo*”. Esse é o traço de identificação que Lacan denomina por “*perversa*”.

O fechamento na projeção imaginária de uma resposta fálica ao desejo materno é tido como o modelo estrutural para a perversão. Desse modelo decanta-se, essencialmente, o *fetice* como o operador estrutural da lógica substitutiva do significante diante do enigma do desejo do Outro, ao ponto de amalgamar desejo e gozo numa sobreposição ilusoriamente delimitada num único objeto. Nessa esteira, a negação da castração é regida por um saber dirigido tanto ao desejo, como recobrimento da falta, quanto ao gozo, como objeto de completude. Assim, “*todo gozo fálico é perverso, isto é, estabelece relação sexual graças ao Outro, completo*” (JULIEN, 2002, p.129).

Porém, como afirma Eidelsztein (2008/2017), essa tendência em supor que a perversão estaria dotada da resposta ao enigma do desejo materno, e resguardada pelo objeto de gozo do Outro, estaria equivocada, se seguirmos o ensino de Lacan, em sua extensão.

Para Lacan, trata-se de estabelecer o valor estrutural da fórmula freudiana: a perversão é o negativo da neurose. Ele não aceita que a fórmula seja interpretada da seguinte maneira, que foi e é a mais usual: o que está reprimido na neurose não está na perversão; assim, o inconsciente ou as pulsões estariam “a céu aberto”, ou seja, para dizer com ele “sem repressão”. Ao longo de seus ensinamentos, Lacan se opôs a essa leitura: ele o fez sob duas rubricas: a) que a perversa goza sem repressão é uma fantasia neurótica; b) que a perversão é uma posição tão ameaçada quanto a neurótica, ou mais. (EIDELSZTEIN, 2008/2017, p. 203¹¹¹)

Retornando ao ponto da privação como nodal para a articulação da teoria do Édipo na perversão, pois esse é o ponto sobre o qual a literatura retorna para explicitar a causalidade estrutural dessa lógica de funcionamento. Faria (2010) realiza percurso semelhante, e sistematiza a perversão sobre tal articulação, levantando a complexidade da operação da privação em relação ao complexo de Édipo na *estrutura da perversão*, e os efeitos subjacentes que operam em tal estrutura. Os desenrolares ulteriores da identificação, que Lacan sinaliza no texto “*O estádio do espelho...*” de 1949 (LACAN, 1949/1998, p. 98), sobre as sínteses dialéticas

¹¹¹ Para Lacan, se trata de establecer el valor estructural de la fórmula freudiana: la perversión es el negativo de la neurosis. No acepta que la fórmula sea interpretada de la siguiente forma, que fue y es la más usual: lo que está reprimido en la neurosis no lo está en la perversión; así, el inconsciente o las pulsiones se encontrarían “a cielo abierto”, queriéndose decir con ello “sin represión”. A todo largo de sua enseñanza, Lacan objetó esta lectura: lo hizo bajo dos rúbricas: a) que el perverso goza sin represión es una fantasía neurótica; b) que la perversión es una posición tan engañada como la neurótica, o más. (EIDELSZTEIN, 2008/2017, p. 203)

que o sujeito visa a responder o desencontro radical e estrutural a imagem especular aponta em relação ao próprio contorno de si.

A autora, a partir do recorte da teoria do Édipo, sinaliza que o efeito da privação, como fundamental na operação de tratamento *Simbólico* do objeto, é um correlato posterior ao produzido pela inscrição via *Bejahung*, quando a subjetividade se encontra no laço com o outro e organiza recursos de linguagem para as sedes inscritas no momento primordial para a subjetividade humana. A articulação entre *Bejahung* e *Verleugnung* como índices primordiais da *estrutura da perversão*, tem como efeito a produção de um ato de fala que implica a constatação da castração e simultaneamente um de pela negação da castração que aponta para os efeitos imaginários da resposta, como uma recusa da simbolização do objeto pelo retorno ilusório que o *Imaginário* permite na estrutura, entre os elementos da estrutura simbólica do Édipo, nos encontros, constatações e endereçamentos do sujeito no enlace interpretado entre subjetividade com *mãe-pai-falo*.

Nos termos em que Lacan descreve a privação materna, não se trata, portanto, da não constatação dessa privação. Trata-se de uma *Verleugnung* dessa constatação. No caso da perversão, o que está em jogo não é a percepção ou não da privação materna, mas o mecanismo do qual o sujeito perverso se utiliza para lidar com essa percepção. Não há envio ao pai como um elemento terceiro, mas um retorno para a própria mãe. Um retorno que só é concebível a partir da ideia da negação, porque só pela negação é possível buscar, justamente naquele a quem falta, um elemento, uma garantia, da inexistência dessa mesma falta. (FARIA, 2010, pp. 107-08)

Desde que tal inscrição de S_1 se situa no campo da linguagem para o *Infans*, há o efeito colateral do recobrimento significativo de uma territorialidade para a subjetividade que, Lacan já havia sinalizado no estádio do espelho, ao *i(a)*. Ou seja, há um efeito complexo na subjetividade quando ocorre a inscrição no campo da linguagem pela via da *Bejahung*, por um lado, a incidência da ausência materna aponta para o enigma do desejo pela marca do traço apagado, S_1 , e simultaneamente o efeito de reconhecimento de uma unidade primordial, e imaginária, no campo do Outro, pelo *i(a)*, como um signo de totalidade, que representa algo para alguém.

Apesar da complexidade que exponho nesse momento, entendo que o leitor alcance a correlação entre teoria do Édipo e estádio do espelho, no que tange à perversão e a estrutura de um funcionamento que aponta para os ditames da lógica Imaginária diante do *Real*. Eis o fundamento da correlação estabelecida com a teoria do Édipo.

Compreender a perversão como esse estado possível nas estruturas da neurose e da psicose pode ser um ponto de apoio para alcançar os momentos finais da obra de Lacan, sobre

as possíveis amarrações do *Nó-borromeano*, e da função do *sinthoma* na estrutura em que a *Verwerfung* opera. Lacan afirma: “A perversão não é definida porque o simbólico, o imaginário e o real estão rompidos, mas, sim, porque eles já são distintos, de modo que é preciso supor um quarto que, nessa ocasião, é o *sinthoma*”. (LACAN, 1975a/2007, pp. 20-1).

Ainda mais, como Sanches (2015) desenvolveu na lógica diagnóstica dos comentadores do ensino de Lacan, Jean-Pierre Lebrun é um autor que propõe o paradigma da perversão como modulador da lógica diagnóstica, a partir do registro sobre o qual do nome-do-pai ganha sua articulação na subjetividade. O argumento se ocupa a responder a hipótese de uma nova subjetividade, em virtude das mudanças contemporâneas da família, tendo em vista a teoria do complexo de Édipo, que afetaria a conjugação criança-mãe-pai-falo. Tratar-se-ia de um novo sujeito, em que a perversão seria a referência basal para as postulações teóricas da atualidade, ao ponto da categoria perverso ordinário, numa proposta semelhantes à de Miller, com a psicose ordinária.

novos sujeitos associadas à interpretação sobre o lugar da função paterna na atualidade. Veremos que na primeira tese o lugar reservado ao Pai ficará mantido, mas será interpretado como um lugar vazio. O vazio que domina a função paterna se transmitirá como um eco na subjetividade do sujeito contemporâneo, donde veremos aí a defesa do argumento de que na atualidade teríamos um homem rarefeito cujas balizas identificatórias estão perdidas. Na sequência, outro autor construirá a hipótese de que não é que o lugar do pai esteja vazio, mas sim que sua função seria desempenhada de modo invertido. Trata-se da sugestão de que, ao invés de interditar o gozo, a função paterna atual o autorizaria de modo irrestrito, donde decorrerá a tese de que o sujeito contemporâneo revela-se um perverso ordinário. Neste caso acompanharemos a sugestão de que o paradigma da neurose deve ser substituído pelo da perversão. (SANCHES, 2015, p. 21)

Em minha perspectiva, trata-se de uma solução para as aberturas deixadas no ensino de Lacan que não respondem à totalidade do que Lacan procurou sistematizar em sua teoria da constituição do sujeito e da montagem estrutural que deriva da fundamentação da linguagem para a subjetividade humana.

É, dessa forma, mais profícuo, ordenar uma hipótese para a perversão que inclua a teoria significativa e sobre o objeto em sua relação com os registros *RSI*.

Por isso, aponto que a perversão em sua estrutura de funcionamento é de recobrir dimensão *Real*, pelo *Imaginário*, produzindo a ilusão de que o Outro tenha consistência, e que implica uma lógica não exclusiva de uma estrutura específica, mas de um modo como o objeto é recoberto, como um aspecto fundamental que está presente no ensino de Lacan após a década de 1970, como no seminário “*Os não tolos erram/ os nomes do pai*” (LACAN, 1973b/2018, p. 83), mas já se encontra presente desde os primeiros anos de seus seminários, como “*O desejo*

e sua interpretação” (1958-1959), quando articula pela fantasia a impossibilidade de distinguir neurose e psicose do ponto de vista do inconsciente, e, dessa forma, das relações entre S_1 , S_2 e objeto.

Em síntese, a castração é constatada, porém negada como uma afirmação pela via de dupla negação, efeito qual vislumbrado pelos fenômenos fetichistas – objeto que se condensa num traço essencialmente *Imaginário*. Neste caso, é necessário colocar a questão de pertinência desta categoria como estrutura distinta da neurose, dado que o elemento distintivo entre ela e a neurose é o modo como num segundo passo a castração é recoberta por objetos distintos.

O que é importante nesse elemento estrutural da fantasia imaginária que se situa no nível de a?

Primeiro, seu caráter opaco, aquele que o especifica nas suas mais acentuadas formas como o polo do desejo perverso; em outras palavras, o que faz dele o elemento estrutural das perversões. A perversão se caracteriza pelo fato de que toda a ênfase da fantasia está posta do lado do correlato propriamente imaginário. Ou seja, o outro, a minúsculo, ou o parêntese (a + b+ c etc), no qual os objetos mais elaborados podem estar reunidos e combinados ao sabor do acaso, das sequelas dos resíduos em que veio se cristalizar a função de uma fantasia num desejo perverso. (LACAN, 1959c/2016, p. 337)

Ou seja, na perversão há a inscrição da castração pela via do símbolo, mas que é apagada por um objeto essencialmente *Imaginário*. Seria a perversão uma outra estrutura cuja organização sistêmica necessariamente produz um objeto essencialmente *Imaginário* ou apenas um estado, momentâneo, talvez, em que a solução se condensa num traço essencialmente *Imaginário*? Poderíamos pensar a perversão como um estado em que a subjetividade, na estrutura em que o símbolo opera – no caso a neurose - diante da castração produz um objeto *Imaginário* para tamponar tal evidência?

De acordo com Julien (2002), Lacan parte do fetichismo e do operador fundamental, a saber, o *fetich*, para apresentar a estrutura de toda a perversão, ao mostrar a dupla função do véu, que ao mesmo tempo esconde e designa o recobrimento da castração. A especificidade do véu condensa uma série de elementos relacionados aos efeitos do *Imaginário*, como resposta à castração, que apesar de emoldurar o espaço estrutural, a partir do qual a falta se inscreve na lógica significante, há o recurso de recobrir tal hiância sob a ilusão de completude, tal qual o véu designa.

O véu é a um só tempo o que esconde e o que designa. Na perversão, trata-se, para o sujeito, de esconder a falta fálica da mãe, embora designe com a ajuda do véu, a figura daquilo de que há falta [...] O véu esconde o nada que está para além do Objeto enquanto desejo do Outro: a mãe não tem o falo. Mas, ao mesmo tempo e mesmo assim, o véu é o lugar onde se projeta a imagem fixa do falo simbólico: a mãe tem o falo. (JULIEN, 2002, p.111-112).

A função do véu, tal qual Julien (2002) utiliza, é amplamente discutido ao longo do seminário “*A relação de objeto*” (1956-57), a partir do qual Lacan propõe três esquemas privilegiados para a transmissão da resposta estrutural que a perversão realiza diante da constatação da castração, a saber, “*esquema do fetichismo 1*” (LACAN, 1956a/1995, p. 57), “*esquema do fetichismo 2*”, (LACAN, 1956b/1995, p. 84) e “*esquema do véu*” (LACAN, 1957c/1995, p. 158). Esses esquemas podem servir de indicações para a escrita topológica da posição da *estrutura perversa*, a partir da qual deva ser considerada a complexificação que tais esquemas possam trazer para uma abstração com a topologia dos eixos da superfície, na torção simbólica que a *estrutura da neurose* implica aos esquemas, e a colagem S_1S_2 que a *estrutura da psicose* acarreta o significante e o referente.

Fig. 26. Esquema do fetichismo 1. (LACAN, 1956a/1995, p. 57)

Fig. 27. Esquema do fetichismo 2. (LACAN, 1956b/1995, p. 84)

Fig. 28. Esquema do véu. (LACAN, 1957c/1995, p. 158)

A resposta fálica diante da constatação da castração, tal qual a *Bejahung* afirma, é produto do apoio realizado sob o registro *Imaginário*, pelo termo falo *Imaginário*, que tanto

aponta para a castração como para a resposta, na dimensão do ser para o Outro, que indica um desenrolar significante para a hiância $S_1 - S_2$, numa proposição que o assegura na condição de si para o Outro, e ao mesmo tempo sustenta o Outro na posição de gozo sobre ele, como Lacan afirma no seminário “*de um outro ao Outro*” (1968-69): “*O perverso imagina ser o Outro para garantir o gozo, e que é isso que o neurótico revela, ao se imaginar perverso: ele, para se assegurar do Outro*” (LACAN, 1960b/1998, p. 839).

Para a psicanálise lacaniana a perversão não é uma forma de conduta. É uma estrutura clínica (definida dentro de um dispositivo). O que quer dizer que é uma leitura da condição humana como decorrente da falta introduzida por um significante, o Nome-do-Pai, o que determina a condição humana de buscar sua completude (gozo) no outro, negando sua falta. Quer dizer também que se trata das estruturas do sujeito perverso, ou seja, os modos pelos quais esse sujeito evita a falta no Outro. (SOUZA LEITE, 2010, p. 170)

Souza leite (2010) interpreta o ponto de partida de Lacan, na mesma tendência de situar a perversão a partir da lógica advinda da inscrição do significante nome-do-pai, e das consequências, não só para a condição estrutural da perversão sobre a ilusão de completude de gozo na relação com o outro, mas sobre a estrutura do sujeito.

Trata-se de uma tendência, quase unânime, de ler a teoria da estrutura perversa nessa perspectiva, o que em certa medida já foi discutido nessa tese em capítulos anteriores. Reafirmo que tal posição não é incorreta, obviamente, mas trata o problema da *estrutura da perversão* de modo recortado e pouco abrangente na obra de Lacan, permitindo certas interpretações a *posteriori*, como na sequência estabelecida a seguir pelo próprio autor, em relação ao complexo de Édipo e a concepção de “*acidente*” (SOUZA LEITE, p. 170), produzindo um efeito de sentido à teoria pelos viés de se supor um trajeto não acidentado, ou de uma ilusão de índice da boa forma para o Édipo como condição normal para a subjetividade humana, logo, as estruturas clínicas como diagnóstica do mau funcionamento.

Isso quer dizer que na perversão o sujeito se situa como objeto do desejo da pulsão, ou seja, como meio de gozo para o Outro. Essa situação, como nas outras estruturas clínicas, também é efeito de um acidente do Complexo de Édipo. No caso em questão ele é decorrente de um ponto de ancoramento da escolha perversa, em que o desejo da criança a conduz a se instituir como único objeto do desejo da mãe. (SOUZA LEITE, 2010, p. 170)

A questão clínica que emerge dessa problematização teórica é a constante afirmação que os casos de perversão não chegam ao consultório, pela razão estrutural de que a perversão não costuma estabelecer uma abertura de questão para o próprio fenômeno que opera na subjetividade. A resposta dada com o *fetice*, pela via da eleição perceptiva de um objeto que

responda ao circuito pulsional, impossibilitaria que o aparelho psíquico produza um retorno no recalado, causando sofrimento à subjetividade, e dessa maneira, produzisse uma abertura para um tratamento e implicação subjetiva no próprio dizer de si. A função do *vel* seria suficientemente eficiente no tratamento da angústia da castração, e estruturalmente articulada à dimensão da falta de significante, pela via da resposta imaginária diante da constatação da falta.

Considerando a *estrutura da perversão* nessa retórica de uma resposta eficiente à castração, desvinculando a noção estrutural dos registros *RSI*, pode-se inferir uma consequência para a prática clínica tão ilusória quanto a fantasia do neurótico que há um que possa encontrar sua plenitude na satisfação pulsional. Costuma-se sustentar a hipótese de que o funcionamento perverso não produziria uma abertura para a dimensão do sofrimento, tendo em vista que a busca pelo objeto de satisfação encerra-se numa narrativa pré-definida, pois há um aspecto identitário do objeto que se conserva num traço inequívoco.

Essa dimensão clínica é importante para a noção estrutural, pois como discuti na proposição para o termo nessa tese, é impossível sustentar uma lógica estrutural desvinculada da transferência, e das apostas de escuta sob o ato de fala do analisante ao analista. Considerar que a perversão não chega ao consultório, por uma teoria que explicita um modelo de arranjo diante da castração que exclui a dimensão de sofrimento é supor uma teoria à beira de uma metafísica para a *estrutura da perversão*, e ignorar que se trata mais da hipótese do psicanalista, e menos da “*pessoa do analisante*”, quando se ordena uma racionalidade sobre a noção de *estruturas clínicas* em psicanálise.

Araújo (2008), nas influências do ensino de Lacan, se propõe a discutir a perversão em sua dimensão clínica. A autora indaga a direção do tratamento da *estrutura perversa* e, na abertura de seu artigo, coloca pontos que são esclarecedores do modo como a comunidade psicanalítica tende a recortar não só a teoria, mas a incidência clínica dessa posição da estrutura na clínica.

Sabe-se que não há consenso entre os analistas a respeito da possível análise de um sujeito de estrutura perversa. Um aspecto preocupante, e que chama a atenção, é o fato de existir uma tendência, dentro do campo psicanalítico, de dizer que o perverso não demanda análise. Enfatiza-se: o sujeito perverso não tem questão... Os sujeitos, realmente perversos, ficam pouco tempo e interrompem o tratamento..., etc. Nesse sentido, ocorreu-nos pensar em que ponto estamos na pesquisa e tratamento desses sujeitos, a partir da descoberta freudiana e após os avanços lacanianos, pois sabemos desde Freud que perversidade não é perversão e que há traços perversos em todas as estruturas. (ARAÚJO, 2008, p.228)

A noção de consenso que a autora afirma no parágrafo inicial de seu texto pode despertar, no leitor, um certo incômodo quanto à sustentação de partida desse “*consenso*” que

desliza pela comunidade psicanalítica, pela razão de que a estrutura perversa não produz uma questão sobre o próprio sofrimento, a ponto de não haver uma brecha estrutural para uma demanda de análise. A hipótese dessa impossibilidade de produzir um endereçamento a um analista sobre si mesmo está calcada no funcionamento de que a perversão se trata menos da pergunta, e mais da reposta diante da castração; como a autora afirma: “*o sujeito perverso não tem questão*”.

Se o sujeito perverso não tem questão, e não demanda uma análise, de onde surge a discussão clínica desses casos? Ainda mais, se há poucos casos de perversão discutidos na literatura, quais as bases que permitem um consenso? Seriam dadas a partir do ensino de Freud? Do ensino de Lacan? Ou seriam considerações clínicas advindas de uma suposição baseada nas derivações da teoria? Eis a importância da noção da de torção entre teoria e clínica, que discuti na seção introdutória. Uma forma de conceber a teoria tende a levar um recorte da clínica, de modo a conclusões prévias e equivocadas: uma hermenêutica fechada num ciclo vicioso.

Ainda assim, a autora encontra respaldo na literatura para tais afirmações. É a grande tendência, como um consenso, de se afirmar que a perversão não chega à clínica, ou quando chega se faz por uma via indireta à uma questão auto produzida, mas, por exemplo, ingerida por uma determinação judicial quando determinados indivíduos são obrigados a tratamento psicológico por determinadas condutas que ferem o código social– veja a aproximação com os valores morais para a perversão.

A principal problematização teórica que aponta para essa redução clínica decorre da interpretação da teoria estrutural reduzida ao complexo de Édipo e a inscrição da castração pela *Verleugnung*, que o fetichista ilustra de modo exemplar como “*aquela*” que encontra sua resposta diante da castração.

No horizonte, não há consenso teórico quanto à perversão, quiçá em relações às questões clínicas, quando a própria definição de estrutura em psicanálise já foi suficientemente problematizada nessa tese, quanto às referências que são utilizadas para afirma-la. Isso fica ainda mais evidente na frase final da autora quando afirma: “*sabemos desde Freud que perversidade não é perversão e que há traços perversos em todas as estruturas*”. (ARAÚJO, 2008, p.228).

A noção de traço utilizada pela autora é o exemplo mais paradigmático da confusão estrutural que a teoria tem sido convocada a responder. Em termos estruturais tal qual defendo nessa tese, em relação ao modo como o significante se enlaça a outro significante, em virtude

da operação que inscreve a subjetividade no campo do Outro não permite essa maleabilidade estrutural, ainda que fenômenos possam emergir com grande grau de semelhança, e independe da estrutura. Isso se dá exatamente sob o ponto que o fenômeno não implica o ato de fala, e sendo assim, pode ser lido independentemente da estrutura: o que seria um equívoco para o psicanalista que funda sua prática no ato de fala, como Dunker (2016, p. 195) afirma: “*A estrutura não se define, portanto, pelo que o sujeito faz ou pela avaliação de comportamento, mas como ele fala do que faz, na transferência*”.

Entretanto, para o perverso não há sustentação no campo do desejo como desejo do Outro, como acontece na neurose, pois ele faz um curto-circuito na questão do desejo e inverte o axioma da fantasia, indo em direção ao gozo do Outro. Dessa forma, ele tenta inverter o jogo na direção da análise com a intenção de angustiar o outro; é sua maneira de lidar com o corte, com a castração. Do ponto de vista da transferência, o jogo quem joga é ele. Ele não se interessa pelo jogo do outro. A identificação na perversão é com o gozo da mãe e não com o desejo da mãe, há repetição por inversão. A criança que foi objeto de tal gozo perpetua esse gozo, gozando por sua vez de um objeto semelhante ao que ela foi. Entra, então, em uma relação imaginária a serviço do gozo do Outro a ser mantido. (ARAÚJO, 2008, p.229).

A hipótese que a autora sustenta sobre a posição na transferência da estrutura perversa é calcada na lógica do gozo, tal qual a relação com a reposta subjetiva emoldura a posição do *objeto a* na lógica da fantasia. É a típica retórica que Lacan abordou ao longo dos seus seminários, no contraponto crítico que a neurose estabelece na transferência na dialética do *desejo* com a *fantasia*. Aponto para a negatividade com que a autora inicia sua construção teórica, “*para o perverso não há sustentação no campo do desejo, como acontece na neurose*”, que tanto aponta para uma das primeiras formulações freudianas sobre a perversão como negativo da neurose, quanto para a complicação que isso pode acarretar com a psicose, quando essa não encontra no campo do Outro a simbolização do significante e a substituição para a metáfora paterna como fórmula para o desejo.

A dimensão da angústia é outro aspecto que surge nas hipóteses da autora, e de fato, esse é um ponto que merece um desdobramento. A lógica da angústia, como Lacan realizou no seminário “*A angústia*” (1962-63), aponta para a posição do *objeto a* na estrutura, e do modo como a articulação dos registros *RSI* serve de suporte para o tratamento dessa dimensão subjetiva: na neurose, pela fórmula da fantasia e a consistência que a narrativa encontra sua pregnância significativa num objeto que responde à falta, tamponando a falta, e na psicose, um índice do próprio *Real*, que abala a estrutura significativa os blocos que situam o sujeito na unidade imaginária do *Eu*.

Segundo a autora, a dimensão da angústia na perversão aparece sob a hipótese da inversão do axioma da fantasia, como um correlato da afirmação negativa que a perversão é tomada em relação à neurose. Lacan realiza uma abordagem dessa formulação nos textos “*Subversão do Sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano*” (1960) e “*Kant com Sade*” (1963), incluídos na obra “*Escritos*” (1966/1998) e no seminário “*de um Outro ao outro*” (1968-69).

No texto “*Subversão do Sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano*” (1960/1998), nos encaminhamentos finais de sua argumentação sobre a hipótese da relação do inconsciente com o significante no campo da fantasia, a passagem da dimensão imaginária da falta para a simbolização no campo do Outro, da castração, como o índice que se inscreve como a função simbólica do falo, é o ponto sobre o qual o paradoxo do desejo e o campo do gozo encontra sua determinação na sexualidade. A perversão encontra seu apoio numa inversão da relação do gozo da fantasia, e sedimenta a imaginariazação dessa posição no campo do Outro, como o ponto sobre o qual o desejo encontra seu suporte pela via de uma questão na neurose. Eis uma nova modalidade da negatividade implícita entre uma e outra.

Não abordaremos aqui a perversão, porquanto ela apenas acentua a função do desejo no homem, na medida em que ele institui o predomínio, no lugar privilegiado do gozo, do *objeto a*, da fantasia, que ele coloca no lugar do A (barrado). A perversão acrescenta a isso uma recuperação do que não pareceria original, se não concernisse ao Outro como tal de um modo muito particular. Somente nossa fórmula da fantasia permite evidenciar que o sujeito, aqui, faz-se instrumento do gozo do Outro. (LACAN, 1960c/1998, p. 838)

Não é dissonante a hipótese de Araújo (2008) com a formulação de Lacan na citação acima. A inversão que a perversão caracteriza em relação à neurose está pautada na posição que o sujeito assume em sua condição de objeto, numa narrativa que a fórmula da fantasia evidencia sob o $\$ \diamond a$, na neurose, como um instrumento do gozo do Outro, e por isso a dimensão clínica da angústia em pontuar que a falta *falta*. A dimensão fálica da resposta ao desejo do Outro é suplantada à dimensão do objeto que responde à formulação da fantasia, numa narrativa que a neurose almeja, e supostamente a perversão encontra. No horizonte, a perversão seria essa propriedade estrutural do empuxo a emoldurar o objeto na lógica significante em sua dimensão imaginária, e, assim, encarnar uma posição na lógica do gozo, como num apagamento ilusório da divisão subjetiva que a lei interdita.

Em “*Kant com Sade*” (1963), essa fórmula da inversão da fantasia é explicitada, e a dimensão do gozo passa a ser articulada à lei do desejo, num modelo subversivo do que até então estava relacionado com a lei do imperativo categórico em Kant e a satisfação de Sade. A

discussão filosófica realiza por Lacan no texto se desdobra a partir das formulações de Kant e o imperativo categórico da lei moral, que numa lógica transcendental, e as proposições de Sade, na lógica do gozo e repetição do escancaramento da satisfação total. Não adentrarei nas críticas e inversões realizadas por Lacan no texto. Porém, é fundamental apontar a inversão da fórmula da fantasia que Lacan realiza e aproxima com a posição da perversão, a partir de dois esquemas que escrevem suas proposições sobre Kant e Sade, num desdobramento de giro realizado nos lugares dos esquemas. O empuxo ao gozo e as inversões realizadas por Lacan parecem sustentar a retórica utilizada por Araújo (2008) para pensar a dimensão clínica.

Fig. 29. (LACAN, 1963/1998, p. 786)

A linha inferior satisfaz a ordem da fantasia, na medida em que essa sustenta a utopia do desejo.

A linha sinuosa

Inscreve a cadeia que permite um cálculo do sujeito. É orientada e sua orientação constitui ali uma ordem em que o aparecimento do *objeto a* no lugar da causa se esclarece pelo caráter universal de sua relação com a categoria da causalidade, o qual, a forçar o limiar da dedução transcendental de Kant, instaura no eixo do impuro uma nova Crítica da Razão Pura. (LACAN, 1963/1998, p. 786)

A proposta subjacente ao esquema é de conferir à fantasia uma formulação que pode ser lida em seu inverso, a fim de alcançar a vontade de gozo sobre o qual o desejo sedimenta sua questão. A fórmula da fantasia pode ser lida em ser inverso, ainda que não se possa fundamentar uma “*identidade de não-reciprocidade absoluta*” (LACAN, 1963/1998, p. 785), quando se segue a linha sinuosa na direção indicada pelo vetor da linha. O *a* como causa da vontade gozo aponta para a estrutura do inconsciente, quando o sujeito se divide pela radicalidade do significante ser assemântico. A vontade de gozo aponta para essa busca pelo reencontro com o objeto que tampona a hiância instaurada pelo significante, que o $\$ \diamond a$ se inscreve como fantasma fundamental. Os termos utilizados por Lacan no esquema indicado acima, sobre a causalidade implicada para a fantasia, se faz em relação à lógica kantiana. A descrição de Lacan

para o esquema aponta para a punção entre o *a* e o \$, numa relação de inversão com o que está apresentado na fórmula da fantasia, no grafo do desejo (LACAN, 10960c/1998, p. 833).

O esquema seguinte apresentado nesse texto retoma as formulações de Sade, a partir de um giro de quarto de círculo no esquema anterior, ao tom de que não haja uma reversão de simetria entre os lugares destinados ao esquema, mas numa espécie de antecipação do virá a ser desdobrado no seminário “*O avesso da psicanálise*” (1970-71) sob o título da teoria dos quatro discursos e os giros dos lugares lógicos definidos por Lacan.

Fig. 30. (LACAN, 1963/1998, p. 790)

Para Sade, o \$, vemos enfim que, como sujeito, é em seu desaparecimento que ele assina, havendo as coisas chegado a seu termo. Sade desaparece, sem que, incrivelmente menos ainda do que de Shakespeare, nada nos reste de sua imagem, depois de haver ordenado em seu testamento que um matagal apagasse até mesmo o vestígio da pedra de um nome que selasse seu destino. (LACAN, 1963/1998, p. 790)

A inversões apresentadas no esquema da articulação entre sujeito e *objeto a*, na lógica do desejo e no empuxo ao gozo, ficam marcadas por uma inversão que a lei do desejo encontra sua causa no gozo de um imperativo de apagamento da divisão, cujo campo do Outro é o campo por excelência do significante e que aponta para o resto desde uma inscrição que se realiza nele. O desejo e o campo do gozo estão articulados, e as repostas subjetivas ao resto da operação apontam para as possibilidades dos giros realizados pelo esquema, e que não conota necessariamente modelos distintos e estruturais, que a neurose e a perversão poderiam exemplificar.

A perversão tende a ser compreendida por essa inversão que os escritos de Sade reproduzem, como se tal narrativa apontasse para o funcionamento perverso exatamente à medida dos fenômenos que o autor descreve em seus contos. Porém, Lacan afirma uma inversão, e a estrutura do que subjaz tal peripécias de satisfação aponta para um amalgamento entre lei e desejo, de modo distinto ao que Kant promulga: “*Sade, portanto, deteve-se nisso, no ponto em que se ata o desejo à lei*” (LACAN, 1963/1998, p. 802).

Retornando aos enunciados de Araújo (2008), apesar da semelhança com que a autora pontua a inversão da fantasia, na qual o *objeto a* responde ao gozo do Outro e encontra na relação com o analista a produção da angústia, por tamponar a falta a ser do analista, é possível inferir que a perversão, como nos escritos de Sade, é menos a impossibilidade da questão, mas a resposta pelo imaginarização do falo à questão do desejo como abertura para o enlace com o Outro, ou ainda mais, como uma dimensão de recobrir a ausência do objeto que o *Real* aponta na estrutura, de modo a ignorar a própria hiância.

O perverso não tem e não é o falo: ele é esse objeto ambíguo, que serve a um desejo que não é o seu; ele só pode tirar seu gozo dessa situação estranha, em que a única identificação que lhe é possível é a que o faz identificar-se não com o Outro, nem com o falo, mas com esse objeto cuja atividade propicia o gozo a um falo cuja pertença ele ignora, em absoluto. (LACAN, 1962g/2011, pp. 284-85)

Sendo assim, em termos estruturais que conjuguem o campo do Outro, as operações e operadores que sustentem um ato de fala sob transferência, a *estrutura da perversão* pode não encontrar recursos teóricos suficientemente exclusivos para lhe designar um lugar na teoria estrutural em psicanálise. Logo, poderia justificar a afirmação de Araújo (2008) sobre o consenso da perversão não encontrar sua dimensão clínica exatamente na medida que a teoria que lhe justifica sua pertinência no conjunto estrutural não corrobora com a hipótese da perversão como estrutura nessa perspectiva do Édipo ou da inscrição da metáfora paterna desvinculada dos três registros *RSI*.

Contudo, essa discussão clínica quanto à variabilidade dos traços fenomenológicos em relação à noção estrutural é um ponto de apoio importante para o desenvolvimento dessa seção, nessa tese, que se apoia numa proposta, já discutida anteriormente, sobre a hipótese da estrutura da perversão ser um estado transitório, pois se refere ao modo de recobrimento do objeto em seu aspecto do *Registro Imaginário*, e, portanto, possível tanto na *estrutura da neurose* quanto na *estrutura da psicose*. Trata-se exatamente do ponto da diagnóstica estrutural.

Nos casos extremos, era fácil constatar que a designação ‘perversão era usada como um recurso – perverso?’ – da parte do analista frente a uma dinâmica pulsional que ele não conseguia elucidar. Nesse caso, o diagnóstico era um expediente defensivo que em nada ajudava o sujeito que, afinal, deve ter alguma implicação no seu sofrimento pois estava ali em busca de escuta. (CECCARELLI, 2005, p. 44)

Ceccarelli (2005), em seu estudo sobre as *perversões*, evidencia as contrariedades que psicanalistas das mais diversas escolas transmitem sobre os embates teóricos-clínicos relacionados aos fenômenos clínicos hipotetizados em torno dessa categoria diagnóstica. Numa tese ampla, o autor levanta a resistência do analista como o principal elemento para a

racionalidade diagnóstica envolvida, quando surge uma hipótese de *perversão* na experiência clínica. O autor levanta uma série de relatos de analistas sobre o percurso diagnóstico envolvido nos casos tratados como *perversão*, em que grande parte refere a uma impossibilidade teórica de sustentar com clareza uma distinção estrutural da perversão, tendo em vista que a prevalência narrativa dos analistas recariam para as inúmeras facetas fenomenológicas dos casos, a tal ponto de que a *contratransferência*¹¹² passa a ser um dos elementos fundamentais do diagnóstico ou ainda na sentença de que a perversão é não analisável.

Em outros casos, seguia-se após a apresentação do trabalho, uma acalorada discussão se, de fato, se tratava, ou não, de um caso de perversão. o curioso era que o veredicto final, no qual nunca fazia consenso, era dado em estreita ressonância com a teoria utilizada para o ler o fenômeno, sem que o menor espaço fosse criado para a elucidação dos caminhos pulsionais e das escolhas de objeto que, segundo Freud, é a única coisa que compete à psicanálise. (CECCARELLI, 2005, p. 44)

Novamente, a referência teórica para as dimensões diagnósticas na clínica é fundamental, e o efeito de *torção* revela para a *estrutura da perversão* sua faceta moral de modo privilegiado; isso é, a depender do referencial teórico do analista isso modela uma leitura da transferência e constrói uma hipótese diagnóstica sobre o ato de fala. Porém, relega-se para a perversão todos os casos que não se encaixam na lógica da neurose e cujos fenômenos beiram a territorialidade da lei social ou do código moral vigente, como se constatou com os casos que apresentavam um desvio do objeto genital anatômico e desvinculado para a reprodução, como aqueles denominados de *homossexuais*.

A preconceção da perversão ser reduzida aos casos que não chegam ao consultório, ou ainda é mais problemática quando categorizada pelos fenômenos absurdos ou incômodos aos psicanalistas, apontando não só que “*é a resistência do analista*” (LACAN, 1955e/1985, p. 287), mas que a racionalidade do diagnóstico estrutural é evidentemente um complicador para a lógica da perversão, quando reduzido ao complexo de Édipo e a inscrição fálica, que se

¹¹² Contratransferência é um conceito de Freud, utilizado para situar as motivações inconscientes do analista num tratamento, em relação à transferência estabelecida. Esse conceito decorre dos detalhamentos realizados por Freud, a partir de 1912, com o texto “*A dinâmica da transferência*”. “O termo originalmente utilizado por ele no idioma alemão para definir o fenômeno da contratransferência foi *Gegenübertragung*, a composição de *Übertragung* – transferência – e *gegen* – que pode ser compreendido como *contra*, algo em direção a, ao redor de. (ZAMBELLI & TAL, 2013, p. 183). A hipótese freudiana é de que a contratransferência pudesse revelar de modo privilegiado a dinâmica inconsciente do analisante. A crítica de Lacan incide nesse repertório em torno das dimensões da transferência, *imaginária e simbólica*, cuja afirmação de que a relação intersubjetiva não existe, e que o ponto para o analista deva incidir na hipótese das relações com o campo do grande Outro e a concatenação significativa no ato de fala. Eis o apoio para a teoria das estruturas clínicas se desvincular da pessoa do analisante e da figura do analista.

atualiza na transferência pelo empuxo ao gozo que o analisante visa a responder, e, assim, produzir angústia no psicanalista.

Em muitos dos trabalhos apresentados, ficava a sensação de que os perversos não faziam análise porque o analista não suportava escuta-los. Em alguns, a teoria era usada como outrora o fazíamos com as teorias sexuais infantis: frente a uma situação onde somos tomados por um sentimento de estranheza (*Das Unheimliche*), pois o que o sujeito evoca (no analista) “complexos infantis que haviam sido recalçados”, defendemo-nos teorizando o sujeito em vez de escuta-lo. A teoria toma o lugar do discurso do paciente, apresentando-se como a sua história e transformando-o em um “sujeito teórico”. (CECCARELLI, 2005, p. 44)

Ferraz (2010) realiza um importante compêndio de estudo sobre a perversão, perpassando por autores como S. Freud, *Robert Stoller* (1929 – 1991) *Joyce McDougall* (1920- 2011) e *Masud Kahn* (1924 – 1989). A pluralidade com que o tema é trazido para a discussão em seu livro aponta para as diferentes perspectivas teóricas que o tema da perversão traz para a comunidade psicanalítica. Em grande medida, as teorias desenvolvidas pelo autor renderiam uma tese específica sobre a perversão, além de haver um conjunto teórico que se distancia da proposição estrutural que Lacan desenvolveu em seus seminários. Porém, aponto a importância de Ferraz (2000; 2005; 2010) pela recorrência com que esse autor se dedica a pensar casos clínicos em seus trabalhos, a partir de elementos essencialmente freudianos, principalmente o termo *Verleugnung*, contudo não muito distante do que apresentei com os autores anteriores.

Na abertura da seção “*A possível clínica da perversão*” (FERRAZ, 2010, p. 124), o autor inicia com um aviso ao leitor semelhante ao realizado por Araújo (2008), afirmando que o paciente perverso pouco se apresenta nas análises estatísticas da práxis psicanalítica, e justifica tal ausência pela perspectiva de que o *fetice* se apresenta como uma resposta ao gozo, e cujos efeitos asseguram o apagamento da questão do próprio sofrimento, que a neurose evidencia nos deslocamentos de inibição, sintoma e angústia.

É comum que escutemos, nos meios psicanalíticos, que o perverso raramente procura uma análise. Isto faz sentido quando se considera que a prática da perversão tem o poder de assegurar o gozo, sendo o sintoma experimentado, muitas vezes, com uma sensação triunfal e não penosa. O perverso, portanto, não se encontra sujeito às insatisfações, inibições, ruminações de culpa, dúvidas, medos e todas as demais formas de tormento psíquico que, normalmente, assolam os neuróticos. (FERRAZ, 2010, p. 124)

A fim de justificar o funcionamento da recusa (*Verleugnung*), como princípio ordenador da perversão, o autor explora a narrativa de um caso clínico, denominado caso André, cuja queixa permeia a prática sexual e eleição de um *fetice*, corroborando com a

tendência de que o perverso formule sua existência sobre os arredores da satisfação sexual vinculada ao fetichismo. Há a tendência em interpretar a fala do analisante pelo tema das resistências, e recusa em unificar as partes “*cindidas*” (FERRAZ, 2010, p. 127) de seu desenvolvimento psicosssexual, e a ênfase dada para a representação do corpo como um dos pilares para a diagnóstica da clínica da perversão.

A descrição abaixo aponta para a leitura e interpretação realizadas pelo autor e psicanalista. A ênfase dada ao reconhecimento dos limites que a dimensão corporal impõe à concepção de aparelho psíquico e lógica estrutural ficam evidentes com o conceito de “*representação do corpo*”, que é dialetizado pela escuta do psicanalista entre corpo do prazer e corpo *Real*, tal qual; Freud formulou. A ênfase dada à recusa, como mecanismo primordial do caso, é o que justifica a hipótese para a perversão, tendo em vista a interpretação da recusa da castração pelos termos “*onipotência*” e evitação das necessidades básicas do corpo.

A relação de André com suas necessidades físicas mais básicas, tais como o sono e o descanso, chamaram-me a atenção para a problemática do lugar do corpo na perversão, um tema que merece um estudo mais aprofundado. Minha experiência clínica com diversos pacientes perversos sugere que o mecanismo da dissociação atinge também a representação do corpo. Disso resulta a divisão entre o “corpo do prazer”, que é idealizado como onipotente, e o corpo real, que é falível, podendo, portanto, adoecer e morrer. este segundo, pode-se dizer, sofre os efeitos da recusa e, quando esta é colocada à prova pela realidade, um enorme sentimento de angústia costuma aparecer. Foi esse o sentimento que trouxe André para a análise (o medo do envelhecimento), assim como também foi a razão de sua quase descompensação ao suspeitar estar com AIDS. A resistência em aceitar a necessidade biológica do sono também faz parte desse quadro: o corpo não pode mostrar-se fraco ou cansado, deve ser onipotente. A doença e a consciência da inevitabilidade da morte, portanto, além do horror natural que podem causar a qualquer um, assumem o caráter adicional de denunciadores da farsa da recusa. (FERRAZ, 2010, p. 128)

As influências de autores pós-freudianos na construção do caso clínico, e a interpretação sobre a transferência marcam a tônica dessa torção teórico-clínica que Ferraz (2010) realiza em seu trabalho, recuperando praticamente todos os pontos que Lacan se orientou em criticar em seu ensino, desde a suposição diagnóstica pautada nas impressões e sensações que o psicanalista decanta da contratransferência, a hipótese da apatia dos afetos que o perverso impõe nas relações sociais e de transferência, como a conduta social idealiza, e, por fim, a importância da análise do analista e as tendências de fantasias pré-genitais que os impulsos homossexuais sedimentam no curso do desenvolvimento psicosssexual.

As reações contratransferências, diante de um quadro com tal colorido, requerem do analista uma habilidade especial, pois ele tanto pode ser seduzido pelo cenário perverso retratado pelo paciente, como pode ser incapaz de identificar-se minimamente com ele, o que pode dificultar sua postura de empatia necessária ao desenrolar da análise. o que está em questão, portanto, são os próprios limites da

análise do analista, que, segundo Kernberg, deve “ter acesso a suas próprias fantasias eróticas e às lembranças perverso-polimorfos infantis, assim como sua habilidade geral para identificar-se com os impulsos homossexuais e heterossexuais dos pacientes de ambos os gêneros” (p. 79). (FERRAZ, 2010, p. 132)

Os elementos que o autor encontra para fundamentar sua hipótese diagnóstica é bastante distinta das proposições de Lacan, e ao que desenvolvi sobre a noção de estruturas clínicas. Na construção do caso clínico, encontram-se mais as interpretações do analista e menos uma análise das falas dirigidas do paciente sob transferência, além de um complexo constructo teórico baseados em formulações de renomados autores, como os citados inicialmente. Porém, ainda assim, há no texto de Ferraz (2010) uma importante discussão sobre a posição do analista, a saber, que esse tende a ocupar uma posição distinta da visão clássica do analista na escuta do sujeito da neurose. Novamente, uma comparação entre neurose e perversão.

Finalmente, para encerrar, eu gostaria de lembrar que o sintoma perverso, como todo e qualquer outro sintoma – neurótico, psicótico, psicossomático ou psicopático –, por mais que nos impressione ou até mesmo cause incomodo, constitui sempre o arranjo que foi possível ao sujeito em sua luta pela sobrevivência psíquica. Alguns pacientes apresentam sintomas que são, muitas vezes, considerados inacessíveis à abordagem terapêutica, e certamente o perverso inclui-se entre eles. (FERRAZ, 2010, p. 140)

Mas, na intenção de enfatizar a dimensão ética de escuta do psicanalista, o autor enfatiza a dimensão de solução que cada subjetividade é convocada diante do desamparo, e eu diria diante do *Real*. A palavra “arranjo” utilizada pelo autor me parece bastante profícua para os interesses de meu trabalho. Ainda que hajam distinções quanto à noção de sintoma e as hipóteses para a leitura clínica, o termo arranjo me remete diretamente ao que proponho como o segundo tempo da noção estrutural, que a teoria da negatividade permite em ordenar amarrações dos três registros *RSI* nos operadores estruturais.

Ao que importa sobre a perversão e a proposição de uma estrutura da perversão, o termo arranjo delimita a possibilidade que, independente de uma neurose ou psicose, trata-se de uma posição diante do *Real*, que a *estrutura da perversão*, permite uma operação que sutura a castração e ordena um recobrimento *Imaginário* do objeto, como o *fetice* evidencia.

Assim, o *pesquisanalisar* para a *estrutura da perversão* sustenta-se numa série de hipóteses decorrentes dos pontos de apoio para essa tese, que reitero sobre os dois cortes lógicos na operação de inscrição no campo da linguagem, ou nas amarrações dos três registros *RSI* em sua dimensão essencialmente *Imaginária*, tal qual a ilusão da lógica do *vel* permite na sobreposição entre imagem e objeto.

O esforço para esclarecer o sentido da perversão na teoria psicanalítica, desde o repertório conjugado entre a teoria linguística do funcionamento da linguagem e a função simbólica na estrutura, Lacan alcança a hipótese de que não haja “*nenhum conteúdo inconsciente específico nas perversões sexuais, pois os mesmos achados podem ser reconhecidos nos casos de neuroses e de psicoses*”. (LACAN, 1959d/2016, p. 467).

Assim, a *perversão* pode ser compreendida como uma *posição de recobrimento Imaginário do objeto* em que a apresentação crítica da leitura tradicional para a perversão, de uma subversão da satisfação em um objeto pré-determinado em seu suporte perceptivo ou *Imaginário*, passa a ser, lateralmente, deslocado para uma proposta preliminar de configuração de estado transitório em relação ao objeto desde o registro de apoio do *Imaginário*, tanto na estrutura derivada da operação de articulação simbólica *Bejahung-Verneinung* que a fantasia revela, ou da exclusão radical que a *Verwerfung* permite operar com a *holófrase*.

Sobre a psicose: o imaginário como borda para o Real.

O psicótico é um sujeito cuja demanda nunca foi simbolizada pelo Outro, para quem o real e o simbólico, fantasma e realidade, jamais puderam ser delimitados, por falta de ter podido ter acesso a essa terceira dimensão, única a permitir essa diferenciação indispensável entre dois níveis, isto é, o imaginário. [...]. Por não ter sido simbolizado pelo Outro, ele será levado a fazer coincidir, na resposta, o simbólico e o real. [...]. O simbólico, a partir desse momento, fará irrupção no real. (LACAN, 1962g/2011, p. 287)

4.3. Psicose: a função imaginária de borda para o *Real*.

Esta seção se ocupa da *psicose* em sua dimensão de *estrutura*, segundo a possibilidade de teoriza-la a partir dos elementos que enumerei tanto na *seção introdutória*, quanto no segundo capítulo dessa tese, a saber: uma modalidade de arranjo significativa, desde a aposta no inconsciente estruturado como uma linguagem, e do campo do Outro como lugar, a partir do qual, a subjetividade, inscreve-se através de uma operação primordial, e cujo retorno dos operadores estruturais, pelo ato de fala, encontra seu suporte nos três registros *RSI* para as concatenações de significação do mal estar, endereçadas no encontro com o analista.

Há três objetivos principais que orientam essa seção, e atravessam a escrita ao tom de apoios para a argumentação.

O primeiro consiste no levantamento de apresentação sobre a *estrutura da psicose*, em relação ao modo como Lacan a concebeu, e em certa medida, dialogando com as interpretações realizadas pelos comentadores de sua obra, em estratégia semelhante até aqui realizada na tese. O retorno a textos de Freud ocorre à medida de sua importância quando sinalizadas nas propostas de Lacan.

O segundo consiste em retomar a hipótese, que entendo ser o principal conjunto teórico estabelecido por Lacan para formalizar a *psicose*, em sua dimensão de *estrutura*, isso é: a operação de inscrição no campo da linguagem pela via da *Verwerfung*, e dos efeitos no ato de fala de operadores fundamentais, nas concatenações significantes, que encontram-se emoldurados pelos três registros *RSI*, segundo a dimensão imaginária de borda para o *Real* quando o índice do *Simbólico*, o significante *Nome-do-pai*, fica *fora*cluído em sua função significante como ponto de estofo para a significação. “[...] a função de irrealização não é tudo no símbolo. Pois, para que sua irrupção no real seja indubitável, basta que ele se apresente, como é comum, sob a forma da cadeia rompida” (LACAN, 1956e/1998, p. 542). É nesse eixo de definição que explico as consequências da operação da *Verwerfung* como implicação necessária para compreender a dimensão do campo do Outro e as consequências na montagem dos operadores estruturais que permitem produzir fenômenos típicos da *estrutura da psicose*.

podemos observar que a frase interrompe no ponto onde termina o grupo de palavras que poderíamos chamar de termos-índice, isto é, aqueles cuja função no significante é designada conforme o termo empregado acima, por *shifters*, ou seja, precisamente os termos que, no código, indicam a posição do sujeito a partir da própria mensagem. (LACAN, 1956e/1998, p. 546)

O terceiro e último objetivo da seção consiste em *pesquisanalisar* uma distinção entre os *fenômenos delirantes* ou a *estrutura do delírio*, como produto dos operadores estruturais, das crises desencadeadas no *surto psicótico*, tal qual estão potencializados nos fenômenos elementares, como alucinação, enrijecimento do *delírio* ou mesmo em desencadeamentos no organismo, como as respostas psicossomáticas que Lacan as aproxima com a lógica da *estrutura da psicose*, no seminário “*Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*” (1964). “*É certamente algo da mesma ordem do que se trata na psicose*” (LACAN, 1964e/2008, p. 231).

Ou seja, trata-se de expor a relação que se pode estabelecer para este conjunto em sua inscrição pela via da *Verwerfung*, no campo da linguagem e, que implica diretamente uma proposta distintiva do fenômeno discursivo típico denominado *delírio*, como o encadeamento possível do significante, e do fenômeno particular referido ao desencadeamento, denominado *surto delirante* ou *surto psicótico*, como resposta à incidência do *objeto a* na estrutura, por meio do que denomino *ponto de forclusão*. O horizonte enquanto ponto nodal dessa seção visa ao desenvolvimento destes dois pontos, a saber, a definição da *estrutura da psicose* em sua diferença do produto que pode se organizar em torno do *surto*, ponto nevralgico a que Lacan se debruçou em esclarecer a psicose em sua dimensão estrutural. A ressonância dessa proposta também incidirá em consequências para a proposta do enodamento do *Nó-borromeano* no capítulo final da tese, desmistificando a necessidade de se levantar um novo conceito para a psicose, quando os comentadores do texto de Lacan insistem que é somente a partir da década de 1970 que a psicose pode ser uma dimensão clínica não reduzida ao desencadeamento (TÓTOLI & MARCOS, 2014), como se pode averiguar com as discussões que permitem a gênese do termo *psicose ordinária* (BATISTA & LAIA, 2012).

A *estrutura da psicose* pode ser formalizada *para além* da estreita imagem de que *psicose* seja correlata aos fenômenos declaradamente típicos de sua estrutura, ou ainda, suas formações patológicas, a saber, o *surto*, a *alucinação* ou o *delírio* desencadeado, sendo esses os três principais elementos que a definiriam. O *para além* da estreita imagem está pautado nas próprias definições realizadas por Lacan, essencialmente a partir dos textos explicitamente dirigidos ao tema, como o seminário “*As psicoses*” (1955-56), “*De uma questão preliminar...*” (1956/1998) e outras elencadas por Krutzen (2008) que abordem o tema da *psicose*. Trata-se da estratégia de seguir o ensino de Lacan, e argumentar que o próprio autor sustentava uma explicação para tal estrutura que contenha elementos que lhes sejam próprios, e não em negação à *estrutura da neurose*.

A expressão *estrutura da psicose* permite desvincular a *psicose* dos fenômenos clássicos da loucura, e inferir que haja um modelo de funcionamento que se orienta por uma lógica pautada por operações e operadores específicos, quando se considera dois momentos privilegiados na formulação da noção estrutural em dois cortes, sendo o primeiro vinculado à *Verwerfung* e o segundo pelos efeitos de retorno no ato de fala, desde que se levem em consideração os suportes de significação para o *Real*, a partir dos três registros *Real*, *Simbólico* e *Imaginário* (RSI). A partir da operação primordial *Verwerfung* de inscrição diante do campo da linguagem e suas consequências de leis do sistema para os arranjos significantes, pela via do fenômeno típico discursivo que a estrutura permite, qual seja, o *delírio*, encontramos o primeiro ponto de apoio para extrair o funcionamento da psicose, em contrapartida distintiva do quadro eruptivo e, de dimensão disfuncional¹¹³ do sistema, definido por *surto delirante* (ou *surto psicótico*).

O enquadramento restritivo do *delírio* enquanto fenômeno típico da *estrutura da psicose* deve ser pautado pela via do fenômeno discursivo, ou de cada ato de fala que o sistema de leis da estrutura permite, a partir do encadeamento *Imaginário* particular que a subjetividade realiza na cadeia significante, esclarecido pelo termo *holófrase*. Esse é dos pontos mais importantes que derivam da noção de estrutura que se monta sobre a lógica do termo *psicose*. Trata-se do fundamento da significação e do efeito de sentido que a estrutura de linguagem permite ao concatenar o significante, na entrada na linguagem, pela exclusão do símbolo que ordena uma significação para a subjetividade pautar sua existência na relação com o outro, desde o lugar do Outro.

A consequência descrita pelos efeitos de exclusão do significante *nome-do-pai* aponta para um enodamento entre um significante que demanda outro significante, a fim da significação, de modo que a retroação na cadeia não encontra seu apoio no eixo metafórico da estrutura inconsciente, e assim, a substituição que aponta para lugares que situam o sujeito no entre jogo com o *eu* deve advir de uma construção metonímica pelo encadeamento significante sob o suporte *Imaginário*, que serve de borda para o *Real*; produzindo, dessa maneira, lugares para o *eu*, nos quais o sujeito encontra sua borda e delimitação.

¹¹³ Opto por utilizar o termo disfuncional em detrimento do termo patológico, em virtude das consequências éticas para o diagnóstico estrutural. Afirmar que o surto na psicose tem estatuto patológico implicaria numa alçada metodológica para delimitar tal definição em psicanálise. Se propusermos a noção estrutural, em certa medida, a um modelo de funcionamento, com pressupostos de leis e operadores no sistema derivado do conjunto, temos aspectos funcionais e disfuncionais a depender do modo como os significantes bordeiam o *Real*, e servem enquanto superfícies de amarrações no lugar de *Eu* para o sujeito do inconsciente. Logo, a funcionalidade estaria vinculada a organização do *Eu* diante do *Real* para nomear o mal-estar e cifrar o gozo em direção ao laço social.

A particularidade estrutural das psicoses encontra-se articulada a dois cortes, como ponto nodal para a compreensão da inscrição no campo da linguagem, e a montagem da estrutura, pela articulação de enlace ao significante e o resto que está implicado pela lógica constitutiva. A operação fundamental denominada de *Verwerfung*, que marca a inscrição da subjetividade no campo da linguagem de modo particular e distinto ao da *Bejahung*, ordena uma racionalidade significante em relação ao efeito de retorno nos operadores de linguagem, análogo à teoria da negatividade tradicionalmente vinculada às estruturas clínicas, em que a forclusão do índice do *Simbólico* produz arranjos significantes encadeados sob o suporte das determinações *Imaginárias*, tal qual a lógica da *holófrase*, na significação, tendo o *Real* como causa.

No momento em que se desencadeia o surto, a rede simbólica é rompida e a pessoa intui que falta alguma coisa. Mas o que seria essa alguma coisa? A princípio, Lacan afirmou que era o pai, no sentido simbólico, o representante internalizado da lei. Esse significante mediador, pacificador, ajudaria o sujeito neurótico a atravessar as dificuldades do complexo de Édipo, mas estava ausente na psicose. Sem esse alicerce crucial, todo o edifício da vida do sujeito podia desmoronar, mas só se o apelo a ele viesse num momento específico. Lacan ficou impressionado com a subitaneidade do confronto com o buraco deixado por essa peça faltante. Não era a simples ausência que desencadeava a psicose, mas, muito precisamente, sua convocação num ponto em que a pessoa estava inserida numa relação dual imaginária, em geral, com outra pessoa, mas as vezes também com um grupo, um trabalho, ou um ideal. (LEADER, 2013, pp. 202-03)

A operação da *Verwerfung* ordena para a *estrutura da psicose* a posição do significante, como recurso de linguagem, num suporte sob o registro *Imaginário*, e exclui a dimensão assemântica de sua unidade, produzindo um território significante que encontra ressonância no campo do Outro por meio do operador da *i(a)* – que Lacan definiu pela imagem especular – e simultaneamente *foracelui* o índice do *Simbólico*, impossibilitando uma torção e amarração entre *RSI*, tal qual se pode averiguar na sobreposição do *Simbólico* ao *Real*, como se fossem indistintos.

Assim, na *estrutura da psicose* tem-se duas lógicas operando, de modo radical: (1) quando o repertório significante encontra sua concatenação na cadeia significante, na unidade imaginária da imagem especular, a estrutura produz uma amarração dos registros *RSI* como realidade psíquica, sob o *delírio* que ordena a cadeia e um sentido para a subjetividade; (2) a incidência do *objeto a* que desestabiliza a estrutura de amarração imaginária, exatamente sob o *ponto de forclusão* que abre fenda, então, para o *surto delirante* ou *crise psicótica*.

É assim que o discurso vem a realizar sua intenção de rejeição na alucinação. No lugar em que o objeto indizível é rechaçado no real, uma palavra faz-se ouvir, porque, vinda no lugar daquilo que não tem nome, ela não pode acompanhar a intenção do sujeito sem dele se desligar pelo travessão da réplica. (LACAN, 1956e/1998, p. 541)

A *estrutura da psicose* enoda os três registros *RSI* de maneira particular no ato de inscrição no campo da linguagem, à medida que a identificação ao significante implica um efeito duplo: por um lado o reconhecimento significativo de situar o sujeito numa borda *Imaginária* para o *eu*, pelo suporte material de sua estrutura tal qual imagem especular – *i(a)* – revela de modo privilegiado, e por outro, comporta a exclusão do furo do significante como externo ao próprio lugar que o delimita, sobrepondo a marca apagado do traço em seu estatuto de indistinção ao *Real*, ponto sobre o qual defino – *ponto de foracclusão*, que apresentei no capítulo 3 “**Estrutura e sujeito: operações e operadores para as estruturas clínicas**”.

No sujeito psicótico ao contrário, certos fenômenos elementares, e especialmente a alucinação que é a sua forma mais característica, mostram-nos o sujeito completamente identificado ao seu eu com o qual ele fala, ou o eu totalmente assumido através do modo instrumental. É ele que fala dele, o sujeito, o S, nos dois sentidos equívocos do termo, a inicial S e o Es alemão. É justamente o que se apresenta no fenômeno da alucinação verbal. (LACAN, 1955a/2002, p. 23)

A expulsão do índice do *Simbólico* na estrutura tem como consequência, para o enlace significativo e para o encadeamento de significação do mal-estar, a exclusão da possibilidade de substituição metafórica entre *S_i* e *S₂*. Dessa maneira, o paradoxo intrínseco ao *Simbólico* não opera na estrutura, a tal ponto que a borda que situa o *sujeito* em seu lugar de *eu* fica submetido a uma lógica essencialmente *Imaginária*, de presença total ou indistinção total, que o *delírio* visa a suturar. Considerando a principal definição de *sujeito* atrelada ao *significante*, que atravessa a obra de Lacan, a saber, “*o significante representa o sujeito para outro significante*” (LACAN, 1960d/1998, p. 833, é possível deduzir uma problemática para a concepção de sujeito na *estrutura da psicose*, que o *ponto de foracclusão* auxilia a situar o horizonte sobre o qual a escuta se orienta, numa dupla perspectiva, de singularidade e de tratamento de linguagem.

Aulagnier (1991) aborda a *estrutura da psicose* numa perspectiva fundamentada pelas incidências imaginárias da identificação que o sujeito na psicose realiza por meio da confluência entre a primeira marca da imagem especular à própria unidade do *eu*, que advém das interações com o objeto. A teoria do estádio do espelho e o aspecto da maternagem na teoria do complexo de Édipo tornam-se pontos fundamentais para a autora afirmar suas considerações sobre a posição do sujeito na psicose, e a busca do sentido diante do nonsense que a experiência com o objeto. Enfatizo a possibilidade que a autora levanta sobre as duas únicas possibilidades

de encontro com o objeto, pela via da totalidade em resposta à demanda do Outro, tal qual Lacan sinaliza sobre a não simbolização no campo do Outro – na epígrafe dessa seção – e a função significante em sua dimensão radical de abstração, e desprovida de sentido por ser assemântico. Esse último aspecto, sobre o significante, é muito importante, à medida de sinalizar que a estrutura do inconsciente, estruturado como uma linguagem é um campo que, em sua própria estrutura, disponibiliza significantes, mas cuja dimensão de ordenamento implica necessariamente um ato de identificação ao campo, como inscrição nesse campo; e dessa forma, reaproximando o inconsciente à céu aberto discutido por Soler (2010).

A forclusão deste mecanismo essencial [*a incidência da castração na operação de entrejogo Imaginário – Simbólico na teoria do estádio do espelho*] é o que, estruturalmente, caracteriza o fenômeno psicótico enquanto tal. Toda relação imaginária ao Outro, na medida em que ela toma suporte no especular, torna-se impossível.

E porque toda assunção do desejo pressupõe identificação do Ego a seu ego especular, o desejo será, para sempre, proibido ao psicótico: é esta dialética insolúvel que está na base de sua relação com o real: com efeito, a partir deste momento, o sujeito terá apenas percepções do objeto. Ou bem, ao nível da demanda, ele o percebe em sua dimensão da realidade bruta que nega ao objeto toda significação libidinal, [...] ou, então, ele o percebe somente no seu valor de significante, mas este, nestes casos, existe de tal maneira que ele não pode, a partir daí, ordenar de nenhum modo a realidade que o envolve. (AULAGNIER, 1991, pp. 63-4 – grifo para minha inserção explicativa)

Meyer (2008) tece comentários sobre o impacto conceitual de atrelar a *estrutura da psicose* aos negativos da neurose, e das consequências deficitárias que a qualificam por meio dos destinos da forclusão do *nome-do-pai*, ou do registro *Simbólico*, através de um caso clínico. A autora se aproxima da afirmação de que o campo do Outro na psicose não é barrado, apontando para a própria dedução da noção de estrutura em psicanálise. Se o campo do Outro não é barrado, e os destinos do significante da falta é o efeito de sujeito, pode-se acarretar na afirmação que não há sujeito na psicose? É possível conceber que não há sujeito na psicose? Trata-se de uma suposição complexa, e não rara trazida à tona na literatura.

Contudo, é possível inferir um escopo específico para o sujeito nessa estrutura, retomando a própria estrutura do inconsciente que disponibiliza um campo de significantes, sobre os quais o sujeito – particularizado pelo de ato inscrição ao campo da linguagem – encontra-se à céu aberto, como postula Soler (2007), e não barrado, exatamente pelos desenrolares da unidade de *eu*, que ora situa em sua totalidade de *certeza*, ora a borda diante do *Real*, que invade a estrutura, encontra-se em erosão.

A proposta freudiana para as psicoses, após 1920, é correlata à aposta descrita acima, que o *delírio* da psicose visa a costurar a fenda entre os investimentos do *eu* e a frustração ou

impossibilidade do encontro com o objeto de satisfação no mundo externo, tendo em vista que a pulsão é sempre parcialmente satisfeita.

Quanto à gênese das formações delirantes, as análises com pacientes nos mostraram, que em sua gênese, o delírio se apresenta como um remendo aplicado no lugar onde originalmente havia uma fenda [*Einriss*] no relacionamento do eu com o mundo externo. Contudo, esse conflito com o mundo externo só não é ainda mais evidente – do que atualmente já percebemos – devido ao fato de que, no quadro mórbido das psicoses, as manifestações da tentativa de cura e reconstrução frequentemente se sobrepõem às manifestações do processo patológico. (FREUD, 1924/2007, p.97)

Desde Freud, em “*A guisa de introdução ao Narcisismo*” (1914), é a unidade de *eu* que não se encontra de partida no aparelho psíquico, ainda que a pulsão, por ser corpo vivo, já aponta para a particularidade do vivo na materialidade de um *infans*.

É uma suposição necessária de que uma unidade comparável ao Eu não esteja presente no indivíduo desde o início: o Eu precisa antes ser desenvolvido. Todavia, as pulsões auto-eróticas estão presentes desde o início, e é necessário supor algo que tem de ser acrescentado ao autoerotismo, uma nova ação psíquica, para que se constitua o narcisismo. (FREUD, 1914/2004, p. 99)

A postulação sobre o funcionamento da *estrutura da psicose*, pela lógica do *ponto de foraclusão* e o suporte dos operadores estruturais no registro *Imaginário* da concatenação significativa, permite realocá-la para além dos fenômenos patológicos que a literatura tende a compreendê-la como reduzidas exclusivamente à falha que a matematização, a partir da teoria do complexo de Édipo, revela ao índice S_2 – *significante nome-do-pai*. A posição subjetiva, que a *estrutura da psicose delimita* pelo suporte nos registros *RSI* desde o campo do Outro, está engendrada a partir da causa que o furo do significante implica ao campo da linguagem, tal qual a neurose, com a diferença que a lógica subjacente remete aos efeitos de *holófrase*, em que blocos situam a unidade de *eu*, em contraste ao efeito de exclusão radical da diferença intrínseca ao significante *para e na consistência de Real*.

A pergunta, portanto, é esta: que acontece no nível do sujeito quando, no Outro, lugar da linguagem, no Outro de quem depende o que acontece no nível do sujeito, existe essa falha da metáfora? Situar a psicose dessa maneira tem consequências. Significa, em primeiro lugar, que a psicose – e Lacan o assinala em “De uma questão preliminar...” – não é um caos, não é uma desordem, mas sim o que ele chama de “uma ordem do sujeito”/ Ima ordem decerto subvertida em relação ao que é a ordem do sujeito neurótico, mas ainda assim uma ordem. (SOLER, 2007, p. 12)

Souza Leite (2010) discute em seus seminários sobre a psicanálise lacaniana a *estrutura da psicose*, em seus diferentes recortes dado por Lacan, ao tom das inflexões que esse autor realiza em sua obra entre 1950 a 1980. As correlações estabelecidas por Souza Leite (2010)

entre a psicose e o campo da linguagem remetem diretamente às hipóteses desenvolvidas nessa tese, a respeito da holófrase como efeito da *Verwerfung*, pela via da inscrição do campo da linguagem, e o estatuto de *certeza* que o significante adquire quando há ressonância na subjetividade para os efeitos de reconhecimento do conjunto estabelecido entre a subjetividade e o significante.

A principal característica da produção discursiva dos psicóticos foi teorizada com o que se chamou de “holófrase da cadeia significante”; termo pelo qual Lacan diz que na psicose os significantes não formam cadeia. Este termo se referia à evidência de que as manifestações descritas, pela psiquiatria clássica, como fenômenos elementares não produzem vinculação, ou seja, não estabelecem laços sociais pela linguagem. Por exemplo, a característica da alucinação é a sua ausência de justificação ou dúvida assim como a característica de um delírio é a sua certeza: fatos esses que não demandam um saber no outro, excluindo com isso o sujeito psicótico do vínculo estabelecido pela linguagem, o que para Lacan evidenciará que a produção do psicótico estaria fora do discurso, mas não fora da linguagem. (SOUZA LEITE, 2010, p. 120)

Entretanto, a referência dada à psiquiatria e aos fenômenos elementares me parecem distintos da proposta que realizo nessa tese, sob o argumento de que a estrutura da demanda em sua relação com o saber precisa ser considerada na dimensão *Imaginária*, e não em comparação com as qualidades simbólicas que o significante pode adquirir sob o repertório da operação de constatação e negação do símbolo que a *Bejahung-Verneinung* estabelece à concatenação significante e o tratamento do furo significante.

A consequência de estabelecer a comparação entre duas operações que são distintas, por estarem referidas à conjuntos estruturais distintos e possíveis de inscrição no campo do Outro, aparece na afirmação de que “Lacan diz que na psicose os significantes não formam cadeia” (SOUZA LEITE, 2010, p. 120). É provável que os eixos que sustentem a cadeia significante na *estrutura da psicose* não sigam a mesma estrutura que a *perpendicularização* entre metonímia e metáfora na significação, porém se não houvesse cadeia significante na psicose, esses sujeitos não revelariam a própria submissão do homem ao significante, tal qual Lacan adverte no texto “De uma questão preliminar...”, sobre o “processo pelos mais radicais determinantes da relação do homem com o significante” (LACAN, 1956e/1998 p. 543), como complementa na citação abaixo, retomando as diferenças entre ato de fala e significação nas formas petrificadas que a *holófrase* define.

A ausência da fala manifesta-se nela pelas estereotípias de um discurso em que o sujeito, pode-se dizer, é mais falado do que fala: ali reconhecemos os símbolos do inconsciente sob formas petrificadas, que, ao lados das formas embalsamadas com que se apresentam os mitos em nossas coletâneas, encontram seu lugar numa história natural desses símbolos. Mas é um erro dizer que o sujeito os assume: a resistência a

seu reconhecimento não é menor do que nas neuroses, quando o sujeito é induzido a ela por uma tentativa de tratamento. (LACAN, 1956a/1998, p. 281)

Remeto diretamente à epígrafe da sessão, no estatuto da demanda não encontrar o suporte *Simbólico* do significante no campo do Outro, tendo em vista que a demanda é um tratamento de linguagem para a dimensão *Real* da necessidade, ou do para-além que a linguagem produz em sua função de resto articulada à entrada do significante, e que, sob o efeito da *Verwerfung*, pode não imputar à subjetividade o tratamento significativo do mal-estar, ora situada radicalmente sob o índice S_1 como um signo que representa algo para alguém, ora, como pura incidência *Real*.

Essa paixão do significante, por conseguinte, torna-se uma nova dimensão da condição humana, na medida em que não somente o homem fala, mas em que, no homem e através do homem, isso fala, em que sua natureza torna-se tecida por efeitos onde se encontra a estrutura da linguagem em cuja matéria ele se transforma, e em que por isso ressoa nele, para-além de tudo o que a psicologia das ideias pôde conceber, a relação da palavra” (LACAN, 1958/1998, p. 695)

É nessa esteira que compreendo a afirmação de Lacan sobre a *estrutura* e o funcionamento da psicose em relação ao campo do Outro, na subjetivação de um sentido sobre a existência que o *delírio* pode apontar sobre os efeitos de *significação*, no seminário “As psicoses” (1955-56): “É, portanto, a economia do discurso, a relação da *significação* com a *significação*, a relação de seu discurso com o ordenamento do discurso, que nos permite distinguir que se trata do delírio”. (LACAN, 1955b/2002, p. 44).

É desse duplo golpe, pelo efeito da operação da *Verwerfung*, no ato de inscrição no campo da linguagem, que *estrutura da psicose* enoda os operadores de linguagem sob uma concatenação significativa amarrada pelo efeito *Imaginário*, ou do retorno no *Real* da impossibilidade *Simbólica* da estrutura costurar o *Real*, tal qual a estrutura do *delírio* ou *crise delirante* aponta na prática e experiência clínica a produção significativa de emoldurar a realidade. “O sistema da linguagem, em qualquer ponto em que vocês o apreendam, nunca se reduz a um indicador diretamente dirigido a um ponto da realidade, é toda a realidade que está abrangida pelo conjunto da rede da linguagem” (LACAN, 1955b/2002, p. 43).

A lógica causal para a *estrutura da psicose* remete ao modelo que sustenta uma operação de inscrição no campo da linguagem, que situa o encadeamento significativo como tratamento para a dimensão *Real* que está em causa para a subjetividade humana. O que engendra a subjetividade no campo da psicose está pautada pela articulação da *Verwerfung* e os efeitos de retorno nos operadores significantes. Considerando o efeito de sobreposição entre o *Real* e o

Simbólico, que a exclusão do símbolo na estrutura encontra sua marca fundamental, tem-se um inconsciente estruturado como uma linguagem, mas sob o efeito de um *Eu*, oscilante entre os lugares imaginários que a *holófrase* pode desencadear: oras o significante situa o sujeito como lugar sob o suporte *Imaginário*, num objeto privilegiado na estrutura, ora emerge o *ponto de forclusão* do símbolo que remete a toda sorte de crise ou efeito de discurso delirante para tratar o *Real* que invade a estrutura.

O efeito de borda que situe o sujeito no campo discurso, como lugar significante a partir do qual é possível se dizer *eu* na cadeia, é oriundo dos juízos de atribuição e existência, tal qual Freud formulou, e que a teoria do estádio do espelho revela de modo privilegiado. Diante do campo do Outro, ou há a introjeção de objetos que situem uma borda para o *Real*, ao tom da identidade imaginária, que exclui o vazio do próprio significante, ou o vazio do significante que retorna como objetos não introjetados e, tal qual indistintos na estrutura, como índice do *Real*. “Em outras palavras, o que se deve dizer não é o que os objetos são invasivos na psicose. O que constitui seu para o Eu? É a própria estrutura desses objetos, que os torna impróprios para a egoização” (LACAN, 1963b/2005, p. 134).

O repertório significante que permite série de unidades que compõem o conjunto de referência para a psicose passa a ser diretamente vinculado ao reconhecimento total da imagem especular, como o ponto irredutível sobre o qual o sujeito da psicose se orienta de modo a um conjunto total, em que o vazio para o conjunto consiste na lógica, mas sobreposto e indistinto como *Real* e *Simbólico*. “Ela nos permitirá precisar em suas instâncias ultimas a função a dar ao eu na cura. É a questão da relação de objeto que se entrevê no limite”. (LACAN, 1955a/2002, p. 23)

O modo como a *estrutura da psicose* se situa em relação ao campo da linguagem, e os operadores que lhe são próprios no ordenamento discursivo, Lacan nos adverte e aponta para a importância de concebê-la pela via da estruturação em seus aspectos discursivos, e de certa forma para o que os estudos do *significante* e da *linguagem* lhe podem ser úteis. “Consideremos demonstrado o que foi o cerne de meu seminário sobre as psicoses, ou seja, que esse termo se relaciona com a implicação necessária de seu pensamento, quando este se confronta com o fenômeno da psicose: o termo *Verwerfung*” (LACAN, 1956e/1998, p. 564).

Os recursos teóricos utilizados por Lacan, para situar a *estrutura da psicose*, são fundamentais de serem analisados, e de certa forma, são corolários aos que aponte para conceber a noção de estrutura clínica: a lógica que opera o campo da linguagem ou campo do Outro em relação ao significante e o vazio, tanto inerente ao campo quanto ao próprio

significante em sua definição, que permitem inferir operadores que expliquem o funcionamento do significante e podem ser vislumbrados como aqueles que formem agrupamentos similares aos da *holófrase*, em virtude da *Verwerfung*.

Trata-se de uma operação de inscrição que condiciona um mecanismo essencial para a *estrutura da psicose*, a saber, uma operação em que a inscrição do símbolo tem a marca de exclusão radical de qualquer possibilidade de constatação da castração, como se a subjetividade negasse radicalmente qualquer experiência de vazio ou falta a um ponto de nem ser possível afirmá-la; o termo utilizado por Freud é o *Verwerfung* e as variações terminológicas para o termo ocorrem desde “*A interpretação dos sonhos*” (1900/1996, p. 244; p. 538), até seus últimos trabalhos, como “*Construções em análise*” (1937/1996, p. 300).

Lacan recupera as inúmeras passagens em que Freud atribui essa função tão radical no aparelho psíquico, como uma operação distinta da *Bejahung*, e equivalentes em termos de tratamento possível para as representações ou função dos traços mnêmicos das experiências, correlacionando-os com os efeitos encontrados no funcionamento da psicose. A sobreposição do *Simbólico* ao *Real*, pelo efeito da *Verwerfung* do símbolo, é o campo de retorno como a própria realidade psíquica do sujeito, em sua dimensão do objeto rechaçado se materializar como realidade. “*No momento em que ela aparece no real, isto é, acompanhada desse sentimento de realidade que é a característica fundamental do fenômeno elementar, o sujeito fala literalmente com o seu eu, e é como se um terceiro, seu substituto de reserva, falasse e comentasse sua atividade*” (LACAN, 1955a/2002, p. 23).

É nessa esteira que a *estrutura da psicose* é um funcionamento regido pela função *imaginária de borda para o Real*, como derivado do enlace no campo da linguagem pelo termo *holófrase*, tal qual blocos de encadeamento regidos pelo enrijecimento entre significante e significante, a fim de produzir uma significação endereçada ao Outro, produzindo uma lógica binária do sentido para o signo linguístico, em que ou há um sentido encadeado para o signo, sob a lógica particular de uma *borda Imaginária* para o *Real*, ou em que há a exclusão do espaço entre os significantes, amalgamando um efeito de retorno no *Real* para aquilo que é impossível de ser encadeado pelo suporte *Simbólico* na significação, quando há um ato de fala, sob transferência. Ou seja, é possível apontar para uma teorização para a *estrutura da psicose* por uma espécie de positividade dos arranjos possíveis dos elementos, quer dizer, não focar na forclusão do registro *Simbólico* do significante, mas numa sorte de problemas quando o *Imaginário* seja o registro primordial de sustentação para a teoria que articule a linguagem na lógica subjetiva. Obviamente, as consequências desta hipótese são incisivas, principalmente

sobre a noção de memória, pertinência dos índices significantes na historicização, e inclusive, principalmente, sobre o estatuto do inconsciente em sua relação com a instância do *eu*.

Há uma consequência teórico-clínica derivada dessa suposição que incide, tanto na diferença entre *estrutura* e as *modalidades de produto*, quanto entre *delírio* e *desencadeamento da crise* ou *surto delirante*, ponto sobre o qual me estendo ao final da seção. Essa suposição teórica aponta para a dupla incidência que tal *estrutura* permite, isso é, o esclarecimento de uma lógica de funcionamento e o encadeamento discursivo que o ato de fala produz pelo fenômeno advindo via significante, como a proposta do *delírio* em sua distinção com o *desencadeamento do surto delirante*, tal qual se localiza numa *crise*. “O delírio, é claro, não constitui a única manifestação: o fato de falarmos de pré-psicose, antes do desencadeamento, e de eventuais estabilizações, depois dele, indica bem que a forclusão é possível de ser compensada em seus efeitos, sob formas que não se reduzem unicamente à elaboração delirante” (SOLER, 2007, p. 185).

A respeito da psicose numa leitura estrutural, tem-se um sistema pautado por uma recusa radical de qualquer indício *Simbólico* para o estatuto do significante, enquanto elemento material de sustentação na linguagem para o sujeito, colocando-o numa modalidade radicalmente distinta daquele comumente tratado pela comunidade psicanalítica. A *estrutura da psicose* implica uma subjetividade organizada pela dualidade subjacente aos recursos disponibilizados pelo *Imaginário*, como o elemento possível de superfície de borda diante do *Real*. O aspecto essencial do *Imaginário* diante do *Real* é suposto logicamente, quando a operação referente à inscrição simbólica de tratamento para o objeto fica expurgado, pela impossibilidade de marcá-lo em sua função de operador psíquico. “O manejo atual da relação de objeto, no quadro de uma relação analítica concebida como dual, está fundado no desconhecimento da autonomia da ordem simbólica, que acarreta automaticamente uma confusão do plano do imaginário e do plano real” (LACAN, 1955a/2002, p. 23).

Tratam-se dos efeitos oriundos de tratamento do *Real*, pela lógica dual que os blocos de sustentação que o *Imaginário* organiza, ou abre fenda para as incidências que o *Real* e o *Simbólico* podem impor, a depender a emergência do *ponto de forclusão*, na estrutura particularizada de uma subjetividade, como se atesta por meio dos efeitos de *despersonalização*.

Na perspectiva de Lacan, a *despersonalização* remete aos efeitos do reconhecimento do sujeito no campo do Outro, desde o lugar que o significante posiciona, sob o suporte *Imaginário*, o reconhecimento de si como *eu*. O estatuto do Outro no campo da psicose, em que

o lugar responde pela identidade total – ao passo do significante remeter à função de signo – quando o significante se liga a outro significante sob a totalidade de reconhecimento, e identificação ao lugar da imagem especular que situa o *eu* no campo do Outro. “*A diferença é, portanto, manifesta entre acreditar, no sintoma, ou acreditar “nele” é o que faz a diferença entre neurose e psicose. Na psicose, as vozes, tudo está lá, eles acreditam. Não só eles acreditam, mas acreditam nelas. Ora, tudo está aí, nesse limite*” (LACAN, 1975c, p. 24).

Eis a dimensão de *certeza* que a *estrutura da psicose* evoca para o Outro. Simultaneamente, o aspecto estrutural do significante em ser assemântico retorna como o *ponto de forclusão*, quando não há reconhecimento no campo do outro do significante que situa o sujeito no lugar de *eu*, que se vislumbra na *despersonalização*.

Em termos fenomenológicos, parece evidente que a despersonalização começa pelo não-reconhecimento da imagem especular. Todos sabem como esse fenômeno é sensível na clínica, e com que frequência é ao não se encontrar no espelho, ou em qualquer coisa análoga, que o sujeito começa a ser tomado pela vacilação despersonalizante. Mas essa formulação que indica os fenômenos nem por isso deixa de ser insuficiente. Se o que é visto no espelho é angustiante, é por não ser passível de ser proposto ao reconhecimento do Outro. (LACAN, 1963b/2005, p. 134)

Dessa forma, há uma aproximação do aspecto da linguagem na *estrutura da psicose* com uma lógica imaginária de suporte no funcionamento significante, em que o campo do Outro adquire seu estatuto consistente pela via da imaginarização do significante ao seu significado, no que foi afirmado sobre o Outro na psicose em seu estatuto de “*certeza*” e rechaça qualquer incidência da diferença ou do paradoxo pelo retorno da consistência como *Real*, tal qual se vislumbra nos típicos casos de paranoia ou do vazio implícito no autismo, em toda experiência de significação. “*Trata-se, na verdade, de um efeito do significante, na medida em que seu grau de certeza (segundo grau: significação de significação) adquire peso proporcional ao vazio enigmático que se apresenta inicialmente no lugar da própria significação*” (LACAN, 1958/1998, p. 545).

Essa última coaduna com a hipótese freudiana do conflito primordial da psicose entre *eu* e *realidade externa*, e na sutura que o delírio viria a compor para resolver a hiância quando se instaura estas duas bordas, própria da expulsão pela via da *Verwerfung*. Como afirma Freud (1924/2007, p. 97) “*Quanto à gênese das formações delirantes, as análises com pacientes nos mostraram que, em sua gênese, o delírio se apresenta como um remendo aplicado no lugar onde originalmente havia surgido uma fenda no relacionamento do eu com o mundo externo*”. Quando diante do problema que concerne a psicose em seus elementos paradigmáticos para o tratamento psicanalítico, Lacan se questiona sobre a gênese da psicose no ponto da significação

característica do discurso delirante, na seguinte passagem:

Terá esse outro abismo sido formado pelo simples efeito, no imaginário, do vão apelo feito no simbólico a metáfora paterna? Ou devemos concebê-lo como produzindo num segundo grau pela elisão do falo, que o sujeito reduziria, para resolvê-la, à hiância mortífera do estádio do espelho? Seguramente, o vínculo – dessa vez genético – desse estádio com a simbolização da Mãe como primordial não pode deixar de ser evocado, para motivar essa solução. (LACAN, 1958/1998, p. 577)

Lacan, em outras palavras reafirma o ponto nodal da estrutura da psicose, seguindo o modelo de um funcionamento específico de arranjos significantes diante do *Real*, em seu corpo de delírio, em que esse “*não é forçosamente sem relação com o discurso normal, e o sujeito é bem capaz de participar, e de se satisfazer com isso, no interior de um mundo me que toda comunicação não foi rompida*” (LACAN, 1956/2002, p. 105).

O *delírio* é a formação significativa privilegiada da *estrutura da psicose*. É fundamental que se confabule uma definição para esse termo, principalmente quando se tem por referência seu estatuto patológico derivado do discurso psiquiátrico. Há uma série de problemas que estão amalgamados em tal concepção sobre a noção do estatuto do objeto e os índices de referências nominativas a partir do código linguístico e da ilusão de realidade compartilhada.

O sujeito dispõe de todo um material de significante que é a sua língua, materna ou não, e dela se serve para fazer passar no Real significações. Não é a mesma coisa ser mais ou menos cativado, capturado numa significação, e exprimir essa significação em um discurso destinado a comunica-a, a concilia-la com as outras significações diversamente acolhidas. Neste termo, acolhido, está o móbil do que faz do discurso um discurso comum, um discurso comumente admitido. (LACAN, 1955h/2002, p. 78)

O inconsciente, tal como Freud organizou e radicalmente pela proposta lacaniana da primazia significativa, revela problemas análogos aos tocados pela noção de *delírio*. Soler (2007) organiza teoricamente, a partir do texto lacaniano, a aposta que nas psicoses *o inconsciente é a céu aberto*, pois a primazia do significante é o que sedimenta a própria definição de campo do Outro, como Lacan afirma que “*o inconsciente preocupa-se mais com o significante que com o significado*” (LACAN, 1958/1998, p. 570). O *delírio* evidencia o problema da significação em psicanálise, que o discurso sobre o *sintoma* e sobre a fantasia na neurose (amplamente estudada) estão parcialmente resolvidos pela via da significação fálica, em sua dualidade *Imaginária* articulada ao *Simbólico* de uma inscrição. “*O delírio não é deduzido, ele reproduz a sua própria força constituinte, é, ele também, um fenômeno elementar. Isso quer dizer que a noção de elemento não deve ser tomada aí de modo diferente da de estrutura, estrutura diferenciada, irreduzível a outra coisa que não ela mesma* (LACAN,

1955a/2002, pp. 28-9).

O *delírio* para a psicanálise comporta uma série de conceitos fundamentais: percepção, objeto, sujeito, *eu*, realidade e verdade. Não entraremos nos meandros desses, neste momento, mas é inevitável o quanto a configuração do delírio retoma essa série de modo ainda mais incisivo que o caráter metafórico da neurose. Parece ser necessário, então defender a dignidade do *delírio* para a *estrutura da psicose*, para além de seu enquadre patológico, e retomar suas bases significantes e significação: “*Pois, certamente, os sulcos que o significante cava no mundo real vão buscar, para alarga-las, as hiências que ele lhe oferece como ente, a ponto de poder persistir uma ambiguidade quanto a apreender se o significante não segue ali a lei do significado*” (LACAN, 1958/1998, p. 556) .

Novamente, a referência do *delírio* incide nesse espaço entre sujeito e realidade externa, tendo em vista a abertura promovida pelo significante e seu escopo identificatório, que a teoria psicanalítica consegue compor pela teoria *Simbólico* do *Complexo de Édipo*, a *metáfora paterna* e o *significante nome-do-Pai*. Por tal razão, que em muitos casos, a *estrutura da psicose* é lida pela parte faltante da *estrutura da neurose*.

É a falta do Nome-do-Pai nesse lugar que, pelo furo que abre no significado, dá início à cascata de remanejamento significantes de onde provém o desastre crescente no imaginário, até que seja alcançado o nível em que o significante e significado se estabilizam na metáfora delirante. (LACAN, 1958/1998, p. 584)

Lacan nestas citações retoma essa perspectiva da psicose em sua comparação com a neurose, pela via da falta do índice *Simbólico* do significante. No entanto, lança algumas luzes sobre a estrutura do *delírio*, em seu aspecto desgovernado no modo de articular os significantes pela sustentação imaginária, que só viria a ser estabilizado por uma sutura denominada “*metáfora delirante*” sobre o *ponto de forclusão*.

Esse ponto retoma, em partes, os desenvolvimentos realizados por Freud em 1924 com “*A perda da realidade na neurose e na psicose*”, a partir do qual divide em dois momentos a etiologia das psicoses e sua função delirante.

Ora, no processo de constituição de uma psicose, poderíamos esperar que ocorresse algo análogo, embora entre instâncias diferentes. Isto é, que também na psicose se pudesse distinguir duas fases: primeiro, o eu seria arrastado para longe da realidade [...] a segunda fase na psicose realmente tem a intenção de contrabalançar a perda da realidade, mas não à custa de uma restrição do Id, e sim à custa do relacionamento com a realidade. [...] Na psicose, manifesta-se uma onipotência, que reside na criação de uma nova realidade que não mais cause o mesmo impacto que a realidade abandonada causava (FREUD, 1924b/2007, p. 128)

matemática da noção de estrutura, apontam para as aberturas deixadas nas intersecções das retas, produzindo a impossibilidade de juma amarração pelos índices na estrutura do que viria a ser os lugares lógicos que se decantariam os efeitos de linguagem na articulação Imaginária e Simbólica, com as indicações $\phi 0$, sobre a não incidência da castração pelo símbolo fálico pelo registro *Simbólico* advindo do campo *Imaginário*, ou mesmo pelo $P0$, como o ponto de estofo que situa na cadeia significante a retroação à posição subjetiva. Retornarei a esse esquema com mais detalhamento no próximo capítulo da tese. Esse recurso metodológico poderá ser útil, quando nos adentrarmos nas formalizações do modelo do *Nó-borromeano* e a necessidade de um quarto nó que cumpra a função de amarrar os elementos que ficam desprovidos de operadores, portanto implicando um $RSI + I$.

Essa definição permite situar os fenômenos elementares, desde o *delírio* à alucinação, em seu estatuto de narrativa, e problematizar a dimensão de existência dos objetos para o *delírio* e para a alucinação na realidade, ao extremo que a dimensão da constatação de verdade pode remeter à clínica.

Em específico, sobre a alucinação, essa pode ser compreendida como uma narrativa que recobre o retorno do furo significante, qual seja o *objeto a*, na dimensão perceptiva. O retorno do *ponto de foraclusão* ocorre, no ato de fala, pela produção de uma imagem real, tal qual a impossibilidade de significação no eixo metafórico, encontra seu apoio no eterno deslizar da metonímia e aponta para o *Real* que retorna como objetivado no *Imaginário* da percepção.

Trata-se da manifestação subjetiva, pelo *dizer alucinatório*, em que a subjetividade estrutura a borda para o *ponto de foraclusão*, quando a significação não se orienta pela lógica fálica de se situar em reposta ao campo do Outro, em sua dimensão de incluir na estrutura o suporte *Simbólico* de tratamento do significante da falta, $S(\text{A})$.

Nada é mais ambíguo que a alucinação verbal. As análises clássicas já nos fazem entrever, pelo menos em uma parte dos casos, a parte de criação do sujeito. É o que se chamou a alucinação verbal psicomotora, e os esboços de articulação observados foram reconhecidos com alegria porque davam a esperança de uma explicação racional satisfatória do fenômeno de alucinação. Se esse problema merece ser abordado, é a partir da relação de boca e orelha. Ela não existe simplesmente de sujeito a sujeito, mas de fato para cada sujeito em si mesmo, o qual, ao mesmo tempo em que ele fala, está se ouvindo. LACAN, 1956b/2002, p. 158)

Mesmo que haja uma proposição psicanalítica para o tema da *alucinação*, em seu suporte de *delírio*, essa leitura está longe de ser unânime a depender do campo semântico que é recortado. Enquanto fenômeno elementar descrito pela semiologia da clínica médica psiquiátrica, a alucinação aponta para o desajuste da norma e concepção de uma realidade que

é independente da subjetividade. Ainda assim, Nasio (1997, p. 26) afirma que “*o tema da alucinação [...] é o exemplo de uma questão situada na encruzilhada do pensamento analítico com o pensamento psiquiátrico*”. E complementa que a concepção psicanalítica que dá sustentação para suas formulações teóricas não se distancia da concepção psiquiátrica estabelecida por *Esquirol*, ao ponto de caracterizar sua formalização de “*caráter enigmático*”.

O aparecimento desse tipo de fenômeno na clínica psicanalítica aponta para a questão diagnóstica, tal qual discuti em relação ao caso do Homem dos Lobos, na seção de estruturas clínicas, no capítulo anterior. *Seria a alucinação um elemento diferencial para o diagnóstico estrutural?*

Antes de se tratar de uma questão resolvida na literatura, principalmente com as descrições semiológicas que Freud realizou sobre a histeria, e dos fenômenos alucinatórios que emergiam em momentos específicos, como na “*fase das atitudes passionelles (fase alucinatória)*” (FREUD, 1895/1996, p. 49) ou nos aspectos de caráter reincidentes na alucinação olfativa de *Miss Lucy R.* (FREUD, 1895/1996, p. 134), a alucinação quando referida ao próprio estatuto do objeto referente à narrativa é sempre alucinada, sob a lógica da presença ou ausência material do objeto, pois o ato de fala implica o uso significante e a extração do objeto, ao ponto de falar dele sem que ele esteja presente.

Lacan no texto “*De nossos antecedentes*” (1966a/1998) aponta para um norte da questão diferencial da alucinação ser conferida exclusivamente à *estrutura da psicose*, ou como elemento definitivo para o diagnóstico estrutural. A proposta de Lacan é relacionar o fenômeno alucinatório os postulados na teoria do estádio do espelho, sob o termo imagem especular *i(a)*, tendo em vista a ilusão de totalidade dada ao objeto em sua dimensão *Imaginária*, como discuti no capítulo anterior. A ilusão de unidade, que conecta objetos espacialmente distintos na imagem especular, como uma borda que delimita uma imagem, é em certa medida a alucinação que a imagem produz em seu aspecto fundamental de ordenar uma unidade. Se a imagem especular é um operador estrutural que pode se inscrever nas diferentes estruturas, a formalização da alucinação pode não ser um critério definidor. Porém, Lacan também adverte que não é desse mecanismo que a fantasia encontra sua matriz operacional.

Os referenciais do conhecimento especular, enfim, são por nós lembrados por uma semiologia que vai da mais sutil despersonalização à alucinação do duplo. Sabemos que, em si, eles não têm nenhum valor diagnóstico quanto à estrutura do sujeito (a psicótica, entre outras). Porém mais importante é notar que não constituem um referencial mais consistentes da fantasia no tratamento psicanalítico. (LACAN, 1966b/1998, p. 75)

Apesar de Nasio (1997) defender que a alucinação não seja um fenômeno específico das psicoses, tal qual Lacan afirma categoricamente na citação anterior, o recurso teórico, que o embasa em sua proposta, está centrado pela aproximação com a formação inconsciente do sonho – como *a alucinação cotidiana* – e com a posição do analista na experiência clínica. Ainda mais, “*acrescentarei ainda uma observação, que poderá parecer curiosa: pode existir uma predisposição para as manifestações alucinatórias ou pseudo-alucinatórias no psicanalista, quando ele escuta a palavra do analisante que diz o seu sofrimento, e quando o psicanalista está a ponto de interpreta-la*” (NASIO, 1997, p. 27).

Essa proposição de Nasio (1997) pode gerar uma digressão suficientemente evasiva a respeito da posição do analista na clínica, diante das hipóteses alucinatórias da interpretação que o convocaria na relação transferencial, a partir da qual não me deterei em detalhes, quando há, em Lacan, indicações mais interessantes sobre a posição do analista com o termo *desejo do analista* (LACAN, 1964g/2008).

Contudo, não seria equivocado para o leitor levantar uma objeção a essa evasão que produz nesse momento, pois se um dos pontos de sustentação para essa tese está exatamente na *práxis* psicanalítica, e o apoio no conceito de ato de fala sob transferência para as *estruturas clínicas*. Contudo, a referência ao constructo de *desejo do analista* pode auxiliar o leitor a intuir as trilhas que percorro na condução dos tratamentos, ou seja, menos apoio na concepção da posição pseudo ou alucinatória do psicanalista, mas do lugar que supõe um *sujeito* no encadeamento significativo que o analisante endereça sob transferência, remetendo propriamente a um lugar de quem escuta as amarrações particulares diante do *Real*, deslocando-me, assim, do esforço de complementar a significação do outro em inferências alucinadas, ou de apontar para o ideal do analista como lugar de identificação do analisante. Isso se torna ainda mais pungente para a *estrutura da psicose* que, diante da lógica de concatenação imaginária do significativo, a suposição do analista e a interpretação pode produzir exatamente na subjetividade o lugar que a intervenção pode cercar.

Para lhes dar fórmulas-referência, direi – se a transferência é o que, da pulsão desvia a demanda, o desejo do analista é aquilo que a traz ali de volta. E, por esta via, ele isola o *a*, o põe à maior distância possível do I que ele, o analista, é chamado pelo sujeito a encarnar. É dessa idealização que o analista tem que tombar para ser o suporte do *a* separador, na medida em que seu desejo lhe permite, numa hipótese às avessas, encarnar, ele o hipnotizado. (LACAN, 1964h/2008, p. 264)

Retornando ao ponto da *alucinação*, e seu índice privilegiado para discutir os fenômenos

elementares em específico aos produtos derivados dos operadores da *estrutura da psicose*, afirmo que se trata de um campo vasto de investigação sobre seu funcionamento em relação ao significante, e deve ser remetido a uma formulação conjugada entre a materialização perceptiva de imagens que emolduram o significante em sua radicalidade de suporte sonoro, desde seu retorno no registro *Real*, para além dos ditames referenciais que a realidade compartilhada pode conceber para o referente.

A *alucinação* revela um conjunto teórico muito particular em psicanálise, e eu diria um tanto complexo pois demanda esclarecimentos necessários sobre as relações com os princípios do sistema sensorial e perceptivos em relação ao objeto, ou do próprio conjunto do sistema da consciência e de alguns princípios do que se entende por realidade. A alucinação evoca o problema do objeto e de sua relação com a borda externo-interno e sua constatação no recobrimento *Imaginário* do *Real*, ao ponto da ilusão de existência ou consistência que tal amarração produz na estrutura.

Falamos de alucinações. Será que verdadeiramente temos o direito? Elas não nos são apresentadas como tais quando escutamos a narração. Segundo a noção geralmente acolhida, que a considera como uma percepção falsa, trata-se de alguma coisa que surge no mundo exterior, e se impõe como percepção, um distúrbio, uma ruptura no texto do real. Em outros termos, a alucinação está situada no real. A questão prévia é a de saber se uma alucinação verbal não exige uma certa análise de princípio que interroga a própria legitimidade dessa definição? (LACAN, 1956b/2002, pp. 157-58)

Não adentrarei ainda mais nos pormenores dessa problemática na tese, pois delimito tal recorte de forma estrutural, atrelando a alucinação ao produto da conjugação dos operadores estruturais, como um substrato que está contido na discussão sobre a *crise delirante* ou *crise psicótica*, quando a tentativa de elaborar o *ponto de forclusão* é ordenado sob o recurso *Imaginário* de materializar tal ponto como objeto na realidade, ou o próprio retorno no *Real* do que não é possível simbolizar, como castração. “*Há uma relação estreita entre, de um lado a denegação e o reaparecimento na ordem puramente intelectual do que não está integrado pelo sujeito, e do outro, a Verwerfung e a alucinação, isto é, o reaparecimento no real do que é recusado pelo sujeito há aí uma gama, um leque de relações*”. (LACAN, 1955a/2002, p.22)

Afirmo a importância de conceber a *estrutura da psicose* como um modelo de funcionamento distinto da *estrutura da neurose*, como a desenvolvi no item anterior, e cujas relações não precisam ser articuladas em formulações de valoração, tal qual a clássica de que a “*neurose explicita o bom funcionamento da estrutura da linguagem*”, enquanto “*a psicose opera por uma falha em sua estruturação*”. Esse talvez seja o maior engodo que os psicanalistas possam perpetuar sobre a psicose em sua dimensão de estrutura, não só em sua dimensão

conceitual, quando utiliza termos que não configurariam explicações assertivas sobre os fenômenos que dela se podem derivar, mas, e principalmente, em sua dimensão clínica, quando uma proposta de intervenção, que a despeito de apontar para a dimensão do tratamento, pode intensificar certos fenômenos patológicos, como a *angústia* ou a proliferação do *delírio*, quando o analista não está advertido da função de um ato de fala numa transferência.

Na loucura, seja qual for sua natureza, convém reconhecemos, de um lado, a liberdade negativa de uma fala que renunciou a se fazer conhecer, ou seja, aquilo que chamamos obstáculo à transferência, e de outro lado, a formação singular de um delírio que – fabulatório, fantástico ou cosmológico; interpretativo, reivindicatório ou idealista – objetiva o sujeito em uma linguagem sem dialética. (LACAN, 1956a/1998, p. 281)

No entanto, é inegável que, aos formular uma teoria para a psicose, Lacan utilize, principalmente nas décadas de 1950 e 1960, recursos análogos aos que propõe para a *estrutura da neurose*. Não é sem razão, dessa maneira, que no texto “*De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose*” (1956/1998), Lacan postule o conceito de *metáfora paterna* e as inscrições dos significantes primordiais em relação às operações articuladas de demanda e desejo, sobre o estatuto do objeto na psicose pela relação da frustração, privação e castração, como modelos basais de constituição do sujeito. E, inclusive, retomo a epígrafe dessa sessão, na qual Lacan acentua o aspecto de reposta diante da *demand*a do Outro, e dos efeitos que a *estrutura da psicose* ordena devido ao efeito da *Verwerfung* e incluir o furo do significante, pelo *matema* $S(\mathbb{A})$, isso é, a erosão do tratamento do objeto em sua dimensão simbólica pela interpretação fálica do desejo, ou da fantasia como suposição do objeto Real que reposta à falta de significante.

Diante do campo do Outro, e a operação de inscrição pela *Verwerfung*, a erosão causada no índice do *Simbólico* passa a ser o principal referente teórico para a psicose: a forclusão do nome-do-pai como a causa fundante dos efeitos de significação retornarem ao *Real*, tal qual o inconsciente a céu aberto, em que os significantes encadeiam numa errância sobre a qual o *eu* passa a ser o vislumbre possível de uma delimitação *Imaginária* para o sujeito, a ser produzida como quarto nó que mantém os elos da cadeia no eixo metonímico, permitindo um ordenamento da realidade que o *Imaginário* coadune com um suporte ao significado para o significante, sob o intuito do laço com o outro.

Isso reverbera de modo unânime nos comentadores do ensino de Lacan, ao ponto da principal formulação sobre a *estrutura da psicose* coincidir com uma teoria da forclusão do nome-do-pai e pouco enfatizando a distinção entre operação primordial e teoria de retorno nos

operadores de linguagem, tal qual uma série de consequências teóricas marcadas pelas negativas em relação às três principais teorias da constituição do sujeito, discutidas no capítulo anterior.

Utiliza-se um certo desenvolvimento conceitual de Lacan como crivo interpretativo. a complexidade em sustentar uma teoria explicativa para a *estrutura da psicose* que lhe seja própria, e, de partida, conceba a distinção entre *fenômenos elementares* de uma *estrutura que operacionalize um determinado funcionamento*, permite o equívoco de considera-los como equivalentes na experiência clínica, segundo a proposição lacaniana das décadas de 1950 e 1960, como reduzidas à uma teoria do *Simbólico*, como distintivos para a encruzilhada estrutural da subjetividade em relação ao campo da linguagem. Trata-se, assim, da concepção teórica que sustenta a prática clínica, como um viés equivocado da interpretação para a teoria da metáfora paterna como desarticulado à teoria das operações fundamentais *Bejahung* e *Verwerfung*.

Esse efeito de proposição ocorre devida a recorrente interpretação para o diagnóstico clínico em relação ao registro *Simbólico* operar de modo distinto da neurose, e, dessa forma, forçando um critério diagnóstico relativo entre duas estruturas que tem funcionamento específicos. É como se a subjetividade, na particularidade da inscrição no campo da linguagem, e suas condições específicas a depender da operação que a sustenta, fosse mero produto da própria linguagem, e não engendrada pelos recursos significantes que a sustentam.

A principal consequência, para o campo das psicoses, é reduzi-la ao aspecto deficitário em relação à neurose, quando se utiliza o repertório da incidência do significante como privilegiado e determinante para os efeitos de significação da subjetividade, desde a relação do campo da linguagem e do funcionamento significante, ainda que esse efeito esteja no repertório conceitual para a *estrutura da psicose*.

Na perspectiva das propostas universais para a leitura estrutural, em seu contraponto com a particularidade do caso, há um efeito retórico na transmissão teórica da psicose, que as escanções na obra de Lacan entre 1950 e 1970, surge como uma descoberta e uma ênfase dada para o “*contar um a um*” no casos, por meio da interpretação realizada ao seminário “*O sinthoma*” (1975-76), configurando, inclusive uma proposição paradigmática. Há um duplo efeito: por um lado, enrijece a leitura estrutural numa confusão entre estrutura e fenômeno, além de inferir que Lacan não supusesse a particularidade da subjetividade na leitura estrutural. Porém, no período de formalização do *objeto a* na “*Lógica do fantasma*” (1966-67), Lacan insistia: “*A estrutura, eu ensinava, desde que eu ensino – não desde que eu escrevo, desde que*

eu ensino – a estrutura é que o sujeito seja um fato. Seja um fato DA linguagem. O sujeito assim designado é aquele a quem é geralmente atribuída a função da palavra (LACAN, 1967b/2008, p. 290) .

Laender (2010) resume a proposta contemporânea para a leitura da psicose, desde as indicações de Miller, sob os eixos da “*Psicose extraordinária e psicose ordinária*”. Ainda que a autora afirme que os paradigmas clínicos oriundos de diferentes proposições teóricas não sejam excludentes, tal citação resume diversos problemas discutidos nessa seção, sobre a noção centralizadora sobre o conceito de *nome-do-pai* para os efeitos fenomenológicos da psicose, por exemplo. Cabe ao leitor produzir certas amarrações particulares.

Assim o ensino de Lacan possui duas vertentes bastante distintas, embora não excludentes: uma estruturalista e outra borromeana. A primeira considerada descontinuista e categorial, e a segunda fundada sobre a forclusão generalizada que deixa de evidenciar o Nome-do-Pai como referência princeps para a questão diagnóstica. Enquanto na primeira clínica a referência norteadora era o Nome-do-Pai – se eles estivesse presente a estrutura seria a da neurose e a sua ausência indicaria uma psicose –, na segunda, o que se destaca é a forma particular com a qual cada sujeito faz o enodamento dos três registros, mas, ainda assim, a referência ao Nome-do-Pai permanece. A hiância deixada pela clínica estruturalista propicia o aparecimento de casos em seus intervalos que se perdiam no limbo movediço da falta ou do excesso de sintomas, os quais acabavam por ser diagnosticados como *borderlines*, casos de difícil avesso, normopatas. (LAENDER, 2010, p. 42)

Em relação à proposta sobre o “*paradigma de Schreber*” (TÓTOLI & MARCOS, 2014), atrela-se, em termos análogos, *psicose* e psicose desencadeada pelo termo *surto delirante*. A psicose seria o próprio desencadeamento, e isso gera uma consequência de considerar *estrutura* e *fenômeno elementar* também como análogos. “*Lacan faz a apresentação do Esquema I e de Schreber da seguinte maneira: Como lhe falta o Nome-do-Pai, Schreber o substitui alongando o vértice do Ideal 9esquema r), fazendo-o vir no lugar do Nome-do-Pai. [...] sua estabilização se dá através do trabalho do delírio, da metáfora delirante*” (TÓTOLI & MARCOS, 2014, p. 259). Essa tendência pode ser interpretada pela sobreposição entre leitura psicanalítica e as descrições psiquiátricas para as psicoses, como se, apesar de se referirem ao mesmo termo *psicose*, partissem da mesma definição.

Entendo que haja uma série de confusões vinculadas à *teoria* para as psicoses, em que a absorção de conceitos da neurose tende a posicionar a *estrutura da psicose* como análoga à patologia, ou ainda pela a proposta que comentadores qualificam de hipótese de *descontinuidade* entre neurose e psicose, a partir da qual se compreende que uma lógica estrutural seja em relação à outra, como revela Cottet (2011).

Nos anos de 1950 e 1960, as referências a Claude Lévi-Strauss e a Roman Jakobson fornecem o arsenal conceitual necessário e suficiente para pensar o conjunto dos fenômenos de ruptura, indicar a presença ou ausência de um significante fundamental. A própria recorrência ao significante para recortar os fenômenos clínicos implica uma oposição entre tudo e nada, ou entre vazio e suplência. O que convém chamar de corte significativo já introduz na clínica a localização de fenômenos descontínuos contra a ideia de uma *continuum* clínico prevalente nos demais setores da psicanálise ou da psiquiatria: no passado, o kleinismo com seu núcleo psicótico; hoje, a psiquiatria biológica e quantitativa. Disso resulta uma concepção organicista e deficitária da psicose. Ela conduz a distinguir os tipos ou as formas clínicas com base apenas nos critérios de mais ou de menos, privilegiando a síndrome como entidade transestrutural. (COTTET, 2011, p. 43)

Há a tendência de que a clínica revela um conjunto de fenômenos que demanda uma reformulação conceitual para explicá-la, ponto sobre o qual proponho uma crítica, na esteira do engodo da exemplificação, *como se* a teoria já não fosse um recorte para a clínica. As consequências dessa lógica podem levar a modelos teóricos e clínicos bastante distintos entre si, como Sanches (2015) compilou em sua tese, cujo conceito de *psicose ordinária* de Miller pode ser o maior representante, apesar de não ser o único que deriva dos diferentes recortes da teoria de Lacan, ao que se poderia denominar de *lacanianos*.

A distinção verificada entre *psicose* e *psicose ordinária*, como articulada por Miller (BATISTA & LAIA, 2012), cujo ponto diferencial entre uma e outra incide sobre a *presença* ou *ausência* dos *fenômenos elementares*, como *delírio*, *alucinação* e *fenômenos corporais*. Entendo que haja um problema de definição nesse repertório, a saber, a própria distinção entre *estrutura* e *produto da estrutura*, ou a referência dada pelos registros *RSI* na qualificação do que é o *delírio*.

A grande questão teórico-clínica, a meu ver, consiste na diferença entre a *estrutura da psicose* e o *desencadeamento pela crise*, em que a primeira denota um modelo de funcionamento e o segundo revela o fenômeno típico da estrutura pelo delírio deflagrado como crise. Centrar-se na evidência para o tratamento clínico, pela via da *metáfora delirante* ou *clínica do sinthome*, no horizonte, é apoiar-se numa retórica distinta para definir uma problemática clínica semelhante, a saber, o manejo possível que visa a operar na *estrutura da psicose* com os elementos que lhe são característicos, e distintos de sua fenomenologia típica, sob o efeito de amarração *Imaginária* que faça borda ao *Real*, e permita um enodamento dos três registros por *RSI + 1*. Tais funções estariam correlatas ao que o *nome-do-pai* viria a conferir ao nó borromeano em sua amarração *RSI*.

Como secretários do alienado – e propiciadores do trabalho de testemunho e escrita do real na psicose – capital se faz, pois debruçar-se sobre isso que nasce a alíngua, como enxame do significante, mas que desliza rumo à cifragem do gozo e ao enlace da alteridade. É preciso=, ao secretariar potencializar alíngua como veículo suportável

da singularidade daqueles que se encontram num para além, em relação à norma fálica, mister se faz, assim, atingir o que de alíngua veicula o laço pelo nonsense, é preciso “aprender a aprender” a alíngua de transferência. Constituída a partir de casos clínicos apresentados em *Angers, Arcachon, Antibes* e, a noção de alíngua de transferência traz como particularidade o enlace não a partir do sentido e da suposição de saber, mas, sim, no trabalho de cifragem do gozo numa relação de parceria. (COSTA & FREIRE, 2010, pp. 87-8)

Nessa esteira, posso aventar um campo de problemas que envolve a concepção de *transferência* na psicose, e de certa forma, sobre a posição do analista, pelo encadeamento realizado pelos autores sobre *alíngua de transferência*, que Miller proclama (BATISTA & LAIA, 2012, p. 168). Há suposições teóricas sobre a *estrutura da psicose* que implicam diferentes conjecturas sobre a transferência e a posição do analista, ao que posso remeter com o termo “*secretario do alienado*” (LACAN, 1956f/2002, p. 235) discutido por Lacan no seminário “*As psicoses*” (1955-56), na aula “*Secretários do alienado*” de 25 de abril de 1956, que diversos comentadores recuperam, ou ainda sob o termo das *neotransferência* que Miller (BATISTA & LAIA, 2012) desenvolve sobre as *psicoses ordinárias*.

Porque “neotransferência”? Seria o *neométodo* do qual falava Freud para as psicoses? “É preciso desistir de tentar com os psicóticos nosso método terapêutico”, dizia em 1938, “até o momento em que descobriremos para esse tipo de doentes, um mais método mais adaptado”

[...]

Então, por que o “neo”? O que há de novo em 1998?

Certamente não é mais essa de recuar diante da psicose. Depois das escnações das Jornadas da Escola, em 1983, alguns efeitos da prática com as psicoses foram publicados em *Le conciliabule d'Angers*, e uma nova clínica, uma clínica continuísta das “neopsicoses”, em *A conversa de Arcachon*.

É preciso entender que a clínica das neopsicoses criou uma “neoposição” do analista? Ou foi a neoposição do analista que criou uma “neotransferência” nas psicoses? (BATISTA & LAIA, 2012, p. 155)

Não irei me deter nesse momento, com extensão, sob o aspecto da transferência e da posição do analista, em relação a *estrutura da psicose*, pois isso implica retomar as principais concepções discutidas na literatura e o modo como Lacan a apresenta. Contudo, torna-se fundamental levantar essa problemática, com esses dois conceitos psicanalíticos, para retomar o fio condutor da seção, tendo em vista que diferentes concepções teóricas acabam por produzir diferentes concepções clínicas, como apontado por Miller ao final da citação acima.

Ainda que seja possível aventar considerações sobre a posição do analista na *transferência com a estrutura da psicose*, e inclusive esse sendo um dos pilares para a hipótese diagnóstica para as estruturas clínicas, novamente, não há unanimidade dos comentadores sobre as propostas de Lacan, como já discutia Leclair (1991a; 1991b). Mas, é inegável, o efeito que

produz nos comentadores lacanianos as propostas de Miller e a radicalidade que o termo ordinário pode inferir para a estrutura da transferência e a conjugação teórica na leitura dos casos clínicos.

Essa ressalva pode ser exemplificada desde Freud, que nos desenvolvimentos teóricos sobre a psicose apontava para uma ineficácia do método, exatamente por se tratar de uma resistência aliada a uma defesa radical que expulsava toda e qualquer contradição decorrente da castração, produzindo introversão da libido aos desejos inconscientes e refratária ao mundo externo, impossibilitando ser veículo de cura e condição de sucesso.

O apoio que Freud encontra para sustentar a hipótese da transferência é a teoria da pulsão, e os destinos possíveis para o encontro dos substitutos dos objetos de satisfação, marcados nas primeiras experiências infantis, desde as representações advindas da marca do traço. É nessa esteira que Freud afirma no texto “*A dinâmica da transferência*” (1912), sobre o aspecto ambíguo e paradoxal da transferência remeter o veículo de cura e de resistência, pela propriedade simbólica da divisão do aparelho psíquico em apresentar se escondendo, como no retorno do recaiado ser o próprio recaiado deformado. “*Essas características [...] da transferência, portanto, não devem ser atribuídas à psicanálise, mas sim à própria neurose*” (FREUD, 1912c/1996, p. 113).

A hipótese da tripartição, tópica, dinâmica e econômica – envolvida nas formações substitutivas do desejo inconsciente, aponta para uma complexa articulação dos mecanismos de defesa sobre a produção do *sintoma* e a atualização de sua função na subjetividade pelo amor de transferência. É através da associação livre, pelo circuito de rede em que as representações se apoiam, que o dizer do analisante formula metáforas de seu mal-estar, como formação de compromisso na realização do desejo inconsciente impossível de se tornar consciente. A função do analista consiste em interpretar o dizer do analisando, tal qual um intérprete que revela um funcionamento desconhecido, na busca do *sentido* subjacente ao *sintoma* ou aos sonhos – como processos análogos, que só é revelado no encontro, na transferência, ainda que seja impossível alcançar o sentido total (FREUD, 1900/1996, p. 556). É a própria função simbólica de substituição posta na noção de transferência, segundo Freud, como acompanhamos na seção sobre a neurose, nesse capítulo.

Desde a “*A interpretação dos sonhos*” (1900), Freud supunha a função da censura na deformação dos conteúdos inconscientes, como mecanismos fundamental para as neuroses de transferência, e um tipo especial de censura que fornecia um contraponto fundamental de explicação para o tipo de endereçamento transferencial realizado nos casos de das *parafrenias*

ou nas *paranoias*. Trata-se de um mecanismo de defesa tão radical que impede um redirecionamento de investimento libidinal das imagos infantis para o psicanalista pela via da substituição, e dessa forma, compondo uma realização da representação, a ponto de suprimi-la radicalmente, e produzir uma formação delirante.

Os delírios são obra de uma censura que já não se dá ao trabalho de ocultar seu funcionamento; em vez de colaborar para produzir uma nova versão que seja inobjetável, ela suprime brutalmente tudo aquilo que a desaprova, de maneira que o que resta se torna muito desconexo. Essa censura age exatamente como a censura dos jornais na fronteira russa, que só permite que os periódicos caiam nas mãos dos leitores por quem tem o dever de zelar depois de colocar uma tarja negra sobre diversos trechos. (FREUD, 1900/1996, p. 560)

As associações livres estariam pautadas por realizações perceptivas que incluíam a figura do psicanalista como um dos elementos, e, causadores da frustração. A transferência não estava pautada pelo mecanismo de transferir o investimento pulsional das imagos infantis para o enlace com o psicanalista, e, portanto, toda e qualquer forma de simbolização da história pregressa retornava como acontecimento de experiência, pela alucinação ou *delírio*, por exemplo. Na perspectiva da relação com o objeto e a reminiscência da experiência de satisfação, sobre o eterno retorno ao traço que marca a falta e constitui o circuito do desejo, como Freud elabora na seção “*A realização de desejo*” na “*A interpretação dos sonhos*” (FREUD, 1900/1996, p. 596), a psicose evidencia tal funcionamento pelo retorno dessa operação no rompimento do circuito no sistema pré-consciente (*Psc*), tal qual as percepções extraídas da realidade externa, produzindo uma espécie de colapso entre percepções e representações como gênese para as alucinações ou interpretações delirantes.

Quando isso acontece, o guardião é subjugado, as excitações inconscientes dominam o *Pcs* e, a partir daí, obtém controle sobre nossa fala e nossas ações, ou então forçam a regressão alucinatória e dirigem o curso do aparelho (que não se destinava a seu uso) em virtude da atração exercida pelas percepções sobre a distribuição de nossa energia psíquica. A esse estado de coisas damos o nome de psicose. (FREUD, 1900/1996, p. 597)

Há uma série de complicações que o campo das psicoses abre para a articulação entre a teoria e a clínica psicanalítica, para Freud, pois os princípios da metapsicologia apresentam-se inapropriados, tanto teoricamente para a explicação dos quadros patológicos e de funcionamento típicos da psicose quanto para os fundamentos clínicos da experiência sob transferência. Não é sem razão que no período entre 1911, com “*Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico*” (FREUD, 1911/2004), e 1914, com “*À guisa de introdução ao narcisismo*” (FREUD, 1914/2004), há o período de grandes reformulações das teoria

psicanalítica: teoria do narcisismo, teoria das pulsões, e novas articulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico, prazer e de realidade, entre outros, cujo horizonte delineia a gênese de uma teoria do *eu* e a função dessa instância para as psicoses, com o que virá se sedimentar como a segunda tópica freudiana a partir de 1920, com textos como “*Além do princípio de prazer*” (1920/199).

A resistência imposta pela própria qualidade da transferência e impossibilidade de depositar simbolicamente a prevalência das defesas que compunham as funções do *eu* na elaboração do mal-estar tornava inócua a transferência simbólica e investimento libidinal da infância ao psicanalista.

A despeito de uma história carregada na teoria freudiana, pela negativa de não compor um quadro clínico passível de ser tratado pelo método psicanalítico, é possível encontrar eixos teóricos, em aspectos metapsicológicos, desde a obra de Freud, sobre as hipóteses que compõem o campo das psicoses, como se pode averiguar no trabalho de Simanke (2009), “*A formação da teoria freudiana das psicoses*”. E é exatamente nessas aberturas deixadas por Freud que a psicose passa a ser um conjunto privilegiado de teóricos que se debruçam sobre a lógica subjacente dessa estrutura, como ponto de partida para psicanalistas, como Lacan, com a tese de doutorado “*Da psicose paranoica em suas relações com a personalidade*” de 1932, entre outros, por exemplo Melanie Klein (1882-1960), D.W. Winnicott (1896-1971).

Fazem-se enormes esforços, por exemplo, para definir o que há de não transferencial na situação analítica, e daí saem enunciados que são, propriamente falando a confissão de que, a esse respeito, não se entende nada. Não se entende nada porque não se tem a chave, e não se tem a chave porque não se vai busca-la onde enuncio. [...] O erro, ou melhor, a inépcia do que é formulado a propósito do tratamento psicanalítico da psicose, e o fracasso radical que se marca aí, justamente ao situar a psicose numa psicopatologia que seja de ordem analítica, tem as mesmas origens. (LACAN, 1969h/2008, p. 339)

Como afirma Ernani Chaves, na Introdução do livro “*A formação da teoria freudiana das psicoses*” (2009) de Richard T. Simanke que o receio de Freud em propor uma terapêutica para as questões da psicose, em virtude de sua impossibilidade com as simbolizações na transferência, acaba por compor efeito colateral a essa modalidade diagnóstica, “*legitimando, desse modo, o discurso psiquiátrico como a ultima palavra, a única verdadeira sobre a questão das psicoses, tanto no campo teórico como no campo da intervenção o terapêutica*” (SIMANKE, 2009, p. 12).

A psicose nos ensina que, na falta do significante, o Real emerge plenamente em sua condição de star fora do processo de significação. O mundo aparece como estranho e o sujeito fica colocado numa relação contígua à própria cadeia significante.

consequência: não se realiza a queda do objeto “a”, a realização da metáfora paterna se torna impossível e, ao não conseguir se constitui a condição básica do recalque primário e para a denegação, o psicótico se vê radicalmente impossibilitado de usar a linguagem em sua dimensão simbólica (sofre o rebote do Real da linguagem), impossibilitando de negar algo no plano de um discurso onde tudo se afirma para ele. (SOUZA FILHO, 1988, p. 98)

Souza Filho (1998) realiza um extenso percurso na obra de Freud e de Lacan, sobre as psicoses, para explicar o funcionamento da psicose em relação aos conceitos classicamente utilizados pelos comentadores. Em consequência disso, a noção de *falha* e de *erro* atreladas à psicose podem ser interpretadas como um momento inaugural de afirmar a *estrutura da psicose*, mas em comparação à *estrutura da neurose*: “*E num acidente desse registro e do que nele se realiza, a saber, na forclusão do Nome-do-Pai no lugar do Outro, e no fracasso da metáfora paterna, que apontamos a falha que confere à psicose sua condição essencial, com a estrutura que a separa da neurose*” (LACAN, 1958/1998, p. 582).

Propus, então, apresentar algumas considerações sobre a operação *princeps* de inscrição, e apontar algumas distinções entre o *delírio*, enquanto fenômeno típico da estrutura, em contraponto ao particular do desencadeamento do sistema no quadro patológico pelo *surto delirante (ou surto psicótico)*; distinguindo o funcionamento típico do *delírio* para o quadro particular que comumente é reduzido como signo da *estrutura da psicose*. Além de comparar algumas interpretações realizadas por comentadores, com as principais teorias da constituição do sujeito de Lacan, citadas na primeira seção desse capítulo, por exemplo Dor (1989), Julien (1993), Fink (1998), Quinet (2003; 2006a; 2006b), Porge (2006).

As considerações sobre a *estrutura da psicose* estão pautadas na organização da modalidade de inscrição pela via da *Verwerfung*, portanto, e, fornecem algumas indicações de operadores decorrentes na estrutura pela via do *delírio* enquanto formação ou fenômeno *típico*, e distingui-lo do desencadeamento vislumbrado no surto delirante ou psicótico enquanto formação *particular* da estrutura.

Nessa esteira, o *caráter típico do delírio* na psicose configura-se como uma modalidade de arranjo signifiante consequente da amarração imaginária entre os significantes, enquanto operador de interpretação diante do *Real*, em contrapartida a formação particular da *estrutura da psicose* no *surto delirante ou psicótico*, cuja função diante do *Real* mostra-se particular e específica da estrutura, porém de modo irruptiva no próprio *Real* e que, portanto, evidencia os registros desnodados para situar o sujeito no encadeamento signifiante.

Madeira e Moschen (2017), por meio dos termos *suturas e costuras*, apontam uma proposta distinta, ao analisar um caso clínico, realizando considerações a respeito da negação

subjacente a noção estrutural, culminando numa proposta que se utiliza de termo relacionados a neurose, es de cunho clínico, ainda que a fenomenologia possa evocar indícios de fala para o que se intitula na *estrutura da psicose*.

É, por fim, fundamental ressaltar que tais costuras fantasmáticas que situam o Outro – seu desejo, seu nome, sua presença – precedem e dão estofo ao que chamamos propriamente (de)negação, formulação que advém como sutura às tessituras de Luizel: “*tu vas pas me manquer*”. A anterioridade do esboço fantasmático e das tramas entre afirmação/negação nos indicam que a (de)negação nas psicoses se constrói em transferência, podendo ser situada como operador em si do apaziguamento sintomático. (MADEIRA E MOSCHEN, 2017, p. 403)

Os quadros patológicos da *estrutura*, quais sejam a alucinação, o surto psicótico ou o *delírio* propriamente definido pela psiquiatria seriam exclusivamente os signos que permitiram compor uma hipótese para a *psicose*. Enquanto, de partida, a noção de *estrutura* não significa homologia com a *semiologia* das formações fenomenológicas, mas as condições de sua produção, tal qual Freud já havia formulado sobre a *histeria*. A consequência dessa leitura implica, não só um desdobramento teórico bastante equivocado, mas, e talvez principalmente, para a compreensão do quadro clínico, tornando-o equivalente a uma patologia, além de remeter ao problema de tornar o referente para o ato de fala aos elementos da *realidade social ou compartilhada* e não para uma amarração dos três registros *RSI* como a *própria estrutura da realidade psíquica*. Trata-se da própria literatura psicanalítica, de uma teoria explicativa-conceitual que mescla referentes da *neurose* para se remeter às hipóteses do funcionamento da *psicose*, quando se torna necessário compô-las através de elementos que lhes sejam próprios, partindo de conceitos psicanalíticos que permitam tal proposição teórica.

Para fechar a seção, recupero uma passagem de um artigo (BONI JÚNIOR, 2017, p. 178) que realize considerações sobre a *estrutura da psicose*, por meio de um tratamento, em que aponto a posição do analista na transferência, ao tom de ser o suporte para a construção de uma borda imaginária que situe o sujeito na cadeia, pelo reconhecimento produzido, no lugar de *eu*. O *ponto de forclusão* passa a ser delineado como a demanda de tratamento para o sujeito em particular, pela questão “*Como manter a alma no corpo?*”, e que construo declaradamente uma aproximação entre a lógica da metáfora delirante com a proposição dos três registros *RSI*. E que isto não sirva ao leitor como ponto de ilustração, mas aponte para a extração teórica das *estruturas clínicas* em sua dimensão teórica proposta nessa tese.

Como manter a alma no corpo? A resposta para esta pergunta deve ser a orientação para a direção do tratamento deste caso. Se o mal estar se situa nesta injunção, em que é impossível organizar um conjunto de repertório para esta pergunta, como efeito

estrutural da forclusão de uma significação fálica, ou seja, do recurso dialético de uma positividade simbólica para a negatividade da castração, a direção do tratamento se situa pelo efeito subjetivo de sedimentação de uma resposta para esta pergunta; pela imaginarização de uma negatividade quando o significante falta.

Desta forma, há duas situações em que a alma pode permanecer no corpo, a primeira pela posituação do significante, em que este serve de território de borda por um “*saber como fazer*”, em que o sujeito incorporou o significante num repertório de linguagem que serve de continência para as situações, ou seja, quando o significante opera enquanto modulador da própria existência, e portanto, há o entrelaçamento do Nó, no qual Real e Imaginário permaneçam separados por uma borda, organizados como dois territórios em que o Imaginário serve de suporte para o Real; e a segunda relacionada com a negatividade significativa que pode causar na subjetividade da estrutura psicótica o desencadeamento da ruptura em duas perspectivas de “*não saber*”; uma que seja possível transformar o “*não saber*” em “*saber*” e outra que suporte o inexorável de um “*não saber*”. Em ambas Real e Imaginário tornam-se indistintos, porém na primeira é possível operar uma distinção e borda pela trajetória da posituação da negatividade e a segunda que dê borda para um negativo que não desencadeie a ruptura. Desta forma, a negatividade significativa comporta uma operação em que ou a continência imaginária se desrealiza ou não há qualquer continência, cujo efeito é a desorganização da referência de si, logo, o efeito do trabalho se circunscreve na orientação do efeito de uma fórmula que dê borda para tal vazio, numa operação denominada por Lacan como suplência. (BONI JÚNIOR, 2017, p. 178)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Caro leitor, essa seção visa a sintetizar as principais referências desenvolvidas e defendidas nessa tese, sobre o *conceito de estrutura* e o salto lógico que proponho com as *estruturas clínicas* em psicanálise, na obra de Jacques Lacan, pela referência dada à divisão diagnóstica clássica *neurose, perversão e psicose*, e a correlação entre operações fundamentais de inscrição no campo da linguagem e seu efeito de retorno no enodamento dos três registros *RSI*: dos registros ao *Nó Borromeano*.

Há três objetivos declarados na seção introdutória, a partir dos quais inicio as considerações finais, ao tom de uma verificação se, com o decorrer dos argumentos e desenvolvimentos teóricos, pude alcançar indícios de respostas para a pergunta que orientou essa pesquisa: “*Como definir a noção de estruturas clínicas na obra lacaniana?*”

Primeiramente, essa pergunta carrega um problema implícito, a respeito da denominação do objeto de estudo “*estruturas clínicas*” que não é um termo que Lacan utiliza em sua obra, ainda que faça referência à exaustão ao *conceito de estrutura*, do primeiro ao último seminário, como as referências bibliográficas demonstram, combinado a diversos conceitos fundamentais.

É para anunciar essa contradição que anunciei, em tom indagativo sobre a possibilidade conjectural de formalização: “*Se Lacan nunca fez referência ao termo é possível formalizar a noção de estruturas clínicas em sua obra?*”

Logo, são dois problemas complicados, em termos científicos e também psicanalíticos, com os quais me debati ao longo de toda a pesquisa e escrita da tese, e procurei me manter orientado em não perde-los de vista, tampouco recorrer a soluções abruptas e resolutivas com demasiada pressa, como o leitor pôde constatar nas inúmeras voltas sobre as quais os capítulos deram em relação aos conceitos de *estrutura* e de *estruturas clínicas*, a fim de que o rigor pudesse aventar caminhos menos tortuosos para tratar um objeto de estudo que não tem seu estatuto propriamente dito como tal, e, ao mesmo tempo, atento às estratégias metodológicas que cumprissem uma extração clara e objetiva das hipóteses anunciadas.

Para alcançar, uma proposição conceitual para as *estruturas clínicas*, foi necessário instrumentalizar as bordas conceituais para o conceito de *estrutura*, com as quais Lacan flertou ao longo do seu ensino, desde a linguística, a antropologia, a lógica e a matemática, por meio, sem desconsiderar, de uma influência inegável do *estruturalismo*. As duas primeiras foram amplamente desenvolvidas, inclusive procurando responder às críticas e objeções que a

literatura tende a imputar a ela, principalmente a respeito dos aprisionamentos interpretativos que comentadores do texto de Lacan realizaram sobre suas articulações.

Os eixos fundamentais para os quatro capítulos foram deslizando de uma discussão epistemológica de apresentação crítica, como realizada no capítulo “**Bordas epistemológicas para o conceito de estrutura em psicanálise**”, para uma estratégia de recorrer, retornar e percorrer às fontes originais, por meio da aposta do trânsito teórico e das apropriações realizadas por Lacan como as em relação a F. Saussure e R. Jakobson, a *antropologia* com C. Lévi-Strauss e a *lógica* e a *matemática* com Aristóteles, G. Frege e indicações gerais da *topologia*, para um desenvolvimento oras mais indagativo, oras mais descritivo.

Partindo da estrutura linguística, sobre a linguagem e o *Simbólico*, há um resto importante de ser trazido em primeiro plano, a saber, a distinção realizada entre eles, e a suposição do *Simbólico* ser atrelado à particularidade de uma subjetividade que inscreve tal índice como suporte para as concatenações significantes, e, dessa maneira não só desvinculando-o do conceito de código, como também o de *mensagem*. A suposição de que as mudanças sociais, históricas, econômicas e políticas, que a ideologia e os fundamentos de constituição da ordem discursiva, no aspecto amplo que o social pode carregar, podem ser revistas, ao tom do intuito de sustentar, em termos epistemológicos e éticos, o *registro Simbólico* à particularidade que o universal da linguagem sinaliza no singular da inscrição da subjetividade e do incessante do retorno na estrutura.

Entre *linguística* e *psicanálise*, decantam-se as inferências conceituais de um trânsito e de uma apropriação que não é direta, tampouco sem uma multiplicidade de interferências de diversos campos teóricos na transmissão de Lacan, sobre *linguagem*, *significante*, *significação*, *sentido*, *sujeito* e *Simbólico*, ao ponto de horizonte da concepção de inconsciente atrelado à estrutura, com a célebre afirmação “*de que o inconsciente é estruturado como uma linguagem*”. Sobre essa, sedimentei um ponto de apoio para a proposição de estruturas clínicas, que o definia como o campo de significantes, desde o qual uma subjetividade pode se inscrever, a partir de operações fundamentais: *Bejahung* e *Verwerfung*.

Com a antropologia, os estudos sobre as regulações sociais e a lógica de uma *estrutura* que ordena as relações de parentesco, há três pontos de apoios importantes: (1) o *conceito de Simbólico* e (2) as *teorias da constituição do sujeito* e (3) correlação entre *ato*, operação de *negação* e gênese de uma lógica relacional que estivesse pautada em condições lógicas.

Com a lógica e matemática, explorei certas bordas a respeito das correlações de proposições que interferiram em inflexões na teoria de Lacan, a respeito da *estrutura*,

principalmente no horizonte de incluir, em termos formulados por sistemas abstratos de funcionamento, dimensões que, com a linguística e antropologia pareciam carregados de interferências da ordem do sentido. Ou seja, uma fundamentação mais elaborada a respeito da incidência dos três registros *Real*, *Simbólico* e *Imaginário* nas proposições estruturais.

Ainda que mudanças ocorram, e isso esteja vinculado à uma interpretação ampla do entrejogo entre *Imaginário* e *Simbólico*, o *Real* é da ordem do que evento, da contingência, da impossibilidade, da vida, e, dessa forma, *é o que é*; é da ordem da subjetividade que o enquadre do *Real* produz determinações, que *ex-sistem* à unidade que o determina, pelos efeitos de transmissão e circulação na cultura, dos enigmas que o laço social impõe à estrutura.

Então, coloco a pergunta: será que a saída de proposição como “*nova clínica*”, “*novo sujeito*”, “*novo simbólico*”, “*novos sintomas*”, dentre outros novos velhos novos, que o significante “*novo*” acarreta para a teoria psicanalítica condiz com as proposições de Freud e de Lacan?

Empresto de Eco (2013) sua ressalva a respeito das posições interpretativas a respeito da obra de Lacan, tendo em vista a pertinência com que esse autor fundamenta a necessidade epistemológica de uma produção científica, que na seção introdutória, já havia declarado, a respeito da singularidade de uma proposição de tese, e o rechaço de quere-la universalmente completa nos domínios de saber, que a verdade retorna como a abertura da estrutura de linguagem que a determina, a não ser como uma ficção engendrada por um escritor. Mas, se formulada, uma pergunta de pesquisa já não seria a revelação de um saber inconsciente?

Não compete a estas páginas estabelecer o que tudo isso pode comportar para o trabalho terapêutico do psicanalista nem até que ponto o lacanismo é, como pretende, a interpretação subsequente e fiel das ideias de Freud, mas visto que o discurso psicanalítico de Lacan pretende pôs nu a estrutura geral da determinação, somos obrigado s dizer o que suas conclusões comportam para qualquer pesquisa sobre o universo da comunicação, da Antropologia à linguística, do machado do indígena à placa de trânsito. Pois então vejamos. Para começar: toda pesquisa, se conduzida com rigor, deve dar-me sempre e de qualquer modo, sob as variações sobre as quais atua, o mesmo resultado: e reduzir todo discurso ao mecanismo do Outro que o profere. Ora, função de toda pesquisa resume-se em verificar a Hipótese por excelência. Concluindo: toda pesquisa revelar-se-á verdadeira e frutífera na medida em que disser *aquilo que já sabíamos*. Não haverá descoberta mais fulgurante, ao lermos estruturalmente o *Édipo Rei*, do que descobrirmos que Édipo tinha o complexo de Édipo: porque, se se descobrisse alguma coisa mais, este mais ser um a mais, espécie de carne não suficientemente roída recobrando o osso da determinação primeira. Esta, a acusação que paira sobre grande parte da crítica literária de base psicanalítica, e Serge Dubrovsky podia voltar essas mesmas objeções contra a psicocrítica de Mauro. Mas embora seja banal mover objeções desse tipo, é mister dizer o que se deve dizer, uma vez que o não dizê-lo ajuda a perder de vista o núcleo da questão. (ECO, 2013, p. 331)

As *estruturas clínicas*, em termos de teoria e transmissão, podem ser referidas com a *dimensão clínica*, que o termo *torção* revela de modo privilegiado nos desenvolvimentos do segundo capítulo, “*Estruturas clínicas e os três registros RSI*”, que retoma noção de *estruturas clínicas*, a partir das três principais teorias da constituição do sujeito em Lacan, , das quais foi possível extrair as indicações dos três registros *RSI*; e aprofundar o fundamento para as *operações primordiais* – *Bejahung* e *Verwerfung* - de inscrição no campo da linguagem e seus efeitos de retorno em *operadores estruturais* específicos a cada conjunto, tais quais na divisão *ser*, *sujeito* e *eu* na montagem da estrutura pelo corte significante.

Assim, ao final do capítulo, o leitor refletiu sobre a concepção de *hipótese diagnóstica*, e a *atualização de sua estrutura nos endereçamentos*, sob *transferência* para a função que o *analista ocupa*, a hipótese diagnóstica articulada ao *ato de fala*, permitindo ao leitor desvincular as *estruturas clínicas* do exercício diagnóstico em si, sobre o analisante, exclusivamente, e assim reconfigurar a principal tendência de definição que tais noções carregam sobre as incidências clínicas, como pelas discussões que o termo das *entrevistas preliminares* pode circunscrever sobre os fundamentos da clínica.

Por meio de uma análise das três principais teorias da constituição do sujeito em Lacan, a saber, teoria do estádio do espelho, complexo de Édipo e teoria da alienação, constatei uma série de problemáticas interpretativas a respeito das formulações de Lacan, principalmente sobre temporalidade da *constituição* e da *referência* de interpretação dadas a elas. No que tange ao uso excessivo à teoria do *complexo de Édipo* e *inscrição da metáfora paterna*, tende-se a considerar um centramento nos aspectos míticos de tal constituição, e extinguindo da fórmula os aspectos corporais e de transferência dirigidos ao analista, tendo em vista, que a teoria da *constituição da sujeito* é uma suposição mítica, a partir da qual, o *psicanalista* tece *hipóteses diagnósticas* a respeito do estatuto da fala no campo da linguagem, e do funcionamento significante, que o analisante estabelece na transferência, pelo ato de fala, e que passa a ser regulado sob a lógica de dois conjuntos e um estado passível de se emoldurar nesses.

Partindo da aposta, para as *estruturas clínicas* como proposições de modelos distintos de modalidades de inscrição no campo da linguagem, a partir de operações fundamentais e operadores de linguagem que se apoiam nos três registros *RSI*, e que se configuram nas nomeações dadas na divisão clássica em *neurose*, *perversão* e *psicose*, reforço a limitação com que tal conjunto tenha sido abordado pelas narrativas em relação ao *complexo de Édipo*, a *inscrição da metáfora paterna* e *redução à teoria estrutural* como estritamente vinculada às teorias de negação e da teoria das defesas para as hipóteses de funcionamento estrutural, como

ponto de engessamento ao início da obra de Lacan, entre os seminários “*As psicoses*” (1955-56) e “*O desejo e sua interpretação*” (1958-59).

Do momento mítico das *teorias da constituição do sujeito*, com o *estádio do espelho*, com os *tempos lógicos do Édipo* e, por fim, com a teoria da *alienação*, foi possível ampliar uma *proposição* para o termo *estruturas clínicas* que conjugasse o *ato de inscrição no campo da linguagem* com a atualização que o *ato de fala* dirigido ao analista, a fim de que tal transposição servisse de pressuposto teórico nas formulações diagnósticas, que o psicanalista pode hipotetizar na *práxis clínica*. “*Essa anterioridade não é cronológica, mas lógica, e só fazemos aí uma dedução. Ela não é menos fundamental, porque nos permite distinguir os planos do simbólico, do imaginário e do real, sem os quais não se pode avançar na experiência analítica senão usando expressões que confinam à mística*”. (LACAN, 1954e/1986, p. 197)

A *hipótese diagnóstica* não se refere ao momento mítico propriamente demarcado pela anterioridade lógica da subjetividade que se propõe à uma experiência de análise, e assim, descentrar das confabulações sobre a pessoa do analisante, que o termo *torção*, tratado na seção introdutória, visava a desinflar nas argumentações da tese, mas orientada pela suposição de uma *estrutura de fala* que se emoldura de um Outro ao outro, na cena clínica, pelo analisante para o psicanalista.

Além do equívoco teórico de reduzir à lógica estrutural em psicanálise às formulações do *complexo de Édipo* e o registro *Simbólico*, exclusivamente, a hipótese de abandono do conjunto estrutural, tem tornando-se fenômeno semelhante da racionalidade tal qual ocorreu com *Melanie Klein* e *Anna Freud* com a teoria freudiana, pós 1920. A redução do corpo estrutural ao *Édipo*, e de certa forma, na compreensão reduzida ao *Simbólico*, acaba por produzir uma sobreposição entre as noções de *estrutura* e *fenômeno* que dificultam a racionalidade diagnóstica na clínica psicanalítica e, a demanda ilusória na contemporaneidade, para novas formas de teorizar os ocorridos sob transferência, como discuti com os termos *psicose ordinária* (BATISTA & LAIA, 2012) e *perversão ordinária* (LEBRUN, 2008).

O apoio dado para essa suposta nova racionalidade tende a ser realizado sobre o argumento de que a *teoria estrutural* não responde às novas formações sintomáticas, em termos epistemológicos da racionalidade psicanalítica, mas também para as questões vinculadas ao analista e suas possibilidades de intervenções, na perspectiva da *práxis* psicanalítica e do problema de transmissão.

A transmissão da *teoria estrutural* tende a ser realizado pela via da narrativa e do apoio na escrita formal sintática, como um modelo para a construção de casos clínicos e o uso de

trechos e vinhetas para justificar as proposições que as estruturas demandariam, ao tom de um eixo de fundamento para as racionalização das noções de *sintoma na neurose, do delírio na psicose e o problema do fetiche nas perversões*, como se costuma publicar na literatura do campo psicanalítico, quando a transmissão da *práxis clínica* se apoia na formalização de casos. “Assim, o ser do desejo une-se ao ser do saber, para renascer no que eles se atam, numa feita de borda única em que se inscreve uma única falta, aquela sustenta o *agalma*”¹¹⁴ (LACAN, 1968/2003, p. 260).

Vincula-se, assim, a transmissão da *teoria estrutural* num duplo golpe em relação aos registros *Imaginário* e *Simbólico*, por um lado a teoria de suporte fica necessariamente reduzida ao complexo de Édipo e as teorias de negação e defesa, pelo crivo do *nome-do-pai*, e por outro lado, a tendência de utilizar a narrativa para compor essa lógica de transmissão.

É inegável que o empuxo ao *Imaginário* produz consequências determinantes para a compreensão da teoria, e o modo como esse conjunto estrutural passa a ser localizado na história da psicanálise. Lacan estava advertido desse problema e não sem razão evitou vincular a transmissão da psicanálise aos casos clínicos e a lógica narrativa de transmitir sua produção.

A complexidade do registro *Simbólico* e a necessidade de incluir o registro *Real* nas formulações de sua *teoria estrutural* imputavam a Lacan a demanda de uma proposição, na transmissão, que contemplasse seu ponto de apoio nos três registros *RSI* como categorias fundamentais, e, que assim, ganhassem ênfase a partir de 1973, com o seminário “*Os não-tolos erram os nomes do pai*” nas proposições sobre o *Nó-borromeano*, mas que desde 1953 já se faziam presentes, com o seminário “*O Simbólico, o Imaginário e o Real*” (LACAN, 1953/2005).

Trata-se de uma escanção de estruturas em que, para o sujeito, a verdade se transmuta, e que não tocam apenas em sua compreensão das coisas, mas em sua própria posição como sujeito de qual seus “objetos” são função. Isto é, o conceito da exposição é idêntico ao progresso do sujeito, isto é, à realidade na análise. (LACAN, 1952/1998, p. 217)

Os problemas levantados na introdução dessa tese sobre o *conceito de estrutura* e da noção de *estruturas clínicas* demandam ao *pesquisador-autor* esclarecimentos sobre as definições encontradas no ensino de J. Lacan sobre as categorias classicamente vinculadas à

¹¹⁴ O conceito de *agalma* surge, nessa tese, pela primeira vez nas indicações das considerações finais. O conceito, explorado ao longo do seminário “*A transferência*” (1960-61), tem seu desenvolvimento na aula de 01 de fevereiro de 1961, “*Agalma*”, como o objeto privilegiado no interior da estrutura analítica, em que o analisante supõe no laço com o analista, sob transferência, o endereçamento de seu objeto “*numa topologia tripla do sujeito, do pequeno outro e do grande outro*” (LACAN, 1961a/1992, p. 151).

noção de *estruturas clínicas*, em sua divisão clássica *estrutura da neurose*, *estrutura da perversão* e *estrutura da psicose*. Afirmar uma proposição para esse *objeto de estudo* é um compromisso com a teoria psicanalítica, a partir de uma posição de interpretação sobre o ensino de Lacan, logo, trata-se de uma posição de um *pesquisador-autor*, tendo em vista que Lacan nunca afirmou essa expressão *estruturas clínicas*, mas que se torna possível deduzi-la em sua obra como Eidelsztein (2003/2016) desenvolveu.

É exatamente pelo hiato apresentado entre a ausência explícita no ensino de Lacan e a proliferação do *termo* no discurso de estudiosos, comentadores e psicanalistas, como discuti na seção introdutória, que entendo a necessidade de retomar esse conjunto conceitual e recorta-lo a partir das inflexões teóricas realizadas por Lacan entre 1950 e 1980.

O leitor, então, encontrou uma delimitação conceitual para o *termo*, na seção “*Definição de estruturas clínicas em psicanálise*”, na qual realizo um desenvolvimento argumentativo sobre o próprio *termo*, explicitando o arcabouço conceitual que pudesse abarcar a noção *estrutural*, num duplo aspecto, tanto de uma teoria geral sobre a transmissão da prática *clínica* no objetivo de decantar, desde um rigor de sistematização, a teoria dessa prática, tal qual em uma superfície topológica, quanto o aspecto particular de cada tratamento realizado sob a ética da psicanálise, ainda que me reserve a liberdade de não assumir o compromisso de não ter composto uma narrativa de caso clínico, a fim de evitar o engodo da exemplificação.

Definir *estruturas clínicas* em psicanálise está pautada na orientação de sistematizar os principais pilares que permitem conceber as diferenças entre *neurose*, *perversão* e *psicose*, numa lógica da hipótese diagnóstica de um endereçamento de um analisante a um analista, sob transferência. Como Dunker (2016, p. 195) afirma: “A estrutura não se define, portanto, pelo que o sujeito faz ou pela avaliação de comportamento, mas como ele fala do que faz, na transferência”, e ainda contemplando a ressalva crítica anteriormente realizada por Dunker (2006a, p. 128), “a questão de saber quantas estruturas clínicas existem¹¹⁵ é uma questão ociosa”.

Minha proposta foi de ampliar as bases conceituais para as *estruturas clínicas* em psicanálise, e por tal razão, grande parte dos argumentos realizou uma volta de esvaziamento das leituras tradicionais apresentando os principais elementos dessa problemática, para então

¹¹⁵ Dunker (2006a, p. 128) sublinha o verbo *existir* em sua afirmação. A sequência que o autor argumenta sobre, e conclui com tal provocação par a comunidade psicanalítica incide não apenas no caráter corpóreo e individual da questão de o diagnóstico existir ou não na pessoa do analisante, mas principalmente nas proposições lógicas dos “*universais categoriais ao existenciais da experiência*” (p. 128). Problemáticas que envolvem o verbo *existir*: de personificação, de lógica e das categorias de causalidade.

compor o cerne da argumentação em torno das três principais teorias que explicitem esse conjunto estrutural, articulado e de tratamento de diferentes arestas sobre a constituição subjetiva e que se enlaça na clínica, conjugando assim, *estruturas* e *clínica: estruturas clínicas*.

O intuito foi de coadunar com as indicações de Lacan, por meio do tratamentos dessas categorias estruturais e clínicas em seus seminários e textos oficialmente publicados, como os compilados na obra “*Escritos*” (1966/1998), ou aqueles incluídos em “*Outros Escritos*” (2001/2003), além de circular por algumas aulas publicadas de forma não oficial, mesmo que isso revele uma questão política em relação aos domínios da produção de Lacan.

Para tanto, foi necessário supor que as estruturas clínicas sejam conjugadas a dois cortes, o primeiro vinculado a operação primordial de inscrição no campo da linguagem, e o segundo por amarrações que os *três registros RSI* operacionalizam nas concatenações significantes, a depender das determinações causais que operações e operadores permitem no ato de fala sob transferência.

A articulação das *estruturas clínicas* deriva exatamente do ponto de supor que há operações fundamentais que explicitam a lógica causal da inscrição da subjetividade no campo da linguagem, e o efeito de retorno dessa operação na aresta da divisão tripartite em *ser*, *sujeito* e *eu*, que a *estrutura da neurose* revela por excelência e que a *estrutura da psicose* e a *estrutura da perversão* produzem a demanda de uma análise que não implique quantificadores de valoração, e ao mesmo tempo na aresta dos operadores estruturais distintos entre, pelo tratamento através dos registros *Imaginário* e *Simbólico* do resto da operação que está incluído na operação, a saber o *objeto a*.

O intuito de escrita e transmissão, como um segundo ponto de virada nas formulações da tese, a saber, sobre os enodamentos do *RSI* no *Nó-Borromeu* ficou indicado para pesquisas futuras ainda que seja inegável que: (1) os registros *RSI* estejam implicados ao longo da obra de Lacan nas formulações do conjunto estrutural, e (2) é fundamental conceber duas modalidades de arranjos e enodamentos dos registros quando há, na *estrutura da psicose*, uma suposição lógica de que tal funcionamento não inclua o índice do *Simbólico* em seus elementos operacionais. Portanto, a despeito de não realizar os desdobramentos pretendidos em relação à escrita e transmissão dos conjuntos estruturais pelo *Nó-Borromeano*, entendo que a hipótese de abandono das estruturas clínicas no arcabouço conceitual de Lacan deva ser repensada.

Assim, ao que tudo indica, foi possível criar pontos de significação para uma “definição de estruturas clínicas em sua divisão clássica, segundo operadores derivados das operações primordiais *Bejahung* e *Verwerfung*, enquanto enodamentos distintos entre si, pelos operadores

que concatenam significantes em suporte dos três registros *RSI* e, em termos de hipótese, implicitamente relacionados com as escritas pelos *Nó-borromeano*".

A *torção teórico-clínica* em relação às hipóteses para as *estruturas clínicas* demandou um vasto repertório de leitura de textos, seminários e comentadores da obra de Lacan, a fim de tornar evidente alguns rastros sobre os quais sejam possíveis trilhar as voltas de significação para o grande conjunto conceitual que materializo em quatro capítulos da tese.

Sustentar a permanência do conjunto conceitual das estruturas demandou um crivo interpretativo que evitava tomar as inflexões de Lacan como pontos de ruptura, ou cortes secos, tal qual os *primeira clínica*, *segunda clínica*, *clínica do Simbólico* e *clínica do Real* visam a transmitir, a depender das escolas de referência para, o que viria a ser a própria recusa de Lacan, com o lacanismo, ou lacaniano.

Assim, as referências bibliográficas podem ser o primeiro sinal objetivamente demarcado com as inscrições numéricas, para o que se define por data de escritura e publicação, dos textos de referência utilizados nessa tese. De 1932/2011, "*Da psicose paranoica em suas relações com a personalidade*" a 1977, com uma aula do seminário "*Le moment du conclure*" (1977-78), há um intervalo de quatro décadas, em que há menção e reflexão sobre, pelo menos, um material textual de Lacan de cada ano dessas quatro décadas.

Se a hipótese de permanência conceitual foi um dos pilares da tese, e talvez uma das teses laterais sobre a qual tive que sustentar, a tese das *estruturas clínicas* relacionando os três registros *Real*, *Simbólico* e *Imaginário (RSI)* com os modelos de transmissão e escrita que o *Nó-borromeano* em *RSI* e *RSI + I*, parece produzir, pelo menos que haja um impacto de revisão sobre o leitor que entende o abandono da lógica estrutural na teoria de Lacan. Caso surja nova refutação sobre esse ponto, que as indicações possam ser inscritas na cultura e transmitidas pela escrita, como um convite ao debate, caso isso sirva de pontos de apoio para o tintilar das produções psicanalíticas nos debates que a academia, e o discurso universitário podem vir a fomentar soluções para problemas que a teoria freudiana implicou ao repertório sobre a subjetividade humana.

Há a suposição de que a hipótese sobre a inscrição no campo da linguagem, tratada nesse trabalho, produza uma série de inflexões a respeito da *neurose*, *psicose* e *perversão*, pelo constructo de dois cortes lógicos, em relação às operações fundamentais – *Bejahung* e *Verwerfung*, e o efeitos de retorno, pela discussão com a *teoria das negações Verdrangung* e *Verleugnung*, que os operadores de linguagem ordenam

Assim, sustentei que a *estrutura da neurose* e a *estrutura da psicose* se formalizam como razões distintas, em termos estruturais e de funcionamento, e, portanto, ordenam dois conjuntos distintos na ordem da implicação teórica, e do fundamento clínico sob *transferência*. A *estrutura da perversão* pode ser concebida como um derivado de modo de tratamento do objeto, em seu aspecto fundamentalmente *Imaginário*.

Os pontos, que explicitam teoricamente essa distinção, podem ser recuperados pelos termos “*marcapaga*”, “*marcapagada*”, “*intervalo*”, “*ponto de foraclusão*” e “*holófrase*” que podem ser referidos como as causas estruturais para os efeitos de amarração e enodamento do *RSI*, desde as identificações ulteriores que o laço – entre o Outro e outro – permite para as estruturas subjetivas. O aspecto clínico se pauta nos operadores e nas diferenças de suporte no ato de fala, pelo *sintoma*, *fantasia*, *desejo* e as referências éticas e estéticas com o *eu-ideal* e *ideal-de-eu*, na *estrutura da neurose* demonstram, e o *delírio*, o *ponto de foraclusão* e *metáfora delirante* ou *suplência* indicam na *estrutura da psicose*. A *estrutura da perversão* é confabulada como uma posição ou estado que recobre o intervalo significante, por um efeito que o registro *Imaginário* pode impor à lógica estrutural, e não como uma *categoria clínica* dotada das especificidades que essa tese visa a defender.

Assim, o leitor pode recuperar a seção introdutória do trabalho e revisitar as concatenações que foram realizadas. Talvez, trata-se menos de uma introdução, mas de um levante importante a respeito do *conceito de estrutura* na literatura de referência para problemas fundamentais que rondavam todos os capítulos subsequentes, ainda que nem todos tenham sido resolvidos ou explicitados com a mesma profundidade, ao tom de uma ilusão que a balança da justifica pode imaginarizar sobre as tendências dos trabalhos acadêmicos. Porém, é inegável que tal levantamento traz um mapeamento sobre arestas do problema de pesquisa, e o anúncio de dificuldades que foram atravessadas no corpo do trabalho.

Tratou-se de demonstrar ao leitor que Lacan se ocupava em definir as *estruturas clínicas* não pelo seu efeito fenomenológico, mas pelas possibilidades de funcionamento que advém de operações *primordiais* e dos efeitos, na *estrutura* de concatenação significante, pela conjugação dos três registros *RSI* em seus suportes em relação ao *significante*, num campo denominado *grande Outro* (A). Ou seja, uma resposta sistematizada sobre a lógica estrutural e não necessariamente orientado pelos fenômenos advindos das *leis*, *operações* e *operadores* das estruturas.

O leitor encontrou algumas delimitações conceituais para as *estruturas clínicas*, ou ainda, para a *estrutura da neurose*, para a *estrutura da psicose* e para a *estrutura da perversão*,

que não fiquem reduzidas ao período das décadas de 1950 a 1960. A razão é sustentar a hipótese não só da permanência conceitual na obra de J. Lacan, bem como salientar a importância sobre a *referência* dos conceitos conjugados a tal conjunto.

Dessa forma, torna-se fundamental enfatizar que existam três formulações de teorias sobre a constituição do sujeito em Lacan: *teoria do estádio do espelho*, *teoria do complexo de Édipo* e *teoria da alienação*. A correlação inequívoca de apenas uma delas com uma teoria estrutural conduz a conclusões que nem sempre fazem jus à torção teoria e clínica, que entendo como fundante para o campo temático dessa tese, e além de reduzir a amplitude sobre as estruturas e seus suportes nos três registros *RSI*. Não foi antecipado em demasia afirmar que Lacan conjuga em cada uma delas os três registros *RSI*, enfatizando recortes teóricos sobre as incidências desses registros numa lógica estrutural.

Essas três teorias apontam para o mesmo momento estrutural sobre a aquisição da linguagem, a inscrição significante e o resto que se escreve da lógica subjetiva em sua posição diante do objeto, e servem de ponto de apoio, numa perspectiva hipotética para as razões diagnósticas de um sujeito já constituído que formula seu mal-estar sob transferência. Ou seja, as teorias da constituição do sujeito servem de suporte para amarrar uma hipótese clínica da diagnóstica estrutural, numa temporalidade *a posteriori*. Trata-se de uma suposição de um sujeito que se inscreve no campo da linguagem e articula significantes sob o suporte de registros *RSI* e oferta operadores de concatenações de significação sobre a própria existência, bem como dos arranjos que lhe fazem sofrer.

As operações primárias explicitadas nesta seção apontam para as diferenças estruturais do como a subjetividade se inscreve no campo da linguagem, e das consequências para os arranjos decorrentes das experiências no laço social.

O que é que poderia haver, ali, de mais indicativo da diferença radical do simbólico como tal? Senão ver aparecer na produção – certamente sobre esse ponto não sugerido pois não há traço nesse momento aí de uma articulação semelhante concernente à função indireta do símbolo – na observação, alguma coisa que encarne, verdadeiramente para nós e nos dê a imagem da aparição do simbólico como tal na dialética psíquica. “Na verdade, onde você pode encontrar isso?, [...] A coisa surpreendente não é que eu tenha visto isso ali, pois isso dificilmente pode ser indicado mais cruamente no próprio material. É que, sobre isso, pode-se dizer que o próprio Freud não para, quer dizer, não põe todo o realce que convém sobre esse fenômeno, sobre o que o materializa, se se pode dizer, a nossos olhos. É exatamente o que prova o caráter essencial destas delineações estruturais, é que, ao não fazê-las, ao não indicá-las, há uma certa face, uma certa dimensão dos próprios fenômenos que estamos nos condenando de alguma forma a desconhecer. (LACAN, 1961/2006, p. 79)

O modo como cada *infans* se inscreve no campo da linguagem circunscreve uma dupla qualidade, a saber, a universalidade de uma estrutura que ordena o campo significante e ao mesmo tempo do aspecto particular que está tanto na subjetividade que se posiciona, quanto na necessidade de análise do modo como ela se constitui em tal campo. A consequência desta perspectiva implica reformulação da patologia no campo da saúde mental, e convoca a reposicionar o campo das *psicoses* e *perversão* para modalidades, apenas, distintas de subjetivação do *símbolo*, ou ainda da função da fala. “[...] *o que retorna, como significação, de uma certa relação [...] que fica a definir, do significante ao referente, a essa alguma coisa de articulada ou não no real sobre o qual é vindo, digamos, repercutir, para não dizer mais agora, que o significante engendrou o sistema das significações*” (LACAN, 1964b/2006, p. 24).

No capítulo “**Estrutura e sujeito: operações e operadores para as estruturas clínicas**” realizei o desenvolvimento nodal do ponto da tese, a saber a correlação entre dois cortes fundamentais (1) pela suposição das *operações primordiais* – *Bejahung* e *Verwerfung* – como modelo distintivos de inscrição da subjetividade no campo da linguagem e (2) seus efeitos de retorno em *operadores estruturais* específicos a cada conjunto, tais quais na divisão *ser*, *sujeito* e *eu* na montagem da estrutura pelo corte significante aponta na *neurose* e *psicose*, inclusive, formalizando com sugestões de modelos que visaram à esquematizar as abstrações teóricas e conceituais estabelecidas nos capítulos. Ocorreram articulações inventivas, como o “*marcapaga*” e o “*ponto de foraclusão*”, que denotam uma possibilidade de transmissão teórica para as diferenças estruturais que a divisão clássica indica por *neurose*, *perversão* e *psicose*, como objeto de desenvolvimento do quarto capítulo da tese, e dos fenômenos clínicos *sintoma*, *fetice* e *delírio*.

Propus um debate crítico sobre a legitimidade desse funcionamento estrutural, em sua divisão distintiva, para além das determinações patológicas, sob o apoio da formação do *delírio* e o desencadeamento da crise na *estrutura da psicose*, quando o efeito de *Verwerfung* do índice do *Simbólico* na estrutura cria uma erosão na borda do *Real* pelo *Imaginário*, no encadeamento significante; e da posição ou estado transitório para a *estrutura da perversão*, sob a afirmação de um recobrimento *Imaginário* do objeto.

Se o leitor considerar a tese como uma *unidade coesa*, sob o apoio *Imaginário* dos capítulos, das seções, ou até, pelo número de páginas que foram decantadas ao final das considerações finais; esse trabalho poderá suscitar os afetos típicos de tal registro: *amor* ou *ódio*. Principalmente a respeito dos enodamentos e das escritas de transmissão com que pude

sinalizar implicitamente e explicitamente para as *estruturas clínicas* em *RSI*, para a neurose, *RSI + I*, para a psicose e do *esquema do véu* para a *perversão*.

Se alguém pode qualificar meu discurso de estruturalista, apesar das reservas que vocês podem saber que faço a esses rótulos filosóficos, é na medida em que ele demonstra a relação existente entre o que permite edificar uma lógica rigorosa e o que, por outro lado, nos é mostrado no inconsciente de algumas falhas irredutíveis de articulação, das quais provém o próprio esforço que atesta o desejo de saber. (LACAN, 1969c/2008, p. 283).

Se o leitor considerar a tese pelos efeitos de substituição e ganho de sentido, sob a torção que o apoio *Simbólico* permite a cada capítulo e a cada seção; esse trabalho poderá situar não só as formulações dadas a todas as indagações realizadas nos parágrafos, mas incluir o furo que as causa, permitindo o colocar-se algo de si em futuras pesquisas que as aberturas deixadas no corpo argumentativo possa vir a indicar como falta do *pesquisador-autor* em questão, para uma *psiquisanálise* que a transmissão impõe ao campo da academia, no escopo psicanalítico. O furo que sinalizei no preâmbulo.

Se o leitor considerar a tese pelo que ela está escrita, no contingente de sua possibilidade, pela aposta que me permitiu o lançar das letras nessa transmissão; esse trabalho tocou o leitor no *Real* da estrutura de um trabalho, que não pôde ser escrito de outro jeito.

No enodamento das três considerações acima, o leitor encontrará uma tese, a partir da qual algo se inscreverá, e poderá transmiti-la em outras voltas, em outras pesquisas. Dessa maneira, esse trabalho cumpre com o propósito de sedimentar pontos de apoio, tal qual a sepultura como um produto na cultura, a partir de um campo semântico denominado *psicanálise*, e abrir possibilidades para o vivo de um trabalho teórico-clínico.

Porque não recuperar algumas indicações que Lacan faz na passagem dos seminários “*RSI*” (1975) e “*O Sinthoma*” (1975-76), a respeito do Buraco sobre o qual o não representável, que engendra a possibilidade da nominação, como a amarração que a linguagem produz numa instabilidade, exatamente na desproporção que a relação com o saber e morte está enodada por meio do significante? É impossível tapar o buraco, a não ser pela forma de recobrir o objeto, como nada, como falta, como falo. No caso, escrita.

É de suturas e emendas que se trata na análise. Mas convém dizer que devemos considerar as instâncias como realmente separadas. Imaginário, simbólico e real não se confundem.

Encontrar um sentido implica saber qual é o nó, e emenda-lo bem graças a um artifício. Será que não é abusar fazer um nó com o que chamarei de *cadeinó* [*chaïneud*] *borromeano*? (LACAN, 1976a/2007, p. 71)

Ao tom de breves considerações sobre o *Nó-borromeano*, divago indicações sobre futuras pesquisas. Indicações sobre escrita e transmissão

A citação extraída do seminário “*O sinthoma*” (1975-76), da aula “*Joyce e o enigma da raposa*” (LACAN, 1975a/2007) evoca a dimensão clínica, por meio dos termos suturas e emendas, com os quais Lacan aponta o horizonte de tratamento na *práxis clínica*.

A afirmação, de que tal proposta sobre a experiência de análise deva ser orientada por uma prática de suturas e emendas, convoca os psicanalistas à reflexão da dimensão conceitual implicada às instâncias *Imaginário*, *Simbólico* e *Real*, quando posicionadas no modelo do *Nó-borromeano*, pois deve-se concebê-las como realmente separadas. Porém, na sequência da frase, Lacan afirma que “*Imaginário, simbólico e real não se confundem*” [*chaînoeud*] *borromeano*? (LACAN, 1976a/2007, p. 71).

Nessa afirmação, é possível intuir que a necessidade de sutura e emenda ganhe seu valor de *torção teórico-clínica* pela condição de que tais anéis não se confundam?

O princípio de não identidade já compunha o repertório de Lacan desde seu encontro com os matemáticos e lógicos, principalmente das derivações realizadas por Frege, potencializando a homologia que Lacan materializa entre “*confundir*”, na acepção de *semelhança*, com *descosturas* ou *desatados* que “*emendas e suturas*” podem produzir significação sobre a prática do psicanalista na clínica.

Ainda mais, Lacan concatena os significantes *sentido*, *saber* e *Nó*, numa sequência obscura, que aponta para dimensões bastante distintas de outros momentos de sua obra, como a crítica ao registro *Imaginário* e sua íntima relação com a compreensão e com o *sentido* que poderiam produzir engodos e surdez na prática do psicanalista.

Na sequência, realiza uma questão e produz um *neologismo* que me auxilia na sequência nas finalizações: “*Será que não é abusar fazer um nó com o que chamei de cadeinó* [*chaînoeud*] *borromeano*?” (LACAN, 1976a/2007, p. 71).

O neologismo de Lacan, *cadeinó* [*chaînoeud*], produz uma amarração de significação que convoca o leitor a uma sequência conceitual implicada há décadas: desde cadeia, remetendo a cadeia significativa à *Nó*, que ganha contornos de referência, pela relação aos modelos que vinha desenvolvendo desde “*Mais, ainda*” (1972-73), “*Os não-tolos erram / os nomes do pai*” (1973-74) “*RSP*” (1975) e ao *Borromeano* propriamente escrito no significante falado.

Gaufey (2015), no livro “*Escólio – um abuso de metáfora*”, relata as participações nos seminários de Lacan, e aponta para o clima de apreensão que os ouvintes e a comunidade psicanalítica ficaram atravessados quando, após “*Mais, ainda*” (1972-73), passa a teorizar sobre

as implicações da negação ao campo da sexualidade, ao tom do “*Não há relação*”, numa nebulosidade entre pura retórica a fim de alcançar um constructo da afirmação “*relação*” em contraponto com sua negativa. Talvez, a incompreensão já rondava os atentos discípulos, como o *sintoma* da incompreensão que Lacan menciona em “*Estou falando com as paredes*” (LACAN, 2011), porém isso se intensifica com as manobras com as tiras de barbantes com as quais Lacan procurava enoda-las.

A correlação entre “*não há relação*” e a gênese da *teoria do nós*, ou do *Nó-borromeano*, é descrita por Gaufey (2015) segundo a tônica da experimentação, e em certa medida, de um fazer junto, que Lacan intentava na década de 1970.

A não-relação é apresentada, assim, na positividade de um novo tipo de laço, “esse laço que chamo a não-relação sexual”, dirá até Lacan nesse mesmo dia enquanto o termo relação continuava a gozar de sua positividade de sempre, mas através da imagem reduzida da interpenetração direta. Desde então, pelo fato de que no nó borromeano não há nenhuma relação entre duas consistências, mas somente um laço entre as três, e pelo fato de que a significação da palavra “relação” foi (bastante silenciosamente) restrita a um par de elementos no qual cada um é atado ao outro, esse nó de três vem para designar a não-relação, lhe oferecer o abrigo de uma representação singular. A ausência pura e simples de relação sucede agora uma forma particular de laço, que se diferencia da relação. (GAUFEY, 2015, p. 207)

O impacto na carne dos ouvintes de Lacan deve acentuar o próprio conceito que o autor articula, na desmedida de uma desproporção entre o que fala e o que escuta. É a própria dimensão do vivo da não-relação, por uma experiência que tende a desencadear as possibilidades de ligação entre um e outro, como um laço entre diferentes. A própria lógica do *nó*? Ver Badiou & Cassin, 2013

O que lhe ofereço o nó borromeano de três círculos em sua definição física (corte qualquer dessas consistências e outros dois se liberam) são, com efeito, três círculos de barbante estritamente equivalentes, o que lhe cai “como uma luva”, já que entende sustentar, contra um período completado de seu ensino, que imaginário, simbólico e real, que nomeiam cada um dos círculos de barbante, não se ordenam segundo nenhuma precedência, mas devem, ser reconhecidos como possuindo o mesmo valor. É preciso, não obstante, distingui-los ou intercambiá-los. Apresenta-se, então a possibilidade de colori-los: ao se dotar cada consistência de uma cor que a diferencia das duas outras, será que todas as apresentações que se poderia dar delas serão irreduzíveis a um e mesmo nó, ou será que ao contrário, vai se esbarrar em dois ou mais nós irreduzíveis um ao outro? (GAUFEY, 2015, p. 211)

A questão que Lacan se coloca, e me remete em semelhança ao exposto por Gaufey (2015) é da ordem a um problema epistemológico, entremeado à singularidade: *seria uma proposição lógica de aproximação entre cadeia significativa e Nó-Borromeano?* Ou Lacan

aponta para seus ouvintes que iniciara novos destinos tanto para a teoria quanto para a prática do psicanalista?

Eis o divisor de águas final, a que muitos teóricos insistem sobre o texto de Lacan. O *Nó-borromeano* seria seu último ensino, e isso demarcaria toda uma sorte de consequências para as teorias anteriormente estabelecidas: a proposição estrutural, discutida nessa tese, a formalização estabelecida pela *linguística*, *antropologia* e outras racionalidades *epistêmicas*, inclusive de formalizações anteriores pelos *modelos*, pelos *esquemas*, pelos *grafos*, que Eidelsztein (1992) sistematizou.

A noção de estrutura é a mesma na linguística e na topologia? Podemos afirmar que, no contexto do ensino lacaniano, há uma equiparação. “A topologia não foi feita para nos guiar na estrutura. Ela é a estrutura – como retroação da ordem de cadeia em que consiste a linguagem” (LACAN, 1972/2003a, p. 485). Essa ligação é especialmente importante: afinal, num primeiro momento de seu ensino, Lacan, apresenta a estrutura a partir da linguística, para depois o fazer a partir da topologia. (TRISKA & D'AGORD, 2013)

Mas, trata-se de uma pergunta. Lacan se questiona se não seria um abuso aproximar cadeia e nó.

As indicações dadas por Lacan nos últimos seminários, indicados anteriormente, tem produzido uma série de interpretações a respeito de suas construções teóricas anteriores, que discuti na seção introdutória, principalmente a respeito da hipótese de abandono do conjunto conceitual das estruturas, e de reformulação radical a respeito de hipóteses anteriores. Porém, é importante ressaltar que as fundamentações em relação à linguagem, subjetividade e cadeia significante fazem parte do bojo conceitual que, até o momento dessa tese, correlacionei com as estruturas clínicas. Logo, se há abandono, por qual razão visaria a transmitir um sentido que implicasse tais conceitos ao *Nó*, com seu neologismo?

O termo *psicose ordinária* tende a se vincular tal constructo com as construções a respeito do *Nó-borromeano*, e pauta-se por um problema fenomenológico da *práxis clínica* novas formulações teóricas, quando há uma certa confusão entre fenômeno e estrutura (MILLER, 1987/1997; MILLER, 2011a;2011b; BATISTA & LAIA, 2012; TÓTOLI & MARCOS, 2014), para indicar alguns.

Dunker (2016b) discute uma aresta do problema:

Há, portanto, uma especificidade da topologia dos nós. Apesar do extenso trabalho com as figuras topológicas (toro, *cross cap*, banda de Moebius, garrafa de Klein) presume-se, neste exercício, que toda figura topológica tem sua tradução algébrica. Ou seja, mesmo que Lacan quase não se dedique a isso ele pode contar com a formalização matemática para que seus modelos encontrem um sistema de escrita consistente e lógico. Ocorre que a conversão da topologia à álgebra matemática não

se verificava, naquele momento, segundo Lacan, nesta espécie de caso particular da topologia chamado teoria dos nós. (DUNKER, 2016b, p. 15)

Até que ponto a ausência da formalização algébrica dificulta as proposições teóricas de Lacan? Talvez fosse mais interessante correlacionar o fundamento topológico, não com a escrita matemática propriamente dita, mas à possibilidade de coadunar com uma escrita matemática que derivasse da lógica entre sujeito e significante, como articulei brevemente nas formulações a respeito da operação primordial ordenar fórmulas, que os operadores de linguagem permitem amarração.

A sequência de Dunker (2016b, p. 15) aponta para as “*incursões em torno da lógica e da matemática*” por meio de um modulador, um conceito: significante, tendo em vista que Lacan já o tinha relacionado com os anéis desde função e campo, (LACAN, 1956a/1998), rapidamente aproximado com o *Nó*, e também com o conceito de cadeia significante, que compôs o neologismo de Lacan.

Considerando que os problemas vinculados à consistência, à validade e à permanência da teoria estrutural em Lacan, como desenvolvi nessa tese, resta a formalização, cujo ponto baseio a hipótese do segundo corte de aproximação que entendo necessário nesse trabalho: a escrita e transmissão pelo *Nó-Borromeano*, das categorias clínicas referidas à diagnóstica clássica, a saber, a *estrutura da neurose*, a *estrutura da psicose* e *estrutura da perversão*.

Assim, entendo se tratar de um novo projeto de pesquisa, que sinalizo brevemente com indicações de passagens que pretendo realizar em pesquisas futuras, sob a hipótese de que Lacan, orientado pelo rigor da formalização, e pelas descobertas de ordenar um modelo que contemplasse a amarração do três registros, segundo os critérios de operações, operadores e leis que regulam o funcionamento do *Nó*, tal qual uma cadeia significante, na produção de sentido e significação de si, diante e pelo campo do Outro.

As diferenças postas entre um modelo denominado de “*Esquema RSF*” (LACAN, 1976a/2007, p. 70) na mesma aula mencionada em relação ao modelo “*O Sinthoma borromeano*”, na aula “*Joyce e as falas impostas*” (LACAN, 1976c/2007, p. 91), ambos indicados na sequência, permite-me criar uma aproximação com os conjuntos estruturais que defendi nessa tese, a respeito da *estrutura da neurose* e da *estrutura da psicose*, respectivamente.

Fig. 32. “Esquema RSI” (LACAN, 1976a/2007, p. 70).

Fig. 33. “O Sinthoma borromeano” (LACAN, 1976c/2007, p. 91).

Anunciando essa aproximação, parto para indagações, sobre as quais poder-se-ia organizar um projeto de pesquisa que vise a responder aos problemas, colocados na seção introdutória, e elucidar as proposições que Lacan realiza a respeito do *Nó-borromeano*, em sua relação com o conceito de *estrutura* e de *noção de estruturas* clínicas, a saber, *estrutura da neurose*, *estrutura da psicose* e *estrutura da perversão*.

Pois, o conjunto temático dessa tese encontra-se pautado pelo conceito de *estrutura*, e em específico se ocupa do objeto de estudo determinado pela noção de *estruturas clínicas*, segundo a divisão clássica *neurose*, *perversão* e *psicose*, articulando-os a dois passos lógicos: o primeiro demarcado por operações fundamentais que permitem extrair operadores específicos a cada uma das estruturas segundo os três registros *Real*, *Simbólico* e *Imaginário* (*RSI*) tal qual propostos por Lacan, e o segundo, especificamente orientado pela formalização matemática com os enodamentos do *Nó-Borromeu RSI*, como o fundamento de indicação para futuras pesquisas.

Quem escreve a *estrutura da neurose*: do grafo do Desejo ao *RSI*?

A *estrutura da neurose* foi definida segundo a possibilidade estrutural de concatenar os significantes em seu suporte *Simbólico*, desde a incidência do símbolo pela operação da *Bejahung* logicamente articulada à *Verneinung*, e do efeito de retorno que a amarração dos três registros permite na concatenação significativa como um efeito da inscrição no campo da linguagem, que o grafo abaixo.

O problema das superfícies e da torção dificultam uma aproximação entre esse modelo de grafo com a topologia do *Nó-borromeano*. Contudo, esse deslizar que Lacan realiza na lógica e na matemática, para transmitir seus conceitos, como intrínsecos às naturezas que visam responder, entendo que permita ordenar um eixo epistemológico, quando em ambas é possível supor o corte, pelo significante inclusive, formular uma pergunta inicial: não seriam a própria incidência do corte e seus efeitos nos registros *RSI* o interesse de Lacan pela topologia?

Fig. 34. Grafo incluído na aula de 6 de novembro de 1957. (LACAN, 1957a/1999, p. 17)

A gama de operadores estruturais que ordenam o funcionamento da *estrutura da neurose* e incluem os índices $i(a)$ que aponta para o registro *Imaginário*, o traço unário, em relação ao *Simbólico*, e a *extração do objeto a*, em sua dimensão *Real* implicada à estrutura. A fórmula da metáfora que permite a amarração dos três registros *RSI* pode ser sinalizada como a racionalidade que rege o funcionamento significativo em suporte *Simbólico*, que o *marcapaga* produz na estrutura, e se torna evidente no intervalo significativo, entre S_1 e S_2 , e o suporte nos três registros *RSI* que permitem a ordenação dos elementos do *grafo do desejo*, como indicado abaixo, tal qual operadores estruturais que possam ser aproximados com o *Nó-borromeano*.

Fig. 35. Grafo do desejo, incluído no texto *Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano* (1960c/1998, p. 831)

O grafo do desejo pode ser vinculado ao um empreendimento que visa à topologia, a fim de formalizar a topologia do sujeito e seu funcionamento da neurose?

Sei que não explico todas essas frases que exponho como argumento, mas terão que ser explicadas. São aquelas que justamente vamos trabalhar mediante a elaboração do grafo do desejo, mas aqui convém não esquecer (justamente por isso uso como exemplo “o inconsciente estruturado como linguagem”), que não é somente a psicanálise que pega da topologia a noção de invariantes, os linguistas também, por exemplo, Roman Jakobson. Ele sustenta que todas as linguagens do mundo, conhecidas ou por conhecer, tem a mesma estrutura. Que o inconsciente está estruturado como uma linguagem implica exatamente o mesmo: todo inconsciente que todo psicanalista deva enfrentar na sua prática terá sempre a mesma estrutura, além de cada sujeito, será sempre uma inconsciente estrutura como uma linguagem. Invariantes será a noção que nos servirá para articular a clínica do caso por caso com propriedades estruturais.

Para encerrar este primeiro percurso, digamos que o primeiro ponto de importância do grafo do desejo é que ele é a via pela qual se introduz uma topologia de forma sistemática em psicanálise, mas ainda não foi dito nada sobre o quê do grafo do desejo ser topológico. (EIDELSZTEIN, 2017, p.20)

A principal teoria com a qual Lacan inicia sua discussão sobre as *estruturas clínicas*, e sobre a *estrutura da perversão* em específico, a partir do seminário “*A relação de objeto*” (1956-57) e aprofunda as consequências das formas de incidência do circuito significativo em relação ao objeto destino da pulsão no ano seguinte, com “*As formações do inconsciente*” (1957-58). Em suma, Lacan realiza uma proposição nesses dois anos de trabalho sobre a lógica da estruturação psíquica nos dois principais eixos de sua teoria, a saber, o *objeto* em sua dimensão de falta, a partir dos três registros *RSI*, com as operações de frustração, privação e

castração, e a de estrutura psíquica em sua articulação tripartida *ser*, *sujeito* e *eu*, pelo efeito da inscrição da subjetividade no campo da linguagem, a partir de operações fundamentais.

A banda de *Moebius* é a mais acessível figura topológica com a qual Lacan trabalhou, e retorno a ela em diversos momentos de seus seminários, e em “*A identificação*” 1961-62) correlacionou-a com todas as figuras topológicas indicada abaixo, exatamente sobre a questão do corte que, seu aspecto intuitivo, permite materializar. O problema do cerne do sujeito. Ou não tratar-se-ia mais do sujeito, e sim do falasser, como propõe Miller (BATISTA & LAIA, 2012)?

Fig. 36. Banda de Moebius. Fonte: (AGUSTINI, 1991, p. 87 apud VILARINHO, 2012, p. 188)

Como é possível que sejamos sujeitos no momento em que somos apenas um dizer e que sejamos, simultaneamente, o suporte das futuras repetições? Ou então, como é possível que sejamos outro, que mudemos pelo mero fato de dizer? Introduzido há muito tempo na teoria lacaniana, o ser topológico que figura bem essa antinomia do sujeito é a banda de Moebius. Em vez de definir o sujeito, a banda de Moebius nos irá mostra-lo. Mas seria errado identificar diretamente o sujeito com a banda e dizer, apontando para ela: aqui está o sujeito. não, o que nos interessa na banda de Moebius é o fato de que sua propriedade de ter apenas uma borda muda se realizarmos nela um corte mediano (é o que ocorre, ao menos no caso de uma fita com uma semitorção apenas). Nesse momento, isto é, no momento de cortar seguindo a linha mediana da banda e descrevendo com a tesoura uma curva fechada (que volta a seu ponto de partida), a banda propriamente dita desaparece. O resultado é uma fita que já não é uma banda *moebiana*. (NASIO, 2011p. 15)

O paradoxo implicado à cadeia significante, desde o enlace com o grande Outro, pelo efeito de torção, produz uma série de consequências entre *Demanda* e *Desejo*, *fantasia* e *sintoma*, ao passo de um *Real* que o causa estruturalmente uma formação, em termos de *falta* e logicamente articulada ao *falo*, como resposta diante do campo da linguagem, que preenche, essencialmente, sob a dialética *Simbólica-Imaginária* o enquadre da realidade e também do aspecto incisivo de adoecimento.

A teoria da constituição do sujeito, como discutido ao longo da tese, é muito mais abrangente que a simples redução de uma lógica do significante, pelos retornos de negação – *Verdrangung*, *Verleugnung* e *Verwerfung* – respectivamente na configuração da *neurose*, *perversão* e *psicose*, advindos da teoria do *complexo de Édipo*.

Trata-se de supor que Lacan articula em suas três teorias da constituição do sujeito – *estádio do espelho*, *complexo de Édipo* e *alienação* – uma proposta para a subjetividade humana, que desde a conjunção logicamente articulada entre gozo e linguagem – a fim de alcançar as dimensões fundamentais para as estruturas clínicas. “*É indispensável, acabo de lhes dizer, que haja no Outro pelo menos um elemento, reduzido ao elemento um, e que foi isso que, durante muito tempo, fez com que se tomasse o Outro pelo Um*”. (LACAN, 1969f/2008, p. 367).

Essa aproximação com a lógica do número é um passo que permite sustentar as relações com as figuras topológicas, como Lacan realizou ao longo dos seminários “*A identificação*” (1961-62), “*O objeto da psicanálise*” (1965-66) e “*A fórmula do fantasma*” (1966-67), que permitiriam uma aproximação com a topologia propriamente dita com as figuras utilizadas por Lacan para transmitir certas estruturas fundamentais para a psicanálise.

Fig. 37. Toro e Enlaçamento de Dois Toros. (LACAN, 1962f/2011, p. 264; p. 270).

Ou seja, as *estruturas clínicas* operam sob uma lógica de inscrição no campo da linguagem, desde o efeito da identificação ao significante, que produz uma articulação sustentada pelos registros *RSI* com a linguagem, pelas instâncias *ser*, *sujeito* e *eu*, e o campo do gozo, com corpo e, simultaneamente, inscreve o resto denominado por *objeto a*

Fig. 38. Modelo *Nó-Borromeu*, incluído no texto não oficial *A terceira* (LACAN, 1975a, p. 201).

É com a topologia que se torna possível escrever algo do *Real*, por seus *matemas* e figuras que, por serem desprovidos de sentido, amenizam o grude imaginário, com o qual a teoria estrutural foi carregada por décadas, pois “*O dizer é se fiar em algo que provavelmente nos engana*” (LACAN, 1975f, p. 57), ainda que a cura seja pela palavra, como uma “*interpretação que leve em conta o Real*” (Soller, 2012).

O que distingue esse dizer não é o conhecimento, de nenhuma maneira. Esse nó não é um conhecimento de qualquer coisa que seja. Este nó implica meu dizer como acontecimento naquilo que ele é, com suas três faces:

- Que é imaginável, já que está feito de imagem efetiva.
- Que é simbólico, já que posso defini-lo como nó.
- E o que é totalmente real, pelo acontecimento mesmo desse dizer, acontecimento consistente em que, qualquer que seja, cada um de vocês pode lhe dar o sentido que tem. (LACAN, 1973b/2018, p. 74)

POSFÁCIO

Dos afetos na estrutura, aos destinos dos restos... a escrita pelos dedos.

Em quanto tempo se lê uma tese?

“*Uma noite de 12 anos*” (“*La noche de 12 años*”) é um filme dirigido por *Alvaro Brechner*, de uma produção conjunta entre o Uruguai, Espanha e Argentina, e lançado no Brasil em 27 de setembro de 2018¹¹⁶. A temporalidade que o título remete produz um certo paradoxo no futuro telespectador, quando implica o impossível da ausência de alternância entre dia e noite, tendo em vista a rotação da terra (*ainda acredita-se que ela não é plana e gira em torno de si mesma*) e a circularidade entre o claro do sol e o refletido da lua, que produz no tratamento simbólico do contar o dia, de um dia após o outro. Em metáfora, o impossível teve tratamento de linguagem, logo, em 12 anos, fez-se apenas noite, escura. O que demarca essa metaforização, no próprio da figura de linguagem, é a tenebrosidade dos atravessamentos políticos da ditadura militar no Uruguai entre 1973 e 1985.

Três indivíduos são submetidos aos desmandes da política que o regime ditatorial infringia a todos aqueles que se apresentavam discordantes, sendo tratados pelo esvaziamento que o silêncio pode produzir em situações extremas: *José Mujica*, *Mauricio Rosencof* e *Eleuterio Fernandez Huidorbor*, interpretados respectivamente por *Antonio de La Torre*, *Chino Darin* e *Alfonso Tort*. De presos políticos a reféns, os executores dos desmandes tinham uma incumbência sobre eles, priva-los da comunicação, impossibilita-los de conversar, fadados a não receberem qualquer tratamento de palavra enquanto estivessem aprisionados.

A tortura era o silêncio. A tortura era a interrupção de endereçamento discursivo. A tortura incidia sobre as relações de linguagem, que a troca entre um e outro pode materializar da relação fundamental que a subjetividade estabelece com o próprio campo que a determina. A despeito da dimensão significante operar nas subjetividades em questão, a interrupção do laço produz efeitos: efeitos de desencadeamento, que na ausência da palavra, o corpo torna-se destino dos investimentos, o afeto, em sua causa pulsional, pressionando a pele. “*Qual é a minha sentença?*”. “*Você irá senti-la na carne!*”.

Não é sem razão que evoco esse filme, como ponto de partida para o *posfácio*. Ele condensa, em grande medida, as nuances do preâmbulo sobre os atravessamentos na escrita, a legitimidade de se considerar diferentes modalidades de arranjos do significante, como ponto da tese, e a própria dimensão política do Brasil, nos tempos anterior e posterior às eleições de

¹¹⁶ <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-253253/>

2018, para a presidência da república. Lacan dizia que a “*verdade tem uma estrutura, se podemos dizer, de ficção*” (LACAN, 1957h/1995, p. 259) e no caso dessa temporalidade, eu escrevo pela sonoridade, *a verdade se fez com estrutura de FAKEção*.

O filme aponta o amor pela palavra, como ponto de sustentação diante do horror que as voltas do *Real*, no impossível da luta de classes ser resolvido, podem incidir na *estrutura subjetiva*, como o tempo da história de uma noite de 12 anos. No Brasil, na eternidade que se fez entre agosto e outubro de 2018.

A caneta, o papel, o escrito, a leitura: a palavra era o corte possível sobre o qual se ancorar, quando o que resta é a ausência do semelhante que lhe devolve o lugar na ordem significante sobre sua posição.

Essa posição é singular, como se torna evidente no filme, pelo contraponto que os dedos realizam no tintilar no concreto, produzindo sons que passam a ser significados entre dois, no laço. Falar com as paredes, e por meio delas, foi paradoxalmente materializado, como Lacan afirma – “*Estou falando com as paredes*” (LACAN, 2011)! - sobre o muro que a linguagem pode impor, na desproporção do sentido e da ordem de satisfação, mas no ato criativo de significação que se pode estabelecer de um Outro ao outro. O muro, o amor, o endereçamento. Os dedos incharam de tanta avidez pela dimensão do outro na existência. É necessário supor a alteridade para que a singularidade emergja, para nós, seres humanos, que caso contrário podemos cair nas profundezas que a *burrocracia* pode causar nas autoridades autoritárias.

Meus dedos incharam com o produto de minha demanda por sua leitura, leitor.

Em contrapartida, numa outra aresta e modalidade do funcionamento significante na subjetividade, há o isolamento. Há o pensamento intrusivo. Há a pressão de significar a experiência. Há colas possíveis que servem ao desespero, como ponto de significação.

Quem determina o quê? Questão insondável sobre a decisão do ser de linguagem de se posicionar de um modo ou de outro diante do *Real*. Há de se legitimar a dupla perspectiva que o filme traz: o horror de uma trama política a que ficam submetidas subjetividades e a singularidade de cada subjetividade responder a esse horror.

Me lembro da cena em que o personagem, diante da demanda insaciável pela qual o circuito pulsional pode causar na estrutura, recorre aos restos humanos, sedimentados em *merda*, para ler. Não importa o sentido, importa a leitura. Trilhar os olhos pelos significantes que produzem cortes no tempo e no espaço, a fim de saber, recolher os restos do mundo para dentro de si. O rechaço do objeto, em meio às marcas fedorentas do outro, causa o significante: o impulso é o da leitura. Novamente, o amor pela palavra.

Ah, o amor! O amor pelas palavras. O amor das palavras endereçadas ao outro cria laços. Os laços são amarrações entre um e outro, entre o Outro e o outro. E desse laço nasce um nó, e do nó entre um e outro, nasce um *nós*. Leitor e escritor. *Eu e você*.

O leitor terminou a leitura dessa tese, e, assim, está fechada uma volta sobre o texto. As interpretações, que cada leitor pode realizar, implica a dimensão do afeto, e assim, afetar as variantes dos pontos de argumento, que o leitor introjetou como interpretação. Dos afetos na estrutura, não sem razão, a leitura foi pelos afetos: *do amor ao ódio, do apaixonamento ao rechaço, da expectativa à frustração*, ou vice-versa. A depender da intensidade de leitura e da posição de cada leitor frente ao texto, tem-se uma interpretação, e dessa interpretação, um resto, que pode se situar como demanda de uma nova leitura, tal qual *Giorgio Agamben* fez sobre a poesia.

Num corte duplo, as letras inscritas nas ordenações sintáticas da tese dividem o leitor entre as concatenações significantes que a linguagem permite e os restos que retornam sobre o texto, tal qual os afetos equalizam a economia da posição do objeto em sua íntima relação de causa da subjetividade.

Seria uma tortura essa leitura, ou ponto de salvação diante dos ditames que a temporada política infringiu a você, leitor?

Não há estrutura de linguagem que recobre totalmente as contingências do Real. Há, como condição *sine qua non*, um resto que *ex-xiste* ao significante, e aponta para o *nonsense* que causa o sentido do texto, num passo de pulsar infinito, enquanto houver vida no corpo. Contudo, a marca da letra e a tessitura de um escrito apontam para a morte naquilo que fruiu da vida, como lápide que indica a sepultura de um corpo, ou como um relicário que guarda preciosidades de alguém sobre uma experiência entre pelo menos dois...

Esse trabalho de tese mantém essa duplicidade, por um lado circula pela cultura como uma referência que transcende a autoria, e por outro sepulta o que há por baixo de cada folha, enumerada pela sequencia cardinal dos números das páginas. O resto desse trabalho de tese aponta para o que se vê materializado em mim, como um duplo golpe, de afeição e de desprendimento, tal qual Djavan canta em *Faltando um pedaço*. Como o desespero de *Mauricio Rosencof* e *Eleuterio Fernandez Huidorbor* no escrever pelos dedos com o som das batidas nas paredes de uma prisão, que toca o outro na leitura do som.

Da minha falta, que retornará com novas roupagens no mundo acadêmico, eis o que foi possível recobrir dos afetos que me tomaram na escrita dessa tese.

Os argumentos foram postos numa ordenação que cumpriam a assunção de uma proposta ao final das últimas páginas das considerações finais. As estruturas clínicas na obra de Lacan podem ser concebidas para além dos ditames da lógica da inscrição da metáfora paterna que a teoria do complexo de Édipo articula, e costuradas tanto aos três registros *Real*, *Simbólico* e *Imaginário*, quanto aos indicativos encontrados nas estruturas topológicas do Nó-borromeano, como novas arestas para problemas teórico-clínicos antigos ao psicanalista francês.

Uma morte. Duas mortes. Três mortes. Uma quantidade infindável de mortes. Grande parte delas, morte simbólica, e uma morte *Real*.

Assim, *caro leitor*, a escrita dessa tese foi atravessada pelos afetos. A dimensão do corpo desse pesquisador esteve implicada as mais variações de sofrimento, que a estrutura desse trabalho foi ponto de ancoragem. A maleabilidade significativa em nomear o afeto que não engana, a angústia, esteve presente do começo ao fim. *Mas, porque não seria uma limpeza para os próximos?* Como fez o escritor no filme, ao continuar lavando as panelas sujas, que serviram de pote para o saciar das necessidades dos outros.

A escrita pelo corpo, na solidão de um muro que a linguagem de modo paradoxal, avesso e satisfatório determina na subjetividade: no tempo de quatro anos de um dia, que março de 2015 finca na lápide do *Janus*, aos meandros de fevereiro de 2019 que sedimenta o traço desse trabalho na cultura.

Dos afetos na estrutura, aos destinos dos restos... a escrita pelos dedos.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M.W.B. (1999). Simetria e entropia: sobre a noção de estrutura de Lévi-Strauss. *Revista de Antropologia*, 42(1-2), 163-197. São Paulo.
- ALTOÉ, S. & MARTINHO, M.H. (2012). *A noção de estrutura em psicanálise*. Estilos da Clínica. Vol. 17(1). pp. 14-25.
- ARAÚJO, M.L. (2010). *Como se analisa “hoje” a perversão?* Rev. Heteridade numero 7 – Os tempos do sujeito do inconsciente – a psicanálise no seu tempo e o tempo na psicanálise. Internacional dos Fóruns – Escola de Psicanálise do campo lacaniano. Disponível em <http://www.campopsicanalitico.com.br/media/1082/heteridade-7-os-tempos-do-sujeito-do-inconsciente.pdf>.
- ARENAS, G. (2018). *Do que falamos quando falamos em desencadeamento?* In. PAPERS. Rumo à Barcelona 2018: as psicoses ordinárias e as outras, sob transferência. Descontinuidade – continuidade. Da clínica edípica à clínica borromeana. Disponível: <https://congresoamp2018.com/wp-content/uploads/2017/12/PAPERS-7.7.7.Nº3-Portugais.pdf>.
- ARISTÓTELES. (2011). *Categorias*. Série Edipro de Bolso. Ed. Edipro. São Paulo.
- ARRIVÉ, M. (2000). *Lacan gramático*. Rev. Ágora, v. III, n. 2, jul./dez, pp. 09 – 40, Rio de Janeiro.
- ARRIVÉ, M. (2001). *Linguística e psicanálise. Freud, Saussure, Hjelmslev, Lacan e os outros*. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo.
- AULAGNIER, P. (1991). Observações sobre a estrutura psicótica. In KATZ, C.S. (org.). *Psicose – uma leitura psicanalítica*. pp. 51 – 74. Ed. Escuta, São Paulo.
- BADIOU, A. & CASSIN, B. (2013). *Não há relação sexual: duas lições sobre “o aturrito” de Lacan*. Jorge Zahar Ed. Rio de Janeiro.
- BATISTA, M.C.D.; LAIA, S. (Org.). (2012). *A Psicose Ordinária*. Belo Horizonte: Scriptum Livros.
- BAIRRÃO, J.F.M.H. (1996). *O sujeito impossível – implicações do tratamento do inconsciente por Lacan*. Tese de doutorado apresentada ao Departamento de filosofia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, São Paulo.
- BARROSO, A. F. (2012). *Sobre a concepção de sujeito em Freud e Lacan*. Barbaroi[online]., n.36 [citado 2017-12-30], pp. 149-159. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-65782012000100009&lng=pt&nrm=iso. ISSN 0104-6578. Acesso em: 15/06/2017.
- BASTIDE, R. (1971). (Coord.) *Usos e sentidos do termo estrutura – nas ciências humanas e sociais*. Editora Herder; Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo.

BENTO, V.E.S. (2007). *Existiria uma “semiologia psicanalítica” em Lacan?* Rev. Aletheia, n. 25, jan./jun.

BENVENISTE, E. (1971). Estrutura em linguística. In BASTIDE, R. (Coord.) *Usos e sentidos do termo estrutura – nas ciências humanas e sociais*. Editora Herder; Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo.

BERNARDINO, L. M.F (ORG) (2006). *O que a psicanálise pode ensinar sobre a criança, sujeito em constituição*. Editora Escuta, São Paulo.

BIRMAN, J. (1991). *Freud e a intervenção psicanalítica*. Editora: relume dumara. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

BOGOCHVOL, A. (2014). O que aprendemos com a clínica estrutural: como o analista lacaniano faz diagnóstico? In RIOLFI, C. *Psicanálise: a clínica do Real*. Manole, Barueri/São Paulo.

BONI JÚNIOR, J. O. (2008). *Uma aproximação psicanalítica da Lipodistrofia*. Monografia – Programa de Aprimoramento Profissional em Psicologia Clínica Hospitalar em aids, SEAP/HIVaids – Divisão de Moléstias Infecciosas e Parasitárias do hospital das Clínicas, HCFMUSP. São Paulo.

BONI JUNIOR, J. O. (2010). *O estádio do espelho de Jacques Lacan: gênese e teoria*. Dissertação de mestrado apresentada ao programa de pós-graduação em psicologia clínica da Universidade de São Paulo, São Paulo.

BONI JUNIOR, J. O. & GANDOLFO, M. (2016). A montagem da fantasia na perspectiva do objeto em Freud. In: PACHECO, A.L.P. & OLIVEIRA, B. (Org.). *Criança. Objeto ou sujeito. Quinze anos da rede de pesquisa Psicanálise e infância do FCL-SP*. Ed. Escuta/Fórum do campo lacaniano. São Paulo.

BONI JUNIOR, J. O. (2017). *Formulações psicanalíticas sobre um caso de psicose. Passagem ao ato, significante e suplência*. In: FARIA, M.R. (Org.). (2017). *O psicanalista: na clínica, na instituição, no laço social, na arte*. Toro Editora. São Paulo.

BORGES, S. (2010). *Psicanálise, linguística, lingüística*. Editora Escuta, São Paulo.

BOURGUIGNON, A. (1991). *O conceito de renegação em Freud e Outros ensaios*. Jorge Zahar Ed. Rio de Janeiro.

BRAGA, M.L.S. (2016). *Da linguística de Saussure a lingüística de Lacan*.

BRUDER, M.C.R. (2000). *A alienação eternizada: uma abordagem estrutural de um caso clínico*. Psicologia USP, 11(1), pp. 189-205.

BRUDER, M.C.R. (2005). *A constituição do sujeito na psicanálise lacaniana: a separação e seus impasses*. Dissertação de mestrado não-publicada. Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica, Universidade de São Paulo, São Paulo.

BRUDER, & BRAUER, J.F. (2007). *A constituição do sujeito na psicanálise lacaniana: impasses na separação*. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 12, n. 3, pp. 513-521, set/dez.

CABAS, A. G. (2009). *O sujeito na psicanálise de Freud a Lacan*. Jorge Zahar Ed. Rio de Janeiro.

CAMPOS, A.C.B. (2014). *Matemática e psicanálise*. Revista Borromeo. ISSN 1852 – 5704. n.5. pp. 80-90. Instituto de Investigaciones en Psicoanálisis Aplicadas a las Ciencias Sociales. Universidad Argentina. Jhon F. Kennedy. Buenos Aires.

CARDOSO, M. J.D'E. (2010). Lacan e Frege: sobre o conceito de Um. *Psicologia USP*, 21(1), 127-144. <https://dx.doi.org/10.1590/S0103-65642010000100007>

CASTILHO, P.T. (2008). *O símbolo que surge com o pai*. Rev. Mal-estar e subjetividade. Vol. VII. N.2. jun. pp. 407-426. Fortaleza.

CECCARELLI, P.R. (2005). *Perversões e suas versões*. Rev. Reverso. Ano 27. N.52. Set. pp. 43-50. Belo Horizonte.

CESAROTTO, O.A.; LEITE, M.P.S & COSTA, N.C.C. (2014). *Psicanálise e lógica – Entrevista histórica com Newton C.A. da Costa falando sobre lógica paraconsistente e sua contribuição na teoria lacaniana*. Rev. Leitura Flutuante. N. 06. V. 02, pp. 51-77.

CHECCHIA, M. A. (2004). Considerações iniciais sobre lógica e teoria lacaniana. *Psicologia USP*, 15(1-2), 321-338. <https://dx.doi.org/10.1590/S0103-65642004000100028>. Acesso em: 15/06/2016.

CHEMAMA, R. (1998). *Diccionario de psicoanalisis*. Amorrortu editores. Buenos aires.

COUTO, L.F.S. & SOUZA, M.F.G de. (2013). *O estruturalismo em Jacques Lacan: da apropriação à subversão da corrente estruturalista no estabelecimento de uma teoria do sujeito do inconsciente*. Ágora. v.XVI. n. 2 jul./dez. pp. 185-200. Rio de Janeiro.

COSTA, A.O. (2008). *A negação primordial na constituição psíquica: o problema da afirmação-expulsão (Bejahung-Ausstossung) segundo Freud e Lacan*. Rev. Intuitio. V.1-n.2. Novembro, pp. 33-48. ISSN 1983-4012. Por Alegre.

COSTA, C. A. R. & FREIRE, A.B. (2010). *Lacan, secretario do alienado*. Rev. Mental – ano VIII – jan – jun. n.14. pp. 65-91. Barbacena.

COTTET, S. (2011). A hipótese continuísta nas psicoses. In: *Ensaio de clínica psicanalítica. Opção Lacaniana*, n. 8. Ed. Contra Capa. Rio de Janeiro.

D'AGORD, M. (2006). A negação lógica e a lógica do sujeito. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 9(2), 241-258. <https://dx.doi.org/10.1590/S1516-14982006000200006>. Acesso em: 12/09/2017.

DAHL, G. (2011). *Os dois vetores temporais de Nachträglichkeit no desenvolvimento da organização do ego: a importância do conceito para a simbolização dos traumas e ansiedades sem nome*. J. psicanal., v. 44, n. 80, p. 95-114, jun. São Paulo.

DESCOLA, P. (2009). Claude Lévi-Strauss, uma apresentação. *Estudos Avançados*, 23(67), 148-160. São Paulo.

DESCARTES, R. (2016). *Meditações metafísicas*. Ed. Edipro. São Paulo.

DOMICIANO, J.F.G.M.S. (2014). *O mito e sua estrutura: contribuições da antropologia lévi-straussiana para a formalização da clínica psicanalítica*. Dissertação de mestrado apresentada ao programa de pós-graduação em psicologia clínica da Universidade de São Paulo, São Paulo.

DOR, J. (1989). *Introdução à leitura de Lacan – o inconsciente estruturado como linguagem*. Artes médicas. Porto Alegre.

DOR, J. (1991). *Estruturas e clínica psicanalítica*. Ed. Livrarias Taurus-Timbre. Rio de Janeiro.

DOS SANTOS, T.C; ANTUNES, M.C.C. e PEED, C.A.H. (2001). De Freud a Lacan: os operadores estruturais do inconsciente e da clínica psicanalítica. In LO BIANCO, A.C. (org.). *Formações teóricas da clínica*, pp.101-139. Ed. Contracapa, Rio de Janeiro.

DOSSE, F. (1993). *História do Estruturalismo, vol. 1: o campo do signo*. Editora da Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

DOSSE, F. (1994). *História do Estruturalismo, vol. 2: o canto do cisne de 1967 aos nossos dias*. Editora da Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

DUNKER, C.I.L. (1996). *Lacan e a clínica da interpretação*. Hacker Editores: Cespuc. São Paulo.

DUNKER, C.I.L. & ASSADI, T.C. (2004). *Alienação e separação nos processos interpretativos em psicanálise*. Rev. Psychê – Ano VIII – n. 13. Jan-jun, pp. 85-100, São Paulo.

DUNKER, C.I.L. (2006a). Estruturas clínicas e constituição do sujeito. In BERNARDINO, L. M.F (ORG). *O que a psicanálise pode ensinar sobre a criança, sujeito em constituição*. Editora Escuta, São Paulo.

DUNKER, C.I.L. (2006b), Prefácio. In: AFFONSO, P.H.B. *Contribuições à topologia lacaniana*. Ed. Zagodoni. São Paulo.

DUNKER, C.I.L. (2007). *Ontologia negativa em psicanálise: entre ética e epistemologia*. Discurso, (36), 217-242. <https://doi.org/10.11606/issn.2318-8863.discurso.2007.38078>.

DUNKER, C.I.L. (2011a). *Estrutura e constituição da clínica psicanalítica. Uma arqueologia das práticas de cura, psicoterapia e tratamento*. Editora Annablume. São Paulo.

DUNKER, C.I.L. (2011b). Corporeidade em psicanálise: corpo, carne e organismo. IN, RAMIREZ, H.H.A; ASSADI, T.C. & DUNKER, C.I.L. *A pele como litoral – fenômeno psicossomático e psicanálise*. pp. 87 – 129. Editora Annablume. São Paulo.

- DUNKER, C.I.L. (2013). *A psicose na criança: tempo, linguagem e sujeito*. Ed. Zagodoni, São Paulo.
- DUNKER, C.I.L. (2014). *Estrutura e personalidade na neurose: da metapsicologia do sintoma à narrativa do sofrimento*. Rev. Psicologia USP. Volume 25. N. 01. pp. 77- 96. São Paulo.
- DUNKER, C.I.L. (2016). *Por que Lacan?* Ed. Zagodoni, São Paulo.
- DUNKER, C.I.L. (2017). *A psicanálise como crítica da metafísica e Lacan*. Rev. Analytica. V.6. n.10. Jan/jun. São João del-Rei.
- ECO, U. (2013). *Estrutura ausente: introdução à pesquisa semiológica*. Ed. Perspectiva. São Paulo.
- EIDELSZTEIN, A. (1992). *Modelos, esquemas Y grafos en la enseñanza de Lacan*. Ediciones Manantial. Buenos Aires.
- EIDELSZTEIN, A. (2003/2016). *Las estructuras clínicas a partir de Lacan: intervalo y holofrase, locura, psicosis, psicossomática y debilidad mental*. Vol. I. Letra Viva, Buenos Aires.
- EIDELSZTEIN, A. (2008/2017). *Las estructuras clínicas a partir de Lacan: neuroses, histeria, obsesión, fobia, fetichismo y perversiones*. Vol. II. Letra Viva, Buenos Aires.
- EIDELSZTEIN, A. (2010). Estrutura é a da linguagem. *Rev. Assoc. Psicanal.* Porto Alegre, Porto Alegre, n. 38, p. 126-132, jan./jun.
- EIDELSZTEIN, A. (2015). *Otro Lacan – estudio crítico sobre los fundamentos del psicoanálisis lacaniano*. Letra Viva, Buenos Aires.
- EIDELSZTEIN, A. (2017). *O grafo do desejo*. Toro Editora. São Paulo.
- EVANS, D. (1996/2007). *Diccionario introductorio de psicoanálisis lacaniano*. Ed. Paidós, Buenos Aires.
- FARIA, M.R. (2010). *Constituição do sujeito e estrutura familiar – o complexo de Édipo, de Freud a Lacan*. 2 Edição revisada. Cabral Editora e Livraria universitária. São Paulo.
- FARIA, M. R. (2011) Imaginário, eu e psicose nos primeiros seminários de Lacan. *Estilos clín.* [online]. vol.16, n.1, pp. 132-151. ISSN 1415-7128.
- FARIA, M.R. (2015). *Do significante da falta à falta de significante. A dimensão da causa no fundamento do desejo e do objeto na passagem do seminário 8 ao 9*. Revista Stilus, n31, São Paulo.
- FARIA, M.R. (2016). *Introdução à psicanálise de crianças: o lugar dos pais*. Toro Editora. São Paulo.

FARIA, M.R. (Org.). (2017). *O psicanalista: na clínica, na instituição, no laço social, na arte*. Toro Editora. São Paulo.

FELIZOLA, M.C.M. (2000). *Lacan e o estruturalismo*. Dissertação de mestrado apresentada ao programa de pós-graduação em filosofia da Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.

FERRAZ, F. C. (2000). *Uma breve revisão da noção de perversão na obra de Freud*. Pulsional. Revista de Psicanálise, v. 13, n.131, p. 5-19, São Paulo.

FERRAZ, F. C. (2005). *Perversão e neurose obsessiva: notas comparativas*. Reverso. Ano 27. n. 52. pp. 11-20. Belo horizonte.

FERRAZ, F. C. (2010). *Perversão*. Coleção psicanalítica. Ed. Casa do Psicólogo. São Paulo

FERREIRA, N.P. (2002). *Jacques Lacan: apropriação e a subversão da linguística*. Rev. Ágora, v. V, n. 1, jan./jun, Rio de Janeiro.

FIGUEIREDO, A.C e MACHADO, O.M.R. (2000). *O diagnóstico em psicanálise: do fenômeno à estrutura*. Rev. Ágora, v. III, n. 2, jul./dez, Rio de Janeiro.

FINK, B. (1998). *O sujeito lacaniano – entre a linguagem e o gozo*. Jorge Zahar Ed. Rio de Janeiro.

FOCHESATTO, W.P. (2011). A cura pela fala. Rev. *Estudos de Psicanálise*, (36), 165-171.

FOLBERG, M.N. & MAGGI, N.R. (2002). *Declínio da função paterna e dialética da simbolização*. Rev. Estilos da Clínica. Vol. VII. N. 13, pp. 92-99. São Paulo.

FORBES, J. & COSTA, N.C.C. (1987). *Sobre psicanálise e lógica – nota prévia*. Apresentado no 4º Encontro Internacional do Campo freudiano. Editora Fator. Publicação: FALO: Revista Brasileira do Campo Freudiano. pp. 103-111.

FORBES, J. (2003). *Você quer o que você deseja?* Ed. Best seller: São Paulo.

FREUD, S. (1895/1996). Estudos sobre a histeria. In *Obras completas*, volume II. Ed. Imago. Rio de Janeiro.

FREUD, S. (1894/1996). As neuropsicoses de defesa. In *Obras completas*, volume III. Ed. Imago. Rio de Janeiro.

FREUD, S. (1900/1996). A interpretação dos sonhos (II). In *Obras completas*, volume V. Ed. Imago. Rio de Janeiro.

FREUD, S. (1905/1996). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In *Obras completas*, volume VII. Ed. Imago. Rio de Janeiro.

FREUD, S. (1909/1996). Análise de uma fobia de um menino de cinco anos. In *Obras completas*, volume X. Ed. Imago. Rio de Janeiro.

FREUD, S. (1911/2004) Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico”. In HANNS, L. A. (trad). *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. Volume 1. Imago Ed., Rio de Janeiro.

FREUD, S. (1912a/1996). Sobre o início do tratamento (novas recomendações sobre a técnica da psicanálise I). In *Obras completas*, volume XII. Ed. Imago. Rio de Janeiro.

FREUD, S. (1912b/1996). Tipos de desencadeamento da neurose. In *Obras completas*, volume XII. Ed. Imago. Rio de Janeiro.

FREUD, S. (1912c/1996). A dinâmica da transferência. In *Obras completas*, volume XII. Ed. Imago. Rio de Janeiro.

FREUD, S. (1914/2004) À guisa de introdução ao narcisismo. In HANNS, L. A. (trad). *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. Volume 1. Imago Ed., Rio de Janeiro.

FREUD, S. (1915a/2004). Pulsões e destinos da pulsão. In HANNS, L. A. (trad). *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. Volume 1. Imago Ed., Rio de Janeiro.

FREUD, S. (1915b/2004) O recalque. In HANNS, L. A. (trad). *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. Volume 1. Imago Ed., Rio de Janeiro.

FREUD, S. (1915/2006). O inconsciente. In HANNS, L. A. (trad). *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. Volume 2. Imago Ed., Rio de Janeiro.

FREUD, S. (1917/1996). Repetir, recordar e elaborar (novas recomendações sobre a técnica da psicanálise II). In *Obras completas*, volume XII. Ed. Imago. Rio de Janeiro.

FREUD, S. (1918/1996). História de uma neurose infantil. In *Obras completas*, volume XVII. Ed. Imago. Rio de Janeiro.

FREUD, S. (1920/2006). Além do princípio do prazer. In HANNS, L. A. (trad.) *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. Volume 2. Imago. Ed. Rio de Janeiro.

FREUD, S. (1921/1996). Psicologia de grupo e a análise do ego. In *Obras completas*, volume XVIII. Ed. Imago. Rio de Janeiro.

FREUD, S. (1923/1996). A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade. In *Obras completas*, volume XIX. Ed. Imago. Rio de Janeiro.

FREUD, S. (1923/2007). O eu e o Id. In HANNS, L. A. (trad.) *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. Volume 3. Imago. Ed. Rio de Janeiro.

FREUD, S. (1924a/1996). Neurose e psicose. In *Obras completas*, volume XIX. Ed. Imago. Rio de Janeiro.

FREUD, S. (1924b/1996). A perda da realidade na neurose e na psicose. In *Obras completas*, volume XIX. Ed. Imago. Rio de Janeiro.

FREUD, S. (1924c/1996). A dissolução do complexo de Édipo. In *Obras completas*, volume XIX. Ed. Imago. Rio de Janeiro.

FREUD, S. (1925/1996). Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. In *Obras completas*, volume XIX. Ed. Imago. Rio de Janeiro.

FREUD, S. (1924a/2007). Neurose e psicose. In HANNS, L. A. (trad.) *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. Volume 3. Imago. Ed. Rio de Janeiro.

FREUD, S. (1924b/2007). O problema econômico do masoquismo. In HANNS, L. A. (trad.) *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. Volume 3. Imago. Ed. Rio de Janeiro.

FREUD, S. (1925a/2007). Uma nota sobre “O bloco mágico”. In HANNS, L. A. (trad.) *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. Volume 3. Imago. Ed. Rio de Janeiro.

FREUD, S. (1925b/2007). A negativa. In HANNS, L. A. (trad.) *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. Volume 3. Imago. Ed. Rio de Janeiro.

FREUD, S. (1927/2007). Fetichismo. In HANNS, L. A. (trad.) *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. Volume 3. Imago. Ed. Rio de Janeiro.

FREUD, S. (1933/1996). Novas conferências introdutórias sobre a psicanálise. In *Obras completas*, volume XXII. Ed. Imago. Rio de Janeiro.

FREUD, S. (1938/1996). A divisão do ego no processo de defesa. In *Obras completas*, volume XXIII. Ed. Imago. Rio de Janeiro.

FREUD, S. (1940/1996). Esboço de psicanálise. In *Obras completas*, volume XXIII. Ed. Imago. Rio de Janeiro.

FURTADO, D.B. (2011). *Do sim e do Não – comentários sobre a denegação*. Rev. Reverso. Ano 33. N. 61, Jun, pp. 29-38). Belo Horizonte.

GADET, F. (1987). *Saussure – une Science de la langue*. Presses Universitaires de France, Paris.

GADET, F. & PÊCHEUX, M. (2004). *A língua inatingível – o discurso na história da linguística*. Ed. Pontes, Campinas.

GARCIA-ROSA, L.A. (1985). *FREUD e o inconsciente*. Jorge Zahar Ed. Rio de Janeiro.

GERBASE, J. (2015). *Atos de fala*. Associação Científica Campo Psicanalítico. Salvador.

GIANESI, A.P.L. (2011). *Causalidade e desencadeamento na clínica psicanalítica*. Ed. Annablume. São Paulo.

GLYNOS, J. & STAVRAKAKIS, Y. (2001). Posturas e imposturas: o estilo de Lacan e sua utilização da matemática. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 4(2), 111-130. <https://dx.doi.org/10.1590/S1516-14982001000200009>. Acesso em: 05/05/2016.

- GUILLERAULT, G. (2005). *Dolto, Lacan y el estadio del espejo*. Ediciones Nueva Visión. Buenos Aires, República Argentina.
- HANNS, L. A. (1996). *Dicionário comentado do Alemão de Freud*. Ed. Imago. Rio de Janeiro.
- IANNINI, G. (2009). *Não há formalização sem restos: Frege com Lacan*. In: Estudos lacanianos, v2, n.3. p.99-110.
- IANNINI, G. & TAVARES, P.H. (2016). Apresentação. In FREUD, S. *Neurose, psicose, perversão*. Obras incompletas de Sigmund Freud. Editora autentica, Belo Horizonte.
- JAKOBSON, R. (2007). *Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia*. In: Linguística e comunicação. Ed. Cultrix, pp. 34 – 62, São Paulo.
- JAKOBSON, R. (2007). *À procura da essência da linguagem*. In: Linguística e comunicação. Ed. Cultrix, pp. 98-117, São Paulo.
- JAKOBSON, R. (2007). *Linguística e poética*. In: Linguística e comunicação. Ed. Cultrix, pp. 118 – 162, São Paulo.
- JERUSALINSKY, A. (1998). O sujeito infantil e a infância do sujeito. In *Estilos Da Clínica*, 3(4), 146-159. <https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v3i4p146-159>
- JULIEN, P. (1993). *O retorno a Freud de Jacques Lacan – a aplicação ao espelho*. Artes Médicas Sul. Porto Alegre.
- JULIEN, P. (2002). *Psicose, perversão, neurose – a leitura de Lacan*. Companhia de Freud. Rio de Janeiro.
- KAUFMANN, P. (1996). *Elementos para una enciclopedia del psicoanálisis – el aporte freudiano*. Ed. Paidós. Buenos Aires.
- KAUFMANN, P. (1996). *Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan*. Jorge Zahar Ed. Rio de Janeiro.
- KRUTZEN, H. (2003). *Jacques Lacan: Seminaire 1952-1980. Index referential*. Ed. Anthropos, Paris.
- LACAN, J. (1966/1998). *Escritos*. Jorge Zahar Ed. Rio de Janeiro.
- LACAN, J. (1932/2011). *Da psicose paranoica em suas relações com a personalidade*. Ed. Forense Universitária, Rio de Janeiro.
- LACAN, J. (1938/2003). Os complexos familiares na formação do indivíduo – ensaio de análise de uma função em psicologia. In LACAN, J. *Outros escritos*, pp. 23 – 90, Jorge Zahar Ed. Rio de Janeiro.
- LACAN, J. (1945/2003). O número treze a forma lógica da suspeita. In LACAN, J. *Outros escritos*, pp. 91 – 105, Jorge Zahar Ed. Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1945/1998). O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada. In LACAN, J. *Escritos*, pp. 197 – 213. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1949/1998). O estádio do espelho como formador da função do eu tal como nos revela a experiência psicanalítica. In LACAN, J. *Escritos*, pp. 96 – 103. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1951/1998). Introdução teórica às funções da psicanálise em criminologia. In LACAN, J. *Escritos*, pp. 127 – 151. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1952/1998). Intervenção sobre a transferência. In LACAN, J. *Escritos*, pp. 214 – 225. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1953/2005). *Nomes-do-pai*. Jorge Zahar Ed. Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1953a/1986). Abertura do seminário. In LACAN, J. *Os escritos técnicos de Freud*. Livro 1. pp. 09 – 12. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1953b/1986). Primeiras intervenções sobre a questão das resistências. In LACAN, J. *Os escritos técnicos de Freud*. Livro 1. pp. 29 – 39. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1954a/1986). A resistência e as defesas. In LACAN, J. *Os escritos técnicos de Freud*. Livro 1. pp. 40 – 50. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1954b/1986). Além do princípio do prazer, a repetição. In LACAN, J. *Os escritos técnicos de Freud*. Livro 1. pp. 57 – 72. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1954b/1986). A tópica do imaginário. In LACAN, J. *Os escritos técnicos de Freud*. Livro 1. pp. 89 – 106. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1954c/1986). Os dois narcisismos. In LACAN, J. *Os escritos técnicos de Freud*. Livro 1. pp. 140 – 151. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1954d/1986). Zeitlich - entwicklungschicht. In LACAN, J. *Os escritos técnicos de Freud*. Livro 1. pp. 168 – 186. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1954e/1986). A balança do desejo. In LACAN, J. *Os escritos técnicos de Freud*. Livro 1. pp. 189 – 203. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1954f/1986). O núcleo do recalque. In LACAN, J. *Os escritos técnicos de Freud*. Livro 1. pp. 215 – 230. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1954g/1986). Relação de objeto e relação intersubjetiva. In LACAN, J. *Os escritos técnicos de Freud*. Livro 1. pp. 238 – 250. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1954h/1986). A ordem simbólica. In LACAN, J. *Os escritos técnicos de Freud*. Livro 1. pp. 251 – 265. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1954i/1986). A verdade surge da equivocação. In LACAN, J. *Os escritos técnicos de Freud*. Livro 1. pp. 297 – 310. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1954a/1985). O universo simbólico. In LACAN, J. *O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Livro 2. pp. 41 – 56. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1954b/1985). Uma definição materialista do fenômeno da consciência. In LACAN, J. *O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Livro 2. pp. 57 – 72. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1955a/1985). O circuito. In LACAN, J. *O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Livro 2. pp. 103 – 119. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1955b/1985). Introdução ao Entwurf. In LACAN, J. *O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Livro 2. pp. 123 – 133. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1955c/1985). Jogo de escrituração. In LACAN, J. *O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Livro 2. pp. 134 – 147. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1955d/1985). Par ou ímpar? Para além da intersubjetividade. In LACAN, J. *O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Livro 2. pp. 221 – 240. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1955e/1985). O desejo, a vida, e a morte. In LACAN, J. *O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Livro 2. pp. 278 – 295. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1955f/1985). A análise objetivada. In LACAN, J. *O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Livro 2. pp. 312 – 324. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1955g/1985). Psicanálise e cibernética, ou da natureza da linguagem. In LACAN, J. *O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Livro 2. pp. 367 – 384. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1955a/2002). Introdução a questão das psicoses. In LACAN, J. *As psicoses*. Livro 3. pp. 11 - 24. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1955b/2002). O outro e a psicose. In LACAN, J. *As psicoses*. Livro 3. pp. 39 - 54. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1955c/2002). “Eu venho do salsicheiro”. In LACAN, J. *As psicoses*. Livro 3. pp. 55 - 69. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1956a/1995). O significante e o espírito santo. In LACAN, J. *A relação de objeto*. Livro 4. pp. 40 - 58. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1956b/1995). Da análise como *Bundling* e suas consequências. In LACAN, J. *A relação de objeto*. Livro 4. pp. 76 - 92. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1956a/2002). O fenômeno psicótico e seu mecanismo. In LACAN, J. *As psicoses*. Livro 3. pp. 88 - 105. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1956b/2002). Do significante no Real, e do milagre do uivo. In LACAN, J. *As psicoses*. Livro 3. pp. 151 - 165. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1956c/2002). Da rejeição de um significante primordial. In LACAN, J. *As psicoses*. Livro 3. pp. 166 - 181. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1956d/2002). A questão histórica (II): “O que é uma mulher?”. In LACAN, J. *As psicoses*. Livro 3. pp. 198- 208. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1956e/2002). O significante, como tal, não significa nada. In LACAN, J. *As psicoses*. Livro 3. pp. 208 - 222. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1956f/2002). Secretários do alienado. In LACAN, J. *As psicoses*. Livro 3. pp. 235 - 243. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1956g/2002). O apelo, a alusão. In LACAN, J. *As psicoses*. Livro 3. pp. 281 – 305. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1956h/2002). De um Deus que não engana e de um que engana. In LACAN, J. *As psicoses*. Livro 3. pp. 281 – 305. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1956a/1998). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In LACAN, J. *Escritos*, pp. 238 – 324. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1956b/1998). Resposta ao comentário de Jean Hyppolite sobre a “*Verneinung*” de Freud. In LACAN, J. *Escritos*, pp. 383 – 401. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1956c/1998). A coisa freudiana ou Sentido do retorno a Freud em psicanálise. In LACAN, J. *Escritos*. pp. 402 – 437. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1956d/1998). Situação da psicanálise formação do psicanalista em 1956. In LACAN, J. *Escritos*. pp. 461 – 495. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1956e/1998). De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In LACAN, J. *Escritos*. pp. 537 – 590. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1956a/2003). Discurso de Roma. In LACAN, J. *Outros escritos*, pp. 139 – 172. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1957a/1995). As três formas da falta de objeto. In LACAN, J. *A relação de objeto*. Livro 4. pp. 24 - 39. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1957b/1995). A dialética da frustração. In LACAN, J. *A relação de objeto*. Livro 4. pp. 59 - 75. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1957c/1995). A função do véu. In LACAN, J. *A relação de objeto*. Livro 4. pp. 153 - 166. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

- LACAN, J. (1957d/1995). O falo e a mãe insaciável. In LACAN, J. *A relação de objeto*. Livro 4. pp. 182 - 199. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.
- LACAN, J. (1957e/1995). Sobre o complexo de Édipo. In LACAN, J. *A relação de objeto*. Livro 4. pp. 203 - 219. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.
- LACAN, J. (1957f/1995). Sobre o complexo de castração. In LACAN, J. *A relação de objeto*. Livro 4. pp. 220 - 236. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.
- LACAN, J. (1957g/1995). O significante no real. In LACAN, J. *A relação de objeto*. Livro 4. pp. 237 - 253. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.
- LACAN, J. (1957h/1995). Pra que serve o mito. In LACAN, J. *A relação de objeto*. Livro 4. pp. 254 - 273. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.
- LACAN, J. (1957i/1995). Ensaio de uma lógica da borracha. In LACAN, J. *A relação de objeto*. Livro 4. pp. 381 - 399. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.
- LACAN, J. (1957j/1995). “Me dará sem mulher uma progenitura”. In LACAN, J. *A relação de objeto*. Livro 4. pp. 400 - 424. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.
- LACAN, J. (1957a/1998). Seminário sobre 'A carta roubada'. In LACAN, J. *Escritos*, pp. 13 - 68. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.
- LACAN, J. (1957b/1998). A psicanálise e seu ensino. In LACAN, J. *Escritos*, pp. 437 - 460. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.
- LACAN, J. (1957c/1998). A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In LACAN, J. *Escritos*, pp. 496 - 536. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.
- LACAN, J. (1957a/1999). O familionário. In LACAN, J. *As formações do inconsciente*. Livro 5. pp. 11 - 29. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.
- LACAN, J. (1957b/1999). O bezerro de outro. In LACAN, J. *As formações do inconsciente*. Livro 5. pp. 69 - 86. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.
- LACAN, J. (1957c/1999). O pouco-sentido e o passo-de-sentido. In LACAN, J. *As formações do inconsciente*. Livro 5. pp. 87 - 105. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.
- LACAN, J. (1957d/1999). Para trás, cavalinho! In LACAN, J. *As formações do inconsciente*. Livro 5. pp. 106 - 125. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.
- LACAN, J. (1958/1998). A significação do falo – Die bedeutung des Phallus. In LACAN, J. *Escritos*, pp. 692 - 703. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.
- LACAN, J. (1958a/1999). A foracclusão do nome-do-pai. In LACAN, J. *As formações do inconsciente*. Livro 5. pp. 146 - 165. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.
- LACAN, J. (1958b/1999). A metáfora paterna. In LACAN, J. *As formações do inconsciente*. Livro 5. pp. 166 - 184. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

- LACAN, J. (1958c/1999). Os três tempos do Édipo (I) e (II). In LACAN, J. *As formações do inconsciente*. Livro 5. pp. 185- 220. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.
- LACAN, J. (1958d/1999). Da imagem ao significante no prazer e na realidade. In LACAN, J. *As formações do inconsciente*. Livro 5. pp. 221- 240. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.
- LACAN, J. (1958e/1999). O desejo e o gozo. In LACAN, J. *As formações do inconsciente*. Livro 5. pp. 261- 279. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.
- LACAN, J. (1958f/1999). As máscaras do sintoma. In LACAN, J. *As formações do inconsciente*. Livro 5. pp. 330 - 346. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.
- LACAN, J. (1958g/1999). O desejo do Outro. In LACAN, J. *As formações do inconsciente*. Livro 5. pp. 399 - 416. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.
- LACAN, J. (1958h/1999). O obsessivo e seu desejo. In LACAN, J. *As formações do inconsciente*. Livro 5. pp. 417 - 434. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.
- LACAN, J. (1958a/2016). Construção do grafo. In LACAN, J. *O desejo e sua interpretação*. Livro 6. pp. 11 - 33. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.
- LACAN, J. (1958b/2016). O sonho do pai morto “*Conforme seu anseio*”. In LACAN, J. *O desejo e sua interpretação*. Livro 6. pp. 93 - 110. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.
- LACAN, J. (1958c/2016). Introdução ao objeto do desejo. In LACAN, J. *O desejo e sua interpretação*. Livro 6. pp. 111 - 127. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.
- LACAN, J. (1959a/2016). A mediação fálica do desejo. In LACAN, J. *O desejo e sua interpretação*. Livro 6. pp. 128 - 150. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.
- LACAN, J. (1959b/2016). O sacrifício da rainha Tabu. In LACAN, J. *O desejo e sua interpretação*. Livro 6. pp. 211 - 230. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.
- LACAN, J. (1959c/2016). O objeto Ofélia. In LACAN, J. *O desejo e sua interpretação*. Livro 6. pp. 329 - 346. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.
- LACAN, J. (1959d/2016). A forma do corte. In LACAN, J. *O desejo e sua interpretação*. Livro 6. pp. 401 - 418. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.
- LACAN, J. (1959e/2016). O Ou... ou... Do objeto. In LACAN, J. *O desejo e sua interpretação*. Livro 6. pp. 467 - 484. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.
- LACAN, J. (1959f/2016). A função do *Splitting* na perversão. In LACAN, J. *O desejo e sua interpretação*. Livro 6. pp. 485 - 500. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.
- LACAN, J. (1960a/1998). Observação sobre o relatório de Daniel Lagache 'Psicanálise e estrutura da personalidade'. In LACAN, J. *Escritos*, pp. 653 – 691. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1960b/1998). À memória de Ernest Jones: Sobre sua teoria do simbolismo. In LACAN, J. *Escritos*, pp. 704 – 725. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1960c/1998). Subversão do Sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In LACAN, J. *Escritos*, pp. 807 – 842. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1960d/1998). Posição do inconsciente. In LACAN, J. *Escritos*, pp. 843 – 864. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1960/2008). A demanda de facilidade e a promessa psicanalítica. In LACAN, J. *A ética da psicanálise*. Livro 7. pp. 341 – 353. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1961/1998). A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In LACAN, J. *Escritos*, pp. 591 – 652. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1961a/1992). Agalma. In LACAN, J. *A transferência*. Livro 8. pp. 139 – 151. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1961b/1992). Símbolo Φ . In LACAN, J. *A transferência*. Livro 8. pp. 233 – 245. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1961c/1992). A identificação por “*Ein einziger zug*”. In LACAN, J. *A transferência*. Livro 8. pp. 333 – 347. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1961a/2011). Lição de 22 de novembro de 1961. In LACAN, J. *O seminário*, livro 9: *A identificação*. pp. 23 – 34. Centro de estudos freudianos, Recife.

LACAN, J. (1961b/2011). Lição de 29 de novembro de 1961. In LACAN, J. *O seminário*, livro 9: *A identificação*. pp. 35 – 47. Centro de estudos freudianos, Recife.

LACAN, J. (1961c/2011). Lição de 06 de dezembro de 1961. In LACAN, J. *O seminário*, livro 9: *A identificação*. pp. 49 – 63. Centro de estudos freudianos, Recife.

LACAN, J. (1961d/2011). Lição de 13 de dezembro de 1961. In LACAN, J. *O seminário*, livro 9: *A identificação*. pp. 65 – 76. Centro de estudos freudianos, Recife.

LACAN, J. (1961e/2011). Lição de 20 de dezembro de 1961. In LACAN, J. *O seminário*, livro 9: *A identificação*. pp. 77 – 92. Centro de estudos freudianos, Recife.

LACAN, J. (1962/1998). Diretrizes para um congresso sobre a sexualidade feminina. In LACAN, J. *Escritos*, pp. 734 – 745. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1962a/2005). A angústia na rede dos significantes. In LACAN, J. *A angústia*. Livro 10. pp. 11 – 24. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1962b/2005). Do cosmo à *Umheimlichkeit*. In LACAN, J. *A angústia*. Livro 10. pp. 38 – 52. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1962c/2005). Além da angústia de castração. In LACAN, J. *A angústia*. Livro 10. pp. 53 – 65. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1962d/2005). O que engana. In LACAN, J. *A angústia*. Livro 10. pp. 66 – 80. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1962e/2005). O que não engana. In LACAN, J. *A angústia*. Livro 10. pp. 81 – 95. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1962a/2011). Lição de 24 de janeiro de 1962. In LACAN, J. *O seminário*, livro 9: *A identificação*. pp. 131 – 143. Centro de estudos freudianos, Recife.

LACAN, J. (1962b/2011). Lição de 28 de fevereiro de 1962. In LACAN, J. *O seminário*, livro 9: *A identificação*. pp. 157 – 170. Centro de estudos freudianos, Recife.

LACAN, J. (1962c/2011). Lição de 14 de março de 1962. In LACAN, J. *O seminário*, livro 9: *A identificação*. pp. 187 – 202. Centro de estudos freudianos, Recife.

LACAN, J. (1962d/2011). Lição de 21 de março de 1962. In LACAN, J. *O seminário*, livro 9: *A identificação*. pp. 203 – 216. Centro de estudos freudianos, Recife.

LACAN, J. (1962e/2011). Lição de 28 de março de 1962. In LACAN, J. *O seminário*, livro 9: *A identificação*. pp. 217 – 233. Centro de estudos freudianos, Recife.

LACAN, J. (1962f/2011). Lição de 11 de abril de 1962. In LACAN, J. *O seminário*, livro 9: *A identificação*. pp. 249 – 274. Centro de estudos freudianos, Recife.

LACAN, J. (1962g/2011). Lição de 2 de maio de 1962. In LACAN, J. *O seminário*, livro 9: *A identificação*. pp. 275 – 302. Centro de estudos freudianos, Recife.

LACAN, J. (1962h/2011). Lição de 9 de maio de 1962. In LACAN, J. *O seminário*, livro 9: *A identificação*. pp. 303 – 316. Centro de estudos freudianos, Recife.

LACAN, J. (1962i/2011). Lição de 16 de maio de 1962. In LACAN, J. *O seminário*, livro 9: *A identificação*. pp. 329 – 342. Centro de estudos freudianos, Recife.

LACAN, J. (1962j/2011). Lição de 30 de maio de 1962. In LACAN, J. *O seminário*, livro 9: *A identificação*. pp. 343 – 358. Centro de estudos freudianos, Recife.

LACAN, J. (1963/1998). Kant com Sade. In LACAN, J. *Escritos*, pp. 776 – 805. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1963a/2005). A causa do desejo. In LACAN, J. *A angústia*. Livro 10. pp. 113 – 127. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1963b/2005). Passagem ao ato e *acting out*. In LACAN, J. *A angústia*. Livro 10. pp. 128 – 145. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1963c/2005). De uma falta irreduzível ao significante. In LACAN, J. *A angústia*. Livro 10. pp. 146 – 162. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1963d/2005). A torneira de Piaget. In LACAN, J. *A angústia*. Livro 10. pp. 304 – 319. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1964a/2006). Lição de 2 de dezembro de 1964. In LACAN, J. *O seminário*, livro 12: *Problemas cruciais para a psicanálise*. pp. 11 -22. Centro de estudos freudianos, Recife.

LACAN, J. (1964b/2006). Lição de 9 de dezembro de 1964. In LACAN, J. *O seminário*, livro 12: *Problemas cruciais para a psicanálise*. pp. 23 - 40. Centro de estudos freudianos, Recife.

LACAN, J. (1964a/2008). O inconsciente freudiano e o nosso. In LACAN, J. *Os quatro conceitos fundamentais*. Livro 11. pp. 25 – 35. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1964b/2008). Análise e verdade ou o fechamento do inconsciente. In LACAN, J. *Os quatro conceitos fundamentais*. Livro 11. pp. 135 – 146. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1964c/2008). A pulsão parcial e seu circuito. In LACAN, J. *Os quatro conceitos fundamentais*. Livro 11. pp. 171 – 182. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1964d/2008). Do amor à libido. In LACAN, J. *Os quatro conceitos fundamentais*. Livro 11. pp. 183 – 195. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1964e/2008). O sujeito e o Outro (I) e (II). In LACAN, J. *Os quatro conceitos fundamentais*. Livro 11. pp. 199 – 223. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1964f/2008). Do sujeito suposto saber, da díade primeira e do bem. In LACAN, J. *Os quatro conceitos fundamentais*. Livro 11. pp. 224 – 236. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1964g/2008). Da interpretação à transferência. In LACAN, J. *Os quatro conceitos fundamentais*. Livro 11. pp. 237 – 254. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1964h/2008). Em ti mais do que tu. In LACAN, J. *Os quatro conceitos fundamentais*. Livro 11. pp. 255 – 267. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1964i/2008). A esquite do olho e do olhar. In LACAN, J. *Os quatro conceitos fundamentais*. Livro 11. pp. 71 – 81. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1964a/2006). Lição de 2 de dezembro de 1964. In LACAN, J. *Problemas Cruciais para a psicanálise*. Livro 12. pp. 11 – 21. Centro de estudos freudianos, Recife.

LACAN, J. (1964b/2006). Lição de 9 de dezembro de 1964. In LACAN, J. *Problemas Cruciais para a psicanálise*. Livro 12. pp. 23 – 39. Centro de estudos freudianos, Recife.

LACAN, J. (1965a/2006). Lição de 6 de janeiro de 1965. In LACAN, J. *Problemas Cruciais para a psicanálise*. Livro 12. pp. 59 – 78. Centro de estudos freudianos, Recife.

LACAN, J. (1965b/2006). Lição de 13 de janeiro de 1965. In LACAN, J. *Problemas Cruciais para a psicanálise*. Livro 12. pp. 79 – 96. Centro de estudos freudianos, Recife.

LACAN, J. (1965c/2006). Lição de 20 de janeiro de 1965. In LACAN, J. *Problemas Cruciais para a psicanálise*. Livro 12. pp. 97 – 112. Centro de estudos freudianos, Recife.

LACAN, J. (1965d/2006). Lição de 27 de janeiro de 1965. In LACAN, J. *Problemas Cruciais para a psicanálise*. Livro 12. pp. 113 – 135. Centro de estudos freudianos, Recife.

LACAN, J. (1965e/2006). Lição de 3 de fevereiro de 1965. In LACAN, J. *Problemas Cruciais para a psicanálise*. Livro 12. pp. 137 – 155. Centro de estudos freudianos, Recife.

LACAN, J. (1965f/2006). Lição de 28 de abril de 1965. In LACAN, J. *Problemas Cruciais para a psicanálise*. Livro 12. pp. 297 – 324. Centro de estudos freudianos, Recife.

LACAN, J. (1965a/2018). Lição 2. 08 de dezembro de 1965. In LACAN, J. *O objeto da psicanálise*. Livro 13. pp. 34 – 53. Fórum do campo lacaniano de São Paulo, São Paulo.

LACAN, J. (1965-66); S13/STAFERLA). *L'objet*. Disponível em <http://staferla.free.fr/S13/S13.htm>. Acesso em: 08/04/2015.

LACAN, J. (1966a/1998). Abertura. In LACAN, J. *Escritos*, pp. 09 – 11. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1966b/1998). De nossos antecedentes. In LACAN, J. *Escritos*, pp. 69 – 76. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1966c/1998). Do sujeito enfim em questão. In LACAN, J. *Escritos*, pp. 229 – 237. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1966d/1998). De um desígnio. In LACAN, J. *Escritos*, pp. 365 – 369. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1966e/1998). De um silabário a posteriori. In LACAN, J. *Escritos*, pp. 725 – 733. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1966f/1998). Ciência e verdade. In LACAN, J. *Escritos*, pp. 869 – 892. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1966a/2003). Problemas cruciais para a psicanálise – resumo do seminário de 1964-65. In LACAN, J. *Outros escritos*, pp. 206 – 209. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1966b/2003). Pequeno discurso no ORTF. In LACAN, J. *Outros escritos*, pp. 226 – 231. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1966a/2008). Lição de 16 de novembro de 1966. In LACAN, J. *O seminário*, livro 14: *A lógica do fantasma*. pp. 11 – 27. Centro de estudos freudianos, Recife.

LACAN, J. (1966b/2008). Lição de 14 de dezembro de 1966. In LACAN, J. *O seminário*, livro 14: *A lógica do fantasma*. pp. 85 – 106. Centro de estudos freudianos, Recife.

LACAN, J. (1967a/2008). Lição de 11 de janeiro de 1967. In LACAN, J. *O seminário*, livro 14: *A lógica do fantasma*. pp. 117 – 135. Centro de estudos freudianos, Recife.

LACAN, J. (1967b/2008). Lição de 15 de fevereiro de 1967. In LACAN, J. *O seminário*, livro 14: *A lógica do fantasma*. pp. 189 – 206. Centro de estudos freudianos, Recife.

LACAN, J. (1967c/2008). Lição de 15 de março de 1967. In LACAN, J. *O seminário*, livro 14: *A lógica do fantasma*. pp. 261 – 286. Centro de estudos freudianos, Recife.

LACAN, J. (1967d/2008). Lição de 12 de abril de 1967. In LACAN, J. *O seminário*, livro 14: *A lógica do fantasma*. pp. 287 – 304. Centro de estudos freudianos, Recife.

LACAN, J. (1967e/2008). Lição de 31 de maio de 1967. In LACAN, J. *O seminário*, livro 14: *A lógica do fantasma*. pp. 379 – 394. Centro de estudos freudianos, Recife.

LACAN, J. (1967f/2008). Lição de 14 de junho de 1967. In LACAN, J. *O seminário*, livro 14: *A lógica do fantasma*. pp. 413 – 430. Centro de estudos freudianos, Recife.

LACAN, J. (1968). *Seminário de 17 de janeiro de 1968*. Seminário XV – 1967-1968. Notas de curso. Versão não oficial.

LACAN, J. (1968/2003). Proposição de 9 outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In LACAN, J. *Outros escritos*, pp. 248 – 264. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1968a/2008). Mercado do saber, greve da verdade. In LACAN, J. *De um Outro ao outro*. Livro 16. pp. 29 – 43. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1968b/2008). A topologia do Outro. In LACAN, J. *De um Outro ao outro*. Livro 16. pp. 44 – 60. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1968c/2008). Eu sou aquilo que Eu é. In LACAN, J. *De um Outro ao outro*. Livro 16. pp. 76 – 88. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1969a/2008). Por uma prática lógica na psicanálise. In LACAN, J. *De um Outro ao outro*. Livro 16. pp. 89 – 101. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1969b/2008). O Um e o pequeno a. In LACAN, J. *De um Outro ao outro*. Livro 16. pp. 119 – 134. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1969c/2008). De Fibonacci a Pascal. In LACAN, J. *De um Outro ao outro*. Livro 16. pp. 135 – 150. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1969d/2008). Clínica da perversão. In LACAN, J. *De um Outro ao outro*. Livro 16. pp. 239 – 256. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1969e/2008). Dentro fora. In LACAN, J. *De um Outro ao outro*. Livro 16. pp. 271 – 285. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1969f/2008). Saber poder. In LACAN, J. *De um Outro ao outro*. Livro 16. pp. 286 – 298. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1969g/2008). Saber gozo. In LACAN, J. *De um Outro ao outro*. Livro 16. pp. 299 – 315. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1969h/2008). Paradoxos do ato analítico. In LACAN, J. *De um Outro ao outro*. Livro 16. pp. 329 – 342. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1969i/2008). Do um-a mais. In LACAN, J. *De um Outro ao outro*. Livro 16. pp. 361 – 375. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1969j/2008). A extasiante ignomínia da Homela . In LACAN, J. *De um Outro ao outro*. Livro 16. pp. 377 – 389. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1970a/1992). Saber, meio de gozo. In LACAN, J. *O avesso da psicanálise*. Livro 17. pp. 40 – 55. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1970b/1992). Édipo e Moisés e o Pai da Horda. In LACAN, J. *O avesso da psicanálise*. Livro 17. pp. 107 – 123. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1970c/1992). Do mito à estrutura. In LACAN, J. *O avesso da psicanálise*. Livro 17. pp. 124 – 139. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1970a/2003). Discurso na Escola Freudiana de Paris. In LACAN, J. *Outros Escritos*, pp. 265 – 287. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1970b/2003). Radiofonia. In LACAN, J. *Outros Escritos*, pp. 400 – 447. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1971a/2009). Introdução ao título deste seminário. In LACAN, J. *De um discurso que não fosse semblante*. Livro 18. pp. 09 – 21. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1971b/2009). Contra os linguistas. In LACAN, J. *De um discurso que não fosse semblante*. Livro 18. pp. 37 – 50. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1971c/2009). O escrito e a verdade. In LACAN, J. *De um discurso que não fosse semblante*. Livro 18. pp. 51 – 71. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1971d/2009). Um homem e uma mulher e a psicanálise. In LACAN, J. *De um discurso que não fosse semblante*. Livro 18. pp. 135 – 151. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1972/2008). Do gozo. In LACAN, J. *Mais, ainda*. Livro 20. pp. 9 – 18 Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1972a/2012). Topologia da fala. In LACAN, J. *... ou pior*. Livro 19. pp. 63 – 77 Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1973/2003). O aturdido. In LACAN, J. *Outros Escritos*, pp. 448 – 496. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1973a/2008). A Jakobson. In LACAN, J. *Mais, ainda*. Livro 20. pp. 21 – 31. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1973b/2008). A função do escrito. In LACAN, J. *Mais, ainda*. Livro 20. pp. 32 – 43. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1973c/2008). O amor e o significante. In LACAN, J. *Mais, ainda*. Livro 20. pp. 44 – 56. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1973d/2008). Letra de uma carta de amor. In LACAN, J. *Mais, ainda*. Livro 20. pp. 103 – 120. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1973e/2008). Rodinhas de barbante. In LACAN, J. *Mais, ainda*. Livro 20. pp. 126 – 140. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1973a/2018). *Aula 3 de 11 de dezembro de 1973*. In LACAN, J. Os não-tolos erram / os nomes do pai: seminário de 1973-1974. pp. 49 – 68. Editora Fi. Porto Alegre, RS.

LACAN, J. (1973b/2018). *Aula 4 de 18 de dezembro de 1973*. In LACAN, J. Os não-tolos erram / os nomes do pai: seminário de 1973-1974. pp. 69 – 86. Editora Fi. Porto Alegre, RS.

LACAN, J. (1974/2018). *Aula 10 de 19 de março de 1974*. In LACAN, J. Os não-tolos erram / os nomes do pai: seminário de 1973-1974. pp. 173 – 184. Editora Fi. Porto Alegre, RS.

LACAN, J. (1974/2003). Televisão. In LACAN, J. *Outros Escritos*, pp. 508 – 543. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1975a). *A terceira*. In 7º Congresso da École Freudienne de Paris - A Terceira - Roma, 1º de novembro de 1974 - Intervenções de J. Lacan extraídas de Lettres de l'École - Documento de Trabalho da Association Freudienne Internationale - Lettres de l'École nºXVI, pp. 178-203.

LACAN, J. (1975b). Seminário de 14 de janeiro de 1975. In LACAN, J. *RSI*. Livro 22. pp. 14 - 19. Versão não oficial, traduzida e disponível na internet. Acesso em: 11/03/2017.

LACAN, J. (1975c). Seminário de 21 de janeiro de 1975. In LACAN, J. *RSI*. Livro 22. pp. 20 - 25. Versão não oficial, traduzida e disponível na internet. Acesso em: 11/03/2017.

LACAN, J. (1975d). Seminário de 18 de fevereiro de 1975. In LACAN, J. *RSI*. Livro 22. pp. 33 – 43. Versão não oficial, traduzida e disponível na internet. Acesso em: 11/03/2017.

LACAN, J. (1975e). Seminário de 11 de março de 1975. In LACAN, J. *RSI*. Livro 22. pp. 44 – 48. Versão não oficial, traduzida e disponível na internet. Acesso em: 11/03/2017.

LACAN, J. (1975f). Seminário de 18 de março de 1975. In LACAN, J. *RSI*. Livro 22. pp. 49 – 53. Versão não oficial, traduzida e disponível na internet. Acesso em: 11/03/2017.

LACAN, J. (1975f). Seminário de 8 de abril de 1975. In LACAN, J. *RSI*. Livro 22. pp. 54 - 59. Versão não oficial, traduzida e disponível na internet. Acesso em: 11/03/2017.

LACAN, J. (1975g). Seminário de 15 de abril de 1975. In LACAN, J. *RSI*. Livro 22. pp. 60 - 65. Versão não oficial, traduzida e disponível na internet. Acesso em: 11/03/2017.

LACAN, J. (1975h). Seminário de 13 de maio de 1975. In LACAN, J. *RSI*. Livro 22. pp. 66 - 70. Versão não oficial, traduzida e disponível na internet. Acesso em: 11/03/2017.

LACAN, J. (1975a/2007). Do uso lógico do sinthoma ou Freud com Joyce. In LACAN, J. *O sinthoma*. Livro 23. pp. 11 - 26. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro. Acesso em: 11/03/2017.

LACAN, J. (1975b/2007). Do que faz furo no real. In LACAN, J. *O sinthoma*. Livro 23. pp. 27 - 43. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1975c/2007). Do nó como suporte do sujeito. In LACAN, J. *O sinthoma*. Livro 23. pp. 44 - 55. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1976a/2007). Joyce e o enigma da raposa. In LACAN, J. *O sinthoma*. Livro 23. pp. 59 - 74. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1976b/2007). Joyce era louco. In LACAN, J. *O sinthoma*. Livro 23. pp. 75 -87. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1976c/2007). Joyce e as falas impostas. In LACAN, J. *O sinthoma*. Livro 23. pp. 88 - 98. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1976d/2007). Do inconsciente ao Real. In LACAN, J. *O sinthoma*. Livro 23. pp. 125 - 138. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1976e/2007). A escrita do ego. In LACAN, J. *O sinthoma*. Livro 23. pp. 139 - 151 Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1976f/2007). Joyce, o Sintoma. In LACAN, J. *O sinthoma*. Livro 23. pp. 157 - 165. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1977-78); S25/STAFERLA). *Le moment du conclure*. Disponível em <http://staferla.free.fr/S25/S25.pdf>. Acesso em: 21/08/2018.

LACAN, J. (2005/2007). Nota passo a passo. In LACAN, J. *O sinthoma*. Livro 23. pp. 199 - 247. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1986/2003). Nota sobre a criança. In LACAN, J. *Outros Escritos*, pp. 369 – 370. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (2011). *Estou falando com as paredes*. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACET, C. (2004). *Da forclusão do nome-do-pai à forclusão generalizada: considerações sobre a teoria das psicoses em Lacan*. Psicologia USO, 15(1/2), pp 243-262. São Paulo.

LAENDER, N.R. (2010). *Da psicose extraordinária à psicose ordinária*. Reverso. Ano 32. JUN. N. 59. pp. 39-48. Belo Horizonte.

LAPLANCHE, J. (2001). *Vocabulário da psicanálise Laplanche e Pontalis*. Ed. Martins Fontes. São Paulo.

- LAPLANCHE, J. (2006). *Problématiques IV. L'Après-coup*. PUF. Paris.
- LAURENT, E. (1997). Alienação e separação I. In FELDSTEINS, R. Et al (org). *Para ler o seminário 11 de Lacan*. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.
- LE GAUFÉY, G. (2015). *O não-todo de Lacan: consistência lógica, consequências clínicas*. Ed. Scriptorium. Coleção atentado. São Paulo.
- LEADER, D. (2013). *O que é a loucura? Delírio e sanidade na vida cotidiana*. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.
- LEBRUN, J.P. (2008). *A Perversão Comum: viver juntos sem o outro*. Trad. Procopio Abreu – Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- LECLAIRE, S. (1991a). Em busca dos princípios para uma psicoterapia das psicoses. In KATZ, C.S. (org.). *Psicose – uma leitura psicanalítica*. pp. 75 – 124. Ed. Escuta, São Paulo.
- LECLAIRE, S. (1991b). A propósito do episódio psicótico apresentado pelo “Homem dos lobos”. In KATZ, C.S. (org.). *Psicose – uma leitura psicanalítica*. pp. 125 – 144. Ed. Escuta, São Paulo.
- LEGNANI, V.N. & ALMEIDA, S.F.C. (2009). *Hiperatividade: o “não-decidido” da estrutura ou o “infantil” ainda no tempo da infância*. Estilos da Clínica. Vol. XIV, n 26, pp. 14-35.
- LEGUIL, F. (1986). Mais-além dos fenômenos. In COL. *A querela dos diagnósticos*. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.
- LEIBNIZ, G. W. (2009). *A monodologia e outros textos*. Ed. Hedra. São Paulo.
- LEITE, M.P.S. (2010). *Psicanálise lacaniana – cinco seminários para analistas kleinianos*. Ed. Iluminuras. São Paulo.
- LEMOS, C.T.G de. (2001). *Sobre fragmentos e holófrases*. In: COLOQUIO DO LEPSI IP/FE-USP, 3, São Paulo.
- LEMOS, C.T.G de. (2014). *A criança e o linguista: modos de habitar a língua?* In: Estudos linguísticos. 43 (2), maio-agosto, pp. 954-964, São Paulo.
- LÉVI-STRAUSS, C. (1949/2009). *As Estruturas elementares do parentesco*. Editora Vozes, São Paulo.
- LÉVI-STRAUSS, C. (1971/2013). *Antropologia estrutural dois*. Editora Cosac Naify, São Paulo.
- LONGO, L. (2011). *Linguagem e psicanálise*. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.
- LUSTOZA, R.Z., CARDOSO, M.J.E. & CALAZANS, R. (2014). “Novos sintomas” e declínio da função paterna: um exame crítico da questão. *Ágora*. v. XVII. n.2. jul/dez, pp. 201-213. Rio de Janeiro.

MADEIRA, L.M.; BONI JUNIOR, J. O. (2016) Estados-limite *Lacuna: uma revista de psicanálise*, São Paulo, n. -1, p. 7, 2016. Disponível em: <https://revistalacuna.com/2016/05/22/telecatch-estados-limite/>>. Acesso em: 21/03/2015.

MADEIRA, L.M. & MOSCHEN, S. (2017). “*Tu não vais me faltar*”: tessituras entre fantasma e (de)negação nas psicoses. *Rev. Psicologia USP*. Vol. 28. N.3. pp. 396-404. São Paulo.

MALLEVAL, J.C. (2018). *Descontinuidade. Continuidade*. In. PAPERS. Rumo à Barcelona 2018: as psicoses ordinárias e as outras, sob transferência. Descontinuidade – continuidade. Da clínica edípica à clínica borromeana. Disponível: <https://congressoamp2018.com/wp-content/uploads/2017/12/PAPERS-7.7.7.Nº3-Portugais.pdf>. Acesso em: 11/04/2017.

MANZI FILHO, R. (2017). Inclusão da loucura no pensar: um diálogo possível entre Lacan e a fenomenologia husserliana. *Psicologia USP*, 28(3), 441-450. <https://dx.doi.org/10.1590/0103-656420150185>. Acesso em: 11/04/2016.

MARIANI, B. (2014). *Nome próprio e constituição do sujeito*. *Rev. Letras*, v. 24, n. 48, pp. 131-141, jan./jun. Santa Maria

MEYER, G.R. (2008). *Algumas considerações sobre o sujeito na psicose*. *Ágora (Rio J.)* [online]. 2008, vol.11, n.2 [cited 2018-10-01], pp.299-312. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982008000200009&lng=en&nrm=iso>. ISSN 1516-1498. <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-14982008000200009>. Acesso em: 21/04/2018.

MEZAN, R. (1985) *Freud, pensador da cultura*. Ed. Brasiliense, Brasília: CNPq, São Paulo.

MEZAN, R. (2008). *Freud: a trama dos conceitos*. Ed. Perspectiva. São Paulo.

MIJOLLA, A. (1990). A psicanálise e os psicanalistas na França entre 1939 e 1945. In *Revista Internacional da História da Psicanálise. Psicanálise e psicanalistas no mundo durante a segunda guerra*. N1/1988. Ed. Imago, Rio de Janeiro.

MILLER, J. A. (1987/1997). Diagnóstico e localização subjetiva. In MILLER, J. A. *Lacan elucidado: palestras no Brasil*. Jorge Zahar Ed. Rio de Janeiro.

MILLER, J.-A., HENRY, F. & JOLIBOIS, M. (1997). *Os casos raros, inclassificáveis, da clínica psicanalítica – A conversão de Arachon*. Agalma, Bibliotec Freudiana Brasileira, São Paulo.

MILLER, J. A. (1998). *Percurso de Lacan: uma introdução*. Jorge Zahar Ed. Rio de Janeiro.

MILLER J.-A. (2011a). *Perspectivas do Seminário 23 de Lacan – o Sinthoma*. Jorge Zahar Ed. Rio de Janeiro.

MILLER J.-A. (2011b). *Perspectivas dos escritos e outros escritos de Lacan: entre desejo e gozo*. Jorge Zahar Ed. Rio de Janeiro.

- MILNER, J.-C. (1996). *A obra clara: Lacan, a ciência, a filosofia*. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.
- MOSCHEN, S.Z. & VIOLA, C.G. (2016). *O ensino de lacan: estilo, cultura e lógica*. Currículo sem fronteiras. Maio/agos. V. 16. N.2. pp. 339-363.
- NASCIMENTO, M.B. (2010). *Alienação, separação e travessia da fantasia*. Opção Lacaniana online nova série. Ano 01, n. 01.
- NASIO, J.-D. (1997). *A alucinação e outros estudos lacanianos*. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.
- NASIO, J.-D. (2011). *Introdução à topoliga de Lacan*. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.
- NASIO, J.-D. (2014). *Como trabalha um psicanalista?* Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.
- NETO, O.F. (2006). *A bejahung nas conexões da psicanálise*. Rev. Psic. Clin. Vol. 18. N.1, pp.153-163. Rio de Janeiro.
- NOGUEIRA, L. C. (2004). *A pesquisa em psicanálise*. Psicologia USP, 15(1/2), pp. 83-106.
- OLGIVIE, B. (1998). *Lacan: a formação do conceito de sujeito*. Jorge Zahar Ed. Rio de Janeiro.
- OLIVEIRA, J.A. (1996). *De doenças a estruturas, ou, da medicina a uma antropologia: a constituição da nosologia psiquiátrica entre Pinel e Lacan*. PHYSIS. Rev. Saúde Coletiva. Vol. 6(1/2). pp 53- 78. Rio de Janeiro.
- ORLANDI, E. P. (2013). *O que é a linguística*. Editora Brasiliense, São Paulo.
- ORTIGUES, M. C. (1989). *Édipo africano*. Editora escuta, São Paulo.
- PACHECO, A. L. P. (2012). *Da fantasia de infância ao infantil da fantasia – a direção do tratamento na psicanálise com crianças*. Ed. Annablume. São Paulo.
- PIRES, A. L. S. & TAL (2004). *Perversão – estrutura ou montagem?* Rev. Reverso. Ano 26. N. 51. Ago. pp. 43- 50. Belo Horizonte.
- POLI, M.C. (2005). “Alienação” na psicanálise: a pré-história de um conceito. Rev. Psychê – Ano IX – n. 16 – jun-dez - pp. 132-152.
- POPPER, K. (1934/1989). *A lógica da pesquisa científica*, Ed. Cultrix. São Paulo.
- PORGE, E. (2006). *Jacques Lacan, um psicanalista – um percurso de um ensino*. Editora Universidade de Brasília. Brasília.
- PRADO COELHO, E. (1967). Introdução a um pensamento cruel: estruturas, estruturalidade e estruturalismos. In PRADO COELHO, E. (Org.). *Estruturalismo antologia de textos teóricos*. Martins Fontes.

- QUEIROZ, E. F. (2007). *A divisão do sujeito: a hipótese de uma Uverleugnung (desmentido primordial)*. Rev. Psychê – Ano XI – N. 21. Jul-dez, pp. 47-62. São Paulo.
- QUINET, A. (2002). *As 4 + 1 condições da análise*. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro.
- QUINET, A. (2003). *A descoberta do inconsciente – do desejo ao sintoma*. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro.
- QUINET, A. (2006a). *Psicose e Laço social – esquizofrenia, paranóia e melancolia*. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro.
- QUINET, A. (2006b). *Teoria e clínica da psicose*. Editora Forense universitária, São Paulo.
- QUINET, A. (2015). *Édipo ao pé da letra – fragmentos de tragédia e psicanálise*. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro.
- RAGGIO, A. R. (2014). *A negação e a lógica paraconsistente – algumas observações sobre a filosofia da lógica de Newton C.A. da Costa*. In: FREUD, S. A negação. Ed. Cosac Naify. São Paulo.
- RIOLFI, C. (2014). *Psicanálise: a clínica do Real*. Manole, Barueri/São Paulo.
- RONA, P.M. (2012). *O significante, o conjunto e o número. A topologia na psicanálise de Jacques Lacan*. Annablume. São Paulo.
- ROUDINESCO, E. (1988). *História da psicanálise na França*. Jorge Zahar Ed. Rio de Janeiro.
- ROUDINESCO, E. (1994). *Jacques Lacan: esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento*. Companhia das letras. São Paulo.
- ROUDINESCO, E. & PLON, M. (1998). *Dicionário de Psicanálise*. Jorge Zahar Ed. Rio de Janeiro.
- RUDGE, A.M. (2005). *Notas sobre o discurso perverso*. Rev. Interações. Vol. X. n. 20. Jun-Dez. pp. 35-44. São Paulo.
- SADALA, G. & MARTINHO, M.H. (2011). *A estrutura em psicanálise: uma enunciação desde Freud*. Ágora. v. XIV. n 2. Jul./dez. Rio de Janeiro.
- SAFATLE, V. (2006). *A paixão do negativo. Lacan e a dialética*. Ed. UNESP. São Paulo.
- SAFATLE, V. (2007). *Lacan*. Publifolha. São Paulo.
- SAFATLE, V. (2014). *Aquele que diz “Não”: sobre um modo peculiar de falar de si*. In: FREUD, S. A negação. Ed. Cosac Naify. São Paulo.
- SAFOUAN, M. (1970). *Estruturalismo e psicanálise*. Ed. Cultrix, São Paulo.

- SAFOUAN, M (1991). Da forclusão. In KATZ, C.S. (org.). *Psicose – uma leitura psicanalítica*. pp. 213 – 232. Ed. Escuta, São Paulo.
- SALES, L.S. (2007a). *Autonomia, heteronomia: observação sobre a relação entre corpo e estrutura na obra de Jacques Lacan*. Rev. Psicol. USP, jul./set, 18(3), São Paulo.
- SALES, L. S. (2007b). Passagem da compreensão à verdade: contribuição do estruturalismo à teoria lacaniana da psicose. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 10(2), 211-227. <https://dx.doi.org/10.1590/S1516-14982007000200005>. Acesso em: 24/02/2018.
- SANCHES, D. R. (2015). *Discursos diagnósticos pós-lacanianos: dos fundamentos em psiquiatria às teses sobre um novo sujeito*. Tese de Doutorado apresentada ao programa de pós-graduação em psicologia clínica da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- SANTOS, T.C. (2008). *Ciência e clínica psicanalítica: sobre o estruturalismo e as estruturas clínicas*. Rev. Estud. Lacan. Vol. 1. n 1. pp.1-16.
- SAUSSURE, F. (1917/2006). *Curso de linguística geral*. Editora Cultrix, São Paulo.
- SIMANKE, R. T. (2002). *Metapsicologia lacaniana – os anos de formação*. UFPR Ed.
- SIMANKE, R.T. (2009). *A formação da teoria freudiana das psicoses*. Edições Loyola, São Paulo.
- SOKAL, A. & BRICMONT, J. (2014). *Imposturas intelectuais – o abuso das ciências pelos filósofos pós-modernos*. Best bolso, Rio de janeiro.
- SOLER, C. (1997). O sujeito e o Outro II. In FELDSTEINS, R. Et al (org). *Para ler o seminário 11 de Lacan*. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.
- SOLER, C. (2007). *O inconsciente a céu aberto da psicose*. Jorge Zahar Ed. Rio de Janeiro.
- SOLER, C. (2012). Uma interpretação que leve em conta o real. *Stylus (Rio de Janeiro)*, (24), 25-40. Recuperado em 20 de novembro de 2018, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-157X2012000100003&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 01/05/2015.
- SOUZA, P. C. (2010). *As palavras de Freud – o vocabulário freudiano e suas versões*. Ed. Companhia das letras. São Paulo.
- SOUZA FILHO, A. A. (1988). A metáfora paterna. In CHECCHINATTO, D. (coord.). *A clínica da psicose*. Ed. Papirus, Campinas, São Paulo
- SOUZA LEITE, M. P. (2010). *Psicanálise lacaniana – cinco seminários para psicanalistas kleinianos*. Ed. Iluminuras, São Paulo.
- STOLLER, R. (2015). *Perversão – a forma erótica do ódio*. Ed. Hedra. São Paulo.
- TFOUNI, L. V. & LAUREANO, M. M. M. (2005). *Entre a análise do discurso e a psicanálise, a verdade do sujeito*. Investigações (Recife), v. 18, p. 131-147.

TFOUNI, L.V.; & TFOUNI, F. E.V. (2007). *Entra burro; sai ladrão: o imaginário sobre a Escola materializado nos genéricos*. Linguagem em (Dis)curso.v. 7, n. 2, p. 293-311, mai./ago.

TFOUNI, L. V.; PEREIRA, A. C.; MONTE-SERRAT, D. M. (2009). *A carta roubada e a estrutura do inconsciente*. v. 1, p. 40-49, Intersecções (Jundiaí).

TFOUNI, L. V. (2014). Em busca da felicidade, o corpo se consome no consumo. In CORACINI, M. J.; CARMAGNANI, A. M. (Orgs). *Mídia, exclusão e ensino: dilemas e desafios na contemporaneidade*. pp 25-38. Pontes Editores, 2014, Campinas, SP.

TFOUNI, L. V., MARTHA, D. J. B. & CARREIRA, A. F. (2014). O inesgotável alcance da função poética. In TFOUNI, L.V. & MARTHA, D. J. B. Orgs. (2014). *O (in)esperado de Jakobson*. pp. 69 – 106. Editora Mercado das letras, Campinas- SP.

TFOUNI, L.V. & MARTHA, D. J. B. Orgs. (2014). *O (in)esperado de Jakobson*. Editora Mercado das letras, Campinas- SP.

TRISKA, V. H.C., & D'AGORD, M. R.L. (2013). A topologia estrutural de Lacan. *Psicologia Clínica*, 25(1), 145-161. <https://dx.doi.org/10.1590/S0103-56652013000100010>

TORRES, R. (2010). *Dimensões do ato em psicanálise*. Editora Annablume. São Paulo.

TÓTOLI, F. C. & MARCOS, C. M. (2014). *Dois paradigmas da psicose no ensino de Lacan*. Rev. Subj., v. 14, n. 2, p. 257-265, ago, Fortaleza – CE.

VICENZI, E. (2009). *Psicanálise e linguística estrutural: as relações entre as concepções de linguagem e de significação de Saussure e Lacan*. Rev. Ágora, v. XII, n. 1, jan./jun., Rio de Janeiro.

VILARINHO, R.F.R. (2012). *O interno/externo das teorias linguísticas e a banda de Moébius*. EntreLetras, [S.l.], v. 3, n. 1, set. 2012. ISSN 2179-3948. Disponível em: <<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/entreletras/article/view/936>>. Acesso em: 11/04/2017.

VIVIANI, A. L. (2014). *Considerações sobre o dinheiro na psicanálise*. Ide (São Paulo), v.37, n. 58, p. 59-69, jul, São Paulo.

ZAMBELLI, C. K. et al. (2013). *Sobre o conceito de contratransferência em Freud, Ferenczi e Heimann*. Psicol. clin., v. 25, n. 1, p. 179-195, June, Rio de Janeiro.

ZIMERMAN, D. E. (2001). *Vocabulário contemporâneo de Psicanálise*. Artmed Editora. São Paulo.

ZORZANELLI, R. T. (2011). *A emergência da cura pela palavra na medicina mental do século XX*. Ver. Latinoam. Psicopat. Fund. v. 14; n 2, pp. 298 – 308. Junho, São Paulo.